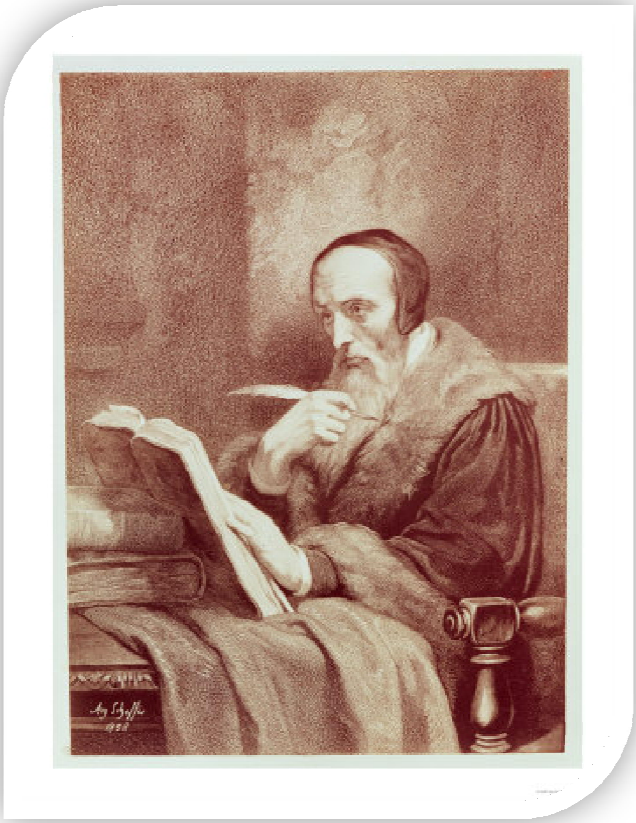
João Calvino

COMENTÁRIO SOBRE

Oséias

M

OSÉIAS



Comentário de João Calvino

BASEADO NA TRADUÇÃO INGLESA DE JOHN OWEN FEITA A PARTIR DO ORIGINAL EM LATIM

Título da primeira versão inglesa de 1816:
Commentaries on the Twelve Minor Prophets. Volume First: Hosea

Tradução para o português: Vanderson Moura da Silva

Edição: Felipe Sabino de Araújo Neto

Capa: Raniere Menezes

Primeira edição em português: Março/2008

"Depois da leitura da Escritura, a qual ensino, inculcando tenazmente, mais do que qualquer uma outra… Eu recomendo que os Comentários de Calvino sejam lidos... Pois afirmo que, na interpretação das Escrituras, Calvino é incomparável, e que seus Comentários são para se dar maior valor do que qualquer outra coisa que nos é legada nos escritos dos Pais — tanto que admito ter ele um certo espírito de profecia, em que se distingue acima dos outros, acima da maioria, de fato, acima de todos".

Jacobus Arminius (1560-1609)

SUMÁRIO

PALAVRA DO EDITOR 6
PREFÁCIO À TRADUÇÃO INGLESA 7
PREFÁCIO À VERSÃO INGLESA 12
EPÍSTOLA DEDICATÓRIA DE CALVINO 14
DE CALVINO PARA O LEITOR 17
DE BUDAEUS PARA O LEITOR 18
DE CRISPIN PARA O LEITOR 21
A INTRODUÇÃO 23
CAPÍTULO 1 25
CAPÍTULO 2 46
CAPÍTULO 3 77
CAPÍTULO 4 87
CAPÍTULO 5 116
CAPÍTULO 6 139
CAPÍTULO 7 156
CAPÍTULO 8 180
CAPÍTULO 9 201
CAPÍTULO 10 229
CAPÍTULO 11 253
CAPÍTULO 12 270
CAPÍTULO 13 294
CAPÍTULO 14 317
APÊNDICES A OSÉIAS 332
VERSÃO DE CALVINO 342
ÍNDICES 351
ANEXO 1 364

PALAVRA DO EDITOR

A presente obra, agora disponível no portal *Monergismo.com*, tem um significado especial pra mim, que ainda lamento o fato de não termos todos os comentários do grande Reformador João Calvino vertidos para o português, bem como o da falta desse tipo de literatura na linha cristã reformada sobre o Antigo Testamento em vernáculo. Nesse sentido, o *Comentário sobre Oséias* de Calvino representa um avanço no suprimento dessas duas carências.

Todavia, seria ingratidão minha se não mencionasse o louvável trabalho do Rev. Valter Graciano Martins, responsável pela tradução dos poucos e excelentes comentários de Calvino que temos em português. Foi através da leitura desses livros, publicados pelas Edições Paracletos, que me tornei um profundo admirador do "maior exegeta da Reforma".

Quanto ao autor da obra em apreço, Jean Chauvin (ou *Cauvin*), conhecido entre nós como João Calvino, a história registra que ele nasceu a 10 de julho de 1509, em Noyon, na Picardia, província ao norte da França. Formado em Direito em 1532, aos 23 anos era já um humanista conhecido. Conforme ele mesmo informa no prefácio do comentário aos Salmos, teve uma súbita conversão entre 1532 e 1533 ("Deus subjugou minha alma e a fez dócil com uma súbita conversão"). Indubitavelmente, o Reformador está entre os maiores teólogos de toda a história do Cristianismo,[*] um verdadeiro presente de Deus para a sua Igreja. Quem ler as *Institutas* e comentários daquele verá que não há nenhum exagero nessa afirmação.

Muito tem se falado em calvinismo e Calvino hoje no Brasil, mas poucos são aqueles que já leram algo da própria pena do Reformador, o gigante da teologia cristã reformada. Visto que não foi ele quem inventou o que chamamos de calvinismo, alguém pode muito bem ser um calvinista sem ter lido os escritos dele. Todavia, esse alguém estaria se privando dos grandes benefícios dos ensinos que Deus permitiu que ficassem registrados para a instrução do seu povo.

Para finalizar, registro minha imensa gratidão ao Rev. Hermisten Maia, que disponibilizou um artigo sobre Calvino, apresentado na forma de anexo, bem como por seu auxílio e orientação ao longo da tradução, sempre que se fez necessário. De maneira particular agradeço ao irmão Vanderson Moura da Silva, tradutor desse livro, por seu incansável e zeloso trabalho voluntário.

Que o Espírito Santo use este livro para glória de Deus e edificação do seu povo de língua portuguesa.

Felipe Sabino de Araújo Neto
Brasília, novembro de 2007

[*] Gordon H. Clark chama Calvino de "o melhor intérprete do apóstolo Paulo". Spurgeon disse: "Seria impossível eu enfatizar demasiadamente a importância de ler as exposições daquele príncipe entre os homens, João Calvino!". B. B. Warfield disse: "O que Platão é entre os filósofos, ou a *Ilíada* entre os épicos, ou ainda Shakespeare entre os dramaturgos, isso *As Institutas* de Calvino é entre os tratados teológicos".

PREFÁCIO À TRADUÇÃO INGLESA

O preconceito, amiúde, priva a muitos dos benefícios que, sem ele, poderiam ter obtido: e esse é bem o caso no que diz respeito às Obras de Calvino; elas foram quase inteiramente negligenciadas por um longo período, devido a impressões desfavoráveis sobre o Autor. Em sua própria época e na seguinte, a autoridade de Calvino como um Teólogo, e especialmente como um Expositor da Escritura, foi altíssima, e mais alta do que a de qualquer uma dos Reformadores. Ainda que um eminente escritor da atualidade, Dr. D'Aubigne, tenha declarado Melanchthon como "o Teólogo da Reforma", todavia, há razão bastante para atribuir tal distinção a Calvino; e a ele, sem dúvida, ela com mais justiça pertence do que a qualquer outro dos mui ilustres homens que Deus levantou durante aquele memorável período.

Não é difícil explicar o que ocorreu com o nosso autor. Várias coisas combinaram-se para depreciar sua reputação. Neste país, suas concepções acerca do governo da Igreja criaram em muitos um preconceito contra ele; e, depois, o progresso de um sistema teológico, tão contrário ao que ele sustentava quanto ao que nossos próprios Reformadores defendiam*, aumentou esse preconceito; e onde a primeira causa de diferença e aversão não existia, o último prevaleceu: de modo que, geralmente, em nossa Igreja, e entre órgãos Dissidentes, o honrado nome de Calvino é considerado sem nenhum sentimento de afeição, ou mesmo de respeito; sem se exercer nenhum discernimento, e sem dar nenhuma honra às suas grandes excelências como Expositor da Escritura, e às suas singulares opiniões sobre a disciplina da Igreja, e sobre a doutrina da Predestinação.

No Continente, outras coisas trabalharam contra sua reputação. O Papado tinha por ele um profundo rancor; pois nenhum dos Reformadores devassou as profundezas de suas iniqüidades com tamanho discernimento, e com u'a mão tão pródiga como ele. Sua mente notavelmente perspicaz o habilitou a isso com a maior eficácia; e há muito sobre esse assunto na presente obra, o que a faz especialmente valiosa neste período, quando o Papado faz esforços extremos para espalhar seus erros e ilusões. As duas armas que ele comumente empregava eram a Escritura e o senso comum — armas que sempre amedrontaram o Papado; e cegar o gume delas tem sido sua tentativa em todos os tempos, a primeira, pela vã tradição, e a outra, pela fé implícita, não em Deus, ou na palavra de Deus, mas numa igreja patentemente degenerada. Mas Calvino as brandia com habilidade, destreza e poder nada comuns, sendo profundamente versado na Escritura e dotado de um invulgar quinhão de julgamento são e penetrante. Somando-se a isso, suas concepções doutrinais eram diametralmente opostas àquelas do Papado, e especialmente à do sistema papal, como modificado por e concentrado no jesuitismo, que pode ser considerado a mais perfeita forma do Papado. Por essas razões, os Escritos de Calvino não poderiam ter sido de outra forma senão extremamente obnóxios aos adeptos da Igreja de Roma: e a conseqüência foi que eles não pouparam esforços para vilipendiar seu nome e diminuir sua reputação.

---

* O arminianismo. "[Os arminianos] negam a doutrina da predestinação e sustentam que Deus elegeu aqueles a quem previu que creriam em Cristo. Sustentam que Cristo morreu por todos e enfaticamente negam a expiação particular. Nesse 'Cristo-por-todos' reside a possibilidade de salvação para todos. Até onde diz respeito à soteriologia, eles sustentam que a graça é de fato indispensável para a salvação do homem. Eles até mesmo enfatizam em seus artigos que o homens de si mesmo não pode fazer para sua salvação. Mas, ao mesmo tempo, ao declarar que a graça é resistível, eles anulam tudo o que ensinaram com respeito à impotência do homem, de forma que, se esse receberá ou não essa graça depende dele, e não de Deus. Assim, a graça salvadora pode ser perdida. Em última, a salvação do homem depende, não da graça soberana de Deus, mas da vontade e escolha daquele" (Herman Hoeksema, in: "Arminianismo": http://www.monergismo.com/textos/arminianismo/arminianismo-rd_hoeksema.pdf. Tradução de Felipe Sabino de Araújo Neto. Acessado em 05/07/2007. (N. do T.)

O primeiro escritor de eminência e reconhecida erudição neste país, que fez alguma justiça a Calvino, foi o Bispo Horsley; e, quando consideramos o mui forte preconceito que naquela época prevalecia em quase todos lugares contra Calvino, defender o caráter dele era prova incomum de coragem moral. Havia, sem dúvida, alguns pontos em que os dois eram muito parecidos. Ambos possuíam mentes de força e vigor nada comuns, e mentes com capacidade de discernimento simplesmente vigoroso. Em clareza de percepção, também, poucos os igualavam; de modo que quase nunca se precisa ler duas vezes uma passagem nos escritos de qualquer um dos dois para compreender seu sentido. Porém, provavelmente, o ponto de mais contundente semelhança era a independência mental deles. Eles pensavam por si próprios, sem serem influenciados pela autoridade, fosse ela antiga ou moderna, e não reconheciam nenhuma regra ou autoridade em religião que não fosse a divina. O Bispo possuía mais imaginação, mas o Pastor de Genebra possuía um julgamento mais são. Por essa razão o Bispo, não obstante sua mente forte e sua grande acuidade, era por vezes levado pelo que era mais plausível e novo; mas Calvino era sempre de mente sóbria e judicioso, e qualquer nova opinião que dê a uma passagem, é comumente bem apoiada e, na maior parte, ganha de imediato nossa aprovação.

Mas algo deve ser dito sobre a presente obra.

Ela abarca a mais difícil porção, em alguns aspectos, do Antigo Testamento e, daquela porção, como é por todos admitido, a mais difícil é O Livro do Profeta Oséias. Provavelmente, parte alguma da Escritura é comumente lida com tão pouco proveito como os Profetas Menores, devido, sem dúvida, à obscuridade em que algumas partes estão envolvidas. Que há muita luz lançada em várias passagens abstrusas nesta Obra, e mais do que por qualquer Comentário existente em nossa língua, é a plena convicção do escritor. Arguto, sagaz e, algumas vezes, profundo, o autor é, ao mesmo tempo, notavelmente simples, claro e lúcido, bem como lúcido e sempre prático e útil. O mais erudito pode aqui colher instrução, e o mais iletrado pode entender quase tudo que é dito. Todo o objetivo do autor parece ser explicar, simplificar e ilustrar o texto, e ele nunca se aparta para outras matérias. Do começo ao fim, ele é um expositor que se atém estritamente ao seu ofício, e a toda porção dá o seu completo e legítimo significado de acordo com o contexto, ao qual ele, de maneira especial, sempre está atento.

O estilo de Oséias é algo peculiar. Há muito tempo atrás, Jerônimo caracterizou-o como sendo *de orações curtas*, lacônico; e as ligações daquelas, os conectivos, pelos quais as diferentes partes são ajuntadas, são por vezes omitidas. De fato, isso é, em certa medida, o caráter do estilo de todos os Profetas, mas muito mais o é com respeito a Oséias do que com qualquer outro. O que ao mesmo tempo cria a maior dificuldade é a rapidez de suas transições, e a mudança de pessoa, número e gênero. Fala-se *com* e *das* pessoas algumas vezes no mesmo versículo; e ele passa do singular para o plural, e vice-versa, e, algumas vezes, do masculino para o feminino. Explicar tais transições nem sempre é fácil.

Muitos críticos pensam que o texto hebraico recebido de Oséias está num estado mais imperfeito do que aquele de qualquer outra porção da Escritura; mas o Bispo Horsley nega isso sem qualquer hesitação; e aquelas correções que o Arcebispo Newcome introduziu em sua versão, cerca de 51, o Bispo as elimina como não autorizadas, e, realmente, como desnecessárias, pois a maioria delas foram propostas para remediar as anomalias peculiares ao estilo desse Profeta; e algumas daquelas poucas correções, as quais o Bispo mesmo introduziu, fundamentado na autoridade dos Mss.[‡], a exposição de Calvino mostra que não são necessárias. O fato é que aquelas diferentes leituras, coligidas pelo laborioso Kennicott e por outros, tiveram *principalmente* essa grande

[‡] Manuscritos (N. do T.)

vantagem — mostrar a extraordinária correção de nosso texto recebido. De uma ponta a outra desse Profeta, dificilmente há um caso no qual os cotejos dos Mss. fornecem um melhoramento e, com certeza, nenhum aperfeiçoamento de qualquer conseqüência material.

Essa obra de Calvino aparece agora pela primeira vez na língua inglesa. Há uma tradução francesa, mas não feita pelo próprio Autor, como no caso de algumas outras porções de seus escritos e, portanto, não podem ser de nenhuma autoridade. A seguinte tradução foi feita de uma edição impressa em Genebra em 1567, três anos depois da morte da Calvino, comparada com uma outra, também impressa em Genebra, em 1610.

Pensou-se ser aconselhável adotar nossa versão comum como o texto[†], e pôr a versão em latim de Calvino numa coluna paralela. Sua versão é uma tradução literal do original, sem qualquer consideração ao estilo, e achou-se impraticável traduzi-la, pelo menos de um jeito tal que seja compreendido pelos leitores comuns. Evidentemente, era prática sua traduzir o hebraico palavra por palavra, fazer disso seu texto e, depois, modificar em seu Comentário as expressões de modo a reduzi-las em latim legível, e a versão dele assim modificada concorda, na maioria dos casos, com nossa versão autorizada. A concordância é tão notável, que a única conclusão é que esta obra deve ter sido muito consultada por nossos Tradutores.

Ao fazer citações da Escritura, o autor parece não haver seguido nenhuma versão, mas ter feito uma por si próprio; e elas são freqüentemente dadas como paráfrase, considerando-se o sentido em vez das palavras. O mesmo se dá amiúde também com respeito às passagens explicadas, sendo as palavras variadas com freqüência. Nesses casos, o autor seguiu isso estritamente, de uma ponta a outra nesta Tradução, e suas citações, e o texto, quando parafraseado, são marcados com uma aspa simples.

As palavras hebraicas que ocorrem nas Dissertações não são acompanhadas com os pontos, e não se julgou necessário acrescê-los. Elas são dadas nos correspondentes caracteres ingleses, com a inserção de tais vogais apenas quando se faz preciso enunciá-las, e as tais, para distingui-las das vogais hebraicas, são postas em caracteres latinos. As vogais são uniformemente idênticas, e não com aquela quase infindável variedade de sons aos quais os pontos as reduziram. O ו *vau* é sempre representado por u, exceto quando, em alguns casos, está seguido por uma vogal, nesse caso por v. Os hebreus têm quatro vogais correspondentes a a, e, u, i e o, em inglês.

Calcula-se que tal obra seja de ajuda concreta àqueles envolvidos com traduções. Nossos Missionários podem dela tirar não pequeno auxílio, visto que ela fornece uma versão tão literal do hebraico quanto pode ser feita, e contém muita crítica valiosa, e desenvolve, de uma maneira mui lúcida e satisfatória, a intenção e o sentido de muitas passagens difíceis. Não há nenhum comentário existente no qual o texto seja tão minuciosamente examinado, e tão claramente explicado. Há ainda muitas das mais aprovadas exposições dadas por outros a que se faz alusão e afirma; e o Tradutor acrescentou, a respeito das passagens interessantes e difíceis, o que foi sugerido pelos críticos eruditos desde a época do Autor.

Se for uma regra correta julgar a partir das impressões às quais o exame minucioso deste volume, ora apresentado ao público, pode produzir em outros, pelo qual alguém tenha mesmo experimentado, o Editor mencionará uma coisa em particular, e é que ele espera totalmente que aqueles que cuidadosamente hão de ler o presente volume ficarão mais impressionados do que nunca com a extrema propensão da natureza humana à idolatria, e com o estupendo poder e os

[†] Isto é, a *King James Version,* de 1611 (N. do T.)

efeitos cegantes da superstição. A conduta dos israelitas, malgrado todos os meios empregados para restaurá-los ao verdadeiro culto a Deus, é aqui descrito com extraordinária minudência e distinção. Ainda que Deus lhes enviasse seus Profetas para lembrá-los de seus pecados, para arrazoar e repreender, para ameaçar e exortar, para atrair e agradar a eles com promessas de perdão e aceitação; e, ainda que Deus os castigasse de várias maneiras, e então retivesse seu descontentamento, e lhes mostrasse indulgência, todavia, continuavam obstinadamente presos à sua idolatria e superstição, e todo o tempo professavam e jactavam-se de que adoravam ao verdadeiro Deus e, perversamente, sustentavam que seu culto misturado, a adoração a ele e aos ídolos, era correta e legal, e grandemente superior ao que os Profetas recomendavam.

Tendo esse caso dos israelitas em vista, não devemos ficar surpresos diante da fascinante e cegante influência do Papado, cuja idolatria e superstições são exatamente do mesmo caráter daquelas dos israelitas; não pode haver dois casos mais semelhantes entre si. Sua identidade é especialmente vista nisto — que há uma união de dois cultos — o culto a Deus e o às imagens; e tal união foi a idolatria condenada neles, e é a mesma idolatria que ora existe na Igreja de Roma: e, como entre os israelitas, também entre os papistas, ainda que Deus não seja excluído, mas reconhecido, todavia, a adoração principal é dada aos falsos deuses e às suas imagens. Que os dois sistemas sejam o mesmo, ninguém pode duvidar, exceto aqueles que estão sob influência de forte ilusão; e isso é o que é, com freqüência, aludido e amplamente provado nesta obra.

Talvez seja útil acrescentar aqui uma explicação da época na qual OS DOZE PROFETAS MENORES viveram. O tempo preciso não pode ser averiguado: eles floresceram entre as duas datas que são dadas aqui. Os nomes dos outros quatro Profetas são também adicionados.

ANTES DO CATIVEIRO BABILÔNICO

ANTES DE CRISTO

I. Jonas	856 - 784.
II. Amós	810 - 785.
III. Oséias	810 - 725.
1. Isaías	810 - 698.
IV. Joel	810 - 660.
V. Miquéias	758 - 699.
VI. Naum	720 - 698.
VII. Sofonias	640 - 609.

IMEDIATAMENTE ANTES E DURANTE O CATIVEIRO

2. Jeremias	628 - 586.
VIII. Habacuque	612 - 598.
3. Daniel	606 - 534.
IX. Obadias	588 - 583.
4. Ezequiel	595 - 536.

APÓS O CATIVEIRO

X. Ageu	520 - 518.
XI. Zacarias	520 - 518.
XII. Malaquias	436 - 420.

No último volume, o quarto, serão dados os dois índices anexados à obra original.

J. O.
THRUSSINGTON, 1.º de setembro de 1816.

[**Nota do Tradutor:** o editor inglês acrescenta aqui um 'postscript', explicando aos leitores problemas ocorridos com a primitiva edição dos quatro volumes, que tiveram de ser aumentados para cinco, texto que julgamos não ser preciso trazer para o português.]

PREFÁCIO À VERSÃO INGLESA[‡]

O leitor desacostumado aos comentários do Velho Testamento feitos por Calvino pode surpreender-se ao abrir este livro e encontrar uma série de preleções. Na verdade, a partir de 1555, todas as suas preleções sobre o Velho Testamento foram gravadas textualmente por um grupo de três estenógrafos e impressas imediatamente (erros óbvios eram corrigidos quando se lia para Calvino o texto no dia seguinte). Conseqüentemente, todos os seus comentários sobre os profetas, exceto Isaías, consistem em sermões direcionados a alunos em treinamento para o trabalho missionário, principalmente na França. Além desses estudantes, havia um grupo de ouvintes mais velhos – ministros de Genebra e vilarejos circunvizinhos, por exemplo, e refugiados com um pouco mais de instrução.

Seria de grande ajuda se explicássemos mais a fundo esta breve afirmativa, para que o leitor saiba como melhor abordar a obra de Calvino.

Em primeiro lugar, temos gravações textuais das preleções, quase não editadas (o 'quase' será em breve explicado), com várias divagações acidentais, além de familiaridades e repetições. Isso significa que devemos lê-las com um certo grau de indulgência, bem como pelo exercício de imaginação.

Com indulgência, para que não esperemos o estilo preciso e cuidadoso das *Institutas*. Qualquer pessoa discursando extemporaneamente, não importa o vigor de seu intelecto e seu domínio sobre os vocábulos, está sujeita a repetir-se e até, de vez em quando, a usar uma construção de palavras que fatalmente causará problemas sintáticos no final da sentença. Não há poucas repetições, e ocasionalmente ocorre obscuridade de expressões.

A imaginação é também indispensável para esta leitura. Que o leitor se imagine dentro de um auditório lotado, principalmente de estudantes adolescentes. Eles estarão diligentemente tomando nota do que está sendo exporto pelo Sr. Calvino. Com freqüência, seus rostos erguidos registram sua incompreensão. O palestrante observa a falta de entendimento e repete o já expresso em outras palavras. Aqui e ali, os estudantes falham em compreender o latim, então Calvino repete tudo em francês.

Um importante aspecto a ser notado é que Calvino não só não utilizava anotações e ditava suas palestras, como também traduzia de improviso o texto bíblico do hebraico (e aramaico). Este fato explica as variedades de traduções da mesma palavra ou frase que encontramos em seus comentários. Também explica as freqüentes glosas do texto (as quais colocamos entre colchetes e imprimimos em caracteres romanos para diferenciá-las dos textos bíblicos em itálico). Em preparo para a palestra expositiva de Calvino, os alunos tinham uma aula de hebraico justamente sobre a passagem bíblica em questão.

Outra conseqüência deste aspecto é que, quando Calvino se serve de uma palavra hebraica, temos a oportunidade de verificar sua pronúncia hebraica (e, talvez, a pronúncia do século dezesseis em geral). Porque os registros são literais, as palavras hebraicas estão registradas tal como os escribas as ouviram, segundo a própria pronúncia de Calvino. Os escribas registravam essas palavras, não em seus caracteres hebraicos, mas com transcrições ou transliterações do alfabeto latino. Os caracteres hebraicos foram adicionados pelo editor (e essa é a qualificação feita

[‡] Por julgar instrutivo, retiramos esse prefácio do comentário de Calvino sobre Daniel, volume 1, publicado pela Edições Paracletos, tradução de Valter Graciano Martins. (N. do E. português.)

anteriormente). É por essa razão que mantivemos as transcrições assim como foram registradas pelos escribas, com base na pronúncia de Calvino, e evitamos o refinamento desnecessário de apresentá-las também em suas formas modernas.

O teor das preleções pode ser visto de várias formas (e aqui nenhuma indulgência é necessária!). Podemos estudá-las como exemplos do estilo e método de palestras do século dezesseis. Estes estudos sobre Daniel foram, de início, reconhecidos como incomuns; "em geral, mais como preleções de história do que exposições sobre as Escrituras" foi como um ouvintes os descreveu, e os editores de *Corpus Reformatorum*, no século dezenove, até hesitaram em incluí-los em suas publicações, pois não combinavam com a concepção moderna de um comentário. Outrossim, um historiador da França verá que estes estudos se mostram continuamente relevantes aos primórdios das guerras religiosas francesas. Ainda, o estudioso de Calvino e de sua teologia poderá ler seus comentários visando a chegar a um novo entendimento sobre a própria vida e pensamentos do escritor.

T. H. L. Parker

EPÍSTOLA DEDICATÓRIA DE CALVINO

João Calvino ao Sereníssimo e Potentíssimo Rei Gustavo[§], o Rei dos Godos e Vândalos.

O que já disse, excelentíssimo rei, quando as Notas Sobre Oséias, extraídas de minhas Dissertações, foram publicadas, repito agora — que não fui eu o autor daquela edição: pois sou alguém que não se contenta facilmente com as obras, as quais finalizo com mais labor e cuidado. Tivesse ela estado em meu poder, eu antes teria tentado impedir a circulação mais ampla daquela improvisada espécie de ensino, intentada para o benefício particular de meu auditório, benefício esse com o qual eu fiquei abundantemente satisfeito.

Porém, visto que aquele espécime (O Comentário de Oséias), publicado com mais sucesso do que eu esperava, acendeu em muitos um desejo de ver aquele Profeta seguido pelos outros onze Profetas Menores, achei que não seria intempestivo dedicar à vossa Majestade uma obra de extensão apropriada, e repleta de importantes instruções, não apenas para que seja ela um penhor de minhas altas estimas, mas também que sua dedicação a um nome tão célebre logre por ela alguma valia. Não é, contudo, ambição que me leva a fazer tal, pois há muito tempo aprendi a não cortejar o aplauso do mundo, e tornei-me insensível à ingratidão de muitos; mas desejava que algum fruto pudesse vir a homens de tua posição partindo dos recessos de nossas montanhas; e esse é também meu legítimo esforço, que muitos a quem eu sou desconhecido, sendo influenciados pela sagrada sanção do rei deles, tornassem-se mais imparciais, vindo mais bem preparados para ler a obra.

E esse, prometo a mim mesmo, será o caso, visto que desfrutas de tanta veneração entre todos os teus súditos, contanto que condescendas em interpor teu julgamento, tal como tua singular sabedoria ordenar; ou, visto que possivelmente a idade não suporte a fadiga da leitura, sugira a alguém como o filho mais velho de vossa Majestade, *Érico*, o herdeiro do trono, a quem tens tomado o cuidado de fazê-lo tão instruído nas ciências liberais, que tal ofício seja-lhe, de maneira segura, confiado. E, para que eu pudesse ter menos dúvidas de tua amabilidade, há muitos arautos de tuas virtudes, e mesmo alguns homens prudentes e sábios, que estão habilitados a serem consideradas testemunhas competentes. Não é, por conseguinte, de se admirar, nobilíssimo rei, que um presente de uma tão distante região seja oferecido à vossa Majestade por um homem ainda desconhecido de ti, o qual, devido aos excelentes e heróicos dotes de mente e coração nos quais ele entende que tu excedes, julga-se estar especialmente ligado a ti.

Porém, ainda que a excelência do Livro não possa, talvez, ser tal que logre muito favor a mim mesmo, todavia, tu não desprezarás o desejo pelo qual eu fui levado a manifestar as mais altas estimas que sinto para com vossa Majestade, nem, contudo, acharás este presente ora oferecido a ti de todo indigno, conquanto muito possa estar abaixo da elevada posição de um tão grande rei. Se Deus me dotou de alguma aptidão para a interpretação da Escritura, fico plenamente persuadido de que tenho fiel e cuidadosamente me empenhado para dela excluir todos os refinamentos estéreis, ainda que plausíveis e aptos a agradar ao ouvido, preservando a genuína simplicidade, solidamente adaptada para edificar os filhos de Deus, os quais, não estando contentes com a concha, desejam penetrar no cerne. O que realmente consegui não me cabe dizer, salvo se os homens pios e eruditos me persuadirem de que não labutei sem êxito. Mas tais Comentários não podem, talvez, responder

---

[§] Gustavo foi o Rei da Suécia, cujos habitantes eram então chamados de Godos e Vândalos. Ele foi o primeiro rei com esse nome no país, e tinha por sobrenome Vasa. Nasceu em 1490, e era descendente da família real sueca. Libertou o reino da tentativa de usurpação de Cristiano II da Dinamarca, e se tornou rei em 1523, abolindo o Papado, e introduzindo o luteranismo em 1530. Morreu com a idade de setenta anos, ano seguinte à data da presente Epístola (N. do E. inglês).

aos desejos e expectativas de todos; e eu mesmo não poderia ter desejado que tivesse sido capaz de dar algo mais excelente e perfeito, ou, pelo menos, que tivesse chegado mais perto do Espírito Profético. Mas esse, confio, será o desfecho — que a experiência provará aos leitores justos e imparciais, e àqueles dotados de julgamento são, contanto que leiam com mentes bem-dispostas, e não fastidiosamente o que escrevi para o benefício deles, que mais luz seja lançada sobre os Doze Profetas do que a modéstia me concederá afirmar.

Com a indústria de outros comparo, não a minha própria, (o que não seria conveniente), nem peço qualquer coisa a mais, mas que os Leitores inteligentes e com reflexão, beneficiando-se de meus labores, estudem para ser de mais extensiva vantagem ao bem público da Igreja; mas, como não foi minha preocupação, nem mesmo desejo meu, adornar este Livro com vários atrativos, tal admoestação não é intempestiva; pois ela pode convidar os mais preguiçosos à leitura, até que, ao servir-lhes de prova, sejam capazes de julgar se lhes pode ser útil prosseguir em seu curso de leitura. De fato, o fruto que minhas outras tentativas na interpretação da Escritura produziram, e a esperança que nutro da utilidade desta, agrada-me tanto que desejo passar o restante de minha vida nesse tipo de trabalho, tanto quanto minhas contínuas e múltiplas ocupações me permitirem. Pois o que pode ser esperado de um homem desocupado não o pode ser de mim, que, além do ofício normal de um pastor, tem outras obrigações que dificilmente me possibilitam a mínima folga: entretanto, não julgarei que meu tempo livre de qualquer outra forma esteja mais bem empregado.

Volto-me outra vez a ti, valorosíssimo rei. Quem conhece tua prudência e eqüidade em administrar os negócios públicos, teus hábitos morais, teu caráter e tuas virtudes sãs, não se maravilhará que haja eu resolvido te dedicar esta obra. Mas, como não é desígnio meu escrever uma longa apologia que te seja digna de louvor, apenas brevemente tocarei no que é bem conhecido, tanto por relatos quanto por escritos públicos: Deus provou a ti de uma assombrosa maneira antes que te elevasse ao trono, não somente com a intenção de exibir em ti uma prova singular de sua providência, mas também de expor, tanto à nossa era quanto à posteridade, um exemplo ilustre de firme perseverança em um rumo certo. És, indubitavelmente, provido pelas duas riquezas, para que não houvesse precisão de uma devida prova de tua temperança e moderação na prosperidade, e de tua paciência na adversidade, até que te fosse dado de cima, afinal, emergir, de uma maneira tanto feliz quanto louvável, de tantos perigos, transes, dificuldades e obstáculos, de modo que, tendo posto o reino em ordem, de forma pública e privada, desfrutasse de uma prazenteira tranqüilidade. E agora, pelo consentimento unânime de todas as ordens, tu portas um fardo que te é mais esplêndido e digno de honra do que penoso, pois todos veneram tua autoridade, e demonstram sua estima tanto por amor quanto por recomendações.

Além desses benefícios de Deus vem este, o principal, que não deve ser omitido — que teu filho mais velho, *Érico*, um sucessor escolhido por ti de teu próprio sangue, não só é de uma disposição generosa, mas também está adornado com virtudes maduras; e dificilmente o povo teria escolhido por si mesmo alguém mais adequado, caso tu não tivesses filho nenhum. E isso, entre outras coisas, é o invulgar louvor dele, que tem esse feito tanto progresso nas ciências liberais que ocupa uma alta posição entre os letrados e não fica fatigado com a diligente aplicação àquelas, tanto quanto lhe seja concedido por aqueles muitos cuidados e perturbações nas quais a dignidade real está envolvida. Ao mesmo tempo, a principal coisa para mim é esta, que ele consagrou em seu palácio um santuário, não apenas às musas pagãs, mas também à filosofia celestial. Tenho, pois, a maior confiança de que algum lugar será ali encontrado, bem como algum favor mostrado a estes Comentários, os quais ele descobrirá terem sido escritos de acordo com a regra da verdadeira religião, e perceberá que ela foi planejada para ser de alguma pequena ajuda para si.

Que Deus, Ó sereníssimo rei! mantenha vossa Majestade por muito tempo na prosperidade, e continue a enriquecer-te com todas as espécies de bênçãos. Que Ele guie a ti por seu Espírito, até que, havendo findado tua carreira, e migrando da terra para o reino celestial, deixes atrás, vivo, o sereníssimo rei *Érico*, teu sucessor, e seus ilustríssimos irmãos, *João Magno* e *Carlos*: e que a mesma graça divina, após tua morte, afigure eminente neles, tanto quanto a concórdia fraternal e unânime.

Genebra, 26 de janeiro de 1559.

DE CALVINO PARA O LEITOR

João Calvino ao Leitor Cristão, saúde.

Visto que posso com verdade e justiça dizer, e provar por testemunhas competentes, que os escritos que, a partir de agora, exponho ao público, e que podiam ter sido acabados com mais cuidado e atenção, foram quase extorquidos de mim pela importunação, fica evidente que estas Notas, as quais pensava eu que uma audiência pudesse agüentá-las, mas que não seriam dignas de leitura, nunca teriam por mim sido trazidas à luz. Pois se, por muitas vigílias, com dificuldade posso lograr êxito em ainda dar um pequeno benefício que seja à Igreja pelas minhas meditações, quanta tolice seria de minha parte pretender um lugar para meus sermões entre as obras que são publicadas? Além disso, se, com respeito àquelas composições que escrevo ou dito reservadamente em casa, quando há mais tempo livre para meditação, e quando um dado breve momento é alcançado via cuidado e diligência, todavia, minha indústria vira um crime para os malignos e os invejosos, como posso eu escapar da acusação de presunção, se ora pressiono o mundo todo à leitura daqueles pensamentos que livremente pus para fora, para a presente edificação de meus ouvintes? Porém, visto que suprimi-los não estava em meu poder, e sua publicação não podia de outra forma ser impedida por mim senão me encarregando do trabalho (o qual minhas condições não permitiram) de escrever o todo de uma forma diferente, e muitos amigos, julgando-me um demasiadamente escrupuloso juiz de meus próprios labores, clamaram que eu estava causando um dano à Igreja, preferi autorizar este volume, como *está*, tirado de meus lábios, para expor ao público, no lugar de, por proibição, impor sobre mim mesmo a necessidade de escrever; o que fui forçado a fazer quanto aos Salmos, antes que descobrisse, por aquele longo e difícil trabalho, quão inapto estou para tanto escrever[5].

Que se exponham, pois, tais explanações sobre Oséias, as quais não é de meu poder retê-las do público. Mas, como elas foram postas por escrito, é necessário declarar, não apenas que a diligência, a indústria e a habilidade daqueles que desempenharam tal labor para a Igreja não fiquem sem elogio, mas também que os leitores estejam plenamente persuadidos de que não há aqui adição alguma, e que os escritores não se permitiram mudar uma simples palavra para outra que fosse melhor. Como eles se assistiram um ao outro, um deles, meu melhor amigo, querido de todos os homens, o Sr. João Budaeus, por suas virtudes, explicará, como espero, de maneira mais completa.

Não obstante, teria sido incrível para mim, não tivesse eu claramente notado quando, no dia seguinte em que leram o todo para mim, que o que haviam escrito em nada diferia de meu discurso. Talvez teria sido melhor que maior liberdade tivessem tido para cortar redundâncias, para colocar o arranjo em melhor disposição, e usar, em alguns casos, linguagem mais distinta ou graciosa: porém, não interponho meu julgamento; somente desejo testemunhar isto de meu próprio punho, que eles puseram no papel o que ouviram de meus lábios com tanta fidelidade, que não percebo mudança alguma. Adeus, leitor cristão, sejas tu quem for, que deseja comigo progredir na verdade celestial.

Genebra, 13 de fevereiro de 1557.

[5] Nessa época, ele estava engajado na escrita de seus Comentários sobre Os Salmos; e eles foram publicados em julho seguinte (N. do E. inglês, adaptada).

DE BUDAEUS PARA O LEITOR

João Budaeus aos Leitores Cristãos, saúde.

Quando, alguns anos atrás, o mui erudito João Calvino, por pedido e rogo de seus amigos, incumbiu-se de explanar na Escola Os Salmos de Davi, alguns de nós, seus ouvintes, à nossa maneira, tomamos notas, desde o início, de algumas coisas, para nossa própria meditação particular, de acordo com nosso julgamento e arbítrio. Mas, sendo finalmente admoestados por nossa experiência, começamos a pensar quão grande perda seria isso a muitos, e a quase toda a Igreja, se o benefício de tais Dissertações fosse confinado a uns poucos ouvintes. Tendo, portanto, reunido coragem, pensamos todos que era nossa obrigação unir um cuidado e preocupação pelo público com nossos benefícios privados, e isso pareceu possível, caso, ao invés de seguirmos nossa prática usual, tentássemos, tanto quanto podíamos, pôr no papel as Dissertações palavra por palavra. Sem demora, juntei-me a dois zelosos irmãos para ser o terceiro nesse encargo; e isso se sucedeu de tal modo, através da bondade de Deus, que não careceu em nada de um feliz desfecho nossa tentativa: pois, quando os labores de cada um de nós foram juntamente comparados, e as Dissertações foram imediatamente postas por escrito, descobrimos que tão poucas coisas nos haviam escapado, que as lacunas poderiam facilmente ser preenchidas. E que tal foi o caso quanto à obra na qual se deu a primeira prova de nossas capacidades, Calvino mesmo é a nossa testemunha; e que foi, de longe, mais completamente o caso no que diz respeito às Dissertações sobre Oséias (visto que pelo longo uso e exercício tornamo-nos mais hábeis), todos os ouvintes mesmos reconhecerão de pronto.

Mas o desígnio nessa ocasião era induzi-lo, se possível, a publicar os Comentários completos sobre esse autor; mas então se sucedeu a nós de uma outra forma, não esperada: pois toda a esperança de alcançar esse objetivo, ele tirou de nós, por reverência a Bucer, o qual, nesse caso, tanto quanto nas outras coisas, havia executado serviços fidelíssimos e utilíssimos, como toda a Igreja confirma, e como Calvino em particular, em todo o tempo, tem declarado da forma mais honrosa a nós e a todos. Ficou, por conseguinte, que as Dissertações, como estão por nós postas no papel, fossem publicadas. E, como todos os mui pios auspiciam a si próprios grandemente se beneficiarem de nossa labuta, diariamente aumentamos nossas diligências, para que uma tal esperança não se desvanecesse como fumaça. Sendo, portanto, incitados por tais desejos, tanto quanto, sem dúvida, pela perspectiva de beneficiar os piedosos, empenhamo-nos sobremaneira, para que todos prontamente admitissem que exercemos nada aquém do maior zelo. Por mais admirável que possa parecer, ele foi posteriormente induzido a mudar de idéia, de modo a frustrar nossa esperança e aquela de muitos dos devotos; e que, por outro lado, constrangido, conquanto ansioso em desempenhar um serviço dos mais úteis à Igreja, a incorrer na grande inveja e implacável ódio de muita gente. Mas aqueles que alegaram apenas a autoridade de Bucer nesse negócio foram mudados, de boa vontade reconheço, por uma razão não de todo injusta; todavia, eles me parecerão em demasia inflexíveis e intransigentes se não admitirem ser influenciados pelas justificações satisfatórias, o que espero será o caso, em breve. Porém, quanto àqueles que são levados pelo insano amor à maledicência, e se valem dos de menor propensão à contenda, ao mesmo tempo em que devem ser desconsiderados e detestados como monstros por todos os pios, também não há necessidade de se cansar muito para satisfazê-los, pois o latido dos cães, contanto que não machuquem a Igreja, podem, sem grande perigo, ser superados e desprezados.

Deveras, nós introduzimos essas coisas por causa daqueles que, com muita freqüência, nos perguntam quanto às Dissertações Sobre Os Salmos, para que não pensem que foram por nós enganados com uma vã expectativa; pois saibam eles que, algumas vezes, mediante a mercê de Deus, corrigiram e completaram os Comentários sobre O Livro de Salmos. Mas, se esse desejo de

longo tempo não os angustia muito, que se lembrem que nós também, não menos ansiosamente, procuramos por aquele grande tesouro. Mas é correto que devemos ambos perdoar um homem que tem ocupações constantes e pesadas, e moderar um tanto nossos desejos fortes e prematuros em demasia: ser condescendente para com ele nisso parece até certo por este relato, para que ele, o mínimo de todos, seja indulgente consigo mesmo, nunca dando à sua mente qualquer descanso ou folga de seus vastos labores, de modo que é uma questão indubitável que ele arrasta um pequeno corpo, não apenas pela bondade divina, mas por um singular milagre, que não pode ser dito à posteridade — um corpo, por natureza fraco, violentamente atacado por freqüentes enfermidades e, depois, exaurido por imensos trabalhos; e, por último, perfurado pelas incessantes ferroadas dos ímpios, e por todos os lados afligido e atormentado por todas as espécies de vitupérios.

Mas, como este não é o lugar para se fazer queixas, eu agora venho até vós, Leitores Cristãos, para quem nos propusemos dedicar esta obra, As Dissertações Sobre o Profeta Oséias; e a dedicamos, não para que reivindiquemos qualquer coisa como nossa, a não ser a diligência que empregamos em coligi-la: porém, não hesitamos em fazê-la, por assim dizer, nossa própria, pois ela nunca teria vindo a vós a não ser através da nossa assistência. Pois, embora julguemos a obra toda ora oferecida à Igreja como sendo excelente, todavia com dificuldade pudemos afinal convencer disso o autor; e ele se permitiu ser vencido pelos nossos importunos rogos apenas sobre essa condição, que devêssemos ser responsáveis por todo e qualquer julgamento que os homens bons pudessem formar acerca da obra: tão inapto é como juiz de suas próprias produções. Nós, contudo, ainda que ele, por modéstia, diminua-as mais do que o correto, todavia, ousamos prometer a nós mesmos que não somente a labuta do autor será devidamente apreciada por vós, mas que também asseguramos a nós um invulgar benefício.

Estas Dissertações, confiamos, não serão menos aceitáveis a vós, porque o autor, considerando o benefício da escola (como era direito), em certo grau se afastou da elegância usual de todas as suas obras, e da beleza de estilo. Pois, estando apertado por uma vasta quantidade de negócios, foi constrangido a deixar a casa, após dificilmente ter tido, no mais das vezes, uma hora para meditar nelas: ele preferiu dar prosseguimento à edificação e ao benefício de seus ouvintes elucidando o verdadeiro sentido e esclarecendo-o, em vez de, pela pompa vã das palavras, deleitar seus ouvintes ou em consideração à ostentação e à sua própria glória. Não negarei, ao mesmo tempo, contudo, que tais Dissertações foram entregues mais no estilo escolástico que no oratório. Se, no entanto, este simples, embora não rude, modo de falar ofender alguém, que recorra esse às obras de outros, ou desse autor mesmo, especialmente aquelas nas quais, estando livres das leis da escola, ele aparece menos como orador do que como teólogo ilustre: e isso declaramos sem hesitação, e com não menos modéstia do que com o pleno consentimento e aprovação dos melhores e mais letrados.

Realmente, não falamos assim como se, por um censurável desdém, pretendêssemos a ele apenas a glória de um orador, ou não reconhecêssemos, ao chamá-lo teólogo, muitos outros como homens célebres. Longe de nós um tal desatino. Porém, numa ocasião tal como essa oferecida, para testificar de nossa própria mente, dificilmente podíamos, mesmo de uma outra maneira, nos desculpar de nossa negligência aos piedosos, a quem é bem conhecido, que nosso silêncio a respeito de Calvino não tem até agora sido do bom agrado dos homens turbulentos; os quais estão mui desejosos de ter a própria vaidade explicitamente condenada do que a aceitar de nós um consentimento tácito ou um silêncio modesto, seja para aprovar sua doutrina, e para nele reconhecer uma demonstração, a mais clara, da bondade de Deus para conosco, seja para ocultar, por uma dissimulação fraternal, a própria loucura; e, desse modo, cada um de nós teve de se lamentar no silêncio.

Porém, como disse, a linguagem aqui é sem adorno e simples, mui semelhante àquela que sabemos sempre foi de costume ser usada anteriormente nas Dissertações: não tal como a que muitos que as ouviram empregam, que repetem a seus ouvintes, a partir de um papel escrito, o que previamente prepararam em casa; mas, tal como pôde ser formada e concebida na época, mais adaptada a ensinar e edificar do que a agradar o ouvido. Então, a menos que estejamos grandemente equivocados, ele se expressa quase que trazendo à vida a mente do Profeta, de modo que adição alguma parece possível. Pois, após haver cuidadosamente examinado toda frase, ele então, brevemente, mostra o uso e a aplicação da doutrina, de forma que ninguém, conquanto ignorante, pode se enganar quanto ao sentido: em resumo, ele torna tão conhecidos e compreensíveis os assuntos e as fontes da verdadeira teologia, que fica fácil a qualquer um delas extrair o que é necessário para restaurar e renovar a alma; sim, os ministros da palavra podem daí vantajosamente tirar amplas correntes, com as quais, como por um orvalho celestial, podem ser refrigério abundante ao povo de Deus, seja por exortação, consolação ou censura, seja por edificação. E dessas coisas nós claramente vemos alguns casos e exemplos em todos os seus discursos, especialmente naqueles nos quais ele acomoda tanto a doutrina dos Profetas ao nosso próprio tempo, que parece se adaptar tanto à era deles quanto à nossa.

Mas, para finalmente concluirmos, resta, Leitores Cristãos, que recebamos e abraçamos com apropriada gratidão todos os outros inumeráveis dons de Deus, os quais ele diariamente derrama sobre nós mui abundantemente, tanto quanto este incomparável tesouro de sua bondade, e empreguemo-los com o fito de levar uma vida santa e piedosa para a glória de seu nome, e para a edificação de nossos irmãos: e para que isso possa ser feito, devemos rogar pelo Espírito de Deus, para que procedamos à leitura da Escritura instruídos por ele, trazendo uma mente purificada das poluições da carne e um espírito dócil, capaz de receber a verdade celestial. E para essa finalidade, muita ajuda pode ser-nos dada pelas orações curtas, as quais tomamos o cuidado de acrescentar no término de cada Dissertação, coletadas por nós com o mesmo cuidado e fidelidade que o das Dissertações: as mentes dos piedosos podem por elas ser aliviadas, e reunir novo vigor para a próxima Dissertação; e os ignorantes também podem ter nelas um padrão, por assim dizer, pintados diante de si, pelo qual podem esses formular suas orações a partir das palavras da Escritura. Pois, visto que, no início das Dissertações, ele nunca usou a mesma forma de oração, a qual nos propusemos também adicionar, que seu modo de ensinar seja plenamente conhecido de vós; assim, ele sempre tinha o costume de encerrar toda Dissertação com uma nova oração formulada na hora, como o Espírito Santo lhe dava, acomodada ao assunto da Dissertação.

Se entendermos que tais Comentários serão aceitáveis a vós, ainda que o trabalho seja o fruto dos labores de outrem, todavia, engajar-nos-emos, com o obséquio de Deus, a fazer o mesmo quanto aos Profetas remanescentes. Quando ele se encarregar a dissertar sobre eles, é nossa intenção segui-lo com não menos diligência, pondo no papel o que resta para terminar. No ínterim, desfrute destes. Adeus.

Genebra, 14 de fevereiro de 1557.

DE CRISPIN PARA O LEITOR

João Crispin aos Leitores Cristãos, saúde.

Como pode parecer espantoso a alguns, e realmente incrível, que tais Dissertações foram postas por escrito com tamanha fidelidade e cuidado, de modo que o Sr. João Calvino não proferiu uma palavra sequer que não fosse imediatamente anotada quando comunicada, aqui é forçoso, resumidamente, lembrar aos leitores piedosos do plano seguido por quem no-las transmitiu. E isso se fez, para que a singular diligência e indústria deles estimulem outros a fazerem o mesmo, e para que a coisa mesma não pareça incrível.

Primeiramente, deve ser lembrado que Calvino mesmo nunca ditou, como muitos o fazem, nenhuma de suas Dissertações, nem deu quaisquer ordens para que qualquer coisa fosse posta em anotações enquanto estava ele interpretando a Escritura, muito menos após finalizar a Dissertação, ou no dia seguinte ao de sua entrega; mas ocupava uma hora toda em falar, e não tinha por hábito escrever em seu caderno uma simples palavra para auxiliar sua memória. Quando, portanto, alguns anos atrás, o Sr. João Budaeus e o Sr. Carlos Jonvill, com dois outros irmãos (a quem o próprio Budaeus menciona em seu prefácio e, assim, isso ficou por muitos conhecido), acharam, ao porem por escrito A Exposição Sobre os Salmos, que sua labuta comum não seria totalmente em vão, eles foram impelidos por um mais forte desejo e alacridade de mente, de modo que resolveram pôr no papel, com mais diligência do que antes, se possível, a exposição toda sobre o que se chama Os Doze Profetas Menores. E, ao copiarem, seguiram eles este plano. Cada um tinha seu papel preparado de uma forma a mais conveniente, e, por si próprio, pôs por escrito com a maior velocidade. Se uma palavra havia escapado a um (o que, algumas vezes, acontecia, particularmente em pontos de disputa e naquelas partes que foram entregues com algum fervor), era percebida por outro; e quando assim ocorria, era facilmente registrada de novo pelo escritor. Imediatamente no fim da Dissertação, Jonvill tomava consigo os papéis dos outros dois, colocando-os perante si, e consultando o seu próprio, e conferindo-os conjuntamente, ele ditava a alguma outra pessoa com o propósito de copiar o que apressadamente pusera no papel. Por fim, ele mesmo rapidamente lia o todo, para que estivesse apto a recitá-lo no dia seguinte diante do Sr. Calvino em casa. Quando, por vezes, alguma palavrinha estava faltando, era ela adicionada em seu lugar; ou, se qualquer coisa não parecesse suficientemente explicada, era, de pronto, esclarecida.

Desse modo foi que aconteceu destas Dissertações virem à luz; e que grande benefício derivarão delas os que com seriedade a lerem não pode, por meio algum, ser dito: pois quem, dotado de um julgamento são, não percebe que tal era o jeito que esse ilustríssimo homem possuía de explicar a Escritura, algo que tinha em comum com mui poucos? Ele, em todo lugar, tanto desvela o desígnio do Espírito Santo quanto dá seu significado genuíno, colocando também diante dos nossos olhos toda doutrina recôndita, de tal forma, que vós nada achais senão o que está abertamente explanado; e isso é o que seus muitos escritos, com a maior abundância, testificam, nos quais ele torna todo ponto da religião cristã tão inteligível, que todos, exceto os que estejam inteiramente cegos ao sol, confirmam-no ser um fidelíssimo intérprete.

Contudo, que eu ora diga algo, que é nada, sobre seus Comentários: ele se superou tanto nestas Dissertações que dificilmente se pode persuadir que um estilo tão elegante, e tão perfeito em todas as suas partes, tenha fluído extemporaneamente, pois ele explica os mais carregados sentimentos em palavras apropriadas, maneja de maneira clara coisas obscuras, veste-as com vários ornamentos, e assim procede em seu ensino, que a linguagem que ele emprega, emanada espontaneamente, parece ter levado muito tempo e fadiga. Porém, de todas essas coisas, eu prefiro

que um julgamento seja formado por um exame minucioso, em vez de deter os leitores por mais tempo com uma comprida discussão dos particulares. Então, adeus a vós todos que esperais algum proveito destas Dissertações.

Genebra, 1.º de fevereiro de 1559.

OS COMENTÁRIOS DE

JOÃO CALVINO

SOBRE O PROFETA

OSÉIAS

A ORAÇÃO QUE JOÃO CALVINO COSTUMAVA EMPREGAR NO PRINCÍPIO DE SUAS DISSERTAÇÕES:

Conceda o Senhor que nos ocupemos em contemplar os mistérios de sua sabedoria celestial com devoção realmente crescente, para glória sua e edificação nossa. Amém.

A INTRODUÇÃO

Comprometi-me a expor Os Doze Profetas Menores. Eles há muito tempo atrás foram ajuntados, e seus escritos, reduzidos a um só volume; e, por esta razão, para que, distinguindo-se em nossas mãos como um todo só, não desaparecesse no curso do tempo devido à brevidade deles, como amiúde acontece.

Os Doze Profetas Menores formam pois apenas um volume. O primeiro deles é Oséias, que foi especificamente destinado para o reino de Israel: Miquéias e Isaías profetizaram na mesma época, entre os judeus. Mas deve ser notado que este Profeta foi um mestre no reino de Israel, assim como aqueles dois o foram no reino de Judá. Indubitavelmente, o Senhor teve o propósito de empregá-lo naquela região; pois tivesse ele profetizado entre os judeus, não os teria elogiado; visto que o estado de coisas era então mui corrupto, não só na Judéia, mas também em Jerusalém, embora o palácio e o santuário de Deus ali estivessem. Vemos quão contundente e severamente Isaías e Miquéias condenavam o povo; e o estilo de nosso Profeta teria sido o mesmo, houvesse o Senhor empregado o serviço desse entre os judeus: contudo, o último seguiu sua própria vocação. Sabia ele o que o Senhor lhe havia confiado: fielmente cumpriu seu mister. Foi o mesmo caso do Profeta Amós: pois esse, contundentemente, faz invectivas contra os israelitas, e parece poupar os judeus; e ele ensinava na mesmo época de Oséias.

Vemos, então, em quais aspectos esses quatro diferem entre si: Isaías e Miquéias dirigem suas exprobrações ao reino de Judá; e Oséias e Amós somente atacam o reino de Israel, e parecem poupar os judeus. Cada um deles se encarregou da comissão de que Deus lhes incumbiu; e, desse modo, cada um se confinou dentro dos limites de seu próprio chamado e ofício. Pois se nós, que somos chamados a instruir a Igreja, cerrarmos nossos olhos aos pecados que nela prevalecem, e negligenciarmos aqueles a quem o Senhor designou para por nós serem instruídos, confundimos toda a ordem; visto que os que foram apontados para outros lugares devem atentar àqueles a quem foram, pelo chamado do Senhor, enviados.

Agora, pois, vejamos a quem todo esse livro de Oséias pertence — ou seja, ao reino de Israel.

Mas, no que diz respeito aos Profetas, é verdade isto, como algumas vezes dissemos, que todos eles são intérpretes da lei. E tal é a essência da lei, que Deus designa para governar por sua autoridade o povo a quem adotou. Mas ela possui duas partes — uma promessa de salvação e vida eterna, e uma regra para um viver pio e santo. A essas é acrescentada uma terceira parte — que os homens, não respondendo aos seus apelos, devem ser restaurados ao temor de Deus por ameaças e exprobrações. Os Profetas, além disso, ensinam sim o que a lei ordena com respeito ao verdadeiro e puro culto de Deus, e ao amor a esse; em suma, instruem o povo sobre uma vida santa e piedosa, e então oferecem a eles a mercê do Senhor. E, visto que não há esperança alguma de reconciliação com Deus a não ser através de um Mediador, eles sempre apresentam o Messias, a quem o Senhor com muita antecedência prometia.

Quanto à terceira parte, a qual inclui ameaças e repreensões, era ela peculiar aos Profetas: pois eles assinalam tempos, e anunciam esse ou aquele julgamento divino: "O Senhor punirá a vós desta maneira, e vos castigará em tal época". Os Profetas, então, não convocam simplesmente ao tribunal de Deus os homens, mas também especificam certas espécies de punições e, ainda, da mesma maneira, declaram profecias concernentes à graça do Senhor e à sua redenção. Porém, sobre isso farei breve menção; pois melhor será observar cada ponto à medida que prosseguirmos.

Volto agora a Oséias. Disse eu que seu ministério pertencia especialmente ao Reino de Israel; pois naquele tempo o culto a Deus estava ali inteiramente profanado, e a corrupção não havia se iniciado há pouco tempo; mas estavam eles tão obstinados em suas superstições que não havia esperança nenhuma de arrependimento. Sabemos, de fato, que, tão logo Jeroboão apartou as dez tribos de sua lealdade a Roboão, o filho de Salomão, o culto fictício fora posto: e Jeroboão parecia ter habilmente tramado tal artifício, para que o povo não pudesse retornar à casa de Davi; mas, ao mesmo tempo, ele trouxe sobre si e sobre todo o povo a vingança divina. E aqueles que vieram depois dele seguiram a mesma impiedade. Quando tal perversidade tornou-se intolerável, Deus resolveu manifestar seu poder, e dar algum sinal que provasse seu desgosto, para que o povo afinal se arrependesse. Aqui, Jeú foi, por mandamento de Deus, ungido Rei de Israel, para que destruísse toda a posteridade de Acabe: mas ele também logo recaiu na mesma idolatria. Ele executou o julgamento divino, fingiu grande zelo; mas sua hipocrisia logo veio à luz, pois abraçou o culto falso e pervertido; e seus seguidores não melhoraram em nada, mesmo quando sob Jeroboão, em cuja época Oséias profetizou; mas disso falaremos ao refletirmos sobre a introdução do livro.

CAPÍTULO 1

PRIMEIRA DISSERTAÇÃO

Oséias 1.1

1. A palavra do SENHOR que veio a Oséias— o filho de Beeri— nos dias de Uzias— Jotão— Acaz— *e* Ezequias— reis de Judá— e nos dias de Jeroboão o filho de Joás— rei de Israel.

1. Sermo Jehovae— qui fuit ad Hoseam filium Beri— diebus Uzia— Jotham— Achaz— Ezechiae— regum Jehuda— et diebus Jarobeam filii Joas regis Israel.

Esse primeiro versículo mostra a época na qual Oséias profetizou. Ele menciona quatro reis de Judá — Uzias, Jotão, Acaz, Ezequias. Uzias, também chamado Azarias, reinou por cinqüenta e dois anos; mas, após ter sido acometido pela lepra, ele não mais se juntou aos homens, e abdicou de sua dignidade real. Jotão, seu filho, o sucedeu. Os anos de Jotão foram cerca de dezesseis, quase o mesmo tanto de anos daquele do rei Acaz, o pai de Ezequias; e foi sob o rei Ezequias que Oséias morreu. Se ora desejarmos verificar por quanto tempo ele cumpriu o ofício de ensinar, devemos notar o que a história sagrada diz — Uzias começou a reinar no vigésimo sétimo ano de Jeroboão, o filho de Joás. Supondo que Oséias desempenhou suas obrigações de mestre, à exceção de uns poucos anos durante o reinado de Jeroboão, isto é, os dezesseis anos que se passaram do princípio do reinado de Uzias até a morte de Jeroboão, ele deve ter profetizado trinta e seis anos sob o reinado de Uzias. Não há, não obstante, dúvida alguma de que ele começou a executar seu ofício alguns anos antes do fim do reinado de Jeroboão.

Aqui, então, parece haver pelo menos quarenta anos. Jotão sucedeu a seu pai, e reinou dezesseis anos; e, ainda que seja uma conjectura provável, que o início do reinado dele deva ser contado da época em que assumiu o governo, depois que seu pai, sendo castigado com a lepra, foi expelido da sociedade dos homens, é, todavia, provável que o tempo remanescente até a morte de seu pai deva entrar em nosso cálculo. Quando, entretanto, aceitamos como verdadeiro alguns anos, segue-se que Oséias deve ter profetizado mais do que quarenta e cinco anos antes que Acaz principiasse a reinar. Adicione agora os dezesseis anos nos quais Acabe reinou e o número chegará a sessenta e um. Restam aí os anos em que ele profetizou sob o reinado de Ezequias. Não pode, pois, ser outra coisa senão que ele seguiu em seu ofício por mais do que sessenta anos e, provavelmente, continuou além do septuagésimo ano.

Disso, transparece com que grande e invencível coragem e perseverança foi ele capacitado pelo Espírito Santo. Porém, quando Deus emprega o nosso serviço por vinte ou trinta anos, achamo-lo mui fastidioso, especialmente quando temos de contender com homens ímpios, e com aqueles não desejosos de aceitar o jugo, mas que nos resistem com pertinácia; então, depressa desejamos ficar livres disso, e ser como soldados que não completam o seu tempo. Logo, quando vemos que esse Profeta perseverou por um tão grande tempo, que nos seja ele um exemplo de paciência, de modo a não desanimarmos, ainda que o Senhor não nos liberte imediatamente de nosso fardo.

Assim foi durante os quatro reis que ele cita. Ele deve de fato ter profetizado (como acabei de mostrar) por quase quarenta anos sob o rei Uzias ou Azarias, e depois, por alguns anos, sob o rei Acaz (para omitir, por ora, o reinado de Jotão, que foi concorrente com aquele de seu pai), e prosseguiu até à época de Ezequias: mas por que particularmente menciona Jeroboão, filho de Joás, visto que não podia ter profetizado sob ele senão por um curto período? Seu filho Zacarias o sucedeu; lá se levantou depois a conspiração de Salum, que logo foi destruído; então, o reino ficou envolvido em grande confusão; e, finalmente, os assírios, por meio de Salmanazar, levaram embora cativas as dez tribos, que foram dispersas entre os medos. Se foi esse caso, por que o profeta aqui faz menção de apenas um rei de Israel? Isso parece estranho; pois ele continuou seu ofício de ensinar até ao fim do reinado daquele e até à sua morte. Mas uma resposta pode facilmente ser dada: ele quis se expressar fazendo distinção, que principiou a ensinar enquanto o estado estava inteiro; pois, tivesse profetizado depois da morte de Jeroboão, podia ter parecido conjecturar alguma grande calamidade a partir da então presente visão das coisas: assim não teria sido profecia, ou, pelo menos, esse crédito teria sido muito menor. “Agora, com certeza! Ele advinha o que está evidente aos olhos de todos”. Pois Zacarias prosperou senão por um curto tempo; e a conspiração anteriormente aludida foi um certo presságio de uma destruição que se aproximava, e o reino logo seria dissolvido. Por isso, o Profeta aqui atesta com palavras explícitas, de modo que ele já havia trazido a ameaça da futura vingança ao povo, mesmo quando o reino de Israel prosperava em riquezas e poder, quando Jeroboão estava gozando de seus triunfos, e quando a prosperidade inebriava toda a terra.

Essa, então, foi a razão pela qual o Profeta mencionou somente esse único rei; pois, sob ele, o reino de Israel tornou-se forte, foi fortificado por muitas fortalezas e um grande exército, e abundou também em grandes riquezas. Realmente, a história sagrada nos conta que Deus tinha, por Jeroboão, libertado o reino de Israel, apesar de esse mesmo ser indigno, o qual tinha recuperado muitas cidades e uma mui grande extensão do país. Como, pois, havia ele aumentado o reino, como havia se tornado formidável a todos os seus vizinhos, como havia ajuntado grandes riquezas, e como as pessoas viviam em ócio e luxo, o que o profeta declarava parecia inacreditável: “Vós não sois”, dizia ele, “o povo do Senhor; sois filhos adulterinos, nascidos de fornicação”. Uma tal reprimenda certamente não parecia conveniente. Então disse ele: “O reino ser-vos-á tirado, a destruição está perto de vós”. “Quê? perto de nós? e, todavia, nosso rei ora obtém tantas vitórias, e infunde terror aos outros reis”. Com o reino de Judá, que era um rival, tendo então quase sucumbido, não havia ninguém que pudesse ter se arriscado a suspeitar de um tal evento.

Percebemos agora, pois, por que o Profeta diz aqui expressamente que profetizara sob Jeroboão. Ele deveras profetizou após a morte dele, e prosseguiu no ofício mesmo depois da destruição do reinado de Israel, mas começou a ensinar em uma época em que ele era um escárnio para os ímpios, que se exaltavam contra Deus e ousadamente desprezavam a ameaça desse, o qual, no entanto, poupava-os e suportava-os; o que é sempre o caso, como provado pela experiência constante de todas as eras. Em conseqüência, vemos mais claramente com que poder do Espírito Deus havia dotado o Profeta, que ousava se levantar contra um tão poderoso rei, e para condenar a impiedade desse, bem como também intimar seus súditos ao mesmo julgamento. Quanto, por conseguinte, o Profeta se conduziu de forma tão intrépida, em um tempo em que os israelitas estavam não apenas inebriados pelo seu grande sucesso, mas também totalmente insanos, certamente isso não ficava nada a dever de um milagre; e isso deve servir em muito para estabelecer sua autoridade. Vemos agora, então, o desígnio da introdução contida no versículo primeiro. Continua —

Oséias 1.2

2. O princípio da palavra do Senhor por Oséias. E o Senhor disse a Oséias: Vá, toma para ti uma mulher de prostituições e filhos de prostituições: pois a terra comete grande prostituição, *apartando-se* do Senhor	**2.** Principiam quo loquutus est Jehova per Hoseam, (alii vertunt, cum Hosea; ad verbum est, in Hosea; est liters beth.) Dixit Jehova ad Hoseam, Vade, sume tibi uxorem scortationum et filios scortationem, quia scortando scortabitur terra, (hoc est, scortata est,) ne sequatur Jehovam.

O Profeta mostra aqui qual a tarefa que lhe foi dada no princípio, precisamente declarar guerra aberta com os israelitas; ficar, no modo de dizer, mui irado na pessoa de Deus e anunciar a destruição. Ele não começa com coisas serenas, nem de fato exorta, com gentileza, o povo a se arrepender, nem adota um curso tortuoso para suavizar a aspereza de sua doutrina. Demonstra que nada dessa espécie ele usava, mas diz, que havia sido enviado tal como arautos ou mensageiros que proclamam a guerra. O começo, então, do que o Senhor falou através de Oséias foi isto: "Esse povo é uma raça adulterina, todos nascem, por assim dizer, de meretriz, o reino de Israel é o mais imundo dos bordéis; e agora eu os repudio e rejeito, não mais os tenho como meus filhos". Era uma veemência incomum. Disso, vemos que a palavra *princípio* não foi posta sem razão, mas de maneira deliberada, para que saibamos que o Profeta, tão logo se incumbiu do ofício de ensinar, foi veemente e severo, e, por assim dizer, invectivava contra o reino de Israel.

Ora, se for perguntado por que Deus estava tão grandemente descontente, por que ele primeiro não pediu aos homens vis para voltar para si — visto que o método usual parece ter sido que o Profeta tentasse, por um discurso amável e paternal, restaurar a uma mente sã aqueles que tivessem se apartado da pura adoração a Deus — por que, então, Deus não adotou esse curso ordinário? Contudo, daqui inferimos que as doenças do povo eram incuráveis. O Profeta, sem dúvida, proclama aqui, de modo evidente, que foi enviado por Deus quando o estado de coisas era quase insanável. Sabemos, certamente, que Deus não tem o costume de lidar tão severamente com os homens, senão quando haja tentado todos os outros remédios; e isso pode, indubitavelmente, ser facilmente descoberto pelos registros da Escritura. As dez tribos, imediatamente após sua revolta contra a família de Davi, havendo renunciado ao culto a Deus, abraçaram a idolatria e as ímpias superstições. Eles deviam ter retido em suas mentes a lembrança deste oráculo: 'O Senhor elegeu o monte Sião, onde deseja ser adorado; 'este', diz ele, 'é meu repouso para sempre; aqui morarei eu, pois o escolhi' (Sl 132.13,14). E essa predição, sabemos, não foi repetida só uma ou dez vezes, mas centenas de vezes, a fim de que pudesse ficar mais firmemente fixada nos corações dos homens. Visto, então, que eles deviam ter tido esta verdade plenamente impressa em seus corações — que o mesmo Senhor não fosse adorado em nenhum outro lugar que não o monte Sião — foi monstruosa estupidez da parte deles erigir um novo templo e fazer os bezerros. Que o povo, então, tivesse tão rapidamente se desviado de Deus foi um exemplo da mais perversa loucura. Porém, como tenho dito, eles haviam atingido o mais alto ponto da impiedade. Quando Deus puniu tão grandes pecados por meio de Jeú, o povo deve, então, ter retornado ao puro culto a Deus, e houve alguma reforma na terra; mas eles sempre voltavam à sua própria natureza, sim, o resultado provava que eles apenas dissimulavam por um curto período; tão cegos estavam por uma diabólica perversidade que eles sempre continuavam em suas superstições. Não é, pois, de se admirar que o Senhor tenha começado assim por Oséias, "*Vós todos nascestes de fornicação*, vosso reino é o mais imundo dos bordéis; vós não sois meu povo, vós não sois amados". Quem, então, não admitirá, que Deus, invectivando de um modo tão tremendo contra esse povo, tratava-os com justiça, e pela melhor das razões? A

contumácia do povo era tão indomável que não podia ser sobrepujada de nenhuma outra maneira. Entendemos agora por que o Profeta usou tal expressão, *O princípio das palavras que Deus deu*.

Segue-se então, *em Oséias*. Dissera ele no primeiro versículo, *A palavra do SENHOR que foi para Oséias*; agora ele diz, בהושׁע, ***beHoshea,*** em Oséias; e acrescenta ele que Deus falou e disse para Oséias, repetindo a preposição empregada no primeiro verso. Da palavra do Senhor é dito ter sido para Oséias, não simplesmente porque Deus se dirigia ao Profeta, mas porque enviava-o adiante com certas comissões, pois nesse sentido é que se diz ter a palavra de Deus sido para os Profetas. Deus também dirige sua palavra indiscriminadamente a quem quer que se lhe apraza ensinar por sua palavra, mas fala para e se dirige a seus Profetas num modo peculiar, pois os faz os ministros e arautos daquela, e põe, por assim dizer, em suas bocas, o que eles em seguida expõem ao povo. Da mesma forma, Cristo diz que a palavra divina veio aos reis porque ele os constitui e os designa para governar a humanidade. "Se ele chama deuses", diz ele, "a quem a palavra de Deus veio"; e aquele salmo, sabemos, foi escrito com uma alusão especial aos reis. Percebemos agora o que contém esta frase no primeiro versículo. *A palavra de Deus veio a Oséias*; pois o Senhor não se dirige simplesmente ao Profeta de uma maneira comum, mas o provê com instruções, para que ele depois ensine o povo, por assim dizer, na pessoa do próprio Deus.

É então adicionado no segundo versículo, *O princípio do discurso, tal como o Senhor fez por Oséias*. Aqueles que dão essa tradução, "com Oséias", parecem explicar, rigidamente, o que o Profeta quis dizer. A letra ב, *bete,* eu sei, amiúde tem esse sentido na Escritura; mas o Profeta, sem dúvida, representa a si mesmo aqui como o instrumento do Espírito Santo. Deus então fala *em Oséias*, ou por Oséias, pois ele não expõe nada de seu próprio cérebro, mas Deus fala por ele; tal é a forma de falar com a qual freqüentemente depararemos. Nisso, deveras, depende a inteira autoridade dos servos de Deus, para que eles mesmos não afrouxem as rédeas, mas fielmente entreguem, por assim dizer, de mão a mão, o que o Senhor lhes ordenou, sem acrescentar qualquer coisa que fosse deles mesmos. Deus então falou em Oséias. Segue-se depois, *O Senhor disse a Oséias*. Ora, isso, que é dito pela terceira vez, ou repetido três vezes, nada mais é do que a comissão em diferentes formas. Ele primeiro disse em geral, *A palavra do Senhor que foi para Oséias*; agora ele diz, *O Senhor falou assim*, e expressa distintamente qual foi a palavra a que ele se referiu no verso primeiro.

Vá, ele diz, *toma para ti uma mulher de devassidões e filhos de devassidões*; e adiciona-se a razão, *pois pela fornicação, ou libertinagem, tornou-se a terra dissoluta*. Indubitavelmente, fala ele aqui dos vícios que o Senhor há muito agüentava com inexprimível paciência. *Pela devassidão pois a terra se tornou desenfreada, para que não siga a Jeová*.

Muito labutam aqui os intérpretes, pois parece mui estranho que o Profeta tomasse por esposa uma meretriz. Dizem alguns que esse foi um caso extraordinário[6]. Decerto uma tal liberdade não teria sido tolerada em um mestre. Vemos o que Paulo requer em um bispo, e não há dúvidas de que o mesmo era requerido anteriormente nos Profetas: que suas famílias deveriam ser castas e livres de toda nódoa e mancha. Teria sido pois expor o Profeta ao escárnio de todos caso tivesse ele

---

[6] Muita controvérsia prevalece sobre tal assunto. Que isso foi uma transação *real*, é a opinião de não poucos. *Poole* cita *Basílio, Agostinho, Jerônimo* e *Teodoreto*, como tendo tal opinião. O Bispo *Horsley* concorda com eles; mas faz esta sábia observação: "Na verdade, é esta uma questão de pouca importância para a interpretação da profecia, pois o ato foi igualmente emblemático, fosse ele real ou visionário apenas; e o significado do emblema, fosse o ato feito em realidade ou em visão, será o mesmo".

Henry parece se inclinar à opinião de que foi uma parábola; e *Scott*, de que foi uma transação real. A noção de uma parábola é a que vem com a dificuldade menor, e corresponde ao modo de ensinar amiúde adotado tanto no Antigo quanto no Novo Testamento (N. do E. inglês.)

adentrado um bordel e tomado para si uma prostituta; pois ele não fala aqui apenas de uma mulher não casta, mas de uma mulher de devassidão, o que significa uma meretriz comum, pois é ela chamada uma mulher de devassidão, que desde muito tempo estava habituada a isso, a qual expunha a si mesma a todos, para gratificar-lhes o desejo, a qual se prostituía a si própria, não uma ou duas vezes, nem para alguns homens, mas para todos. Que tal fosse feito pelo Profeta parece mui improvável. Mas alguns replicam, como disse eu, que isso não deve ser reputado como regra comum, pois foi um mandamento extraordinário de Deus. E, todavia, não parece coerente com a razão, que o Senhor, dessa forma injustificável, faça com que seu Profeta seja desprezível; pois como podia ele esperar ser recebido ao aparecer diante do público, após haver trazido sobre si mesmo uma tal desgraça? Se ele houvesse se casado com uma mulher tal como a que é aqui descrita, deveria ter se ocultado por toda a vida em vez de se incumbir do ofício profético. A opinião de quem pensa que o Profeta tomara uma esposa semelhante à aqui descrita, por conseguinte, não é provável.

Depois, um outro motivo, totalmente irresolúvel, milita contra eles; pois não apenas se ordena ao Profeta que tome uma esposa de devassidão, mas ainda filhos de devassidão, gerados por prostituição. Logo, é como se ele mesmo houvesse cometido prostituição[7]. Pois, se dissermos que ele se casou com uma mulher que dantes se conduzira com alguma indecência e falta de castidade (como Jerônimo em detalhes argumenta para desculpar o Profeta), a escusa é frívola, pois ele não fala somente da esposa, mas também dos filhos, visto que Deus teria a prole toda como sendo adulterina, e isso não podia ser o caso de um casamento legal. Por isso, quase todos os hebreus concordam com esta opinião, que o Profeta não esposou realmente uma mulher, mas que lhe foi ordenado a fazer isso em uma visão. E veremos no capítulo terceiro quase a mesma coisa descrita; contudo, o que está ali narrado não podia realmente ter sido feito, pois é mandado ao Profeta que se case com uma esposa que violara sua fidelidade conjugal e, depois de a ter comprado, retê-la em casa por um tempo. Isso, sabemos, não foi feito. Segue-se então que isso foi uma representação exibida ao povo.

Alguns objetam dizendo que a passagem inteira, tal como dada pelo Profeta, não pode ser compreendida como aludindo a uma visão. Por que não? Porque a visão, dizem, foi dada só a ele, e Deus tinha em consideração o povo todo, em vez do Profeta. Porém, pode ser, e é provável, que visão nenhuma foi apresentada ao Profeta, mas que Deus apenas lhe ordenou proclamar o que lhe tinha sido dado como responsabilidade. Logo, quando o Profeta começou a ensinar, ele iniciou com algo desse jeito: "O Senhor me coloca aqui como em um palco, para vos fazer saber que me casei com uma mulher, uma mulher habituada a adultérios e prostituições, e que por ela gerei filhos". O povo todo sabia que ele não fizera tal coisa; porém, o Profeta assim falou a fim de pôr perante seus olhos uma vívida representação. Tal, pois, foi a visão, uma exibição figurada, não que o Profeta soubesse disso por uma visão, mas o Senhor lhe ordenara a relatar tal parábola (modo de dizer), ou tal comparação, para que o povo pudesse ver, como num retrato vivo, a torpeza e perfídia desse. É, em suma, uma exibição, na qual a coisa mesma não é somente apresentada em palavras, mas também é colocada, por assim dizer, diante dos olhos deles de forma visível. A razão é acrescentada: *pois pela devassidão a terra se tornou dissoluta*.

Vemos agora então como as palavras do Profeta devem ser entendidas; pois ele assumiu um personagem perante o público, e nesse personagem ele disse ao povo que Deus lhe havia ordenado tomar para sua esposa uma meretriz, e por ela gerar filhos adulterinos. Seu ministério não se tornou, devido a isso, desprezível, pois todos eles sabiam que ele sempre vivera virtuosa e sobriamente;

---

[7] Isso não se segue; pois, como o Bispo *Horsley* justamente observa, "os filhos de devassidão" foram aqueles previamente gerados. O Profeta tinha que tomar uma mulher que era meretriz, *junto* com seus filhos bastardos. Essa é a mensagem óbvia da passagem (N. do E. inglês).

todos sabiam que sua casa era isenta de todo vitupério; mas aqui ele se exibia nesse suposto papel, como o fez, uma imagem viva da vileza do povo. Tal é o significado, e não vejo nada forçado nesta explanação; e vemos, ao mesmo tempo, o sentido dessa oração: *Pela devassidão a terra se tornou dissoluta*. Oséias poderia ter dito isso numa palavra só, mas ele se dirigia ao surdo, e sabemos quão grande e quão estúpida é a loucura daqueles que se deleitam em suas próprias superstições e que não podem suportar qualquer censura. O Profeta, então, não teria sido levado em consideração, a menos que tivesse exibido, como em um espelho perante os olhos deles, o que desejava que fosse compreendido por eles, ainda que houvesse dito: "Se nenhum de vós pode conhecer a si mesmo de modo a reconhecer sua pública vileza, se sois vós tão obstinados contra Deus, pelo menos agora saibais, pelo meu personagem simulado, que sois todos adúlteros, e vossa origem provém de um bordel imundo, pois Deus assim declara a respeito de vós; e, como não estais dispostos a receber uma tal declaração, é agora posto perante vós em meu suposto papel".

Que ela não segue a Jeová, literalmente: *De após Jeová,* מאחרי יהוה, ***me'acharei Yeowah.*** Vemos aqui qual é a castidade espiritual do povo de Deus, e qual é também a significação da palavra devassidão. Então, a castidade espiritual do povo de Deus é seguir o Senhor; e o que mais é esse seguir, senão aceitar que sejamos nós mesmos governados por sua palavra, e de bom grado obedecê-lo, estar pronto e preparado para qualquer obra à qual ele nos chame? Quando então o Senhor vai adiante de nós com sua instrução e nos mostra o caminho, e nos tornamos educáveis e obedientes, e olhamos para ele, e não nos desviamos, seja para a direita, seja para a esquerda, mas trazemos toda nossa vida à obediência de fé — isso é realmente seguir o Senhor; e é a mais bela definição da castidade espiritual do povo de Deus.

E também podemos, a partir do oposto disso, aprender o que é se tornar dissoluto; tornamo-nos assim quando nos apartamos da palavra do Senhor, quando damos ouvidos às falsas doutrinas, quando nos abandonamos às superstições; quando, em suma, nos transviamos após nossos próprios planos, e não mantemos nossos pensamentos sob a autoridade da palavra do Senhor. Mas, quanto à palavra devassidão, mais será dito no capítulo 2; contudo, apenas quis por ora tocar brevemente no que o Profeta quer dizer quando repreende os israelitas por terem todos se tornado devassos. Segue-se agora -

ORAÇÃO

Conceda, Todo-Poderoso Deus, que, visto teres uma vez adotado a nós, e continuares a confirmar esse teu favor por nos chamares incessantemente a ti mesmo, e que não só nos castigas severamente, mas também gentil e paternalmente nos convidas a ti mesmo, e nos exortas, ao mesmo tempo, ao arrependimento — ó, permitas que não fiquemos endurecidos de modo a resistir à tua bondade, nem que abusemos de tua incrível tolerância, mas que submetamo-nos a ti em obediência; para que, todas as vezes em que ocorra de tu nos castigar severamente, possamos suportar tuas correções com genuína submissão de fé, e não continuarmos indomáveis e obstinados até o fim, mas retornarmos a ti, a única fonte de vida e salvação, a fim de que, assim como começaste em nós uma boa obra, também a aperfeiçoe até o dia de nosso Senhor. Amém.

SEGUNDA DISSERTAÇÃO

Oséias 1.3,4

3. Assim ele foi, e tomou Gômer, a filha de Diblaim; a qual concebeu, e deu a ele um filho.
4. E o SENHOR lhe disse, Chame seu nome Jizreel; pois, ainda um pequeno *espaço de tempo*, e vingarei eu o sangue de Jizreel sobre a casa de Jeú, e farei com que cesse o reino da casa de Israel.

3. Et profectus est et accepit Gomer, filiam Diablaim: et concepit et peperit ei filium.
4. Et dixit Jehova ad eum, Voca nomen Jizreel, quia adhuc pauxillum, et visitabo sanguines Jizreel super domum Jehu, et cessare faciam (*hoc est*, abolebo) regnum domus Israel.

Dissemos nós, na Dissertação de ontem, que Deus ordenou a seu Profeta que tomasse uma mulher de prostituições, mas que tal não foi, em realidade, feito; pois que outro efeito podia ter tido isso, senão fazer com que ele se tornasse desprezível a todos? E, dessa maneira, sua autoridade teria sido reduzida a nada. Porém, Deus somente quis mostrar aos israelitas, mediante uma tal representação, que eles se jactavam sem razão; pois nada tinham que fosse digno de encômio, mas eram, de todos os modos, ignominiosos. É dito então: Oséias *foi e tomou* para si *Gômer, a filha de Diblaim*. גמר,, *Gômer*, em hebraico, quer dizer falhar; e algumas vezes significa, ativamente, consumir; e, por isso, *Gômer* tem o sentido de consumo. Contudo, *Diblaim* são pastas de figo, ou figos secos reduzidos a uma pasta. Os gregos as chamam παλαθας, ***palathas.*** Os cabalistas dizem aqui que a esposa de Oséias foi chamada por esse nome, porque aqueles que são muito dados à libertinagem finalmente caem em morte e corrupção. Assim, consumo é a filha de figos, pois por figos eles entendem a doçura das concupiscências. Mas ficará mais simples dizer que essa representação foi exibida ao povo, que o Profeta pôs diante deles, em vez de uma esposa, consumo, a filha de figos; ou seja, que colocou perante eles pastas de figos ou παλαθας, representando Gômer, que quer dizer consumo, e ele adotou uma maneira similar à dos matemáticos, quando descrevem suas figuras — "Se isso for tanto, então aquilo é tanto". Podemos então compreender a passagem, que o Profeta aqui dá, para nome de sua esposa, as pastas deterioradas de figos; de modo que ela era consumo ou putrefação, nascida de figos, reduzida em tais pastas. Pois ainda persisto eu na opinião que ontem expressei, que o Profeta não entrou em um lupanar para tomar uma esposa para si: pois, de outro modo, teria ele gerado bastardos, e não filhos legítimos; pois, como foi dito ontem, a situação da esposa e dos filhos era a mesma.

Entendemos agora, então, o verdadeiro sentido deste versículo, como sendo que o Profeta não se casou com uma prostituta, mas apenas exibiu-a perante os olhos do povo como se ela fosse a corrupção, nascida de pastas de figos putrefatas.

Segue agora que a mulher *concebeu* — a imaginária, a esposa tal como representada e mostrada. Ela *concebeu*, diz ele, *e deu à luz um filho: então disse Jeová a ele, Chame seu nome Jizreel.* Muitos vertem יזרעאל, ***Yzre'el*,** para dispersões, e seguem o parafraseador caldeu. Pensam também que esse termo ambíguo contém alguma alusão; pois, como זרע, ***zera*,** é semente, supõem que o Profeta, indiretamente, vislumbra a vã jactância do povo; pois eles a si mesmo se chamavam a semente eleita, por que haviam sido plantados pelo Senhor; por isso o nome Jizreel. Porém, o Profeta aqui, de acordo com tais intérpretes, expõe essa loucura para desprezo; como se dissesse: "Vós sois Israel; mas, em um outro aspecto, sois dispersão: pois, como a semente que é lançada em várias direções, assim o Senhor vos espalhará, e assim destruir-vos-á e lançar-vos-á fora. Pensais de vós mesmos haverdes sido plantados nesta terra, e terdes um lugar do qual nunca sereis abalados ou

arrancados; contudo, o Senhor, com sua própria mão, agarrar-vos-á para vos lançar às mais remotas regiões do mundo". Tal sentido é o que muitos intérpretes dão; nem nego eu que o Profeta faça referência às palavras semeando e semente; disso não discordo: apenas me parece que o Profeta olha mais para longe, e dá a entender que eles estavam inteiramente degenerados, e não eram a verdadeira nem a genuína linhagem de Abraão.

Há, como vimos, muita afinidade entre os nomes *Jizreel* e *Israel*. Quão venerável é o nome Israel fica evidente na sua etimologia; e também sabemos que foi dado de cima, para o santo patriarca Jacó. Deus, então, aquele que outorgou esse nome, proporcionou, por sua própria autoridade, que aqueles chamados israelitas fossem superiores aos outros: e, então, devemos lembrar o motivo pelo qual Jacó foi chamado Israel; pois ele teve uma luta com Deus, e prevaleceu na luta (Gn 32.28). Por isso, a posteridade de Abraão gloriava-se de ser israelita. E o profeta Isaías também vislumbra essa arrogância, quando diz, 'Vinde vós que sois chamados pelo nome de Israel' (Is 48.1); como se dissesse: "Sois israelitas, mas somente quanto ao título, pois a realidade não existe em vós".

Retornemos agora ao nosso Oséias. *Chame*, ele diz, *seu nome Jizreel*[8] ; como se dissesse, "Eles chamam a si próprios de israelitas; mas eu mostrarei, por uma pequena mudança na palavra, que são degenerados e bastardos, pois são jizreelitas em vez e israelitas". E parece que Jizreel se revezava como metrópole do reino no tempo de Acabe, onde também foi realizado aquele grande massacre por Jeú, o qual está relatado em 2.º Reis 10. Percebemos agora o que o Profeta quis dizer, que o reino inteiro degenerara-se desde seu primeiro começo, e não mais podia ser considerado como incluindo a raça de Abraão; pois o povo, por sua própria perfídia, decaíra de tal honra, e perdera seu primeiro nome. Deus, pois, por via do desprezo, chama-os jizreelitas, e não israelitas.

Segue-se depois uma razão que restringe tal opinião: *Pois, ainda um pequeno espaço de tempo, e vingarei eu o morticínio de Jezreel sobre a casa de Jeú*. Aqui, os intérpretes não mourejam pouco, pois que parece estranho que Deus visitasse a carnificina feita por Jeú, a qual, todavia, ele aprovara; ao contrário, Jeú nada fez irrefletidamente, porém, sabia que fora ordenado a executar aquela vingança. Foi, portanto, legítimo ministro de Deus; e por que é que o que Deus mandou agora imputa àquele como crime? Esse raciocínio leva alguns intérpretes a interpretar "sangues" aqui pelos ímpios feitos em geral: 'Vingarei os pecados de Jizreel sobre a casa de Jeú'. Alguns dizem: "Eu vingarei a matança de Nabote": mas isso é de todo absurdo, nem pode se ajustar ao lugar, pois "sobre a casa de Jeú" é evidentemente expressado; e Deus não visitou o massacre sobre a casa de Jeú, mas sobre a casa de Acabe. Porém, aqueles que ficam assim desconcertados não miram para o que o Profeta tem em vista. Pois Deus, quando quis Jeú e sua espada desembainhada para destruir toda a casa de Acabe, tinha por objetivo este fim — que Jeú restaurasse o culto puro, e limpasse a terra de todas as profanações. Jeú foi então incitado pelo Espírito, para que restabelecesse a pura adoração a Deus. Enquanto defensor da religião, como ele agiu? Ele ficou contente com sua presa. Após haver tomado o reino por si mesmo, ele confirmou a idolatria e toda abominação. Não despendeu, pois, seu labor por causa de Deus. Por isso, aquele massacre, no que diz respeito a Jeú, foi roubo; com respeito a Deus, foi uma justa vingança. Tal opinião deve nos satisfazer quanto à explicação dessa passagem; e não trarei nada senão o que a Sagrada Escritura contém. Pois, após Jeú parecer que ardia de zelo por Deus, logo provou que nada havia de sincero

[8] A explicação desta palavra por *Horsley* de forma alguma corresponde ao contexto, ou com a razão posteriormente atribuída a ela. Ele interpreta "a semente de Deus", como significando os servos de Deus, de acordo com a suposta etimologia da palavra; mas o primogênito de Oséias foi chamado de Jizreel, como expressamente declarado devido ao que aconteceu na cidade, ou no vale de Jizreel. E dizer que, como a palavra é tomada em seu sentido etimológico no capítulo 2 versículo 22, também deve ser adotada aqui, não é razão válida. Quando uma palavra, como nesse caso, tem dois significados, é o contexto que deve ser nosso guia, e não o sentido dela em um outro capítulo (N. do E. inglês.)

em seu coração; pois ele abraçou todas as superstições que outrora prevaleciam no reino de Israel. Em suma, a reforma sob Jeú foi como aquela sob Henrique, Rei da Inglaterra; o qual, quando viu que de outro modo não poderia sacudir para fora o jugo do Anticristo romano, senão por algum disfarce, afetou grande zelo por um período: posteriormente, enfureceu-se cruelmente contra todos os santos, e sua tirania foi duas vezes maior (*duplicavit* — duplicada) que a do Pontífice de Roma: e tal foi Jeú.

Quando reconsideramos devidamente o que Henrique fez, foi, verdadeiramente, um heroísmo valoroso libertar seu reino da mais dura das tiranias: todavia, no tocante a Henrique, foi ele, com certeza, pior do que todos os outros vassalos do Anticristo romano; pois os que continuam sob tal servidão, pelo menos retém alguma espécie de religião; mas ele não foi restringido por afronta alguma de homens, e provou-se totalmente vazio de qualquer temor para com Deus. Foi um monstro (*homo belluinus* — um homem bestial), e tal também foi Jeú.

Ora, quando o Profeta diz: *Vingarei eu os massacres de Jizreel* sobre a casa de Jeú, não é de se maravilhar. Como assim? Pois era a maior honra para ele, que Deus o ungisse rei, para que ele, que era de uma família humilde, fosse escolhido rei pelo Senhor. A ele então convinha ter se esforçado ao máximo para restaurar o puro culto a Deus e destruir todas as superstições. Isso ele não fez; ao contrário, confirmou-as. Ele foi, pois, um ladrão e, quanto a si, de modo algum ministro de Deus.

O sentido do todo, então, é este: "Vós não sois israelitas (há aqui somente uma ambigüidade quanto à pronúncia de uma letra), mas jizreelitas", o que significa: "Vós não sois descendentes de Jacó, mas jizreelitas"; ou seja: "Vós sois um povo degenerado, e em nada diferem do rei Acabe. Ele foi amaldiçoado, e sob ele o reino se tornou maldito. Estais vós mudados? Há alguma reforma? Visto, pois, serdes obstinados em vossa maldade, embora orgulhosamente reivindicais o nome de Jacó, todavia, sois indignos de uma tal honra. Por conseguinte, chamo-vos jizreelitas".

E acrescenta-se a razão: *Pois, ainda um pequeno espaço de tempo, e visitarei eu o sangue de Jezreel sobre a casa de Jeú*. Deus agora mostra que o povo estava destituído de toda glória. Mas pensavam que a memória de todos os pecados houvesse sido enterrada, visto o tempo em que a casa de Acabe havia sido cortada. "Por quê? Eu vingarei aqueles morticínios", diz o Senhor. É costume dos hipócritas, sabemos, após haverem punido um pecado, pensar que todas as coisas lhes são lícitas, e desejar, assim, ficar absolvidos perante Deus. Um ladrão punirá um assassino, mas ele mesmo cometerá muitos assassínios. Acha-se redimido, porque pagou a Deus o preço ao punir um homem; mas ele deixa a outros, que tenham sido seus cúmplices, ir, e não hesita ele próprio de cometer muitos assassinatos injustos. Visto, pois, que os hipócritas assim zombem de Deus, o Profeta agora abala tal insensatez, e diz: *vingarei tais massacres*. "Pensais que foi um feito digno de louvor de Jeú, destruir e desarraigar a casa de Acabe? Eu realmente ordenei que isso fosse feito, mas ele deu à vingança a ele imposta uma outra finalidade". Como assim? Porque se tornou um ladrão; pois não puniu os pecados de Acabe, porque fez o mesmo até o fim de sua vida, e continuou a fazer o mesmo em sua posteridade, pois Jeroboão foi o quarto descendente dele no reino. "Visto, então, que Jeú não alterou a condição do país, e tendes vós sido sempre obstinados em sua iniqüidade, vingarei tais carnificinas".

Esta é uma passagem notável; pois mostra que não é suficiente, mais que isso, em momento algum um homem deve se conduzir com honra perante os outros homens se não possuir também um coração reto e sincero. Aquele, pois, que pune os maus feitos alheios, deve-se abster deles, e usar da mesma justiça para consigo tal como o faz com outros; pois quem toma para si mesmo liberdade para pecar e, contudo, pune a outros, provoca contra si mesmo a ira de Deus.

Vemos então o verdadeiro sentido desta frase, *Eu vingarei os massacres de Jizreel*, como sendo este, que ele vingaria as carnificinas feitas no vale de Jizreel sobre a casa de Jeú. É adicionado *e abolirei o reino da casa de Israel*. A casa de Israel que ele chama é aquela que se tinha separado da família de Davi, como se dissesse: "Esta é uma casa apartada". Deus de fato reunira todo o povo junto, e ele se tornou um corpo. Foi rasgado em pedaços debaixo de Jeroboão. Esse foi o terrível julgamento de Deus; pois era o mesmo que o povo tivesse sido, como um corpo dilacerado, cortado em duas partes. Deus, entretanto, havia até agora preservado aquelas duas partes, como se eles fossem apenas um corpo, e tornar-se-ia o Redentor de ambos os povos, não houvesse se seguido uma vil deserção. E os israelitas, havendo se tornado, por assim dizer, putrefatos, de modo a não serem agora parte de seu povo eleito, são com justiça chamados pelo Profeta, por meio de desprezo e censura, a casa de Israel. Segue-se agora —

Oséias 1.5

5. E sucederá, naquele dia, que quebrarei o arco de Israel no vale de Jizreel.	**5.** Et erit in die illa et conteram arcum (*vel*— confringum) Israel in valle Jizreel.

Este versículo foi intencionalmente acrescentado; pois os israelitas estavam tão inchados com sua presente boa sorte que riam do julgamento anunciado. Sabiam, deveras, que estavam bem providos de armas, homens e dinheiro; em resumo, julgavam-se, de todos os modos, impossíveis de serem atacados. Por essa razão, o Profeta declara que tudo isso não impediria a Deus de puni-los. "Vós estais", diz ele, "inchados de orgulho; vós pondes vossa valentia contra Deus, pensando serdes fortes em armas e em poder; e, porque sois homens guerreiros, pensais que Deus nada pode fazer; e, todavia, vossos arcos não podem impedir sua mão de vos destruir". Porém, quando ele diz: *Eu quebrarei o arco*, designa uma parte pelo todo; pois, sob uma espécie, ele abrange todos os tipos de armas. Mas, quanto ao que o Profeta tinha em vista, vemos que seu único objetivo era derrubar a falsa confiança deles; pois os israelitas pensavam que não seriam expostos à destruição que Oséias predissera; pois estavam deslumbrados com o próprio poder, e achavam-se fora do alcance de qualquer perigo enquanto estivessem tão bem fortificados de todos os lados. Por isso, o Profeta diz que todas as suas fortalezas nada seriam contra Deus; pois *naquele dia*, quando a época oportuna à vingança chegasse, o Senhor quebraria todos os seus arcos, faria em pedaços todas as suas armas, e reduziria a nada o poder deles.

Aqui, somos alertados para tomar cuidado sempre, para que nada nos leve a um estado torpe quando Deus nos ameaça. Embora devamos ter força, embora a fortuna (por assim dizer) possa nos fazer sorrir, embora, em uma palavra, o mundo inteiro se combine para garantir nossa segurança, contudo, não há razão alguma pela qual devamos felicitar a nós mesmos quando Deus se declara contrário a nós e irado conosco. Por que assim? Porque, assim como ele nos pode preservar desarmados sempre que lhe apraza, também ele pode nos despojar de todas as nossas armas, e reduzir nosso poder a coisa nenhuma. Que esse versículo, então, venha às nossas mentes toda vez que Deus nos aterrorizar com sua ameaça; e o que se nos ensina é que ele pode remover todas as defesas em que debalde confiamos.

Ora, como Jizreel era a metrópole do reino, o Profeta evidentemente faz menção do lugar: *Eu quebrarei em pedaços o arco de Israel no vale de Jizreel*; isto é, o Senhor vê que espécie de fortaleza há em Samaria, em Jizreel; mas ele dará um fim a vós ali, bem no meio da terra. Pensais que tendes um lugar de segurança e uma posição firme; mas o Senhor trar-vos-á a nada, precisamente no vale de Jezreel. Continua —

Oséias 1.6

6. E ela concebeu outra vez, e deu à luz uma filha. E *Deus* lhe disse — Chame o seu nome Lo-Ruama: pois não mais terei misericórdia sobre a casa de Israel; mas totalmente os removerei.

6. Et concepit adhuc (concepit rursum) et peperit filiam: et dixit ei— Voca nomen ejus Loruchama— (*hoc est*— non adepta misericordiam— *vel*— non dilecta: *sic enim Graeci verterunt— et Paulus sequutus est illam receptam versionem capite— ad Rom.*) quia non adjiciam amplius ut misericordia persequar (*vel*— ut diligam) domum Israel— quia tollendo tollam eos.

O Profeta mostra, neste versículo, que as coisas estavam se tornando cada vez piores no reino de Israel, pois que eles pecavam sem quaisquer peias e corriam com ímpeto para os extremos da impiedade. Ele já lhes havia dito, ao denominá-los jizreelitas, que, desde o princípio, foram rejeitados e degenerados; como se dissesse: "Vossa origem nada tem de recomendável em si; julgais a si próprios como sendo mui eminentes, pois que vossa descendência provém do santo Jacó; porém, sois filhos bastardos, nascidos de uma meretriz: um lupanar não é a casa de Abraão, nem é a casa de Abraão um prostíbulo. Sois vós então a descendência da libertinagem". Mas ele agora vai mais longe e diz que, à medida que o tempo avançava, eles sempre estavam decaindo para um estado pior; pois esta palavra, Lo-Ruama, é um nome mais desgraçado que Jizreel: e o Senhor ainda anuncia aqui, mais abertamente, sua vingança, ao dizer, *Eu não mais continuarei tendo misericórdia para com a casa de Israel.* רחם, ***racham,*** significa compadecer, e também amar: mas esse segundo sentido é derivado do outro; pois רחם, ***racham*** não é simplesmente amar, mas mostrar favor gracioso. Ao chamar a filha, então, Lo-ruama, Deus sugere que sua mercê foi agora retirada do povo. Sabemos, de fato, que o povo fora eleito gratuitamente; pois, se se inquirir a causa da adoção, deve ser dito ter sido pela mera graça e bondade divinas. Deus agora, então, ao repudiar o povo, diz: "Vós sois como uma filha a quem o pai lança fora e repudia, por julgá-la indigna de seu favor". Compreendemos agora, pois, o desígnio do Profeta; pois, após haver mostrado os israelitas como tendo início espúrio, e não como os verdadeiros filhos de Abraão, acrescenta agora que, no curso do tempo, tornaram-se eles tão corruptos que Deus, agora, expressamente os renegaria, e não mais os consideraria como sua casa. Ele, por conseguinte, acusa-os de algo ainda mais grave do que antes, dizendo: 'Chame sua filha de Lo-Ruama'; pois ela nasceu depois de Jizreel. Ele aqui descreve, gradativamente, o estado do povo, que se degenerava continuamente. Ainda que fosse no princípio depravado, era ele agora, após o decorrer de algum tempo, de todo indigno do favor de Deus.

Não mais, diz ele, *continuarei a favorecer a casa de Israel*. Deus aqui mostra a tolerância constante que exercera para com esse povo. *Não mais*, ele diz; como se o Senhor houvesse dito: "Eu não sairei impetuosamente ao primeiro calor da ira para tomar vingança de vós, como homens irascíveis estão acostumados a fazer, os quais apanham a espada assim que se dá alguma afronta; não ficarei tão subitamente ardendo de ira. Portanto, até aqui vos tenho suportado; mas agora a vossa obstinação está intolerável; não tolerarei a vós por mais tempo algum". O Profeta, como vemos, dá a entender, evidentemente, que os israelitas por muito tempo abusaram da compaixão do Senhor, enquanto ele os poupava, de modo que, agora, o tempo sazonado da vingança chegara; pois o Senhor, por muitos anos, mostrara seu favor a eles, embora nunca cessassem, em tempo algum, de buscar destruição para si mesmos. Por isso aprendemos, como declarado ontem, que a veemência do Profeta não era precipitada: pois Deus antes dera avisos, mais do que suficientes, aos israelitas; ele também lhes perdoara muitos pecados; suportara-lhes até que o estado de coisas provasse serem todos juntamente irremediáveis. Visto, então, que a paciência divina efeito nenhum produziu neles,

era necessário partir para este último remédio — que o Senhor, por assim dizer, com uma espada desembainhada, aparecesse como juiz para tomar vingança.

Em seguida, ele diz: כי נשׂוא אשׂא להם, ***ki neshua asha lehem.*** Tal frase é variadamente explicada. Pensam alguns que o verbo é derivado da raiz נשׁה, ***nesche,*** com um ה, *hê* final; o que significa "esquecer", como se fosse dito: "Por esquecer, eu esquecê-los-ei"; e o sentido não é inapropriado. O parafraseador caldeu afasta-se inteiramente desse sentido, pois verte a oração como "Por poupar, eu poupa-los-ei". Não há razão alguma para tal; pois Deus, como o contexto claramente demonstra, ainda não promete perdoá-los; essa acepção, então, não pode se sustentar. Chegam mais perto da intenção do Profeta aqueles que assim traduzem, "eu trarei a eles", ou seja, o inimigo; pois נשׂא, ***nesha,*** quer dizer tomar, e também trazer para o meio. Contudo, prefiro abraçar a opinião dos que consideram que להם, ***lahem,*** é aqui colocada no lugar de אותם, ***autem;*** pois a letra servil ל, *lâmede*, amiúde tem o mesmo sentido com a partícula את, ***at,*** que é prefixada para um caso objetivo. A tradução, então, é, literalmente: "Pois, por remover, eu os removerei": e os hebreus freqüentemente usam esse modo de falar, e o sentido fica mais claro: "Por remover, eu os removerei". Alguns vertem a passagem, "eu queima-los-ei"; mas tal explicação é algo severa. Fico satisfeito com o significado, remover, mas entendo-o no sentido de remover para longe. Fica, pois: "Por remover, eu removê-los-ei"[9].

E isso é o que o versículo seguinte confirma; pois, quando o Profeta fala da casa de Judá, o Senhor diz: "Com misericórdia acompanharei eu a casa de Judá, e salva-los-ei". O Profeta põe "salvar" e "remover" em oposição um ao outro.

Nós podemos, então, descobrir, pelo contexto, o que ele quis dizer por essas palavras, e é que, aquele Israel se mantivera até então mediante a misericórdia do Senhor; como se dissesse: "Como aconteceu de vós continuardes ainda vivos? Achais vós mesmos estardes seguros mediante sua própria bravura? Não, antes minha misericórdia é que vos tendes preservado até agora. Ora, pois, quando retirar eu de vós a minha mercê, vossa ruína será inevitável; necessariamente perecereis, e sereis reduzidos a coisa nenhuma: pois, como até aqui vos tenho preservado, assim também expressamente arrancar-vos-ei para fora e vos destruirei". Uma proveitosa lição pode ser ainda tirada dessa passagem, e é que aqueles hipócritas enganavam a si próprios quando se vangloriavam do presente favor de Deus, e, simultaneamente, exultavam, sem qualquer receio dele; pois, tal como Deus, por um tempo, poupa e tolera a eles, também pode ele, com justiça, destruí-los e os reduzir a nada. Mas o próximo versículo também precisa ser anexado.

---

[9] Ainda que Newcome e outros concordem com Calvino neste sentido, todavia, ainda creio que a verdadeira tradução é aquela que é solidamente dada na margem de nossa versão. O verbo aqui usado, quando seguido por ל, não tem o sentido de remover para longe, mas de perdoar, esquecer, e a partícula כי é, algumas vezes, vertida, que, de modo que, *ut.* Então, as duas linhas podem ser assim traduzidas: —

"Não mais mostrarei misericórdia à casa de Israel,
Para que, por perdoar, eu os perdoe."

A principal intenção da passagem ainda é a mesma que a que é atribuída a ela por Calvino. A versão do Bispo *Horsley* é a favor do que ofereci: ele verte a última linha assim: —

"De sorte a estar perpetuamente lhes perdoando".

(N. do E. inglês.)

Oséias 1.7

7. Mas eu terei misericórdia para com a casa de Judá, e salva-los-ei pelo SENHOR seu Deus, e não os salvarei por arco, nem por espada, nem por batalha, por cavalos ou por cavaleiros.	**7.** Et domum Jehudah misericordia prosequar, (*vel*, favore; *vel*, diligam: *diximus enim jam de hoc verbo*,) et servabo eos in Jehova Deo ipsorum, et non servabo eos in arcu, neque in gladio, neque in prelio, neque in equis, neque in equitibus

Este versículo prova adequadamente o que disse eu ontem, que o Profeta foi especificamente designado para o reino de Israel; pois parece aqui que ele fala dos judeus favoravelmente, os quais, todavia, sabemos, foram severa e merecidamente repreendidos por seus próprios mestres. Pois o que Isaías diz, após haver falado das pavorosas corrupções que então predominavam no reino de Israel? 'Vinde', ele diz, 'à casa de Judá, eles continuam de qualquer maneira como se fossem puros: ali', diz, 'todas as mesas estão cheias de vômito; estão bêbados; reina também ali o desprezo a Deus e toda impiedade' (Is 28.8). Nós vemos, então, que os judeus não eram um povo virtuoso, de quem o Profeta fala de maneira tão digna de honra. Pois, ainda que o culto exterior a Deus prosseguisse em Jerusalém, e o templo, pelo menos debaixo de Uzias e Jotão, estivesse livre de toda superstição, e também sob o rei Ezequias, todavia, a moral do povo, sabemos, era mui corrupta. Avareza e crueldade, bem como toda espécie de fraude, reinavam lá, e também concupiscências impuras. A conduta daquele povo, pois, em nada era melhor que a dos israelitas. Por que, então, o Profeta os dignifica com uma tão grande honra, a ponto de isentá-los da vingança divina? Porque ele estava de olho no povo a quem ele foi apontado como Profeta. Portanto, ele estabelece uma comparação. Ele não interfere nos judeus, pois conhecia que tinham esses pastores fiéis que exprobravam seus pecados; porém, ele continuou entre seus próprios ouvintes. Porém, tal comparação servia, de uma maneira especial, para tocar nos corações do povo de Israel; pois o Profeta, sabemos, fez essa referência particularmente para esta finalidade — condenar a adoração fictícia. Agora, ele põe o culto em Jerusalém em oposição a todas aquelas superstições que Jeroboão primeiro introduziu, as quais Acabe aumentou, e toda a posteridade dele as seguiu. Por isso ele diz, "eu mostrarei favor" à casa de Judá.

Para que melhor possamos entender a mente do Profeta, seria aconselhável repetir o que disse eu ontem: O reino de Judá estava então miseravelmente destruído, por completo. O de Israel possuía dez tribos, o de Judá, apenas uma e meia, e também foi diminuído por muitos massacres; sim, os israelitas haviam espoliado o templo do senhor, e tomaram todo o ouro e a prata que ali encontraram. Os judeus, então, foram reduzidos a um mui baixo estado, mal ousavam se queixar; mas os israelitas, como nosso Profeta depois nos contará, eram como bestas bem alimentadas. Visto, então, que eles desprezassem os judeus — que pareciam merecedores de escárnio aos olhos do mundo — o Profeta abate em sua vã confiança, e diz: *Com misericórdia atentarei eu à casa de Judá.* "A casa de Judá parece agora ser quase nada, pois são eles poucos em número, não são muito fortes, nem a riqueza abunda entre eles como entre vós; porém, com eles residirá minha mercê, e essa, removerei eu de vós".

Em seguida, vem: *E salva-los-ei por Jeová seu Deus*. A salvação, aqui, é posta em oposição à destruição que o Profeta mencionou no último versículo. Mas Oséias revela que a salvação não depende, absolutamente, de armas ou de quaisquer dos meios intervenientes[10], como dizem, deste mundo; mas tem ela seu fundamento somente no favor divino. *Eu os salvarei*, diz ele — por quê? *Porque minha mercê lhes mostrarei*. Tal conexão deve ser cuidadosamente notada. Onde existe a

[10] Mediis-media means (N. do E. inglês.)

mercê do Senhor, existe vida. 'Tu és nosso Deus, então nunca pereceremos', como está escrito no primeiro capítulo de Habacuque. Por isso, o Profeta aqui liga a salvação ao favor gracioso de Deus; pois não podemos continuar a salvos, senão enquanto o Senhor nos for propício. Por outro lado, ele declara que tudo isso sobreviria aos israelitas assim que Deus removesse deles sua mercê.

Mas ele diz, *Por Jeová, Deus deles*. Deve ser entendida aqui uma antítese, entre os falsos deuses e Jeová, que era o Deus da casa de Judá. É o mesmo que se o Profeta dissesse, "De fato, professais vós o nome de Deus, porém, cultuais ao diabo e não a Deus: pois nada tendes a ver com Jeová, com o Deus que é quem criou e fez o céu e a terra; pois ele habita em seu próprio templo; ele empenhou sua fé a Davi, quando o ordenou que construísse um templo no monte Sião; ele reside ali, entre os querubins, como os Profetas invariavelmente declaram: mas o verdadeiro Deus exilou-se de vós". Vemos, por isso, como ele condena aqui todo o culto ao qual os israelitas então davam um tão grande valor. Por que ele assim o fez? Por que esse não era aceitável a Deus.

E a presente passagem merece ser observada, pois vemos quão estúpidos são os homens nesse aspecto. Quando, uma vez persuadidos a adorar a Deus, são tomados por alguma sedução de Satanás, de modo a ficarem deleitados com todas as suas próprias imbecilidades, como vemos ser o caso no dia de hoje com os papistas, os quais não apenas são insanos, mas duplamente insanos. Se alguém os repreende e diz que eles não cultuam ao verdadeiro Deus, ficam instantaneamente irritados — "O quê? Deus não aceita nosso culto?" Porém, o Profeta aqui indica, com uma palavra, que Jeová não está em qualquer lugar, a não ser onde seja corretamente adorado, de acordo com a regra de sua palavra. *Eu os salvarei*, ele diz — Como? *Por Jeová seu Deus*; e Deus mesmo fala. Ele podia ter dito: "Eu os salvarei por mim mesmo"; mas não foi sem razão que usou esse modo tortuoso de falar; era para mostrar aos israelitas que eles não tinham motivo algum para achar que Deus ser-lhes-ia propício. Como assim? Porque Deus elegera para si próprio uma habitação sobre o monte Sião, em Jerusalém. Uma declaração mais completa vem a seguir: *Não* os salvarei *por arco, nem por espada, nem por batalha, por cavalos ou por cavaleiros*. Mas essa oração, com a mercê de Deus, explicarei amanhã.

ORAÇÃO

Conceda, Todo-poderoso Deus, que, visto como estávamos desde nosso início perdidos, quando a ti agradaste estender a nós tua mão e nos restaurar à salvação por amor de teu Filho; e que, visto como continuamos diariamente a correr precipitadamente para nossa própria ruína — Ó, permita que, por pecar com tanta freqüência, provoquemos assim, afinal, teu descontentamento, de modo a fazer com que tu retires de nós a misericórdia que até aqui tens exercido para conosco, e através da qual nos tens adotado: porém, por teu Espírito, destrua a maldade de nosso coração, e nos restaure a uma mente sã, para que nos apeguemos sempre a ti com um coração verdadeiro e sincero e, sendo fortificados por tua defesa, continuemos a salvo mesmo entre todas as espécies de perigo, até que, finalmente, nos recolhas tu àquele bendito repouso que foi preparado para nós no céu por nosso Senhor Jesus Cristo. Amém.

TERCEIRA DISSERTAÇÃO

Temos que primeiro explicar esta oração, *Eu salvarei a casa de Judá, não pelo arco, nem pela espada, pela guerra, pelos cavalos ou pelos cavaleiros.* O que o Profeta antes tratara ligeiramente é mais claramente expresso aqui, e é, que Deus não tinha necessidade alguma de auxílio estrangeiro, pois se contenta com seu próprio poder. Porém, Oséias continua com seu contraste; pois o povo de Israel, como possuísse muito poder carnal, pensava de si mesmo, como se diz, além do alcance de dardos: mas o reino de Judá estava exposto a todos os perigos, visto que não era poderoso em forças e armas. Tal desatino o Profeta expõe ao menosprezo, e diz que a segurança depende só de Deus, que os homens em vão confiam em seu próprio valor, e que não há razão alguma pela qual o necessitado e o destituído devam se desesperar pela própria segurança, visto que Deus apenas é abundantemente suficiente para preservar o fiel. O sentido, então, é que, embora a condição desamparada do reino de Judá fosse um objeto de desdém a todos, todavia, isso não seria obstáculo para que fosse preservado através do favor divino, ainda que ele não obtivesse ajuda alguma dos homens. E aprendamos aqui que não somos preservados pelo Senhor, de modo tal que nunca empregue ele quaisquer meios naturais; além do que, quando não dá a esses nenhum recurso, é ele, de maneira abundante, suficiente para garantir nossa segurança. Devemos então, desse modo, atribuí-la ao Senhor, de forma a não pensar que qualquer coisa venha a nós por meio de nós mesmos, de anjos ou de homens. Prossigamos então —

Oséias 1.8,9

8. Logo após haver desmamado Lo-Ruama, ela concebeu, e deu à luz um filho.

9. Então disse *Deus:* Dê-lhe o nome de Lo-Ami: pois vós não *sois* meu povo, e não serei eu vosso *Deus.*

8. Et ablactavit Lo-ruchama, et concepit et peperit filiam.

9. Et dixit, Voca nomen ejus, Non populus meus, (Lo-ammi:) quia vos non populus meus, et ego non ero vobis (*hoc est*, non ero vester.)

O *desmamar* de que o Profeta faz menção aqui é entendido por alguns de modo alegórico; como se houvesse ele dito que o povo seria, por um tempo, privado de profecias, e do sacerdócio, e de outros dons espirituais: mas isso é insípido. Aqui, o Profeta, disso não tenho nenhuma dúvida, apresenta a paciência de Deus para com aquele povo. O Senhor, então, antes que tivesse expressamente lançado fora os israelitas, esperava pacientemente pelo seu arrependimento, se é que, de fato, havia alguma esperança disso; porém, ao encontrá-los sempre do mesmo jeito, ele, então, finalmente prosseguiu ao último castigo. Por isso Oséias diz que a filha, que foi a segunda criança a nascer, foi desmamada; como se dissesse que o povo de Israel não fora de súbito lançado fora, pois Deus, com duradoura paciência, tinha-os agüentado e, desse modo, suspendido o julgamento mais pesado até que, ao ter descoberto que a maldade deles era incurável, ele, por fim, inicie o que se segue: *Chame* o terceiro filho de Lo-Ami.

Adiciona-se o porquê: *Pois vós não sois meu povo, e eu, daqui para frente, não serei mais vosso.* Isso, como eu disse, é a rejeição final a eles. Antes foram denominados jizreelitas, e depois, pelo nome da filha, Deus testificava que se retirava deles; porém, agora o terceiro nome é ainda mais grave, *Vós não sois meu povo*; pois aqui Deus abole, de certa maneira, a aliança que fez com os santos patriarcas, de modo que o povo cessaria de possuir qualquer preeminência sobre as outras nações. Assim, pois, os israelitas foram reduzidos a uma condição na qual em nada se diferiam dos gentios profanos; e, dessa forma, Deus os deserdava inteiramente. O Profeta, indubitavelmente, não foi bem recebido quando negou que fossem eles o povo de Deus, os quais, todavia, tinham

descendido de Abraão segundo a carne, sempre tinha sido assim reputado e continuava, orgulhosamente, a se jactar de sua eleição.

Mas descobrimos aqui que estão terrivelmente enganados aqueles que estão cegos para os seus próprios vícios, por Deus poupá-los e ser-lhes condescendente. Pois temos sempre que lembrar do que eu disse antes, que o reino de Israel era então opulento; e, contudo, o Profeta nega que aqueles que prosperavam em força, poder e riquezas fossem o povo de Deus. Não há, então, razão alguma para os hipócritas ficarem felizes consigo próprios na prosperidade; pelo contrário, devem levar em consideração o julgamento divino. Porém, embora esses, como vimos ser o caso, desatinadamente desprezem a Deus, não obstante, esta passagem nos lembra de, cuidadosamente, acautelarmo-nos para que não abusemos das presentes mercês divinas. Continua —

Oséias 1.10

10. Todavia, o número dos filhos de Israel será como a areia do mar, que não pode ser medida nem contada; e sucederá *que*, no lugar onde lhes foi dito, Vós não *sois* meu povo, *ali* lhes será dito: *Vós sois* os filhos do Deus vivo.

10. Et erit numerus filiorum Israel tanquam arena maris, quae non mensuratur et non numeratur, (non mensurabitur nec numeratur, *ad verbum sed significant haec verba actum continuum, et est indefinita etiam locutio*;) et erit in loco ubi dicetur, (*hoc est*, ubi dictum fuerit eis,) Non populus meus vos; et dicetur (*hoc est*, illic dicetur) Filii Dei vivi.

Segue-se agora a consolação, todavia, não desunida do restante. Aqui, Deus parece enfrentar as prontas objeções que, sabemos nós, tinham os hipócritas toda vez que os Profetas anunciavam destruição sobre esses; pois acusavam Deus de ser infiel se não os salvasse. Arrogando-se para si próprios o título de Igreja, concluíam que lhes seria impossível perecer, pois Deus não seria falso em suas promessas. "Pois quê! Deus promete que sua Igreja será para sempre: nós somos sua Igreja; então estamos salvos, pois Deus não pode negar a si mesmo". No que eles tinham por certo, estavam enganados; pois, embora usurpassem o título de Igreja, não estavam, ainda, alienados de Deus. Vemos que os papistas incham-se de tal orgulho no tempo corrente. Para desculpar todos os seus erros, eles erguem contra nós este escudo: "Cristo prometeu estar com os seus até o fim do mundo. Pode o esposo abandonar sua Igreja? Pode o Filho de Deus, que é a Verdade eterna do Pai, falhar em sua fidelidade?" Os papistas, com magnificência, exaltam a fidelidade de Cristo, para que possam obrigá-lo para com eles: porém, ao mesmo tempo, não se consideram transgressores da aliança; não se consideram os inimigos manifestos de Deus; não consideram que se separaram dele.

O Profeta, portanto, vendo que tinha de se haver com homens orgulhosos, que estavam habituados a apontar erros na justiça divina, diz: *O número dos filhos de Israel será como a areia do mar*; ou seja: "Quando o Senhor vos cortar, ainda ficará intacta esta promessa dada a Abraão: 'Olhe as estrelas do céu, contes, se não puderes, a areia do mar; tal será tua semente'" (Gn 22.5). Sabemos, de fato, que, sempre que os Profetas exprobravam com severidade o povo e anunciavam a destruição, eram sempre objetados com isto: "Quê! como pode o Senhor vir a nos destruir? O que seria então desta promessa, tua semente será como as estrelas do céu e como a areia do mar?" Por isso, o Profeta aqui diminui essa vã-confiança, na qual os hipócritas se apoiavam contra toda ameaça: "Ainda que Deus possa vos cortar, todavia continuará verdadeiro e fiel à promessa, de que a semente de Abraão será inumerável como a semente do mar".

Eu admito, de fato, que o Profeta deu aqui esperança de salvação ao fiel; pois é certo que havia algum remanescente no reino de Israel. Embora o grêmio inteiro houvesse se revoltado, Deus,

contudo, como foi dito a Elias, preservara para si alguma semente. O Profeta, então, não queria deixar o fiel que restava entre aquele povo perdido sem esperança de salvação; porém, ao mesmo tempo, considerara os hipócritas, como já afirmamos. Vemos nós agora o intento do Profeta, pois ensina que haveria uma vingança tal como a de que ele falara, ainda que Deus não estivesse, contudo, esquecido de sua palavra; ele ensina que haveria uma rejeição tal do povo, embora a eleição divina ainda permanecesse firme e inalterável; em suma, ensina ele que a adoção pela qual Deus escolhera a linhagem de Abraão como seu povo não ficaria nula. Esse é o teor do todo. Então, o número dos filhos de Israel será como a areia do mar, que não dá para ser medida nem contada.

Ele, em seguida, adiciona: *E será, no lugar onde lhes foi dito*, (literalmente, *será dito*), *Vós não sois meu povo, ali será dito: Vós sois os filhos do Deus vivo*. Pergunta-se se essa profecia pertence à posteridade daqueles que foram dispersos. Isso, realmente, seria estranho; pois um tempo tão longo passou desde o exílio deles e, desalentados e quebrantados, eles habitam, no presente, em montanhas e outros lugares desertos; muito deles, pelo menos, estão nas montanhas da Armênia, alguns, na Média e na Caldéia; em resumo, por todo o Oriente. E, visto que não houve restauração alguma desse povo, é certo que tal profecia não deve ser restrita à semente segundo a carne. Pois houve um tempo prescrito para os judeus quando o Senhor propôs-se a restaurá-los a seu país; e, no fim dos setenta anos, um livre retorno lhes foi concedido por Ciro. Então, Oséias não fala aqui do reino de Israel, mas da Igreja, que era para ser restaurada por um retorno, composto tanto de judeus quanto de gentios. Assim Paulo, um intérprete idôneo dessa passagem, nos lembra: 'A quem ele chamou, não somente dos judeus, mas também dos gentios; como diz por Oséias: Chamarei um povo, que não era meu, de meu povo; e sua amada, a que não era amada: e será que, onde lhes foi dito, Vós não sois meu povo; ali serão chamados os filhos do Deus vivo' (Rm 9.24 etc.) Paulo aplica essa passagem, e isso corretamente, ao grêmio inteiro dos fiéis, juntados sem qualquer diferenciação, tanto dos judeus quanto dos gentios: pois, de outra forma, como dissemos, a correção e a verdade da profecia não ficaria patente: e tal opinião também concorda melhor com a intenção do Profeta, a qual acabei de explicar. Pois, visto que os hipócritas, de uma certa maneira, ligam-se ao poder de Deus, o Profeta diz que Deus pode, se preferir, levantar, em um instante, uma nova Igreja, que excederia em número a areia do mar. Como assim? Deus criará uma Igreja para si mesmo. Do quê? Das pedras, do nada; pois, como Paulo diz em outro lugar, 'ele chama aquelas coisas que não são, como se fossem' (Rm 4.17). Ao mesmo tempo, Deus, como foi dito, por sua bondade contendia com a maldade daquele povo; pois, embora rejeitasse esse a mercê, sim, e obstinadamente lançavam-no para fora de si, todavia, tal perversidade não impedia a Deus de preservar um remanescente para si.

Ora, essa passagem ensina que são mui pervertidos em suas crenças aqueles que, por seus próprios sentimentos, formam um julgamento do estado da Igreja e acusam a Deus de ser infiel quando a aparência externa daquela não corresponde com a opinião deles. Assim pensam os papistas; pois, a não ser que vejam o esplendor de grande pompa, concluem eles que não resta Igreja alguma no mundo. Mas Deus, em uma época, diminui tanto a Igreja, que ela aparenta estar quase reduzida a nada; em outra, ele a aumenta e multiplica além de toda esperança, após havê-la erguido, por assim dizer, da morte. Diz Isaías no capítulo dez, verso 22 do seu livro: '[Embora] o número dos filhos de Israel seja como a areia do mar, só um remanescente será salvo'. Ali, o Profeta intencionalmente expõe ao desdém os hipócritas, que falsamente alegavam aquela profecia: 'Atente às estrelas do céu, e à areia do mar, se tu podes numerá-las; assim será a tua semente'. Já que, então, Isaías via que os hipócritas, confiando em tal profecia, estavam se insurgindo tão perversamente contra si, disse: "Que seja assim, que seja assim, que sejais vós como as estrelas do céu, e como a areia do mar; todavia, será salvo apenas um resto"; o que significa: "O Senhor finalmente vos abaterá, e reduzir-vos-á a um número tão pequeno, que vós sereis poucos em extremo". Ora, por outro lado, Oséias diz que, depois que os israelitas fossem reduzidos a um

número pequeníssimo, que nada senão ermo e solidão aparecesse, então o Senhor restauraria a Igreja além de todos os pensamentos humanos e provaria que não prometera em vão a Abraão que a semente desse seria como a areia do mar. Visto, pois, que o Senhor maravilhosamente defende sua Igreja e a preserve neste mundo, de modo que, em uma época, pareça enterrá-la e, posteriormente, erguê-la da morte; em outra, abate-a quanto à aparência exterior e, depois a renove; devemos tomar cuidado para que não avaliemos de acordo com nosso próprio julgamento e nossa razão carnal o que o Senhor declara a respeito da preservação da sua Igreja. Pois a segurança dela é amiúde ocultada dos olhos dos homens. Seja em que caso for, Deus não se prende aqui aos meios humanos, nem à ordem da natureza, mas sua intenção é exceder, por seu incrível poder, qualquer coisa que as mentes dos homens possam conceber.

Deste modo, então, deve ser interpretada esta passagem, *o número dos filhos de Israel será como a areia do mar*: Deus reunirá sua Igreja de todos os lugares, tanto dos gentios quanto dos judeus, quando o mundo inteiro imaginar que ela esteja extinta.

E será que, no lugar onde lhes foi dito, Vós não sois meu povo, ali lhes será dito: Vós sois os filhos do Deus vivo. O Profeta, nessas palavras, amplia, por meio de uma comparação, a graça divina; como se dissesse: "Quando Deus restaurar novamente sua Igreja, seu estado será mais excelente do que antes". Como assim? "Eles não serão apenas", diz ele, "o povo de Deus, mas também os filhos do Deus vivo"; o que quer dizer que Deus, com mais familiaridade, mostrará a si mesmo como um Pai àqueles a quem, dessa maneira súbita, reunirá para dentro de um corpo. De fato, admito que os antigos, debaixo da lei, fossem honrado com tal título; mas devemos prestar atenção à presente passagem; pois o Profeta contrasta as duas orações, uma com a outra: *E será que, no lugar onde lhes foi dito, Vós não sois meu povo, ali lhes será dito: Vós sois os filhos do Deus vivo*. Ele podia ter dito: "E será no lugar onde fora dito: Vós não sois meu povo; será dito: Vós não sois meu povo": mas ele sobe mais alto; Deus conferirá mais honra a seu novo povo, pois manifestará mais claramente seu favor a eles por esse título de adoção: e ele pertence a todos em comum, aos gentios tanto quanto aos israelitas. Não devemos aplicar isso, como é comumente feito, exclusivamente aos gentios: pois Oséias não fala aqui somente da Igreja que Deus obteve para si dos gentios, mas de todo o Israel de Deus, uma parte do qual é a semente de Abraão. Saibamos, então, que Deus aqui oferece sua graça universalmente, aos israelitas e também aos gentios, e testifica que, após haver justamente lançado fora seu povo, ele faria todos saberem que não se descuidara de seu pacto, pois conseguiria para si uma Igreja muito maior — de quem? Dos filhos de Abraão, como foi dito, e também dos estrangeiros.

E há um importante sentido no verbo, 'Será dito': *Será, onde foi dito: Vós não sois meu povo, será dito* — o Profeta quis dizer que nossa salvação não surge antes de o Senhor ter principiado a nos testificar de sua benevolência. Por isso, o início de nossa salvação é o chamado de Deus, quando ele se declara ser propício a nós: sem sua palavra, esperança nenhuma brilha sobre nós. Oséias podia ter dito: 'Será no lugar onde fora dito: Vós não sois meu povo, lá eles começarão a ser os filhos de Deus': mas ele declara mais: 'Será onde fora dito: Vós não sois meu povo, ali será dito: Vós sois os filhos do Deus vivo'.

Quanto à primeira oração, ela deve se referir à ameaça que já fora explicada; e desse modo foi também confrontada a contumácia do povo, que, imprudentemente, desprezava a todos os Profetas. "Quê! Deus se ligou a nós: somos a raça de Abraão; então, somos uma nação santa e eleita". Porém, o Profeta aqui reivindica para si autoridade como mestre: "Eu sou um arauto da vingança de Deus, e vos proclamo seriamente a vossa rejeição: não há, então, razão alguma pela qual vós ora endureçais vossos corações e cerrais vossos ouvidos; pois agora, finalmente, seguir-se-á a execução daquela vingança que ora declaro a vós". O Profeta declara aqui, então, que ele não

proferiu temerariamente o que antes comentou, que não era um bicho-papão impotente, mas que falara no nome do Senhor; como Paulo também diz: 'A vingança está preparada por nós contra todos aqueles que se exaltam contra Cristo' (2 Co 10.6). E vemos também o que foi dito a Ezequiel: 'Vá, e sitie Jerusalém; vire tua face, e fique ali até tu assaltá-la, até tu derrubá-la'. O Profeta, com certeza, não estava provido de um exército, de modo a poder realizar um ataque sobre Jerusalém: mas Deus quer dizer ali que há poder bastante em sua palavra para destruir a todos os ímpios. Desse modo, também Oséias quer dizer a mesma coisa aqui: "Quando, pela palavra apenas, os israelitas forem lançados fora, será dito: Vós sois os filhos do Deus vivo". Saibamos, então, que Deus vem sobre nós com infalível salvação quando o ouvimos falando conosco. Continua —

Oséias 1.11

11. Então os filhos de Judá e os filhos de Israel serão juntamente reunidos, e nomearão para si uma cabeça, e subirão da terra; pois grande *será* o dia de Jizreel.

11. Et congregabuntur filii Jehudah et filii Israel simul— et ponent sibi caput unum— et ascendent e terra; quia magnus dies Jizreel.

O Profeta fala aqui, especialmente, dos filhos de Abraão; pois, apesar de Deus não os ter em maior importância que as outras nações, esse, todavia, desejava que isso fosse imputado ao seu pacto, para que, em honra, eles excedessem aos outros; e o direito de primogenitura, sabemos, em todo lugar lhes é dado. Então, como os filhos de Abraão foram os primeiros gerados na Igreja, precisamente após a vinda de Cristo, Deus, aqui, dirige-se a eles em especial: *Subirão juntos da terra os filhos de Israel e os filhos de Judá, e se ajuntarão, e designarão para si uma cabeça*. No último versículo, Oséias falou da assembléia universal da Igreja; porém, agora ele limita seu discurso à raça natural de Abraão. Por quê? Porque Deus iniciou uma restauração naquele povo quando estendeu a mão aos miseráveis exilados para trazê-los de volta do cativeiro babilônico ao seu próprio país. Visto, então, que esse foi o princípio da assembléia, o Profeta, não sem razão, volta aqui sua mensagem para eles e, assim, põe-nos em mais elevada honra, não que fossem dignos, não que pudessem, por qualquer mérito, pretender essa dignidade; mas porque Deus não tornaria vão o seu concerto, e porque ele os elegera para que fossem o primogênito, como já foi afirmado, e como eles são chamados em outro lugar: 'Meu primogênito é Efraim' (Jr 31.9). Entendemos agora, então, a ordem e a disposição do Profeta, as quais são para ser cuidadosamente observadas, e mais ainda, porque os intérpretes confundem todas essas coisas, e não fazem nenhuma distinção, embora o Profeta aqui não tenha misturado juntos os filhos de Israel e os filhos de Judá com os gentios, senão para certo propósito.

Ponderemos agora as palavras do Profeta. *Juntamente reunidos*, diz, *serão os filhos de Israel e os filhos de Judá*. Não há dúvida de que o Profeta tinha em vista a dispersão, que ora durara mais de duzentos anos, quando Jeroboão levara embora as dez tribos. Visto como o corpo se tornou então dilacerado, o Profeta diz: *Juntamente serão reunidos os filhos de Judá e os filhos de Israel*. E ele, intencionalmente, fala desse modo, para que os israelitas não se felicitassem com seu próprio poder; visto que eram eles um corpo mutilado, sem uma cabeça; pois o rei de Israel, propriamente falando, não era legítimo. O Senhor, de fato, ungira Jeroboão; e Jeú, posteriormente, admito, fora ungido; mas isso foi feito por causa da execução do julgamento. Pois, quando o Senhor tencionou realmente abençoar o povo, elegeu Davi para governar a esse; e, depois, ele incumbiu à posteridade de Davi governar sobre os filhos de Abraão. Logo, não havia nenhuma cabeça legítima sobre o povo de Israel. E o Profeta teve a intenção, nitidamente, de expressar isso, ao dizer: *Reunidos juntamente serão os filhos de Judá e os filhos de Israel*; o que significa isto: "Estais seguros por ora, porque a fortuna sorri sobre vós; porque estais transbordando de dinheiro e de todas as boas coisas; porque sois terríveis para os vossos vizinhos; porque tendes cidades bem fortificadas; mas vossa segurança

depende de uma outra coisa, precisamente esta — que sejais um corpo só, sob uma cabeça. Pois deveis ficar na miséria se Deus não reinar sobre vós; e o único caminho no qual isso pode se dar é que estejais debaixo do governo de Davi. Vossa separação, então, prova que vosso estado é maldito; vossa felicidade terrena, na qual congratulais a vós próprios, é infelicidade diante de Deus". O Profeta, pois, fazia o povo de Israel lembrar que Deus, afinal, trataria com eles amavelmente, restaurando-os à sua primeira unidade. O significado do todo, então, é que os filhos de Abraão seriam então, finalmente, abençoados, quando se unissem eles outra vez em um único corpo, e quando uma cabeça reinasse sobre eles. Eles, então, *serão reunidos juntamente, e designarão uma cabeça*. O Profeta mostra aqui, também, que espécie de reunião será essa que ele menciona, a qual deve ser esta — eles serão reunidos sob o governo de um rei. Pois, toda vez que Deus fala da restauração do povo, sempre chama a atenção do fiel para Davi: 'Davi regerá, haverá um pastor'. Então, um rei e uma cabeça existirá entre eles. Percebemos agora o propósito do Profeta.

Porém, essa passagem ensina claramente que a unidade dos homens não é de valor algum diante de Deus caso não se origine de uma cabeça. Além do que, é bem conhecido que Deus pôs Davi sobre seu antigo povo até à vinda de Cristo. Ora, então a Igreja do Senhor só está corretamente formada quando o verdadeiro Davi a governa; ou seja, quando todos, com um consentimento, obedecem a Cristo, e submetem-se ao seu mando (*pendebunt ab ejus nutu*, dependem de seu sinal de aprovação); e como Cristo pretende governar em sua Igreja, nós sabemos; pois o cetro de seu reino é o evangelho.[11] Destarte, quando Cristo é honrado com a obediência da fé, todas as coisas estão a salvo; e esse é o feliz estado da Igreja, do qual o Profeta ora fala. Parece realmente estranho que o que é peculiar a Deus seja transferido aos homens — ou seja, designar um rei. Porém, o Profeta, por essa expressão, descreve a obediência da fé; pois não é suficiente que Cristo seja dado como rei, e posto sobre os homens, a menos que também o abracem como rei deles, e reverentemente o recebam. Aprendemos agora que, quando cremos no evangelho, escolhemos Cristo para nosso rei, por assim dizer, por um consentimento voluntário.

Em seguida, ele acrescenta: *Eles subirão da terra*. Ele dá a entender mais do que no começo do versículo; pois diz que Deus restaura-los-ia do exílio para o país deles. Ele então promete o que era muito necessário, que o exílio não seria obstáculo algum para Deus renovar sua Igreja; pois era a ruína do povo o ser removido para longe do país e, em conseqüência, ficar esse privado de sua prometida herança durante a dispersão entre as nações pagãs. O Senhor, então, remove tal dificuldade, e manifestamente declara que, embora por um tempo ficassem eles como que inteiramente destruídos, ainda viriam novamente à terra deles. Eles, portanto, *subirão* (isso é dito com respeito à Judéia, pois é mais alta que a Caldéia) — *subirão*, pois, da Caldéia e de outros lugares nos quais haviam sido dispersados. Entendemos agora o que o Profeta quer dizer com *juntamente reunidos serão os filhos de Israel e os filhos de Judá*, isto é, para dentro de um corpo único; e, além disso, *designarão* para si próprios uma cabeça. Tal é a maneira do ajuntamento; e também deve ser adicionado que a Igreja obedece pois a Deus quando todos, do primeiro ao último, consentem com uma cabeça: pois não basta ser constrangido, a menos que todos, de bom grado, ofereçam-se a Cristo; como é dito no Salmo 110: 'Haverá um povo voluntário no dia em que o Rei chamar o seu'. O Profeta, pois, pretendia expressar a obediência da fé, que o fiel oferecerá a Cristo, quando o Senhor os restaurar.

E eles *subirão*, diz ele, *da terra; pois grande será o dia de Jizreel*. Pode-se perguntar, por que ele aqui chama de grande o dia de Jizreel; pois não parece contrário à profecia? Tal passagem

[11] W. Gary Crampton, em seu excelente livro *What Calvin Says*, diz o seguinte: "A pregação é o instrumento do governo de Cristo sobre a igreja; é o sinal da presença de Deus. Calvino escreveu que 'o cetro do seu reino [de Cristo] é o evangelho' (*Comentário sobre Oséias* I:II). Por meio da pregação, Cristo avança o seu reino neste mundo; "ele subjuga o mundo a si mesmo pela pregação do evangelho" (*Comentário sobre* Atos I:8). (N. do E. português)

pode ser explicada de dois modos. Grande será o dia de Jizreel, dizem alguns, porque Deus plantará o povo a quem antes espalhara. Assim, julgam que o Profeta, como o fez em ocasião anterior, alude à palavra Jizreel. Porém, parece-me que o sentido é outro. Não restrinjo essa oração à última, nem à promessa, mas aplico-a ao massacre que foi antes mencionado; pois correspondem-se um ao outro. *Eles subirão da terra; pois grande será o dia de Jizreel*. Os israelitas estavam ainda como que repousando em seus ninhos, e pensavam que não podiam, de modo algum, ser arrancados para fora; além disso, o reino de Judá não temia então uma destruição próxima. O Profeta, por conseguinte, sugere aqui que haveria necessidade de algum sinal e de remédio extraordinário; pois será a severa e terrível matança no dia de Jizreel. Percebemos agora o que o Profeta quis realmente dizer com: *Eles subirão da terra; pois*[12] *grande será o dia de Jizreel.*

De fato, eles podiam ter objetado, e dito, "Por que tu assim nos profetizas sobre subir? O que é esse subir? Não repousamos tranqüilamente na herança que Deus outrora prometeu a nossos pais? Que queres tu dizer, então, por essa subida?" O Profeta aqui os provoca, e lembra-os que não tinham razão alguma para confiar no estado ora sossegado deles, como vinho acomodado sobre seu mosto; e essa mesma comparação é até usada em um outro lugar (Jeremias 48.11). O Profeta declara aqui que haveria uma carnificina ainda mais pavorosa, que requereria o sinal da misericórdia divina; pois ele, de uma maravilhosa maneira, restauraria o povo, e retira-los-ia como o morto de seus túmulos: *pois grande* então será o dia de Jizreel; ou seja, "como a calamidade que o Senhor trará sobre vós será atroz e terrível, não é em vão que vos prometo esse retorno e essa subida". Isso parece ser realmente o que quis dizer o Profeta.

ORAÇÃO

Permita, Todo-poderoso Deus, que, visto que não só fomos redimidos do exílio babilônico, mas também emergimos do próprio inferno; pois, quando éramos filhos da ira tu livremente nos adotaste e, quando éramos estranhos, tu, em tua infinita bondade, abriste-nos a porta de teu reino, para que fôssemos feitos herdeiros teus mediante o Filho; Ó, permita que caminhemos com circunspeção diante de ti, e nos submetamos inteiramente a ti e a teu Cristo, e não finjamos ser membros dele, mas provemos a nós mesmos que realmente somos seu corpo, e sejamos assim governados por seu Espírito, para que tu, finalmente, reúna-nos juntamente no teu reino celestial, ao qual tu diariamente nos convidas pelo mesmo Cristo, nosso Senhor. Amém.

[12] Se isso fosse traduzido 'embora', como o é por alguns, o sentido seria mais evidente; ou seja, eles subirão da terra, não obstante a grandeza do morticínio de Jizreel, quando eles seriam levados cativos (N. do E. inglês.)

CAPÍTULO 2

QUARTA DISSERTAÇÃO

Oséias 2.1

1. Dizei a vossos irmãos, Ami; e a vossas irmãs, Ruama.

1. Dicite fratribus vestris— Populus meus; et sororibus vestris— Dilecta.

O Profeta, havendo falado da restauração do povo e prometido que Deus, em algum tempo, receberia em mercê aqueles a quem antes rejeitou, agora exorta os fiéis a, mutuamente, estimularem-se uns aos outros para receber tal favor. Ele, anteriormente, mencionara uma proclamação pública; pois não está no poder dos homens tornarem-se filhos de Deus, mas é Deus mesmo que livremente os adota. Mas, agora, a exortação mútua da qual o Profeta fala acompanha a proclamação; pois Deus, ao mesmo tempo, convida-nos para si. Depois sermos ensinados em comum, fica então que cada um deve estender a sua mão a seus irmãos, para que sejamos, dessa maneira, num só consenso, trazidos juntamente para o Senhor.

Isso, pois, é o que o Profeta quer dizer ao falar: *Dizei a vossos irmãos,* עמי ***ami;*** *e a vossas irmãs,* רוחמה ***ruchamah;*** ou seja, visto que prometi ser-vos propício, vós podeis, agora, com segurança, testificar isso a outros. Vemos, então, que tal discurso é dirigido para cada um dos fiéis, para que eles, mutuamente, confirmem a si mesmos na fé, após o Senhor lhes oferecer mercê e reconciliação. Prossigamos então —

Oséias 2.2

2. Pleiteai com vossa mãe, pleiteai; pois ela não *é* minha esposa, nem eu *sou* seu marido: afaste ela, pois, suas prostituições da sua face, e seus adultérios de entre os seus seios;

2. Litigate cum matre vestra— litigate; quia ipsa non uxor mea— et ego non maritus ejus: et tollat (hoc est— tollat igitur) scortationes suas e facie sua— et adulteria sua e medio uberum suorum.

O Profeta, neste versículo, parece se contradizer: pois ele prometeu reconciliação e, agora fala de um novo repúdio. Essas coisas, juntas, não parecem concordar bem com Deus abraçar novamente, ou estar desejoso de abraçar, em seu amor, aqueles a quem antes rejeitara — e que enviasse, ao mesmo tempo, uma carta de divórcio e renunciasse ao laço matrimonial. Mas, se ponderarmos o desígnio do Profeta, veremos que a passagem é muito coerente, e que não há contradição alguma nas palavras. Ele, de fato, prometeu que, em uma época futura, Deus seria propício aos israelitas: mas, como não haviam ainda se arrependido, era preciso lidar, outra vez, mais severamente com eles, para que retornassem a seu Deus real e cabalmente subjugados. Assim, vemos que, na Escritura, promessas e ameaças estão junta e retamente misturadas. Pois, caso o Senhor passe um mês inteiro vituperando pecadores, é capaz de eles, nesse período, rebelarem-se uma centena de vezes. Por isso Deus, depois de mostrar aos homens seus pecados, adiciona alguma consolação e modera a severidade, para que eles não se desanimem: em seguida, ele volta outra vez à ameaça, e assim o faz pela necessidade; pois, embora os homens fiquem terrificados com o temor

da punição, todavia, não se arrependem. É necessário que eles, então, sejam repreendidos não apenas uma vez ou outra, mas com muita freqüência.

Nós percebemos agora, então, o que o Profeta tinha em vista: ele falara da apostasia do povo; posteriormente, provou que esse fora justamente rejeitado pelo Senhor e, depois, prometeu a esperança de perdão. Mas agora, visto como o povo ainda continuasse obstinado em seus vícios, ele condena, de novo, aqueles que tinham necessidade de tal castigo. Em uma palavra, ele tinha em vista o presente estado deles.

Quase todos assim explicam esse versículo, como o Profeta dirigindo-se aos fiéis: e, com maior requinte, dizendo ainda que o Profeta volta-se mesmo para os fiéis que haviam se apostatado da sinagoga. Eles estão, e não tenho dúvida alguma disto, mui enganados; pois os Profetas, contrariamente, mostram aqui que Deus estava, com justiça, punindo os israelitas, os quais israelitas estavam acostumados a se desculpar da mesma maneira que os hipócritas. Quando o Senhor os tratava de outra forma que não conforme seus desejos, eles reclamavam e levantavam contenda — "O que isso significa?" Assim os encontramos, apresentados como assim falando, por Isaías [Is 58.1-3]. Ali, de fato, ferozmente contendem com Deus, como se o Senhor tratasse com eles injustamente, pois não pareciam cônscios de haverem feito mal algum. Por isso, o Profeta, vendo os israelitas tão faltos de senso dos seus pecados, diz: *Pleiteai, pleiteai com vossa mãe*. Ele fala aqui na pessoa de Deus: e Deus, como foi declarado, usa a comparação de um casamento. Vejamos agora qual o teor das palavras.

Quando um marido repudia sua mulher, ele crava um estigma de desgraça sobre os filhos nascidos daquele casamento: a mãe deles estava divorciada; então os filhos, devido a tal divórcio, são mantidos em menor estima. Quando um marido repudia sua esposa por causa da perversidade dele, os filhos, de forma justa, olham-no com ódio. Por quê? "Porque ele não amou nossa mãe como devia ter amado; ele não honrou o laço matrimonial". Por essa razão, é comum o caso em que as afeições dos filhos se desviem de seu pai, quando ele trata a mãe deles com demasiadamente pouca humanidade ou com total desprezo. Assim, os israelitas, quando se viram rejeitados, desejaram lançar a culpa sobre Deus. Pois pelo nome "mãe" é o povo aqui chamado; é transferido ao grêmio inteiro do povo, ou à raça de Abraão. Deus esposara aquele povo para si mesmo, e desejava que lhe fosse como uma esposa. Visto, pois, que Deus era um marido para o povo, os israelitas eram como filhos nascidos de tal casamento. Mas, quando eles foram repudiados, os israelitas disseram que Deus tratava com crueldade para com eles, pois ele os rejeitava por culpa nenhuma. O Profeta agora se encarrega da defesa da causa de Deus, e também fala na pessoa desse: *Pleiteai, pleiteai*, ele diz, *com vossa mãe*. Em uma palavra, essa passagem concorda com o que é dito no início de Isaías 50.1: 'Onde está o escrito de repúdio? Vendi-vos a meus credores? Mas tendes vendido por vossos pecados, e vossa mãe foi repudiada pela iniqüidade dela'. Os maridos tinham por costume dar carta de divórcio a suas mulheres, para que elas mesmas vissem: pois isso as livrava de toda censura, visto que o marido testemunhava da sua esposa: "Eu a despeço, não que ela tenha sido infiel, ou tenha violado o laço matrimonial; mas porque sua beleza não mais me apraz, ou porque suas maneiras não me são agradáveis". A lei compelia o marido a dar um testemunho tal como esse. Deus agora diz, por seu Profeta: "Mostre-me agora o escrito de repúdio: tenho eu, voluntariamente, rejeitado vossa mãe? Não, eu não fiz assim. Não podeis acusar-me de crueldade, como se sua beleza não me agradasse, como se houvesse eu seguido a prática corrente aprovada por vós. Não a tenho rejeitado por meu querer ou prazer, não a tenho vendido aos meus credores, como vossos pais algumas vezes costumavam fazer, quando estavam em dívidas, quanto aos filhos deles". Em suma, o Senhor mostra ali que os judeus deviam ser censurados, que foram rejeitados juntos com a mãe deles. Assim, diz também aqui: *Pleiteai, pleiteai com vossa mãe*; o que significa: "Vossa disputa não é comigo": e, pela repetição, ele demonstra quão inveterada era a perversidade deles, pois

nunca cessavam de protestar veementemente contra Deus. Vemos agora o que o Profeta realmente quis dizer.

Então, debalde mesmo filosofam aqueles que dizem que a mãe devia ser condenada por seus próprios filhos; porque, quando esses se convertessem à antiga fé, deviam então condenar a sinagoga. O Profeta não quis dizer tal coisa; mas, ao contrário, traz esta acusação contra os israelitas — que eles foram repudiados pela conduta escandalosa de sua mãe, e deixaram de ser estimados como filhos de Deus. Pois a comparação entre marido e mulher deve ser aqui entendida; então os filhos são colocados, por assim dizer, no meio. Quando a mãe é despedida, os filhos, com indignação, dizem que o pai é por demais desumano se de fato se divorciar, voluntariamente, de sua esposa: porém, quando uma mulher se torna infiel ao seu esposo, ou se prostitui, com qualquer crime vergonhoso, ele fica, pois, livre de toda culpa; e não há razão alguma para os filhos altercarem com ele; pois ele deve, dessa forma, punir uma esposa desavergonhada. Deus, então, mostra que os israelitas foram, com justiça, rejeitados, e que a culpa da sua rejeição pertencia a toda a raça de Abraão; mas que culpa alguma poder-lhe-ia ser imputada.

E uma razão é acrescentada: *Retire ela, então, sua fornicação da sua face, e seus adultérios de entre os seus seios*. O Profeta, ao dizer, "retire ela, então, suas fornicações" (pois o copulativo ו, *vau,* deve ser considerado como um ilativo) confirma o que acabo de dizer agora; ou seja, que Deus mantivera-se em sua fé empenhada, mas que o povo tornara-se pérfido; e que a causa do divórcio ou separação era que os israelitas não perseveraram, como deviam ter perseverado, na obediência da fé. Então Deus diz: *Retire ela suas fornicações*. Mas a frase: *Retire ela da sua face e dos seus seios,* parece singular; e o que ela significa? Porque as mulheres não cometem fornicação nem pela face nem pelos seios. É óbvio que o Profeta alude aos ornamentos do meretrício; pois as prostitutas, para que possam seduzir os homens, adornam-se suntuosamente, e cuidadosamente pintam sua face e decoram seus seios. A luxúria, então, aparece tanto na face quanto nos peitos. Mas os intérpretes não tocam no que o Profeta tinha em vista. Ele, indubitavelmente, expõe aqui a impudência do povo; pois tinha esse ora se endurecido tanto no menosprezo a Deus, nas superstições ímpias, em todas as espécies de imoralidades, que era como meretrizes, as quais não escondem sua vileza, mas abertamente se prostituem, sim, e exibem sinais de seu despudor tanto em seus olhos quanto em toda parte de seus corpos. Vemos, então, que o povo é aqui acusado de ignominiosa impudência, à medida que se tornara indiferente quanto a querer saber de que espécie era. Do mesmo modo, Ezequiel expõe a censurável conduta desse: 'Estendia os pés a meretriz, ela chamava a quem passava pelo caminho' (Ez 16.25). Compreendemos agora, então, porque o Profeta expressamente disse: *Que ela afaste de sua face sua fornicação, e de seus peitos seus adultérios:* pois ele ensina que os vícios do povo não estavam ocultos, e que, agora, esse não pecava e cobria a própria vileza como os hipócritas cobrem, mas que era tão desenfreado em seu desprezo a Deus que se tornava como prostitutas ordinárias.

Eis uma passagem notável; pois vemos, primeiramente, que os homens, em vão, queixam-se quando o Senhor dá a impressão de tratá-los com severidade; pois descobrirão sempre que a falta está em si mesmo e em seus pais: sim, quando eles examinarem tudo imparcialmente, confessarão que todos, de uma ponta à outra, na comunidade inteira, estão inclusos em uma e na mesma culpa. Que aprendamos, portanto, toda vez que o Senhor nos castigar, a cair em nós mesmos e a confessar que ele, com justiça, é severo para conosco; sim, caso manifestamente rejeitados, nós, todavia, devemos confessar que é por causa do nosso erro, não da imoderada severidade divina. Aprendemos também quão frívolo é o pretexto daqueles que opõem, contra Deus, a autoridade de seus pais, como os papistas o fazem: porque desejariam, se pudessem, convocar ou compelir a Deus para que ele prestasse contas, porque os abandona e não os considera agora como sua Igreja. "O quê! Não ligou Deus sua fé a nós? Não é a Igreja sua esposa? Pode ele ser infiel?" Assim dizem os papistas:

mas, ao mesmo tempo, não consideram que a sua mãe tornou-se expressamente imunda pelas muitas abominações; não consideram que ela foi repudiada porque o Senhor não podia mais agüentar a grande maldade dela. Saibamos, então, que é inútil trazer contra Deus os modelos dos homens; pois o que é aqui dito pelo Profeta permanecerá sempre verdadeiro, que Deus não deu uma carta de divórcio à sua Igreja; isto é, que ele, de sua própria vontade, não se divorcia dela, como os maridos irritantes e cruéis estão habituados a fazer, mas que é constrangido a assim agir, porque não pode mais conluiar com tantas abominações. Segue-se então —

Oséias 2.3

3. Para que eu não a dispa até a nudez, e a ponha como no dia em que ela nasceu, e a torne como um deserto, e a ponha como uma terra seca, e mate-a de sede.	**3.** Ne expoliem eam nudam— (*hoc est*— ne expoliando denudem—) et statuam eam secundam diem nativitatis suae— et ponam eam quasi desertum— ponam eam quasi terram siccitatis (*hoc est*— terram aridam) et occidameam siti— (*hoc est*— perire faciam: Je la feray mourir— *ad verbum*.)

Embora o Profeta, neste versículo, ameace severamente os israelitas, todavia, parece, em uma perspectiva completa da passagem inteira, que ele mitiga a sentença por nós explanada: pois, ao declarar que tipo de vingança estava pendente sobre eles, salvo se se arrependessem oportunamente, ele demonstra que restava alguma esperança de perdão, a qual ele, como veremos, posteriormente explicita com maior clareza.

Ele agora começa dizendo: *Para que eu não a dispa até a nudez, e a ponha como no dia de seu nascimento.* Só isso já teria sido espantoso; mas veremos na passagem que Deus anuncia o castigo para que não corte juntamente a esperança de misericórdia: e, ao mesmo tempo, ele fá-los lembrar que o divórcio, pelo qual eles estavam dispostos a contender com Deus, foi tal, que Deus ainda mostra indulgência à esposa repudiada. Pois, quando um marido despede uma adúltera, ele tira-lhe a roupa inteiramente, e de forma justa: mas Deus mostra aqui que, embora os israelitas tivessem se tornado dissolutos, e fossem como uma mulher descarada, todavia, a partir de então, divorciava-se dessa maneira, de modo que lhes deixara seus dotes, ornamentos e presentes de casamento. Vemos pois que Deus não usara, como poderia ter usado, seu direito; destarte, ele diz: *Para que eu não a dispa até a nudez*; o que significa isto: "Pareço-vos rígido em demasia, porque declaro que não sou mais um marido para vossa mãe: e, todavia, vede quão amavelmente eu a poupei; pois ela permanece, até o momento, quase intocada: embora ela tenha perdido o nome de esposa, contudo, eu a não despi; ela vive em suficiente abundância por enquanto. De onde vem isso, senão da minha indulgência? Pois eu não desejo levar a efeito o meu direito, como os maridos o fazem. Mas, a não ser que ela aprenda a se humilhar, eu agora me cingirei, a fim de executar punições mais pesadas". Compreendemos agora todo o sentido da passagem.

O que o Profeta quer dizer pelo dia do nascimento, podemos prontamente saber por Ez 16; pois Ezequiel trata ali do mesmo assunto do nosso Profeta, só que de forma muito mais geral. Ele Ezequiel diz que os israelitas nasceram, então, quando Deus os libertou da tirania do Egito. Esse, pois, foi o nascimento do povo. E, todavia, foi uma cena miserável, quando eles fugiram para fora com temor e tremor, ao serem expostos a seus inimigos: e, após entrarem no deserto, estando sem pão e água, sua condição era mui deplorável. O Profeta ora diz: *Para que eu não a ponha como no dia do seu nascimento*, e *a ponha como o deserto.* Alguns observam que se deve perceber a letra כ, *cafe*, como se fosse escrito, כבמדבר, ***kavemidbar,*** como no deserto; isto é, eu a porei como ela anteriormente estava no deserto; e tal explanação não é inadequada; pois o Profeta, sem dúvida,

chama aquela época de o dia do nascimento, quando o povo foi trazido do Egito: eles imediatamente entraram no deserto, e lá, carente de todas as coisas. Então, teriam logo perecido ali, sendo consumidos pela fome e pela sede, não houvesse o Senhor milagrosamente os apoiado. O sentido, então, parece consistente por esta tradução: *Para que eu não a ponha como nos desertos e como numa terra seca.* Porém, uma outra interpretação é mais aprovada: *Para que eu não a ponha como o deserto e a terra seca.*

Com respeito ao que o Profeta tinha em vista, foi necessário fazer lembrar aos israelitas aqui do que eram eles em seu início. Pois de onde vinha o desprezo deles a Deus, de onde vinha o obstinado orgulho deles, senão do fato de estarem inebriados com prazeres? Pois, quando fluiu ali uma abundância de todas as boas coisas, pensavam que tinham vindo, por assim dizer, das nuvens; pois, normalmente, os homens se esquecem do que eram antes, quando o Senhor os torna ricos. Como, pois, os benefícios de Deus, na maior parte das vezes, cegam-nos e nos fazem achar que somos, por assim dizer, semideuses, o Profeta aqui põe diante dos filhos de Abraão qual era a condição deles quando o Senhor os redimiu. "Eu vos redimi", ele diz, "das maiores misérias e da degradação extrema". Filhos de reis nascem reis, e são educados no meio de pompas e prazeres; ou melhor, antes de nascerem, sabemos, grandes pompas lhes são preparadas, as quais desfrutam desde o ventre materno. Contudo, quando alguém nasce de uma mãe plebéia e obscura, gerado por um pai humilde e pobre e, posteriormente, alça-se a uma condição diferente, se ele fica orgulhoso de seu esplendor, e não se lembra de que primeiro foi um plebeu, sem nenhuma reputação, isto pode ser, de modo justo, lançado em seu rosto: "Quem éreis vós antes? Ora! Não sabeis que éreis um boiadeiro, ou um mecânico, ou alguém coberto de sujeira? A fortuna vos sorriu, ou Deus o elevou às riquezas e honras; mas estais tão enfatuados como se vossa condição sempre tivesse sido a mesma".

Este é o sentido do que o Profeta diz: *Eu porei* tua mãe, diz ele, "como ela era em seu primeiro nascimento. Pois quem sois vós? Uma raça santa, uma nação escolhida, um povo sagrado para mim? Seja assim: mas a livre adoção vos trouxe tudo isso. Fostes exilados no Egito, estranhos na terra de Canaã, e não éreis nada melhor do que outros povos. Além disso, Faraó vos reduziu a uma servidão vil, éreis, então, os mais abjetos dos escravos. Quão magnificente, no que toca a vós, foi a vossa partida! Não fugistes tremendo e à noite? E, depois, não vivestes de uma maneira milagrosa por quarenta anos no deserto, quando fiz chover sobre vós maná das nuvens? Visto, pois, que vossa pobreza e necessidade foi tão grande, visto que não há nada para fazer com que eleveis os vossos topetes, como é que não exibis mais modéstia? Porém, se vossa condição atual cria em vós esquecimento, eu os porei como no dia de vosso nascimento". Segue-se agora —

Oséias 2.4,5

4. E não terei misericórdia para com seus filhos; pois eles *são* os filhos das prostituições.
5. Pois sua mãe se prostituiu: aquela que os concebeu age vergonhosamente: pois ela disse: Eu irei atrás dos meus amantes, que *me* dão meu pão e minha água, minha lã e meu linho, meu óleo e minha bebida.

4. Et filiorum ejus non miserabor, quia filii adulterini sunt.
5. Quia scortata est mater eorem, probriis foedata est quae concepit ipsos, (*vel*, genitrix ipsorum:) dixit enim, Ibo post amatores meos, datores panis mei (*vel*, qui dant panem meum) et aquas meas, lanam meam et linum meum, et oleum meum et potum meum.

O Senhor, agora, aproxima-se de cada indivíduo, após haver falado do povo todo em geral: e vemos assim ser verdadeiro o que eu disse, que longe estava o Profeta de querer supor que Deus aqui ensine aos fiéis que já se tinham arrependido que eles deviam condenar sua mãe. O Profeta não quis dizer nada do tipo; mas, ao contrário, ele desejava censurar a impertinência do povo, que não cessava de contender com Deus, como se esse tivesse sido mais severo do que justo para com a raça deles. Agora, então, ele censura a cada um deles; *dos vossos filhos*, ele diz, *não terei misericórdia; pois eles são bastardos*. Ele Deus, de fato, havia dito antes que eles tinham nascido de adultério; mas, em seguida, ele os recebeu para dentro de sua mercê. Isso é verdadeiro; mas deve ser lembrado o que eu disse, que o Profeta, até o momento, prossegue com suas censuras; pois, ainda que ele haja misturado alguma consolação, não obstante, via que seus corações, por enquanto, não estavam contritos e humilhados o bastante. Devemos ter em mente a diferença entre o presente estado deles e o seu favor futuro. Deus antes prometeu que seria propício aos apóstatas que se apartaram dele: mas agora mostra que ainda não era o tempo oportuno, pois não tinham eles cessado de pecar. Sendo assim, diz: *eu não terei misericórdia de vossos filhos*.

Havendo falado do divórcio da mãe, ele agora fala que os filhos, nascidos de adultério, não eram seus: e, com certeza, o que o Profeta prometeu não foi de imediato cumprido; pois o povo, sabemos, fora repudiado e, quando privado esse da terra de Canaã, fora rejeitado, por assim dizer, pelo Senhor. O exílio babilônico foi uma espécie de morte: e então, quando o povo retornou do exílio, apenas uma pequena porção voltou, não ele todo; e esse foi sacudido, sabemos, por muitas calamidades, até que Cristo, nosso Redentor, apareceu. Visto, pois, que o Profeta incluía a totalidade dos de sua época, não é de se admirar que diga que os filhos devessem ser repudiados pelo Senhor, por nascerem de adultério; pois, até que retornassem do cativeiro, e Cristo fosse finalmente revelado, tal repúdio, do qual o Profeta fala, continuaria. *De teus filhos*, diz ele, *não terei compaixão*. À primeira vista, parece mui pavoroso que Deus retire a esperança de misericórdia; mas devemos restringir essa frase àquele tempo durante o qual agradou a Deus repelir seu povo. Então, tanto quanto durou essa rejeição, a mercê divina ficou ocultada; e a isso o Profeta ora se refere: *Eu não terei* misericórdia, então, dos filhos dela, *pois nasceram por adultério*. Ao mesmo tempo, devemos lembrar que essa frase diz respeito, especificamente, aos réprobos, que se jactavam de ser filhos de Abraão, enquanto eram profanos e ímpios, enquanto pervertiam impiamente todo o culto a Deus, enquanto eram totalmente insubmissos. Então o Profeta, de modo justo, pronuncia um tal julgamento severo sobre os homens obstinados, que não podiam ser reformados por admoestação alguma.

Em seguida, ele declara como os filhos tornaram-se bastardos: *sua mãe, que os concebeu*, ou, *que lhes deu a luz*, *era libertina; com atos vergonhosos ela se corrompeu*. בּוֹשׁ, ***bosh*** tem o sentido de ser envergonhado; mas, aqui, o Profeta não quer dizer que os israelitas estivessem com vergonha, pois um tal significado seria incoerente com a sentença anterior; mas que eles eram como uma mulher desavergonhada e infame, que não sentia vergonha alguma de sua baixeza. *Sua mãe*,

então, *fora devassa, e a que os gerou tornara-se escandalosa*. Aqui, o Profeta tira dos israelitas sua tola confiança, eles que tinham o costume de professar o nome de Deus, ao passo que eram inteiramente estranhos a ele: pois eles foram abandonados devido à sua impiedade para com o culto puro, sim, recusaram a lei e todo jugo. Visto, então, que fossem como bestas selvagens, era extrema estupidez erguer sempre por escudo o nome de Deus e se vangloriar da adoção de seu pai Abraão. Mas, como os judeus eram tão perversamente orgulhosos, o Profeta aqui responde a eles: "*Vossa mãe é libertina, e com atos ignominiosos ela se contaminou;* portanto, não considerarei nem reconhecerei a vós como meus filhos, pois nascestes de adultério".

Essa passagem confirma o que antes expliquei com brevidade — que não é suficiente que Deus eleja qualquer povo para si, se o mesmo povo não perseverar na obediência da fé; pois essa é a castidade espiritual que o Senhor exige de todo o seu povo. Mas, e quando se diz que uma mulher — a quem tenha Deus se ligado por um sagrado matrimônio — virou devassa? E quando ela abandona a fé pura e sadia (como veremos mais claramente a seguir)? Então, segue-se que o casamento entre Deus e os homens perdura tanto quanto aqueles que foram adotados continuarem na pura fé, e a apostasia, de certa maneira, libera Deus de nós, de modo que pode ele, com justiça, repudiar-nos. Já que tal apostasia se destaca sob o Papado, e tem grassado por muitas eras, quão insensatos são eles em sua vanglória, ao pensarem ser a santa Igreja Católica e o povo eleito de Deus? Pois todos eles nasceram por luxúria, são todos filhos ilegítimos. A semente incorruptível é a palavra de Deus; mas que espécie de doutrina eles têm? É uma semente espúria. Então, para Deus, todos os papistas são bastardos. Em vão, pois, eles se gabam de ser os filhos dele, e que têm a santa Mãe Igreja, pois nasceram por meio de imunda lascívia.

O Profeta ainda dá seguimento ao mesmo assunto: "Ela disse, *eu irei atrás de meus amantes, os que dão meu pão, minhas águas, e minha lã, e meu linho, e meu óleo, e minha bebida*. O Profeta define aqui a prostituição da qual falara: essa parte é explicativa; o Profeta revela, em várias palavras, aquilo em que brevemente tocara quando disse, *vossa mãe é devassa*. Ora, se os judeus objetassem, dizendo: Como ela se tornou devassa? A razão seria: "Ela disse: *irei atrás de meus amantes, que me dão meu pão e minhas águas, etc.*" Aqui, o Profeta compara os falsos deuses aos amantes, que seduzem as mulheres para deixarem essas sua fidelidade conjugal; pois ele segue a comparação que havia introduzido. A Igreja, a quem Deus penhorara sua fé, é representada como uma esposa; e, como uma mulher age, quando seduzida por presentes, e como muitas que seguem a cobiça e se tornam lascivas, para que se vistam suntuosamente e vivam de maneira faustosa, assim o Profeta agora destaca este vício na Igreja Israelita: *Ela disse, eu irei atrás de meus amantes*. Alguns compreendem por amantes, ora os assírios, ora os egípcios; pois, quando os israelitas se associavam com tais nações pagãs, eram afastados, sabemos, para longe de seu Deus. Mas o Profeta invectiva especialmente contra os modos falsos e corruptos de adoração, bem como contra todos os tipos de superstições; pois o culto puro a Deus, sabemos, deve sempre receber o primeiro lugar, e isso com justiça; pois disso depende todas as obrigações da vida. Portanto, não tenho dúvidas de que ele inclui todos os falsos deuses quando diz: *Eu irei atrás de meus amantes*.

Porém, ao inserir a palavra "disse", ele amplia o despudor do povo, que deliberadamente se esqueceu de seu Deus, o qual lhes era como um legítimo marido. De fato, algumas vezes acontece de um homem, impensadamente, desviar-se por causa de engano ou loucura, mas logo vir a se arrepender; pois vemos muitos inexperientes iludidos por um curto tempo: mas o Profeta mostra aqui que os israelitas premeditaram sua infidelidade, de modo que, voluntariamente, apartaram-se de Deus. Daí *ela disse*; e sabemos que esse *disse* significa muito; e isso deve aludir, não à palavra exterior pronunciada, mas à proposta interior. *Ela*, portanto, *disse*, ou seja, ela tomou tal resolução; como se ele dissesse: "Que nenhum deles dê esta frívola desculpa, de que foram enganados, que o fizeram em sua simplicidade; vós sois, ele diz, manifestamente pérfidos, vós procurastes, com uma

intenção premeditada, este divórcio". Ele, entretanto, atribui isso à mãe deles: pois a deserção começou na origem, quando foram por Jeroboão desviados para as superstições corrompidas; e a promoção desse mal se tornou, por assim dizer, hereditária. Ele, portanto, tencionava condenar aqui a comunidade inteira. Por isso, "ela disse, eu irei após meus amantes, que me dão meu pão e minhas águas". Porém, eu não posso terminar hoje; por conseguinte, tenho de interromper a frase.

ORAÇÃO

Conceda, Todo-poderoso Deus, que, como tu nos tens adotado como teus filhos, não só de há muito tempo, mas antes que nascêssemos, e como tu te agradaste de nos colocar por sinal, assim que saímos do ventre de nossa mãe, o símbolo daquela santa redenção que foi obtida para nós pelo sangue de teu Filho unigênito, embora, por nossa ingratidão, tenhamos renunciado a um tão grande benefício — Ó, permita que, estando atento à nossa deserção e infidelidade, das quais somos mesmo todos culpados, e pela qual tu justamente nos rejeitaste, abracemos agora, com verdadeira humildade e obediência da fé, a graça de teu evangelho agora oferecido novamente a nós, pelo qual tu te reconcilias conosco; e conceda que perseveremos resolutamente em fé pura, de modo a jamais nos desviarmos da verdadeira obediência da fé, mas avancemos mais e mais no conhecimento de tua misericórdia, para que, tendo raízes fortes e profundas, e estando firmemente alicerçados na confiança da fé segura, jamais abandonemos o verdadeiro culto a ti, até que finalmente nos recebas naquele reino eterno, o qual foi para nós obtido por teu Filho único. Amém.

QUINTA DISSERTAÇÃO

Resta-nos explicar o que o Profeta declara a respeito dos israelitas, que se jactavam de sua abundância de vinho e óleo e de todas as boas coisas, como lhes tendo chegado através de suas superstições. O que, então, deviam haver atribuído somente a Deus, eles, absurdamente, transferiam aos ídolos. De tal ingratidão o Profeta acusa-os aqui na pessoa do próprio Deus e, ao mesmo tempo, revela que os ímpios estão tão iludidos pela prosperidade que se endurecem mais e mais em suas superstições; e isso não é o caso somente em uma certa época, mas é quase universal no mundo. Vemos quão cheios de orgulho estão os papistas hoje, porque detêm o governo no mundo e possuem riquezas e honras. Acham ser seus ritos aceitáveis a Deus, porque ele não se mostra em oposição aberta e irado para com eles; e assim tem sido desde o princípio.

Mas aqui o Profeta condena essa tola presunção, para que aprendamos, em todos os tempos, a não julgar o amor de Deus pelo próspero desfecho dos eventos. Então, há duas coisas a serem aqui observadas — que os supersticiosos falsamente atribuem a seus ídolos o que provém apenas de Deus e, além disso, concluem serem amados por Deus sempre que ele não toma de imediato vingança sobre eles. Verificamos que os sodomitas tornaram-se obstinados em seus pecados pela mesma razão; quando todos os tipos de prazeres abundavam, imaginavam que fossem aprovados por Deus. Vamos agora para o que se segue.

Oséias 2.6

6. Portanto, eis que cercarei teu caminho com espinhos, e farei um muro, para que ela não encontre suas sendas.	**6.** Propterea ecce ego concludo viam tuam spius, et circumdo (circumdabo) sepem (*ad verbum*, sepire sepem; *sed tamen sensus clarus est*, circumdabo sepem, *vel* maceriem) et semitam suam non reperiet.

O Profeta aqui leva adiante o assunto no qual tocamos ontem; pois ele demonstra quão necessário é o castigo quando o povo fica feliz com os vícios. E Deus, quando vê que os homens não confessam imediatamente seus pecados, defende sua causa, por assim dizer, como alguém pleiteando perante um juiz. Em uma palavra, Deus demonstra aqui que não podia fazer outra coisa senão punir uma tão grande obstinação no povo, visto que não aparecia ali nenhum outro remédio.

Portanto, ele diz, *eis que eu*. Há um sentido especial nessas palavras; pois Deus atesta que se tornará o vingador das impiedades quando o povo entrar em apuros; como se dissesse: "Ainda que os israelitas não estejam prontos para confessar que sofrem justamente, todavia, agora declaro que puni-los será a minha obra, quando eles forem privados de seus prazeres, e quando o motivo de seu orgulho lhes for removido". E ele sugere, pelas palavras metafóricas que emprega, que lidaria assim com eles para impedir o povo de se desviar, visto como esse se desviara após os ídolos até então; porém, ele mantém a comparação com uma prostituta. Ora, quando uma esposa impudica vai após seus amásios, o marido, ou deve ser conivente com ela, ou não deve estar ciente de sua vil conduta. Seja como for, as esposas não devem violar assim o voto de casamento, exceto se dispensadas por seus maridos. Porém, quando um marido percebe que sua mulher age como devassa, ele a vigia mais estritamente, observa todos os seus caminhos dia e noite. Deus agora adota esta comparação: *Fecharei*, ele diz, *o caminho dela com espinhos, e a cercarei com uma barreira*, para que não houvesse via alguma de acesso livre aos adúlteros.

Contudo, por essa analogia, o Profeta quer dizer que o povo seria submetido a tais dificuldades, para que esse não fosse lascivo, como havia sido, em suas superstições; pois, enquanto os israelitas gozavam de prosperidade, julgavam tudo lícito para si; daí sua segurança, daí seu desdém pela palavra do Senhor. Por *cerca*, então, e por *espinhos*, Deus quer dizer aquelas adversidades pelas quais ele refreia os ímpios, para que eles parem de se bajular, e não sigam impensadamente, como antes estavam costumados a seguir, suas próprias superstições. *Ela*, então, *não achará seus caminhos*; isto é, "eu os constrangerei assim para gemer sob o fardo dos males, para que eles não mais permitam afrouxar as próprias rédeas, como até agora têm feito". Continua a seguir —

Oséias 2.7

7. E ela irá após seus amantes, mas não os alcançará; e procura-los-á, mas não *os* encontrará; dirá ela então: Irei, e retornarei ao meu primeiro marido; pois me *era* melhor aquele tempo do que agora.

7. Et persequentur amatores suos— et non apprehendet eos; et quaeret eos— et non inveniet: tunc dicet— Ibo et revertar as maritum meum priorem— quia melius mihi tunc fuit quam nunc.

Deus agora mostra o que acontece quando, com pesada punição, castiga o povo endurecido e rebelde. Na primeira oração, ele demonstra que a perversidade unir-se-á tão completamente a seus corações que não retornarão eles imediatamente a uma mente sã. *Ela seguirá seus amantes*, ele diz, *e procura-los-á*. Aqui, o Profeta nos conta que, embora os israelitas fossem castigados por freqüentes punições, todavia, continuavam em sua obstinação. Por isso, agora transparece quão duros pescoços eles tinham, e quão incircuncisos de coração eram; e, como sendo de tal espécie, eram retratados pelos Profetas e também por Moisés. E, por isso, aprendemos que, tivessem eles sido apenas moderadamente corrigidos, isso não teria sido suficiente para seu melhoramento. Espantosa, de fato, era a obstinação; pois Deus se divorciara deles, e depois os levara para grandes dificuldades; e, todavia, eles prosseguiam em seu curso, como se fossem totalmente estúpidos e destituídos de qualquer percepção. Não é uma loucura assombrosa quando os homens continuam em tamanha obstinação, mesmo quando Deus põe sua mão tão fortemente contra eles? Não obstante, essa é descrita como sendo a obstinação dos israelitas.

O significado, então, é que, quando eles fossem subjugados, Deus não abrandaria de imediato seus corações. Então Deus, ainda que machucasse, não os reformaria ainda; pois a dureza deles era tão grande que não podiam retornar logo para um dócil estado de mente; porém, pelo contrário, eles seguiam a seus amantes. Pela palavra, *seguir*, é expresso aquele zelo louco que possui os idólatras; pois, como vemos, são como homens desvairados. Como, então, o supersticioso não conhece limites, nem qualquer moderação, mas um zelo louco que por vezes deles se apossam, o Profeta diz: *Ela seguirá seus amantes e não os alcançará.* O que a última oração quer dizer? Que Deus frustrará a esperança dos ímpios, para que saibam que é em vão adoram falsos deuses e, com avidez, seguem superstições absurdas. *Eles os buscará*, diz, *e não os encontrará*. Ele sempre fala do povo usando a personagem de uma mulher desavergonhada e infiel.

Vemos, então, o que o Profeta tencionava fazer — defender Deus de toda culpa, para que os homens não levantassem um clamor, como se ele Deus lidasse com eles de maneira desapiedada. Ele prova que Deus, mesmo quando tão rígido, dificilmente provoca alguma daquelas conseqüências; pois os ímpios, em sua perversidade, lutam contra os açoites dele, e não permitem ser imediatamente trazidos ao devido estado.

Porém, na segunda oração, o Profeta acrescenta que algum benefício finalmente surgiria — que, embora os idólatras abusassem da bondade divina, e ainda se endurecessem contra seus açoites, todavia, essa situação não seria perpétua; pois o Senhor concederia uma melhor ventura. Por esse motivo, segue-se: *Ela então dirá: Irei e retornarei para o meu primeiro marido.* Aqui, o Profeta mostra mais claramente uma esperança de perdão, pelo fato de falar do arrependimento do povo; pois os homens, sabemos, não se arrependem sem benefício, visto que Deus está sempre pronto para recebê-los quando retornarem a ele em genuína tristeza. Então, o Profeta aqui, manifestamente, fala do arrependimento do povo, para que os israelitas soubessem, por isso, que as correções, as quais os homens naturalmente sempre detestam, ser-lhes-ia proveitosa. É nosso desejo que Deus sempre nos favoreça, e que sejamos sustentados amável e ternamente em seu seio; porém, no meio-tempo, ele não pode atrair-nos para si, por quaisquer meios que tente assim fazê-lo: e é por isso que os castigos nos são mais amargos, e nossa carne logo murmura. Quando o Senhor ergue seu dedo, antes de nos golpear, instantaneamente gememos e ficamos enraivecidos, e até rugimos contra ele: em suma, os homens nunca conseguem, de bom grado, oferecerem-se a si próprios para serem castigados por Deus. Por essa razão, o Profeta agora indica que a severidade de Deus nos é proveitosa; pois ela nos guia, por fim, ao arrependimento: em uma palavra, ele elogia a mercê de Deus em sua severidade, para que conheçamos que ele promove nossa salvação, mesmo quando parece nos tratar do modo o mais cruel. *Ela então dirá: Irei, e retornarei ao meu primeiro marido.*

Mas temos de observar que, quando os homens realmente se arrependem, eles assim o fazem por meio da especial influência do Espírito; pois, de outra forma, permaneceriam perenemente naquela perversidade de que falamos. Caso Deus castigasse os homens perversos por cem anos contínuos, eles ainda não mudariam sua disposição; e é verdadeiro aquele adágio comum: "Os maus primeiro são quebrantados, depois são corrigidos". Mas quando os homens, depois de muitas admoestações, começam a ficar sábios, tal mudança vem por meio do Espírito de Deus. Podemos também descobrir, por essa passagem, o que o verdadeiro arrependimento é; ou seja, quando aquele que pecou não apenas confessa a si mesmo como sendo culpado, e se reconhece digno de punição, mas também fica descontente consigo mesmo, e então, com desejo sincero, volta-se para Deus. Muitos, nós vemos, estão suficientemente prontos e dispostos a confessar seus pecados e, todavia, prosseguem no mesmo curso. Mas o Profeta mostra aqui que o verdadeiro arrependimento é algo mui diferente: *Irei e retornarei*, diz ele. O arrependimento, então, consiste (como dizem) no ato em si mesmo; isto é, o arrependimento produz uma mudança reformadora no homem, para que esse se reconcilie com Deus, a quem abandonara.

Irei, então, *e retornarei a meu primeiro marido.* Por quê? *Porque me era melhor aquele tempo do que agora.* O Profeta novamente confirma o que eu disse anteriormente — que os fiéis não se tornam sábios, a não ser que sejam bem castigados; pois o Profeta não fala aqui do réprobo, mas da semente remanescente. O povo de Israel era para ser exterminado; entrementes, o Profeta ora declara que haveria algum resto que finalmente tiraria benefício dos castigos de Deus. Visto, então, que devemos entender que o Profeta está falando do eleito, podemos, destarte, prontamente concluir que os castigos nos são necessários; pois nos tornamos torpes em nossos vícios se Deus poupar a nós. A menos, então, que fique evidente que Deus está realmente descontente conosco, nunca virá a nossas mentes que devemos nos arrepender. Prossigamos então —

Oséias 2.8,9

8. Pois ela não soube que eu lhe dei trigo, e vinho, e óleo, e que lhe multipliquei prata e ouro, *os quais* eles prepararam para Baal.

9. Portanto, retornarei, e retirarei meu trigo no seu tempo, e meu vinho na sua época, e retomarei minha lã e meu linho *dados* para cobrir sua nudez.

8. Et ipsa non cognovit quod ego dederim ei triticum et vinum (תירוֹשׁ *significat propice* mustum,) et oleum, et argentum multiplicaverim ei, et aurum aptarunt ipsi Baal.

9. Propterea revertar et tollam triticum meum tempore suo, et mustum meum suo statuto tempore, et linum meum ad tegendum turpitudinem ejus (*vel*, nuditatem; hoc est, quibus texit suam nuditatem.)

Deus aqui amplia a ingratidão do povo, o qual não compreendia de onde provinha tal fartura de boas coisas. *Ela não entendeu*, diz, *que eu lhe dei trigo e vinho.* O supersticioso peca duas vezes, ou de duas maneiras — primeiro, atribuem a seus ídolos o que de direito pertence só a Deus; e, depois, privam a Deus mesmo de sua honra, pois não percebem que é ele o único doador de todas as coisas, mas pensam que é trabalho perdido adorar ao verdadeiro Deus. Por isso, o Profeta agora se queixa desta ingratidão: *Ela não entendeu que eu lhe dei trigo e vinho e óleo.* E essa foi uma estupidez indesculpável nos israelitas, visto haverem sido abundantemente instruídos de que a abundância de todas as coisas, e de tudo que sustenta o homem, fluem da liberalidade divina. Disso tinham eles o claro testemunho de Moisés; e, depois, a terra de Canaã mesma era uma representação viva do favor divino. Era, pois, uma enorme loucura do povo — que fora ensinado, pela palavra e pelos fatos, que somente Deus é o Doador de todas as coisas — não levar, todavia, tal verdade em consideração. Por conseguinte, o Profeta condena esse ultrajante desatino do povo, povo esse que nem da experiência, nem do ensinamento da lei aproveitava alguma coisa: *Ela não soube*, ele diz. Há que se por ênfase sobre o pronome, ela; pois o povo devia ter estado bem familiarizado com Deus, visto como fora educado em sua casa, como uma esposa, que é companheira de seu marido. Era, então, inescusável ao povo voltar, desse modo, suas mentes e todos os seus pensamentos para longe de Deus.

Ela não soube então *que eu lhe dei trigo e vinho e óleo, que multiplicara a ela a prata, e também o ouro que ela preparou para Baal.* O verbo עשׂה, ***'asah*** quer dizer, especificamente, fazer: mas aqui, apropriar para uma certa finalidade. Portanto, eles *prepararam ouro para Baal*; quando deviam me haver dedicado as primícias de todas as coisas, em obediência a mim e em honra a meu nome, eles reservaram todas as bênçãos que lhes concedi para Baal. Vemos, então, que nesse versículo dois males são condenados — que o povo negasse a Deus a justa honra a ele, e transferisse a seus próprios ídolos o que devia ter dado a Deus apenas. Porém, ele toca na última maldade no quinto versículo, onde disse, na pessoa do povo, *irei após meus amantes, que dão meu pão e minhas águas, minha lã e meu vinho, etc.* Aqui, outra vez ele repete que eles tinham *preparado ouro para Baal*.

Quanto à palavra Baal, não resta dúvida de que os supersticiosos incluíam sob tal nome todos aqueles a quem eles denominavam deuses inferiores. Nenhuma loucura tal havia de fato possuído os israelitas para que houvessem esquecido de que há apenas um Criador do céu e da terra. Logo, eles mantinham a verdade de que há algum Deus supremo; mas acrescentavam seus padroeiros; e isso, por consenso comum, era a prática de todas as nações. Eles, pois, não achavam que Deus fosse de todo roubado de sua glória, quando juntavam a ele medianeiros ou deuses inferiores. E eles os chamavam por um nome comum, Baalim, ou, por assim dizer, padroeiros. Cada espécie de Baal era um medianeiro. Alguns traduzem-no por marido. Mas os homens tolos, eu não tenho dúvidas, sempre tiveram essa noção supersticiosa, de que os deuses inferiores se aproximam

mais dos homens, e são, no modo de dizer, mediadores entre este mundo e o Deus supremo. Dá-se o mesmo com os papistas de hoje; eles possuem seus Baalim; não que considerem que seus padroeiros estejam no lugar de Deus; mas, como têm eles pavor de todo acesso a Deus, e não compreendem que Cristo é um mediador, apegam-se, aqui e ali, a vários Baalim, para que possam alcançar mercê para si; e, ao mesmo tempo, toda reverência que oferecem a pedras, madeira, ossos de homens mortos ou a qualquer coisa de suas próprias invenções eles a chamam de culto a Deus. Seja o que for, então, que seja adorado pelos papistas, é Baal: porém, eles têm, simultaneamente, seus medianeiros por Baalim deles. Percebemos agora o que o Profeta quis dizer nesse versículo.

Segue-se então: *Portanto, retornarei, e tirarei meu trigo em seu tempo, e meu vinho novo em seu tempo determinado.* Aqui, novamente, o Profeta revela que Deus estava, por extrema necessidade, constrangido a tomar vingança sobre um povo ímpio e incorrigível. Ele torna conhecida quão grande era a dureza do povo, e então acrescenta: "O que resta agora, senão destituir aqueles que têm sido tão ingratos a mim de todas as suas bênçãos?" Realmente, é mais do que vil os homens gozarem os dons divinos e desprezarem o dador; sim, exaltar as criaturas de Deus no lugar dele e reduzir, por assim dizer, toda a sua autoridade a nada. Isso os supersticiosos realmente fazem, pois arrancam de Deus a preeminência e insultam a glória dele. Nesse entremeio, desperdiçará Deus as bênçãos dadas, permitindo que fiquem profanadas pelos ímpios, e que seja ele assim zombado impunemente? Vemos agora, então, o objetivo do Profeta; pois Deus aqui mostra que não havia nenhum outro remédio, a não ser despojar os israelitas de todos os dons deles: ele de fato os enriquecera, mas eles abusaram de toda a sua abundância. Por conseguinte, era forçoso reduzi-los à miséria extrema, para que não mais corrompessem os dons divinos, os quais devem ser por nós julgados sagrados.

E ele utiliza uma palavra mui apropriada; pois נצל, ***natsal*** significa, propriamente, arrebatar para libertar. *Pela força eu levarei*, ele diz, *minha lã e meu linho.* Parece, verdadeiramente, denotar uma posse injusta, como quando se toma à força da mão de um ladrão o que ele injustamente possui, ou como quando alguém resgata homens inditosos do poder de um tirano. Assim, Deus ora fala: 'Eu arrebatarei meus dons desses homens que vil e injustamente os corromperam'.

E ele adiciona: *para cobrir sua nudez.* ערוה, ***'erwah,*** propriamente, ainda que não simplesmente, tem o sentido de nudez: é a nudez das partes indecentes. Moisés chama a toda parte indecorosa do corpo ערוה, ***'erwah;*** e isso quer dizer o que é inconveniente. Devemos observar cuidadosamente essa palavra; pois Deus aqui mostra que, a não ser que ele desnude os idólatras, eles continuarão sempre obstinados. Como assim? Porque eles usam coberturas para a sua baixeza. Enquanto os ímpios desfrutam seus triunfos no mundo, eles os reputam como véus puxados sobre si, para que coisa alguma de vil ou infame possa ser vista neles. É o mesmo caso dos grandes reis e monarcas; eles pensam que os olhos de todos estão ofuscados por seu esplendor; e é por isso que eles são tão audaciosamente dissolutos. Julgam sua imundície como sendo de fino odor: tal é a arrogância do mundo. É assim mesmo com os supersticiosos; quando Deus lhes é indulgente, acham que têm capas. Logo, quando se abandonam a qualquer espécie de imoralidade, consideram-na como se fosse algo santo. Como assim? Porque, seja qual for a obscenidade que exista neles, fica encoberta pela prosperidade. Quando Deus observa loucura tal como essa nos homens, pode ele agir de outro modo senão arrebatando as bênçãos dele, para que semelhante profanação não continue a prevalecer? Pois é um abuso extremamente crasso que, embora as bênçãos de Deus sejam tantas imagens da glória dele, embora sua bondade paternal brilhe mesmo para com o ímpio, o mundo converta-as para um fim inteiramente contrário e torne-as como pretextos para si, para que escondam sua vileza, pequem mais livremente e levem avante a guerra contra o próprio Deus. Por isso ele diz: "Para que eles não mais possam cobrir sua baixeza, eu arrebatarei tudo o que lhes tenho concedido".

Quando ele diz: *Tirarei o trigo e o vinho em seu tempo, e em seu tempo determinado*, ele alude, não tenho dúvidas, à época da colheita e da vindima; como se dissesse: "A colheita virá, a vindima virá: até aqui tem havido grande fertilidade; mas eu mostrarei que a terra e todos os seus frutos estão sujeitos à minha vontade. Então, embora os israelitas ora estejam fartos, e tenham seus depósitos bem guarnecidos, eles saberão que eu governo sobre a colheita e a vindima, quando o tempo determinado vier". Agora, o Espírito de Deus anunciava logo sua punição, para que os israelitas, caso fossem passíveis de correção, pudessem voltar para o curso correto. Mas, como a cegueira deles era tão grande que desprezassem tudo que lhes fora dito, nenhuma desculpa restava a eles. Continua então —

Oséias 2.10-12

10. E agora descobrirei a sua indecência na vista dos amantes dela, e ninguém a livrará de minha mão.

11. E farei cessar toda a sua alegria, seus dias de festas, suas luas novas, e seus sábados, e todas as suas festividades solenes.

12. E destruirei suas vinhas e suas figueiras, das quais ela diz: Estas *são* as minhas recompensas que meus amantes me deram: e farei deles uma floresta, e as bestas do campo comê-las-ão.

10. Et nunc retegam flagitium ejus in oculis amatorum ejus, et nullus eripiet eam e manu mea.

11. Et cessare faciam omne gaudium ejus, festivitatem ejus (alii vertunt, tripudium,) novilunium ejus, sabbathum ejus et omnem diem ejus festum.

12. Et destruam (*vel*, in solitudinem redigam) vineam ejus et ficum ejus, de quibus dixit, Merces haec sunt mihi, quam dederunt mihi amatores mei: et ponam eas (*vel*, redigam, nempe vineas et ficus) in sylvam, et comedat (*vel*, depascet) eas fera campestris.

Ele dá continuidade ao mesmo assunto; o Profeta explica de forma geral, e ainda divide o que dissera antes, de modo sucinto, em muitas orações ou pormenores. Ele primeiro diz: *Descobrirei a sua baixeza.* Como isso foi feito? Por Deus, quando removeu as coberturas pelas quais os israelitas mantinham-se ocultados: pois, como dissemos, devido aos dons de Deus, os hipócritas ficam felizes e, assim, escondem-se como ladrões em cavernas; e pensam que podem zombar de Deus impunemente; pois, por causa da gordura de seus olhos, como é dito no Salmo 73.7, eles têm apenas uma vista mui turvada. Agora, então, Deus declara que faria a imundície do povo aparecer ao privá-lo daqueles dons com os quais enriquecera a esse por um período.

Agora, ele diz, *eu descobrirei sua abjeção perante os olhos de seus amantes.* Por essa frase ele dá a entender uma mudança da qual o povo não se apercebia; pois, enquanto os perversos não sentem os golpes, eles riem de toda ameaça. Por isso Deus, para que pudesse despertá-los de uma tal indiferença, diz: *Agora desnuda-la-ei perante os olhos dos seus amantes.* O Profeta, indubitavelmente, fala dos falsos deuses, bem como de todos aqueles expedientes pelos quais os israelitas corromperam o puro culto a Deus: pois não consigo ser persuadido a explicar isso como se tratando de assírios ou egípcios. Sei, de fato, como brevemente mencionei ontem, que os tratados nos quais os judeus, tanto quanto os israelitas, entraram com idólatras eram os ganchos de Satanás: isso eu admito; mas, ao mesmo tempo, atento para o que o Profeta trata aqui de forma especial; pois ele invectiva diretamente contra os modos absurdos e corrompidos do culto. O que, então, ele pretende ao dizer que Deus porá a nu a baixeza do povo diante de seus amantes? Ele faz alusão às mulheres desavergonhadas, que se atrevem, pelo terror, a confrontar seus maridos, para que não possam eles exercitar o seu próprio direito. "Quê! tratas-me mal? Há alguém que se ressentirá dessa

conduta". Mesmo quando os maridos, com indignação, trazem sua censura, não tentam, amiúde, defender o direito deles, pois percebem o medo no seu caminho. Mas Deus diz: "Nada me impedirá de castigar a ti com mereces (pois ele se dirige ao povo, esse personificado como esposa); diante de teus namorados, pois revelarei tua vileza".

E nenhum homem salvar-te-á da minha mão. A palavra homem é posta aqui no lugar de ídolos; pois é de sentido geral entre os hebreus. Algumas vezes, quando se fala de animais irracionais, tal palavra, homem, é utilizada; e é também aplicada aos fragmentos de um esqueleto. Pois, quando Moisés descreve o sacrifício feito por Abraão, 'Homem', ele diz, 'foi posto para seu companheiro'; isto é, Abraão se juntava às diferentes partes do sacrifício, como dizemos em francês, *Il n'y a piece*. Deus, então, fala aqui de ídolos: *Ninguém,* ele diz, *liberta-los-á da minha mão.* Compreendemos agora o que quis dizer o Profeta.

Devemos, ao mesmo tempo, observar o que ele tinha em vista. Os israelitas realmente pensavam que, conquanto seus modos corrompidos de culto prevalecessem, estariam a salvo e seguros: parecia-lhes impossível que qualquer adversidade lhes ocorresse enquanto a idolatria continuasse. Como, pois, imaginavam que seus falsos deuses lhes fossem como um invencível baluarte, "Teus ídolos", diz ele, "permanecerão, todavia, tu cairás: pois, perante teus amantes, descobrirei tua baixeza, e nenhum deles livrará a ti da minha mão".

O Profeta agora desce aos pormenores; e, em primeiro lugar, ele diz que o povo ficaria destituído de seus sacrifícios e dias de festas, e de toda aquela pompa exterior, os quais estiveram com eles à guisa de religião. Em seguida, adiciona que seriam despojados do alimento e de toda abundância. Até este ponto, ele estava falando da nudez deles; mas agora descreve o que seria tal nudez: e menciona, em especial, que os sacrifícios cessariam, que os dias de festas, neomênias e o que quer que pertencesse ao culto externo cessariam. *Farei com que cesse*, diz, *todo o júbilo dela.* Sem dúvida, ele fala dos prazeres sagrados; e isso pode ser facilmente captado do contexto. Acrescenta, *todos os dias festivos dela.* Como tinham por costume dançar em seus dias de festa, essa palavra pode estar se referindo àquela prática. Em seguida, ele adiciona, *o sábado dela*, e todos os dias festivos. Então, o primeiro tipo de nudez era que Deus tiraria dos israelitas aquela forma falaciosa e vazia de religião na qual eles tolamente se deleitavam. A segunda espécie de nudez era que eles estavam para serem esbulhados de todas as riquezas terrenas, e reduzidos à miséria e à necessidade extrema. Porém, não posso terminar hoje.

ORAÇÃO

Conceda, Todo-Poderoso Deus, que, visto sermos tão estúpidos e negligentes, que, ainda que freqüentemente admoestados, todavia, não refletimos sobre nossos pecados, sim, embora castigados por tua mão, contudo, não retornamos de imediato a uma mente reta — Ó, permita que nós, daqui em diante, beneficiemo-nos mais sob teu cajado, e não sejamos pertinazes e indóceis; porém, assim que tu levantares tua mão, cada um de nós lamente, conheça seus próprios males e, então, em um consenso, rendamo-nos para sermos regidos por ti; e, neste ínterim, paciente e calmamente suportemos tuas punições, e nunca murmuremos contra ti, mas aspiremos sempre à obtenção do verdadeiro arrependimento, até que, havendo finalmente repelido todos os vícios e corrupções da nossa carne, alcancemos a plenitude da retidão, e aquela verdadeira e bendita glória que tens preparado para nós no céu por Jesus Cristo. Amém.

SEXTA DISSERTAÇÃO

Começamos ontem a explicar o versículo no qual o Senhor fala da interrupção do Sábado, da lua nova e do culto externo. O povo de Israel, como afirmamos, seria destituído desses excelentes dons com os quais havia sido distinguido. E Deus, nós sabemos, é, em dois aspectos, magnânimo para com seu povo naquelas dádivas que são denominadas sobrenaturais. Por isso, o Profeta diz, em primeiro lugar: *Eu farei cessar o sábado, e a neomênia, e os dias de festa*. Eles realmente se julgavam abençoados quando celebravam os dias festivos, quando ofereciam sacrifícios e, em uma palavra, quando a magnificência exterior do culto a Deus rutilava entre eles: todavia, sabemos que não o adoravam num lugar lícito nem da maneira reta, como ele ordenara na lei; pois mesclavam muitas superstições; mais que isso, a religião, como um todo, estava impura; e, contudo, julgavam que o culto deles agradava a Deus. Vemos agora que o objetivo da punição era este — que o povo de Israel então parasse de se alegrar por sua forma externa de religião, quando privado do templo, dos sacrifícios e de todo o seu culto exterior: e tudo isso aconteceu quando os israelitas foram conduzidos para longe, no exílio. De fato, sabemos que eles não deixaram suas superstições até serem privados de sua terra e levados ao desterro.

Vou agora à segunda espécie de nudez: o Profeta diz: *Eu devastarei* ou *destruirei a vinha e a figueira dela, da qual diz: São estas recompensas para mim, isto é*: tais coisas são minha paga, *que meus amantes deram a mim: e eu farei dela uma floresta, e delas alimentarei as bestas do campo*. A segunda parte do despojamento, como dissemos, é que os israelitas seriam reduzidos à miserável penúria, eles que, dantes, não somente possuíam grande abundância de boas coisas, mas ainda luxo, como veremos daqui para frente, mais completamente, em outras passagens. Como, então, estivessem inchados de orgulho por causa de sua prosperidade, o Profeta agora anuncia sua futura nudez: *Eu tirarei*, ele diz, *a vinha e a figueira.* É um modo de falar pelo qual uma parte tem que ser tomada pelo todo; pois, sob a vinha e a figueira o Profeta pretendia abranger toda variedade de bênçãos temporais. Tudo o que diz respeito ao sustento do homem, o Profeta inclui aqui nessas duas palavras: e ele repete o que dissera anteriormente, que os israelitas falsamente pensavam que isso fosse um prêmio pago a eles por suas superstições, enquanto cultuavam deuses falsos.

Ela disse: Estas são minha recompensa. A palavra deriva-se do verbo תנה, ***tanah:*** alguns a vertem por dom, mas não corretamente. De fato, eu admito que נתנו, ***natnu,*** que significa dar, segue-se logo depois; do qual alguns deduzem tal palavra. Porém, conhecemos que em muitas partes da Escritura אתנה, ***'etnah,*** é estritamente considerada como recompensa; e é por vezes aplicada a soldados remunerados: mas os Profetas amiúde usam essa palavra quando falam de meretrizes. Por isso, o Profeta introduz aqui o povo de Israel na personagem de uma prostituta; *estas são minha recompensa*, ou, *estas coisas são minha recompensa, que me deram os meus amantes*.

Visto pois que os israelitas se endureceram tanto em suas superstições que essa falsa convicção não lhes podia ser tirada, até que fossem destituídos de todas as suas bênçãos, ele lhes anuncia esta punição — que Deus retiraria tudo que eles imaginavam que lhes houvesse vindo de seus ídolos ou falsos deuses: *Eu transformarei*, ele diz, *todas essas em uma floresta*, ou seja: "Eu reduzirei a uma desolação tanto as vinhas quanto todas as bem cultivadas partes, para que não produzam nada, como é comumente o caso de lugares desertos". Compreendemos agora tudo o que quis dizer o Profeta. Continuemos —

Oséias 2.13

13. E visitarei sobre ela os dias de Baalim, nos quais queimou incenso a eles, e se ataviou com seus brincos e suas jóias, e foi atrás de seus amantes, e me esqueceu, diz o SENHOR.	**13.** Et visitabo super eam dies Baalim, quibus incensum (*vel,* suffitum) illis obtulit (*vel*, adolevit illis,) et ornata fuit inaure sua et monili (*vel*, torque) suo, et profecta est post amatores suos, et mei oblita est, dixit Dominus.

Ele confirma o que ensinou da última vez. Dissemos antes que tal admoestação é mui necessária, pois, sempre que Deus trata os homens severamente, ele, neste caso, visita os pecados deles, infligindo um justo castigo. Pois, embora considerem a si mesmos castigados pelo Senhor, todavia, não se sondam nem se examinam inteiramente como devem. Em vista disso, o Profeta repete o que vimos antes, isto é, que tal castigo seria justo; e, simultaneamente, ele nos mostra, com que a dedo, do que Deus mormente se desgostava nos israelitas, que era o fato de a religião estar por eles corrompida: pois nada há mais necessário para se conhecer do que isso, de modo que os homens sempre se habituem a adorar a Deus de uma maneira pura, e seja-lhes testificado que todas as superstições são uma abominação tal para Deus que ele não as pode tolerar.

Portanto, ele diz: *Eu visitarei sobre ela os dias de Baalim*; ou seja, quando os israelitas se descobrissem sem um templo, privados de sacrifícios e neomênias, e não tendo mais nenhuma forma externa de culto, que soubessem eles que eram, desse modo, castigados, porque adoraram Baalim no lugar do Deus verdadeiro. O Profeta, ao mesmo tempo, outra vez alude às meretrizes, que com maior primor e cuidado se adornam quando procuram seus amantes, para que possam, com seus encantos, cativá-los. *Ela se ataviou*, ele diz, *com seu brinco e sua jóia.* Isso os supersticiosos geralmente fazem, quando celebram seus dias de festas; pois pensam que uma grande parte da santidade consiste no esplendor das vestimentas; e vemos que tal estupidez prevalece hoje entre aqueles debaixo do Papado: pois julgar-se-iam cometendo grande desonra a Deus ou, antes, aos seus ídolos, caso não se adornassem ao irem realizar as obrigações sagradas. Isso, sem dúvida, era então erro e costume comuns. Porém, a fim de mostrar mais claramente que Deus abominava cada uma das superstições grosseiras, o Profeta diz que eles eram como prostitutas. Pois, como uma rameira, a fim de atrair os homens, pinta-se, e também se veste esplendidamente, põe seus adornos e se enfeita com jóias e ouro, precisamente assim, ele diz, os israelitas agiram; fizeram o papel da devassa, e trouxeram os sinais de sua libidinagem. Essa, então, é a alusão, quando o Profeta diz que *ela se ataviou com jóias e brinco, e foi atrás de seus amantes.*

Contudo, mais doloroso é o que ele acrescenta no fim do versículo: *De mim,* diz, *tem ela se esquecido.* Deus aqui se queixa de que a companhia de casamento de nada servia: embora houvesse ele vivido com o povo por um longo tempo, e o tratado generosa e amavelmente, todavia, a lembrança disso estava enterrada, *De mim*, diz ele, *ela tem se esquecido.* Há, pois, aqui, uma comparação implícita entre os israelitas — a quem Deus se juntara — e outras nações que não haviam conhecido nada da religião verdadeira, nem entendido quem era o Deus verdadeiro. De fato, não é de se admirar que os gentios sejam enganados pelas imposturas de Satanás: mas era uma monstruosa ingratidão por parte dos israelitas, que tinham sido corretamente ensinados e há muito habituados ao culto puro a Deus, rejeitarem a memória dele. Era como a bestial depravação de uma mulher, a qual, tendo por algum tempo vivido com seu marido, e tendo sido afavelmente tratada por ele, posteriormente se prostitui com adúlteros, e não mais nutre ou retém em seu coração qualquer amor pelo esposo. Vemos agora com que finalidade isso foi adicionado: os israelitas esqueceram-se de Deus. Realmente, era uma grave e severa objurgação dizer que eles, depois de haverem por muito tempo cultuado o Deus verdadeiro, tivessem sido levados a tal loucura de adorar a deuses

falsos, as ficções de suas próprias mentes: pois haviam anteriormente aprendido quem era o verdadeiro e único Deus.

Em uma palavra, o Profeta confirma nesse versículo (como antes vos lembrei) a verdade de que o castigo que Deus estava para infligir sobre esse povo ímpio não seria somente justo, mas também necessário; e, ao mesmo tempo, ele prova quão vilmente tinham eles violado seu voto matrimonial, visto que a recordação de Deus não mais predominava entre eles, após terem se tornado os seguidores dos ídolos e das fábulas de seus próprios corações. Prossigamos então —

Oséias 2.14

14. Por conseguinte, eis que a atrairei, e tra-la-ei ao deserto, e lhe falarei agradavelmente.	**14.** Propterea ecce ego inclino illam (*vel*, persuadeo illi: *dicemus postea de hoc verbo*) et proficisci eam faciam (*hoc est*, deducam eam) in desertum, et loquar super cor ejus (*hoc est*, luquar quod gratum est.)

Aqui o Senhor expressa mais claramente que, após haver por muito tempo, e de várias maneiras, afligido o povo, finalmente seria propício a esse; e não só isso, mas que também faria com que todas as punições fossem conducentes à salvação dele povo e remédios para curar as doenças. Porém, há uma inversão nas palavras, *Eis que eu a inclinarei*, e *fa-la-ei adentrar o deserto*; e assim elas devem ser explicadas: "Eis que eu a inclinarei, ou, persuadi-la-ei, após a ter atraído para o deserto; depois, *eu falarei ao coração dela*". פתה, ***patah*** é freqüentemente tomada em um mau sentido, enganar, ou persuadir por falsidades ou, para usar uma palavra vulgar, adular: porém, aqui, isso quer dizer falar amavelmente; para que Deus persuada um povo rebelde e obstinado quanto ao que é reto: e, em seguida, ele declara que tal aconteceria quando o conduzisse ao deserto. Isso está relacionado com a frase anterior, onde é dito, 'eu a porei como no dia de seu nascimento': pois Deus alude à primeira redenção do povo, a qual foi como o primeiro nascimento desse; pois era como se o povo emergisse de seu túmulo; esse obteve uma nova vida quando foi liberto da tirania do Egito. Logo, Deus o gerou como um povo para si próprio.

Mas o Profeta acrescenta: Após haver levado ela ao deserto, *eu a inclinarei;* ou seja, eu a tornarei dócil para comigo. Por essas palavras, ele dá a entender que não haveria esperança alguma de arrependimento até que o povo fosse levado a males extremos; pois, houvesse sido moderada a punição, a perversidade dele povo não teria sido corrigida. Então Deus mostra, nesse versículo, que não haveria fim nem diminuição dos males até que o povo fosse atraído ao deserto, ou seja, até que fosse esse despojado de seu país e sacrifícios, bem como de toda sua riqueza; sim, até que o povo fosse privado de sua comida ordinária e lançado em um ermo e uma solidão onde a carência de todas as coisas o pressionasse, e a necessidade extrema o ameaçasse com a morte. Se, então, houvesse esse sido visitado com punição leve, não teria tido resultado algum; pois sua dureza era maior do que a que poderia ter sido abrandada por remédios leves ou comuns.

Porém, tal declaração estava cheia de grande conforto. Os fiéis poderiam, de outro modo, haver se desanimado de todo, quando se descobrissem conduzidos para o exílio, e a vista da terra, que era, por assim dizer, o espelho da adoção divina, fosse-lhes tirada, quando se vissem dispersos em várias partes, não havendo agora comunidade alguma, tampouco semente de Abraão. O Senhor, por conseguinte, para que o desespero não tragasse os fiéis, tencionava dessa forma aliviar a tristeza deles; assegurando-lhes que, embora fossem de novo atraídos para o deserto, Deus, que primeiro os redimiu, ainda era o mesmo, e dotado da mesma força e poder que ele exibiu em favor de seus pais. Apreendemos agora o desígnio do Profeta. A calamidade podia ter abalado seus corações com terror

tal que lhes tirasse toda confiança no auxílio divino, fazendo-os pensar que estivessem de todo perdidos: contudo, Deus põe o deserto diante deles: "Quê! Não vos arranquei uma vez para fora do deserto? Meu poder diminuiu desde aquele tempo? Eu continuo a ser, verdadeiramente, o mesmo Deus que vossos pais me descobriram ser: outra vez os tirarei do ermo". Mas, ao mesmo tempo, Deus lhes fazia lembrar que suas moléstias não seriam curadas até que fossem levados ao deserto, até que ficassem privados de seu país e de todos os sinais do favor divino, para que não mais se iludissem com vã confiança.

Portanto, ele diz: *Depois de tê-la atraído ao deserto, então a persuadirei,* ou*, torna-la-ei.* Eu prefiro a palavra, tornando ou inclinando, ainda que persuadindo não seja de modo algum inapropriada. Mas parece haver uma comparação implícita entre a presente contumácia do povo e a obediência que esse prestaria ao seu Deus, após haver sido subjugado por várias aflições. "O povo", ele diz, "será então dócil, quando for atraído para o deserto".

E eu falarei então ao coração dela. Qual é a significação dessa expressão, nós sabemos por Isaías 40. Falar ao coração é trazer conforto, mitigar a dor com uma palavra afetuosa, oferecer bondade e exibir alguma esperança, para que aquele anteriormente fatigado de tristeza respire aliviado, ganhe coragem e nutra a esperança de uma melhor condição. E esse tipo de linguagem deve ser cuidadosamente observado; pois Deus quer dizer que não havia agora lugar nenhum para suas promessas, por serem os israelitas tão refratários. Não é em vão que Paulo disse aos coríntios: 'Abris vós minha boca[13], ó coríntios; pois não estou estreitado para convosco; mas estais estreitados em vossas próprias entranhas' (2 Co 6.11,12). Os coríntios, quando alheados de Paulo, obstruíram, por assim dizer, a passagem de sua doutrina, para que não se dirigisse a eles de uma maneira paternal. Assim, o Senhor testifica aqui também que não havia terreno para as suas promessas; pois, se desse ele aos israelitas a esperança de perdão, dela se faria pouco caso; se os houvesse convidado amavelmente para si, eles, com escárnio, recusariam, sim, rejeitaram a oferta com desdém, tão grande era a crueldade deles; se houvesse desejado reconciliar-se com eles, despreza-lo-iam, recusa-lo-iam ou seguiriam abusando da bondade como dantes. Ele então prova que era por culpa deles que não podia lidar afável e amigavelmente com eles. Por isso, *depois de atraí-la para o deserto, eu me dirigirei ao seu coração.*

Que saibamos então que, sempre que somos privados do senso da mercê divina, o caminho está cerrado por falta nossa; pois Deus sempre estará disposto a, de bom grado, mostrar benevolência, se nossa contumácia e dureza não permanecerem no caminho. Mas, quando ele nos vê subjugados de modo a ficarmos dóceis e prontos a obedecer, então ele está pronto para, por seu turno, falar ao nosso coração; isto é, ele está pronto para se mostrar exatamente como é, cheio de graça e bondade.

Por isso, vemos quão bem o contexto do Profeta se harmoniza. Há, em suma, duas partes — a primeira é que Deus não retira inteiramente dos israelitas a esperança de perdão, contanto que haja algo curável entre eles, mas demonstra que, embora a punição fosse severa, todavia, seria útil, visto que disso surgiria frutos; isso é uma oração; e a outra é que eles não podiam ser por demais precipitados em inquirir por que Deus não mitigava mais depressa a sua severidade, ao que ele responde que o tempo ainda não era oportuno; pois não seriam capazes de receber a benevolência dele se não fossem gradualmente submetidos e humilhados por castigo mais pesado. Prossigamos então —

---

[13] Como não há leitura que favoreça tal opinião no texto, é difícil saber como Calvino veio a dar essa paráfrase, visto que é o contrário do sentido da passagem. Na nossa versão é, literalmente, traduzido: "Nossa boca está aberta para vós". Ainda que o texto não esteja dado corretamente, todavia, o que é aqui ensinado é verdadeiro e importante (N. do E. inglês).

Oséias 2.15

15. E dar-lhe-ei suas vinhas daqui, e o vale de Acor por uma porta de esperança: e ela cantará ali, como nos dias da sua juventude, e como no dia em que subiu da terra do Egito.

15. Et dabo ei vineas suas illinc (ab eo loco) et vallem Achor in apertionem (*vel*, januam) spei: et canet illic sicuti diebus adolescentiae (*vel*, pueritiae) suae, et sicut in die quo ascendit e terra Aegypti.

O Profeta agora declara explicitamente que a mercê de Deus seria notória, não somente por palavras, mas também pelos efeitos e pela experiência, quando o povo estivesse inclinado à obediência. O Profeta disse no último versículo: 'Eu falarei ao seu coração'; agora, ele acrescenta: 'Eu trarei uma prova segura e clara do meu favor, para que possam sentir-se garantidos de que me reconciliei com eles'. Logo, ele diz que lhes daria vinhas. Ele disse antes: 'Destruirei as videiras e figueiras dela'; mas agora ele menciona apenas vinhedos: porém, como dissemos, o Profeta, debaixo de um tipo, abrange todas as outras coisas; e ele escolhe vinhas porque nelas a generosidade de Deus aparece de modo especial. Pois é imprescindível o pão para sustentar a vida; o vinho abunda, e a esse é atribuída a propriedade de recrear o coração, Salmo 104: 'O pão fortalece', ou, 'sustenta o coração do homem; o vinho alegra o coração do homem'. Como pois as vinhas eram comumente plantadas não apenas por questão de satisfação das necessidades, mas também para uma provisão mais generosa, o Profeta diz que o Senhor, quando se reconciliasse com o povo, dar-lhe-ia seus vinhedos daquele lugar.

E eu darei, ele diz, *o vale de Acor,* etc. Ele alude à situação deles no deserto: tão logo os israelitas saíram do deserto, entraram na planície de Acor, que era frutífera, aprazível e produtora de vides. Alguns pensam que o Profeta se reporta à punição infligida ao povo pelo sacrilégio de Acã, porém, em minha opinião, eles estão enganados; pois o Profeta aqui não quer dizer nada além de que haveria uma súbita alteração na condição do povo, tal como ocorreu quando saiu esse do deserto. Pois no deserto não havia nem mesmo um grão de trigo ou cevada, ou um cacho de uvas; em resumo, não havia no deserto nada senão penúria, acompanhada de milhares de mortes; mas, assim que saiu, o povo desceu à planície de Acor, que era a mais agradável, e mui fértil. O Profeta quis dizer simplesmente isto, que, quando o povo se arrependesse, não haveria mais demora da parte de Deus, mas que ele livra-lo-ia de todos os males, e restauraria uma abençoada abundância de todas as coisas, como foi o caso, quando o povo outrora desceu à planície de Acor. Ele, portanto, traz à lembrança dos israelitas o que sucedera aos seus pais: *Suas vinhas,* então, *darei a ela daquele lugar,* ou seja, "Assim que eu, por minha palavra, atestar-lhes meu amor, efetivamente saberão e descobrirão que sou eu realmente, de coração reconciliado para com eles, e compreenderão quão inclinado estou para mostrar bondade; pois não mais manterei o povo em suspense".

E ele acrescenta, *Por uma abertura,* ou, *uma porta de esperança.* Ele mostra aqui que a restauração deles foi como que da morte para a vida. Pois, embora o povo diariamente visse que Deus cuidava da vida dele povo, pois fazia chover maná do céu e água fluir de uma rocha, todavia, houve, ao mesmo tempo, diante de seus olhos, o aparecimento da morte. Então, enquanto peregrinou no deserto, Deus sempre pôs perante ele os terrores da morte: em suma, sua habitação no deserto, como dissemos, foi seu sepulcro. Mas, quando o povo desceu à planície de Acor, então começou a aspirar ar vital; e sentiu também que finalmente vivia, pois obtivera seus desejos: de fato, tinha ora chegado à vista da herança prometida para si. Como, pois, o vale de Acor foi o princípio e, por assim dizer, a porta da boa esperança a seus progenitores, assim o Profeta, agora aludindo àquela redenção, diz que Deus imediatamente trataria com tanta amabilidade os israelitas

que lhes abriria uma porta de esperança e salvação, como fizera anteriormente aos pais desses no vale de Acor.

E ela cantará ali. Podemos descobrir facilmente, pelo contexto, que aqueles intérpretes que rebuscadamente filosofam sobre o vale de Acor se equivocam. É deveras verdade que a raiz da palavra é o verbo עכר, ***'achar,*** cujo sentido é confundir ou destruir, e que esse nome foi dado ao lugar devido ao que havia ocorrido lá: porém, o Profeta não se refere a coisa alguma tal, como transparece de modo claro na segunda oração; pois diz: "Ela cantará ali como nos dias de sua juventude", e como no dia em que ela subiu da terra do Egito. Pois então, finalmente, o povo de Deus abertamente celebrava seus louvores, ao contemplar a terra prometida, ao vir um fim à severa vingança divina, a qual durou quarenta anos. Destarte, o povo ali derramou seus corações e empregou suas línguas em louvores a Deus. O Profeta, por conseguinte, ensina aqui que a restauração seria tal que o povo realmente entoaria louvores a Deus e não lhe ofereceria graças ordinárias; não como estão habituados a fazer aqueles que são libertos de um mal comum, mas como os que são trazidos da morte para a vida. *Ela cantará* então *como nos dias de sua infância, como naquele dia em que subiu da terra do Egito.*

Desse modo, vemos que uma esperança de livramento é dada aqui, para que os fiéis conservem suas mentes no exílio, e acalentem a esperança do futuro favor; para que, ainda que a face de Deus estivesse por um tempo voltada para longe, eles, todavia, pudessem buscar uma libertação futura, não duvidando de que Deus lhes seria propício, depois de haverem sofrido justo castigo e sido assim corrigidos: pois, como dissemos, uma punição moderada não teria sido suficiente para vencer a perversidade deles. Continua —

Oséias 2.16

16. E será naquele dia, diz o SENHOR, *que* tu me chamarás Ishi; e não mais me chamarás Baali.	**16.** Et erit in die illo, dicit Jehova, vocabis me, vir meus (*vel*, marite mi,) et non vocabis me amplius Baal meus, (alii vetunt, non vocabi me amplius, Dominus meus; sed retinendum est nomen Baal, sicuti mox dicam.)

O Profeta agora expande seu argumento, e revela que, quando o povo se arrepender, os frutos do arrependimento aparecerão abertamente. Ele indica um fruto, e é este, que eles começariam então a cultuar a Deus com pureza, sendo todas as superstições abolidas. *Será,* ele diz, *naquele dia, que me chamarás, Meu marido;* e ele faz menção da palavra marido para mostrar ao povo que, após haver sido corrigido, ele povo ficaria cioso do pacto que Deus fizera com ele; e naquele pacto, como dantes afirmado, havia a condição de compromisso mútuo.

Vemos, por essa razão, o que o Profeta quer dizer: ele nos conta que o povo então não mais seria dado a superstições como outrora mas, pelo contrário, seria diligente com o concerto de Deus, e continuaria sincero e verdadeiro ao voto conjugal. Por isso, *tu me chamarás, Meu marido:* isto é: "Tu não me darás um nome falso e pagão": pois a palavra Baal, como eu disse antes, estava em toda parte, em todas as bocas. Mas o próximo versículo precisa ser agregado —

Oséias 2.17

17. Pois tirarei os nomes de Baalim da sua boca, e eles não mais serão lembrados pelo nome deles.	**17.** Et auferam nomina Baalim ex ore ejus, et non recordabitur amplius nominis ipsorum (*Baalim scilicet.*)

Nesse versículo, o Profeta desenvolve de maneira mais clara o que ele disse antes, que haveria uma nova mente no povo, para que esse — embora antes estivesse enredado em suas superstições — adorasse a Deus de forma pura. O sentido, pois, é que a religião retornará então ao seu verdadeiro estado, pois os nomes dos Baalim cessarão. Já afirmamos de onde esse nome surgiu. Nem mesmo os pagãos queriam lançar fora do trono celestial o único Deus verdadeiro ao formarem para si muitos deuses: mas, embora admitissem algum Ser Supremo, queriam ter medianeiros, a quem empregavam para granjear seu favor e boa vontade. Que isso fosse a doutrina corrente na maior parte, pode ser facilmente sabido por Platão: e os judeus também, indubitavelmente, achavam se tornar sábios ao seguir o julgamento comum de outros; por isso, possuíam seus Baalim. Porém, ainda que chamassem a seus padroeiros Baalim, todavia, davam este nome a Deus: "Vamos cultuar Baalim". Os papistas fazem o mesmo; quando entram em seus templos, imediatamente se voltam à imagem de Maria ou de algum santo, e não ousam vir a Deus. Ao mesmo tempo, adoram a Deus, isto é, fingem adorá-lo, e chamam de superstição o culto a ele. Assim era entre os israelitas; embora a majestade do Deus Supremo não fosse negada, contudo, ocorria aquilo de que os papistas também falam: "Que Cristo não se distingue de seus Apóstolos"; tudo entre eles estava misturado e confundido. Em conseqüência, diz ele: *Eu tirarei Baalim de sua boca, e ela não mais recordará o nome de Baalim;* o que significa: "eles se contentarão com a profissão de pura fé, e celebrarão o nome do único Deus verdadeiro; não mais misturarão seus paliativos com a doutrina da lei e, dessa forma, viciarão o puro e santo culto de Deus". Percebemos agora o que quis dizer o Profeta.

Ora, daqui nós aprendemos que a Igreja não pode ser retamente reformada se não for instruída à obediência pelos freqüentes flagelos de Deus; pois o Senhor cria para si, por esse meio, um novo povo. Hoje em dia, percebemos que grande estupidez se apossa da mente daqueles que não estão bem preparados para o culto de Deus. Eles de fato riem das superstições do Papado; porém, ao mesmo tempo, são uma espécie de Ciclope[14]: vemos que nada há senão ignorância bárbara em seus corações. O Profeta então diz, não em vão, que o estado da religião seria pois direito, quando o Senhor houvesse de todo subjugado o seu povo. Por isso, "naquele dia", que faz referência à pesada punição que Deus infligiria aos israelitas — *Naquele dia,* então, *diz o Senhor, tu não mais me chamarás de Baal; mas me chamarás, Marido.* Como assim? Porque "eu retirarei" os nomes de Baalim de tua boca; ou seja, farei o povo lançar fora suas próprias invenções e a se satisfazer com a doutrina pura da minha lei.

Também devemos lembrar que uma confissão de fé é aqui preconizada pelo Profeta. Sem dúvida, é o fruto da verdadeira penitência quando testificamos pela boca e pela língua que o único Deus verdadeiro é o nosso Deus, e quando não ficamos envergonhados de confessar o nome dele diante do mundo, ainda que esse se encolerize furiosamente contra nós.

Outrossim, somos lembrados, por tais palavras, de que nem a adoção de diligência e cuidado demasiados pode nos limpar totalmente de todas as sortes de contaminações; pois, enquanto resíduos de superstição continuarem entre nós, eles sempre nos embaralharão, e assim tropeçaremos ou, pelo menos, não correremos de maneira tão desenvolta quanto devemos. Visto, pois, que tudo o que os homens retêm de suas próprias invenções corrompidas lhes é um empecilho para obterem

[14] Gigantes fabulosos com um único olho. Os tais aludidos possuíam um olho para ver os absurdos do Papado; mas não possuíam olho algum para ver a beleza e glória do Evangelho (N. do E. inglês).

um acesso direto a Deus, é-nos conveniente que labutemos para que os nomes de Baalim cessem e sejam abolidos de entre nós; e, para esse fim, que nada nos impeça e retarde no verdadeiro culto de Deus. Continua então -

ORAÇÃO

Permita, Todo-Poderoso Deus, que, visto levantarmos contra ti tantos obstáculos por causa da depravação da nossa carne e da nossa disposição natural, que parecemos, por assim dizer, estar intencionalmente lutando para cerrar a porta contra tua bondade e tua mercê paternal; ó, conceda que nossos corações fiquem assim abrandados por teu Espírito, e a dureza que até agora prevalecia seja assim corrigida, para que nos submetamos a ti com genuína docilidade, especialmente quando tu, tão amável e ternamente, convidar-nos para ti mesmo, para que, sendo atraídos por teu doce convite, corramos, e corramos para que não fiquemos cansados em nosso curso, até que Cristo, por fim, traga-nos para junto de ti e, simultaneamente, conduza-nos a ti para aquela vida eterna, a qual ele obteve para nós por seu próprio sangue. Amém.

SÉTIMA DISSERTAÇÃO

Oséias 2.18

18. E naquele dia farei eu por eles um pacto com as bestas do campo, e com as aves do céu, e *com* as coisas rastejantes do solo: e exterminarei o arco e a espada e a peleja da terra, e fa-lo-eis repousar em segurança.

18. Et percutiam illis foedus in die illa cum bestia agri et cum volucre coeli et cum reptili terrae: et arcum et gladium et proelium confringam e terra et quiescere eos faciam ad fiduciam, (*hoc est*, confidenter.)

O Profeta revela aqui que o povo ficaria, de todas as maneiras, feliz após o retorno à proteção de Deus: e, simultaneamente, ele os faz lembrar que a causa de todos os males é que os homens provocam a ira divina. Em conseqüência, quando Deus está furioso, todas as coisas devem necessariamente nos ficar contrárias; pois, como Deus tem todas as criaturas à sua disposição e em sua mão, ele pode fortalecê-las em vingança contra nós sempre que lhe aprouver: porém, quando ele nos é propício, pode fazer com que tudo no céu e na terra seja conducente à nossa segurança. Como, então, ele amiúde ameaça na Lei que, quando se propusesse a castigar o povo, faria com que os animais irracionais, as aves celestes e todas as espécies de répteis executassem seu julgamento, também aqui ele declara que haveria paz aos homens quando os recebesse em favor.

Farei, diz ele, *um concerto naquele dia com a besta do campo.* Conhecemos o que é dito em um outro lugar: 'Se te encerrares em casa, uma serpente te morderá ali; porém, se saíres de tua casa, um urso ou leão encontrar-te-á no caminho' (Amós 5.19); por cujas palavras Deus mostra que não conseguimos escapar de sua vingança quando ele está irado conosco; pois ele armará contra nós tanto leões e ursos quanto serpentes, tanto em casa quando fora dela. Mas ele diz aqui: 'Farei eu por eles um pacto com as bestas'; para que elas desempenhem seus deveres para conosco: pois foram criadas, sabemos, para este fim — ficarem sujeitas aos homens. Visto, pois, que foram destinadas ao nosso proveito, devem, de acordo com suas naturezas, estar em sujeição a nós: e sabemos que Adão causou isto —as bestas selvagens se levantarem tão rebeldemente contra nós; pois, de outro modo, elas voluntária e gentilmente nos obedeceriam. Ora, visto que há esta horrível desordem, que as bestas irracionais, que deveriam reconhecer os homens como seus senhores, enfureçam-se contra eles, o Senhor recorda-nos aqui da primitiva ordem da natureza: *Farei por eles um pacto,* diz, *com a besta do campo,* o que significa: "Eu farei os animais irracionais conhecerem para que finalidade foram eles formados, isto é, para ficarem sujeitos ao domínio dos homens, e nunca mais demonstrarão rebelião".

Percebemos agora, então, a intenção do Profeta: ele faz lembrar os israelitas de que tudo era adverso para a segurança deles enquanto estavam apartados de Deus; porém, quando retornassem à sua mercê, tal desordem, que por um tempo havia aparecido, não mais perduraria; pois a ordem regular da natureza predominaria, e os animais irracionais tolerariam o serem trazidos à obediência. Esse é o concerto do qual o Profeta ora fala quando diz: *Farei eu por eles um pacto,* isto é, *no nome deles, com a besta do campo, e com o pássaro do céu, e com o réptil da terra.*

Segue-se: *Eu despedaçarei o arco, e a espada, e a batalha,* ou seja, todo instrumento de guerra; pois, sob a palavra מלחמה, ***milchamah,*** o Profeta inclui todas as coisas adaptadas para a guerra. Por isso, *eu despedaçarei* todo tipo de armas "naquele dia, e os farei habitar de modo seguro". Na última oração, ele expressa o objetivo pelo qual as armas e espadas deviam ser destruídas — para que os israelitas, antes desassossegados por vários temores, pudessem habitar em paz, e não mais recear qualquer perigo. Esse é o sentido.

Contudo, é-nos apropriado trazer à lembrança o que dissemos antes, que o Profeta fala da restauração do povo, de modo que estende suas predições ao reinado de Cristo, como podemos ficar sabendo pelo testemunho de Paulo, já citado. Vemos então que o favor de Deus, do qual o Profeta ora fala, não está restrito a um período curto ou a uns poucos anos, mas se prolonga até o reinado de Cristo, e é o que temos em comum com o povo antigo. Que saibamos, portanto, que, se não provocarmos Deus contra nós por causa dos nossos pecados, todas as coisas serão úteis para a promoção da nossa segurança, e que é nossa culpa quando as criaturas não nos prestam obediência: pois, quando nos amotinamos contra ele, não é de se maravilhar que os animais irracionais enfureçam-se e encolerizem-se contra nós; pois que paz pode haver quando persistimos na guerra contra o próprio Deus? Por isso, caso os homens se submetessem devidamente à autoridade divina, não haveria rebelião alguma nos animais irracionais; ao contrário, todos aqueles que são turbulentos, mansamente descansariam debaixo da proteção de Deus. Mas, quando somos insolentes contra ele, ele justamente nos pune, incitando vários combates e tumultos contra nós. Daí, então, as espadas e os arcos serem preparados contra nós, e daí as guerras serem levantadas contra nós: tudo isso é porque continuamos a lutar contra Deus.

Ao mesmo tempo, deve ser notado também que é um benefício singular para o povo morar em segurança; pois sabemos que, ainda que possuamos todas as outras coisas, todavia, caso não vivamos em paz, miserável é a nossa condição: por esse motivo, o Profeta menciona isso como o ápice de uma vida feliz. Segue-se agora —

Oséias 2.19,20

19. E esposar-te-ei para mim para sempre; sim, esposar-te-ei para mim em justiça, e em julgamento, e em benevolência, e em misericórdias.	**19.** Et desponsabo te mihi in perpetuum, etdesponsabo te mihi in justicia, et in judicio, et in clementia, (*vel*, bonitate,) et in misericordiis.
20. Esposar-te-ei mesmo para mim em fidelidade: e tu conhecerás ao SENHOR.	**20.** Et desponsabo te mihi in fide, (*vel*, veritate:) et cognosces Jehovam.

O Profeta aqui, novamente, torna conhecida a maneira pela qual Deus receberia em mercê o povo dele. Como se o povo não tivesse violado o voto matrimonial, Deus promete ser a ele como um noivo que casa com uma virgem jovem e pura. Nós falamos antes da apostasia do povo; mas, como Deus o repudiara, não era um favor ordinário para o povo ser recebido de novo por ele, e recebido com perdão. Quando uma mulher retorna ao seu marido, é uma grande coisa da parte dele perdoar a ela, e não repreendê-la por sua vil conduta anterior: porém, Deus vai mais longe que isso; pois ele desposa para si um povo execrável pelos muitos atos ignominiosos; e, havendo abolido o pecado desse, contrai, no modo de dizer, um novo matrimônio, e o liga outra vez consigo. Por isso, ele diz: *Esposar-te-ei para mim.* Percebemos agora o significado da palavra, esposar: pois Deus quer dizer, por meio dela, que não lembraria da infidelidade pela qual anteriormente lançara fora seu povo, porém, apagaria toda a infâmia dele povo. Foi, de fato, uma honrosa recepção em mercê quando Deus ofereceu um novo casamento, como se o povo não houvesse sido como uma mulher adúltera.

E ele diz: *Esposar-te-ei para mim para sempre.* Há aqui um contraste implícito entre o casamento do qual o Profeta falara até aqui, e esse que Deus ora contrai. Pois Deus, tendo redimido o povo, outrora entrara, como dissemos, em matrimônio com esse: mas o povo desistiu de seu voto; por isso, seguiu-se o afastamento e divórcio. Tais bodas foram então, não somente temporárias, mas também fracas e logo rompidas; pois o povo não continuou por muito tempo na obediência: mas, sobre esse novo casamento, o Profeta declara que continuará firme e para sempre; e, desse modo,

ele põe seu estado duradouro em contraste com a apostasia que logo apartara de Deus o povo. Por isso, ele diz: *Eu esposar-te-ei para mim para sempre.*

Ele então declara por quais meios ele faria isso, precisamente, em justiça e julgamento e, depois, em bondade e misericórdias; e, em terceiro, em fidelidade. De fato, Deus, desde o princípio, fizera uma aliança em justiça e julgamento com os israelitas; nada havia de disfarçado ou falso em seu pacto: como pois Deus, em sinceridade, adotara o povo, a quais vícios ele opõe justiça e julgamento? Eu respondo: tais palavras têm de ser aplicadas a ambas as partes contraentes: então, por justiça Deus não quer dizer apenas a sua, mas também a que é, como dizem, mútua e recíproca; e por *justiça* e *julgamento* se quer dizer integridade, em que nada está faltando. Percebemos agora o que o Profeta tinha em vista.

Porém, ele acrescenta, *em bondade e misericórdias:* por cujas palavras ele dá a entender que, embora fosse indigno, todavia, isso não seria impedimento algum no caminho do povo para impedi-lo de voltar à predileção divina; pois nessa reconciliação Deus estimaria sua própria bondade, em vez dos méritos do povo dele.

Em terceiro lugar, ele adiciona, *em fidelidade:* e isso confirma o que antes aludimos brevemente — a duração fixa e imutável desse casamento.

As palavras justiça e julgamento são, eu sei, mais refinadamente explicadas por alguns. Dizem eles que justiça é a que nos é conferida por Deus mediante imputação gratuita; e julgam ser a defesa disso a que ele oferece contra a violência e os assaltos de nossos inimigos. Mas aqui o Profeta, não tenho dúvidas, sugere, de uma maneira geral, que esse concerto permaneceria firme, porque haveria verdade e retidão em ambos os lados. Para que isso seja mais claramente compreendido, tomemos uma passagem do trigésimo primeiro capítulo de Jeremias [Jr 31.31-34], onde Deus se queixa de que o pacto que tinha feito com o povo antigo não ficara firme; pois esse o havia abandonado. 'Meu pacto com vossos pais', ele diz, 'não perdurou'. Por quê? 'Porque eles se afastaram dos meus mandamentos'. Realmente, Deus, em perfeita sinceridade, adotara o povo, e justiça alguma faltava em si; porém, como não havia nenhuma constância e fidelidade no povo, a aliança resultou em nada: por isso Deus, em seguida, adiciona: 'Doravante, farei um novo conserto convosco; pois gravarei minhas leis em vossos corações' etc. Percebemos agora, então, o que o Profeta quer dizer por justiça e julgamento: precisamente isto, que Deus faria com que o voto matrimonial fosse guardado de ambos os lados; pois o povo, restaurado do exílio, não mais violaria a fé empenhada nem agiria infielmente.

Porém, devemos observar o que é acrescentado: *em bondade e misericórdias*. E essa parte, Jeremias não omite, pois adiciona: 'Das iniqüidades deles eu não lembrarei'. Como, então, os israelitas, cônscios dos males, pudessem tremer de medo, o Profeta oportunamente antecipa a falta de confiança deles, ao prometer que o casamento que Deus preparou para contrair, mais uma vez, seria em bondade e misericórdias. Não há, pois, razão alguma pela qual a desonra própria aterrasse o povo; pois Deus, aqui, desvela sua imensa bondade e sua incomparável clemência. O Profeta podia, de fato, ter expressado isso em uma palavra, mas ele acrescenta misericórdia à bondade. O povo descera a um abismo profundo, de modo que dificilmente se poderia esperar restauração: em conseqüência, a palavra benevolência ou bondade mal teria sido suficiente para elevar suas mentes, não houvesse a palavra misericórdia sido agregada para fins de confirmação.

Ele agora acrescenta, *em fidelidade;* e por fidelidade deve ser entendido, não tenho dúvida, aquela estabilidade da qual falei; pois o que alguns filosofam sobre tal expressão é por demais rebuscado, dando esta explicação: 'Eu esposarei a ti em fé', isto é, pelo evangelho; pois abraçamos

as copiosas promessas de Deus e, desse modo, o pacto que o Senhor faz CONOSCO é ratificado. Eu simplesmente interpreto a palavra como denotando estabilidade.

E o Profeta mostra subseqüentemente que esse concerto seria confirmado, pois a fidelidade seria recíproca, *eles conhecerão,* ele diz, *Jeová.* Jeremias, não duvido, tomou emprestado daqui o que está escrito no trigésimo primeiro capítulo; pois ali ele também adiciona: 'ninguém, daqui para diante, ensinará seu vizinho, pois todos, do menor ao maior, conhecerão a mim, diz Jeová'. Nosso Profeta diz aqui, em uma frase, que *eles conhecerão Jeová*. Destarte, então, é a estabilidade do pacto, pois que Deus, por sua luz, guiará os corações daqueles que antes se desgarraram nas trevas e vaguearam após suas superstições. Visto pois que uma horrível escuridão predominava entre o povo israelita, Oséias promete a luz do conhecimento verdadeiro; e esse conhecimento de Deus é tal que o povo não se apostata do Senhor, nem é seduzido pelas falácias de Satanás. Por essa razão, o pacto de Deus se mantém firme. Compreendemos agora o significado das palavras.

Jerônimo acredita que o Profeta, por três vezes, promete esponsais, porque o Senhor, na primeira vez, desposou o povo para si mesmo em Abraão; depois, quando conduziu esse para fora do Egito; e a terceira, quando reconciliou o mundo inteiro em Cristo: porém, isso é refinado demais, e até frívolo. Eu suponho um sentido mais simples — que o Profeta proclama uma boda três vezes porque foi difícil restaurar o povo do medo e do desespero, pois esse bem compreendia quão dolorosamente e em quantos caminhos se havia apartado de Deus: sendo assim, era necessário aplicar muitas consolações que pudessem servir para confirmar sua fé. Eis o motivo pelo qual o Senhor não diz uma vez, *eu esposar-te-ei para mim mesmo,* mas repete-o por três vezes. O Profeta, de fato, parecia então falar de uma coisa incrível: pois que tipo de exemplo é este, que o Senhor tome por sua esposa uma abominável meretriz? E, além disso, para quê ele contrairia novo matrimônio com uma adúltera impudica, mergulhada na devassidão? Tal era como algo monstruoso. Por isso, o Profeta, para que nada impedisse as almas de repousar na promessa, diz: "Não duvideis, pois o Senhor muitas vezes vos assegura que isso é certo".

Ora, visto que possuímos essa promessa em comum com eles, vemos, pelas palavras do Profeta, qual é o início da nossa salvação: Deus esposou os israelitas para si quando os restaurou do exílio por sua bondade e misericórdia. Que comunhão temos nós com Deus quando nascemos e saímos da madre, a não ser que ele graciosamente nos adote? Pois coisa nenhuma trazemos conosco, sabemos, senão uma maldição; tal é a herança de toda humanidade. Visto que é assim, toda nossa salvação deve, necessariamente, ter seu fundamento na bondade e clemência divinas. Mas há ainda uma outra razão no nosso caso, quando Deus nos recebe em favor, pois éramos transgressores do pacto debaixo do Papado: não havia um de nós que não se houvesse apartado do penhor de seu batismo; e assim não podíamos ter retornado à mercê de Deus, a não ser que ele tivesse livremente nos unido a si mesmo: e Deus não somente nos perdoou, mas contraiu também um novo casamento conosco, para que pudéssemos agora, como no dia de nossa juventude (como foi dito anteriormente), dar graças a ele abertamente.

Porém, devemos reparar nesta curta oração: *Eles conhecerão Jeová.* Realmente, percebemos que, assim que nos desviamos do reto e puro conhecimento de Deus, ficamos em confusão, e não somente isso, mas totalmente perdidos, até. Visto pois que nossa salvação consiste na luz da fé, nossas mentes devem estar sempre dirigidas a Deus, para que nossa união com ele, a qual ele formou pelo evangelho, subsista firme e permanentemente. Não obstante, como isso não está no poder ou querer do homem, tiramos esta conclusão evidente, que Deus não só oferece sua graça na pregação externa, mas, simultaneamente, na regeneração de nossos corações. A não ser, então, que Deus nos recrie como um novo povo para si, não há mais estabilidade no concerto que ele ora faz conosco do que no antigo, o qual ele anteriormente fez com os pais debaixo da Lei; pois, quando

nos comparamos com os israelitas, descobrimos que em nada somos melhores. Logo, é necessário que Deus opere interna e eficazmente em nossos corações, para que sua aliança mantenha-se firme: mais ainda, visto que o conhecimento dele é o dom especial do Espírito, podemos concluir com certeza que o que é dito aqui não se refere apenas à pregação extrínseca, mas que a graça do Espírito também é acrescentada, pela qual Deus regenera-nos segundo sua própria imagem, como já provamos na passagem de Jeremias: mas, para não parecer que tomamos emprestado de outro lugar, podemos dizer que parece manifesto, pelas palavras do Profeta, que não há nenhum outro vínculo de estabilidade pelo qual o pacto divino seja fortalecido e preservado senão o conhecimento que Deus nos traz de si mesmo; e isso ele traz, não apenas pelo ensinamento vindo de fora, mas também pela iluminação de nossas mentes por seu Espírito, sim, pela regeneração de nossos corações. Continua —

Oséias 2.21,22

21. E sucederá, naquele dia, que eu ouvirei, diz o SENHOR, ouvirei os céus, e eles ouvirão a terra;
22. E a terra ouvirá o trigo, e o vinho, e o óleo; e eles ouvirão Jizreel.

21. Et erit in die illa, exaudiam, dicit Dominus, exaudiam coelos, etaudient terram:
22. Et terra exaudiet frumentum et mustum et oleum, et ipsa exaudient Jezreel.

O Senhor outra vez promete que não faltará ao povo, quando esse estiver reconciliado com ele. Deveras, temos de, em primeiro lugar, buscar a Deus para que ele nos seja propício; pois são mui mentecaptos os que desejam viver bem e de forma feliz e, no meio tempo, não se importam em nada com a mercê divina. O Profeta indica quando a felicidade dos homens começa: ela começa quando Deus os adota como povo seu, e quando, havendo abolido os pecados desse, desposa-o para si. É preciso, por conseguinte, em primeiro lugar, procurar isso; pois, como dissemos, o desejo de ser feliz é totalmente ilógico quando buscamos, antes de tudo, as bênçãos de uma vida terrena, quando procuramos primeiramente conforto, abundância de coisas boas, saúde corporal e que tais. Conseqüentemente, o Profeta ora mostra que só somos pois felizes quando o Senhor reconcilia-se conosco, e não só isso, mas quando esse, em seu amor, aceita-nos, e conosco contrai santas núpcias, e nesta condição, para que nos seja um pai e protetor, e estejamos a salvo sob sua proteção e defesa.

Porém, ao mesmo tempo, ele desce às coisas da segunda categoria. De fato, nossa felicidade está, como dissemos, no gozo do amor de Deus; mas há complementos que vêm em seguida; pois o Senhor nos provê e exerce proteção sobre nós, de modo que supre tudo o que seja necessário ao sustento da vida. Dessa última parte o Profeta trata agora: ele diz, *naquele dia.* Entendemos que ele nos faz lembrar do concerto, para que não nos contentemos com a abundância mundana; pois, como foi dito, os homens, comumente, devotam-se aos seus lucros presentes. Por isso o Profeta aqui põe, diante de nossos olhos, a aliança do Senhor; em seguida, acrescenta que a mercê divina alcançaria o trigo, o vinho e o óleo.

Mas devemos notar as palavras do Profeta, *eu ouvirei,* ele diz, ou, *eu responderei* (ענה, ***'anah,*** significa responder, porém, aqui equivale a ouvir), *eu ouvirei,* então, *eu ouvirei os céus, e eles ouvirão a terra.* A repetição não é supérflua: pois os israelitas tinham, por algum tempo, sido consumidos pela fome, antes de serem levados para longe, no exílio; como se os céus fossem ferro, nenhuma gota de chuva descia. Por isso, eles podiam ter pensado que agora não havia esperança nenhuma; contudo, Deus aqui os anima, *eu ouvirei, eu ouvirei,* ele diz; como se dissesse: "Não há razão alguma para a miserável condição na qual, para vos descorçoar, eu vos tenho permitido padecer como vossos pecados merecem, pois, doravante, ouvirei os céus". Como o Profeta antes os lembrou, quando as bestas lhes fossem cruéis, isso seria um sinal da ira divina; de modo que ele ensina, por tais palavras, que os céus não estão secos por qualquer influência oculta; mas que,

quando Deus retém seu favor, não há chuva alguma pela qual os céus irriguem a terra. Então, Deus aqui mostra francamente que a ordem inteira da natureza, como dizem, está em sua mão, para que nenhum pingo de chuva desça do céu senão por seu comando, nem produza a terra erva alguma; em suma, que toda a natureza fica estéril caso ele não a frutifique pela sua bênção. E esta é a razão por que ele diz: *Eu ouvirei os céus e eles ouvirão a terra, e a terra ouvirá o trigo, e o vinho, e o óleo, e todos esses ouvirão Jizreel.*

O Profeta empregou a palavra *Jizreel*, antes, em um mau sentido; pois seu propósito era increpar os israelitas pela infidelidade deles: embora se jactassem de ser a semente de Abraão, e sempre reivindicassem essa nobre distinção, o Senhor dizia: 'Vós sois Jizreel, e não Israel'. Pode ser que o Profeta desejasse mostrar de novo o que eles mereciam; mas ele ensina, ao mesmo tempo, que Deus de maneira alguma seria impedido de demonstrar bondade aos ignóbeis quando se reconciliassem com ele. Embora, pois, fossem antes jizreelitas que israelitas, todavia, a desonra deles não seria nenhum impedimento para que Deus não os tratasse generosamente. Pode também haver alusão aqui a um novo povo; pois se segue, no próximo versículo, וזרעתיה, ***uzra'tiha,*** *e eu a semearei;* e a palavra, Jizreel, tem afinidade com esse verbo, pois é, de fato, derivada de זרע, ***zara',*** que é semear: e, como o Profeta agora acrescenta que Jizreel é, por assim dizer, a semente de Deus, eu não desaprovo essa suposta alusão. No entanto, o Profeta aqui parece elogiar a graça divina, quando declara que eles eram jizreelitas, com quem Deus trataria tão amavelmente que frutificaria a terra por amor a eles.

Repitamos novamente a essência do todo, *o trigo, e o vinho, e o óleo ouvirão Jizreel.* Os israelitas estavam esfomeados e, como é comum com aqueles que carecem de alimento, eles clamavam: 'Quem nos dará pão, e vinho, e óleo?' Pois o estômago, como se diz, não possui ouvidos, razão nem raciocínio: quando há necessidade extrema, os homens, como se estivessem enlouquecidos, exigem pão, vinho, e óleo. Deus, então, tem atenção a esses cegos instintos dos homens, que apenas rogam pelo que os satisfará: por isso ele diz, *o trigo, e o vinho, e o óleo ouvirão Jizreel* — mas quando? Precisamente quando a terra fornecer árvores com seiva e água, e estender à semente seu vigor; é então que a terra ouvirá o trigo, e o vinho, e o óleo; pois esses não crescem de si mesmos, mas recebem suprimentos da terra; e por isso se diz que a terra os ouve. Porém, não pode a terra, de si própria, ouvir o trigo, ou o vinho, ou o óleo? De maneira nenhuma, exceto se a chuva descer do céu. Visto, pois, que a terra mesma suga água e umidade do céu, percebemos que em vão os homens se esgoelam, famintos, a não ser que olhem para cima, ao céu: e o céu é regido pela vontade divina. Que os homens, por conseguinte, aprendam a se elevar a Deus, para que dele busquem seu pão cotidiano.

Percebemos agora, então, quão adequada é tal graduação utilizada pelo Profeta, pela qual Deus, no final, para si conduz os homens, devido à rude e fraca compreensão deles. Pois voltam seus pensamentos ao pão, e ao vinho, e ao óleo; desses procuram mantimento: nesse assunto, são mui estúpidos. Que seja assim: Deus é indulgente para com a simplicidade e a ignorância daqueles; pois, pouco a pouco, ele avança do trigo, do vinho e do óleo para a terra e, em seguida, da terra ao céu; e depois, mostra que o céu não pode derramar chuva senão pelo querer divino. Segue-se finalmente –

Oséias 2.23

23. E para mim a semearei na terra; e terei misericórdia sobre aquela que não obtivera misericórdia; e direi *àqueles que* não *eram* meu povo: Tu *és* meu povo; e eles dirão: *Tu és* meu Deus.	**23.** Et seminabo eam mihi in terra (*vel*, in terram) et miserabor ejus quae non erat adapta misericordiam, et dicam, לא־עמי, (*hoc est*, qui non erat populus meus,) Tu populus meus; et ipse dicet, Deus mi.

O Profeta aqui aproveita a ocasião para falar do crescimento do povo. Ele prometera um frutífero e grande aumento de trigo, vinho e óleo; porém, para que finalidade seria isso, se a terra não possuísse numerosos habitantes? Por isso, foi preciso fazer essa adição. Além disso, o Profeta dissera antes: 'Ainda que sejais vós imensos em número, todavia, somente um remanescente será preservado'. Ele agora coloca a nova mercê divina em oposição à sua vingança, e diz que Deus novamente semearia o povo.

Por essa frase, descobrimos que a alusão à palavra Jizreel é impropriamente observada por alguns, ou seja, que eles, que dantes foram um povo degenerado e não verdadeiros israelitas, serão então a semente de Deus: todavia, as palavras admitem dois sentidos; pois זרע, ***zara',*** aplica-se tanto à terra quanto à semente. Os hebreus dizem: 'A terra está semeada', e também, 'O trigo está semeado', ou qualquer outro grão. Se pois o Profeta compara o povo à terra, o sentido será, eu semearei o povo como semeio a terra; isto é, eu os tornarei fecundos como a terra quando é produtiva. Deve ser então assim vertido: *Eu semea-la-ei para mim como a terra*, isto é, como se ela fosse a minha terra. Ou pode ser traduzido desta maneira, eu semea-la-ei para mim mesmo na terra, e para este fim, para que a terra, que esteve por um tempo abandonada e desolada, tenha muitos habitantes; e, como sabemos, foi o caso. Contudo, o pronome relativo no gênero feminino não nos deve desconcertar, pois o Profeta sempre fala como de uma mulher: o povo, sabemos, até agora nos foi descrito sob a pessoa de uma mulher.

E ele, posteriormente, adiciona לא־רוחמה, ***Lo-ruchamah.*** Ele fala aqui, ou de *La-ruchamae*, uma filha adúltera, ou de uma mulher adúltera, a quem um marido tome para si. Quanto ao assunto em si, é fácil descobrir o que o Profeta quer dizer, que é que Deus difundiria uma descendência em toda parte, quando o povo tivesse sido reduzido não somente a um número pequeno, mas a quase nada: pois quão pouco faltou para ser ruína completa a desolação do povo, quando disperso no desterro? Ele era então, como foi afirmado antes, como um corpo despedaçado: a terra, no meio tempo, desfrutou de seus sábados; Deus a tinha aliviado de seus moradores.

Compreendemos então o que o Profeta quis dizer como sendo que Deus multiplicaria o povo, que o pequeno resto aumentaria para uma grande e quase inumerável descendência. *Eu* então *a semearei na terra,* ou seja, de um extremo a outro da terra toda; *e eu terei misericórdia sobre La-ruchamae,* isto é, em misericórdia recebê-la-ei, a quem não obtivera misericórdia; *e direi ao não-povo: Vós sois agora meu povo.* Vemos que o Profeta insiste nisto — que o povo não apenas buscaria as vantagens exteriores da vida presente, mas principiaria na própria fonte, voltando a alcançar o favor de Deus, e o conhecendo como Pai propício a eles: pois isso é o que o Profeta quer dizer, do que se dirá mais alguma coisa amanhã.

ORAÇÃO

Conceda, Todo-Poderoso Deus, que, visto sermos nesta vida sujeitos a tantas misérias, e no entretempo nos tornamos insensíveis em nossos pecados — Ó, permita que aprendamos a sondar a nós mesmos e a considerar nossos pecados, para que estejamos realmente humilhados perante ti, e atribuamos a nós próprios a culpa de todos os nossos males, para que sejamos, desse modo, levados a um genuíno sentimento de arrependimento e, assim, lutemos para sermos reconciliados consigo em Cristo, para que dependamos inteiramente de teu amor paternal e, dessa maneira, sempre aspiremos à plenitude da felicidade eterna, através de tua bondade e daquela imensurável benevolência que tu certificas estar pronta, a qual é oferecida a todos aqueles que, com um coração sincero, a ti adoram, invocam e procuram refúgio, mediante Cristo nosso Senhor. Amém.

CAPÍTULO 3

OITAVA DISSERTAÇÃO

Dissemos, em nossa dissertação ontem, que o Profeta, não debalde, dá testemunho outra vez da paternal mercê de Deus para com seu povo; pois a principal alegria nossa é quando Deus nos reconhece como seus, e quando também podemos vir à sua presença com segura confiança. Por isso, deve-se notar a ordem das palavras do Profeta: *Eu terei misericórdia,* ele diz, *de Lo-Ruama;* que significa, eu serei propício aos israelitas, a quem até agora destituí do meu favor: "e direi ao não-povo: *Meu povo sois vós":* depois segue-se: *e ele dirá a mim: Tu és nosso Deus.*

Deveras, o Profeta quer dizer que Deus se antecipa a nós com sua mercê; caso contrário, temos o nosso acesso a ele tolhido. Então Deus, de sua boa vontade, adianta-se, estende-nos sua mão e, em seguida, vem o consentimento da nossa fé. Por essa razão Deus, primeiramente, fala aos israelitas, para que eles soubessem que eram agora reputados por povo dele: e então, após Deus haver testificado seu favor, eles respondem: 'Tu começastes, de agora em diante, a ser nosso Deus'. Por isso, vemos que o princípio de todo bem vem de Deus, quando ele faz de estranhos, amigos, e adota como seus filhos aqueles que outrora eram seus inimigos.

Segue-se o terceiro capítulo.

Oséias 3.1

1. Então disse o SENHOR a mim: Vá ainda, ama uma mulher amada do amigo *dela,* todavia, adúltera, segundo o amor do SENHOR para com os filhos de Israel, que olham para outros deuses, e amam frascos de vinho.	**1.** Et dixit jehova ad me, Adhuc vade, ama mulierem dilectum a marito (ad verbum, a proximo, *vel*, socio: sed intelligit comparem) et quae adultera est (sed copula debet resolvi in adversativam, quae tamen adultera est,) secundum amorem Jehovae erga filios Israel: et ipsi (hoc est, quitamen) respiciunt ad deos alienos, et amant lagenas (*vel*, cados) uvarum.

A essência desse capítulo é que era propósito de Deus guardar, em firme esperança, as mentes dos fiéis durante o exílio, para que não fossem engolfados com desespero que os desfalecesse de todo. O Profeta falara antes da reconciliação de Deus com o seu povo; e ele, esplendidamente, exaltara tal favor quando disse: 'Vós sereis como no vale de Acor, eu restituir-vos-ei a abundância de todas as bênçãos; em uma palavra, vós sereis, em todos os aspectos, felizes'. Mas, no meio-tempo, a miséria cotidiana do povo prosseguia. Deus, de fato, tinha determinado removê-los a Babilônia. Eles podiam, por conseguinte, ter se desesperado sob aquela calamidade, como se toda esperança de libertação lhes fosse inteiramente retirada. Por isso, o Profeta agora revela que Deus restauraria o povo à mercê, de modo que não apagaria imediatamente toda lembrança da ira dele Deus, mas que a intenção era continuar, por um tempo, com certa medida da severidade divina.

Por isso, vemos que tal predição ocupa um lugar intermediário, entre a denúncia do Profeta anteriormente proclamada e a promessa de perdão. Era algo pavoroso que Deus se divorciasse de seu povo e lançasse fora os israelitas como filhos bastardos: contudo, uma consolação foi a seguir

acrescentada. Porém, para que os israelitas não pensassem que Deus seria de imediato, como no primeiro dia, tão propício a eles de forma a visitá-los sem punição alguma, foi o desígnio do Profeta corrigir explicitamente esse engano, como se dissesse: 'Deveras Deus receber-vos-á outra vez, mas, no meio-tempo, um castigo está preparado para vós, o qual, por sua intensidade, quebrantaria vossos espíritos caso tal conforto não vos aliviasse; é que Deus, mesmo que vos puna por vossos pecados, todavia, continua a prover para a nossa salvação, e a ser, no modo de dizer, vosso marido'. Percebemos agora a intenção do Profeta. Mas eu primeiro discorrerei sobre as palavras, e depois retornarei ao assunto.

Jeová disse a mim: Vá ainda e ame uma mulher. Não há dúvida nenhuma de que Deus aqui descreve a mercê que promete aos israelitas em um tipo ou visão: pois são por demais toscos em seus conceitos os que acham que o Profeta casou-se com uma mulher que fora meretriz. Foi então somente uma visão, como se Deus houvesse posto uma figura ante os olhos do povo, na qual podiam ver sua própria conduta. E, quando ele diz, "ainda", ele se refere à visão mencionada no primeiro capítulo. Mas ele faz proposta a uma mulher para ser amado antes que a tomasse para ser parceira de seu leito conjugal; o que deve ser observado: pois Deus pretende aqui fazer uma distinção entre a restauração do povo e seu favor oculto. Deus, então, antes que restaurasse o povo do exílio, amou-os, por assim dizer, em sua viuvez. Compreendemos agora por que o Profeta não diz: 'Tome para ti uma esposa', mas: 'ame uma mulher'. O sentido é este: Deus sugere que, embora o exílio fosse triste e amargo, todavia o povo, a quem ele tratava com rigidez e severidade, ainda lhe era caro. Por isso, *ame uma mulher, que havia sido amada por um marido.*

A palavra רע, ***rea',*** é aqui tomada por marido, como o é no segundo capítulo de Jeremias, [Jr 3.20] onde é dito: 'Perfidamente têm os filhos de Israel tratado comigo, como uma mulher que se houvesse apartado de seu marido, מרעה, ***mere'ah',*** ou, 'de seu parceiro'. E há um agravante para o crime que se deixa transparecer em tal palavra: pois mulheres, quando se prostituem, amiúde se queixam de que assim agiram devido à mui demasiada severidade, pois não foram tratadas com amabilidade bastante por seus esposos; porém, quando um marido se comporta de modo afetuoso para com sua esposa, e cumpre sua obrigação como marido, há, então, menos desculpa para uma mulher, no caso dela fixar seus afetos em outros. Para aumentar pois o pecado do povo, esta circunstância é declarada: que a mulher fora amada por seu amigo ou parceiro e, todavia, que essa bondade do marido dela não preservara sua mente na castidade.

Em seguida, ele diz: *Segundo o amor de Jeová para com os filhos de Israel;* ou seja, como Deus amava o povo de Israel, o qual, não obstante, não cessava de olhar para outros deuses. Essa metáfora ocorre freqüentemente na Escritura, ou seja, quando o verbo פנה, ***panah,*** que em hebraico tem o sentido de olhar para, é usado para expressar esperança ou desejo: de modo que, quando as mentes dos homens estão fitas em qualquer coisa, ou suas afeições fixadas nela, diz-se que olham para isso. Visto então que os israelitas ferviam de ardor insano por suas superstições, é dito que olham para outros deuses.

Segue-se então: *e eles amam frascos de uvas.* O Profeta, não duvido, compara tal paixão com a embriaguez: e ele menciona frascos de uvas em vez de vinho, porque os idólatras são como ébrios que, por vezes, se enchem tanto que não mais têm gosto pelo vinho; sim, o próprio cheiro de vinho os ofende, e produz náusea por causa da bebedeira em excesso; porém, eles tentam novos estratagemas pelas quais possam recobrar seu apego por vinho. E tal é o desejo de novidade que predomina no supersticioso. Uma hora vão atrás disso, outra hora atrás daquilo, e suas mentes são constantemente sacudidas para lá e para cá, por não acederem ao único Deus verdadeiro. Percebemos agora, então, o que significa essa metáfora, quando o Profeta exprobra os israelitas, porque eles amavam frascos de uvas.

Eu retorno agora ao que o Profeta, ou antes, Deus, tinha em vista. Deus aqui conforta os corações dos fiéis, para que pudessem eles concluir seguramente que eram amados, mesmo quando eram castigados. Era verdadeiramente necessário que esta diferença ficasse bem inculcada nos israelitas, para que no exílio nutrissem esperança, sofressem com paciência o castigo divino e se animassem, para que essa esperança mitigasse a amargura do desgosto. Portanto, Deus diz que, embora ele não se demonstrasse como reconciliado com eles, mas parecesse como que severo, ao mesmo tempo, ele não é sem amor. E, por essa razão, aprendemos quão útil esta doutrina é, e quão amplamente ela se expande; pois oferece uma consolação de que todos nós em comum precisamos. Quando Deus nos humilha pelas adversidades, quando ele nos mostra alguns sinais de severidade ou ira, não conseguiríamos senão fraquejar, caso não nos ocorresse este pensamento, de que Deus nos ama, mesmo quando é severo para conosco, e que, embora ele pareça nos rejeitar, todavia, não somos ainda inteiramente forâneos, pois ele conserva algum afeto mesmo no meio da sua ira; de modo que nos é como um marido, ainda que não nos admita de imediato à honra conjugal, nem nos restaure ao nosso posto anterior. Vemos agora, pois, como a doutrina deve ser aplicada a nós próprios.

Devemos, ao mesmo tempo, observar a reprovável conduta dos que eu falei — que, embora a mulher fosse amada, todavia, ela não podia ser preservada em castidade, e que foi amada, conquanto adúltera. Aqui é apontada a mais vergonhosa ingratidão do povo, e contrastada com ela está a infinita misericórdia e bondade de Deus. Foi o ápice da perversidade no povo abandonar seu Deus, quando esse o tratara com tanta benignidade e amabilidade. Contudo, maravilhosa foi a paciência divina, quando não cessou de amar um povo a quem achara como sendo tão perverso, que não podia ser transformado por quaisquer atos de bondade nem conservado por quaisquer favores.

Com respeito aos frascos de uvas, podemos observar que esta estranha disposição é sempre dominante nos supersticiosos, e é, que perambulam aqui e ali após suas próprias invenções, e nada tem firmado em si. Então, para que tais seduções não nos engabelem, que aprendamos a nos apegar firme e constantemente à palavra do Senhor. Realmente, os papistas dos dias que correm se gabam de sua antigüidade, quando criam uma animosidade para conosco; como se a religião que seguíssemos fosse nova e inventada recentemente: mas percebemos quão moderna são suas superstições; pois uma paixão por elas borbulha continuamente e nada tem eles que permaneça constante: e não é de se maravilhar, porque a verdade eterna de Deus é por eles considerada como de valor nenhum. Se, então, desejamos nos abster dessa depravada libidinagem, a qual o Profeta condena nos israelitas, que adiramos assim à palavra do Senhor, para que nenhuma inovação nos cative e nos extravie. Segue-se agora -

Oséias 3.2-5

2. Assim, eu a comprei para mim por quinze *peças* de prata, e *por* um ômer de cevada, e meio ômer de cevada:	**2.** Et acquisivi eam mihi quindecim argenteis et uno homer (vertunt, corum, Graeci interpretes; uno coro) hordei et dimidio coro hordei.
3. E eu disse a ela: Tu morarás comigo muitos dias; tu não serás prostituta, e tu não serás de *outro* homem: assim *quero* também *ser* para ti.	**3.** Et dixi ad eam, Diebus multis sedebis mihi, non scortaberis et non eris viro (hoc est, manebis vidua *vel* coelebs) et ego etiam ad te (nempe, respiciam; *vel*, tibi spondeo me fore maritum, ubi expertus fuero tuam resipiscentiam: alii vertunt, Et ego ad te non accedam; sed videtur hoc esse nimis coactum: ideo magis arridet Hieronymi
4. Pois os filhos de Israel ficarão muitos dias sem um rei, e sem um príncipe, e sem um sacrifício, e *sem* uma imagem, e sem um éfode, e *sem* terafim:	interpretatio, Ego te expectabo.) **4.** Quia diebus multis sedebunt filii Israel sine rege, et sine principe, et sine sacrificio, et sine statua, et sine ephod, et sine theraphim.
5. Depois os filhos de Israel voltarão, e procurarão o Senhor seu Deus, e Davi, rei deles; e temerão o Senhor e a sua bondade nos últimos dias.	**5.** Postea convertentur (*vel*, redibunt) filii Israel et quaerent Jehovam Deum suum, et David regem suum, et timebunt ad Jehovam et ad bonitatem ejus in extermitate dierum.

Esses versículos são interpretados juntamente, pois nesses quatro o Profeta explica a visão apresentada a ele. Ele diz, primeiramente, que fizera o que lhe fora determinado por Deus; o qual lhe foi trazido por uma visão, ou em uma forma típica, para que, por uma tal exibição, ele pudesse impressionar as mentes do povo: *Eu comprei,* ele diz, uma mulher por quinze moedas de prata, e por um coro[15] de cevada e meio coro; isto é, por um coro e meio. Ele nos conta, nesse versículo, que comprara a esposa, a quem ele devia tomar, por um preço pequeno. Pelas *quinze* moedas de prata e pelo coro e meio de cevada é apresentada, não tenho dúvidas, a sua condição desprezível e abjeta. Os servos, sabemos, eram avaliados em trinta siclos de prata quanto feridos por um boi (Ex 21.32.) Porém, o Profeta dá a ela, para ser sua mulher, quinze moedas de prata; o que parecia um presente rasteiro. Mas depois o Senhor indica que, embora ele sustentasse no exílio seu povo apenas limitadamente, esse ainda lhe era caro, como quando um marido ama sua esposa, embora não a perdoe, quando essa for inconveniente: indulgência demais, como é bem conhecido, com freqüência, realmente corrompem aqueles que se transviam. Quando um marido perdoa de imediato uma mulher adúltera, e recebe-a com um semblante sorridente, e obsequiosamente se humilha, pondo de lado o direito e a autoridade dele, age de forma tola, e, por sua leviandade, arruína sua esposa: porém, quando um marido perdoa sua mulher e, todavia, a confina estritamente dentro do alcance do dever, e refreia seus sentimentos, um tal procedimento moderado é mui benéfico, e demonstra incomum prudência no marido; esse, embora não seja cruel, não é, todavia, movido por amor tolo. Isso, pois, é o que o Profeta quer dizer, quando diz que dera por sua esposa quinze moedas de prata e um coro e meio de cevada. As mulheres respeitáveis, de fato, não se sustentavam com cevada. O Profeta, então, dava à sua esposa, não farinha de trigo, nem a farinha de trigo refinada, mas pão preto e alimento grosseiro; sim, ele lhe dava cevada como estipêndio dela, e em pequena quantidade, para que sua esposa apenas tivesse uma vida minguada. Nós compreendemos agora o sentido dado pelo Profeta.

Alguns deduzem um sentido contrário, que o Senhor sustentaria esplêndida e suntuosamente a mulher que fora uma adúltera; mas tal opinião de maneira alguma se harmoniza com o intuito do

[15] Uma medida hebraica, contendo 225 litros, a carga de um camelo (N. do E. inglês, adaptada.)

Profeta, como já vimos. Além do que, as palavras mesmas nos levam a um outro caminho. Jerônimo, como é da sua prática, rebusca na alegorização. Ele diz que o povo foi comprado por quinze moedas de prata, porque saiu do Egito no dia quinze do mês; e então diz que, como o ômer hebraico contém trinta alqueires, ele foi comprado por um coro e meio, que é quarenta e cinco alqueires, porque a lei foi promulgada quarenta e cinco dias após. Mas isso tudo são insignificâncias pueris. Então, que o ponto de vista simples que eu dei nos seja suficiente — que Deus, embora a favorecesse, não imediatamente com a honra de uma esposa e o apoio liberal, não obstante, não cessou de amá-la. Desse modo, percebemos que as mentes dos fiéis eram amparadas para tolerar pacientemente as calamidades deles; pois é uma incomensurável consolação saber que Deus nos ama. Se um testemunho a respeito do seu amor não modera nossas tristezas, é porque somos de mui má índole e ingratos.

O Profeta então, mais claramente prova nessas palavras que Deus amava seu povo, ainda que parecesse estar alheado deles. Ele podia tê-los destruído de todo: todavia, ele os supria com comida em seu exílio. O povo deveras vivia nos maiores apuros; e todas as delícias foram-lhe indubitavelmente tiradas, e seu preço era mui mesquinho e reduzido: porém, o Profeta os proíbe de medir a mercê divina pela pequeneza do que lhes era dado; pois, ainda que Deus não recebesse imediatamente em favor uma esposa que fora uma adúltera, contudo, ele desejava que ela continuasse sua mulher.

Por essa razão, ele acrescenta: *Eu lhe disse: Por muitos dias tu permanecerás comigo, e não te tornarás libertina, nem serás para qualquer homem,* isto é: 'Tu permanecerás viúva; pois é por essa razão que eu ainda te retenho, para descobrir se te arrependerás sinceramente. De fato, não serei por demais leniente para contigo, para que não te corrompas pela indulgência: verei qual será tua conduta: deves, entrementes, continuar viúva'. Isso, então, foi o pequeno privilégio de Deus que restou para o povo, precisamente, uma espécie de viuvez. Deus podia verdadeiramente, como dissemos, ter totalmente destruído seu povo: porém, ele mitigou sua ira e apenas puniu-o com exílio e, no meio tempo, provou que não se tinha olvidado de seu povo desterrado. Embora pois ele apenas outorgasse algum parco estipêndio, todavia, ele não o privaria inteiramente de comida, nem admitiria que ele perecesse pela carestia. Tal tratamento, então, na realidade, é exposto por essa apresentação, que o Profeta ordenara a sua esposa que permanecesse solteira.

Ele diz: *E eu também serei para ti:* por que diz, *eu também?* Uma mulher, já ajuntada com seu marido, não tem direito algum de penhorar sua fidelidade a outro. Então, o Profeta mostra que Israel foi mantido preso pelo Senhor, para que não buscasse uma outra relação, pois a lealdade divina foi empenhada a ele povo. Conseqüentemente, ele diz, eu também serei para ti; isto é, 'eu empenho minha fidelidade a ti, ou, eu me afirmo como teu marido: mas é preciso esperar por uma outra época; eu adiarei ainda a minha mercê, e suspendê-la-ei até que tu dês prova de verdadeiro arrependimento'. "Eu também", ele diz, "serei para ti"; ou seja, 'Tu não serás uma viúva em vão, se tu reclamas que o que te é feito é errado, porque te proibi de casar com qualquer um outro, eu também me ligarei a ti na sua vez'. Agora, pois, fica óbvio o ajuste mútuo entre Deus e seu povo, de modo que esse, ainda que um estado de viuvez fosse cheio de pesares, não devia, todavia, sucumbir à dor, mas se manter de maneira exclusiva para Deus, até o tempo da plena e completa libertação, pois ele diz que permanecerá firme em sua promessa. "Eu então serei teu: ainda que, no presente, eu não te admita na honra das esposas, não obstante, eu não repudiarei inteiramente a ti".

Porém, como essa opinião se harmoniza com a primeira predição, segundo a qual Deus parecia haver se divorciado do seu povo? Tal concomitância pode ser facilmente explanada. O Profeta realmente disse que o conjunto do povo seria apartado de Deus: mas aqui ele se dirige apenas aos fiéis. Então, para que as mentes daqueles que eram curáveis não se desalentassem, o

Profeta põe perante eles esse conforto que eu mencionei — que, conquanto eles devessem continuar, por assim dizer, solteiros, não obstante, o Senhor permaneceria, no modo de dizer, preso a eles, para que não adotasse um outro povo e os rejeitasse. Mas veremos agora que tal predição diz respeito, em comum, tanto aos gentios quanto aos judeus e israelitas.

Em seguida, ele acrescenta: *Por muitos dias os filhos de Israel habitarão.* Ele diz, por muitos dias, para que eles se preparassem para a longa duração, e não ficassem deprimidos pela fadiga, embora o Senhor não os livrasse logo de suas calamidades. "Então, ainda que vosso exílio dure muito tempo, nutri ainda", ele diz, "forte esperança em vossos corações; pois uma tão longa prova de vosso arrependimento tem de necessariamente ser feita; visto que mui amiúde fingistes voltar ao Senhor e, logo depois, vossa hipocrisia era descoberta; e então ficastes endurecidos em vossa premeditada obstinação: é preciso, por conseguinte, que o Senhor vos subjugue por uma longa punição". Por essa razão, ele diz: *Os filhos de Israel ficarão sem um rei e sem um príncipe.*

Mas pode ainda ser perguntado: Qual é o número dos dias de que o Profeta fala? Pois o número definido não está aqui declarado, e sabemos que o exílio designado para os judeus foi de setenta anos (Jeremias 29.10); não obstante, o Profeta aqui parece estender sua predição para mais longe, precisamente, para o tempo de Cristo. A isso eu respondo, que aqui ele se refere simplesmente aos setenta anos; embora, ao mesmo tempo, devamos lembrar que aqueles que não voltaram do exílio foram sustentados por essa promessa, e esperaram no Mediador prometido: porém, o Profeta não vai além daquele número, posteriormente prefixado por Jeremias. Não é de se admirar que o Profeta não haja computado os anos e dias; pois o período do cativeiro, ou seja, do último cativeiro, não tinha ainda chegado. De fato, pouco depois as quatro tribos foram levadas embora e, em seguida, as dez, e o reino inteiro de Israel foi destruído: mas a última ruína do povo todo ainda não estava tão perto. Logo, não era necessário, pois, calcular os anos; mas ele fala de um tempo indefinidamente longo, e fala dos filhos de Israel e diz: *Eles ficarão sem um rei e sem um príncipe:* e, visto como punham sua confiança em seu rei, e se julgavam felizes em possuir essa distinção única, um rei poderoso, ele diz: Eles ficarão sem um rei, sem um príncipe. Ele agora explica a viuvez deles sem valer-se de comparações: por essa razão, diz: Eles estarão sem um *rei* e um *príncipe,* isto é, não haverá entre eles nenhum tipo de governo civil; eles serão como um corpo mutilado sem uma cabeça; e assim aconteceu a eles em sua miserável dispersão.

E sem um sacrifício, ele diz, *e sem uma estátua.* Os hebreus freqüentemente tomam מצבה, ***matsevah,*** em um mau sentido, embora geralmente tenha o significado de uma estátua, como um monumento sobre uma tumba é denominado מצבה, ***matsevah:*** contudo, aqui o Profeta parece falar de ídolos, pois ele adiciona em seguida, תרפים, ***teraphim;*** e terafins, sem dúvida alguma, eram imagens, (Gênesis 31.19-30), as quais os supersticiosos usavam enquanto cultuavam seus deuses fictícios, como lemos em muitos lugares. Do rei de Babilônia se diz haver consultado os terafins; e é dito que Raquel furtou os terafins e, logo depois, Labão chama-os de seus deuses. Porém, os hebreus em vão falam, quando dizem que tais imagens foram feitas de uma constelação e que, posteriormente, elas proferiram palavras: mas tudo isso foi inventado, e sabemos que liberdade eles tomam ao inventar fábulas. O significado é que Deus retiraria do povo de Israel toda ordem civil e, depois, todos os rituais e cerimônias sagrados, para que eles ficassem como viúva e, ao mesmo tempo, sabemos que eles não foram expressamente rejeitados por Deus, sem esperança de reconciliação.

Pergunta-se o porquê de ser mencionado "éfode"*;* pois o sacerdócio continuava entre a tribo de Judá, e o éfode, é bem conhecido, foi uma peça do hábito sacerdotal. A isso eu respondo que, quando Jeroboão introduziu o culto falso, ele empregou este artifício — tornar a religião entre os israelitas quase como a verdadeira religião em sua forma exterior: pois parece ter sido seu propósito

de que ela variasse o menos possível da adoração legítima de Deus: por isso ele disse, 'É penoso e incômodo a vós subir a Jerusalém; então, cultuemos a Deus aqui' (1.º Reis 12.28). Mas ele fingia que não mudava nada; ele não pareceria ser um apóstata, apartando-se do único Deus verdadeiro. E então? "Deus pode ser cultuado por nós aqui sem problema; pois eu edificarei templos em vários lugares, e também erigirei altares: o que impede que os sacrifícios não sejam oferecidos a ele em muitos lugares?" Por conseguinte, não há dúvida alguma de que ele fez seus altares de acordo com a forma do altar verdadeiro, e também acrescentou o éfode e várias cerimônias, para que os israelitas pensassem que ainda continuavam no autêntico culto a Deus.

Mas segue-se: *Posteriormente os filhos de Israel retornarão e buscarão Jeová seu Deus, e Davi seu rei.* Aqui o Profeta mostra, pelo fruto da punição deles, que os israelitas não tinham razão nenhuma para murmurar ou clamar contra Deus, como se ele os tratasse com mui demasiado rigor; pois, se ele lhes tivesse estendido logo sua mão, não haveria neles arrependimento algum: porém, quando completamente limpos pela longa correção, eles então, verdadeira e sinceramente, confessariam o seu Deus. Vemos pois que tal conforto é apresentado como surgindo do fruto do castigo, para que os israelitas suportassem pacientemente a ira temporária de Deus. *Posteriormente,* ele diz, *eles voltarão;* como se dissesse: "Eles são ora conduzidos impetuosamente em sua impiedade, e não podem, de modo algum, serem refreados, exceto por essa longa duração dos males".

Portanto, *eles retornarão, e então buscarão Jeová seu Deus.* O nome do único Deus verdadeiro é aqui colocado em oposição, como dantes, a todos os Baalins. Os israelitas deveras professavam cultuar a Deus; mas Baalim, sabemos, tinha, ao mesmo tempo, alta estima entre eles, o qual Baalim era muitos deuses[16], e se insinuava no lugar de Deus, e suprimiam o seu culto puro: por essa razão, o Profeta não diz simplesmente, eles buscarão a Deus, mas, "buscarão Jeová seu Deus". E há aqui uma implícita reprimenda na palavra אלהים, ***Elohehem;*** pois dá a entender que foram afastados para as superstições ímpias, que estavam sem o Deus verdadeiro, que nenhum conhecimento dele existia entre eles; ainda que Deus mesmo se tenha oferecido a eles, sim, conservara relações familiares com eles, e os educara, por assim dizer, em seu regaço, como um pai a seus próprios filhos. Conseqüentemente, o Profeta, de forma indireta, censura-os por essa grande perversidade quando ele diz: *Eles buscarão seu Deus.* E quem é esse Deus? É precisamente Jeová. Até agora eles formaram para si próprios deuses vãos: e, ele diz, ainda que houvessem sido iludidos por suas próprias invenções, eles agora conheceriam o único Deus verdadeiro, o qual, desde o princípio, revelou-se-lhes ainda como Deus deles. Em seguida, ele adiciona uma segunda oração com respeito ao Rei Davi: porém, não posso completar agora o assunto.

ORAÇÃO

Conceda, Todo-Poderoso Deus, que, como amiúde ocultaste tua face de nós de maneira justa, de modo que, de todos os lados, nada vimos senão evidências de teu terrível julgamento — Ó, permita que nós, com mentes elevadas acima do cenário deste mundo, nutramos, ao mesmo tempo, a esperança que tu constantemente pões diante de nós, para que nos sintamos plenamente persuadidos de que somos amados por ti, seja qual for a severidade com que tu nos castigue, e que tal consolação assim apóie e sustente nossas almas, para que, pacientemente suportando todos os castigos que imponhas sobre nós, retenhamos sempre firme a reconciliação que nos prometestes em Cristo, teu Filho. Amém.

[16] Baalim, em hebraico, é o plural de Baal (N. do T.)

NONA DISSERTAÇÃO

Temos agora que considerar a segunda oração, acerca do Rei Davi. O Profeta nos diz que, quando os israelitas forem movidos pelo desejo de buscar a Deus, eles também buscarão a Davi, rei deles. Haviam se apartado, como é bem conhecido, da sua lealdade a ele; conquanto Deus houvesse posto Davi sobre todo o povo por este motivo — para que fossem todos felizes debaixo de seu poder e domínio, e permanecessem a salvo e seguros, como se contemplassem a Deus com seus próprios olhos; pois Davi era, por assim dizer, o anjo de Deus. Então, a revolta do povo, ou das dez tribos, era como uma renúncia ao Deus vivo. O Senhor disse a Samuel: 'Não foi a ti que desprezaram, mas a mim' (1 Sm 8.7): caso pior ainda com respeito a Davi, a quem Samuel, a mando de Deus, ungira, e a quem o Senhor honrara com tantos elogios notáveis; eles não podiam ter repelido o jugo dele sem rejeitarem abertamente, por assim dizer, ao próprio Deus. Por essa razão, não é sem fundamentos que Oséias, falando da penitência do povo, menciona isto de maneira inequívoca — que eles retornarão a Davi, rei deles: pois não podiam buscar a Deus de coração sincero sem se sujeitarem àquela autoridade legal à qual estiveram presos, não por homens, nem por acaso, mas por ordem de Deus.

É absolutamente verdadeiro que Davi era então morto; porém, Oséias aqui expõe, na pessoa de um homem, aquele reino eterno que os judeus sabiam que duraria como o sol e a lua: pois bem conhecida lhes era esta indescritível promessa: 'Enquanto o sol e a lua brilharem no céu, eles ser-me-ão fiéis testemunhas, para que o trono de Davi continue' (Sl 72.5,18). Por isso, após a morte de Davi, o Profeta mostra aqui que seu reino seria para sempre, pois ele sobrevivia em seus filhos; e, como parece, inegavelmente, eles normalmente chamavam seu Messias o filho de Davi. Devemos agora, necessariamente, vir a Cristo: pois Israel não podia procurar seu rei, Davi, que estava morto há muito tempo; mas teriam de buscar aquele Rei que Deus prometera da posteridade de Davi. Tal profecia, então, sem dúvida se estende a Cristo: e fica manifesto que a única esperança de o povo ser reunido era esta, que Deus atestasse que daria um Redentor.

Percebemos agora, então, o que o Profeta tinha em vista: os israelitas se tornaram degenerados; e, pela perfídia, deixaram de ser o verdadeiro e genuíno povo de Deus, já que continuavam apartados da família de Davi. O Profeta, falando da plena restauração deles, agora associa Davi com Deus; pois eles não podiam ser restaurados ao corpo da Igreja sem se unirem com os judeus na glorificação da mesma cabeça única. Contudo, precisamos, ao mesmo tempo, lembrar que o rei, a quem o Profeta menciona, não é Davi, que há muito estava morto, mas seu filho, a quem a perpetuidade de seu reino fora prometida.

Tal doutrina é especificamente útil para nós; pois ela demonstra que Deus não é para ser procurado exceto em Cristo, o mediador. Qualquer um, então, que abandona a Cristo, abandona o próprio Deus; pois, como João diz: 'Aquele que não tem o Filho, não tem o Pai' (1.ª de João 2.23). E os fatos mesmos provam isso; pois Deus mora na luz inacessível; quão grande, então, é a distância entre nós e ele? A não ser que Cristo, então, apresente-se a si mesmo para nós como uma pessoa intermediária, como podemos nós ir a Deus? Mas então, somente começamos a realmente procurar Deus quando voltamos nossos olhos a Cristo, que voluntariamente oferece a si mesmo para nós. Esse é o único caminho para se buscar a Deus de maneira acertada.

Alguns, com mais refinamento, disputam que Cristo é Jeová, porque o Profeta diz que ele é para ser procurado de nenhum outro modo que Deus não o seja. Pela palavra, procurar, o Profeta deveras quer dizer que os israelitas não possuíam nenhum outro meio de estarem a salvo e seguros senão fugindo para debaixo da tutela e proteção do legítimo rei deles, a quem sabiam haver sido

divinamente ordenado por eles. Isso, pois, não seria suficiente para confutar os judeus. Eu interpreto a passagem de uma maneira mais simples, como significando que eles buscariam o seu Deus na pessoa do rei, cuja mão e esforços esse tencionava empregar na preservação do povo.

Segue-se mais adiante: *E eles temerão Jeová e sua bondade nos últimos dias.* O verbo פחד, ***pachad,*** algumas vezes significa: temer, ficar apavorado como aqueles que estão tão aterrados que perdem toda a coragem. Porém, aqui deve ser tomado em um bom sentido, recear, como se afigura evidente pelo contexto. Depois, ele diz: *Eles temerão Deus e a sua bondade.* Os israelitas antes sacudiram o jugo divino: pois foi uma prova do petulante menosprezo deles erigir um novo templo; inventar, de sua própria volição, uma religião nova; e, em uma palavra, permitirem a si próprios uma desenfreada licenciosidade. Por isso ele diz: Eles, a partir de agora, começarão a temer a Deus, e persistirão no serviço dele.

E ele acrescenta, *e sua bondade;* pela qual ele quer dizer que Deus não seria receado por eles, mas que esse docemente os atrairia para si mesmo, para que obedecessem espontânea, livre e, ainda, jubilosamente: e, indubitavelmente, Deus então nos faz sim realmente temê-lo, quando nos concede uma amostra de sua bondade. Pois a majestade divina infunde-nos terror; e nós, no meio tempo, buscamos lugares escondidos; e, caso nos fosse possível apartar dele, cada um de nós faria isso de forma contente; mas não é adorar a Deus com a devida glória quando fugimos para longe dele. É, então, um senso de sua bondade que nos leva a reverentemente temê-lo. 'Contigo', diz Davi, 'está o perdão, para que possas ser temido' (Sl 130.4): pois, a não ser que os homens saibam que Deus está pronto para ficar em paz com eles, e se sintam seguros de que ele lhes será propício, ninguém o procurará, ninguém o temerá, pois, sem conhecer isso, não poderíamos senão desejar que sua glória fosse abolida e extinta, e que ele ficasse destituído de autoridade, para que não se tornasse nosso juiz. Mas todo aquele que provou da bondade do Senhor, assim ordena a si próprio para obedecer a Deus.

O que o Profeta, então, tem em vista quando diz, *eles então temerão a Deus,* é isto, que compreenderão que ficaram miseráveis enquanto estiveram alheados dele, e que a verdadeira felicidade é se submeter à sua autoridade.

Mas, ainda, tal bondade tem que ser alusiva a Cristo. Alguns tomam טובו, ***thubu,*** por glória, como em Êxodo 33; mas o nexo dessa passagem exige que a palavra seja tomada em seu sentido próprio. E a bondade divina, sabemos, é para ser exibida em nós em Cristo, para que nenhuma partícula dela seja procurada em nenhum outro lugar: pois dessa fonte devemos extrair tudo o que se refira à nossa salvação e felicidade de vida. Que, então, saibamos que Deus não pode ser de coração adorado por nós, senão quando o contemplamos na pessoa de seu Filho, e sabemos que ele nos é um Pai amoroso: por essa razão, João diz: 'Aquele que não honra o Filho, não honra o Pai' (João 5.23).

Por fim, ele adiciona, *no fim dos dias;* pois o Profeta queria outra vez fazer lembrar aos israelitas do que ele dissera antes — que eles precisavam de longa aflição, pela qual Deus, gradativamente, reforma-los-ia. Ele então mostra que a perversidade deles era tal, que não seriam trazidos logo a uma mente direita: mas que isso seria *no fim dos dias.* Ao mesmo tempo, ele consola as mentes dos piedosos, para que eles, pelo cansaço, não ficassem desfalecidos: pois, conquanto não experimentassem de início a bondade divina, o Profeta os lembra de que não havia nenhuma razão para desespero, porque o Senhor manifestaria sua bondade no término dos dias. Podemos acrescentar que tal término de dias teve seu início no retorno do povo. Quando a liberdade foi outorgada aos judeus, para retornarem ao seu país, foi o término ou plenitude de dias de que o Profeta fala. Mas uma série contínua do retorno do povo até à vinda de Cristo precisa, ao mesmo

tempo, ser percebida; pois o Senhor, ali, executou mais completamente o que declara aqui por seu Profeta. Por isso, em toda parte na Escritura, em especial no Novo Testamento, a manifestação de Cristo é colocada nos últimos tempos. Esse capítulo está agora explicado. Segue-se então o quarto.

CAPÍTULO 4

Oséias 4.1,2

1. Ouvi a palavra do SENHOR, vós, filhos de Israel: pois o SENHOR tem uma contenda com os habitantes da terra, porque não *há* verdade, nem clemência, nem conhecimento de Deus na terra.

2. Eles irromperam em praguejar, e em mentir, e em matar, e em furtar, e em cometer adultério, e o sangue toca o sangue.

1. Audite verbum Jehova, filii Israel, quia lis Jehovae cum incolis terrae; quia nulla fides, (*aut*, veritas, nulla fidelitas,) et nulla beneficientia, et nulla cognito Dei in terra.

2. Maledicere, et mentiri, et occidere, et furari, et adulterium committere perruperunt, et sanguines sanguinibus fuerunt continui.

Esse é um novo elóquio do Profeta, separado de seus discursos anteriores. Devemos ter em mente que os Profetas não escreviam literalmente o que transmitiam ao povo, nem tratavam somente uma vez daquelas coisas que agora existem conosco; mas nós temos em seus livros resumos e assuntos coligidos daquelas matérias que tinham eles por costume dirigir ao povo. Oséias, sem dúvida, mui amiúde dissertava sobre o exílio e a restauração do povo, visto como se detinha muito sobre todas as coisas de que nós até agora mencionamos. Realmente, a lerdeza e a estupidez do povo eram tais que as mesmas coisas eram repetidas diariamente. Mas era bastante para os Profetas fazer e pôr por escrito um breve apanhado do que eles pensavam em suas falas.

Oséias ora relata quão veementemente ele repreendia o povo, porque toda espécie de corrupção tão comumente prevalecia que não havia parte alguma sã em toda comunidade. Logo, nós entendemos do que o Profeta trata agora; e isto deve ser observado, pois hipócritas desejam sempre ser lisonjeados; e, quando a misericórdia divina lhes é oferecida, eles procuram se desembaraçar de todo temor. É, por conseguinte, uma coisa amarga a eles, quando ameaças são mescladas, quando Deus contundentemente ralha com eles. "Quê! ouvimos ontem um discurso sobre a misericórdia de Deus, e agora ele invectiva contra nós. Então ele é mutável; se fosse coerente, não seria sua maneira de ensinar semelhante e a mesma hoje?" Porém, os homens devem ser freqüentemente despertados, pois o perdão de Deus, muitas vezes, lisonjeia-os; eles perdoam a si próprios, e nada é mais difícil do que levá-los a Deus; ao contrário, embora eles realizem alguns progressos, logo se desviam para algum outro curso.

Conseqüentemente, vemos que os homens não podem ser instruídos a não ser que Deus reprove seus pecados pela palavra dele; e depois, para que eles não se desanimem, dá-lhes uma esperança de misericórdia; e outra vez retorna às admoestações e ameaças. Tal é o modo de alocução que achamos em todos os Profetas.

Agora, volto-me às palavras do Profeta: *Ouvi*, diz ele, *a palavra de Jeová, vós, filhos de Israel, o Senhor tem uma disputa* etc. Ele, ao dizer que o Senhor tinha uma querela com os habitantes da terra, sugere que os homens em vão se ufanam quando têm Deus contra si, e que eles logo o descobrirão ser Juiz deles, a menos que, em tempo, pressintam sua vingança. Mas ele também faz lembrar os israelitas que Deus tinha um litígio com eles, para não tivessem de sentir a severidade da justiça, mas se reconciliassem com Deus enquanto uma oportunidade tempestiva lhes era dada. Então, a introdução do Profeta tinha este objetivo em vista — fazer os israelitas conhecerem que Deus seria hostil a eles caso não buscassem, sem demora, reconquistar a mercê divina. O Senhor, pois, desde que declarou que contenderia com eles, mostra que não estava desejoso de assim agir. Pois, houvesse Deus se determinado a punir o povo, que mister havia de tal aviso? Não podia ele executar instantaneamente o juízo sobre eles? Porquanto, então, o Profeta foi

enviado aos filhos de Israel para alertá-los sobre um perigo grande e fatal, Deus ainda tinha consideração pela segurança deles: e, indubitavelmente, tal aviso persuadiu a muitos; pois aqueles que ficaram alarmados por essa denúncia humilharam-se diante de Deus, e não se endureceram na maldade: e os réprobos, posto que não corrigidos, todavia, ficaram duas vezes menos escusáveis.

É o mesmo caso entre nós, sempre que Deus nos ameaça com julgamento: aqueles que não são de todo obstinados ou incuráveis confessam sua culpa, e suplicam livramento da ira divina; e outros, conquanto endureçam seus corações na maldade, todavia, não conseguem sufocar o poder da verdade; pois o Senhor lhes tira todo pretexto de ignorância, e a consciência fere-os mais profundamente, após haverem sido assim prevenidos.

Compreendemos agora, pois, o que o Profeta tinha em vista ao dizer que Deus tinha uma contenda com os habitantes da terra. Mas, para que o intuito do Profeta seja-nos mais claro, precisamos ter em mente que ele e outros fiéis mestres estavam cansados de clamar e, no entretempo, fruto nenhum aparecer. Ele via que suas advertências eram insensatamente desprezadas, e que, por essa razão, seu último recurso era intimar os homens ao tribunal divino. Também ficamos maniatados quando não convencemos em nada, a seguir o mesmo rumo: "Deus julgar-vos-á; pois ninguém agüentará ser julgado por sua palavra: tudo o que nós vos anunciamos no nome dele é reputado questão de escárnio: ele mesmo, finalmente, provará que tem que tratar convosco". Com um esforço similar, Zacarias fala: 'Eles olharão aquele a quem traspassaram' (Zc 12.10): e, com o mesmo propósito, Isaías diz que o Espírito do Senhor ficara triste. 'Não é bastante', ele diz, 'que sejais penosos aos homens, mas que também o sejais ao meu Deus?' (Is 7.13). O Profeta se une a Deus; pois o incrédulo rei Acabe, ao tentar a Deus, fazia, simultaneamente, troça dos Profetas dele.

Há aqui, então, um contraste implícito entre a disputa com os israelitas que Deus anuncia, e as porfias diárias que tinha com eles por meio de seus Profetas. Por esse motivo também o Senhor disse: 'Meu Espírito não mais pelejará com o homem, pois ele é carne' (Gn 6.3). Deus deveras diz ali que em vão esperava que os homens voltassem ao caminho reto; pois eram refratários além de qualquer esperança de arrependimento: por isso, declarou que em breve os puniria. Assim também aqui, "'O Senhor tem uma audiência de julgamento na lei'; ele próprio agora pleiteia por sua causa: até aqui, por muito tempo, havia empregado seus Profetas em contender convosco; sim, ele os fatigara com muita e contínua labuta; vós permanecereis como sempre; portanto, começará agora a pleitear eficazmente sua causa convosco: ele não mais vos falará pela boca, mas por seu poder, mostrar-se-á um juiz". O Profeta, entretanto, intencionalmente, deu a palavra, *contenda*, para que os israelitas soubessem que Deus trata-los-ia severamente, não sem causa, não injustamente, como se dissesse: "Deus punir-vos-á assim para mostrar, ao mesmo tempo, que agirá desse modo pela melhor das razões: vós eludis todas as ameaças; vós pensais que podeis se garantir por vossos truques: não há escapatória alguma pela qual podeis quiçá esperar alcançar qualquer coisa; pois Deus finalmente descobrirá toda a vossa iniqüidade". Em suma, o Profeta aqui associa castigo com justiça de Deus, ou denota, por uma palavra, uma controvérsia real (por assim dizer) ou efetiva, pela qual o Senhor não apenas reprova os homens em palavras, mas ainda visita com juízo os pecados deles.

Segue-se: *Porque não há verdade,* nem bondade, nem conhecimento de Deus. O pleito, disse ele, tinha de ser com os habitantes da terra: por *habitantes da terra,* ele quer dizer todo o grêmio do povo; como se dissesse: "Não são uns poucos homens que se tornaram corruptos, mas todas as espécies de impiedade predominam em todo lugar". E, pela mesma razão, ele acrescenta "que não havia verdade alguma", etc. *na terra;* como se dissesse: "Aqueles que pecam, agora não se ocultam em esconderijos; eles não buscam recônditos, como aqueles que estão envergonhados; mas

domina tanta licenciosidade, em todos os lugares, que a terra inteira está repleta do menoscabo a Deus, bem como de crimes". Essa era uma severa censura aos homens orgulhosos. Quanto os israelitas se ufanavam, nós conhecemos; sendo assim, era necessário ao Profeta falar incisivamente assim ao povo pertinaz; pois uma advertência gentil e amável só se prova eficaz ao dócil e passível de instrução. Quando o mundo fica empedernido contra Deus, um tratamento rigoroso tal, como as palavras do Profeta desvelam, deve ser usado. Que aqueles, pois, a quem é confiado o encargo do ensino, percebam que não devem admoestar os homens de maneira gentil, quando endurecidos esses em seus vícios; mas que imitem essa veemência do Profeta.

Dissemos, no princípio, que o Profeta tinha uma boa razão para ser tão ardente em sua indignação: não estava arrebatado tolamente pelo calor do zelo naquele momento; mas sabemos que ele tinha de tratar com homens tão perversos que não podiam ser lidados de outro modo qualquer. O Profeta ora condena, não só um tipo de mal, mas reúne juntamente toda sorte de crimes; como se dissesse que os israelitas estavam de todas as maneiras corrompidos e pervertidos. Primeiramente diz que não havia entre eles nenhuma fidelidade e bondade. Ele fala aqui do desdém deles pela segunda tábua da lei; pois por essa a impiedade dos homens é mais prontamente descoberta, isto é, quando é feito um exame da sua vida: porque os hipócritas, com ostentação, professam o nome de Deus, e confiantemente (*plenis buccis* — com bocas cheias) apropriam-se da fé; e, depois, encobrem seus vícios com a demonstração externa do culto divino e com atos de devoção formais: e, além disso, é demasiadamente comum o fato mencionado por Jeremias é também geralmente o caso, que 'a casa de Deus tornou-se um covil de ladrões' (Jr 7.11). Conseqüentemente os Profetas, para que arrastassem os ímpios à luz, examinam a conduta desses segundo as obrigações do amor: "Vós sois adoradores corretos de Deus, vós sois santíssimos; mas, entrementes, onde está a verdade, onde está a fidelidade mútua, onde está a benevolência? Se não sois homens, como podeis ser anjos? Vós sois dados à avareza, vós sois pérfidos, vós sois cruéis: o que mais pode ser dito de vós, senão que cada um condena todo o resto diante de Deus, e que vossa vida também é condenada por tudo?"

Ao dizer que a *verdade* ou *fidelidade* estava extinta, ele os faz ser como raposas, que são sempre cavilosas: ao falar que *não* havia *bondade*, ele os acusa de crueldade, como se dissesse que eram como leões e bestas selvagens. Porém, a fonte de todos esses vícios, ele destaca na terceira oração, quando diz que eles *não* possuíam *conhecimento de Deus:* e esse conhecimento, ele toma pelo temor de Deus, que procede do conhecimento desse; como se dissesse: "Em uma palavra, os homens prosseguem assim licenciosamente, como se não achassem que há um Deus no céu, como se toda religião estivesse obliterada de seus corações". Pois, enquanto algum conhecimento dele perdura em nós, é como uma rédea para nos restringir: mas, quando os homens tornam-se libertinos, e se permitem toda liberdade, é certo que se esqueceram de Deus, e que neles não há agora conhecimento algum dele. Daí as queixas nos Salmos: 'Os ímpios dizem em seus corações: não há Deus nenhum' (Sl 14.1): 'A impiedade fala em meu coração: não há Deus algum'. Os homens não podem mergulhar de cabeça na estupidez brutal, enquanto uma centelha do verdadeiro conhecimento de Deus brilhar ou cintilar em suas mentes. Percebemos pois o que o Profeta quis realmente dizer.

Contudo, após haver dito que eles estavam cheios de perfídia e crueldade, ele adiciona: *Por amaldiçoar, e mentir, e assassinar,* etc., אלה, ***'alah*** tem o sentido de jurar: alguns explicam-na aqui como significando perjurar; e outros lêem os dois juntamente, אלה וכחש, ***'aloh wechachesh,*** jurar e mentir, isto é, enganar por juramento. Mas, como אלה ***'alah,*** amiúde quer dizer amaldiçoar, aqui o Profeta, não tenho dúvida, condena a prática de amaldiçoar, que tinha se tornado freqüente e comum entre o povo.

Porém, ele enumera particularidades a fim de mais eficazmente censurar a ferocidade do povo; pois os ímpios, sabemos nós, não curvam facilmente seu pescoço: primeiro murmuram, depois clamam contra a instrução salutar e, por fim, enraivecem-se com fúria aberta e irrompem em violência quando não podem, de outro modo, parar o progresso da sã doutrina. Qualquer que seja o caso, vemos que eles não são facilmente levados a confessar seus pecados. Essa é a razão pela qual o Profeta revela aqui, ao contar pormenores, de quantos jeitos eles provocavam a ira divina: 'Eis', diz, 'maldições, mentiras, assassínios, furtos, adultérios abundam entre vós'. E o Profeta parece aqui aludir aos preceitos da lei; como se dissesse: "Se qualquer um comparar vossa vida com a lei de Deus, descobrirá que confessada e intencionalmente levais uma tal vida, como prova a vossa peleja contra Deus, vós que violais toda parte de sua lei".

Mas deve ser aqui observado que ele não fala dos ladrões ou assassinos semelhantes aos que são, em nossos dias, conduzidos ao cadafalso, ou a outra forma de punição. Pelo contrário, ele denomina ladrões e assassinos e adúlteros os que estavam em alta estima e eram eminentes em honra e riqueza, os quais, em suma, eram ilustres e exclusivos entre o povo de Israel: os tais, o Profeta estigmatiza com esses nomes nefastos, chamando-os de assassinos e ladrões. Também Isaías fala deles: 'Teus príncipes são esbulhadores e companheiros de ladrões' (Is 1.23). E já vos lembramos de que o Profeta não dirige seus discursos a poucos homens, porém, a todo povo; pois todos, do menor ao maior, desviaram-se.

Posteriormente, ele fala: *Eles irromperam.* A expressão, indubitavelmente, é para ser entendida metaforicamente, como se dissesse: "Não há limites, não há barreiras". Pois o povo se enfurecia tanto contra Deus que nenhuma modéstia, nenhuma vergonha por causa da lei, nenhuma religião, nenhum receio predominava entre eles ou controlava seu espírito indócil. Por isso *eles irromperam.* Pela palavra, irromper, o Profeta expõe a raivosa rebelião vista nos réprobos; quando libertos do temor a Deus, eles se entregam ao que é pecaminoso, sem qualquer moderação, sem qualquer constrangimento.

E, com o mesmo propósito, ele acrescenta no fim: *Sangues são contíguos a sangues*. Por sangues ele quer dizer todos os piores crimes: e diz que sangues estavam perto de sangues, porque eles agregavam os crimes juntamente e, como Isaías diz que a iniqüidade era, por assim dizer, uma série, também nosso Profeta fala aqui que tal era a habitual liberdade que tomavam para pecar, que, seja onde for que voltasse seus olhos, não podia ver região nenhuma livre de perversidade. Então, sangues estão contíguos a sangues, ou seja, por toda parte é visto o horrível espetáculo de crimes. Essa é a significação. Segue-se agora –

Oséias 4.3

3. Por conseguinte, a terra pranteará, e todos os que nela habitam desfalecerão, com as bestas do campo, e com as aves do céu; sim, os peixes do mar também serão tirados.

3. Propterea Ingebit (*vel,* succidetur; עמל *enim trunque significat)* omnis habitans in ea, in bestia agri, in volucre coeli atque etaim piscibus maris collingentur omnes, *vel,* tollentur e medio.)

O Profeta agora exprime mais claramente a disputa que ele menciona no primeiro versículo; e agora aparece, de forma patente, que não foi um julgamento expresso em palavras, pois Deus debalde havia tentado trazer o povo ao caminho reto por meio de ameaças e verberações: ele Deus tinha contendido o bastante com o povo; esse permanecia obstinado; conseqüentemente, ele adiciona: "Agora se enlutará a terra inteira"; ou seja, Deus resolveu executar seu juízo nesse momento: logo, é inútil a vós tramar qualquer escape, como tendes acostumado a fazer até aqui;

pois ele estende sua mão para a vossa destruição definitiva. Chore, portanto, a terra, e *cortados serão todos os que nela moram,* como eu prefiro verter; salvo se o Profeta, talvez, queira dizer que, conquanto Deus por um tempo suspendesse o último julgamento, todavia, os israelitas nada ganhariam, visto que eles, pelo langor contínuo, definhariam. Mas, como ele menciona primeiro o pranto, o sentido anterior, de que Deus destruiria todos os habitantes, parece mais apropriado. Ele adiciona, *arrebanhados serão eles todos,* ou, *destruídos* (pois um ou outro se ajusta aqui) *desde a besta do campo, e desde o pássaro do céu, até os peixes do mar.* O Profeta aqui amplifica a grandeza da ira de Deus; pois inclui até as bestas inocentes e os pássaros do céu, sim, os peixes do mar. Quando a vingança divina se estende aos animais irracionais, o que será dos homens?

Porém, alguém pode objetar aqui, dizendo que é indigno da parte de Deus ficar irado com criaturas miseráveis, as quais não merecem tal tratamento: pois por que ele estaria encolerizado com peixes e bestas? Contudo, uma resposta pode ser dada facilmente: como bestas, pássaros, peixes e, em uma palavra, todas as outras coisas foram criadas para o uso dos homens, não é de se maravilhar que Deus estenda as marcas de sua maldição a todas as criaturas, em cima e embaixo, quando seu propósito é punir os homens. Deveras buscamos, na maioria das vezes, alguns vãos confortos para nos deleitar, ou moderar nossas tristezas quando ele se mostra irado conosco: porém, quando Deus amaldiçoa animais inocentes por nossa causa, então tememos mais ainda, exceto, de fato, se estivermos sob a influência da extrema letargia.

Compreendemos agora, então, porque Deus aqui anuncia a destruição tanto sobre as bestas quanto sobre os pássaros e peixes do mar: é para que os homens saibam que são despojados de todos os dons dele, como quando uma pessoa, a fim de expor um homem ímpio à vergonha, derriba sua casa e queima toda sua mobília: assim também Deus faz, aquele que adornou o mundo com tanta e tal variedade de bens por nossa causa, quando reduz tudo à ruína: nisso, ele demonstra quão grandemente ofendido ele está conosco e, desse modo, nos constrange a sermos humildes. Este é, então, o sentido dado pelo Profeta.

ORAÇÃO

Conceda, ó Todo-Poderoso Deus, que, visto como somos hoje tão culpados perante ti como o eram os israelitas de antanho, que eram tão rebeldes contra teus Profetas, e tu amiúde tentaste suavemente nos atrair para ti mesmo sem qualquer êxito, e como não temos até agora cessado, por nossa obstinação contínua, de provocar tua ira — Ó, permita que, sendo movidos pelo menos pelos avisos que tu nos deste, prostremo-nos diante da tua face, e não esperemos até que tu estenda tua mão para nos destruir, porém, pelo contrário, lutemos para prognosticar teu juízo; e que, sendo ao mesmo tempo seguramente convencidos de que estás prontos para se reconciliar conosco em Cristo, fujamos a Ele como nosso Mediador; e que, confiando em sua intercessão, não duvidemos de que tu estás pronto para nos outorgar perdão, até que, havendo finalmente posto para fora todos os pecados, cheguemos àquele bendito estado de glória que foi obtido para nós pelo sangue de teu Filho. Amém.

DÉCIMA DISSERTAÇÃO

Oséias 4.4

4. Todavia, que nenhum homem contenda, nem repreenda a outro: pois teu povo *é* como os que contendem com o sacerdote.	**4.** Caeterum, vir no objurget et non corripiat virum: quia populus tuus tanquam objurgatores sacerdotis.[17]

O Profeta aqui deplora a extrema imoralidade do povo, o qual não podia suportar admoestação alguma, tal como aqueles que, estando sem esperança, rejeitam todo conselho, não aceitam médico nenhum e detestam todos os remédios: e é uma prova de incorrigível perversidade quando os homens fecham seus ouvidos e endurecem seus corações contra todos os conselhos benéficos. Por essa razão, o Profeta sugere que, junto com as muitas grandes corrupções deles, havia tal teimosia, que ninguém se atrevia a condenar os vícios públicos.

Ele acrescenta esta razão: *Pois o povo é como os que ralham com os sacerdotes*, ou, *eles deveras lutam com o sacerdote:* pois alguns aqui entendem כ, *cafe,* não como indicativo de semelhança, mas como explicando e afirmando o que é dito: 'eles pelejam juntos com o sacerdote'. Mas eu prefiro o primeiro sentido, qual seja, que o Profeta chama todo o povo de censor de seus pastores: e vemos que homens arrogantes ficam insolentes assim quando são acusados; pois imediatamente fazem uma objeção tal como esta: "Devo ser tratado como uma criança? Não adquiri eu conhecimento suficiente para entender como devo viver?" Diariamente encontramos muitos homens semelhantes, que orgulhosamente se jactam de seu conhecimento, como se eles fossem superiores a todos os Profetas e mestres. E, sem dúvida, os ímpios dão uma exibição de inteligência e argúcia ao oporem-se à sã doutrina, parecendo então que eles aprenderam mais do que se poderia haver pensado — mas para que fim? Apenas para que combatam a Deus.

Regressemos agora às palavras do Profeta. *Mas*, diz ele: אך, ***ach*** não é para ser considerada aqui, como em muitas partes, "verdadeiramente": mas ela denota ressalva, "entretanto". *Mas*, ou, *entretanto, que ninguém increpe nem censure alguém.* Em uma palavra, o Profeta lamenta que, embora todos os tipos de impiedade superabundassem entre o povo, não houvesse liberdade alguma para ensinar e exortar, mas que todos eram tão obstinados que não toleravam ouvir a palavra; e que, assim que alguém tocava em seus vícios, havia grandes doutores, como dizem, prontos para redargüir.

E ele discorre longamente sobre o assunto, dizendo que eles *eram como os que ralham com o sacerdote;* pois declara que aqueles que, impunemente, conduziam-se de maneira tão petulante contra Deus, todavia, não contentes em serem tão obstinados a ponto de repelirem todas as repreensões, também propositadamente se levantavam contra seus mestres: e, como já disse, a observação vulgar prova o bastante que todos os desprezadores profanos de Deus são inflados de confiança tal que ousam atacar outros. Alguns conjecturam nesse caso que o sacerdote era tão vil que se tornava responsável pela condenação universal; mas tal conjectura é de importância nenhuma, além de indiferente: pois o Profeta aqui não usa sua pena contra um único indivíduo, ao contrário, condenava nitidamente, como dissemos, a perversidade do povo: ninguém queria escutar

---

[17] Dentre a variedade de explicações dadas sobre essa oração, a adotada por Calvino e, evidentemente, em nossa versão, é a melhor. A versão de *Newcome* parece estar mui equivocada na interpretação. A tradução de *Horsley* concorda essencialmente com a nossa: 'Pois teu povo é exatamente como estes: os que contendem com o sacerdote' (N. do E. inglês).

um repreensor. Saibamos então que as suas moléstias eram pois incuráveis, quando o povo se endureceu contra os salutares conselhos, e não mais tolerava ser vituperado. Segue-se -

Oséias 4.5

5. Portanto, tu cairás de dia, e o profeta também cairá contigo de noite, e eu destruirei tua mãe.

5. Et corrues interdin et corruet etiam Propheta tecum nocte, et abolebo matrem tuam.

O copulativo é para ser tomado aqui por ilativo: *Tu, por isso, cairás*. Aqui, Deus anuncia a vingança sobre os homens obstinados; como se dissesse: "Visto que vós não tendes respeito algum para com a minha autoridade, quando por palavras vos reprovo, agora não tratarei convosco dessa maneira; porém, visitar-vos-ei por tal desdém à minha palavra". E assim Deus está acostumado a agir: ele primeiro prova os homens, ou faz a prova, caso possam ser trazidos ao arrependimento: severamente os censura, e alterca com eles: mas, havendo tentado todos os meios por palavras, ele então vai ao último remédio, empregar seu poder; pois, como foi dito, ele não se digna mais a contender com os homens. Conseqüentemente o Senhor, quando viu que seus Profetas eram menosprezados, e que todo o ensino deles era uma matéria de troça, determinou, como aparece nessa passagem, que o povo fosse em pouco tempo destruído.

Alguns traduzem היום, ***hayom,*** hoje, e pensam que se denota um período curto: porém, como o Profeta incontinenti acrescenta no fim: *e cairá junto contigo o Profeta*, לילה, ***laylah,*** *na noite*, eu o explico deste modo — que o povo seria destruído juntamente, e então que os Profetas, precisamente aqueles que, em grande medida, traziam tal vingança sobre o povo, seriam também arrastados à mesma ruína. Cairás tu então no dia, e cairá na noite o Profeta, isto é: "A mesma destruição incluirá todos ao mesmo tempo: porém, caso a destruição não leve de imediato os Profetas, todavia, não escaparão da minha mão; eles acompanharão na sua vez". Por isso o Profeta junta simultaneamente dia e noite em uma ordem sucessiva; como se dissesse: "Destrui-los-ei todos, do primeiro ao último, e ninguém se livrará do castigo; e, se eles pensam que ficarão impunes aqueles que mais tarde serão levados à vingança, estão enganados; pois, como a noite segue-se ao dia, assim também os outros depois deles serão arrastados à mesma assolação". Não obstante, ao mesmo tempo o Profeta, não tenho dúvidas, quer dizer por tal metáfora, *o dia*, aquele período tranqüilo e alegre durante o qual o povo cedeu ao seu orgulho. Então, ele quer dizer que o castigo que predizia seria súbito: pois, a menos que os ímpios vejam a mão do Senhor próxima, sempre, como foi observado antes, riem com mofa de toda ameaça. Deus então diz que puniria o povo *de dia*, precisamente ao meio-dia, quando o sol estava brilhando; e que, quando viesse o crepúsculo, os Profetas também o seguiriam no seu turno.

É suficientemente apodítico que Oséias não fala aqui dos verdadeiros e fiéis ministros de Deus, mas dos impostores, que enganavam o povo com as blandícias deles, como é comumente o caso: pois, assim que algum Profeta, em sinceridade, desejava desempenhar seu ofício por causa de Deus, apareciam aduladores perante o público — "Esse homem é rígido demais, e usa indevidamente o nome de Deus, ao anunciar um tão doloroso castigo; nós somos o povo de Deus". Devemos lembrar, pois, que tais eram os Profetas a que aqui se faz referência; pois poucos foram aqueles, então, que, com fidelidade, desempenharam seu ofício; e houve um número maior daqueles que eram condescendentes para com o povo e os vícios desse.

Em seguida se acrescenta: *Eu também consumirei tua mãe*. O termo, *mãe*, é para ser tomado aqui por Igreja, devido à qual os israelitas, sabemos, habituaram-se a se exultar contra Deus; como os papistas dos dias correntes, que se gabam de sua mãe igreja que, conforme dizem, é seu escudo

de Ájax[18]. Quando alguém mostra suas corrupções, instantaneamente se debandam para esta proteção — "Quê! Não somos nós a Igreja de Deus?" Por esse motivo, quando o Profeta percebeu que os israelitas faziam um uso errôneo desse título falsamente assumido, ele disse, 'eu também destruirei a vossa mãe', ou seja: "Essa vossa ufania, e a dignidade da raça de Abraão, e o sagrado nome de Igreja, não impedirá Deus de tomar pavorosa vingança sobre vós todos; pois ele arrancará desde as raízes e abolirá o próprio nome de vossa mãe; ele dispersará aquela fumaça de que vos vangloriais, visto como escondeis vossos crimes debaixo do título de Igreja". Segue-se -

Oséias 4.6

6. Meu povo está destruído por falta de conhecimento: pois que rejeitaste o conhecimento, eu também rejeitarei a ti, para que não me sejas sacerdote: visto como olvidaste a lei do teu Deus, também olvidarei teus filhos.

6. Preriit (perierunt *ad verbum: sed quia* עט *estnomen collectivum, ideo promiscuoe conjungitur utrique numero,* populus meus absque scientia: quia tu scientiam repulisti, etiam repellam te: ne sacerdotio fungaris mihi: et quia oblitus es legis Dei tui, obliviscar filiorum tuorum ego quoque.

Aqui o Profeta, evidentemente, toca na ociosidade dos sacerdotes, a quem o Senhor, como é bem conhecido, pusera sobre o povo. Pois, conquanto isto não pudesse servir para desculpar o povo ou atenuar sua culpa — que os sacerdotes fossem negligentes —, todavia, o Profeta, com justiça, invectiva contra esse por não haver desempenhado a obrigação designada por Deus. Contudo, o que é dito não se aplica só aos sacerdotes; pois Deus, ao mesmo tempo, indiretamente censura a cegueira voluntária do povo. Pois como sucedeu isso, que a instrução pura não predominasse entre os israelitas, senão que o povo particularmente desejasse que aquela não predominasse? A ignorância deles então, como dizem, era crassa; como é o caso de muitos homens ímpios hoje, que não só amam as trevas, mas ainda a estabelecem em todo o seu derredor, para que tenham alguma escusa para a sua ignorância.

Deus aqui, então, em primeiro lugar, ataca os clérigos, mas também inclui o povo todo; pois o ensinamento não vogava, como deveria vogar, entre esse. O Senhor também vitupera os israelitas pela ingratidão; pois acendera no meio deles a luz da sabedoria celestial; visto como a lei, como é bem sabido, devia ter sido suficiente para dirigir os homens no caminho reto. Foi pois como se Deus mesmo refulgisse de fato do céu, quando lhes deu sua lei. Como, então, os israelitas pereceram pela ignorância? Precisamente porque cerraram seus olhos à luz celestial, porque não condescenderam em se tornarem educáveis de modo a aprenderem a sabedoria do Pai eterno. Por isso, vemos que a culpa do povo, como foi bem dito, não é aqui mitigada, mas que Deus, ao contrário, queixa-se de que esse malignamente suprimira o ensino da lei: pois ela era idônea para guiá-los. O povo perecia sem conhecimento porque queria perecer.

Porém, o Profeta anuncia vingança sobre os sacerdotes e também sobre o povo todo: *Porque o conhecimento tens tu rejeitado,* ele diz, *eu também a ti rejeitarei, para que o sacerdócio, tu não desempenhes mais para mim.* Isso é especificamente endereçado aos sacerdotes: o Senhor os acusa de haverem rejeitado o conhecimento. Mas o conhecimento, como diz Malaquias, era para ser buscado dos lábios deles (Ml 2.7); e Moisés também toca no mesmo ponto em Deuteronômio 33.10. Era pois uma maldade extrema nos sacerdotes, como se desejassem subverter a ordem sagrada de Deus, quando procuravam a glória e a dignidade do ofício sem o ofício mesmo: e tal é o caso dos

[18] Guerreiro mítico gigante da *Ilíada* de Homero, o principal de Agamenon, cujo exército Ájax liderava brandindo um grande machado e um imenso escudo. Não se feriu em nenhuma das batalhas lá descritas e foi o único personagem que em momento algum precisou do auxílio dos deuses (N. do T.)

papistas dos dias que correm; eles estão satisfeitos sua dignidade e riqueza. Bispos de mitra são prelados, são padres superiores; ostensivamente se jactam de que são as cabeças da Igreja, e querem ser olhados como iguais aos Apóstolos: ao mesmo tempo, qual deles dedica-se ao seu ofício? Pelo contrário, eles acham que, de certa maneira, seria uma desgraça dar atenção ao seu mister e ao chamado de Deus.

Percebemos agora, então, o que o Profeta tinha em vista ao dizer, *porque tu tens ao conhecimento rejeitado, eu também te rejeitarei, de modo que não desempenhes para mim o sacerdócio.* Em uma palavra, ele mostra que o divórcio, que os sacerdotes tentavam fazer, era absurdo, e contrário à natureza das coisas, que ele era monstruoso e, em suma, impossível. Por quê? Porque queriam deter a titularidade e as riquezas dessa, queriam ser considerados prelados da Igreja, mas destituídos de conhecimento: Deus não permite que as coisas sejam reunidas juntas por um vínculo sagrado para serem assim despedaçadas. "Não tomaste pois", ele diz, "para ti mesmo o posto sem conhecimento? e além disso, como tu tens rejeitado o conhecimento, eu também tomarei para mim mesmo a glória do sacerdócio, que anteriormente conferi a ti".

Essa é uma passagem memorável, e por ela podemos confrontar a louca vanglória dos papistas, quando arrogantemente nos impõem a hierarquia e ordem, como eles dizem, da sua clerezia, isto é, de suas escórias corruptas: pois Deus declara, por sua palavra, que é impossível que haja qualquer sacerdócio sem conhecimento. E mais, ele não tinha sacerdotes somente para serem dotados de conhecimento e ficarem, por assim dizer, mudos; pois havia depositado o tesouro com eles para ser comunicado à Igreja inteira. Deus então, falando do conhecimento sacerdotal, inclui também a pregação. Mesmo que apenas algum deles seja de fato letrado, como há, em nossa era, alguns desses entre os bispos e cardeais — mesmo que, então, haja um tal que não deva, todavia, ser classificado entre os eruditos: pois, como é dito, a ciência sacerdotal é o tesouro de toda a Igreja. Logo, quando se faz jactância do sacerdócio, sem atenção alguma à ministração da palavra, isso é mera chacota; pois mestre e sacerdote são, como dizem, termos quase permutáveis. Percebemos agora o significado da primeira oração.

Segue-se então: *Porque tu te esqueceste da lei do teu Deus, eu também me esquecerei de teus filhos.* Alguns limitam essa última oração aos sacerdotes, e pensam que ela forma parte do mesmo contexto: porém, quando alguém pondera mais completamente as palavras do Profeta, descobre que isso se refere ao grêmio do povo.

Esse Profeta é, em suas frases, amiúde conciso e, assim, suas transições são variegadas e intricadas: ora ele fala em sua própria pessoa, assumindo depois a pessoa de Deus; ora ele volta seu discurso ao povo, falando depois na terceira pessoa; ora repreende os sacerdotes, dirigindo-se depois, imediatamente, a todo o povo. Parece que primeiro houve uma denúncia comum: 'Tu cairás no dia, o Profeta seguirá na noite, e vossa mãe perecerá'. O Profeta, agora, não tenho dúvidas, confirma o mesmo raciocínio em outras palavras: e, antes de mais nada, ele antecipa esta proposição, que os sacerdotes eram ociosos, e que o povo apagava a luz da instrução celestial; em seguida ele anuncia, sobre os sacerdotes, o julgamento que eles mereciam: 'Eu te removerei', diz, 'do sacerdócio'; agora, ele se volta a todos os israelitas e diz: *Tu te esqueceste da lei de teu Deus, eu também me esquecerei de teus filhos.* Ora, tal culpa era indubitavelmente a que dizia respeito a todo povo: ninguém estava isento desse pecado: e tal esquecimento era apropriadamente imputado ao povo inteiro. Pois como aconteceu que os sacerdotes, de modo remisso, houvessem sacudido de seus ombros o ônus de instruir o povo? Precisamente porque o povo não estava disposto a ter seus ouvidos molestados: pois os ímpios reclamam que os servos de Deus são importunos quando, diariamente, bradam contra os vícios deles. Conseqüentemente, o povo prazerosamente entrou em

trégua com seus mestres, para que não desempenhassem o ofício deles: assim, o oblívio da lei de Deus furtivamente se introduziu.

Então, assim como o Profeta anunciara sobre os sacerdotes a punição, também ele agora assegura a todo o povo que Deus traria um julgamento horrível sobre cada um deles, de modo que aniquilaria a raça de Abraão inteira: *Eu me esquecerei,* ele diz, *de teus filhos.* Por que isso? O Senhor fizera uma aliança com Abraão, a qual tinha de continuar e ser confirmada à posteridade dele: eles se afastaram da autêntica fé, viraram filhos bastardos; então Deus verdadeiramente atesta aqui que tinha uma causa justa pela qual não mais contaria esse povo degenerado entre os filhos de Abraão. Como assim? "Pois vós tendes olvidado minha lei", diz ele: "tivesses lembrado dela, eu também teria mantido meu pacto convosco: mas não mais me lembrarei dele, pois vós o tendes violado. Vossos filhos, por isso, não merecem estar sob uma tal aliança, visto que povo sois vós". Segue-se —

Oséias 4.7

7. À medida que eles aumentavam, mais pecavam contra mim: *por conseguinte,* eu mudarei a sua glória em vergonha.	**7.** Secundum multiplicari eorum, sic peccaverunt mihi: gloriam eorum in ignominiam mutabo.

O Profeta aqui amplia a perversidade e impiedade do povo, adicionando esta circunstância, que eles, quanto mais perversamente se rebelavam contra Deus, mais generoso esse lhes era, sim, quando derramou sobre eles riquezas em copiosa exuberância. Uma tal reclamação, já tínhamos dantes mencionado: mas os Profetas, sabemos, não falam somente uma vez da mesma coisa: quando viam que não produziam nada, que o desprezo a Deus ainda prevalecia, achavam necessário repetir muitas vezes o que anteriormente haviam dito. Aqui então o Profeta acusa os israelitas de terem vergonhosamente abusado da indulgência de Deus, de terem se concedido maior liberdade em pecar, embora Deus lidasse com eles tão amorosa e liberalmente.

Alguns restringem isso aos sacerdotes, e julgam que o sentido é que eles pecavam mais contra Deus, visto que aumentavam a tribo levita e acresciam à riqueza deles: porém, o Profeta, não duvido, pretendia incluir o povo inteiro. Ele deveras, no último versículo, separou os crimes dos sacerdotes daqueles do povo, embora no início adiantasse proposições gerais: ele agora retorna àquela declaração, qual seja, que todos, do mais alto ao mais baixo, agiam ímpia e malignamente contra Deus. Ora, conhecemos que os israelitas multiplicaram-se em número tanto quanto em bens; pois eles foram prósperos, como foi afirmado, sob Jeroboão II; e se achavam extremamente felizes, porque estavam repletos de toda abundância. Por isso Deus mostra agora que eles haviam se tornado piores e menos desculpáveis, pois eles ficaram rebeldes como um cavalo bem alimentado, quando dá coices contra seu dono — uma comparação que até Moisés usa em seu cântico (Dt 32.19). Entendemos agora o que o Profeta quer dizer. Por essa razão, quando ele diz כרובם, ***kerubam****, conforme à multiplicação deles,* eu explico essa, não como simplesmente de homens ou riquezas, mas de toda sorte de bênçãos: pois o Senhor aqui, em uma palavra, acusa o povo de ingratidão, pois, quanto mais bondoso e liberal lhes era, mais obstinadamente esse se inclinava a pecar.

Depois, acrescenta no fim: *A glória deles, eu a tornarei em vexame.* Aqui, ele anuncia o juízo de Deus sobre os homens orgulhosos, que não tinham temor: pois os homens, sabemos, ficam cegos pela prosperidade. E é a pior espécie de embriaguez quando parecemos a nós mesmos estar felizes; pois então consentimos a nós mesmos tudo o que é contrário a Deus, e somos surdos a toda instrução, e ficamos, em suma, de todo obstinados. Mas o Profeta diz: *Eu substituirei essa glória por vergonha,* o que significa: "Não há razão nenhuma para que eles confiem em si próprios e

loucamente enganem a si mesmos, ao fixarem seus olhos em seu esplendor presente; pois está em meu poder", diz o Senhor, "mudar a glória deles". Vemos então que o Profeta tencionava aqui sacudir dos israelitas a vã confiança deles; pois estavam afeitos a pôr suas riquezas, glória, poder, cavalos e carruagens contra Deus. "Esse é a vossa ufania; mas em minha mão e poder está a adversidade e a prosperidade; sim", diz o Senhor, "de mim apenas depende a alteração da glória para vergonha". Porém, ao mesmo tempo, o Profeta sugere que não podia ser que Deus assim vendesse suas bênçãos a preço vil para homens indignos, como se o fosse a porcos: pois é um tipo de profanação quando os homens ficam assim altivos contra Deus, malgrado ele os suportar, malgrado ele os poupar. Tal combinação, pois, aplica-se a todos os que abusam da amabilidade divina; pois o Senhor não quer que sua mercê seja profanada desse modo. Segue-se —

Oséias 4.8

8. Eles devoram o pecado do meu povo, e põem seu coração na iniqüidade desse.	**8.** Peccatum populi mei comedent et ad iniquitatem eorum tollent animam ejus, (*ad verbum,* levabunt animam ejus.)

Este versículo tem dado ocasião a muitos intérpretes acharem que todas as particularidades que observamos devam ser restringidas somente aos sacerdotes: mas não há razão suficiente para tal. Já dissemos que o Profeta tem o costume de, com freqüência, passar do povo para os sacerdotes: mas, como uma culpa mais pesada cabia aos sacerdotes, ele muitas vezes invectiva contra eles, como o faz aqui: *Eles comem*, diz, *o pecado de meu povo, e alçam à iniqüidade deles sua alma*, isto é, 'cada um levanta sua alma', ou, 'eles elevam a alma do pecador pela iniqüidade'; pois o pronome aplica-se tanto aos sacerdotes quanto ao povo. O número é mudado: pois ele diz יאכלו, ***yochelu,*** e ישׂאו ***yis'u,*** [19] no número plural, *Eles comerão o pecado, e levantarão etc.,* na terceira pessoa; e depois *sua alma;* pode ser, deles; é, entretanto, um pronome no singular: destarte, uma alteração de número é preciso. Estamos então em liberdade para escolher[20], se o Profeta diz isso do povo ou dos sacerdotes: e, como dissemos, pode aplicar-se a ambos, mas com uma significação diferente.

Podemos entendê-lo como dizendo que os sacerdotes elevavam suas almas à iniqüidade do povo, porque eles ansiosamente desejavam que o povo fosse dado a muitos vícios, pois esperavam, por esse meio, ganhar muito despojo, como é o caso, quando alguém espera uma recompensa de ladrões: ele fica contente de ouvir que eles tornavam-se ricos, pois considera as riquezas deles sendo para seu ganho. Assim era com os sacerdotes, que se embasbacavam por dinheiro; pensavam que estavam indo bem, quando o povo trazia muitos sacrifícios. E normalmente é esse o caso quando a doutrina da lei é adulterada, e quando os ímpios julgam que só lhes resta isto — satisfazer a Deus com sacrifícios e expiações similares. Então, se aplicarmos a passagem aos sacerdotes, o levantar da alma é o desejo ardente por lucro. Contudo, se preferirmos aplicar as palavras aos pecadores mesmos, a acepção é: 'Sobre sua iniqüidade eles alçam suas almas', ou seja, o culpado se eleva por falsos consolos, e atenua seus vícios; ou, por suas lisonjas, enterram e sufocam

---

[19] Esses verbos estão no tempo futuro; mas em hebraico é amiúde empregado, como Calvino diz em outro lugar, para expressar um ato continuado, ou uma prática habitual (N. do E. inglês.)

[20] Tal escolha dificilmente pode ser permitida. 'Povo', em hebraico, está no singular, e os pronomes alusivos a povo são geralmente postos no mesmo número; mas não é assim em nossa língua [i.e., o inglês — Trad.] 'Dele' aqui evidentemente diz respeito ao povo, e não aos sacerdotes, e deve ser vertido 'deles', como em nossa versão [*King James,* idem.] O versículo, traduzido literalmente, é como segue, apenas o tempo futuro sendo tomado por presente:

'O pecado do meu povo eles comem,
E à sua (deles) iniqüidade eles alçam seus corações.'

Verter 'pecado', como *Newcome* e *Horsley* o fazem, 'ofertas de pecado', é arruinar o vigor inteiro da passagem, que, mediante a superstição do povo, eles ganhavam a vida. E 'iniqüidade' significa, indubitavelmente, idolatria, à qual os sacerdotes elevavam o coração do povo, ou prendiam-no (N. do E. inglês.)

inteiramente todo resto de temor a Deus. Então, de acordo com o segundo sentido, elevar a alma é enganar e remover todas as dúvidas por vãs consolações, ou retirar todo pesar e apagar toda culpa por uma falsa concepção.

Chego agora ao significado do todo. Conquanto o Profeta aqui acuse os sacerdotes, todavia ele envolve, sem dúvida, o povo todo, e merecidamente, na mesma culpa: pois como era que os sacerdotes esperavam lucrar dos sacrifícios? Precisamente porque a doutrina da lei foi subvertida. Deus instituíra sacrifícios para este fim, para que qualquer um que pecasse, sendo lembrado de sua culpa, pudesse se afligir por seu pecado, e mais, para que, ao testemunhar esse triste espetáculo, sua consciência ficasse mais magoada: quando visse o animal inocente morto no altar, ele devia ter medo do julgamento divino. Além disso, Deus também queria exercitar a fé de todos, de modo que fugissem para a salvação que deveria ser feita pelo Mediador prometido. E, simultaneamente, a penalidade que Deus então impõe aos pecadores deveria ter sido como uma rédea para tolhê-los. Em uma palavra, os sacrifícios tinham, de todas as maneiras, isto por seu objetivo — evitar que o povo ficasse tão disposto ou inclinado a pecar. Mas o que os ímpios faziam? Eles até zombavam de Deus, e pensavam que haviam feito totalmente sua obrigação quando ofereciam um boi ou um cordeiro; e, em seguida, livremente se saciavam em seus pecados.

De uma tão crassa loucura ria até, ao ponto do escárnio, os escritores pagãos. Precisamente Platão falou de tais sacrifícios, a fim de mostrar que aqueles que querem, por tais futilidades, barganharem com Deus, são totalmente ímpios: e, certamente, ele fala assim em seu segundo livro sobre a República, como se pretendesse descrever o Papado. Pois ele fala de purgatório, de penitências e de tudo o que os papistas dos dias que correm apresentam. Platão, naquele livro, claramente expõe como sendo inteiramente estúpido e absurdo. No entanto, em todas as épocas esta certeza tem se destacado, que os homens se julguem salvos da mão divina quando oferecem algum sacrifício: é, como imaginam, uma compensação.

Por isso, o Profeta agora se queixa dessa perversão: *Eles comem,* diz (pois fala de um ato continuado), *os pecados do meu povo, e à iniqüidade elevam o coração de cada um;* isto é: quando todos pecam, um seguido do outro, cada um é de pronto absolvido, posto que traz um dom aos sacerdotes. É o mesmo que o Profeta dissesse: "Há um conluio entre eles, entre os sacerdotes e o povo". Como assim? Porque os sacerdotes eram os parceiros dos ladrões, e alegremente tomavam o que era trazido: e, assim, eles não mantinham hostilidade, como deviam ter mantido, contra os vícios, porém, ao contrário, insistiam somente na necessidade de sacrifícios: e bastava que os homens trouxessem coisas, de forma lauta, ao templo. O povo mesmo também demonstrava seu desprezo a Deus; pois imaginava que, contanto que agradasse por suas atuações religiosas, estaria isento de pena. Desse modo, então, havia um ímpio pacto entre os sacerdotes e o povo: o Senhor era zombado no meio deles. Compreendemos agora, pois, o que o Profeta quis realmente dizer: e, assim, prefiro a última exposição quanto ao 'alçar da alma', qual seja, que os sacerdotes elevavam a alma de cada um, ao aliviar as consciências deles, por palavras calmantes de lisonja, e prometendo vida, como diz Ezequiel, a almas condenadas à morte (Ezequiel 13.19). Segue-se agora –

Oséias 4.9,10

9. E, como será com o povo, será com o sacerdote: e puni-los-ei por seus caminhos, e recompensa-los-ei por seus feitos.

10. Pois comerão, mas não se saciarão: cometerão prostituição, e não se multiplicarão: porque eles deixaram de atentar ao SENHOR.

9. Et erit, sicut populus sic erit sacerdos: et visitabo super eum vias ejus et opera ejus rependam ci.

10. Comedent enim et non saturabuntur, scortabuntur et non augescent (*vel,* crescent, *id est,* non propagabuntur ;) quia Jehovam reliquerunt ad servandum (*hoc est*, dereliquerunt Deum, ne ipsum observent.)

O Profeta aqui, outra vez, anuncia sobre ambos uma pena comum, visto como nem um nem outro estavam livres da culpa. *Como o povo,* ele diz, *assim será ao sacerdote;* ou seja: "Eu não pouparei nem um nem outro; pois o sacerdote abusa da glória conferida sobre si; pois, embora divinamente designado sobre a Igreja para este propósito, preservar o povo na piedade e na vida santa, ele ainda rompe e viola todo reto princípio: e, nesse caso, o povo mesmo desejava ter mestres tais, isto é, tais que fossem mudos. Por isso, agora", diz o Senhor, "infligirei castigo sobre eles todos de maneira idêntica. Como ao povo, pois, assim será ao sacerdote".

Alguns vão mais longe, e dizem que isso quer dizer que Deus roubaria dos sacerdotes tal dignidade, para que eles em nada diferissem do povo; o que é deveras verdadeiro: mas, em seguida, imaginam que o Profeta não ameaça a outros tanto quanto aos sacerdotes; o que não é verdade. Pois, ainda que Deus, quando castiga os sacerdotes e o povo pelo menoscabo da lei divina, suprime a glória do sacerdócio, e assim o abole para que produza uma igualdade entre o grande e o desprezado; todavia, o Profeta declara aqui, indubitavelmente, que Deus tornar-se-ia o vingador de sua lei contra outros pecadores tanto quanto contra os sacerdotes. Essa matéria se estende mais largamente do que eles tencionam. O restante, temos que adiar para amanhã.

ORAÇÃO

Conceda, Todo-Poderoso Deus, que, visto que até agora tão bondosamente nos convide para ti mesmo, e diariamente nos convide, e freqüentemente interponhas também tua ameaça para despertarmo-nos de nosso descaso e, visto que temos sido desatenciosos aos teus reproches, tanto quanto à tua benevolência paternal — Ó, permita que não prossigamos até o fim com nossa imoralidade e, desse modo, provoquemos a vingança que tu aqui anuncias sobre os homens incuráveis; mas que nos antecedamos à tua ira pelo arrependimento verdadeiro, e fiquemos humilhados debaixo da tua mão, sim, por tua palavra, que tu nos receba em mercê, e nos alente em teu paternal seio mediante Cristo, nosso Senhor. Amém.

DÉCIMA-PRIMEIRA DISSERTAÇÃO

Algo escapou a mim na dissertação de ontem, no qual tocarei agora, brevemente. Pode-se perguntar o porquê de o Profeta dizer que o sacerdote, que não era autêntico nem legítimo, devia ser despojado de sua honra; pois não havia entre os israelitas, sabemos, nenhum templo no qual Deus era corretamente cultuado. Pois, embora fosse costume deles professar o nome do Deus verdadeiro, todavia, estamos cientes de que todos os seus pretextos eram vãos. Visto que o Senhor escolhera um santuário somente, em Jerusalém, conseqüentemente se segue que todos os sacerdotes dentre o povo de Israel eram falsos. Não pode ser outra coisa, senão que Deus haja removido a glória deles. Porém, não é novidade alguma para ele castigar os ímpios, tirando-lhes o que parecem possuir.

É o mesmo caso nos dias de hoje quanto ao Papado; pois quem se vangloria como sendo clero e sacerdotes são meros bugios (*merae larvae*): como, porém, eles conservam o título, o que o Profeta ameaçava aos falsos sacerdotes de sua era pode ser justamente dito àqueles, que sua vergonha será tornada manifesta, para que cessem de se jactar de sua dignidade, pela qual eles agora engabelam os simples e ignorantes.

Compreendemos agora, então, o sentido dado pelo Profeta: o sentido é o mesmo de quando disse antes: "Eu te atrairei para o deserto, e então o éfode cessará, e o terafim cessará". Não havia, sabemos, éfode algum que o Senhor aprovasse que não fosse aquele somente que o legítimo sacerdote usava: porém, como existia emulação entre os israelitas e os judeus, e como aqueles que se apartaram da verdadeira e pura adoração a Deus, todavia, vangloriavam-se de cultuar o Deus de Abraão, o Senhor aqui declara que não aturava que eles se escondessem sob tais máscaras.

Volto agora àquela passagem do Profeta, na qual ele diz: *Eles comerão e não ficarão satisfeitos*, e outra vez: *Eles agirão como licenciosos e não aumentarão; porque a Jeová eles cessaram de atentar.* Aqui o Profeta novamente proclama o juízo que se aproximava dos israelitas. E primeiro diz: *Eles comerão e não ficarão satisfeitos;* no qual ele alude ao último versículo. Pois os sacerdotes esbugalhavam os olhos para o dinheiro, e sua única preocupação era satisfazer seus apetites. Visto pois que a cupidez deles era insaciável (o que também era a causa pela qual concediam pecaminosa liberdade ao povo), ele ora diz: *Eles comerão e não ficarão satisfeitos*. O Profeta dá a entender mais coisa por tais palavras: que os homens não são sustentados pela plenitude ou abundância de provisões, mas antes pela bênção divina: pois uma pessoa pode devorar muito, todavia, a quantidade, por maior que seja, não a pode satisfazer; e isso nós descobrimos ser amiúde o caso do apetite voraz; pois em um tal exemplo, o bastão de pão é quebrado[21], isto é, o Senhor remove o sustento do pão, para que tanto comer não satisfaça. E isso é o que o Profeta quer dizer com *eles comerão e não serão satisfeitos*. Os sacerdotes pensavam que era um momento venturoso para si quando ajuntavam grande roubo de todo canto; Deus, ao contrário, declara que seria vão e inútil para eles; pois nenhum efeito satisfatório se seguiria: conquanto avidamente tragassem muita coisa, todavia não ficavam satisfeitos.

Posteriormente, ele acrescenta: *Eles agirão como libertinos e não aumentarão;* ou seja: "Por mais que eles dêem rédeas às promíscuas concupiscências, contudo, não os deixarei se ramificar: longe deles de se aumentarem ou gerarem uma descendência por casamentos legais: mesmo que estejam em todo lugar para se entregarem à relação sexual ilícita, eles ainda continuarão estéreis". O Profeta aqui, em uma palavra, testifica que os ímpios estão ludibriados se acham que podem obter

[21] Registre-se que os israelitas de outrora guardavam o seu estoque de pães em uma haste de pau, onde eram enfiados (v. Lv 26.26; Sl 105.16 e Ez 4.16). A Bíblia inglesa *King James* optou pelo sentido literal: *staff of bread,* mas a tradução portuguesa de Almeida preferiu 'sustento de pão'. (N. do T.)

seus desejos por meios imorais e ilegítimos, pois o Senhor frustrará seus desejos. Os avarentos pensam, quando muito possuem, que estão suficientemente defendidos contra toda necessidade; e, quando a penúria pressiona os outros todos, julgam-se fora de perigo. Mas o Senhor caçoa dessa loucura: "Acumulai, acumulai grandes colheitas; mas eu soprarei sobre vossas riquezas, para que elas se desvaneçam, ou, pelo menos, não vos rendam proveito algum. Assim também lutai para gerar filhos; ainda que alguém despose dez viúvas, ou em toda parte seja libertino, ainda continuará sem filhos". Desse modo, percebemos que uma justa pena é infligida sobre os homens profanos, quando se abandonam às suas concupiscências: eles de fato prometem para si mesmos um feliz resultado; mas Deus, por outro lado, sobre eles pronuncia sua maldição.

Ele depois adiciona: *Eles deixaram de atentar a Jeová,* ou seja, para que não o atendessem ou servissem. Aqui o Profeta aponta a fonte e a principal causa de todos os males, isto é, os israelitas abandonarem o Deus verdadeiro e seu culto. Conquanto deveras conservassem o nome de Deus e estivessem habituados, mesmo de maneira atrevida, a opor sua contestação contra os Profetas, que eles eram os filhos de Abraão e os eleitos do Deus supremo, todavia, ele diz que eram apóstatas. Como assim? Porque qualquer um que tenha fé em Deus mantém-se também sob o ensino de sua palavra, e não perambula após suas próprias invenções; contudo, os israelitas condescendiam-se em qualquer coisa que lhes agradasse. Visto então que é certo que eles sacudiram o jugo da lei, não é de se admirar que o Profeta diga que eles se tinham apartado do Senhor. Porém, devemos observar a confirmação dessa verdade, que ninguém pode continuar conservando a fé em Deus se não observar sua palavra e permanecer debaixo de sua tutela. Prossigamos então —

Oséias 4.11

11. Prostituição e vinho e vinho novo levam o coração.	**11.** Scortatio et vinum et mustum auterent cor (*alli verunt,* occupant cor.)

O verbo לקח ***lakach,*** significa tirar; e é também admissível este sentido, que o vinho e a devassidão tomam posse do coração; porém, prefiro seu significado mais simples, tirar. Mas isso não é uma verdade geral como a maioria imagina, a qual considera um ditado proverbial, que a libertinagem e o vinho privam os homens de sua mente e entendimento retos: pelo contrário, isso tem que ser restringido, não tenho dúvidas, aos israelitas; como se o Profeta houvesse dito que eles estavam sem uma mente direita, e eram como animais irracionais, pois que a ebriedade e a fornicação os enfatuara ou fascinara. Contudo, podemos compreender ambas em um sentido metafórico; como a fornicação pode ser superstição, assim também a embriaguez: não obstante, parece mais adequado ao contexto considerar que o Profeta aqui censure os israelitas por terem petulantemente deixado de lado toda instrução por serem por demais dados a seus prazeres, bem como muito enfastiados. Visto pois que enriqueceram-se com grande abastança e se entregaram a abomináveis satisfações dos prazeres, o Profeta diz que eles não tinham bom senso: e esse é comumente o caso de tais homens. Por isso, não tratarei mais aqui, mais completamente, de embriaguez e fornicação.

É realmente verdadeiro que, quando alguém fica viciado em lascívia, perde tanto a modéstia quanto a mente reta, e também que o vinho é, por assim dizer, venenoso, pois ele é, como se diz, um veneno misturado: e a terra, quando vê seu próprio sangue bebido intemperantemente, vinga-se dos homens. Tais coisas são verdadeiras; porém, vejamos o que o Profeta tinha em vista.

Ora, como eu disse, ele simplesmente dirige seu discurso aos israelitas, dizendo que eles eram ébrios e insensatos, porque o Senhor tratava-os de forma demasiadamente liberal. Pois, como eu disse, o reino de Israel era então mui opulento e repleto de todos os tipos de fausto. O Profeta, pois, toca agora, evidentemente, nisso mesmo: "Como veio a ser isso, que ora sois tão insensatos

que não há uma partícula de compreensão correta entre vós? Precisamente porque sois dados aos excessos, pois que há entre vós uma abundância grande demais de todas as boas coisas: por essa razão é que todos condescendem com suas concupiscências; e essas roubam vosso coração". Em suma, Deus quer aqui dizer que os israelitas abusavam de suas bênçãos, e que os excessos os cegavam. Eis a significação. Prossigamos agora —

Oséias 4.12

12. Meu povo pede conselho aos seus troncos, e as suas varas declaram a eles: pois o espírito de prostituições levou-*os* a errar, e saíram de debaixo de seu Deus para prostituição.	**12.** Populus meus in ligno suo interrogat (*vel*, lignum suum sonsulit) et baculus ejus respondit ei (*ad verbum*, respondebit; *sed significat actum continuum*:) quia spiritus fornicationum decepit, et fornicati sunt a Deo suo (a subtus Deo suo, *hoc est, ne amplius subjecti sint Deo vel pareant.*)

O Profeta, aqui, chama os israelitas de o povo de Deus, não para honrá-los, mas, antes, para aumentar o pecado deles; pois foi a mais hedionda perfídia do povo que, tendo sido eleito, em seguida abandonou o seu Pai celestial. Por isso, *meu povo*: há aqui uma comparação implícita entre todas as outras nações e a semente de Abraão, a quem Deus adotara: "Eis, verdadeiramente! O povo, a quem eu planejei que fosse sagrado para mim, a quem eu tomei de todas as nações para mim, é minha herança. Ora, este povo, que devia ser meu, consulta sua madeira, e sua vara responde a ele!" Destarte, vemos que foi uma dolorosa e severa condenação quando o Senhor o fez lembrar da inestimável bondade com a qual ele favorecera os filhos de Abraão.

Assim, hoje nossa culpa será mais grave, se não continuarmos no culto puro a Deus, visto que ele nos chamou para si próprio e nos designou para ser seu rebanho peculiar. A mesma coisa que o Profeta alegou contra os israelitas pode ser também alegada contra os papistas; pois, tão logo nascem infantes entre eles, o Senhor os assinala com o sagrado símbolo do batismo; são, portanto, em certo sentido (*aliqua ex parte*), o povo de Deus. Percebemos, ao mesmo tempo, quão crassas e abomináveis são as superstições que predominam entre eles: não há ninguém mais estúpido do que eles. Até os turcos e sarracenos são sábios se comparados a eles. Quão grande, então, e quão vergonhosa é essa vileza, que os papistas, que se gabam de ser o povo de Deus, desviem-se após seus loucos disparates!

Mas o Profeta diz que os israelitas "consultavam" suas madeiras, ou inquiriam da madeira. Indubitavelmente, acusa-os aqui de haverem transferido a glória do único Deus verdadeiro para seus ídolos, ou deuses fictícios. Consultam, diz ele, sua madeira, e a *vara* responde a eles. Ele parece, na segunda oração, aludir aos cegos: como quando um homem cego pede seu bastão, assim ele diz que os israelitas pediam conselho de sua madeira e de seu pau. Alguns pensam que as superstições então praticadas são aqui denotadas. Os áugures que conhecemos usavam uma vara; e é provável que os adivinhos no Oriente empregassem uma também, ou alguma coisa tal, ao realizar seus sortilégios[22]. Outros explicam essas palavras de maneira alegórica, como se madeira fosse a falsa religião e o bordão, os profetas ímpios. Mas eu estou inclinado a defender a simplicidade. Parece, então, ser mais provável que os israelitas, como já afirmei, sejam aqui condenados por consultarem madeira,

[22] Isso provavelmente se assemelhava à adivinhação por flechas, mencionada em Ezequiel 21.21. Há ainda uma prática dessa espécie entre os árabes, como menciona Adam Clarke em seu comentário sobre esse versículo. Eles pegam três flechas sem ponta, e numa escrevem, *ordena-me, Senhor;* na outra, *proíba-me, Senhor;* e na terceira era deixado um *espaço em branco*. Essas eram colocadas em um saco, e uma era retirada. Se a primeira é retirada, eles fazem o que pretendem; se a segunda, abstém-se por um ano; se a terceira, eles retiram novamente. (N. do E. inglês.)

ou ídolos mortos, em lugar do único Deus verdadeiro; e que era a mesma coisa que se um homem cego fosse pedir conselho ao seu bastão, ainda que o bastão estivesse destituído de razão ou juízo. Um bastão é realmente útil, mas para uma finalidade diversa. E, desse modo, o Profeta não somente com desprezo, mas, igualmente, com ironia, expõe ao escárnio a loucura daqueles que consultam os deuses de madeira e pedra deles; pois agir assim não lhes seria de serventia maior do que a de alguém que tivesse um bastão por seu conselheiro.

Depois, ele acrescenta no fim: *pois o espírito de fornicação os enganou.* Aqui, outra vez o Profeta agrava a culpa deles, já que nenhuma culpa ordinária deveria ser atribuída aos israelitas; pois eram, diz ele, totalmente dados à fornicação. Então, *o espírito de fornicação os ludibriou:* era a mesma coisa que se alguém inflamado com lascívia se precipitasse para o mal; como vemos ser o caso com os homens brutais quando grandemente excitados por uma paixão cega e vergonhosa; pois então toda distinção entre certo e errado desaparece de seus olhos — nenhuma escolha é feita, nenhum rubor é sentido. Como pois tal ardor de libidinagem tem o costume de por vezes agarrar homens, de maneira que esses nada distingam, assim o Profeta diz, com o fim de envergonhar mais ainda o povo, que esse era como aqueles dados à fornicação, os quais não mais exercem qualquer julgamento, os quais não são refreados por rubor algum. Então, *o espírito de fornicação enganou a eles:* mas, como essa freqüente símile nos satisfaz, não mais me deterei nela.

Eles agem como lascivos, ele diz, *para que não obedeçam ao Senhor*. Ele não diz simplesmente, 'do seu Deus', mas 'de debaixo' מִתַּחַת, ***mitachat,*** *eles têm* então *agido como rebeldes, para não mais obedecerem a Deus*, ou *continuarem debaixo de seu governo*. Disso podemos aprender qual é a nossa castidade espiritual, precisamente quando Deus nos governa pela palavra dele, quando não vamos daqui para acolá e temerariamente seguimos nossas próprias superstições. Quando pois permanecemos sob o governo de nosso Deus, e com olhos fixos olhamos para ele, então, de maneira casta, preservamos nossa fidelidade a ele. Mas, quando seguimos ídolos, então agimos como libertinos e apartamo-nos de Deus. Continuemos então -

Oséias 4.13,14

13. Eles sacrificam nos topos das montanhas, e queimam incensos nas colinas, sob os carvalhos e choupos e olmos, pois que *é* boa a sombra deles: por isso vossas filhas cometem prostituição, e vossas esposas cometem adultério.

14. Não punirei vossas filhas quando cometem prostituição, nem vossas esposas quando cometem adultério: pois eles mesmos se apartam para as meretrizes, e sacrificam com prostitutas: por conseguinte, o povo *que* não entende cairá.

13. Super capita montium sacrificabunt (id est, sacrificant) et super colles adolent suffitum, sub quercu et sub plantano et sub tilia (alii אלה vertunt, Terebinthum: sed eho non laboro,) quia bona umbra ejus: propterea filiae vestrae scortabuntur, et nurus vestra adulterae erunt.

14. Non visitabo super filias vestras, quia scortatae sint, et super nurus vestra, quia adulteria commiserint: nam ipsi cum meretricibus dividunt se (separant se cum meretricibus,) et cum scortis sacrificant: et populus non intelligens (non intelligit, ad verbum; sed debet verti, Populus qui non intelligit) corruet (alii vertunt, erit perversus, לבם.)

O Profeta mostra aqui, mais claramente, qual era a fornicação pela qual ele antes condenara o povo — eles cultuarem a Deus debaixo de árvores e sobre lugares altos. Isso, então, é explicativo, pois o Profeta define o que dantes entendia pela palavra fornicação; e tal explanação era especialmente útil, mais que isso, necessária. Pois os homens, sabemos nós, não cedem facilmente, particularmente quando podem aduzir alguma cor para os seus pecados, como é o caso dos supersticiosos: quando o Senhor condena seus modos de culto pervertidos e viciados, eles instantaneamente esbravejam, e atrevidamente contendem e dizem: "Quê! isso deve ser considerado fornicação, se adoramos a Deus?" Pois, seja o que for que façam do zelo imponderado, julgam eles, fica livre de toda culpa. Assim, os papistas de hoje firmam como matéria incontroversa que todos os seus modos de culto são aprovados por Deus: pois, embora nada esteja justificado na sua palavra, todavia a boa intenção (como dizem) é para eles uma desculpa mais do que suficiente. Destarte, ousam a, sobranceiramente, clamar contra Deus, sempre que ele condena suas corrupções e abusos. Tal presunção, indubitavelmente, grassa desde o princípio.

O Profeta, por conseguinte, julgou necessário, de forma franca e nítida, mostrar aos israelitas que, embora pensassem que estavam cultuando a Deus com zelo piedoso e boa intenção, eles, todavia, estavam cometendo fornicação. "É fornicação", ele diz, "quando vós sacrificais sob árvores". "Quê! não tem sido sempre um serviço digno de encômios oferecer sacrifícios e queimar incenso a Deus?" Sendo tal o desígnio dos israelitas, qual era a razão de Deus estar tão irado com eles? Podemos conjeturar que eles caíram em um equívoco; não obstante, por que Deus não suportava essa tola intenção, quando ela estava coberta, como foi afirmado, com zelo honesto e aparentemente bom? Mas Deus aqui reprova incisivamente os israelitas, por mais que aparentassem um grande zelo, e por mais que cobrissem suas superstições com o falso título de culto de Deus: "Nada é", diz, "senão fornicação".

Nos topos das montanhas, ele diz, *eles sacrificam, e nos outeiros queimam incenso, sob o carvalho e o choupo e o terebinto etc.* Parecia algo louvável nos israelitas erigir altares em muitos lugares; pois o freqüente comparecimento aos templos podia tê-los estimulado mais no culto de Deus. Tal é a contestação dos papistas para encherem seus templos com imagens; eles dizem: "Somos de todos os lugares lembrados de Deus onde quer que voltemos nossos olhos; e isso é mui proveitoso". Assim, também podia ter parecido aos israelitas uma obra piedosa estabelecer culto a Deus nas colinas, nos topos dos montes e sob toda árvore alta. Porém, Deus repudiava tudo; ele não

era adorado, dessa maneira: pelo contrário, vemos que era lamentavelmente ofendido. Ele diz que a fé depositada a ele era assim violada; diz que o povo cometia fornicação de modo vil. Ainda que a doutrina do Profeta não seja de forma alguma plausível no mundo hoje, de modo que dificilmente um em dez a abrace; todavia, em vão contenderemos com o Espírito de Deus: então, nada é melhor do que ouvir nosso juiz; e ele declara serem adultérios e prostituições todos os modos fictícios de culto, por muito que esteja adornado por um bom aspecto.

E, por essa razão, aprendemos que a boa intenção, com a qual os papistas tanto agradam a si próprios, é a mãe de toda libertinagem e de toda imundícia. Como assim? Porque é uma grande ofensa contra o céu desviar-se da palavra do Senhor: pois Deus ordenara que sacrifícios e incenso fossem oferecidos em nenhum outro lugar a não ser em Jerusalém. Os israelitas transgrediam esse mandamento. Porém, a obediência a Deus, como é dito em 1.º Samuel 15, [23] tem mais valor para ele do que todos os sacrifícios.

O Profeta também, evidentemente, exclui um artifício no qual os ímpios e hipócritas têm grande prazer: *boa,* ele diz, *era sua sombra*; ou seja, eles agradavam a si próprios com tais artifícios. Também Paulo diz que há uma exibição de sabedoria nas invenções e ordenanças dos homens (Colossenses 2.23). Por isso, quando os homens se comprometem voluntariamente a atos de culto — o que os gregos chamam εθελοθρησκείας ***etelotreskeias*****,** superstições, sendo nada mais do que culto conforme os ditames da vontade ou do capricho — quando os homens empreendem isso ou aquilo para honrar a Deus, parece-lhes ali uma mostra de sabedoria, mas, diante de Deus, é somente abominação. O Profeta, evidentemente, insinua essa prática, quando diz que a sombra do choupo, do carvalho ou do terebinto era boa; pois os ímpios e os hipócritas imaginavam que seu culto era aprovado por Deus, e que sobreexcediam os judeus, que adoravam a Deus apenas em um lugar: "Nossa terra é cheia de altares, e monumentos de Deus se apresentam em todos os lugares". Contudo, quando pensavam eles que tinham alcançado a mais alta glória por seus muitos altares, o Profeta diz que a sombra era realmente boa, mas que somente agradava os libertinos, que não reconheciam sua baixeza.

Depois, ele acrescenta: *Portanto, vossas filhas agem como devassas, e vossas noras viram adúlteras: eu não visitarei vossas filhas e noras*. Alguns explicam tal passagem como se o Profeta dissesse: "Enquanto os pais estavam ausentes, suas filhas e noras agiam como libertinas". É o mesmo caso nos dias que correm; pois não há trela maior em licenciosidade do que a que predomina durante peregrinações para pagar promessas: pois, quando alguma mulher deseja satisfazer-se livremente na lascívia, faz um voto para empreender uma romaria: um adúltero está pronto à mão para se oferecer como companhia. Além disso, quando o marido é tão tolo que corre aqui e acolá, ele, ao mesmo tempo, dá à sua esposa a oportunidade de ser licenciosa. E sabemos, outrossim, que, quando muitas mulheres se encontram em horas incomuns nas igrejas, e têm suas missas particulares, há ali cantos ocultos, onde elas perpetram todos os tipos de licenciosidade. Sabemos, de fato, que isso é muito comum. Mas o que o Profeta quer dizer é outra coisa: pois Deus aqui anuncia o castigo do qual Paulo fala no primeiro capítulo de Romanos[24], quando diz: 'Como os homens transferiram a glória de Deus para coisas mortas, também Deus os entregou a uma mente réproba', para que eles não pudessem discernir nada, e se abandonassem a toda coisa vergonhosa, e ainda prostituíssem seus corpos.

Saibamos então que, quando a justa e devida glória não é rendida a Deus, sua vingança merecidamente se segue, para que os homens fiquem cobertos de infâmia. Por que assim? Porque nada é mais eqüitativo do que Deus vindicar sua glória, quando homens a corrompem e adulteram:

---

[23] 1.º Samuel 15.22.
[24] Romanos 1.28.

pois por que, então, alguma honra ficaria com eles? Por outro lado, porque Deus não os deve afundar de uma vez em alguma vileza extrema? Conheçamos então que isso é um castigo justo, quando os adultérios preponderam, e quando desejos vagabundos promiscuamente advêm.

Aquele pois que não cultua a Deus, terá em casa uma esposa adúltera, sórdidas rameiras como filhas, sendo libidinosas com desenvoltura, e terá também noras adúlteras: não que o Profeta fale somente do que aconteceria; mas ele revela que tal seria a vingança que Deus tomaria: 'Vossas filhas, portanto, serão devassas, e vossas noras serão adúlteras'; e *eu não punirei vossas filhas nem vossas noras;* isto é: "Eu não as corrigirei pela conduta escandalosa delas; pois eu as quero que sejam expostas à infâmia". Pois esta verdade deve sempre ficar de pé: 'Quem me reverencia, eu reverenciarei: e quem despreza meu nome, eu tornarei abjeto e ignominioso' (1 Sm 2.30). Deus, então, declara que não visitará tais crimes, pois que, dessa forma, tencionava castigar os ímpios, por quem seu culto fora corrompido.

Ele diz: *Porque eles se afastam com rameiras*. Alguns explicam este verbo פדר, ***parad*,** como significando, "elas dividem os maridos de suas mulheres": porém o Profeta, não tenho dúvidas, quer dizer que eles se separavam de Deus da mesma maneira que uma esposa se separa de seu marido e se entrega a um adúltero. O Profeta, então, emprega a palavra alegoricamente, ou, pelo menos, metaforicamente: e uma razão é dada, a qual não compreendem aqueles que entendem essa passagem como se referindo literalmente a adultérios; e seu equívoco é suficientemente provado ser assim pela próxima oração, *e com meretrizes eles sacrificam.* A separação, então, da qual ele fala é esta, que eles sacrificavam com rameiras; o que eles não podiam fazer sem violar a sua fé empenhada a Deus. Agora apreendemos o real sentido dado pelo Profeta: *Eu não punirei,* ele diz*, a lascívia e os adultérios em vossas famílias*. Por que? "Por que eu quero que vos torneis infames, pois vós fostes lascivos primeiro".

Mas há uma mudança de pessoa; e isso deve ser observado: pois ele tinha de haver prosseguido todo seu discurso na segunda pessoa, e ter dito: "Porque *vós* haveis se apartado com rameiras, e acompanhais meretrizes"; essa é a maneira na qual ele devia ter falado: mas, por excesso, por assim dizer, de indignação, ele faz uma alteração em seu discurso: 'Eles', ele diz, 'têm agido como devassos', como se os julgasse indignos de a eles se falar. Eles pois eram libertinos com prostitutas. Por "prostitutas" ele, indubitavelmente, entende as corrupções pelas quais o culto de Deus tinha sido pervertido, precisamente através da luxúria: "eles sacrificam", ele diz, "com rameiras", ou seja, eles abandonam o Deus verdadeiro, e recorrem a quaisquer profanações que lhes aprazem; e isso é cometer devassidão, como quando um marido, deixando sua mulher, ou quando uma esposa, deixando seu marido, entregam-se à imunda concupiscência. Porém, não é nada estranho ou incomum pecados serem punidos por outros pecados. O que Paulo ensina deve em especial ter-se em mente, que Deus, como o vingador de sua própria glória, entrega os homens a uma mente condenável, e permite que fiquem cobertos com muitas coisas as mais nefastas; pois não pode suportá-los quando tornam a glória dele em vergonha e sua verdade em mentira.

Em seguida, ele adiciona: *E o povo, não compreendendo, tropeçará.* Aqueles que entendem o verbo לבט, ***lavat,*** como significando "ficar pervertido", compreendem-no aqui no sentido de estar "perplexo": tal sentido não é inapropriado. *O povo* então *não entenderá e ficará confundido;* ou seja, eles não conhecerão o reto caminho. Contudo, a palavra também quer dizer "tropeçar", e mais freqüentemente "cair"; e, visto que esse é o sentido mais aceito, estou disposto a abraçá-lo: *O povo,* então, *não compreendendo, tropeçará.*

O Profeta aqui ensina que o pretexto de ignorância não tem nenhuma influência efetiva perante Deus, conquanto os hipócritas estejam habituados a fugir para esse no fim. Quando eles se

encontram sem qualquer desculpa, correm para este refúgio — "Mas eu julgava que estava agindo certo; estou enganado: porém, sendo assim, é um erro perdoável". O Profeta declara aqui serem tais escusas vãs e falaciosas; pois o povo, que não compreende, tropeçará, e isso merecidamente: pois como veio a existir essa ignorância no povo de Israel, senão pelo fato deles, como foi dito anteriormente, voluntariamente cerraram seus olhos à luz? Quando, portanto, os homens assim premeditadamente determinam ficar cegos, não é de se admirar que o Senhor os entregue à destruição final. Mas, se eles ora se lisonjeiam por pretextarem, como eu já disse, um mal-entendido, o Senhor sacudirá essa falsa confiança, e agora mesmo sacudi-la-á por sua palavra. O que temos então de fazer? Obter conhecimento da palavra dele; pois isso é a nossa sabedoria e o nosso entendimento, como diz Moisés no quarto capítulo de Deuteronômio[25].

ORAÇÃO

Conceda, Todo-Poderoso Deus, que, visto como somos tão dispostos e inclinados a todas as sortes de erros, a tantas e tão variadas formas de superstições, e como Satanás também não cessa de armar emboscadas contra nós, e de pôr-nos diante de suas muitas ciladas — Ó, permita que fiquemos assim preservados em obediência a ti pelo ensino de tua palavra, para que nunca nos voltemos para aqui e para acolá, seja para a direita ou para a esquerda, mas prossigamos naquele culto puro que tu hás prescrevido, para que claramente testifiquemos que tu és deveras nosso Pai, continuando debaixo da proteção de teu Filho unigênito, a quem tens dado para ser nosso pastor e governante até o fim. Amém.

[25] Deuteronômio 4.6.

DÉCIMA-SEGUNDA DISSERTAÇÃO

Oséias 4.15

15. Conquanto tu, Israel, ajas como prostituta, *todavia,* que Judá não caia em pecado; e não venhais a Gilgal, nem subais a Bete-Áven, nem jureis: O SENHOR vive.

15. Si scortaris tu Israel, ne offendat Jehudah; ne veniatis in Gilgal, et me ascendatis Beth-aven,et ne juretis, Vivit Jehova.

O Profeta aqui se queixa de que Judá também estava infectado com superstições, embora o Senhor os tivesse, até esse tempo, guardado maravilhosamente das profanações desse tipo. Ele compara Israel com Judá, como se dissesse: "Não admira que Israel se prostitua; ele por muito tempo sacudiu para fora o jugo; sua apostasia é bem conhecida: mas não se deve tolerar que Judá também comece a cair nas mesmas abominações". Percebemos agora, então, o motivo da comparação. Desde o tempo em que Jeroboão liderou após si as dez tribos, o culto a Deus, sabemos nós, foi corrompido; pois os israelitas foram proibidos de subir a Jerusalém e oferecer sacrifícios a Deus ali segundo a lei. Simultaneamente, altares foram edificados, os quais nada eram senão perversões do culto divino. Tal estado de coisas havia então perdurado por muitos anos. Por isso, o Profeta diz que Israel era igual a uma rameira obscena, sem pudor algum; nem era de se maravilhar disso, pois ele rejeitara o temor de Deus: mas que Judá também deixasse o culto puro a Deus tanto quanto Israel — o Profeta deplora isso: *Se então tu, Israel, fornicares, que pelo menos Judá não transgrida*.

Primeiramente, vemos aqui quão difícil é para aqueles que entram em contato com profanações e violações continuarem intocados, sem qualquer mácula. Tal é o caso com alguém que esteja vivendo entre papistas; dificilmente consegue se manter íntegro para o Senhor; pois a vizinhança, como constatamos, acarreta contágio. Os israelitas estavam separados dos judeus, entretanto, vemos que os judeus foram corrompidos pelos males e vícios daqueles. Deveras, coisa nenhuma há que estejamos tão dispostos a fazer do que abandonar a religião verdadeira; visto como há naturalmente em nós um perverso desejo para misturar nela algumas formas falsas e ímpias de culto; e, quanto a isso, todos são mestres para si mesmos: o que então é mais provável de acontecer, quando Satanás, por outro lado, estimula-nos? Que todos pois que estão próximos a idólatras tomem cuidado, para que não contraiam nenhuma das profanações desses.

Além disso, vemos que a culpa daqueles que haviam sido retamente ensinados não deve ser abrandada quando se associam com os cegos e incrédulos. Conquanto os israelitas se jactassem do nome de Deus, todavia, estavam nesse tempo afastados da doutrina pura, e há muito atolados nas trevas dos erros. Não havia religião nenhuma entre eles; ao contrário, eles mal tinham uma única centelha pura de luz divina. O Profeta ora traz esta acusação contra os judeus: que eles não se diferiam dos israelitas e, não obstante, Deus tinha até aquele tempo conduzido diante deles judeus a tocha de luz; pois ele não suportava que a sã doutrina fosse extinta em Jerusalém, nem em toda a Judéia. Os judeus, por não se beneficiarem dessa singular benevolência divina, eram duplamente culpados. Eis a razão pela qual o Profeta agora diz: *Ainda que Israel tenha virado fornicário, todavia, que Judá não escandalize.*

Não venhais a Gilgal, ele diz, *e não ascendeis a Bete-Áven.* Outra vez ele, aqui, salienta as superstições pelas quais os israelitas contaminaram a pura adoração a Deus; eles erigiram altares por si próprios em Betel e Gilgal, onde alegavam cultuar a Deus.

Gilgal, sabemos, era um lugar célebre; pois, após atravessarem o Jordão, construíram lá um pilar como memorial daquele milagre; e o povo, sem dúvida, sempre se recordava de um tão notável exemplo de mercê divina: e o lugar mesmo conservava entre o povo sua fama e distinção egrégia. Em si mesmo, isso não merecia censura alguma: porém, como os homens geralmente pervertem com abuso toda boa coisa, assim Jeroboão, ou algum de seus sucessores, edificou um templo em Gilgal; pois as mentes de quase todos já estavam possuídas de alguma reverência pelo lugar. Não houvesse distinção alguma relacionada ao lugar, ele não teria tão facilmente seduzido as mentes do povo; mas, como uma idéia já predominasse entre eles, de que o lugar era santo devido à milagrosa passagem do povo, Jeroboão achou mais fácil introduzir ali seu culto degenerado: pois, quando alguém imagina que o lugar em si agrade a Deus, já está cativado por suas próprias fraudes. O mesmo também precisa ser dito de Betel: seu nome lhe foi dado, sabemos, pelo santo patriarca Jacó, porque Deus ali apareceu a ele. 'Terrível', disse ele, 'é este lugar; é a porta do céu' (Gênesis 28.17). Ele, por essa razão, denominou-o Betel, que quer dizer a casa de Deus. Visto que Jacó sacrificou a Deus lá, a posteridade achava que isso ainda fosse permissível: pois os hipócritas não refletem sobre o que Deus proíbe, mas apanham somente os exemplos dos Patriarcas, e seguem como regras suas tudo o que ouvem ter sido feito por aqueles.

Como então os homens insensatos contentam-se com meros exemplos, e não atentam ao que Deus exige, assim, o Profeta aqui manifestamente invectiva contra ambos lugares, precisamente Betel e Gilgal. *Não venhais,* ele diz, *a Gilgal, e não subais para Bete-Áven.* Porém, devemos observar a alteração de nome feita pelo Profeta; pois ele não denomina o lugar pelo seu venerável nome, Betel, mas chama-o a casa de iniqüidade. É absolutamente verdade que Deus se revelou ali ao seu servo Jacó; mas ele Deus não teve a intenção de que lá houvesse um altar perpétuo: a visão foi somente em uma ocasião. Tivesse estado o povo corroborado em sua fé, sempre que o nome do lugar fosse ouvido, teria sido algo louvável; mas ele apartou-se da autêntica fé, pois desprezou o firme mandamento de Deus, e preferiu o que havia sido feito por um indivíduo, e foi de fato influenciado por um zelo tolo. Não é de se maravilhar, então, que o Profeta transforme o elogio em censura, e não admita ser o lugar, como outrora, a Casa de Deus, mas a casa de iniqüidade. Entendemos agora o real significado dado pelo Profeta.

Retorno à objurgatória dele aos judeus: ele os condena por deixarem o altar legítimo, correrem aos lugares profanos e cobiçarem aqueles estranhos modos de culto que foram inventados pela vontade ou pelo capricho dos homens. "O que vós tendes de fazer", diz, "com Gilgal ou Betel? Não vos designou Deus um santuário em Jerusalém? Por que não adorais ali, onde ele mesmo vos invita?" Destarte, vemos que é para se compreender aqui uma comparação entre Gilgal e Betel por um lado, e o templo, erigido por ordem de Deus no monte Sião, em Jerusalém. Além do mais, esse reproche aplica-se a muitos em nossos dias. Deste modo, para aqueles que com perspicácia consideram o estado de coisas em nossa era, os papistas parecem ser como os israelitas; pois a apostasia dos primeiros é óbvia o bastante: nada há de são entre eles; a sua religião inteira está podre: tudo é depravado. Mas, como o Senhor nos elegeu particularmente para si, devemos nos acautelar para que eles não nos arrastem para si e nos enlacem; pois, como temos visto, temos de sempre recear o contágio; visto como nada é mais fácil do que ficar infectado com seus vícios, já que nossa natureza é sempre inclinada a eles.

Somos ainda lembrados de quão néscia e frívola é a escusa daqueles que, satisfazendo-se com os exemplos dos Patriarcas, atravessam a palavra de Deus, e julgam-se libertos de todo mandamento, quando seguem os santos Patriarcas. Jacó foi realmente, entre outros, digno de imitação; e, contudo, aprendemos aqui que o pretexto que a posteridade dele tomou para cultuar a Deus em Betel de nada servia. Conheçamos então que não podemos estar certos de fazer o correto exceto quando obedecemos à ordem do Senhor, e nada tentemos segundo a fantasia dos homens,

mas sigamos apenas o que ele manda. Deve também ser observado que um delito não é minorado quando as coisas, agora desvirtuadas, procedem de uma origem boa e aprovada. Como, por exemplo, os papistas: quando suas superstições são condenadas, sempre levantam este escudo: "Ó! isto se deriva de uma boa fonte". Mas que tipo de coisa é? Se deveras a julgarmos pelo que ela é presentemente, veremos claramente ser uma ímpia abominação, da qual se desculpam com o argumento de que teve um bom e santo início.

Assim, no batismo vemos quantos e quão variados esbulhos eles misturam juntamente. De fato, o batismo tem sua origem na instituição de Cristo: mas permissão alguma foi dada aos homens para desfigurarem-no com tantas adições. A origem do batismo, então, não oferece aos papistas escusa alguma, ao contrário, torna seu pecado duplo; pois têm, por uma audácia profana, contaminado o que o Filho de Deus determinou. Contudo, há na missa deles uma abominação muito maior: pois a missa, como sabemos, em nenhum sentido é a mesma coisa que a santa ceia de Cristo: entretanto; os papistas se vangloriam de que ela é a ceia. Que seja assim, que ela se tenha insinuado, e isso mediante a astúcia de Satanás, e também pela impiedade ou depravação: mas, qualquer que tenha sido seu começo, não remove, limpando, a extrema infâmia que pertence à missa: pois, como é bem sabido, por ela eles abolem o único verdadeiro sacrifício de Cristo; atribuem a seus próprios artifícios a expiação que foi feita pela morte do Filho de Deus. E aqui temos não somente de contender com os papistas, mas também com aqueles levianos perversos que orgulhosamente se autodenominam nicodemianos[26]. Pois esses de fato negam que venham à missa, por não terem qualquer consideração para com a invenção papista, porque dizem que ali está exposta uma comemoração da ceia de Cristo e de sua morte. Visto que Betel anteriormente se transformou em Bete-Áven, o que mais é hoje a missa? Então, prestemos sempre atenção para que, seja o que for que o Senhor haja instituído, permaneça em sua própria pureza e não se degenere; de outra maneira, seremos culpados, como foi dito, da audácia ímpia daqueles que converteram a verdade em mentira. Entendemos agora o desígnio do que o Profeta ensina, e a que fins ele pode ser aplicado.

No final, ele acrescenta: *E não jureis, Jeová vive.* O Profeta parece aqui condenar o que, em si mesmo, era direito: pois jurar é professar a religião e atestar nossa profissão dela, particularmente quando os homens o fazem honestamente. Mas, como tal fórmula, que o Profeta menciona, era irrepreensível, por que Deus proibiu jurar por seu nome, mesmo que de uma maneira santa? Porque ele queria reinar sozinho, e não podia tolerar o estar ligado a ídolos; pois "que concórdia", diz Paulo, "há entre Cristo e Belial? Como pode a luz se harmonizar com as trevas?" (2.ª Coríntios 6.15:) assim, Deus não permitiria acordo nenhum com ídolos. Isso é expresso mais completamente por um outro Profeta, Sofonias, quando diz: "Eu destruirei aqueles que juram pelo Deus vivo, e juram pelo rei deles" (Sofonias 1.5.) Deus realmente ordena de modo expresso aos fiéis jurarem apenas por seu nome em Deuteronômio 6[27] e em outras partes: e mais adiante, quando se faz alusão à verdadeira profissão de religião, esta fórmula é estabelecida: "Eles jurarão, O Senhor vive" (Jeremias 4.2.) Contudo, quando os homens associaram o nome de Deus com as próprias invenções pervertidas deles, isso não devia mais ser suportado, por meio algum. O Profeta, pois, agora condena tal perfídia: *Não jureis, Jeová vive;* como se dissesse: "Como se atrevem esses homens a tomar o nome de Deus, quando se entregam aos ídolos? Pois Deus somente concede seu nome ao seu povo". Os fiéis realmente tomam o nome de Deus em juramentos, por assim dizer, por licença

[26] Na época da Reforma, os nicodemianos eram aqueles que julgavam que pudessem freqüentar o culto idólatra de Roma, mas, desde que se recusassem a consentir no íntimo com a idolatria, estariam perdoados. Agiam assim para escapar da perseguição. Calvino e outros reformadores eram implacáveis em suas exortações a tais espíritos. Os nicodemianos eram mais uma atitude do que um grêmio de pessoas claramente definido; evidentemente, o nome que receberam aludia a Nicodemos, discípulo secreto de Jesus por temer os seus pares da seita judaica dos fariseus (cf. João 3). Calvino dizia àqueles: "imigrai ou sofrei", pois tinham de ser testemunhas da verdade e reconhecerem-na em Cristo. (N. do T.)

[27] Deuteronômio 6.13.

dele. Caso o Senhor não houvesse outorgado tal direito, teria por certo sido um sacrilégio. Mas tomamos emprestado o nome de Deus por sua permissão: e é certo assim fazer, quando mantemos a fé nele, quando continuamos em seu serviço; porém, quando adoramos falsos deuses, então, nada temos a ver com ele, e ele retira o privilégio que nos tem dado. Então ele diz: 'Doravante, não mistureis o nome do único Deus verdadeiro com ídolos'. Pois isso ele não pode aturar, como também declara em Ezequiel 20: "Vades, servi vossos ídolos; eu recuso todo vosso culto" [Ez 20.39]. O Senhor ficava, desse modo, gravemente ofendido, até quando sacrifícios eram-lhe oferecidos. Por que assim? Porque era uma espécie de profanação quando os judeus professavam cultuar a ele e, depois, iam após as ímpias superstições deles. Percebemos agora, então, o sentido desse versículo. Segue-se —

Oséias 4.16

16. Pois Israel reincide no erro como uma novilha renegada: agora o SENHOR os alimentará como a um cordeiro em um lugar amplo.

16. Quia sicut juvenca indomita, indomitus Israel: nunc pascet Jehova quasi agnum tenerum (nam כבשׂ *proprie significat*, Agnum tenerum; *hoc est, qui adhuc est anniculus:* איל *autem vocant arietem qui annum unum excessit*) in loco spatioso.

O Profeta, aqui, compara Israel a uma bezerra indomável. Alguns vertem-no, "Uma novilha desgarrada", e podemos traduzi-lo "Uma novilha fornicária". Porém, para outros, uma deserção parece ter sido mais especialmente tencionada, porque eles tinham retrocedido ou se afastado de Deus: porém, tal comparação não é tão adequada. Vertem-no, "Como uma bezerra renegada" ou "que se afasta da vista": mas eu prefiro entender a palavra como tendo o sentido de alguém que é petulante ou lascivo: e a punição que é acrescida no fim: *O Senhor agora as alimentará como um cordeiro tenro em um lugar espaçoso*, concorda melhor com esse ponto de vista, como veremos imediatamente.

Tem que se compreender, em primeiro lugar, que Israel é comparado a uma vitela, e, de fato, a uma que é rebelde, que não consegue ficar quieta no estábulo nem se acostumar à canga; por essa razão, adiciona-se no fim, *O Senhor agora os alimentará como um cordeiro em um lugar espaçoso.* O sentido dessa oração pode ser duplo; o primeiro é que o Senhor deixa-los-ia em seus regalos para se devorarem conforme a concupiscência deles, e se satisfazerem na gula; e é um castigo horrível quando o Senhor não abranda a intemperança dos homens, mas permite-os serem maliciosos sem quaisquer limites ou moderação. Conseqüentemente, alguns dão esta significação à passagem, *Deus agora os alimentará como a um cordeiro,* ou seja, como a uma ovelha vazia de discernimento, e em um lugar amplo, precisamente em um campo o mais frutífero, capaz de fornecer alimento à saciedade. Contudo, parece-me que o Profeta tem em vista outra coisa, exatamente isto, que o Senhor espalharia tanto Israel, que eles seriam como um cordeiro em um lugar espaçoso. É peculiar às ovelhas, sabemos, continuarem sob o cuidado do pastor: e uma ovelha, quando impelida à solidão, demonstra, por seu balido, ser tímida, e estar, por assim dizer, procurando seu pastor e seu rebanho. Em resumo, uma ovelha não é um animal solitário; e é quase uma parte da alimentação de ovelhas e cordeiros pascerem juntos e sob o olhar daquele debaixo de cujo cuidado estão. Ora, parece haver aqui uma mui impressionante mudança de figura: *Eles são,* diz o Profeta, *como novilhas indomáveis,* pois são tão rebeldes que campo algum pode contentar o desregramento deles, como quando uma bezerra ocupa a terra toda. "Tal, então", ele diz, "e tão ultrajante é a desobediência desse povo, que eles não podem mais agüentar, a menos que um lugar espaçoso seja dado a cada um deles. Por conseguinte, eu dar-lhes-ei um lugar vasto: mas para este objetivo, para

que cada um deles seja como um cordeiro, que olha em redor e nenhum rebanho vê ao qual possa se juntar".

Tal ocorreu quando a terra ficou despojada de seus habitantes; pois então apenas um pequeno número nela morava. Quatro tribos, como dantes declarado, foram primeiro forçadas a ir embora; e então começaram a ser como cordeiros em um lugar espaçoso; pois Deus os aterrorizou com o pavor dos inimigos. A parte restante do povo foi posteriormente, ou dispersada, ou levada ao exílio. Eles ficaram, quando exilados, como cordeiros, e esses em um extenso lugar. Pois, embora vivessem em cabanas, e sua condição estivesse, de todos os modos, restringida, todavia, estavam em um lugar igual ao deserto; pois dificilmente alguém ousava olhar um ao outro, e seus olhos, para onde quer que se voltassem, deparavam ruína e solidão. Percebemos pois o que o Profeta pretendia ao dizer que eles eram semelhantes a uma novilha indomável ou rebelde: "Eu doma-los-ei e os tornarei como cordeiros; e, quando dispersos, eles temerão como em um deserto, pois não haverá rebanho algum ao qual possam chegar". Prossigamos –

Oséias 4.17

17. Efraim juntou-*se* aos ídolos: deixai-o só.	**17.** Adjunxit se (*vel*, associavit) idolis Ephraim: dimitte eum.

Deus, como que enfadado, ordena que seu Profeta descanse; como se dissesse: "Visto que eu não persuado esse povo, deve-se parar de insistir com ele; suspenda teu trabalho". Deus pusera Oséias sobre os israelitas para este fim, levá-los ao arrependimento, caso eles, por algum meio, pudessem ser reformados: a obrigação do Profeta, ordenada por Deus, era trazer de volta do erro homens miseráveis e transviados, e restaurá-los de novo à obediência da fé pura. Ele agora viu que a tarefa do Profeta era debalde, sem sucesso algum. Por essa razão ele ficou, como eu disse, cansado, e manda que o Profeta desista: *Deixa-os,* ele diz; isto é: "Não há vantagem nenhuma para ti te esgotares mais; eu te despeço do teu trabalho, e não quero mais que tu te aborreças; pois eles são totalmente incuráveis". Pois, dizendo que eles se juntaram aos ídolos, ele quer dizer que não podiam ser tirados daquela maldade na qual se haviam eles endurecido; como se dissesse: "Essa é uma aliança que não pode ser quebrada". E ele alude ao casamento de que fizera menção antes: pois os israelitas, sabemos, foram unidos a Deus, pois ele os adotara para ser um povo santo para si; posteriormente, adotariam formas ímpias de culto. Porém, ainda havia uma esperança de restauração, antes que eles se tornassem de todo preso aos seus ídolos, e tão firme se apegassem a esses que não mais pudessem ser arrancados. O Profeta mostra tal aliança quando diz, *eles estão unidos aos ídolos.*

Mas ele menciona a tribo de Efraim, pois os reis (quero dizer, os de Israel), conhecemos, surgiram daquela tribo; e, ao mesmo tempo, ele increpa a tribo por haver abusado da bênção divina. Sabemos nós que Efraim foi abençoado pelo santo Jacó, sendo preferido no lugar do irmão mais velho; e, todavia, não havia razão nenhuma pela qual Jacó pusesse de lado o primogênito e preferisse o mais novo, salvo se Deus, neste caso, manifestasse seu bom prazer. A ingratidão de Efraim foi, por isso, menos desculpável, quando não somente decaiu da pura adoração a Deus, mas profanou também a terra inteira; pois foi Jeroboão quem introduziu superstições ímpias; esse, por esse motivo, foi a origem de todo o mal. Eis a razão por que o Profeta agora expressamente menciona Efraim: embora seja uma forma de falar normalmente usada por todos os Profetas para designar Israel, tomando-se uma parte pelo todo, pelo nome de Efraim.

Porém, tal passagem é digna de ser notada, para que nós atentemos às repreensões de Deus, e não permaneçamos torpes quando ele nos desperta; pois devemos sempre temer, para que ele não

nos rejeite de repente, quando fica cansado da nossa perversidade, ou quando ele concebe um tal descontentamento que não mais se digna a falar conosco. Segue-se –

Oséias 4.18

18. A bebida deles está acre: eles cometem prostituição continuamente: seus governantes vergonhosamente amam sim, Dai vós.	**18.** Putruit potus eorum; scortando scortati sunt: dilexerunt, Afferte, turpiter (*vel*, ignominiam קלון) principes ejus.

O Profeta, utilizando uma metáfora, diz aqui, primeiro, que a bebida deles tornara-se pútrida; o que significa que eles haviam se entregado tão intemperantemente a toda sorte de imoralidade, que todas as coisas entre eles ficaram fétidas. E o Profeta alude aos excessos vergonhosos e bestiais: pois os bêbados são tão viciados em vinho que exalam um odor repugnante, e nunca ficam satisfeitos com o beber até que, vomitando, despejem as doses em excesso que tomaram. O Profeta, pois, tinha isso em vista. Ele não fala, entretanto, do beber do vinho, isso é certo: mas, pelo contrário, por embriaguez ele quer dizer aquela licenciosidade desenfreada, que então se destacava entre o povo. Visto então que eles se permitiam tudo que lhes aprazasse, sem pudor, davam a impressão de serem como homens ébrios, insaciáveis, os quais, quando inteiramente dados ao vinho, acham o maior prazer ter sempre vinho no paladar, encher copiosamente a garganta ou empanturrar o seu estômago: quando homens bêbedos fazem essas coisas, então eles emitem o cheiro repugnante de vinho. Isso, então, é o que o Profeta quer dizer com *podre tornou-se a bebida deles;* isto é, o povo não observa moderação alguma no pecado; eles não ofendem a Deus no momento, da maneira trivial e usual, mas são, totalmente, como homens bestiais, que em nada ficam envergonhados, constantemente arrotando e vomitando, de modo que molestam, por seu odor fétido, todos aqueles que os encontram. Tal é esse povo.

Em seguida, ele acrescenta: *Pela devassidão, eles viraram devassos.* Essa é uma outra comparação. O Profeta, sabemos, até aqui esteve falando de libertinagem em um sentido metafórico, mostrando, desse modo, que Israel perfidamente abandonara-se aos ídolos e, assim, violou a fé empenhada ao Deus verdadeiro. Ele ora segue a mesma metáfora aqui: 'Pela devassidão eles viraram devassos'. Destarte, ele os exprobra e representa como infames por dois motivos — porque eles jogaram fora toda vergonha, semelhante aos borrachos que estão tão deleitados com vinho que, por causa do excesso, exalam seu fedor, e porque eram como libertinos.

Finalmente, ele diz: *Seus príncipes despudoradamente amaram, trazei vós.* Aqui, de uma maneira peculiar, o Profeta mostra que os notáveis pecavam com extrema licenciosidade; pois eram dados ao suborno: e os olhos dos sábios, sabemos, são cegados, e os corações dos justos, pervertidos, por presentes. Mas o Profeta, intencionalmente, fez essa adição, para que pudéssemos conhecer que não havia então ninguém dentre o povo que tentasse aplicar um remédio aos muitos vícios predominantes; pois até os governantes cobiçavam lucro; ninguém se lembrava para qual propósito fora chamado. Por isso, sucedeu que cada um se entregava impunemente a tudo que lhe agradasse. Como assim? Porque não havia censores da moral pública. Percebemos aqui em que estado desgraçado o povo está quando não há ninguém para exercer disciplina, quando mesmo os juízes embasbacam-se por causa do ganho, e não se importam com nada senão com presentes e riquezas; pois, então, o que o Profeta aqui descreve quanto ao povo de Israel deve acontecer. *Seus príncipes*, então, *amam, trazei vós.*

Com respeito à palavra קלון, ***kalon,*** precisamos dizer, concisamente, que Oséias não alude simplesmente a quaisquer tipos de presentes, mas àqueles que provavam que havia uma venda pública de justiça; como se dissesse, "Ora, os juízes, quando dizem, trazei vós, quando eles amam,

Trazei vós, não fazem nenhuma distinção que seja entre o certo e o errado, e pensam que tudo é legal; pois o povo tornou-se insensível a uma tão nefasta conduta: por isso, eles vil e vergonhosamente procuram lucro".

ORAÇÃO

Conceda, Todo-Poderoso Deus, que, já que tens tu nesta época se dignado, em tua misericórdia, a nos ajuntar à tua Igreja, e a nos encerrar dentro dos limites de tua palavra, pela qual tu preservas a nós no verdadeiro e reto culto de tua majestade — Ó, outorgue que continuemos satisfeitos nessa obediência a ti: e, ainda que Satanás, de muitas formas, tente nos atrair para aqui e para acolá, e sejamos também nós próprios, por natureza, propensos ao mal, Ó, permita que, sendo confirmados em fé, e a ti unidos por aquele sagrado vínculo, permaneçamos, não obstante, constantemente debaixo da orientação da tua palavra, e assim nos apeguemos a Cristo, teu unigênito Filho, que nos juntou para sempre para si mesmo, para que nunca, por quaisquer meios, desviemo-nos de ti, mas, ao contrário, fiquemos firmados na fé de seu evangelho, até que, por fim, ele nos receba a todos no seu reino. Amém.

DÉCIMA-TERCEIRA DISSERTAÇÃO

Oséias 4.19

19. O vento prendeu-os nas suas asas, [28] e eles ficarão envergonhados devido aos seus sacrifícios.	**19.** Ligavit ventus eam in alis suis, et pudefient a sacrificiis suis (*vel*, ligavit ventum in alis suis: *ambigua enim est locutio apud Hebraeos: atque utrobis modolegas, genus verbi relativis non convenit, quae foeminina sunt; sed frequenter occurrunt ejusmodi exempla: libera igitur erit optio.*)

Se esta tradução for sancionada, *O vento o prendeu em suas asas,* a significação é que uma repentina tempestade varreria o povo e, desse modo, ele ficaria envergonhado de seus sacrifícios. Assim, o tempo pretérito deve ser reputado como futuro. Podemos deveras ler as palavras no pretérito, como se o Profeta estivesse falando do que já havia ocorrido. O vento, então, já tinha varrido o povo; pelo que dá a entender que o povo parecia ter fincado longas e profundas raízes em suas superstições, mas que o Senhor já entregara esse ao vento, para que o vento levasse o povo preso a suas asas. E asas, sabemos, são, em outro lugar, atribuídas ao vento, Sl 104.3. E, assim, o versículo, do começo ao fim, é um anúncio de vingança.

A outra símile ou metáfora é a mais apropriada, e se harmoniza melhor com o assunto; pois, se os homens não sustentassem suas opiniões com confiança vã, nunca desprezariam a palavra de Deus com tanta audácia. Por essa razão, diz-se que eles fixam o vento em suas asas: sendo negligentes com a própria condição, tentam, como que por meio do vento, voar; porém, quando soberbamente elevam a si mesmos, eles não têm apoio algum senão o vento. Prossigamos então —

---

[28] A versão de *Newcome* para essa frase é improvável:

'Um vento afligi-lo-á em suas fronteiras'.

A de *Horsley* é a mesma da nossa, só que exprimida no presente:

'O vento ata-o em suas asas'.

(N. do E. inglês.)

CAPÍTULO 5

Oséias 5.1

1. Ouvi isto, ó sacerdotes; e escutai, casa de Israel; e dai ouvidos, ó casa do rei; pois o julgamento *é* para vós, pois que tens sido uma armadilha em Mizpá, e uma rede armada sobre o Tabor.

1. Audite hoc sacerdotes, et attendite domus, et domus regis auscultate, quia vobis judicam (*hoc est*, judicium in vos dirigitur) nam laqueus fuistis (*hoc est*, tanquam laqueus, *sabaudienda est* כ, *nota similitudinis et addenda ad nomen* פח, fuistis *ergo* tanquam laques) in Mizpah, et rete expansum super Tabor.

O Profeta, aqui, novamente prega contra o povo todo: contudo, ele dirige seu discurso principalmente aos sacerdotes e governantes; pois eram esses a fonte dos males grassantes: os sacerdotes, absorvidos pelo lucro, descuraram do culto de Deus; e os homens principais, como vimos, tornaram-se, em todas as maneiras, corruptos. Por isso, o Profeta aqui invectiva especialmente contra tais ordens e, simultaneamente, indica alguns vícios que então prevaleciam entre o povo, e isso por culpa dos sacerdotes e governantes. Mas, antes de seguir adiante no tema dos Profetas, algo tem de ser dito sobre as palavras.

Quando ele diz: *A vós é o julgamento,* alguns explicam-no: "É vosso dever fazer julgamento", para manter o governo, para que todos cumpram seu ofício; pois o julgamento é considerado retidão; a palavra מִשְׁפָּט, ***mishpat,*** significa uma ordem correta das coisas. Destarte, eles acham que os sacerdotes e governantes são aqui condenados por executarem tão mal sua função, pois que não davam atenção nenhuma para o que era certo. Mas tal sentido é forçado demais. O Profeta, portanto, não duvido, convoca aqui os sacerdotes e os conselheiros do rei ao tribunal de Deus, para que dessem ali uma resposta; pois o menoscabo a Deus, conhecemos, predominava entre os grandes; eles estavam seguros, como que isentos de juízo, como que desobrigados das lei e de todo mandamento. *A vós,* pois, *é o julgamento;* isto é, Deus se dirige a vós pelo nome, e declara que será vosso vingador, ainda que impensadamente desdenhais do juízo dele.

Alguns outra vez tomam מִצְפָּה, ***Mitspah,*** por um farol, e vertem deste modo: *Vós sois uma arapuca em vez de um farol.* Porém, tal equívoco é refutado pela segunda oração, pois o Profeta incontinenti adiciona, *uma rede estendida sobre Tabor:* e é bem conhecido que Mizpá e Tabor eram montanhas altas, afamadas e célebres por suas alturas; sabemos também que a caça era comum nelas. O Profeta, então, sem dúvida, quer aqui dizer que ambos sacerdotes e conselheiros do rei eram como armadilhas e redes: "Como passarinheiros e caçadores têm por costume armar suas redes e ciladas nos montes Mizpá e Tabor; assim o povo, igualmente, é enredado por vós". Eis o claro significado das palavras. Alguns conjecturam que ladrões eram ali colocados pelos reis de Israel para interceptar os israelitas, quando achassem alguém subindo a Jerusalém, como ora vemos, em toda parte, pessoas espreitando em emboscadas, para que ninguém do papismo passe para o nosso lado. Mas tal conjectura é demasiadamente improvável. Já expliquei o sentido dado pelo Profeta: ele se vale, como dissemos, de uma símile.

Retornemos agora para o que ele ensina: *Ouvi isto,* ele diz, *vós, Sacerdotes, e atentai vós, casa de Israel, e daí ouvidos vós, casa do rei.* O Profeta, de fato, inclui o povo inteiro na segunda oração, mas volta seu discurso explicitamente aos sacerdotes e conselheiros do rei; o que deve ser especialmente considerado; pois é, certamente, como veremos daqui em diante, o tema geral desse capítulo. Não é sem razão que ele ataque os príncipes, porque a culpa principal estava neles; idem

os sacerdotes, porque eram como cães mudos, e também levavam o povo para longe do culto puro de Deus para as superstições falsas; e tão grande era a avidez deles por lucro sórdido que pervertiam a lei e tudo que outrora era puro entre o povo. Não admira pois que o Profeta, embora tratando de um assunto geral, adequado a todas as categorias indiscriminadamente, anunciasse o juízo sobre os sacerdotes e conselheiros do rei. Sobre tais conselheiros, eles, a fim de fortalecer o reinado, também aprovavam as formas falsas e espúrias de adoração, como foi dito anteriormente; e ainda tinham seguido outros vícios; pois o Profeta, não tenho dúvidas, condena aqui outras corrupções além das superstições e daquelas que, sabemos, prevalecia em todo lugar entre o povo, e das quais algo já foi dito.

E, para mostrar seu zelo sincero, utiliza três frases: *Vós, sacerdotes, ouvi isto;* depois, *casa de Israel, atentai;* e, em terceiro lugar, *casa do rei, daí ouvidos;* como se dissesse: "Em vão eles procuram subterfúgios, pois o Senhor executará sobre eles o julgamento que ora declara": entretanto, dá-lhes oportunidade e tempo para arrependimento, visto como os manda prestar atenção a tal anúncio.

Ora, essa passagem ensina que até os reis não estão isentos da obrigação de aprenderem o que é normalmente ensinado, se desejam ser reputados por membros da Igreja; pois o Senhor queria que todos, sem exceção, fossem regidos por sua palavra; e ele toma isto como prova da obediência dos homens — a submissão deles à sua palavra. E, como os reis se julgam separados da classe geral dos homens, o Profeta aqui demonstra que foi enviado a ele e aos seus conselheiros. O mesmo motivo vale para os sacerdotes; pois, visto como a dignidade de sua ordem é a mais elevada, também esta impiedade tem predominado em todas as épocas: que eles se julguem livres para fazerem o que lhes agrade. Logo, o Profeta indica que eles não estão tão alçados às alturas, mas que o Senhor, excelsamente, brilha acima de suas cabeças com sua palavra. Saibamos, por fim, que, na Igreja, a palavra de Deus possui o posto mais alto, de modo que nem clérigos, nem reis, nem seus conselheiros podem reclamar privilégio para si, como se a conduta deles não estivesse sujeita à palavra de Deus.

Essa, então, é uma passagem notável por provar a validade da palavra de Deus: e, assim, percebemos quão abominável é a vanglória do clero papal dos dias correntes: pois eles armam diante de nós a máscara do sacerdócio quando a palavra de Deus é aduzida, como se, pelo esplendor da dignidade deles, eclipsassem a Lei inteira, todos os Profetas e o próprio Evangelho. Mas o Senhor, aqui, sustenta sua palavra contra todas as classes de homens, e mostra que ambos reis e sacerdotes devem ser apeados de sua eminência, para que obedeçam à palavra. Sim, devemos ter em mente o que eu disse antes, que, embora o povo todo houvesse pecado, todavia, reis e sacerdotes são aqui, de uma maneira especial, censurados, porque mereciam uma punição mais pesada, visto como, por seus exemplos depravados, corrompiam o povo inteiro.

Quando ele os compara a alçapões e redes, eu não limito isso então a uma coisa só; porém, como o contágio entre o povo todo procedera dos sacerdotes e dos conselheiros do rei, e ainda do próprio rei, o Profeta compara-os, não sem razão, a armadilhas; não apenas porque eram os autores das superstições, mas também porque perverteram o julgamento e toda eqüidade. Continuemos —

Oséias 5.2

2. E os rebeldes se aprofundam na carnificina, embora eu *tenha sido* um repreensor deles todos.

2. Et jugulando declinantes profundaverunt: [29]ego autem correctio illis omnibus.

O verbo שׁחט, ***shachat,*** significa matar, sacrificar; e aqui comumente se explica por sacrifícios; e essa opinião eu não rejeito. Porém, conquanto o Profeta falasse de sacrifícios, ele indubitavelmente chamava de sacrifício, por desprezo, matar: como se alguém chamasse o templo, matadouro, e a morte das vítimas, abate, assim também o Profeta diz: *Ao sacrificarem e matarem, eles, havendo se desviado, tornaram-se profundamente decididos;* isto é, desviando-se para seu próprio sacrifício, endureceram por completo seus corações, de modo que sua depravação é incurável. Pois, dizendo que eles tinham se aprofundado, o significado é que eles estavam tão viciados em suas superstições que não podiam ser restaurados a uma mente sã, por maior que fosse a freqüência com que os Profetas os admoestassem. Todavia, esse verbo possui um outro sentido na Escritura, precisamente este, que os homens se lisonjeiam com seus próprios conselhos, e julgam que, juntando duas razões de si mesmos, conseguem ludibriar a Deus: e essa metáfora os Profetas empregam com respeito aos desprezadores de Deus, a quem eles denominam לצים, ***letsim,*** zombadores: pois esses, embora enganem homens, julgam que não têm que se ver com Deus. O mesmo vemos hoje em dia: homens aduladores e altivos do mesmo caráter, bajulando-se com suas duplicidades e, cheios de si, riem da nossa simplicidade; porque pensam que a sabedoria nasceu com eles, e que está encerrada, por assim dizer, dentro de seus cérebros. Mas eu não sei se tal idéia é apropriada a essa passagem. Prefiro aquele significado mais simples que já declarei, e é este, que os israelitas estavam tão obstinados em suas superstições que perversamente menosprezavam todos os conselhos, todas as admoestações, sim, que eles petulantemente resistiam a toda instrução.

Porém, cada palavra deve ser observada: *desviando-se em sacrificar,* ele diz, "eles se aprofundaram". Ao dizer que eles se desviaram em sacrificar, ele, sem dúvida, faz uma distinção entre as falsas e estranhas formas de adoração e o verdadeiro culto de Deus prescrito na lei. A freqüência do sacrifício não podia, absolutamente, ter sido condenada em si mesma, seja nos israelitas, seja nos judeus; porém, eles se desviaram, ou seja, apartaram-se do que a lei prescreve. Conseqüentemente, quanto mais eles se ocupavam zelosamente em sacrificar, e quanto mais vítimas eles ofereciam a Deus, mais eles provocavam a vingança divina contra si próprios. Percebemos pois que o Profeta aqui mostra, como que a dedo, o pecado que ele reprovava no povo de Israel, e era isto — que esse não sacrificava segundo o mandamento de Deus e segundo o ritual da lei, mas desviava-se e seguia suas próprias invenções. É por isso que, com desdém e escárnio, ele chama seus sacrifícios de matança, ou corte da garganta: "eles são", ele diz, "carrascos", ou, "eles são açougueiros. O que é isto para mim: que eles tragam suas vítimas com grande pompa e ostentação? Que eles utilizem tantas cerimônias? Eu repudio", o Senhor diz, "tudo isso; é morticínio profano; tais carnificinas nada têm em comum com o culto que eu aprovo".

Para que nossos sacrifícios, então, agradem a Deus, eles devem estar em conformidade com a regra da sua palavra; pois 'obediência', como já foi dito, 'é melhor que todos os sacrifícios' (1.º Samuel 15.22.) Contudo, quando os homens se dão a falsas formas de culto ou outras do tipo, inventadas, nada, então, é santo ou aceitável a Deus, mas uma imundície abominável. E, além disso,

---

[29] Com respeito à esta oração, Poole diz, *locus obscurissimus* — um obscurantíssimo lugar. Porém, de todas as explicações dadas, a oferecida por Calvino parece a melhor. A versão de Horsley parece fantasiosa:

'Armas pontiagudas fazem profunda mortandade'.

Por 'armas pontiagudas' ele quer dizer acompanhantes na caça. A versão de Newcome parece ser mais provável:

'E os rebeldes tornaram intensa a mortandade de* vítimas*';

isto é, multiplicaram seus sacrifícios; mas isso não se compatibiliza bem com a oração que segue. (N. do E. inglês.)

o Profeta, como eu disse, não somente acusa o povo de haver se desviado para formas pervertidas de adoração, mas também de haver se tornado obstinadamente firmado nelas. Esse se tornou intenso, ele diz, em suas superstições: como disse antes que o povo estava tão fortemente ligado aos ídolos que não podia ser arrancado deles, assim também ele, agora, diz que esse estava profundamente arraigado na iniqüidade.

Segue-se, *E eu* sou, ou *serei, uma correção para eles todos.* Alguns acham que o Profeta, na pessoa de Deus, ameaça os israelitas, que Deus declara que ele próprio tornar-se-ia o vingador, pois que o povo tão obstinadamente acatasse superstições imorais: "Eu me assento como juiz no céu, e não admitirei que decaís impunemente, já que ficastes tão endurecidos em vossa maldade". Mas estão mais corretos os que pensam que o pecado deles ficasse mais aumentado por esta circunstância: que Deus, por seus Profetas, não houvesse cessado de mandar voltar os israelitas a uma mente sã, visto que não podiam ter sido de todo irrecuperáveis: Eu sou para eles uma correção; ou seja: "Eles não podem desculpar a si mesmos e dizer que caíram por causa de erro e ignorância, visto que eu não parei de lhes exibir o reto caminho por meus Profetas; pois há neles uma obstinação voluntária. Então, *eu sou uma correção para eles;* mas não pude dobrá-los, tão indomável é essa contumácia, ou antes loucura, com a qual estavam inflamados para com seus ídolos". Vê-se agora qual das duas opiniões julgo eu a mais correta.

Mas eu aduzirei uma terceira: pode-se pensar que Deus esteja aqui se queixando de que seja um objeto de aversão aos israelitas, como se dissesse: "Quando eu enviei meus Profetas, eles não podiam tolerar serem exortados, porque minha palavra era por demais amarga a eles". Censuras não são facilmente suportadas pelos homens. Realmente conhecemos que aqueles que estão desconfortáveis consigo mesmos não estão, todavia, dispostos a ouvir qualquer repreensão: todos os que enganam a si próprios desejam ser enganados por outros. Como pois os ouvidos dos homens são tão tenros e delicados que não têm paciência para receber repreensão, tal sentido não parece inapropriado, *eu sou para eles todos uma correção,* ou seja: "Minha doutrina é por eles rejeitada por ter em si muita acrimônia". Porém, a outra explicação, que eu mencionei como a segunda, é mais aprovada: entretanto, não quis omitir a que parece a mim ser a menos adequada.

Podemos ora escolher ou aceitar uma destas duas interpretações — ou que o Senhor aqui retira dos israelitas a escusa de erro (pois que continuara a exprobrar seus vícios pelos Profetas dele); ou que ele censura os israelitas por haverem rejeitado sua palavra com o pretexto de que era demasiadamente rígida e severa: não obstante, o principal ainda permanecerá o mesmo: que o povo de Israel não só era apóstata, tendo decaído do lícito culto de Deus para suas próprias superstições, mas também era pertinaz e insubmisso em suas perversidades, de modo que não recebia nenhuma instrução e nenhum conselho salutar. Continuemos —

Oséias 5.3

3. Conheço Efraim, e Israel não está ocultado de mim: pois agora, ó Efraim, tu cometeste prostituição, *e* Israel está maculado.	**3.** Ego cognovi Ephraim, et Israel non esta absconditus a me: quia tu scortatus es Ephraim, pollutus est Israel.

Deus, aqui, revela que não é serenado pelas vãs escusas alegadas pelos hipócritas, pelas quais acham que o julgamento de Deus mesmo pode ser afastado. Vemos que grande estupidez há em muitos, quando Deus os repreende e desmascara seus vícios; pois se defendem com escusas frívolas e vãs, e imaginam que, assim, põem um freio em Deus, de modo que ele não ouse mais constrangê-los. Dessa maneira, os hipócritas evitam toda verdade. Mas Deus, aqui, atesta que estão grandemente enganados os homens quando assim julgam, por sua percepção, aquele tribunal celestial ao qual são intimados: *Eu,* ele diz, *conheço Efraim, e Israel não está escondido de mim.* Há

um contraste implícito que deve ser compreendido, como se ele dissesse que eram eles mui ignorantes de si próprios; pois encobriam seus vícios, como eu disse, com desculpas frívolas. Deus testifica que os olhos dele não ficavam turvados com tais pretextos tênues. "Por mais, pois, que Efraim e Israel se desculpem, eles não escaparão do meu juízo; são vãos e absurdos esses truques que eles usam; eu, de fato, não sou ignorante".

Aprendamos então a não desmentir, por nossas próprias concepções, o julgamento de Deus; e, quando ele nos admoestar por sua palavra, que não iludamos a nós mesmos com nossas fantasias; pois quem endurece a si próprio, em semelhante estado de segurança, nada ganha. Deus vê de modo mais perspicaz que os homens. Que previnamo-nos, então, de estender um véu sobre os nossos pecados, pois os olhos divinos penetram por todas as escusas semelhantes.

Que ele indique Efraim em particular não era sem razão, sabemos. Daquela tribo surgiu Jeroboão I: por conseguinte, o nome de Efraim foi dado às dez tribos por questão de honra. Contudo, o Profeta aqui cita Efraim, que se julgava superior às outras tribos, com censura: *Eu os conheço, e Israel não me é oculto*. Em seguida, ele exprime o que conhecia do povo: que *Efraim era licencioso,* e que *Israel estava profanado;* como se dissesse: "Contendei como vos agradar; porém, vós o fareis sem proveito: deveras tenho meus ouvidos aturdidos por vossas mentiras; mas, depois de haverdes alegado tudo, após haverdes diligentemente pleiteado vossa causa, e nada haverdes omitido que servisse de escusa, será ainda fato que sois maliciosos e profanos". Em suma, o Profeta confirma, nessa segunda oração, o que antes afirmei, que os homens, quando se lisonjeiam, enganam a si mesmos; pois Deus, entrementes, condena-os, e não permite nenhuma dissimulação dessa espécie. Israel e Efraim gloriavam-se, pois, em suas superstições, como se mantivessem Deus vinculado a eles: "Isso é devassidão", ele diz, "isso é profanação". O Profeta, realmente, corta aqui sim o pretexto de todas aquelas auto-ilusões que os homens utilizam como razões, quando defendem formas fictícias de culto: pois Deus, do alto, proclama que estão conspurcados todos os que se desviam da sua palavra.

Oséias 5.4

4. Eles não planejam seus feitos para retornarem para o seu Deus: pois o espírito de prostituições *está* no meio deles, e não conhecem o SENHOR.	**4.** Non adjicient studia sua, ut convertanur ad Deum suum: quia spiritus fornicationum in médio ipsorum, et Jehovam non noverunt.

Alguns vertem desta maneira: *suas inclinações não lhes permitem voltar por si mesmos;* e tal sentido é provável, ou seja, que eles estavam tão dados às suas superstições, que ora não estavam livres, ou em liberdade, para voltar ao reto caminho; como se o Profeta dissesse: "Eles estão inteiramente escravizados por suas invenções diabólicas, de modo que suas inclinações não lhes possibilitam arrependerem-se". Mas o significado anterior (que é também mais geralmente aprovado) parece mais adaptado ao contexto. *Eles não aplicarão,* ele diz, *seus esforços para regressarem ao seu Deus.* Aqui Deus declara que estava tudo acabado com o povo, e que nem sequer uma esperança restava: como ele disse antes: "Deixa-os, por que deves tu fazer alguma coisa? Pois eles não querem receber instrução sadia; visto como estão inteiramente entregues à destruição, não há agora motivo algum para tu ficares apreensivo acerca da salvação deles, pois que seria inútil" — assim também ele diz aqui, *eles não aplicam seus esforços para regressarem para o seu Deus.*

Se o Profeta fala aqui em sua própria pessoa, o sentido é: "Porque eu me afadigo? Deus deveras me mandou exprobrar esse povo; mas eu descubro que meu trabalho é debalde; pois tenho de lidar com animais irracionais, ou com pedras em vez de homens; não há neles bom senso nem

discernimento algum; pois o diabo fascina suas mentes; jamais, então, eles aplicarão seus esforços para retornarem ao seu Deus". Se preferirmos considerar a frase como proferida na pessoa de Deus, a doutrina ainda ficará quase a mesma: Deus aqui declara que o povo era incurável. *Nunca,* então, *aplicarão eles suas diligências.* Como assim? Pois eles estão afundados, por assim dizer, em um golfo profundo, e sua obstinação é como o abismo. Visto como, pois, eles estão assim determinados em suas superstições, nunca *aplicarão seus esforços para voltarem ao seu Deus.*

Mas Deus, no entretempo, não apenas mostra aqui que não havia mais remédio algum para as doenças do povo; mas também grave e severamente vitupera a iniqüidade desse, porque o povo não pensava em buscar a reconciliação com seu Deus; como se dissesse: "O que, pois, requeiro eu desses homens miseráveis, senão que retornem ao Deus deles? Eles deviam ter feito isso de moto próprio; porém, agora, quando são admoestados, eles não se importam; ao contrário, ferozmente resistem à instrução benfazeja. Não é isso uma loucura extravagante e monstruosa?" Por essa razão, entendemos que há um significado importante nas palavras, *eles não aplicarão seus esforços para retornarem ao seu Deus;* pois o Profeta podia simplesmente ter dito, "retornarem a Jeová", ou "a Deus"; porém, ele diz, *ao Deus deles,* e diz assim porque Deus se fizera familiarmente conhecido a eles, ou melhor, criara-os em seu próprio colo, como se eles fossem seus filhos e ele, seu Pai: eles o abandonaram e tornaram-se apóstatas; e, quando o Senhor agora reprova tal perfídia, não era estranho que o povo tapasse seus ouvidos e endurecesse seus corações contra toda instrução? Por isso, percebemos quão áspera era essa exprobração.

E ele diz: *Porque o espírito de devassidão está no meio deles;* ou seja, eles estão tão contentes com sua sordidez que não há vergonha nem temor nenhum. Mas a razão dessa comparação, a qual outrora expliquei, deve ser tida em mente. Assim como uma esposa, ainda que infiel ao seu marido, ainda retém algum recato, enquanto fica em casa e está em algum lugar classificado para mulheres fiéis e castas mas, quando entra uma vez em um bordel, abertamente se prostitui a todos, sabendo que sua vileza é em geral conhecida, e lança fora, então, todo pudor, esquecendo-se inteiramente de seu papel: assim, também o Profeta diz que *o espírito de libertinagem estava no meio* do povo de Israel; como se dissesse: "Os israelitas estão tão impregnados das suas superstições que não podem, agora, ser tocados ou movidos por qualquer reverência a Deus; eles não podem ser restaurados ao reto caminho, pois o diabo os enlouqueceu e, havendo eles jogado fora toda vergonha, estão como rameiras abomináveis".

E depois ele acrescenta: *Jeová, eles não conhecem.* Por essa frase, o Profeta não alivia o pecado do povo, mas, ao contrário, aumenta a sua ingratidão, pois que esse se esqueceu do seu Deus, que o havia tão indulgentemente tratado. Visto que o povo havia sido redimido pela mão divina, visto que o ensinamento da lei perdurasse entre ele, visto que fora preservado até aquele dia através da constante benevolência de Deus, era verdadeiramente uma comprovação de monstruosa ignorância que esse, em um momento, adotasse formas ímpias de culto e abraçasse aquelas corrupções que sabia estarem condenadas na lei. Com certeza, era uma indesculpável maldade do povo se afastar desse modo de seu Deus. Eis a razão pela qual o Profeta ora diz que *ele não conhecia a Jeová.* Porém, se lhe perguntasse a causa, o povo não podia dizer que não possuía luz, pois Deus fizera conhecido a ele o caminho da salvação. Sendo assim, que não conhecesse Jeová era para ser imputado à sua perversidade; pois, cerrando seus olhos, o povo, intencional e voluntariamente, precipitou-se após suas invenções pecaminosas, que sabia, como outrora fora afirmado, serem condenadas por Deus.

ORAÇÃO

Conceda, Todo-Poderoso Deus, que, visto continuares tu a diariamente nos exortar, e embora veja-nos amiúde nos desviando do rumo direito, todavia, não cesses de estender a nós tua mão, e ainda a nos concitar por censuras, para que nos arrependamos — Ó, outorgue que não se permita a nós rejeitar tua palavra com perversidade tal como a que tu aqui condenas em teu antigo povo pela boca do Profeta; mas governe a nós pelo teu Espírito, para que mansa e obedientemente nos submetamos a ti, e com tal educabilidade, que, caso não tenhamos estado até então dispostos a ficarmos sábios, ao menos não sejamos incuráveis, mas concedamos que tu sares nossas moléstias, de modo que verdadeiramente nos arrependamos e, assim, fiquemos de todo dados a te obedecer, para jamais experimentarmos qualquer coisa além da regra da tua palavra e fora daquela sabedoria que tu revelaste a nós, não somente por Moisés e teus Profetas, mas também por teu unigênito Filho, nosso Senhor Jesus Cristo. Amém.

DÉCIMA-QUARTA DISSERTAÇÃO

Oséias 5.5

5. E o orgulho de Israel testifica na sua face: por isso, Israel e Efraim cairão em sua iniqüidade; Judá também cairá com eles.	**5.** Et respondebit (*vel*, testificabitur) superbia Israel ad faciem ejus: Israel ergo et Ephraim concident in sua iniquitate; concidet etiam Jehudah cum ipsis.

O Profeta, havendo condenado os israelitas por dois motivos — por terem se apartado do Deus verdadeiro, e por terem obstinadamente recusado toda instrução — ora acrescenta que a vingança de Deus estava muito próxima. "Testificará então o orgulho de Israel na face dele"; ou seja, Israel descobrirá, assim, o que é resistir a Deus e a seus Profetas. O Profeta, indubitavelmente, aplica a palavra, orgulho, para o menoscabo deles pela instrução, porque estavam tão inchados de confiança vã, que pensavam que se lhes fazia injúria sempre que os Profetas os condenavam. Ao mesmo tempo, deve ser observado que eles eram contumazes assim porque se pareciam com pessoas inebriadas com seus próprios prazeres; pois sabemos que, posto que os homens gozem prosperidade, eles ficam mais insolentes, segundo aquele velho provérbio: "saciedade gera ferocidade".

Alguns julgam que o verbo ענה, ***'anah,*** quer dizer aqui "ser humilhado"; e essa acepção não é inadequada: "O orgulho de Israel ficará então humilhado diante da sua face". Porém, uma outra interpretação é a mais preconizada; logo, estou inclinado a adotá-la, e é esta, que Deus não precisava de nenhuma outra testemunha para condenar Israel senão a própria soberba desse; e sabemos que, quando alguém fica empedernido, pensa que não deve haver juízo algum, e não cogita prestar conta a Deus, pois a altivez retira todo temor. Por essa razão o Profeta diz: "Deus condenar-vos-á, porque vós tendes sido até aqui tão orgulhosos que ele nada conseguiu realizar pelas suas advertências".

Mas ele adiciona: *Israel e Efraim cairão em sua iniqüidade.* Ele prossegue no mesmo assunto, qual seja, que eles debalde prometiam impunidade para si próprios, pois, agora, o Senhor havia resolvido castigá-los. Ele acrescenta: *Judá também cairá com eles.* O Profeta pode parecer contraditar a si mesmo; pois, embora antes ameaçasse o povo de Israel, falava da salvação de Judá - 'Judá será salva por seu Deus, não pela espada, nem pelo arco'. Visto pois que o Profeta tinha outrora distinguido ou estabelecido uma diferença entre as dez tribos e o reino de Judá, como é que ora os põe todos juntos sem qualquer distinção? A isso, respondo que o Profeta fala aqui, não daqueles judeus que continuavam na genuína e pura religião, mas daqueles que, com os israelitas, afastaram-se do único Deus verdadeiro e ajuntaram-se em suas superstições. Ele, então, faz aqui referência aos judeus degenerados, não aos fiéis; pois a todos que adoravam a Deus corretamente, a salvação já fora prometida. Mas, aos tantos que haviam se entregado às superstições vulgares, ele declara que uma punição comum avizinhava-se deles todos. *Os judeus pois cairão juntos,* isto é: "Como muitos dos judeus que seguem formas ímpias de culto e outras perversões, não escaparão do julgamento divino". Percebemos agora, então, a verdadeira significação dada pelo Profeta. Segue-se agora —

Oséias 5.6

6. Eles irão com seus rebanhos e suas manadas para buscar o SENHOR; contudo, não *o* encontrarão; ele retirou-se deles.

6. Cum ovibus suis et cum armentis suis ibunt ad quaerendum Jehovam, et non invenient: subduxit se ab illis.

O Profeta, aqui, ri com desdém da hipocrisia do povo, pois que esse achava que tinha pronto à mão uma maneira de lidar com Deus, que era apaziguá-lo com seus sacrifícios. Portanto, ele mostra que nem os israelitas nem os judeus ganhariam coisa alguma acumulando holocaustos, pois não podiam, desse jeito, retornar ao favor de Deus. Por esse meio, ele dá a entender que Deus exige arrependimento autêntico, e que não se reconciliará com os homens, a menos que, de coração, eles o procurem e se consagrem ao serviço dele; e não por oferecerem animais irracionais. O fiel, sem dúvida, expiava seus pecados, naquele período, por sacrifícios, mas apenas tipicamente: pois sabiam para que finalidade e propósito Deus criara as leis concernentes aos sacrifícios, e esses eram que o pecador, sendo lembrado pela visão da vítima, confessasse a si mesmo ser digno da morte eterna e, desse modo, fugir para a misericórdia divina e olhar para Cristo e seu sacrifício; pois nele, e em nenhum outro lugar mais, deve ser achada expiação genuína e eficaz. Para este fim, então, Deus havia instituído sacrifícios: que os fiéis, ao oferecerem sacrifícios, não supusessem que qualquer satisfação fosse perfazida pelo trabalho externo, nem ainda imaginasse ser esse o preço da redenção; mas se ocupassem nesses ritos em fé e arrependimento.

O Profeta, agora, por inferência, coloca bois, carneiros e cordeiros em oposição aos sacrifícios espirituais; pois deve-se compreender um contraste nas palavras, *eles irão com suas ovelhas etc.* O que trazem eles à presença de Deus? Eles trazem, ele diz, somente seus carneiros e bois; mas o que Deus ordena é muito diverso: ele manda que os homens se consagrem a ele, e isso, de uma maneira espiritual; quanto aos ritos externos, que se remetam a Cristo e à verdadeira expiação que ainda estava oculta em esperança. Visto, então, que os israelitas traziam apenas seus bois e carneiros a Deus, eles em vão esperavam-no que lhes fosse propício; pois ele não é acalmado por tais bagatelas; já que todos os que separam o sacrifício exterior do desígnio interior, coisa alguma trazem senão o que é profano. Deveras, a autêntica e legítima consagração é pela palavra; e pela palavra somos guiados à fé em Cristo, somos guiados ao arrependimento: quando esses são negligenciados e desconsiderados, e os homens, com segurança, confiam em seus sacrifícios, eles nada fazem exceto mofar de Deus. Por isso, vemos que não é sem razão que o Profeta expõe aqui tal loucura dos israelitas, que buscassem a Deus *com seus rebanhos e suas manadas*.

E ele diz, *eles virão,* ou irão, *procurar Deus.* Por essa frase, ele sugere que os hipócritas, diligentemente, labutavam para se reconciliarem com Deus; e percebemos ainda com que zelo se afadigavam; e disso há um excepcional exemplo hoje nos papistas; pois não poupam afã quando buscam apaziguar a Deus. Contudo, o Profeta diz que tal labor é vão e tolo. "Deixe-os ir", ele diz, isto é: "Que se cansem; porém, eles cansarão sem proveito, pois não encontrarão Deus". Mas, quando ele diz que *eles viriam para procurar Jeová,* não é para entendê-lo como dizendo que realmente agissem assim; pois os hipócritas desviam-se de Deus por cursos sinuosos e voltas, em vez de visar ao acesso a esse. Entretanto, têm como intenção última, como dizem, buscar a Deus: eles realmente não vão a ele em seguida; mais que isso, eles temem sua face, e evitam-na o tanto que podem; todavia, quando se lhes pergunta o que pretendem sacrificando e realizando outros ritos, a resposta está preparada em seus lábios: "Nós cultuamos a Deus", ou seja, "nós desejamos adorá-lo". Visto pois que os hipócritas estão acostumados a se gabar disso, o Profeta fala a título de concessão, e diz: *Eles virão para buscar Deus, mas não o acharão*.

Os papistas dos dias correntes seguem um rumo similar quando arrodeiam seus altares, quando perambulam para pagar promessas em peregrinações, quando sussurram suas orações,

quando ouvem e compram missas; pois para qual propósito são todas essas coisas, senão para interpor tais véus a fim de escaparem do juízo de Deus? Eles sabem que estão expostos ao julgamento divino; a consciência deles força-os a aplacar Deus: porém, o que fazem eles no meio tempo? "Eu descobrirei um caminho em que Deus não me perseguirá: que isso, então, seja o preço da redenção, que isso seja uma compensação". Em uma palavra, vemos que os papistas zombam de Deus com suas cerimônias, que eles não têm nada mais em vista salvo procurar esconderijos: e por essa razão o Senhor, por seu Profeta, lamenta que seu templo fosse como um covil de ladrões (Jeremias 7.11): pois os homens pecam confiantemente quando, em público, ofertam semelhantes expiações. Mais que isso, os papistas, quando murmuram suas preces, dizem que a intenção derradeira é agradar a Deus, embora vagueiem em seus pensamentos: pois se, quando começam a rezar, vem-lhes à suas mentes a que Deus se suplica, ainda que não prestem atenção às suas rezas, ainda que se profanem com muitas concupiscências depravadas, todavia, se com a boca eles proferirem preces, sustentam que o intuito final apraz a Deus. Por quê? Porque o propósito deles é buscar Deus. Isso é, por certo, extremamente estupefaciente e pueril: mas, como eu já disse, o Profeta não força esse ponto, mas defere aos israelitas o que eles pretextavam: "Vós procurais Deus; não obstante, não seguis no caminho reto; e esses cursos sinuosos não vos conduzirão a Deus". Como assim: "Pois vós retrocedeis para mais longe dele". Também diz Isaías: 'Ela se enfastiará grandemente em seus caminhos': porém, no entretempo, ela não seguia o reto caminho, mas, pelo contrário, desviava-se após vários erros e, desse modo, afastava-se do Senhor, e não vinha a ele.

Ao dizer que *Deus retirara-se* ou *separara-se deles,* dá a entender que ele não é propício senão ao fiel, que não o julga tão grosseiramente que busca alimentá-lo com a carne de bois ou outros sacrifícios, ou serená-lo com odor desagradável; mas procura-o de modo espiritual e de coração quem traz arrependimento verdadeiro. Segue-se então —

Oséias 5.7

7. Eles comportaram-se traiçoeiramente contra o SENHOR: pois geraram filhos estranhos: agora, uma lua devora-los-á com as porções deles.	**7.** Contra Jehovam (vel, cum Jehova) perfide egerunt: quia filios alienos genuerunt: nunc vorabit eos mensis cum portionibus suis.

Ele diz que *eles tinham agido perfidamente com Deus,* pois violaram o concerto. Temos de ter em mente o que eu disse anteriormente da fé mútua que Deus estipula conosco, quando se liga a nós. Deus então pactua conosco nesta condição, para que seja ele nosso Pai e Marido; contudo, requer de nós obediência tal como a que um filho deve prestar a seu pai; ele requer de nós aquela castidade que uma esposa deve a seu esposo. O Profeta, agora, acusa o povo de infidelidade, porque esse havia menosprezado o Deus verdadeiro e se prostituído com os ídolos.

E ele também agrava esse crime, dizendo que eles tinham *gerado filhos estranhos:* pois sugere que a condição deles tornara-se tão viciada que não restava esperança melhor quanto à posteridade deles. Alguns explanam as palavras, que eles geraram filhos estranhos, desta maneira - que eles tinham tomado mulheres das nações pagãs contrariamente à lei. Mas esse sentido é mui insípido. Outros entendem que eles tiveram filhos bastardos, pois que criaram seus filhos de maneira ruim, havendo, desde a infância, enleado a eles nas superstições depravadas. Isso é absolutamente verdadeiro, porém, o Profeta, como eu já disse, olhava mais adiante; ele queria dizer que os israelitas não só ficaram afastados de Deus, mas também tinham levado embora toda esperança quanto ao futuro. De fato, pode ser, e algumas vezes acontece, que os homens por um tempo se entreguem a muitos vícios e, posteriormente, regressem ao reto caminho; porém, quando a corrupção predomina tanto que os filhos ficam infectados com os mesmos vícios, e a impiedade mesma toma plena posse deles, então o estado de coisas é insanável. Percebemos agora o que o Profeta quer dizer, que os israelitas não só eram violadores do pacto com respeito a Deus, mas que

eles também haviam guiado os filhos na mesma perfídia, de modo que não havia esperança alguma de arrependimento.

Por isso, ele acrescenta no fim a punição: *Devora-los-á uma lua juntamente com suas porções.*[30] Alguns restringem a palavra, lua, aos tempos da neomênia, ou às neomênias; e esses dias, sabemos, eram de festa entre os judeus: mas isso parece por demais improvável e forçado. O Profeta, portanto, não duvido, toma aqui um mês[31] por um tempo curto; e assim os eruditos hebreus explicam-na, entretanto, eles não revelam suficientemente essa forma de falar. Ora, os Profetas estão habituados a utilizar várias figuras quando pretendem assinalar um período curto. Isaías diz: 'Ainda por três anos, como o tempo de um mercenário': pois mercenários estavam acostumados a se assalariarem por um triênio; destarte, ele diz, esse é o tempo fixado pelo Senhor como o dia designado. Os contratos também, conhecemos, eram mensais naquele tempo, como são, hoje em dia, anuais, tanto com referência ao juro do dinheiro quanto a outras permutas. Visto, então, que eles, geralmente, faziam acordos para um mês apenas, o Profeta aqui, não tenho dúvidas, toma um mês, metaforicamente, por um tempo certo e fixo. Logo, não concordo com aqueles sábios israelitas que dizem que só um período curto é declarado pelo Profeta, o qual expressa, não só um período curto, mas também um tempo fixado; e ele expressa isso para que os israelitas não procurassem debalde por qualquer deferência ou respeito, pois os hipócritas sempre procrastinam e estendem o tempo por ilusões vãs. Por isso, ele aqui diz, *uma lua os devorará,* o que significa: "A vingança agora pende sobre suas cabeças, e dessa, eles não escaparão".

E ele diz, "com suas porções". Ele dá a entender aqui, sem dúvida, que, ainda que eles então superabundassem em abastança, todavia, nada lhes seria de auxílio para evitar serem destruídos, pois a mão de Deus era contra eles. Sabemos de fato que, enquanto os homens estão bem guarnecidos com provisões e proteção, não ficam muito solícitos acerca do seu estado, mas, de maneira incauta, desprezam quaisquer perigos que possam haver no mundo: por conseguinte, o Profeta diz que, ainda que eles fossem opulentos e bem supridos, ainda que possuíssem todo tipo de defesa, contudo, nada lhes serviria para sua segurança, mas uma lua devora-los-ia, junto com todos os seus bens. Prossegue —

---

[30] "Com suas porções", i.e., os lotes deles: eles serão totalmente desalojados de seu território; e as fronteiras das porções de terra das diversas tribos ficarão misturados e suprimidos. —*Bp. Horsley* (N. do E. inglês.)

[31] Em idiomas como o inglês, a palavra mês *(month)* revela, em sua etimologia, a origem na palavra Lua *(Moon);* tanto que *month* também tem o sentido secundário de Lua. Em astronomia, o intervalo de tempo que separa duas fases idênticas e consecutivas da Lua corresponde a 29, 53059 dias (mês lunar, aproximadamente igual à duração dos nossos meses, que têm de se adaptar ao calendário gregoriano, solar). Os meses dos antigos hebreus começavam na lua nova (neomênia). (N. do T.)

Oséias 5.8

8. Tocai a buzina em Gibeá, *e* a trombeta em Ramá: bradai altissonantemente *em* Bete-Áven, após ti, ó Benjamin.	**8.** Clangite cornu in Gibeah, canite tuba in Ramah, buccinate etiam in Beth-aven, post te Benjamin.

O Profeta fala aqui com mais ênfase, e há, nessas palavras, uma certa representação vívida; pois o Profeta assume aqui o papel de um arauto, ou introduz arautos que declaram e proclamam guerra. A verdade mesma devia de fato ribombar não apenas em nossos ouvidos, mas também em nossos corações, e ser mais poderosa do que qualquer trombeta: porém, vemos quão indiferentes somos. Por essa razão, o Senhor é constrangido aqui a vestir seu servo com o personagem de um mensageiro ou, pelo menos, mandá-lo a enviar adiante arautos para proclamar a guerra em tudo quanto fosse lugar do reino de Israel. Esse não era, propriamente falando, o ofício de um Profeta; mas vemos que a Ezequiel foi ordenado, pelo Senhor, que sitiasse Jerusalém por um tempo — e por quê? Porque o seu ensinamento todo, depois de os judeus haverem sido mil vezes ameaçados, tornou-se formal: Deus, então, acresceu visões que mais eficazmente suscitassem os homens torpes. Assim também Oséias aqui: *Bradai com a trombeta em Gibeá, soprai a corneta em Rama, e tocai a buzina em Bete-Áven;* pois Deus, como dissemos, está perseguindo Israel, e não permitirá que esse descanse; para que os israelitas conheçam que Deus não os ameaça em vão, que suas objurgações não são bichos-papões, mas que ele trata com seriedade quando reprova o ímpio, e que a execução, como dizem, acompanhará o que ele ensina. Da mesma maneira, Paulo também diz: "A vingança está preparada por nós, e está preparada contra todos aqueles que se exaltam contra a grandeza de Cristo, por maiores que possam ser" (2.ª Coríntios 10.5,6.) Como, então, os ímpios estão habituados a fazer esta objeção, que os Profetas nada pregam senão palavras, Oséias prova aqui que não era debalde que assombrava os homens, mas que o efeito, como dizem, seguir-se-ia incontinenti, a menos que se reconciliassem com Deus.

Ora, à medida que percebemos o escopo do Profeta, cuidemos para receber pela fé aquela paz que o Senhor diariamente proclama a nós por seus mensageiros. Pois o que é o Evangelho senão o que Paulo declara ser? 'Desempenhamos o mister de embaixadores', ele diz, 'por Cristo, para que vós sejais reconciliados com Deus, e em nome de Cristo vos exortamos a retornarem à mercê com Deus' (2.ª Coríntios 5.20.) Vemos, então, que todos os ministros do Evangelho são mensageiros de Deus, que nos convidam à paz e prometem que Deus está pronto para nos outorgar perdão, se com o coração o buscarmos. Porém, se não recebermos essa mensagem e essa embaixada, restará para nós o tremendo juízo do qual agora fala o Profeta, e nossa impiedade granjear-nos-á tal fado medonho. Como se Deus estivesse então declarando guerra contra todos os ímpios e desprezadores da sua graça, o Profeta diz que eles descobrirão que Deus está armado para vingança.

Além do mais, o Profeta, indubitavelmente, menciona aqui *Gibeá, Ramá* e "Bete-Áven", porque, nesses lugares, grandes agrupamentos normalmente se reuniam; e pode ser ainda que fossem grandes fortalezas. Então, já que os israelitas se julgavam inconquistáveis, pois que possuíam invencíveis baluartes contra seus inimigos, o Profeta, aqui, explicitamente declara guerra contra eles. Por todas as partes, pois, fazei soar a trombeta, ou tocai o búzio, ou tocai a corneta, em especial nos principais lugares do reino.

Após ti, ó Benjamim. Benjamim é aqui para ser tomada, por figura de linguagem, pelo Israel todo, porque era irmão de José pela mesma mãe: a tribo de Benjamim é, por conseguinte, juntada com Efraim. Ao mesmo tempo, é certo que o Profeta não restringe sua alocução a uma tribo, mas inclui, debaixo de uma tribo ou uma parte, o reino inteiro de Israel. Segue —

Oséias 5.9

9. Efraim ficará desolado no dia da repreensão: entre as tribos de Israel tenho eu feito saber aquilo que com certeza será.	**9.** Ephraim in vastitatem erit in die correctionis: in tribibus Israel docui veritatem (intelligere feci, ad verbum.)

Aqui o Profeta assevera, sem qualquer figura, que o castigo deles não seria leve ou paternal, mas que Deus puniria os israelitas tal como mereciam, que ele os reduziria a nada. Deus, sabemos, por vezes poupa os ímpios, embora os castigue: sinais de sua ira aparecem diariamente por todo o mundo; porém, ao mesmo tempo, são castigos moderados que Deus inflige sobre os homens; e ele, de certa forma, convida-os à penitência quando, assim misericordiosamente, pune os pecados deles. Contudo, o Profeta diz aqui que Deus não mais agiria dessa maneira; pois ele destruiria e aniquilaria todo o reino de Israel. Eles já haviam sido freqüentemente alertados, não somente em palavras, mas também em feitos, e amiudadas vezes sentiram a ira divina; porém, ainda persistiam em seu rumo. E agora, como Deus percebia que eram totalmente estúpidos, diz: *Ora, no dia da disciplina, Efraim ficará por assolação;* como se dissesse: "Eu não repreenderei Israel como dantes, pois esse outrora foi, de diversos modos, castigado, mas não se arrependeu; portanto, porei de lado aquelas disciplinas paternais que até aqui usei, pois debalde aplico tais remédios: então, daqui para frente, corrigirei Israel deste modo, para que sejam completamente destruídos". Apreendemos agora o que o Profeta quis dizer.

Mas essa é uma passagem memorável, pois os homens são sempre tardos e lentos: mesmo quando Deus os espeta, por assim dizer, com ferroadas, eles permanecem mandriões em seus pecados. Deus adiciona punições, uma após a outra, e, quando vê os homens prosseguindo, no modo de dizer, fora dos seus sentidos, ele constata, então, que não é tempo para admoestação, mas que a destruição está próxima. Conseqüentemente, percebemos que toda esperança dos israelitas é aqui interrompida, para que não achassem que seriam castigados da maneira usual por seus pecados; pois, assim que o Senhor começasse a repreendê-los, destruiria e apagaria seus nomes: *Israel* então *ficará para assolação no dia da disciplina.*

Ele depois acrescenta: *pelas tribos de Israel eu tenho tornado conhecida a verdade.* Alguns julgam que essa frase é falada na pessoa de Deus, e atribuem-na à primeira aliança que Deus fez com o povo todo; e, assim, consideram ser este o sentido: "Eu não procedo para tomar vingança súbita sobre os israelitas agora; pois eu gerei este povo, alimentei-o, criei-o até à idade viril. Visto que é esse o caso, não há, então, razão para eles se lamentarem de que eu seja demasiadamente precipitado em tomar vingança". Esse é um significado; mas eu, antes, inclino-me à opinião dos que consideram isso como falado na pessoa do Profeta; todavia, não a sigo de todo, pois supõem que só a culpa de o povo não ser educável seja apresentada: *Eu tenho feito conhecida a verdade pelas tribos de Israel,* como se o Profeta tivesse dito: "Este povo é indigno de que Deus os puna de um modo paternal, pois se empederniu na própria imoralidade; e, conquanto haja sido mais do que suficientemente instruído sobre sua obrigação, todavia, abertamente despreza Deus, e faz isso, não por ignorância, mas por perversidade: visto então que o povo de Israel cegou-se e enlouqueceu-se, por assim dizer, voluntariamente, o que agora resta, senão que Deus os traga à desolação?" Assim esclarecem esse ponto. Mas parece a mim que um protesto é o que se ajusta melhor a essa passagem: *Eu tenho tornado conhecida a verdade pelas tribos de Israel,* como se dissesse: "Está firme e confirmado o que ora eu declaro, e certamente será; então, que ninguém procure escapar por si mesmo, pois Deus agora não ameaça, como muitas vezes anteriormente, com o intuito de chamar os homens à penitência, mas ele declara o que fará".

Para que isso seja mais bem compreendido, o modo de falar no uso familiar entre todos os Profetas deve ser observado: eles amiúde ameaçam, em seguida dão esperança de perdão e

prometem salvação, de forma que parecem exibir alguma sorte de contradição: pois, após haver fulminado o povo, eles de imediato vêm pregar graça, oferecem salvação, testificam que Deus será propício. À primeira vista os Profetas aparentam não serem coerentes consigo próprios. Contudo, a solução é fácil, pois ameaçavam vingança aos homens sob condição; posteriormente, quando viam algum fruto, eles então expunham a misericórdia de Deus, e começavam a ser arautos da paz, para reconciliar os homens a Deus e fazer um acordo entre eles. Assim, nosso Profeta freqüentemente ameaçava os israelitas; e tivessem eles se arrependido, a esperança de salvação não lhes teria sido cortada. Porém, depois que descobriu serem eles tão obstinados que não queriam receber instrução nenhuma, ele então disse: *Eu tenho anunciado a verdade por todas as tribos de Israel,* isto é, Deus não só diz agora: "A não ser que vos arrependeis, vós estareis perdidos"; mas ele fala categoricamente; pois que vê que a bem conhecida doutrina era desdenhada: eis então a verdade. É o mesmo que se ele dissesse: "Essa é a última denúncia, que será firme e inalterável".

E Jeremias também fala da mesma maneira: seu livro está repleto de várias ameaças; entretanto, são elas condicionais. Mas, após Deus haver tomado a matéria em mão, ele começou a agir de uma maneira diferente: "Eu não vos chamo mais ao arrependimento, eu não contendo convosco, eu agora não apresento Deus como um juiz, para que fugis a ele para obter misericórdia; todas essas coisas chegaram a um fim; o que resta agora", ele diz, "é a última ordem, para vos mostrar que agora a esperança passou". Tal é o verdadeiro e real sentido dado aqui pelo Profeta; e, qualquer um que considerar o contexto todo, facilmente perceberá que tal era a intenção do Profeta. Ele dissera anteriormente: "Efraim ficará por desolação no dia da punição", isto é: "O Senhor não mais acusará Efraim como antigamente, mas o destruirá totalmente": então, ele adiciona: *Eu promulguei* ou *publiquei a verdade pelas tribos de Israel:* "Agora", ele diz, "saibais que a vingança virá daqui a pouco, e que está ratificada diante de Deus; saibais também que eu falo de forma autorizada, como se a mão de Deus estivesse ora estendida perante vossos olhos". Segue-se agora —

ORAÇÃO

Conceda, Todo-Poderoso Deus, que, visto como já somos por natureza filhos da ira e, não obstante, tu te dignaste a nos receber em mercê, e puseste diante de nós um sagrado penhor do teu favor em teu Filho unigênito, e que, como ainda não cessamos de, com freqüência, provocar tua ira contra nós, e também de apostatar, por ignominiosa perfídia, do concerto que fizeste conosco — ó, permita que, estando ao menos afetado por tais admoestações, não endureçamos nossos corações na maldade, mas sejamos maleáveis e educáveis e, assim, empenhemo-nos em voltar ao favor contigo, para que, através do sacrifício mediador de teu Filho, achemos em ti um Pai propício, e ser, para o futuro, tão inteiramente devotados a ti que aqueles que nos seguirem e viverem depois de nós fiquem corroborados no culto da tua majestade e na religião autêntica, mediante o mesmo Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

DÉCIMA-QUINTA DISSERTAÇÃO

Oséias 5.10

10. Os príncipes de Judá são como os que removem o marco divisório: *por isso,* derramarei minha ira sobre eles como água.	**10.** Fuerunt principes Jehudah, quase transferentes terminum (*vel potest omitti* כ, *nota similitudinis, et saepe etiam ita sumitur*; Fuerunt *igitur* principes Jehudah transferentes terminum:) super eos effundam quasi aquas furorem meum (*vel*, indignationis meae.)

Aqui, o Profeta transfere a culpa de todos os males que então reinavam na tribo de Judá aos príncipes dela. Ele diz que o povo apostatara e se apartara de Deus por culpa própria, e utiliza uma comparação das mais apropriadas. Sabemos que nada há indiscutível nas propriedades dos homens se as divisas dos campos não forem fixadas; pois, de outra forma, ninguém consegue preservar a sua. Porém, pela metáfora dos limites dos campos, o Profeta se refere à toda ordem política. O sentido é que todas as coisas estavam ora em um estado de desordem e confusão entre os judeus; pois que seus líderes, que deviam ter governado o povo e conservado a esse na obediência, destruíra a ordem inteira de coisas. Entendemos agora, então, o que o Profeta realmente tinha em vista.

Contudo, deve ser observado que a tribo de Judá havia sido, até aqui, mantida separada, por assim dizer, por marcos, como patrimônio de Deus; pois Israel tornara-se alheado. A posse de Deus fora diminuída pela abjuração de Jeroboão; e ele Jeroboão detinha somente uma tribo e meia em seu serviço. O Profeta agora diz que os judeus misturaram-se com os israelitas, e ficaram, assim, alienados do Senhor; pois os príncipes mesmos removeram as delimitações, ou seja, destruíram, por indolência e outros vícios, toda reverência a Deus, toda preocupação pela religião e, também, todo interesse pelo que era justo e direito: esse, portanto, ameaça-os severamente: “Eu derramarei”, ele diz, “minha ira sobre eles como águas”.

Por meio dessa metáfora, ele quer dizer que Deus trataria com eles com muito maior severidade do que com o povo vulgar: “Eu”, diz, “com força total derramarei sobre eles a minha fúria, como se fosse o dilúvio da antigüidade”. O significado é: “Eu os dominarei totalmente em minha vingança, porque eles fizeram mais mal por seus maus exemplos do que o fariam se não houvessem sido indivíduos públicos”. Por isso, vemos que a corrupção do povo é imputada aos príncipes e, por conseguinte, a mui horrenda vingança divina é anunciada sobre eles.

Mas precisamos ter em mente o que eu disse antes, que o Profeta dá aqui, metaforicamente, o nome de marcos limítrofes ao culto legítimo de Deus e a tudo o mais que haja determinado ao povo, para que esse fosse sua possessão certa, como os campos entre os homens são normalmente separados por divisas, a fim de que todos possam preservar o que é seu. Segue-se —

Oséias 5.11

11. Efraim está oprimido *e* quebrantado no julgamento, porque voluntariamente caminhou após o mandamento.

11. Praedae expositus est Ephrain (*vel*, direptus est; עשׁק *significat diripere et praedari*,) fractus judicio: quia volens ambulavit post mandata.

Aqui, outra vez, o Profeta revela que a vingança de Deus seria justa contra Israel, por que esse, de bom grado, seguia os ímpios éditos do rei. Certamente, podia parecer que o povo fosse escusável, já que a religião não fora mudada pela voz desse, por pública anuência ou por alguma invenção da população, mas somente pelo tirânico querer do rei: Jeroboão não foi induzido por superstição, mas por maldade sutil, para erigir altares alhures e não em Jerusalém. Então, podia ter parecido que o povo fosse inculpável; pois só o rei projetou esses artifícios para se proteger do perigo. Contudo, o Profeta demonstra que todos estavam envolvidos no mesmo delito diante de Deus, porque o povo adotou, com espontaneidade, as formas ímpias de culto que o rei ordenara. Por isso, ele diz que *Efraim está exposto à pilhagem,* que ele *está quebrantado pelo juízo* (ou, "será quebrantado", pois as palavras podem ser vertidas no tempo futuro). Que o povo pois estivesse assim despedaçado e, no futuro, também fosse suportar coisas muito mais dolorosas, não era, como ele Profeta diz, porque aquele tinha de sofrê-las imerecidamente, pois que não era inocente. Como assim? Porque voluntariamente acatou as ordens do seu rei; pois o rei não o forçou a abandonar a doutrina da lei, mas todos, intencionalmente, foram após as ímpias superstições. Visto então que de bom grado obedecesse ao seu rei, não podia ora se desculpar, não podia objetar que isso era feito por um único homem e que não lhe fora admitido deliberar com ele. A prontidão do povo provava que esse era pérfido.

Alguns traduzem הואיל, ***ho'il,*** iniciar, e יאל, ***ya'al,*** é freqüentemente interpretado nesse sentido: mas, como mais freqüentemente significa "estar disposto", o Profeta, indubitavelmente, quer aqui dizer que os israelitas não foram coagidos, pela força e pelo medo, a se transviarem após as superstições; mas que eles eram expeditos e prontos a obedecerem, pois não havia neles nenhum temor de Deus, nenhuma religião. Se alguém ora perguntasse se são escusáveis aqueles que são tiranicamente arrastados para as superstições, como vemos ser feito sob o Papado, a resposta é rápida, que não são aqui absolvidos aqueles que prezam mais os homens do que Deus: nem é o terror, como conhecemos, uma desculpa suficiente quando preferimos nossas próprias vidas à glória divina, e quando, inquietos para prover para nós mesmos e evitar a cruz, negamos a Deus ou voltamos atrás para não fazer uma confissão da fé reta e pura: mas a culpa é dobrada quando os homens facilmente condescendem com algo mandado por tiranos; pois demonstram que já estavam completamente inclinados a menosprezar Deus e negar a religião verdadeira. Por isso, a impiedade de Jeroboão expôs a incredulidade e imoralidade corrente do povo inteiro; pois, assim que ele ergueu seu dedo e mandou aquele adorar a Deus de maneira corrompida, todos, jubilosamente, seguiram o ímpio decreto. Então, ofereceu-se-lhes uma ocasião: mas o mal dantes morava em seus corações, pois não estavam tão inclinados e prontos a obedecerem a Deus. Percebemos agora, então, o que o Profeta tinha em vista.

Ele diz que Deus, com justiça, puniria a todos os israelitas, sim, os do povo ordinário, até; pois, ainda que apenas Jeroboão lhes tivesse mandado cultuar Deus de forma corrupta, todavia, todos eles, de bom grado, abraçaram o que ele desejava que fosse feito: e, desse modo, tornou-se manifesto que não possuíam em si nenhum temor de Deus. Entendemos, agora, quão vã é a desculpa daqueles que dizem que devem obecedecer aos reis e, em seguida, abandonam a palavra de Deus: pois o que o Profeta condena aqui, senão que os israelitas houvessem sido por demais submissos ao rei deles? "Mas isso, em si mesmo, era digno de encômio". Verdade, se o rei nada ordenasse contrário à palavra divina; porém, quando ele perverteu o culto de Deus, quando ele

instituiu superstições impuras, então o povo devia ter-lhe firmemente resistido: porém, como esse era demasiadamente flexível, mais do que isso, com prazer se permitiu ser arrastado do puro culto divino, o Profeta aqui diz que ele não tinha razão alguma para se queixar que fosse castigado com excessiva violência e severidade pelo Senhor. Segue-se —

Oséias 5.12

12. Por conseguinte, *serei* eu para Efraim como uma traça, e à casa de Judá, como podridão.	**12.** Et ego tanquam tinea ipsi Ephraim, et tanquam putredo (*vel*, caries; *quanquam alii vertunt*, Teredinem, *qui est etiam vermiculus, qui nascitur in lignis*) domui Jehudah.

Agora, Deus anuncia punição comum sobre os dois reinos; mas ele não fala aqui como outrora, ele não diz que sua fúria seria como um dilúvio que submergiria e afogaria o povo. Qual seria, então? Ele se compara a pequeninos carunchos que roem a madeira e consomem panos; ou, à podridão; pois, como dissemos, a segunda palavra é para ser assim compreendida, visto como רקב, ***rakav,*** é, propriamente, podridão, e é derivada de רקב, ***rekab,*** apodrecer; é, pois, podridão, ou putrescência. Mas, como eu disse, alguns vertem-na, "uma larva"; e há uma razão provável para tal, pois que ele primeiro mencionou traça; e esses dois, traça e larva[32], seriam mais adequados um ao outro do que traça e podridão. No entanto, o que o Profeta quer dizer não é de modo algum obscuro, e é que o Senhor, por uma lenta corrosão, consumiria ambos os povos; que, embora não os destruísse por uma investida, todavia eles definhariam até que ficassem de todo carcomidos. Eis o sentido.

Mas devemos observar por que o Profeta empregou essa metáfora: era para que os israelitas e judeus entendessem que, conquanto o Senhor, em certa medida, retivesse sua mão de pousar pesadamente sobre eles, e que, conquanto os poupasse, todavia, eles não estariam seguros, porque, pouco a pouco, sentiriam uma lenta decadência, que os consumiria. E o Senhor pretendia, dessa maneira, levar o povo ao arrependimento; mas ele coisa nenhuma conseguiu: pois a dureza desse era tal que não sentia tal declínio paulatino; visto como aqueles que são estúpidos não são movidos se não sentirem uma atrocíssima dor, eles julgam que estão agindo bem, e lutam contra sua doença: vemos muitos dessa espécie. Por esse motivo, o Profeta, aqui, os faz lembrar de que, ainda que o Senhor não fulminasse publicamente os israelitas e os judeus, todavia, em vão se vangloriavam eles, pois que o Senhor lhes seria uma traça e uma larva; isto é, que, por mais que os consumisse gradualmente, todavia, estariam grandemente iludidos se não percebessem que tinham de lidar com ele.

A principal instrução é que Deus não pune os homens sempre da mesma maneira; pois trata com eles diferentemente, ou para promover sua salvação, ou para fazer com que, dessa forma, fiquem mais indesculpáveis. Destarte, Deus, por vezes, extravasa sua severidade mas, em outras, ele lentamente nos castiga. Mas, seja qual for a maneira, somos lembrados de que não devemos adormecer quando Deus nos desperta; nem esperar até que ele surja como um leão ou um urso, até que nos devore, até que se encolerize contra nós com fúria aterradora. Somos pois lembrados de que não há razão alguma pela qual devamos esperar por isso; mas que, quando Deus nos consome gradualmente, deve instantaneamente ocorrer a nós que, embora a traça e a larva sejam apenas insetos mui pequenos, dificilmente vistos, todavia, uma árvore rija e firme é consumida por esses pequenos bichos, ou por seu carcoma; e que os panos são consumidos com podridão quando a traça

---

[32] "Que isso signifique algum tipo de verme ou larva, eu não tenho dúvidas, porque a regra do paralelismo exige algum inseto roedor, para que possa corresponder com עש, a traça" — *Bp. Horsley* (N. do E. inglês.)

entra neles; vemos mobília valiosa perecer. Visto que é assim, não há motivo nenhum para os homens ficarem seguros quando Deus exibe algum sinal de sua ira, ainda que não derrame sua horrível vingança, mas seja como uma putrefação oculta. Percebemos agora o que Oséias quis dizer nesse versículo. Segue-se agora —

Oséias 5.13

13. Quando Efraim viu sua enfermidade, e Judá *viu* sua ferida, então Efraim foi aos assírios, e enviou ao rei Jarebe: todavia, ele não podia vos sarar, nem curar a vós de vossa chaga.

13. Et vidit Ephraim dolorem suum (morbum suum *potius*,) et Jehudah vulnus suum: profectus wst Ephraim ad Assur, et misit ad regem Jareb: ipse tamen non potuit mederi vobis, et non sanabit a vobis vulnus (*dicunt Hebraei*, sanare ab aliquo vulnus *pro* auferre vulnus: *potius Latine dicendum est*, non sanabit vos a plaga.)

O Senhor aqui lamenta que debalde castigara os israelitas pelos meios usuais, pois eles achavam que possuíam remédios prontos para si, e voltavam suas mentes às esperanças vãs. Tal é comumente feito pela maioria dos homens; pois, quando o Senhor trata brandamente conosco, não percebemos sua mão, mas pensamos que os males que sucedem a nós vêm por acaso. Então, como se nada tivessem a ver com Deus, procuramos remédios, voltando nossas mentes e pensamentos a outras partes. Isto, então, é o que Deus ora censura nos judeus e israelitas: *Efraim,* ele diz, *viu sua enfermidade, e Judá sua ferida.* O que então ele censurou? *Efraim foi à Assíria,* diz, *e enviou ao rei Jareb,* isto é: "Eles não retornaram a mim, mas julgaram que possuíssem remédios em sua mão; e, assim, tornou-se vão o trabalho que eu tive para corrigi-los". Esse é o significado.

Ele diz que *Efraim tinha visto sua doença e Judá, sua chaga:* mas não é certo entender isso desta forma, como se eles atentassem bem às causas dessas; pois os ímpios estão cegos às causas dos males, e apenas prestam atenção à sua presente tribulação. Eles são como homens imoderados, os quais, quando as moléstias os atacam, sentem febre, dor de cabeça e outros sintomas, ao mesmo tempo, não há preocupação alguma pela enfermidade, nem inquirem mesmo o quanto arranjaram tais dores por si próprios, para que busquem medicamentos adequados.

Assim, *Efraim conheceu sua doença,* porém, simultaneamente, descuidou da causa daquela, e só foi movido por causa da sua dor atual. Desse modo, também *Judá conheceu seu ferimento;* porém, não percebeu que foi atacado e ferido pela mão divina; mas só foi abalado por sua presente dor, como os animais inferiores, que sentem o golpe e suspiram, embora não tenham, entrementes, nem razão nem siso para compreender de onde, ou por que causa o mal lhes adveio. Em uma palavra, o Profeta condena aqui essa brutal estupidez em ambos os povos; pois até aqui não tinham tirado benefício de estarem sob o cajado de Deus para regressarem a ele, mas, ao contrário, eles buscavam outros remédios; porque a letargia havia se apoderado de suas mentes de tal forma que não cuidavam que fossem castigados por Deus e que isso fosse feito por razões justas. Como pois coisa alguma semelhante vinha à mente deles, mas somente se sentiam enfermos e afligidos tal como as bestas, foram aos assírios e voltaram os olhos ao rei Jarebe.

Aqui, o Profeta parece invectivar somente contra as dez tribos; mas, conquanto ele expressamente fale do reino de Israel, não há dúvida de que acusava também aos judeus juntamente. Por que então ele indica somente Efraim? [33] Precisamente porque o início desse mal principiou no

[33] *Horsley* pensava que houvesse uma palavra omitida antes de "enviou", e supunha ser "Judá", para que as duas partes do versículo pudessem se corresponder, visto que tanto Judá quanto Efraim são citados na primeira parte do versículo. Houvesse ele bem ponderado a razão dada aqui por Calvino, ele não teria julgado necessária uma tal adição. Emendas

reino de Israel: pois foi o primeiro que foi ao rei de Assur, para que pudessem, pela ajuda desse, resistir aos sírios, vizinhos de Israel: os judeus, posteriormente, seguiram o exemplo daqueles. Visto pois que os israelitas ofereceram um precedente para os judeus mandarem pedir auxílios dessa espécie, o Profeta, expressamente, limita seu discurso a eles. Mas não há dúvida, como eu já disse, de que a acusação fosse comum.

Percebemos agora o que o Profeta quis dizer: *Efraim,* diz, *viu sua enfermidade, e Judá, sua chaga;* isto é: "Ainda que eu, como uma traça e uma larva, consuma o reino de Israel tanto quanto o reino de Judá, e eles se sintam como estando, por assim dizer, decaindo, e, ainda que a sua doença devesse tê-los levado à penitência, todavia, não voltam seus pensamentos para outro lugar; até supõem que podem ficar sadios procurando um remédio, ou dos assírios ou de alguns outros: assim, aconteceu de se apressarem à Assíria e buscarem ajuda do rei Jarebe". Vemos, então, em resumo, que a estupidez e dureza do povo são aqui objurgadas, porque, com tais males, esse não voltou para se arrepender.

Alguns acham ter sido Jarebe uma cidade na Assíria; mas não há base para essa conjectura. Outros supõem que Jarebe fosse um rei vizinho aos assírios, e a ele se foi quando esses passaram, de amigos e confederados, a inimigos, e invadiram o reino de Israel; contudo, tal conjectura também não possui fundamentos sólidos. Pode ter sido o nome próprio de um homem, e eu prefiro entendê-lo assim. Pois parecia desnecessário ao Profeta falar aqui de muitas tropas estrangeiras; mas, conforme o modo dos hebreus, ele repete a mesma coisa duas vezes. Alguns vertem-no, *desforrar;* pois que eles mandaram chamar aquele rei, precisamente o assírio, como vingador. Porém, tal interpretação também é forçada. Parece-me mais simples o que já disse, que eles mandaram chamar os assírios, ou seja, o rei Jarebe.

Segue-se depois, *Não obstante, ele não pode curar a vós, nem vos sarará da vossa ferida.* Deus, aqui, declara que, seja o que fosse que os israelitas buscassem, seria em vão. "Vós pensais", ele diz, "que podeis escapar da minha mão por esses remédios; contudo, vossa loucura finalmente se denunciará, pois ele não vos auxiliará em nada; ou seja, o rei Jarebe não vos curará". Nessa oração, o Profeta mostra que, a menos que voltemos imediatamente a Deus, quando ele nos adverte por seus flagelos, debalde será para nós procurar aqui e acolá por remédios: pois, neste mundo, muitos encantos vêm em nosso caminho; mas, quando esperamos por algum alívio, o Senhor, por fim, prova que estamos iludidos. Há, então, apenas um remédio — ir diretamente a Deus; e isso é o que o Profeta quer dizer, e essa é a aplicação da presente doutrina. Ele dissera antes que Efraim sentira suas moléstias e Judá, suas chagas; isto é: "Eu os conduzi assim até agora, para que eles tivessem reconhecido a si mesmos como estando doentes; porém, eles não têm continuado como deveriam, para que retornassem a mim: pelo contrário, eles se desviaram para o rei Jarebe e as outras ilusões". Segue-se então: "Mas tais remédios, em vez disso, vieram a ser prejudiciais a vós; eles certamente não vos foram de proveito". Segue uma confirmação dessa frase —

---

conjecturais, na maioria das vezes, surgem pelo mesmo motivo — de não entenderem o intuito e a finalidade do escritor sagrado. (N. do E. inglês.)

Oséias 5.14

14. Pois eu *serei* para Efraim como um leão, e como um leãozinho à casa de Judá: eu, eu *mesmo,* dilacerarei e irei embora; arrebatarei, e ninguém *o* resgatará.

14. Quia ego tanquam leo ipsi Ephraim, et tanquam leunculus domui Jehudah: ego, ego rapiam, et abibo; tollam et nemo eripiet.

Como eu disse, o Profeta confirma esta verdade: que Israel, em vão, acudia aos falsos médicos quando deixaram Deus. Como assim? Porque o mundo inteiro, mesmo se estiver a nosso favor, não obstante, não pode nos ajudar contra a vontade de Deus e seu poder adversário. Mas Deus aqui declara que seria hostil aos israelitas; como se dissesse: "Muni vós de auxílios humanos tanto quanto vos agradar; porém, o assírio será superior a mim em poder? Pode ele impedir a mim de vos perseguir como eu hei determinado?" Desse modo, Deus demonstra que trataria de uma maneira nova e diferente com os israelitas e judeus: "Eu não mais", diz ele, "serei como uma traça e uma larva; eu virei a vós semelhante a um leão, com uma boca aberta para vos devorar: agora, que o rei assírio apareça, quando eu for assim armado contra vós; pode ele colocar qualquer obstáculo em meu caminho, para que eu não execute minha vingança, como bem me parecer?" Percebemos agora, então, o desígnio do Profeta.

Ele havia dito que Deus puniria os israelitas e judeus, consumindo-os progressivamente, para que houvesse mais tempo para arrependimento: contudo, ele diz que isso seria inútil, pois eles não julgavam que isso fosse feito seriamente. Por isso, eles se enganavam com vãs falácias. O que, então, restaria ao fim? Precisamente isto: "Eu", diz ele, "assumirei um novo aspecto e irei à batalha: eu vos serei *como um leão e um leãozinho;* eu me enfureço contra vós como um animal selvagem feroz: vosso agravo não será agora por traças e larvas; mas tereis uma franca e pavorosa luta com o leão e o leãozinho. De que pois vos aproveitará o rei assírio?" E este ponto ensina que os homens, quando tentam contrapor inúteis auxílios à ira de Deus, só ganham isto: provocá-la mais e mais, inflamando-a contra si próprios. Após haver primeiro roído, ele, afinal, devorará; após haver picado, ele ferirá profundamente; após haver golpeado, ele destruiria inteiramente. Tudo isso trazemos sobre nós mesmos com nossas perversas tentativas, quando experimentamos buscar escapatórias por nós próprios. Então, se voluntariamente excitarmos o descontentamento de Deus, de modo que ele surja como um leão, e se encolerize contra nós com toda a força da sua ira, tenhamos a cautela de não nos ludibriarmos com consolações vãs.

Por conseguinte, ele diz: *Eu, eu tirarei,* ou "espedaçarei", ou, "farei em pedaços"; pois טרף, ***taraph,*** significa isso, propriamente, e está mais de acordo com o restante do contexto. "Então, como leões e leõezinhos estão acostumados a fazer, eu despedaçarei, membro por membro, o povo todo". Em seguida, ele diz: Eu *partirei* como um leão, o qual, após haver desfrutado de sua presa, parte como conquistador mais corajoso, não sendo afugentado, pois não é demovido por medo algum. Assim, também o Profeta diz: "Que o rei assírio venha, ele não me constrangerá a me retirar, nem salvará de mim os despojos: e, quando eu estiver saciado com vossa destruição, não terei então qualquer receio do rei assírio, de forma a, furtivamente, fujir para longe, como as raposas têm por hábito fazer; não pelejarei de maneira ladina; mas irei adiante abertamente, minha violência será bastante para pô-lo em fuga: desse modo, afastar-me-ei de meu acordo; pois vossos auxílios não me darão ensejo ao medo. *Eu apresarei,* ele diz, e ninguém socorrerá". Apreendemos agora inteiramente o que o Profeta quis dizer.

Oséias 5.15

15. Irei *e* regressarei para o meu lugar, até que eles reconheçam sua transgressão e busquem minha face: em sua aflição, procurar-me-ão cedo de manhã.	**15.** Ibo, revertar ad locum meum, donex agnoscant se peccasse (*ad verbum est*, peccare,) et quaerant faciem meam: ubi fuerit ipsis afflictio, properabunt ad me (*vel*, me quaerent.)

A palavra שׁחר, ***shachar,*** significa manhã: logo, o verbo quer dizer "procurar cedo", ou, "levantar cedo", como fazem os homens quando se aplicam com diligência a alguma coisa: porém, em muitos lugares da Escritura, é adotado simplesmente no sentido de procurar; e esse sentido simples parece o mais ajustado aqui: *Eles buscar-me-ão em sua tribulação.* Deus aqui declara que, após haver ficado terrivelmente enfurecido contra ambos os reinos de Judá e de Israel, ele, por um tempo, permaneceria silencioso e esperaria do céu o que eles fariam. Ele então acrescenta: "Eles por fim voltarão a uma mente sã: quando perceberem a parte final, então eles, havendo perdido sua perversidade, admitirão seus pecados e verdadeiramente ficarão humilhados". Essa é a significação.

O modo de falar parece estranho, quando Deus diz que irá embora;[34] pois ele não se esconde assim no céu, para que descure dos negócios humanos, nem retira sua mão, mas sustenta o mundo pelo exercício contínuo de seu poder, tampouco, ainda retira seu Espírito dos homens, especialmente quando os conduz ao arrependimento; pois jamais os homens, de moto próprio, voltam-se a Deus, senão por sua influência oculta. O que, então, ele quer dizer com isto: *Irei e retornarei ao meu lugar?* Ora, certamente ele fala aqui do estado externo do povo: o sentido então é: "Depois de os dois reinos se findarem, então eu, por algum tempo, ocultarei minha face dos dois povos; e eles pensarão que eu não me importarei pela salvação deles; acharão que foram removidos para longe de mim". Por essa razão, vemos aqui que o Profeta somente se refere ao que seria a condição exterior do povo; e, depois, vemos também que tais formas de falar são acomodadas às percepções dos homens. Deus também fala de si mesmo dessa forma em Isaías 18, ainda que com uma finalidade diversa; todavia, o Profeta expressa ali, na realidade, a mesma coisa; 'Eu descansarei', diz, 'e esperarei no meu tabernáculo'. O que era aquele remanescente de Deus, e o que era seu tabernáculo? Ora, quando Deus exerce seus juízos, nós somos então obrigados a sentir sua presença e, quando ele amavelmente nos favorece e exibe a bondade de um Pai, ele, então, realmente se nos mostra propício: contudo, quando ele não nos visita por nossos pecados, nem nos dá sinais de sua mercê, dá a impressão de se afastar de nós, e de não demonstrar nenhuma consideração por nossa vida. Compreendemos agora, pois, que o Profeta fala da época do exílio; como se dissesse: "Após Deus executar seu julgamento cabal contra vós, e ficardes assemelhados no exílio, Deus então vos desamparará, como se de maneira alguma vos estimasse, mas estivesse esquecido de vós; pois ele deixar-vos-á ficar ali, precisamente na Caldéia e na Assíria; e, então, não vos enviará nenhuma luz de salvação. Portanto, Deus estará, por assim dizer, inativo no céu". Isso é uma coisa.

---

[34] Em suas *Institutas*, Calvino faz o seguinte comentário sobre essa passagem, usada por muitos para supostamente provar a teoria do livre-arbítrio: "Os nossos oponentes costumam fazer objeção a algumas outras passagens, nas quais é demonstrado que, às vezes, Deus retira a sua graça dos homens para ver para que lado se voltarão eles. Como quando ele diz em Oséias: 'Eu me retirarei, até que eles deliberem em seu coração e resolvam seguir-me'. Seria uma coisa ridícula, dizem eles, querer verificar se os homens seguirão o seu caminho, a não ser que o coração deles fosse capaz de inclinar-se para um lado ou para o outro por seu próprio poder. Como se não fosse comum Deus dizer, por meio dos seus profetas, que rejeitaria o seu povo e o abandonaria até que ele se corrigisse. E consideremos o que de fato eles querem inferir disso. Porque, se eles dizem que, sendo abandonado por Deus, o povo pode converter-se por si mesmo, toda a Escritura os contradiz. Se confessam que a graça de Deus é necessária para a conversão do homem, essas passagens de nada lhes servem para a sua luta contra nós.

Mas eles dirão que a confessam necessária e que, entretanto, o homem pode realizar algo. Onde encontram eles provas do que afirmam? Certo é que não é na passagem aqui em foco, nem noutras semelhantes!" (*As Institutas*, Edição especial, vol. 1, p. 155). (N. do E. português)

Mas, ao mesmo tempo, o Profeta mostra o desfecho final, ou seja, que eles, posteriormente, retornariam ao Senhor; e ele afirma que tal é também o propósito divino: *Até eles reconhecerem,* diz, *que pecaram.* Pois é o princípio da cura quando os homens consideram a causa de sua enfermidade. Ele tinha dito antes que Israel via sua moléstia, mas não de um modo certo; pois a origem dela estava escondida dele, e continuava até agora escondida. Mas, agora, o Profeta claramente mostra que é buscar a Deus quando o povo admite e confessa seus pecados. Essa palavra ocorre de maneira contínua na Escritura quando se fala de sacrifícios. Destarte, diz-se pois que os homens pecam, até que venham perante Deus, fazendo autêntica confissão, até que reconheçam sua culpa e implorem por perdão. Assim também aqui ele diz: *até que eles confessem que têm pecado, eu, por um tempo, me ocultarei.* E ele adiciona: "eles procurarão a minha face". Eis a segunda coisa na obtenção da salvação — buscar a face de Deus: pois somos reconciliados com ele, sabemos, por arrependimento e fé; não que a penitência nos granjeie perdão, mas porque é imprescindivelmente exigida; é uma causa, como dizem, indispensável.

O primeiro passo para a cura, então, como já dissemos, é ser tocado com tristeza, quando percebemos que provocamos a ira divina e, assim, nossos pecados nos desgostam. Porém, aquele que é desse modo, por si mesmo, tornado um pecador, isto é, aquele que começa a ser o seu próprio juiz, deve, em seguida, acrescer esta segunda coisa — buscar a face de Deus, isto é, apresentar-se como suplicante diante dele, pedindo perdão; e isso procede da fé. É, pois, ao arrependimento que a palavra אשם, ***'asham,*** diz respeito, que é "reconhecer pecado": e "buscar a face de Deus" faz, devidamente, parte da fé.

Agora, vejamos qual é a aplicação dessa doutrina quanto aos dois povos. Quando os israelitas e os judeus viveram no exílio, era-lhes de grande benefício ter isto certificado: que Deus estava ocultando sua face por um momento, para que oferecesse a eles tempo para se arrependerem; isso é uma coisa. Ora, quando os homens prudentemente atentam a isto — que devem procurar Deus, e que se arrependam — eles ficam encorajados; e essa é a mais penetrante ferroada para despertar os homens, para que não mais fiquem torpes em seus vícios: e isso é o que o Profeta quis dizer. Quando o Senhor banisse ao exílio tanto os judeus quanto os israelitas, que não julgassem que, conquanto por um período ele parecesse rejeitá-los, estivessem totalmente desamparados; pois, até agora, um tempo oportuno para a penitência lhes fora dado. Em seguida, ele descreve o meio de reconciliação, ou seja, que eles *reconhecessem que pecaram*, e depois procurassem a face de Deus.

E, simultaneamente, ele torna conhecido o fruto da aflição, e diz: *onde a aflição com eles estiver, então me buscarão.* O Profeta demonstra aqui que o exílio, embora mui amargo a Israel, todavia, seria útil; como quando um médico dá umas doses amargas ou é compelido a empregar medicamento forte, para curar uma doença crônica, assim o Profeta mostra que tal punição seria proveitosa ao povo, e até agradável, por mais que pudesse ser amarga por um período. Como assim? Pois eles retornarão ao Senhor; e ele diz manifestamente, "eles me buscarão". Ele inclui nessa expressão ambas fé e esperança; pois não separa as duas orações como antes, mas revela, de modo geral, que o fim da aflição seria que o povo regressaria a Deus. No tocante à expressão, "buscar cedo", eu já disse que não aprovo esse significado; pois nem os israelitas nem os judeus procuraram Deus logo, mas foram, com dificuldade, após um longo período e uma longa série de setenta anos, por fim levados ao arrependimento. Que sorte de buscar cedo era essa? Eu, pois, não subscrevo a tradução da palavra como 'eles me buscarão cedo'; porém, como tenho dito, a simples idéia de "buscar" é mais adequada.

ORAÇÃO

Conceda, Todo-Poderoso Deus, que, visto como continuamos com freqüência a acender tua ira contra nós por nossos inumeráveis pecados — ó, permita que, quando tu avisares e quiseres restaurar-nos ao reto caminho, sejamos, pelo menos, flexíveis, e sem detença atentemos aos flagelos da tua mão, e não esperemos pela severidade extrema, mas arrependamo-nos a tempo; e que busquemos a ti de verdade e de coração, que não ponhamos falso arrependimento, mas lutemos para nos devotar inteiramente a ti, mediante Jesus Cristo nosso Senhor. Amém.

CAPÍTULO 6

DÉCIMA-SEXTA DISSERTAÇÃO

Oséias 6.1

1. Vinde, e retornemos para o SENHOR: pois ele nos dilacerou, e nos curará; ele feriu, e nos pensará.	**1.** Venite et convertamur ad Jehovam, quia ipse rapuit et sanabit nos; percussit et alligabit plagas nostras.

No último capítulo, o Profeta disse que os israelitas, após haverem sido subjugados por castigos e julgamentos, novamente voltariam atrás, deixando de seguir o erro para buscarem a Deus. Porém, como o terror afasta os homens do acesso a Deus, esse ora acrescenta que a medida das aflições não seria tal que desencorajasse as mentes deles e produzisse desesperança; antes, contudo, incutiria neles a garantia de que Deus ser-lhes-ia propício: e, para que ele Profeta apresentasse isso da melhor forma, introdu-los dizendo: *Vinde, vamos ao Senhor:* e tal modo de falar é mui enfático.

Mas devemos saber que a razão aqui dada, pela qual os israelitas podiam regressar, em segurança e confiança certa, a Deus, é que eles reconheceriam como ofício dele o curar, após haver ferido, bem como trazer remédio para as feridas que ele havia infligido. O Profeta quer dizer, por essas palavras, que Deus não pune os homens para derramar sobre eles a sua ira para destruição; mas que, ao contrário, pretende promover a salvação deles quando é severo em punir seus pecados. Então, temos de lembrar, como observamos anteriormente, que o início do arrependimento é uma percepção da misericórdia divina; ou seja, quando os homens ficam persuadidos de que Deus está pronto para dar perdão, eles, então, começam a criar coragem para se arrependerem; caso contrário, a perversidade sempre aumentará neles, por mais que o seu pecado os apavorem, todavia, nunca retornarão ao Senhor. E, tendo isso em vista, eu citei noutra parte aquela notável passagem no Sl 130: 'Contigo está a misericórdia, para que sejas temido'; pois não podem os homens obedecer a Deus de coração verdadeiro e sincero, a não ser que uma amostra de sua bondade os atraia, e eles possam com certeza decidir que não retornarão a ele debalde, mas que ele estará pronto, como dissemos, a lhes perdoar. Esta é a significação das palavras quando ele diz: *Vinde, e voltemos ao Senhor; pois ele nos despedaçou e nos curará;* isto é, Deus não aplica sobre nós chagas mortais; mas fere para curar.

Ao mesmo tempo, algo mais fica explicitado nas palavras do Profeta, e é isto, que Deus jamais lida tão rigidamente com os homens, mas que Deus sempre dá lugar para a graça. Pois pela palavra, *despedaçado,* o Profeta alude àquele pesado juízo do qual ele outrora falara na pessoa de Deus: o Senhor então fez com que ele mesmo fosse como um cruel animal selvagem: "Eu serei como um leão, eu devorarei, eu despedaçarei, e ninguém tomará a presa que eu já tiver capturado". Deus desejava então mostrar que sua vingança contra os israelitas seria horrível. Ora, ainda que Deus tratasse-os com muita violência, eles, todavia, não deviam ficar desesperançados do perdão. Então, como quer que descubramos estar Deus por um tempo, como um leão ou um urso, não obstante, como é ofício próprio dele curar após haver dilacerado, pensar as feridas que infligiu, não há motivo algum pelo qual nos furtemos de sua presença. Percebemos que o desígnio das palavras do Profeta era demonstrar que castigo nenhum é tão severo que deva quebrantar nossos espíritos, mas que devemos, nutrindo esperança, excitarmo-nos ao arrependimento. Tal é a intenção da passagem.

Outrossim, é necessário observar aqui que os fiéis, em primeiro lugar, encorajam-se sim a si próprios, para que possam em seguida guiar a outros com eles; pois é esse o sentido das palavras. Ele não diz: "Vá, retorne a Jeová"; mas: *Vinde, retornemos para Jeová*. Vemos então que cada um começa consigo mesmo; e, depois, que eles mutuamente se exortam; e isso é o que tem de ser feito por nós: quando alguém envia seus irmãos a Deus, ele não considera sua própria excelência moral, já que deve antes mostrar o caminho. Que todos, pois, aprendam a se estimularem; e então, que estendam as mãos aos outros, para que esses acompanhem. Simultaneamente, somos lembrados de que devemos nos incumbir do cuidado de nossos irmãos; pois seria uma vergonha alguém ficar contente com sua própria salvação, porém, negligenciar assim seus irmãos. É pois necessário ajuntar essas duas coisas — incitar-nos à penitência e, em seguida, tentar guiar outros conosco. Cotinuemos então —

Oséias 6.2

2. Após dois dias ele reviver-nos-á: no terceiro dia nos levantará, e viveremos em sua presença.	**2.** Vivificabit nos post biduum, die tertio suscitabit nos, et vivemus in conspectu ejus (*vel*, coram facie ejus.)

Os escritores hebreus falseiam este ponto, pois acham que ainda devem ser redimidos pela vinda do Messias; e imaginam que isso será o terceiro dia: pois Deus uma vez os tirou do Egito, essa foi a primeira vez deles; depois, na segunda, reintegrou-os à vida, quando os trouxe de volta do cativeiro babilônico; e quando Deus, pela mão do Messias, reuni-los da dispersão, essa, dizem eles, será a terceira ressurreição. Contudo, essas são concepções frívolas. Não obstante, aqui é geralmente atribuído a Cristo, declarando que Deus, depois de dois dias, no terceiro ressuscitaria sua Igreja; pois Cristo, conhecemos, não reviveu pessoalmente para si próprio, mas para seus membros, visto ser ele as primícias daqueles que ressuscitarão. Tal sentido não parece pois inadequado, ou seja, que o Profeta aqui encoraja os fiéis para acalentar esperança de salvação, pois que Deus vivificaria seu Filho unigênito, cuja ressurreição seria a vida comum da Igreja inteira.

Todavia, tal sentido parece-me por demais rebuscado. Devemos sempre nos lembrar disto, que nós não voamos no ar. Especulações sutis agradam à primeira vista, mas depois se desvanecem. Que todos, então, que desejam obter proficiência nas Escrituras guardem sempre esta regra — apanhar dos Profetas e apóstolos somente o que é sólido.

Vejamos agora o que o Profeta queria dizer. Ele aqui acrescenta, não tenho dúvidas, uma segunda fonte de consolação, isto é, que, se Deus não revivificasse de imediato seu povo, não haveria razão alguma para a delonga causar enfado, como sói acontecer; pois percebemos que, quando Deus permite-nos que desfaleçamos por muito tempo, nossos espíritos fraquejam; e aqueles que, no início, parecem animados e corajosos o bastante, no decorrer do tempo ficam abatidos. Como, pois, a paciência é uma virtude rara, Oséias aqui nos exorta a pacientemente agüentar a demora, quando o Senhor não nos reviver de imediato. Deste modo, então, os israelitas diziam: *Depois de dois dias Deus nos ressuscitará; no terceiro dia ele nos levantará à vida.*

O que eles entendiam por dois dias? Precisamente sua longa aflição; como se dissessem: "Embora o Senhor não nos liberte de nossas misérias no primeiro dia, mas adie por mais tempo nossa redenção, nossa esperança, todavia, não deve falhar; pois Deus pode ressuscitar cadáveres de seus túmulos tanto quanto restaurar a vida em um instante". Quando Daniel pretendeu mostrar que a aflição do povo seria por muito tempo, ele diz: 'Após um tempo, tempos, e meio tempo' (Daniel 7.25.) Tal modo de falar é diferente, mas aí, quanto à acepção, é a mesma. Ele diz, 'após um tempo', isto é, depois de um ano; que seria tolerável: mas segue-se, 'e tempos', ou seja, muitos

anos: em seguida, Deus encurta aquele período, e traz redenção em uma ocasião quando menos se esperava. Oséias menciona aqui dois anos, porque Deus não afligiria seu povo por um único dia, porém, como vimos antes, subjuga-os gradualmente; pois a perversidade do povo persistira tanto que não podia esse ser curado logo. Quando as doenças fincam raízes por um longo período, elas não podem ser saradas desde já, mas há necessidade de lentos e variados remédios; e, se um médico for tentar afastar imediatamente uma enfermidade que tenha de todo tomado conta de um homem, decerto não o curará, mas tirará sua vida: assim também, quando os israelitas, por sua longa obstinação, tornaram-se quase incuráveis, foi preciso levá-los ao arrependimento por paulatinas punições. Por isso eles disseram: *Após dois dias Deus nos reviverá;* e, desse modo, eles se confirmavam na esperança de salvação, ainda que ela não aparecesse incontinenti: ainda que permanecessem de há muito nas trevas e fosse comprido o exílio que tinham de suportar, todavia, eles não desistiam de esperar: "Bem, que se passem os dois dias, e o Senhor nos revivificará".

Vemos que, aqui, uma consolação é oposta às tentações, que nos retiram a esperança de salvação quando Deus suspende sua mercê por mais tempo do que a nossa carne deseja. Marta disse a Cristo, 'Ele ora está nauseabundo, é o quarto dia'[35]. Ela julgava absurdo remover a pedra do sepulcro, pois que agora o corpo de Lázaro estava em decomposição. Mas Cristo, nesse caso, tencionava mostrar seu incrível poder restaurando um corpo em putrefação à vida. Assim, os fiéis dizem aqui: *o Senhor nos ressuscitará após dois dias:* "Conquanto o exílio seja semelhante ao sepulcro, onde a podridão nos aguarda, não obstante o Senhor, pelo seu poder inefável, superará seja o que for que pareça obstruir nossa restauração". Percebemos agora, como penso, o simples e genuíno sentido dessa passagem.

Porém, ao mesmo tempo, do que é dito aqui, não nego que Deus tenha exibido uma indescritível e memorável ocorrência com seu Filho unigênito. Então, tantas vezes quantas a dilação gerar enfado em nós, e quando Deus parecer haver deixado de lado todo cuidado por nós, fujamos a Cristo; pois, como foi dito, Sua ressurreição é um espelho da nossa vida; pois vemos naquela como Deus está habituado a lidar com seu povo: o Pai não restituiu a vida a Cristo assim que ele foi descido da cruz; ele foi depositado no sepulcro, e jazeu ali até ao terceiro dia. Quando Deus, então, pretender que nós desfaleçamos por um período, saibamos que estamos assim representados em Cristo, nossa cabeça, e, por essa razão, reunamos elementos de confiança. Temos pois em Cristo uma prova conspícua dessa profecia. Porém, em primeiro lugar, apoderemos do que dissemos, que os fiéis aqui obtêm esperança por si próprios, embora Deus não estenda imediatamente sua mão a eles, mas protele por um tempo sua graça de redenção.

Depois, ele adiciona: *Viveremos em sua vista,* ou *diante dele*. Outra vez aqui os fiéis fortalecem-se a si mesmos, pois Deus os favorece com seu semblante paternal, depois de haver por muito tempo lhes dado as costas: *Viveremos perante a sua face*. Pois, enquanto Deus não zelar por nós, uma destruição certa nos aguarda; mas, tão logo ele volta seus olhos para nós, inspira vida só por sua mirada. Então, os fiéis prometem esse bem para si próprios, que a face divina brilharia de novo após longas trevas: por isso, também, eles reúnem a esperança de vida, e, simultaneamente, retiram-se daqueles obstáculos todos que obscurecem a luz da vida; pois, embora corramos e vagueemos aqui e acolá, não conseguimos nos apossar da vida que Deus nos promete, visto como os encantos deste mundo são véus tão numerosos que frustram nossos olhos de ver a paternal face divina. Temos pois de lembrar que essa frase é acrescida para que os fiéis, quando aprazer a Deus voltar-se novamente para eles, não duvidem de que ele outra vez observa-os com atenção. Prossigamos então -

---

[35] Jo 11.39.

Oséias 6.3

3. Então conheceremos, *se* prosseguirmos em conhecer o SENHOR: sua saída está preparada como a manhã; e ele virá a nós como a última *e* a primeira chuva sobre a terra.	**3.** Et cognoscemus et persequemur ad cognitionem Jehovae: sicut aurora dispositus est egressus ejus, et veniet tanquam pluvia nobis, tanquam pluvia serotina pluvia terrae[36].

Neste versículo, os fiéis prosseguem o que eu anteriormente discuti, assegurando-se da esperança de salvação: nem é coisa para se maravilhar que o Profeta detenha-se mais completamente sobre este tópico; pois sabemos quão inclinados somos a acalentar dúvida. Não há nada mais custoso, em especial quando Deus exibe a nós sinais de sua ira, do que nos recobrarmos para que nos persuadamos realmente de que ele é nosso médico quando ele parece visitar nossos pecados. Neste caso, então, devemos lutar seriamente, pois nada pode ser feito sem labor. Por isso, os fiéis ora dizem: *Conheçamos, e prossigamos em conhecer Jeová.* Eles demonstram, pois, por tais palavras, que não tinham receio, mas que a luz surgiria depois da escuridão; pois este é o sentido das palavras: *Saberemos* então, eles dizem; isto é: "Ainda que agora haja trevas horríveis por todos os lados, contudo, o Senhor manifestará a nós sua bondade, mesmo que ela não apareça de imediato". Eles, por conseguinte, adicionam: *E prosseguiremos após o conhecimento de Jeová.* Percebemos agora o teor das palavras.

Ora, essa passagem nos ensina que, quando Deus oculta sua face, agiremos tolamente se alimentarmos nossa incredulidade; ao contrário, devemos, como eu já disse, combater essa destrutiva moléstia, visto como Satanás nada mais busca senão nos afundar no desespero. Esse seu ardil, então, deve ser conhecido por nós, como Paulo nos faz lembrar, (2.ª Coríntios 2.11); e aqui o Espírito Santo nos supre de armas, pelas quais podemos rechaçar esta tentação satânica: "O quê? Vejas que Deus está irado contigo; nem é de qualquer valia a ti aventurar-se a ir até ele, pois todo acesso está cerrado". Isso é o que Satanás nos sugere, quando estamos cônscios de nossos pecados. O que deve ser feito? O Profeta aqui propõe um remédio: *Conheceremos;* "Embora agora estejamos mergulhados em densas trevas, embora lá nunca brilhe sobre nós nem mesmo uma centelha de luz, todavia saberemos (como Isaías diz, 'eu esperarei no Senhor, que esconde sua face de Jacó') [37] que este é o verdadeiro exercício da nossa fé quando erguemos nossos olhos à luz que aparenta estar apagada, e quando, nas trevas da morte, nós, no entanto, continuamos a prometer a nós mesmos vida, como somos aqui instruídos: Nós *conheceremos* então; além disso, *prosseguiremos após o conhecimento de Jeová;* embora Deus desvie sua face, e, por assim dizer, de propósito duplique a escuridão, e todo conhecimento de sua graça esteja, no modo de dizer, extinto, não obstante, *prosseguiremos após tal conhecimento;* ou seja, nenhum obstáculo impedir-nos-á de pelejar, e nossos esforços por fim darão caminho àquela graça que dá a impressão de estar inteiramente excluída de nós".

Alguns dão esta tradução: *Conheceremos, e prosseguiremos para conhecer Jeová,* e deste modo explicam a passagem — que os israelitas não auferiram semelhante benefício da lei de Moisés, mas que ainda esperavam a doutrina mais completa que Cristo trouxe em sua vinda. Eles, então, acham que essa é uma profecia que diz respeito a tal doutrina, que está agora exposta a nós,

---

[36] A última oração, palavra por palavra, é a seguinte: "E ele virá como aguaceiro a nós, como a chuva da ceifa, irrigando a terra".

A referência aqui parece ser apenas à "chuva da ceifa", aquela que amadurecia a colheita. A única dificuldade é acerca da palavra traduzida por "irrigar". Sua idéia principal é guiar, dirigir, regular: e indubitavelmente o que regula e determina a produção da terra é a chuva. Ela pode ser vertida por "regular", isto é, a fertilidade da terra. Não há outra construção que se ajuste ao ponto sem supor algo omitido, como a preposição antes de "terra". "*A qual* rega a terra", é a versão de *Newcome.* (N. do E. inglês.)

[37] Isaías 8.17.

em seu brilho pleno, pelo Evangelho, porque Deus se manifestou em seu Filho como numa imagem vivente. Contudo, essa é uma interpretação por demais rebuscada; e nos é suficiente mantermo-nos próximo do desígnio do Profeta. Ele deveras apresenta os piedosos falando assim por esta razão — porque havia necessidade de grande e forte empenho, para que eles pudessem se alçar à esperança de salvação; pois o exílio não era para ser de um dia, mas de setenta anos. Logo, quando uma tão pesada provação aguardava os religiosos, o Profeta desejava aqui prepará-los para a laboriosa batalha: *Então conheceremos, e seguiremos para conhecer Jeová.*

Depois, ele diz: *Como a manhã chegará para nós sua saída* — uma símile a mais apropriada; pois, aqui, os fiéis evocam à mente a sucessão contínua de dias e noites. Não admira que Deus nos convide a esperar por sua graça, a vista da qual está, todavia, ocultada de nós; pois, a não ser que tenhamos aprendido por longa experiência, quem poderia esperar por luz repentina quando prepondera a escuridão da noite? Não acharíamos que a terra está inteiramente privada de luz? Mas, ao ver que a aurora subitamente brilha, pondo termo às trevas da noite e dispersando-a, que maravilha é esta, que o Senhor resplandeça além de nossa expectativa? *Sua saída,* pois, *será como a manhã.*

Ele, aqui, chama uma nova manifestação de a saída de Deus, isto é, quando esse mostra que atende seu povo com mercê, quando mostra que está atento ao pacto que fez com Abraão; pois, conquanto o povo estivesse exilado de seu país, Deus não parecia, como dissemos, considerá-lo mais; ou melhor, o julgamento da carne apenas sugeria isto, que Deus estava muitíssimo distante de seu povo. Ele, então, denomina-a a saída de Deus, quando esse se mostrar propício aos cativos e restaurá-los totalmente; então *virá a saída de Deus, e será como a manhã.* Vemos pois agora que ele os confirma pela ordem da natureza, como Paulo confirma, quando ralha a descrença daqueles para quem uma ressurreição futura se afigurava incrível, porque ultrapassava os pensamentos da carne; "Ó néscio!", ele diz, "não vês tu que o que semeamos primeiro apodrece e depois germina? Deus ora põe diante de ti, numa semente que se apodrece, um emblema da ressurreição futura". Assim também aqui, visto que a luz diariamente surge a nós, e a manhã brilha depois das trevas da noite, o que então o Senhor não efetuará por si mesmo, ele que opera tão poderosamente pelas coisas materiais? Quando tornar manifesto seu pleno poder, o que, pensamos, ele fará? Não sobre-excederá muito mais a todos os pensamentos da nossa carne? Vemos agora por que tal comparação foi adicionada.

Depois, ele nos descreve o efeito dessa manifestação: *Ele virá a nós,* ele diz, *como a chuva, como a última chuva, uma chuva para a terra.* Essa comparação demonstra que, tão logo se digna a olhar para o seu povo, o semblante de Deus será como a chuva que irriga a terra. Quando a terra fica seca depois de prolongado calor e prolongada seca, ela parece ser incapaz de produzir fruto; mas a chuva lhe restaura a sua umidade e vigor. Assim, pois, o Profeta, na pessoa do fiel, reforça mesmo aqui a esperança de uma completa restauração. *Ele virá a nós como a chuva, como a chuva tardia.*

Os hebreus chamam a última chuva מלקוש, ***malkosh,*** pela qual o trigo ficava sazonado. E parece que o Profeta queria dizer pela palavra גשם, ***geshem,*** a chuva primaveril. Mas o sentido é claramente este, que, embora os israelitas houvessem se tornado tão secos que não tivessem mais qualquer vitalidade, todavia, haveria tanta virtude na graça divina quanto na chuva, que frutifica a terra quando essa parece ser estéril. Porém, quando, ao fim, ele acrescenta *uma chuva à terra,* eu não duvido de que ele tivesse em vista a chuva da estação, que é agradável e aceitável à terra, ou àquela de que a terra realmente carece; pois uma pancada violenta não pode ser chamada propriamente uma chuva para a terra, por destrutiva e prejudicial que é. Segue-se —

Oséias 6.4

4. Ó Efraim, o que farei eu a ti? Ó Judá, o que farei eu a ti? pois a vossa bondade *é* como uma nuvem matutina, e vai embora como o orvalho da madrugada.	**4.** Quid faciam tibi Ephraim? quid faciam tibi Jehudah? Nam bonitas vestra est quasi ros matutinus, quasi nebula mane transiens.

Alguns expõem essa passagem assim: que Deus não irrigaria seu povo de uma vez, mas prolongaria essa mercê; como se ele dissesse: "Está enganado quem pensa que a redenção, a qual eu ordenei a vós esperar de mim, será passageira, pois eu, por um progresso contínuo, guiarei meu povo a uma perfeita fruição da salvação". Mas tal sentido é de todo estranho. O Profeta, então, sem dúvida, apresenta Deus aqui dizendo assim: "O que eu vos farei? Porque não recebeis vós minha mercê, tão grande é vossa depravação". O contexto de fato parece ficar, desse jeito, rompido; mas precisamos nos lembrar desta norma, que, sempre que os Profetas tornam conhecida a graça de Deus, eles, ao mesmo tempo, adicionam uma exceção, para que os hipócritas não apliquem falsamente a si próprios o que é oferecido ao fiel somente. Os Profetas, sabemos, nunca ameaçavam de perdição o povo, mas acresciam alguma promessa, para que os fiéis não se desesperassem, o que teria sido o caso se algum lenitivo não lhes tivesse sido feito conhecido. Por isso, os Profetas, igualmente, faziam isto — moderarem sua ameaça e severidade acrescentando uma esperança do favor divino. Mas, ao mesmo tempo, como os hipócritas sempre atraem para si mesmos aquilo que diz respeito apenas aos fiéis e, desse modo, insensatamente escarnecem de Deus, os Profetas adicionam uma outra exceção, pela qual eles mostram que a promessa de Deus de ser gracioso e misericordioso a seu povo não deve ser julgada universal, pertencente a todos indiscriminadamente.

Repetirei mais completamente isto, outra vez: os Profetas tinham de tratar com o povo inteiro; eles tinham de tratar com os poucos fiéis, pois havia um pequeno número de povo pio tanto entre os israelitas quanto entre os judeus. Quando, portanto, os Profetas censuravam o povo, eles dirigiam-se ao povo todo: contudo, ao mesmo tempo, como havia alguma semente remanescente, misturavam, como eu disse, consolações, e misturavam-nas para que os eleitos de Deus pudessem sempre se recostar sobre sua misericórdia e, desse modo, com paciência, submeterem-se ao seu cajado e continuarem no temor a ele, sabendo que há nele uma salvação segura. Conseqüentemente, as promessas que vemos aqui inseridas pelos Profetas, entre ameaças e increpações, não deviam se referir a todos em comum, ou indiscriminadamente ao povo, mas somente, como dissemos, aos fiéis, que eram, então, apenas poucos em número. Essa, então, é a razão pela qual os profetas sacudiam as autocomplacências dos ímpios desprezadores de Deus quando adicionavam: "Vós não deveis esperar salvação alguma da promessa que exponho aos filhos de Deus; pois Deus não lança aos cães o pão que destinou apenas para seus filhos". No mesmo tom, descobrimos um outro Profeta falando: 'Para que fim é para vós o dia do Senhor? É um dia de trevas, e não de luz, um dia de morte, e não de vida', (Amós 5.18.) Pois, como muitas vezes ouvissem que o concerto que Deus celebrou com Abraão não era vão, eles assim se jactavam: "Somos agora, realmente, severamente tratados, mas em pouco tempo Deus nos libertará de nossos males; pois ele é nosso Pai, ele não nos adotou debalde, ele não redimiu e elegeu nossa raça debalde, somos sua propriedade e herança peculiar". Dessa maneira, então, os presunçosos se lisonjeiam; e isso eles deveras parecem ter em comum com os fiéis; pois os fiéis também, embora no mais profundo abismo da morte, todavia, contemplam a luz da vida; pois, pela fé, como dissemos, eles transpõem-se para além deste mundo. Porém, simultaneamente, eles se aproximam de Deus em real penitência, enquanto os ímpios permanecem em sua perversidade, e em vão se ufanam pensando que tudo o que Deus promete lhes pertence.

Voltemos agora ao nosso Profeta. Ele dissera: "Em sua tribulação, eles me buscarão": ele tinha posteriormente explicado, nas palavras usadas pelo povo, como os fiéis voltar-se-iam para

Deus, e qual arrependimento autêntico traria com ele. Segue-se agora: *O que te farei, Efraim? O que te farei, Judá?* ou seja: "O que eu farei a vós todos?" O povo estava ora dividido em dois reinos: o de Judá tinha seu nome; as dez tribos tinham, como havia sido dito, o nome comum de Israel. Então, depois que o Profeta deu esperança de perdão aos filhos de Deus, ele se volta ao grêmio inteiro do povo, que era corrupto, e diz: "O que eu farei a vós ambos, judeus e israelitas?" Agora Deus, por essas palavras, dá a entender que experimentara todos os remédios, e os achara inúteis: "O que mais então", ele diz, "farei eu a vós? Sois inteiramente irremediáveis, sois indesculpáveis e totalmente sem esperança: pois meio algum foi omitido por mim pelo qual pudesse promover vossa salvação, mas perdi todo meu trabalho; como nada consegui por punições e castigos, como minha mercê também não teve importância alguma entre vós, o que me resta agora, senão inteiramente vos rejeitar?"

Percebemos agora quão variegado é o modo de falar adotado pelos Profetas, pois tinham eles de lidar, não com uma única classe de homens, mas com os filhos de Deus, e também com os ímpios, os quais continuavam obstinadamente em seus vícios. Destarte, pois, era que alterassem sua linguagem, e isso, por necessidade. Idêntica é a queixa que lemos em Isaías capítulo 1, [38] tirante que ali só se faz menção das punições: 'Porque eu os golpearia mais? Pois até aqui nada consegui: da sola do pé ao topo da cabeça não há saúde nenhuma; entretanto, ficais como vós mesmos'. No capítulo 5 [39] ele fala dos favores divinos: 'O que mais podia ter sido feito à minha vinha do que o que eu fiz?' Nesses dois lugares, o Profeta mostra que o povo estava tão perdido que não podia ser persuadido a uma mente sã; pois Deus tinha, de várias maneiras, tentado sará-los, e suas doenças permaneciam incuráveis.

Retornemos agora às palavras de Oséias: *O que eu farei a ti, Efraim? O que eu farei a ti, Judá?* "Eu, de fato, ofereço perdão a todos, porém, vós ainda continuais obstinadamente em vossos pecados; mais que isso, minha mercê é por vós desdenhada: por conseguinte, eu não contendo agora convosco; porém, declaro-vos que a porta da salvação está fechada". Por quê? "Porque eu até aqui, de várias maneiras, tentei curar a vós".

Em seguida, ele diz que a bondade deles era como o orvalho da manhã: *Vossa bondade,* ele diz, "é como o orvalho da manhã". Alguns compreendem חסד, ***chesed,*** como a bondade que Deus exercera para ambos israelitas e judeus. Então é, "vossa bondade", ou seja, a compaixão que eu até aqui tenho exibido para convosco *é como o orvalho da manhã, como a nuvem que vai embora na manhã,* isto é: "Vós imediatamente secareis minha mercê"; e isso não parece inapropriado, pois vemos que os incrédulos, pela própria maldade, amortecem a misericórdia divina, de modo que ela não produz bem algum, como quando a chuva flui sobre uma rocha ou uma pedra, enquanto a pedra, por dentro, devido à sua dureza, permanece seca. Como, então, a umidade da chuva não penetra nas pedras, assim também a graça divina é despendida debalde e sem proveito nos incrédulos.

Contudo, o Profeta fala antes da bondade deles, que eles faziam uma demonstração de excelência fingida, a qual se desvanecia como o orvalho da manhã; pois, tão logo o sol se levanta, atrai para cima o orvalho, a fim de não mais aparecer; as nuvens também se vão embora. O Profeta diz que os judeus e os israelitas estavam assemelhados às nuvens e ao orvalho da manhã, pois que não havia neles nenhuma bondade sólida ou interior, mas era apenas de um tipo evanescente; possuíam, como dizem, só a aparência de bondade.

---

[38] Isaías 1.5.
[39] Isaías 5.4.

Percebemos agora o sentido dado pelo Profeta, que Deus aqui se queixa que tivesse de lidar com hipócritas. A fé, sabemos, é prezada por ele; nada há que mais agrade a Deus do que a sinceridade de coração. Ademais, sabemos que a doutrina é difundida em vão se não for recebida de maneira séria. Então, como os hipócritas se transmutam de diversos modos e fazem ostentação de alguns disfarces de bondade, quando coisa alguma têm de sólida em si, Deus lamenta-se de perder todo seu trabalho: e diz, finalmente, que não mais gastaria labor em vão com homens hipócritas, que nada possuem senão falsidade e dissimulação; e isso é o que ele quer dizer, quando sugere que não faria mais nada aos israelitas e judeus.

ORAÇÃO

Conceda, Todo-poderoso Deus, que, visto não correspondermos com a devida gratidão aos teus favores e, após haver provado da tua compaixão, desejosamente procuramos arruinar a nós próprios — Ó, permita que nós, sendo renovados por teu Espírito, não só permaneçamos constantes no temor do teu nome, mas também avançemos mais e mais e sejamos firmados; para que, estando dessa forma armados com teu invencível poder, ativamente pelejemos contra todas as chicanas e assaltos de Satanás, e assim prossigamos nossa batalha até o final — e que, estando assim sustentados por tua misericórdia, aspiremos sempre àquela vida que está escondida para nós no céu, mediante Jesus Cristo nosso Senhor. Amém.

DÉCIMA-SÉTIMA DISSERTAÇÃO

Oséias 6.5

5. Por essa razão, eu abati-*os* pelos profetas; matei-os pelas palavras de minha boca: e teus julgamentos *são como* a luz *que* sai.

5. Propterea secui (*vel*, excidi) in Prophetis meis, occidi eos in verbis oris mei, et judicia tua [40] lux quae egreditur.

Deus demonstra aqui, por seu Profeta, estar constrangido pela necessidade premente de lidar violenta e acerbamente com o povo. Nada, sabemos, é mais agradável a Deus do que nos tratar amavelmente; pois não se encontra no mundo um pai que nutra seus filhos tão ternamente: mas nós, sendo perversos, não o consentimos que siga a inclinação da natureza dele. Ele fica, por isso, compelido a adotar, por assim dizer, um novo personagem, e a nos ralhar severamente, conforme a maneira com a qual ele aqui diz que tratara os israelitas; *Eu os cortei,* ele diz, *por meus profetas, e os matei pelas palavras da minha boca.*

Alguns traduzem as palavras de outra forma, como se Deus tivesse matado os Profetas, tendo em vista, assim, os impostores, que corromperam o puro culto de Deus pelos seus erros. Mas tal opinião não me parece de forma alguma compatível; e conhecemos que era um modo corrente de falar entre os hebreus, para expressar a mesma coisa de duas maneiras. Por isso o Profeta fala aqui: *Eu os cortei* ou *decepei por meus Profetas, eu os matei pelas cordas da minha boca.* Na segunda oração ele repete, não tenho dúvidas, o que nós já explicamos sucintamente, a saber, que Deus os cortou ou decepou por seus Profetas.

Porém, temos que entender para que propósito Deus aqui declara que havia mandado seus Profetas tratar o povo asperamente. De fato, sabemos que os hipócritas, por mais que de diversos modos zombem de Deus, são, todavia, sensíveis, e não podem suportar nenhuma censura. Seus pecados são grosseiros quando estão sem disfarces; porém, ao mesmo tempo, quando Deus começa a acusar, eles protestam e dizem: "O que isso significa? Deus, em todos os lugares, declara que é amoroso e clemente; mas ele agora nos fulmina: isso não parece coerente com sua natureza". Então, neste caso, os hipócritas terão Deus como aquele que bate neles. Ele ora responde que fora constrangido, não somente por uma causa justa, mas ainda, por necessidade, a assassiná-los, e a tornar sua palavra, pelos Profetas, como um martelo ou machado. Eis a razão, ele diz, pela qual meus Profetas não se esforçaram em afagar o povo meiga e gentilmente. Pois Deus amável e docemente atrai ou convida para si aqueles a quem percebe ser educáveis; mas, quando vê uma tão grande perversidade nos homens que não pode dobrá-los por sua bondade, ele então começa, como dissemos, a adotar um novo personagem. Compreendemos agora, então, o intuito divino: para que os hipócritas não se queixassem de que foram tratados de uma outra forma que não era coerente com a natureza de Deus, o Profeta aqui responde em nome dele: "Vós tendes me forçado a tal severidade; pois havia necessidade de uma cunha dura, como dizem, para um nó duro: *Eu,* por isso, *decepei-vos por meus Profetas, eu vos decepei pelas palavras de minha boca;* ou seja, eu utilizo minha palavra como um machado: pois fostes como madeira nodosa e renitente; portanto, foi preciso que minha palavra fosse para vós como um machado: e vos matei pelas palavras da minha boca; isto é, minha palavra não foi a vós iguaria doce, como está habituada a ser aos homens

[40] Não há autorização alguma, como *Horsley* diz, para "meus", em vez de "teus julgamentos" em nossa versão; pois não há nenhuma leitura nos MSS. hebraicos que favoreça a alteração. O Bispo alude a Calvino, e expressamente aprova sua interpretação dessa passagem. Sua própria versão é a seguinte:

"E os preceitos dados a ti eram como a luz que vai adiante".

mansos; mas foi como uma espada bigúmea; por conseguinte, foi necessário matar a vós, visto não me tolerardes que vos seja um Pai".

Segue-se então: *Teus juízos são como a luz que dimana.* Alguns entendem por "juízos" prosperidade, como se Deus aqui estivesse exprobrando os israelitas, que não era culpa dele não os cativar: "Eu não descuidei de vos tratar afavelmente e vos defender debaixo da minha proteção; mas sois ingratos". Mas essa é uma explicação forçada. A maior parte dos intérpretes explicam a passagem deste modo: "Que teus juízos fossem uma luz que emana". Mas eu não vejo por que devamos mudar qualquer coisa nas palavras do Profeta. Deus aqui, então, simplesmente sugere que fizera conhecida aos israelitas a regra de uma vida religiosa e santa, para que eles não pudessem afetar ignorância; pois os hebreus freqüentemente entendem "juízos" no sentido de retidão. Eu atribuo isso à instrução dada a eles: *Teus juízos* então, ou seja, o modo de viver religiosamente, era como luz; o que quer dizer isto: "Eu assim vos adverti, que tendes pecado consciente e voluntariamente. Daí, que vós tendes sido tão desobedientes a mim, deve ser imputada à vossa maldade; pois quando éreis maleáveis, eu certamente não vos escondia o que era direito: pois, como o sol diariamente brilha sobre a terra, também meu ensino foi para vós como luz, para vos mostrar o caminho de salvação: mas não foi de proveito algum". Entendemos agora, então, o que o Profeta queria dizer por essas palavras. Segue-se –

Oséias 6.6,7

6. Pois eu desejava misericórdia, e não sacrifício; e o conhecimento de Deus mais do que holocaustos[41].	**6.** Quia misericordiam volo (*vel*, quia humanitas placet mihi) et non sacrificuim; et cognitio Dei (placet mihi, *subaudiendum est*) prae holocaustis.
7. Eles, porém, como homens transgrediram o pacto: eles se comportaram traiçoeiramente contra mim.	**7.** Et ipsi tanquam homines ransgressi sunt pactum; [42] illic perfide egerunt in me (*vel*, Tanquam hominis pactum transgressi sunt, *ut postea videbimus.*)

Nesse ponto, Deus declara que deseja misericórdia, e não sacrifícios; e assim age para impedir quaisquer objeções, antecipando-se a todos os pretextos frívolos. Nunca há carência aos hipócritas, sabemos bem, de uma capa para si; e tão grande é a sua segurança que não hesitam de, por vezes, debater com Deus. Realmente, é prática comum deles afirmar que adoram a Deus, dado que lhe oferecem sacrifícios, dado que mourejam em cerimônias e amontoam muitos rituais. Julgam então que Deus está ligado a eles, e que têm desempenhado plenamente sua obrigação. Esse mal é corrente em todas as épocas. Portanto, o Profeta antecede-se a essa evasiva e diz: *Misericórdia eu desejo, e não sacrifício;* como se dissesse: "Eu sei o que vós estais preparados a alegar, e que direis, que ofereceis sacrifícios a mim, que realizais todas as cerimônias; contudo, essa desculpa, eu a julgo frívola e de nenhuma importância". Por quê? *Pois que eu não desejo sacrifícios, mas compaixão e fé.* Entendemos, agora, o principal objetivo desse versículo.

É uma passagem extraordinária; o Filho de Deus citou-a duas vezes. Os fariseus repreenderam-no por sua ligação com homens de vida má e enjeitada, e ele lhes disse em Mateus capítulo 9 [43]: 'Misericórdia eu quero, e não sacrifício': ele indica, por essa justificativa, que Deus não é adorado com cerimônias externas, mas quando os homens perdoam e se toleram um ao outro,

---

[41] Este versículo resume à perfeição todo o ensino do profeta Oséias. (N. do T.)
[42] "Mas eles, como Adão, transgridem o concerto". — *Newcome.* Assim verte-o *Horsley,* e também *Grócio;* mas a Septuaginta, Pagninus e outros apóiam a nossa versão, bem como essa de Calvino. (N. do E. inglês.)
[43] Mt 9.13.

não sendo rígidos além da medida. De novo, no capítulo doze de Mateus [44], quando os fariseus culparam os discípulos por ajuntarem espigas de milho, ele disse: 'Mas antes vades, e aprendeis o que é isto: Misericórdia eu quero, e não sacrifício'. Visto como eram eles tão severos contra os discípulos dele, Cristo mostra que aqueles que fazem a santidade consistir em cerimônias são adoradores de Deus ridículos; e também aqueles que censuram seus irmãos sem motivo, tornando um crime o que não era, em si mesmo, pecaminoso, que podia ser facilmente defendido por qualquer expositor sábio e sereno.

Mas, para que mais completamente entendamos essa frase do Profeta, deve ser observado, primeiro, que o culto exterior de Deus, e todas as cerimônias legais, estão incluídas sob o nome de sacrifício e ofertas queimadas. Tais palavras, então, abarcam uma parte pelo todo. O mesmo pode ser dito da palavra חסד, ***chesed*****,** que significa misericórdia ou bondade; pois o Profeta, indubitavelmente, põe a fé ou piedade para com Deus, e o amor para com os próximos, em oposição a todas as cerimônias externas. "Desejo", ele diz, "misericórdia"; ou: "a misericórdia agrada-me mais do que sacrifício, e o conhecimento de Deus contenta-me mais do que holocaustos". O conhecimento divino aqui é, sem dúvida, para ser entendido por fé ou piedade, porque os hipócritas supõem que Deus é corretamente cultuado quando empregam muitas cerimônias. O Profeta ridiculariza toda pompa e ostentação vazia tais, e diz que o culto de Deus é muitíssimo diferente, sendo somente praticado quando ele é conhecido. O ponto principal é que Deus deseja ser adorado de outro modo que não o sonho dos homens sensuais; pois eles somente exibem seus ritos e negligenciam o culto espiritual de Deus, que se acha na fé e no amor.

Essas duas orações, então, devem ser lidas conjuntamente — que a bondade apraz a Deus, e que a fé apraz a Deus. A fé, por si mesma, não pode agradar a Deus, visto que ela não consegue nem mesmo existir sem amor a nosso próximo; e, depois, a bondade humana não é suficiente; pois, caso alguém se abstivesse de praticar qualquer agravo, e de ofender seus irmãos em alguma coisa, ele ainda seria um homem profano, e um desprezador de Deus; e, com certeza, sua benevolência, então, não seria de utilidade alguma a ele. Em vista disso, percebemos que essas duas frases não podem ser separadas, e que o que o Profeta diz é exatamente como se houvesse ele combinado piedade com amor. O sentido é que Deus dá muito mais valor à fé e à bondade do que a sacrifícios e a todas as cerimônias. Porém, quando o Profeta diz que sacrifício não agrada a Deus, ele fala, sem dúvida, comparativamente; pois Deus não repudia positivamente sacrifícios determinados em sua própria lei; mas ele prefere fé e amor a eles; como mais claramente aprendemos da partícula מ, *mem*, quando ele diz, מעולות, ***me'olot,*** do que holocaustos. Parece pois que Deus não é incoerente consigo próprio, como se rejeitasse sacrifícios que ele mesmo fixou; mas que condena o abuso grotesco deles, nos quais se gloriavam os hipócritas.

E duas coisas devem ser aqui observadas: Deus não exige cerimônias externas, como se elas, por si mesmas, ajudassem em algo, senão para um fim diferente. A fé, em si própria, agrada a Deus, como também o agrada o amor; pois eles são, como dizem, da categoria das boas obras: contudo, sacrifícios têm de ser considerados distintamente; pois matar um boi, um bezerro ou um cordeiro, o que é senão fazer o que o açougueiro faz em seus matadouros? Deus, então, não pode ser deleitado com o morticínio de bestas; conseqüentemente, sacrifícios, como dissemos, são, em si mesmos, de importância nenhuma. Fé e amor são diferentes. Por essa razão o Senhor diz, em Jeremias: 'Ordenei eu a vossos pais, quando os trouxe para fora do Egito, para oferecerem sacrifícios a mim?' [Jr 7.22.] Nenhuma coisa tal: 'Eu nunca os ordenei', ele diz, 'somente que ouvissem minha voz'. Porém, o que a lei, em grande medida, contém, senão mandamentos sobre cerimônias? A resposta a isso é fácil, e é que sacrifícios jamais contentaram a Deus por sua própria ou intrínseca valia, como se

[44] Mt 12.7.

possuíssem em si qualquer valor. O que, então? Precisamente isto, que fé e piedade são aprovadas, e são sempre o legítimo culto espiritual de Deus. Isso é uma coisa.

Além disso, deve-se reparar que, quando os Profetas condenam os hipócritas, eles consideram o que é mais conveniente a eles, e não explicam especificamente os assuntos de que eles tratam. Isaías diz em um lugar, 'Aquele que mata um boi age como se houvesse matado um cão', e um cão era a mais elevada abominação; 'mais que isso, os que oferecem sacrifícios agem como se tivessem matado homens', (Isaías 66.3.) Quê! Comparar sacrifícios com assassinatos! Isso parece mui estranho; mas o Profeta dirigia seu discurso aos ímpios, que, então, abusavam de todo o culto exterior prescrito pela lei: não admira pois que fale desse modo dos sacrifícios. Da mesma maneira, também, deve ser explanada muitas outras passagens que freqüentemente ocorrem nos Profetas. Vemos agora, então, que Deus não recusa simplesmente os sacrifícios, visto como os determinou, mas apenas condena o abuso deles. E, conseqüentemente, o que eu já disse deve ser lembrado, que, aqui, o Profeta coloca rituais externos em oposição à piedade e fé, pois que os hipócritas dividem em pedaços coisas que são, por assim dizer, inseparáveis: é um divórcio ímpio quando alguém só entremete cerimônias a Deus, enquanto ele mesmo está vazio de piedade. Mas, como essa doença normalmente grassa entre os homens, o Profeta adiciona um contraste entre tal culto fictício e a religião verdadeira.

É ainda digno de ser observado que ele denomina a fé de o conhecimento de Deus. Vemos pois que a fé não é alguma imaginação fria e oca, mas que se estende muito mais além; pois é então que temos fé, quando a vontade de Deus se nos faz conhecida e nós a abraçamos, a fim de que o adoremos como nosso Pai. Destarte, o conhecimento de Deus é demandado como necessário à fé. Os papistas, então, tagarelam mui infantilmente acerca da fé implícita: quando um homem nada entende, e não tem mesmo a menor convivência com Deus, todavia, dizem que ele está dotado de fé implícita. Isso é um idílio mais do que insensato; pois, onde não há nenhum conhecimento de Deus, não há nenhuma religião, a piedade se extingue e a fé é destruída, como se afigura patente nessa passagem.

Deus, então, acrescenta no fim uma queixa: *Mas eles, como homens, transgrediram o pacto; ali, eles se comportaram perfidamente contra mim.* Aqui, Deus mostra que os israelitas se gloriavam em vão dos sacrifícios e de todos os esplendores do culto externo deles, pois Deus não estimava essas coisas exteriores, mas somente desejava adestrar o fiel no culto espiritual. Então, o significado do todo é este: "Meu intuito era, quando designei os sacrifícios e todo o culto legal, guiar-vos assim para mim, para que coisa alguma carnal ou terrena houvesse em vosso sacrificar; porém, corrompestes a lei inteira; sois intérpretes perversos; pois sacrifícios nada mais são entre vós senão chacota, como se me fosse desagravo ter um boi ou um carneiro morto. Vós pois transgredistes meu concerto; e não é nada do que o povo me diz, que diligentemente executam as cerimônias externas, pois um tal culto não é de modo algum apreciado por mim".

E ele ainda prossegue mais longe e diz: *Ali eles se portam deslealmente contra mim.* Ele antes havia dito: 'Eles transgrediram o pacto'; como se dissesse: "Se eles desejavam guardar minha aliança, esta era a primeira coisa — adorar-me espiritualmente, precisamente em fé e amor; mas eles, havendo menosprezado o autêntico culto, apossaram-se apenas do que era frívolo: logo, eles violaram meu pacto". Porém, agora ele acrescenta, que "ali" sim aparecia a perfídia deles; ali que eles foram sentenciados por violarem a sua fé, e ali, revelado serem violadores da aliança, por isto — que eles abusavam das marcas sagradas pelas quais Deus sancionara seu concerto, para encobrir sua própria aleivosia. Há pois grande importância no advérbio שָׁם, ***sham,*** como se ele tivesse dito, "*neste* particular vós tendes agido perfidamente": pois o Profeta quer dizer que, quando os hipócritas, sobretudo, levantam suas cristas, eles são declarados culpados de falsidade e perjúrio.

Mas como? Porque apresentam suas próprias cerimônias, tal como os vemos, assim apresentados, falando no capítulo cinqüenta e oito de Isaías [45]: 'Por que jejuamos, e tu não consideras?' Nessa passagem, acusam Deus de rigor mui demasiado, porque perdiam toda sua fadiga quando adoravam tão laboriosamente: "Em vão temos despendido labor e o cultuado tão diligentemente" Deus responde: "Quem requereu isso de vossas mãos?" Assim também, nesse ponto, o Profeta diz, mais mordazmente, *lá, eles se comportaram traiçoeiramente contra mim:* isto é: "Eles julgam que minha boca será detida por esta defesa apenas, quando apresentam seus sacrifícios e, segundo a maneira deles, fazem uma grande ostentação, como se fossem os melhores observadores da religião; mas eu mostrarei que nessa mesmíssima coisa são eles violadores do pacto". Como? "Porque não há falsidade pior do que tornar a verdade de Deus em mentira, e adulterar a sua pura doutrina". E isso é o que todos os hipócritas fazem, quando tornam, assim, os sacramentos em crassos abusos e culto falso, quando erigem templos, quando imaginam que Deus é retamente adorado sempre que um boi ou carneiro é oferecido. Visto, então, que os hipócritas tão grosseiramente zombem de Deus e desviem de Cristo os sacrifícios, eles se desviam da doutrina da penitência e fé; numa palavra, eles consideram Deus somente como um ídolo morto. Quando, então, eles assim depravam todo o culto de Deus e o adulteram, quando eles tão impiamente corrompem a palavra de Deus e pervertem suas instituições, não são eles violadores do pacto? *Lá, então, eles insidiosamente agiram contra mim.* Isso deve ser cuidadosamente observado, pois que não é notado pelos intérpretes.

Alguns vertem assim a palavra אדם, ***adam:*** "Como o concerto de homem, eles o transgrediram", transferindo-o para o caso genitivo, "E eles transgrediram os pactos como se fossem aqueles de homem"; isto é, como se eles tivessem de lidar com um homem mortal, assim eles desprezaram e violaram minha santa aliança; e tal exposição não é muito inapropriada, exceto por alterar algo na construção; pois nesse caso o Profeta devia ter dito: "Eles transgrediram o concerto como aquele de um homem"; contudo, ele diz: 'Eles como um homem' etc. [46] Porém, tal tradução está longe de ser aquela das palavras como são, 'eles como homens transgrediram o pacto'. Portanto, eu interpreto as palavras de maneira mais simples, como significando que eles demonstraram ser homens ao violar a aliança.

E há aqui um contraste ou comparação implícita entre Deus e israelitas; como se ele dissesse: "Eu, de boa fé, fiz um pacto com eles quando instituí um culto definido; mas eles foram homens para comigo; nada houve neles senão leviandade e inconstância". Deus, então, mostra que não tinha havido uma concordância mútua entre ele e os israelitas, visto que os homens nunca correspondem a Deus; pois ele sinceramente os chama para si, mas eles agem de forma infiel, ou, quando dão alguma prova de obediência, logo voltam atrás, ou menoscabam e francamente rejeitam a instrução oferecida. Percebemos, então, em que sentido o Profeta diz que eles haviam transgredido o concerto de Deus como homens.

Outros explicam deste modo as palavras: "Eles transgrediram o pacto como Adão". Porém, a palavra Adão, sabemos, é adotada indefinidamente para homens. Esta explicação é fraca e sem imaginação: *Eles transgrediram a aliança como Adão;* isto é, eles seguiram ou imitaram o exemplo do seu pai Adão, que havia, no princípio, depressa transgredido o mandamento divino. Eu não paro para refutar esse comentário; pois vemos que é, em si mesmo, insípido. Prossigamos agora —

---

[45] Is 58.3. (N. do T.)

[46] As palavras do original são estas — והמה כאדם עברו ברית. A transposição, como proposta acima, é totalmente impossível; nenhuma semelhante acepção pode ser dada às palavras. A tradução preferida por Calvino é a única apenas que pode ser admitida. A palavra אדם é geralmente tomada por homens ou humanidade: a tradução literal é: "Mas eles como homens transgrediram o concerto". (N. do E. inglês.)

Oséias 6.8

8. Gileade *é* uma cidade daqueles que obram a iniqüidade, *e está* maculada de sangue.	**8.** Galaad civitas operantium iniquitatem, astuta a sanguine (*ad verbum ita est, vel,* retenta a sanguine; *alii vertunt*, supplantata a sanguine; *alii*, inquinata a sanguine.)

Primeiro falarei do assunto e, depois, algo será acrescentado às palavras no lugar. O Profeta aqui observa, sem dúvida, alguma coisa especial contra Gileade, que, pela imperfeição da história, é-nos agora obscura. Mas, em primeiro lugar, temos de lembrar que Gileade era uma das cidades de refúgio; e os levitas possuíam essas cidades, que eram destinadas a fugitivos. Se alguém por acaso assassinasse um homem, para que os parentes não se vingassem, o Senhor providenciou para que ele fugisse a uma dessas cidades apontadas para a sua segurança. Ele estava a salvo ali entre os levitas: e os levitas o recebiam debaixo da sua proteção, sendo previamente julgada a questão; pois devia ser precedida uma audiência legal da causa quanto a se aquele que matara um homem era inocente. Então, devemos primeiramente lembrar que tal cidade era ocupada pelos levitas e pelos sacerdotes; e deviam ter sido exemplos a todos os outros; pois, assim como Cristo chama seus discípulos de a luz do mundo, também o Senhor elegera os sacerdotes para tal finalidade, para que portassem um archote diante do povo todo. Visto pois que a mais alta santidade devia ter refulgido nos sacerdotes, era bem monstruoso que fossem como assaltantes, e que a cidade santa, a qual era, por assim dizer, o santuário de Deus, virasse um covil de ladrões.

Então, foi por esse motivo que o Profeta, particularmente, invectiva contra a cidade de Gileade, e diz: *Gileade é uma cidade dos obreiros da iniqüidade, e está coberta de sangue.* Mas, se Gileade era tão corrupta, qual deve ter sido o caso das outras cidades? Então, é como se o Profeta tivesse dito: "Onde eu começarei? Se eu repreender o povo indiscriminadamente, os sacerdotes então pensarão que eles ficam poupados, porque são inocentes; sim, que estão inteiramente sem culpa: ao contrário", ele diz, "eles são os mais descontrolados, eles são mesmo os chefes dos salteadores. Visto, então, que tão grandes corrupções prevaleçam entre a ordem dos sacerdotes, em quem a mais elevada santidade devia brilhar, quão grande deve ser a licenciosidade do povo em todos os tipos de impiedade? E então, o que se deve dizer das outras cidades, já que é tão má Gileade, a qual Deus consagrou para um propósito peculiar, para que fosse uma espécie de santuário? Visto pois que Gileade é um covil de ladrões, o que se deve dizer das outras cidades?" Apreendemos agora a significação dada pelo Profeta.

"Conspurcada com sangue", עקובה מדם, ***'akubah midam:*** עקב, ***akab*** em hebraico quer dizer "ludibriar", e também "segurar" ou "reter". עקב, ***'akev*** é a sola do pé; por isso, עקב, ***'akav*** significa "suplantar". E não há dúvida de que "ludibriar" é seu sentido metaforicamente. Chego agora ao sentido dado pelo Profeta; ele diz que a cidade era עקובה מדם, ***'akubah midam;*** alguns dizem, "cavilosa em sangue", porque eles não só abertamente matavam homens, mas faziam emboscadas a eles; e, conseqüentemente, deduzem esse significado. Porém, eu aprovo mais o que sustentam os que dizem que a cidade estava "cheia de sangue"; não que tal seja o sentido estrito da palavra hebraica; mas nós podemos corretamente vertê-la, "ocupada por sangue". Por que assim? Porque עקב, ***'akav,*** como eu disse, quer dizer, algumas vezes, segurar, ficar e impedir. Então, podemos apropriada e legitimamente dizer que Gileade estava "ocupada" ou "possuída por sangue". Mas segue-se aqui uma explanação mais clara e completa desta frase —

Oséias 6.9

9. E, como bandos de assaltantes esperam um homem, *também* a companhia dos sacerdotes assassinam no caminho, concordes: pois eles praticam corrupção.	**9.** Et sicut expectant latrones hominum, societas sacerdotum (*vel*, factio;) in via trucidant consensu, quia cogitationem (*aut*, scelus) perficiunt.

O Profeta continua, mais à vontade, com o que ele brevemente tocara; pois, agora, não se restringe ao povo comum, mas dirige sim sua acusação contra a ordem sacerdotal. "Veja", diz ele, "os sacerdotes conspiram entre si como salteadores, para que assassinem homens desgraçados que encontrem no caminho". É absolutamente certo que o Profeta não fala aqui de homicídios abertos; pois não é crível que os sacerdotes hajam procedido com uma tão grande devassidão, que Gileade tenha se tornado um abatedouro. Mas os Profetas, sabemos, estão acostumados a falar desse modo, sempre que jogam na cara dos homens o serem sanguinários e cruéis; eles comparam-nos a ladrões, e isso com justiça. Por essa razão, ele diz: *A facção dos sacerdotes mata homens no caminho,* como se fossem bandoleiros conspirando juntos. E, depois, ele mostra que os sacerdotes eram tão vazios de tudo, de coisas como o temor de Deus, que perpetravam todo tipo de crueldade, como se fossem inteiramente dado aos roubos. Esse é o sentido.

A palavra שִׁכְמָה, ***shechmah,*** é, sem dúvida, tomada pelo Profeta por "consenso". O que שֶׁכֶם, ***shechem,*** significa é propriamente o "ombro"; porém, é, de maneira metafórica, mudado para o sentido que eu mencionei; como o é no terceiro capítulo de Sofonias [47], 'Eles servirão ao Senhor שֶׁכֶם אֶחָד, ***shechem echad,*** com um ombro'; ou seja, "com um consenso". Também, nesse ponto, os sacerdotes conspiram juntamente שִׁכְמָה, ***shechmah,*** "com acordo". Pois aqueles que julgam que se pensa no nome de um lugar estão muito equivocados.

Ora, na última oração do versículo fica evidente por que motivo o Profeta dissera que os sacerdotes eram como ladrões, 'porque', ele diz, 'eles praticam o pensamento', ou 'impiedade'. O verbo para זָמַם, ***zamam,*** significa "pensar", como já foi dito: destarte זִמָּה, ***zimah,*** é "pensamento" em geral; mas é, amiudadas vezes, entendido pelos hebreus em um mau sentido, como um "mau intento", ou "manha malvada": *Eles* pois *fazem sua imoralidade concebida.* Conseqüentemente, aprendemos que eles não eram ladrões desbragados, e publicamente infames, à vista dos homens, mas que eram esbulhadores diante de Deus, pois que a cidade estava cheia de perversos ardis, que eram ali forjados; e, visto como executassem suas tramas, é justamente dito deles pelo Profeta que imitavam a licenciosidade dos salteadores. Prossigamos então —

[47] Sofonias 3.9.

Oséias 6.10,11

10. Eu vejo uma coisa horrível na casa de Israel: *lá* está a prostituição de Efraim, Israel está corrompido.	**10.** In domo Israel vidi flagitium, illic scortatio Ephraim, pollutus est Israel.
11. Também para ti, ó Judá, ele definiu uma colheita, quando eu retornar o cativeiro do meu povo.	**11.** Etiam Jehudah posuit messem (*vel*, plantam) tibi, dum ego reduco captivitatem populi mei (*vel*, in reducendo me, *ad verbum*, captivitatem populi mei.)

Aqui, Deus declara que ele é o juiz apropriado para tomar jurisdição dos vícios de Israel; e isso ele faz para que cortasse o pretexto das escusas vãs que os hipócritas amiúde aduzem quando são censurados. Quem verdadeiramente consegue, hoje em dia, persuadir os papistas de que todo o culto deles é uma abominação sórdida, uma mera profanação? Vemos quão furiosamente eles se levantam, assim que alguém, com um sussurro, ousa tocar em suas superstições. Por que isso? Porque eles desejam que seu querer substitua a razão. Por quê? A boa intenção, dizem, é o juiz; como se tal boa intenção fosse, em verdade, a rainha que deve governar no céu e na terra, e Deus estivesse agora excluído de todos os seus direitos. Esse frenesi e essa loucura, precisamente nos dias correntes, possuem os papistas; e não admira, pois Satanás priva os homens da razão quando os conduz para formas corruptas e degeneradas de culto, ficando todos os hipócritas, assim, inebriados desde o início. Eis então o motivo pelo qual o Profeta agora diz, na pessoa de Deus: *Eu vejo*, ou *vejo sim, infâmia no reino de Israel.* Deus aqui, por uma palavra, derruba tudo o que os homens estabeleçam por si mesmos, e mostra que ali não resta mais argumento algum, pois o que ele declara é que não aprova, por mais que os homens atribuam-no um valor ou o aplaudam. "Quê! Vós julgais ser isso meu culto e, em vossa imaginação, essa é a mais sagrada religião, esse é o caminho de salvação, isso é santidade extraordinária; porém eu, pelo contrário, declaro que é profanação, que é torpeza, que é infâmia. Deus agora", ele diz, "passa para outro lugar vossas fatuidades, para mim, elas não são de valor nenhum".

Entendemos agora o sentido dado pelo Profeta quando diz: *Na casa de Israel eu vi infâmia*: e pela casa de Israel o Profeta quer dizer o reino todo das dez tribos. Como assim? "Pois que há a fornicação de Efraim"; isto é, ali reina a idolatria, a qual Jeroboão introduziu, e que os outros reis de Israel seguiram.

Desse modo, percebemos que o Profeta não poupava nem o rei, nem seus conselheiros, nem os príncipes do reino; e não cedia perante os sacerdotes. E tal magnanimidade convém a todos servos de Deus, para que derribem toda eminência que se ergue contra a palavra do Senhor; como foi dito a Ezequiel: 'Ralhe montanhas e censure colinas', (Ez 6.2; 36.1.) Um exemplo disso o Profeta põe diante de nós, quando compara sacerdotes a ladrões e, depois, compara templos reais a um bordel. Jeroboão edificara um templo no qual julgava que Deus seria adorado da melhor maneira; mas isso, diz o Profeta, é um lupanar, é uma fornicação imunda.

Então, ele acrescenta: *Judá também colocou uma plantação para ti.* Para que eu conclua o capítulo, rapidamente considerarei esse versículo. Intérpretes vertem-no desta forma: "Também Judá, tu puseste para ti mesma uma colheita": mas o verbo, como é evidente, está na terceira pessoa; não pode ser traduzido de outro modo senão 'também Judá colocou'. Os que vertem-no na segunda pessoa, "tu puseste para ti mesmo uma ceifa", inferem este sentido: "Tu também Judá, a quem eu escolhi para mim mesmo, colocaste para ti própria uma colheita, isto é, tu preparaste uma ceifa miserável para ti mesma; pois semeaste impiedade, cujo fruto, daqui em diante, colherás": mas isso é forçado. Ora, visto que a palavra קציר, ***katsir,*** significa, em hebraico, não só "safra", mas também "uma planta", ela pode adequadamente ser adotada nesse ponto: *Também Judá, enquanto eu estava*

retornando o cativeiro do meu povo, pôs para si própria uma planta; ou seja, propagou suas próprias impiedades. Deus realmente se dirige, aqui, aos israelitas, e se queixa de Judá; pois os judeus, sabemos, foram conservados pelo Senhor quando as dez tribos se separaram. Tal apostasia das dez tribos não fez com que a religião declinasse totalmente entre o povo todo. Permanecia lá em Jerusalém o puro culto de Deus, ao menos quanto à forma visível. Então, não é sem causa que o Senhor aqui se lamente de Judá. Ele outrora disse: 'Judá será salva por seu Deus'; porém, agora ele diz: 'Judá também pôs para si mesma uma planta'; isto é, "superstições têm estado desde há muito tempo brotando, e de maneira ampla, entre todo Israel, eles espalharam por todos os cantos da terra: e agora Judá também", diz ele, "está plantando seus brotos, pois atrai os israelitas para si"; há, portanto, uma nova propagação, e isso é feito *enquanto eu estou retornando o cativeiro do meu povo;* isto é, "enquanto eu estou buscando restaurar a dispersão do meu povo".

Em uma palavra, Deus aqui mostra que não mais havia parte alguma sã. Quando alguém se encarrega da cura de um corpo enfermo, e quando vê pelo menos algumas partes sãs, ele tem alguma esperança de aplicar um remédio; porém, quando nem mesmo um dedo resta de saudável, o que pode o médico fazer? Assim, também o Senhor diz nesse ponto: "Havia ao menos alguma esperança de Judá, pois alguma forma do meu culto perdurava ali e o ensinamento mais puro da lei continuava; mas agora Judá propaga superstições para Israel; observando que a terra inteira de Israel está repleta de superstições, ele toma daqui rebentos e mudas, e corrompe a porção remanescente da terra, que até aqui permanecia santificada a mim". Vemos agora, como julgo, o genuíno significado dado pelo Profeta.

ORAÇÃO

Conceda, Todo-Poderoso Deus, que, visto como somos inclinados a todo tipo de imoralidade, e tão facilmente transviados para imitá-la, quando há alguma desculpa para se desviar e alguma oportunidade se apresenta — ó, permita que, estando fortalecidos pelo auxílio de teu Espírito, continuemos em pureza de fé, e que o que aprendemos com respeito a ti, que tu és Espírito, traga-nos proveito, a fim de adorarmos a ti em espírito e com um coração sincero, e nunca nos apartar após as corrupções do mundo, nem achar que podemos enganar a ti, para que nossa vida, em seu todo, ateste que te somos um sacrifício puro e santo em Cristo Jesus nosso Senhor. Amém.

CAPÍTULO 7

DÉCIMA-OITAVA DISSERTAÇÃO

Oséias 7.1

1. Quando eu quis curar Israel, então a iniqüidade de Efraim foi descoberta, e a imoralidade de Samaria; pois eles cometem falsidade; e o ladrão entra, *e* lá fora o bando de salteadores despoja.	**1.** Dum medeor Israel, tunc retecta fuit iniquitas Ephraim et malitiae Samariae, quia gesserunt se mendaciter (*vel*, fallaciter; *ad verbum*, fecerunt fellaciam;) et fur ingressus est, spoliavit praedo foris.

Deus, para que mostrasse quão corrupto era o estado de todo o povo de Israel, compara-se aqui a um médico que, embora deseje experimentar remédios, reconhece que há escondidos males mais graves; o que, com freqüência, é o caso. Quando uma pessoa enferma manda chamar um esculápio, a doença é logo descoberta; mas pode ser que ela, por muitos anos, tenha se fatigado sob outras enfermidades que não venham imediatamente ao conhecimento do médico. Ele pode, deveras, julgar que os sintomas da moléstia são aqueles que provêm de uma fonte mais oculta; porém, no terceiro ou quarto dia depois de haver tentado alguns medicamentos, ele, então, distingue que há algum mal oculto. Deus, então, diz que, ao aplicar remédios, constatara quão corrupto estava Israel: *Enquanto eu estava curando meu povo,* ele diz, *então eu soube qual foi a iniqüidade de Samaria e de todo Efraim.*

Por Samaria, ele quer dizer a parte principal do reino; pois aquela cidade, como é bem conhecido, era a capital e a principal sede do governo. Logo, o Profeta diz que as iniqüidades de Samaria eram então descerradas, sendo, não moléstias comuns, mas crônicas. Eis o sentido. Vemos agora o que Deus tinha em vista: pois o povo podia enganar a si próprios, como freqüentemente acontece, e dizer: "Não estamos de fato inteiramente libertos de todo vício; entretanto, Deus não devia nos punir tão severamente, pois qual nação há debaixo do sol que não labute debaixo das doenças ordinárias?" Contudo, o Profeta aqui responde que o povo de Israel era tão impuro que remédios ligeiros não conviriam para eles. Deus, então, se encarrega aqui da função de médico, e diz: "Até aqui desejei sarar Israel, e tal era meu intuito, quando os abati por meus Profetas e empreguei minha palavra como uma espada; e depois, quando eu adicionei castigos; porém, agora eu descobri que sua maldade é maior do que a que pode ser corrigida por semelhantes medicamentos". *A iniqüidade de Efraim, pois, estava descoberta,* ele diz, *e então eu apercebi-me dos vícios de Samaria.*

Ora, este ponto ensina que, ainda que os vícios dos homens não apareçam instantaneamente, todavia, aqueles que iludem a si próprios e se disfarçam dos outros nada alcançam, e não ficam livres diante de Deus, nem seu erro é diminuído, tampouco estão absolvidos de culpa; pois, finalmente, seus vícios escondidos se revelarão: e isso acontece em especial quando o Senhor desempenha o ofício de médico para com eles; pois vemos que os homens, então banem sua amargura quando o Senhor busca curar suas corrupções. Sob o papado, precisamente aqueles que são os piores escondem seus vícios. Como assim? Porque Deus não os prova; não há instrução que cauterize ou extraia sangue[48]. Como pois os papistas descansam tranqüilamente em suas escórias,

[48] Desde Hipócrates de Cós, o "Pai da Medicina" (460 – 377 a.C.), e até o século XIX, prevaleceu a teoria dos humores, que explicava todos os fenômenos biológicos e, decorrente dela, surgiu a prática da sangria, usada para eliminar as

sua perversidade não aparece. Contudo, em outros lugares, onde Deus apresenta o poder de sua palavra, e onde fala validamente por seus servos, os homens demonstram que grande impiedade estava oculta neles; pois, em total sanha, levantam-se contra Deus, e não podem tolerar admoestação alguma. Então, assim que Deus principia a realizar o ofício de médico, os homens descobrem pois suas enfermidades. E esse é o motivo pela qual o mundo tanto evita a luz da doutrina celestial; pois aquele que pratica o mal odeia a luz, (João 3.20.) Podemos ainda observar o mesmo quanto aos castigos. Quando Deus indulta os perversos, eles, então, ao menos o bendizem com a boca; porém, quando ele começa a punir seus pecados, clamam contra ele e ficam irados, e demonstram afinal quanta fúria estava antes encoberta nos corações deles. Percebemos agora o que o Profeta aqui lança no débito do povo de Israel. Deve-se também observar nos dias correntes, por todo o mundo, que a cura das doenças descobre males que eram outrora ignorados.

Mas nós dissemos, e isso há que se ter em mente, que Efraim é aqui explicitamente indicado pelo Profeta, e também a cidade Samaria, pois que ele desejava sugerir que as suas moléstias eram crônicas, não só existindo nos membros extremos, mas profundamente estabelecidas na cabeça e nos intestinos, ocupando as partes vitais. Segue-se então: *Pois que eles agem de forma mendaz,* ou, procedem falsamente. O Profeta indica, com essa expressão, que nada havia de são no povo todo, porque estavam viciados em suas depravações. Pela palavra שׁקר, ***sheker,*** ele quer dizer toda espécie de falsidade, isto é, que os homens estavam completamente impregnados de concupiscências depravadas, e que agora nada havia neles são ou intacto. Esse pois é o ponto principal, que a imoralidade do povo estava descoberta, e que ela não seria curada com severidade moderada, porque penetrara nos próprios intestinos e se espalhara por todo o corpo.

O que se segue, os intérpretes costumam considerar como a punição que Deus já havia infligido. O Profeta diz: *O ladrão adentra, e o assaltante pilha por fora.* Portanto, eles pensam que isso se refere à maneira na qual Deus já tinha, pela punição, começado a mandar voltar o povo a uma mente sã; como se dissesse: "Vós sois saqueados por ladrões tanto quanto aperreados por salteadores". Mas eu antes penso que aqui o Profeta continua com o mesmo assunto, e revela que o povo estava tão infectado por dentro e por fora com vícios que não havia agora parte nenhuma saudável; e, mencionando uma parte pelo todo, ele aqui designa toda espécie de mal, pois especifica dois tipos que podem substituir todas as coisas em geral. Por conseguinte, ele diz: *O ladrão entrou,* ou seja, furtivamente, e comete ofensa de modo insidioso, ou mesmo abertamente, como assaltantes, que empregam violência desbragada; o que significa que a impiedade predominava tanto, seja por fraudes ou por guerra franca, que eles eram, de todas as maneiras, corruptos. Porém, quando ele diz que o ladrão havia adentrado, ele quer dizer que muitos do povo eram como raposas, que ardilosamente praticam dano; e, quando ele diz que o salteador espoliara lá fora, quer dizer que outros, como leões, capturavam abertamente e sem pudor o que pertencia a outros, e assim, pela força aberta, esbulhavam e saqueavam os miseráveis e os pobres.

Apreendemos agora o sentido dado pelo Profeta. Havendo dito que os israelitas e os cidadãos de Samaria conduziram-se tão cavilosamente, ele ora, especificando duas coisas, mostra o quanto eles tinham se apartado de toda integridade e se prostituído a toda sorte de impiedade: porque, onde a violência reinava, também reinavam as fraudes e todos os tipos de males. O ladrão, então, adentrara, e fora o assaltante pilhava; isto é, eles secretamente levavam a melhor contra seus próximos, e também saíam como ladrões francamente, sem vergonha alguma. Segue-se então —

---

impurezas contidas no sangue, tidas por causadoras do estado mórbido. Com ela, era removido o humor "vicioso" ou "em excesso", os quais, segundo se cria, eram os responsáveis pelas doenças. Na Idade Média, chegou-se, inclusive, a empregar sanguessugas para tirar sangue. A Medicina tradicional chinesa ainda utiliza técnicas de sangria em pontos específicos do corpo, chamados de pontos de acupuntura. (N. do T.)

Oséias 7.2

2. E eles não consideram em seus corações *que* eu me lembro de toda a maldade deles: agora, seus feitos os cercam em redor; eles estão diante da minha face.	**2.** Et non sixerunt in corde suo, omnis malitiae eorum recordatus sum (*hoc est*, quod recordatus sim omnis malitiae ipsorum:) nunc circumdederunt ipsos facinora eorum, in conspectu meo sunt.

O Profeta demonstra, aqui, que os israelitas avançaram para o mais alto pináculo de toda perversidade; pois pensavam que jamais eles teriam de prestar contas a Deus. Daí surge o desprezo a Deus; ou seja, quando os homens imaginam que ele está, por assim dizer, dormindo no céu, e que descansa de toda obra. Eles, de fato, não se atrevem a negar Deus, entretanto, retiram-lhe o que pertence especialmente à divindade dele, pois excluem-no do posto de juiz. Daí, pois, é que os homens se permitem tanta liberdade, pois que imaginam que obtiveram uma trégua com Deus; sim, acham que podem fazer tudo impunemente, como se houvessem celebrado um pacto com a morte e o inferno, como diz Isaías (Is 28.15). De tal embriaguez, então, o Profeta acusa aqui os israelitas: *Eles não dizem,* diz, *em seu coração, que eu lembro-me de toda a maldade deles;* isto é: "Eles zombam de mim tão audaciosamente, que é como se não fosse eu o juiz do mundo; eles não levam em consideração que todas as coisas estão à minha vista, e que nada está ocultado de mim. Visto, então, que eles supõem que eu seja como um ídolo morto, eles não têm temor algum, pelo contrário, entregam-se a toda maldade".

Ele então acrescenta: *Agora a impiedade deles os rodeia, pois eles estão em minha presença;* ou seja: "Eles finalmente perceberão que estão envoltos em seus próprios pecados, e que nenhuma saída ser-lhes-á aberta". Compreendemos agora o objetivo do Profeta; pois, após haver se lamentado da estupidez do povo, ora diz que esse assim se ufanava sem proveito algum, pois que Deus, entretanto, não está cego. Então, conquanto os homens pensem que um véu está puxado sobre seus pecados, todavia, eles estão enganados; pois todos esses estão à minha vista, e isso, eles mesmos por fim descobrirão pela prática, porque os pecados deles os cercarão ou sitiarão.

Aprendamos daqui que de nada se deve ter mais medo do que Satanás nos fascinar a fim de nos fazer achar que Deus repousa ocioso no céu. Nada há que possa nos instigar mais ao arrependimento do que quando revestimos Deus de seu poder e ficamos persuadidos de que ele é o juiz do mundo, e também, quando caminhamos como que em sua presença, e conhecemos que nossos pecados não podem ir para o oblívio se ele não os enterrar pelo perdão. Isso pois é o que o Profeta ensina na primeira parte do versículo. Ora, quando imaginamos que temos paz com Deus, com a morte e com o inferno, como Isaías diz na parte que citamos, o profeta ensina que Deus está, não obstante, acordado, e que seu ofício não lhe pode ser retirado, pois ele sabe de tudo que é conduzido neste mundo; e que isso será completa e abertamente sabido, quando nossos pecados nos cercar, como é também dito no capítulo quatro de Gênesis [49]: 'O pecado se deitará na tua porta'. Pois podemos, por um tempo, imaginar que temos muitos escapes ou, pelo menos, esconderijos; porém, Deus por fim mostrará que tudo isso é debalde, pois ele sobrevirá a nós, e não tem necessidade de forças armadas, obtidas desse ou daquele quartel; teremos inimigos suficientes em nossos próprios vícios, pois não seremos sitiados por eles de maneira distinta da que se Deus armasse o mundo inteiro contra nós. Prossigamos —

[49] Gênesis 4.7.

Oséias 7.3

3. Eles deixam o rei alegre com sua perversidade, e os príncipes, com suas mentiras.

3. In malitia sua exhilarant regem, et in mendaciis suis principes.

O Profeta ora denuncia todos os cidadãos de Samaria e, na pessoa deles, o povo todo, porque eles prestavam obediência ao rei por lisonja, e aos príncipes, nas coisas más, no tocante às quais as consciências deles os condenavam. No capítulo cinco, ele já mencionara a apostasia do povo aí, que eles haviam obedecido ao édito real. Certamente, podia ter parecido uma matéria digna de louvor, que o povo adotasse tranqüilamente o que o rei ordenava. Tal é o caso de muitos hoje em dia, que aduzem um pretexto desse gênero. Debaixo do papado, eles não ousam se afastar de suas ímpias superstições, e alegam esta desculpa, que eles têm de obedecer a seus príncipes. Porém, como eu já disse, o Profeta já havia antes condenado a obediência dessa laia e, agora, ele mostra que a apostasia que então reinava de uma extremidade a outra de Israel não devia ser imputada ao rei ou a poucos homens, mas era um mal comum, que envolvia a todos em uma só e mesma culpa, sem exceção. Como assim? *Por sua impiedade,* ele diz, *eles hilarizavam o rei e, por suas mentiras, os príncipes;* isto é, se eles quiserem lançar a culpa sobre seus governantes, será em vão; pois de onde veio então uma tal presteza? Tão logo Jeroboão formou os bezerros, tão logo ele erigiu templos, a religião depressa entrou em colapso, e tudo o que outrora era puro se degenerou; como se deu tão repentina mudança? Precisamente porque o povo, intimamente, forjara sua maldade, a qual surgiu quando se ofereceu uma ocasião; pois a hipocrisia jazia sim oculta em todos, e foi então desvendada. Percebemos agora o que o Profeta tinha em vista.

E esse ponto tem de ser cuidadosamente observado: pois freqüentemente sucede que algum vício entra de forma furtiva, procedente de um homem ou de alguns; porém, quando todos prontamente esposam o que uns poucos introduziram, fica bem óbvio que eles não possuem raiz alguma de piedade ou temor de Deus. Aqueles pois que são tão propensos a adotar vícios eram dantes hipócritas; e, cotidianamente, descobrimos ser esse o caso. Quando homens piedosos detêm o governo de uma cidade, e agem com prudência, então o povo inteiro dará alguma esperança de que temerá o Senhor; e quando qualquer rei, influenciado por um desejo de promover a glória divina, empenha-se para preservar todos os seus súditos no puro culto de Deus, então o mesmo sentimento de piedade será visto em todos: mas, quando um rei ímpio o sucede, a maior parte imediatamente recairá de novo; e, quando um magistrado negligencia seu dever, a maior parte do povo prorromperá na impiedade desbragada. Eu queria que não houvesse demonstrações de tais coisas; não obstante, por todo o mundo o Senhor designou que existissem exemplos delas.

Este propósito de Deus, por conseguinte, deve ser notado; pois ele acusa o povo de ter se tornado demasiadamente servil e flexível. Quando o rei Jeroboão estabeleceu o culto depravado, o povo imediatamente se ofereceu disposto a obedecer: por isso, a impiedade tornou-se consideravelmente manifesta. Eles pois *encantavam o rei pela impiedade deles, e os príncipes pelas suas mentiras;* como se ele dissesse: "Eles não podem transferir a culpa ao rei e aos príncipes. Por quê? Porque eles o deliciavam com suas maldades; isto é, eles manobravam o rei pelas suas ruindades e agradavam os príncipes com suas mentiras". Continua —

Oséias 7.4

4. Eles *são* todos adúlteros, como um forno aquecido pelo padeiro, cujo fogo *esse* cessa de atiçar após haver amassado a massa até ela ficar levedada.	**4.** Omnes adulteri, sicut fornax incensa a pistore, cessabit ab excitando post conspersionem (*vel*, mixtionem) farinae, sonec fermentetur.

O Profeta prossegue com o mesmo assunto nesse versículo: ele diz que eles todos eram adúlteros. Essa símile já foi amiúde explanada. Ele não fala aqui da fornicação vulgar, mas chama-os de adúlteros porque eles tinham violado a fé que empenharam a Deus, pois que se rendiam às sórdidas superstições, e ainda porque tinham se corrompido por inteiro, pois a fé e a sinceridade de coração constituem a castidade espiritual diante de Deus. Quando os homens ficam corrompidos em sua vida inteira, e declinam do culto puro de Deus, são, com justeza, considerados adúlteros. Nesse sentido mesmo o Profeta agora diz que todos eles eram adúlteros e, desse modo, ele confirma o que eu disse anteriormente, que, quanto às corrupções que então preponderavam, não eram poucos homens que tinham sido arrastado a elas, mas que o povo todo estava comprometido no delito; pois eles eram *todos adúlteros.* Dizer que haviam eles sido engabelados pelo rei, que haviam eles sido forçados pela autoridade, que haviam eles sido compelidos pela tirania de seus príncipes, teria sido vão e frívolo, pois *todos* eles eram *adúlteros.*

Em seguida, ele os compara a uma fornalha ou forno: *Eles são,* ele diz, *como uma fornalha* ou um *forno, esquentado pelo padeiro, o qual pára de atiçar o fogo até que a farinha esteja bem fermentada.* O Profeta, com tal símile, demonstra mais claramente que o povo não fora corrompido por algum impulso de fora, mas pela própria inclinação e propensão de mente; sim, por um louco e furioso desejo de agir perversamente. Ele anteriormente dissera que eles voluntariamente pecaram quando, com prontidão, abraçaram o decreto do rei; mas agora ele vai mais longe ainda, dizendo que seu fogo fora aceso por um instinto interior pecaminoso, e eram como um forno quente. Depois, ele acrescenta que isso não fora um impulso súbito, como por vezes acontece; mas que não sofrera modificação, de modo que ficavam corroborados na sua impiedade. Quando ele diz que os adúlteros são como um forno que queima, ele quer dizer que a apostasia deles não somente tinha sido espontânea, de forma que a culpa estivesse neles mesmos; mas que eles também tinham ardentemente agarrado a ocasião de pecar, e tinham estado aquecidos como um forno quente. Os ímpios amiúde refreiam seus desejos, e suprime-os quando nenhuma ocasião se apresenta, mas dá vazão a eles quando possuem a oportunidade de pecar impunemente. Assim, Deus ora declara que o povo de Israel não apenas fora inclinado à apostasia, mas também grandemente a desejara, de maneira que sua loucura era como uma chama acesa. [50]

Mas segue-se uma terceira coisa, e é esta, que esse fogo não fora acendido de repente, mas que por muito tempo estivera juntando força. Conseqüentemente, ele diz: *Como um forno esquentado por um padeiro, o qual cessa,* diz, *de atear o fogo depois de sacudir ou misturar a farinha, até ela ficar fermentada.* לוּשׁ, ***lush,*** significa "borrifar", *empaster* é o que eles dizem aqui. Alguns, tolamente, sustentam que eles eram como aqueles que dormem e, posteriormente, acordam cedo pela manhã. Contudo, o Profeta tinha uma coisa diferente em vista, e era essa, que, pela duração do tempo, a imoralidade deles havia aumentado, por assim dizer, gradativamente. Em suma, ele quer dizer que eles não estavam sob um impulso inopinado, como homens que muitas vezes transgridem por falta de reflexão e se arrependem incontinenti; cuja concupiscência, que fora por um momento inflamada, em um curto período, diminui. O Profeta diz que a veneta do povo de Israel tinha sido diversa; pois fora esse como um forno, o qual o padeiro, após haver acendido,

[50] "A sensualidade aqui é aquela sensualidade escriturística invariável, a paixão absurda e perversa da idolatria" — *Bp. Horsley.*

permite que fique bem quente, até o grau máximo; pois aquele fica na espera, enquanto a massa de pão vai ficando bem fermentada. Não era, pois, a intemperança e libidinagem de alguns dias; mas eles tornaram seus corações mui ardentes, como quando um padeiro esquenta seu forno e, dentro dele, coloca uma grande quantidade de combustível, para que, após um tempo, fique esquentado, enquanto a massa está levedando.

A palavra מעיר, ***me'ir,*** "de atiçar", deve ser considerada como מהעיר, ***meha'ir;*** pois o que alguns dizem, que o padeiro descansava da cidade, isto é, para gerir assuntos públicos, é sem imaginação. Outros vertem-no desta forma: "Ele descansa da cidade", visto não ser um cidadão — mas para qual propósito? Não há, pois, dúvida alguma de que o Profeta aqui prossegue suas comparações, as quais ele novamente repetirá daqui a pouco. Prossegue -

Oséias 7.5

5. No dia de nosso rei os príncipes *o* adoeceram com garrafas de vinho; ele estendeu sua mão aos escarnecedores.	**5.** Dies regis nostri, fecerunt príncipes aegrotare utre vini; ex tendit manum suam ad illusores.

O Profeta, aqui, vitupera particularmente o rei e os cortesãos desse. Ele falara do povo inteiro, e revelara que a sujidade dos males estava, por todo lugar, espalhada: porém, ele agora relata quão estranhamente o rei e seus cortesãos regiam. Por essa razão, ele diz: *O dia do nosso rei! Os príncipes tornaram-no doente;* ou seja, tão grande havia sido a intemperança do excesso, que o rei mesmo ficara enfermo pelo muito beber e estendia sua mão aos zombadores. Em resumo, o Profeta quer dizer que os membros do governo no reino de Israel ficaram tão corruptos que, no salão ou palácio do rei, não havia consideração nenhuma pela decência e nenhum pudor.

Por "o dia do rei", alguns entendem seu aniversário; e sabemos que é um velhíssimo costume do povo ordinário, ainda, celebrar o dia do natalício daquele. Outros atribuem-no ao dia da coroação, o que é mais provável. Alguns consideram-no o próprio princípio de seu reinado, o que parece forçado. *O dia de nosso rei!,* isto é: "Nosso rei está ora assentado sobre seu trono, ele agora tomou sobre si o governo do reino; festejemos então lautamente, e empanturremo-nos de comida e bebida". Tal sentido ajusta-se bem; porém, eu não sei se ele pode levar a denominação de dia; ele chama-o de "o dia do rei". Eu, de preferência, adotaria, então, a opinião daqueles que explicam-no como o dia anual da coroação: *o dia* então do nosso rei. Todavia, há intérpretes que vertem a frase deste modo: "No dia em que os príncipes fizeram o rei ficar doente"; mas eu faço esta separação nela: *O dia o rei! Os príncipes tornaram-no enfermo.*

De fato, não era pecaminoso ou censurável celebrar anualmente a memória da coroação; mas, então, o rei devia ter concitado a si e aos outros a renderem graças a Deus; a bondade do Senhor em preservar o reino a salvo devia ter sido reconhecida, ao final do ano; o rei também devia ter pedido a Deus o espírito de sabedoria e força para o futuro, para que pudesse desempenhar corretamente seu mister. Contudo, o Profeta mostra aqui que nada havia, então, em estado sadio; pois eles transformaram em abuso crasso o que era em si mesmo, como eu disse, útil. O dia pois de nosso rei — como é passado? O rei suplica humildemente por perdão perante Deus, se fez alguma coisa indigna de seu posto, se em alguma coisa escandalizou? Deu graças a Deus que tinha, até então, sustentado a ele com seu respaldo? Preparou-se para o futuro desempenho de sua obrigação? Coisa nenhuma tal; mas os príncipes abandonavam-se ao excesso e estimulavam seu rei; sim, eles tanto o dominaram com bebedeira imoderada que o tornaram enfermo. Esse então, ele diz, é o modo de proceder deles; nada de régio ora aparece no palácio do rei, ou mesmo digno dos homens; pois se entregavam como animais à embriaguez, e prevalecia tão grande intemperança entre eles que arruinavam o próprio rei com uma garrafa de vinho.

Alguns traduzem isto "um frasco": חמת, ***chamat,*** quer dizer propriamente uma garrafa; e conhecemos que o vinho era então preservado em garrafas, como o fazem os orientais até o presente dia. Então, *com uma garrafa de vinho,* com bebedice descomedida, eles fizeram o rei enfermar.

Depois, ele diz que o rei *estendia sua mão aos escarnecedores;* ou seja, olvidando a si próprio, ele não conservava nenhuma gravidade, mas se tornava semelhante a um bufão e, indecentemente, misturava-se com homens desprezíveis. Pois o Profeta, não tenho dúvida, chama de *escarnecedores* aqueles que, havendo lançado fora toda vergonha, abandonavam-se à chocarrice e ao atrevimento. Portanto, ele diz que o rei estendia sua mão aos escarnecedores, como prova de amizade. Como ele era, então, camarada de foliões e homens sem valor, ele repelira de si tudo de real que deveria ter possuído. Esse é o sentido. O Profeta, por isso, deplora esta corrupção, que não houvesse mais dignidade ou decência alguma no rei e em seus príncipes, estando de todo dados, como estavam, ao excesso e à ebriedade; sim, transformaram os dias sagrados nesse abuso, quando o rei deveria ter-se conduzido de uma maneira merecedora da classe mais honrada: ele se prostituíra a todo tipo de lascívia, e seus príncipes eram seus líderes e apoiadores. [51] Essa tão grande depravação, o Profeta agora deplora. Segue-se —

Oséias 7.6

6. Pois eles aprontaram o coração deles como um forno, enquanto ficam na espreita; o padeiro deles dorme a noite toda; na manhã, queima como um fogo chamejante.	**6.** Quoniam appropinquare fecerunt (*ad verbum; hoc est*, aptarunt) instar fornacis cor suum in fraudibus suis (*vel*, insidiis;) tota nocte dormiet pistor ipsorum; mane fornax ardebit quase ignis flammae (*hoc est*, ignis projciens flammam.)

Aqui, o Profeta diz que os israelitas, secretamente, e por meios ocultos, prepararam seus corações para atos malignos; e ele adota quase a mesma símile que adotou um pouquinho antes, embora para uma finalidade diferente; pois diz que eles haviam preparado seus corações secretamente, como o padeiro põe fogo à noite em seu forno, em seguida descansa e, pela manhã, o forno está bem aquecido, havendo atingido calor satisfatório para assar o pão. O forno fica quente de manhã, ainda que o padeiro durma. Como assim? Porque uma abundância de combustível foi colocada juntamente, a fim de que esteja aquecido pela manhã. Conseqüentemente, o descanso não impede mesmo que o fogo esquente o forno, quando há uma quantidade suficiente de combustível, quando o padeiro preenche seu forno para que o fogo não possa se extinguir, nem se apagar gradualmente. Quando o padeiro põe assim em ordem uma pilha de lenha, ele depois repousa com confiança, pois o fogo continua até à manhã. Percebemos agora, então, o desígnio do Profeta.

Eles prepararam, diz ele, *seus corações insidiosamente;* isto é, ainda que a princípio não tornassem patente sua maldade, eles, todavia, antecipadamente preparavam seus corações, como o forno é aceso, ou como a fornalha é aquecida antes de o pão ser preparado; mais que isso, não há necessidade nenhuma de muita azáfama — não há necessidade alguma de muita bulha quando o padeiro acende seu forno, pois ele prepara a lenha, e então vai repousar; e, no meio-tempo, enquanto dorme por toda a noite, o fogo fica ardendo. Assim também eles todos, conquanto não se dessem conta de sua imoralidade, todavia, no entretempo, aqueciam seus corações como um forno; isto é, feitos maus haviam sido concebidos por eles, paulatinamente e durante um longo período de tempo, antes que resultassem em atos francos de impiedade.

---

[51] Quasi faces, vel stimuli; "por assim dizer, tições, ou aguilhoadas".

Por esse motivo, vemos que a comparação de um forno é exposta aqui pelo Profeta em um sentido distinto do que tinha sido outrora; e isso deve ser notado, porque os intérpretes, de modo descurado, ignoram isso totalmente, como se o Profeta dissesse a mesma coisa nos dois lugares. Mas a significação, como fica patente, é muitíssimo diversa. Pois ele apenas tinha a intenção de, no primeiro caso, reprovar o louco desejo com o qual eles estavam ardendo; porém, agora, ele fala de seus complôs e fraudes veladas; isto é, que os israelitas antes se mostravam abertamente ser ímpios e maus, mas que eles eram agora perversos diante de Deus. Como assim? Porque eles eram, agora, como um forno aceso à noite; pois como o padeiro, havendo fechado a porta de sua casa, põe fogo, enquanto ninguém percebe que a fornalha ou o forno está sendo aquecido; assim também, o povo alimentava e nutria sua impiedade perante Deus; e em seguida, no decurso do tempo, irrompia abertamente, sempre que uma oportunidade era oferecida.

ORAÇÃO

Conceda, Todo-Poderoso Deus, que, visto que tu uma vez refulgiste sobre nós por teu evangelho — Ó, outorgue que sejamos nós sempre guiados por tua luz e, assim guiados, que todas nossas concupiscências sejam açaimadas; e o poder do teu Espírito extinga em nós todo ardor pecaminoso, para que não nos tornemos excitados com nossos perversos desejos, mas que, com todos esses estando subjugados, ajuntemos novo fervor diariamente, para que aspiremos a ti mais e mais: e não deixe nunca a frieza da carne se apossar de nós, mas que continuamente progridamos no caminho da piedade, até finalmente chegarmos àquele abençoado descanso, ao qual tu nos convida, e que nos foi obtido pelo sangue de teu Filho unigênito, nosso Senhor Jesus Cristo. Amém.

DÉCIMA-NONA DISSERTAÇÃO

Oséias 7.7

7. São todos quentes como um forno, e devoram seus juízes; todos os seus reis estão caídos: não *há* ninguém entre eles que me invoque.

7. Omnes calent tanquam clibanus, comederunt judices suos: omne reges eorum ceciderunt; nemo in illis clamat ad me.

O Profeta repete o que havia dito anteriormente, que os israelitas estavam arrebatados por um louco zelo em suas superstições e práticas más, e não podiam ser acalmados ou apaziguados por remédio nenhum; e, simultaneamente, ele mostra que tal moléstia ou intemperança grassava entre o povo inteiro, para que o vulgo não acusasse alguns homens, como se esses fossem os autores de toda a imoralidade. Ele fornece prova do frenesi deles, porque, até aqui, não haviam sido reformados por correção alguma. *Eles comem,* ele diz, *seus próprios juízes; seus reis caíram; entrementes, nenhum deles clama a mim.* O que o Profeta diz aqui eu relaciono aos reis bons, ou àqueles que eram aptos a manter um governo normal entre o povo. Ele diz que tanto juízes quanto reis haviam caído; por cujas palavras ele quer dizer que os israelitas tinham sido privados de governantes bons e sábios; e isso era uma desordem triste e miserável para o povo; era o mesmo que a cabeça ser removida do corpo. Em suma, ele diz que o corpo estava estropiado e mutilado, pois que o Senhor destituíra os reis e os juízes. Sabemos, deveras, que reis, em sucessão contínua, reinaram entre os israelitas; mas devemos considerar de quais reis o Profeta fala aqui.

Mas observemos agora o que ele diz: *Juízes foram devorados.* Alguns defendem que o povo, por sua petulância, levantara-se contra seus juízes, e, como que liberto de todas as leis, havia, por grande força, transtornado toda ordem; porém, isso me parece forçado. O Profeta, não tenho dúvidas, quer dizer que os juízes foram devorados porque o povo havia tornado, por sua própria culpa, inteiramente nulo, por assim dizer, o favor divino, como muitas vezes acontece, todo dia. Deus, realmente, começa a fazer bem, para que continuem seus benefícios a nós, até ao fim; porém, devoramos seus benefícios; pois secamos, no modo de dizer, a fonte de sua bondade, a qual, de outro modo, fluiria inesgotável e perpetuamente para nós. Como pois a bondade de Deus, que é, por outro lado, inexaurível, é, de certa forma, secada para nós, quando não a permitimos que se aproxime de nós, é em tal sentido que o Profeta ora se queixa que os juízes tinham sido devorados pelos israelitas; pois, por meio da impiedade deles, ficaram privados dessa singular benevolência divina; e eles a consumiram, como ferrugem ou alguma outra falha no latão destrói a fruta boa. Apreendemos agora o significado desse versículo.

Deus primeiro mostra que os israelitas estavam tão fogosos que sua veneta não podia ser corrigida ou aquietada. Como assim? "Eu testei", ele diz, "se a sua doença era curável; pois tirei seus reis e governantes, o que não foi um sinal ininteligível do meu descontentamento: mas em nada resultou". Segue então אין קרא בהם אלי, ***'ein kore' bahem 'elai,*** *não há ninguém,* diz, *entre eles que clame a mim.* Ele dissera que todos estavam ardendo com o desejo de cometer pecado; agora, acusando a estupidez deles, não excetua ninguém. Por isso, vemos que o povo todo estava tão tomado de furor que, quando castigado pela mão de Deus, todavia, não clamava a esse. De fato, é certo que os israelitas clamaram sim, porém, sem arrependimento; e é usual da parte dos hipócritas berrarem quando Deus os pune; entretanto, eles não lhe dirigem suas súplicas e seus gemidos, pois o coração deles está trancado pela obstinação. Desse modo, então, deve ser interpretada essa oração, que eles não se arrependeram, nem fugiram a Deus para obterem compaixão. Segue-se pois -

Oséias 7.8

8. Efraim se mistura entre o povo; Efraim é um bolo não virado[52].	**8.** Ephraim inter populos ipse miscuitse: Ephraim fuit panis subciniricius, qui versus non est.

Deus agora se queixa de que Efraim, a quem ele elegera para ser uma propriedade peculiar para si, em coisa alguma diferia das outras nações. Os filhos de Abraão, sabemos, foram adotados por Deus para esta finalidade, para que não fossem como os pagãos: pois o chamado de Deus traz consigo a santidade. E devemos lembrar daquela frase memorável, que amiudadas vezes ocorre, 'Sede santos, pois eu sou santo'. Os israelitas, então, tinham de ter sido ciosos de sua vocação, e decidido adorar a Deus com pureza, não se profanando com as máculas e a imundície dos gentios. Mas Deus diz aqui que Efraim agora não se diferenciava em nada das nações incircuncisas. *Ele se mistura,* ele diz, *com os povos.* E há uma ênfase a se notar no pronome demonstrativo הוּא, ***hu',*** *Efraim mesmo,* ele diz: pois isto era certamente indigno, de modo nenhum devia se aturar que Efraim, sobre quem Deus estampara a marca da sua eleição, estivesse ora enleado nas superstições dos gentios. Percebemos agora, então, o tom das palavras do Profeta: *Ele, precisamente Efraim, mistura-se com as nações.* Caso a condição de Israel e de todas as nações tivesse sido semelhante e igual, o Profeta não teria falado dessa forma; contudo, como Deus destinara Efraim para ser santo para si, o Profeta, aqui, amplia o pecado daquele, quando diz que Efraim mesmo se misturara com as nações.

Ele, então, acrescenta: *Efraim é como pão assado sob as cinzas, que não é virado.* Tal metáfora ajusta-se com a maior propriedade ao sentido dado pelo Profeta e às circunstâncias dessa passagem, contanto que seja entendido do modo certo. E eu acho que o Profeta simplesmente quis dizer isto, que Efraim em nada era estável, mas que era inconstante e mutável; como quando na linguagem vulgar fazemos saber a mutabilidade daqueles que não são coerentes consigo mesmos, e em quem não há nenhuma sinceridade, dizendo: *Il n'est ne chair ne poisson,* (não é nem carne nem peixe.) Assim também, nesse ponto, o Profeta diz que Efraim era como um bolo queimado de um lado e pastoso no outro, ou um naco de massa cru e não assado. Pois Efraim, sabemos, gabava-se de ser um povo sagrado para Deus; e, visto que a circuncisão distinguia esse povo de outras nações, dava a impressão de haver alguma distinção; entretanto, o culto de Deus estava corrompido; todos os sacrifícios estavam adulterados, como já vimos, e a sua religião como um todo era uma confusa mistura; sim, um caos composto de superstições gentias e de alguma coisa assemelhada à verdadeira e legítima adoração. Quando, portanto, os israelitas, perfidamente, mofavam de Deus, eles não tinham coisa alguma de firme: por esse motivo, o Profeta compara-os a um bolo, o qual, sendo colocado no fogão, não é virado; pois um lado deve ficar queimado, enquanto o outro permanece sem assar[53].

O Profeta, aqui, antecipa o que os israelitas podiam objetar; pois aos hipócritas, sabemos, jamais carecem pretextos. Os israelitas, então, podiam apresentar esta defesa: "Tu dizes que estamos agora enredados nas profanações dos pagãos; mas os pagãos não têm circuncisão; entre

---

[52] "Efraim! Ele se mistura entre os povos! Efraim é um bolo não virado!" — *Bp. Horsley.*

O Bispo acrescenta esta nota — "A palavra עמים, no plural, sempre denota as várias nações da terra, as nações não iluminadas, em oposição ao povo peculiar de Deus, os israelitas". (N. do E. inglês.)

[53] O Bispo Horsley dá o mesmo esclarecimento: "Uma coisa de um lado, uma outra do outro; queimado de carvão no fundo, e massa pura em cima. Uma imagem apropriada de um caráter que é todo inconsistência. Tais eram as dez tribos dos dias do Profeta; adoradores de Jeová na profissão, mas adotando todas as idolatrias das nações vizinhas, além da sua semi-idolatria dos bezerros".

"Assado de um lado, e cru do outro, ele nem é completamente quente, nem completamente frio, mas em parte judeu e em parte gentio". — *Bíblia de Genebra.* (N. do E. inglês.)

eles o Deus de Israel é desprezado, não há altar sobre o qual o povo possa sacrificar ao Deus verdadeiro; nós, ao contrário, somos os filhos de Abraão, temos o Deus que estendeu sua mão para nos libertar do Egito, e o sacerdócio continua sempre conosco". Como então os israelitas podiam apresentar tais pretextos para as suas superstições, o Profeta diz, por antecipação, que eles eram *como pão assado sob as cinzas,* o qual, sendo lançado na fornalha, não é virado, de modo que a assadura não fica igual; pois então, um lado receberá calor e, no outro, não haverá temperatura proporcional. "Vós estais", ele diz, "de um lado queimados, mas, de outro, crus; de forma que convosco nada há senão a mera perfídia". Compreendemos agora o que o Profeta quer dizer.

Porém, tal símile pode também se referir à punição deles; pois Deus havia demonstrado outrora, em muitos lugares, que os israelitas eram tão perversos que não podiam ser subjugados nem trazidos a uma mente sã por quaisquer tormentos: e ele outra vez repete esse lamento. A significação das palavras, então, pode ser esta, que Efraim era como um bolo, que não é virado no fogão, porque ele fora violenta e severamente castigado, mas sem qualquer proveito; sendo como réprobos que, ainda que o Senhor os fira, todavia, continuam obstinados em sua dureza. Eles estão, pois, queimados em um lado, por que estão quase totalmente consumidos debaixo de tais males; mas, no outro, estão inteiramente mal cozidos, pois que o Senhor não abrandara a perversidade deles. Mas o que eu expus no primeiro ponto é mais compatível com o contexto.

Entendemos agora, então, o que o Profeta diz: na primeira oração Deus acusa Efraim, porque esse se fizera profano, ao receber os ritos e superstições dos gentios, de modo que havia, como eu disse antes, uma confusa mistura. No segundo ponto, ele responde aos israelitas, caso pleiteassem em seu favor o nome de Deus, pois lhes era habitual elaborar imposturas. Por conseguinte, ele diz que eles eram, em algumas coisas, diferentes das nações incircuncisas, mas que tal diferença não era coisa alguma diante de Deus, pois eram eles como pão assado debaixo de cinzas, que nem fica assado nem cru em ambos os lados; pois um fica queimado, e o outro permanece mal cozido[54]. Segue-se agora -

Oséias 7.9

9. Estranhos devoram seu vigor, e ele não *o* sabe: sim, as cãs estão aqui e acolá sobre ele, não obstante, ele não o sabe.	**9.** Comederunt extranei robur ejus, et ipse non intelligit: etiam canities sparsa est in eo, et ipse non intelligit.

O Profeta segue o mesmo argumento, isto é, que Israel não se tinha arrependido, embora o Senhor os tivesse, de diversas maneiras, convidado à penitência; sim, e os compelido pelo flagelo dele. É, de fato, uma prova de impiedade irremediável e incurável quando Deus não nos persuade em nada, seja por sua palavra ou por suas chicotadas. Quando estamos surdos à sua instrução e às suas admoestações, fica bem patente que somos de todo perversos: porém, quando o Senhor também ergue sua mão e inflige punição, se não curvarmos então, o que se pode dizer, senão que nossos pecados fincaram raízes profundas tais que não conseguem ser à força removidos de nós? Por isso, nessas palavras, Deus mostra que ora não havia corretivo para os israelitas; pois, após haverem sido com tanta freqüência e de tantos modos variados alertados, eles não retornaram ao reto caminho; pelo contrário, eles não pensavam em seus pecados, mas permaneciam insensíveis. E Paulo diz dos tais que eles são απηλγηκοτας, ***apelgekotas,*** ("insensíveis", Efésios 4.19), isto é, destituídos de sentimento. Quando os homens não sentem nenhum abalo em seus apuros, é certo que estão afetados pelo espírito de vertigem. No entanto, os israelitas indubitavelmente sentiam

[54] O relato que *Pocock,* como citado por *Newcome,* dá da assadura no Oriente, entre os aldeães, é o seguinte: "As pessoas preparam uma lareira no meio do cômodo: quando o pão está pronto para assar, elas varrem um canto do fogão, põem ali o pão, cobrem-no com cinzas e brasas quentes e, em quinze minutos, *viram*-no". (N. do E. inglês.)

seus males; mas o Profeta quer dizer que eles estavam tão atordoados que não consideravam a causa e a procedência deles. E o que pode ajudar, quando alguém sabe que está ruim e, não obstante, não olha para Deus, nem pensa que é, com justiça, visitado? Conseqüentemente, quando alguma pessoa grita somente por causa das lambadas, e não considera a mão do golpeador, como diz um outro Profeta (Isaías 9.13), decerto há nela arrematada estupidez. Por essa razão, vemos o que o Profeta tinha em vista quando disse que *Israel não compreendia, conquanto fosse devorado por estrangeiros, conquanto o cabelo grisalho estivesse se espalhando sobre si;* pois não atentava ele à causa dos males, mas continuava estúpido; nem alçava mesmo sua mente a Deus, de modo a imputar aos próprios pecados todos os males que sofria.

Ele diz que *a força dele foi comida por estrangeiros.* Deus havia prometido que o povo estaria debaixo da proteção divina; mas, quando eles ficaram expostos à rapina dos estrangeiros, por que não perceberam que estavam despojados daquela proteção? E tal não podia ter ocorrido, salvo se o pecado deles os houvesse destituído desse privilégio. Destarte, os israelitas devem ter sido extremamente cegos e alienados de mente, quando não perceberam que eram, assim, espoliados pelos estrangeiros, pois que Deus ora não os defendia, nem era o protetor deles, como costumava ser outrora.

Ele adiciona que *as cãs estavam sobre ele.* Alguns entendem por isso que os israelitas não foram melhorados pela longa sucessão de anos. A idade, como sabemos, através da longa experiência, traz aos homens alguma prudência. As pessoas jovens, mesmo quando o Senhor as convida para si, são arrebatadas por um ou outro impulso; porém, nos idosos há mais prudência e moderação. Por essa razão, muitos julgam que os israelitas são aqui condenados porque não aproveitaram nada — nada, nem mesmo com o avançar da idade. Mas o Profeta, não duvido, expressa a grandeza das calamidades deles com essa maneira de falar, quando diz que *as cãs se distribuíam sobre ele;* pois sabemos que, quando alguém está dolorosamente angustiado e aflito, ele fica grisalho pela grande pressão dos males; visto como os cabelos brancos não procedem somente dos anos, mas também das preocupações e ansiedades pesadas, as quais não apenas debilitam os homens, mas ainda os consomem. Sabemos deveras que os homens envelhecem quando sofrem males. E aqui, em meu raciocínio, o Profeta quer dizer que "as cãs vieram sobre Israel" — isto é, que esse tinha sido visitado com tantos males que estava gasto, por assim dizer, pela velhice; e que, no fim das contas, não auferira benefício algum. Percebemos agora a verdade do que eu disse antes, que era o ensino invariável do Profeta que as doenças que predominavam entre o povo de Israel eram incuráveis, pois eles não podiam, por remédio algum, serem trazidos à penitência. Segue-se —

Oséias 7.10

10. E o orgulho de Israel testemunha em sua face: e eles não retornam ao SENHOR seu Deus, nem o buscam nisso tudo.	**10.** Et testificabitur (*vel*, testificata est) superbia Israelis ad faciem ejus, et non reversi sunt ad Jehovam Deum suum, et non quaesierunt eum in omnibus his.

O Profeta agora confirma sua doutrina anterior, e fala, de modo geral, que *o orgulho de Israel prestará testemunho a ele em sua face,* ou humilha-lo-á em sua face. A palavra ענה, ***'anah,*** quer dizer, em hebraico, "testificar", e muitas vezes, também "humilhar" ou "afligir", como foi afirmado no capítulo cinco, e as palavras do Profeta ora são as mesmas, e os dois sentidos são apropriados. No entanto, não dou muita importância a isso, pois o intento do Profeta está claro; o que ele quer dizer é que Deus havia tão abertamente castigado os israelitas que eles deviam ter percebido a mão dele, a menos que fossem absolutamente cegos, e que, estando, ao mesmo tempo, avisados, deviam, de maneira suplicante, humilhar-se. Caso, então, leiamos, "atestar" ou "humilhar", o sentido será o mesmo, e ficará claro que o intuito do Profeta é idêntico. "A soberba

de Israel, então, humilhará a ele em sua face", ou, "a soberba de Israel atestará em sua face": pois o Profeta quer dizer que, por mais ferozmente que os israelitas se levantassem contra Deus e fossem descorteses para com os Profetas dele, e por mais perversamente que rejeitassem todo ensinamento, e ainda escusassem seus próprios pecados, todavia, tudo isso não lhes ajudaria em nada, já que eles estavam tão derribados por seu orgulho que o Senhor os considerava condenados, como se o crime deles tivesse sido provado por muitas testemunhas, e a máscara, agora removida; em suma, não havia mais qualquer dúvida: eis o que o Profeta quer dizer.

A presunção de Israel, pois, *testifica,* ou, *humilha-o em sua face;* ou seja, ainda que, até então, Israel se afigurasse inflexível contra todas as admonições, contra todas as punições, todavia, eram julgados condenados; e, ao mesmo tempo, *eles não retornam,* ele diz, *ao seu Deus, e não o procuram por todas essas coisas.* Percebemos agora o que eu disse, que a queixa anterior, com respeito à perversidade diabólica que tanto reinava no povo, é aqui confirmada, de modo que não mais havia qualquer esperança de salvação para eles. E ele diz que *eles não voltaram para Jeová seu Deus;* pois estavam constantemente correndo atrás dos ídolos deles, como vimos anteriormente; sim, estavam possuídos com um zelo excessivo daquilo que o Profeta fala no início do capítulo; porém, eles não retornaram a Jeová; estavam inteiramente ocupados com a legião das divindades deles e, ao mesmo tempo, não possuíam nenhum apreço por Deus.

E, quando diz, *seu Deus,* ele traz uma vigorosa censura; pois Deus se lhes tinha manifestado; sim, esse se tinha dado a conhecer a eles nitidamente pela lei divina. Que não voltassem a ele, então, não era simplesmente por ignorância ou erro, mas por uma loucura diabólica, como se desejassem, de vontade própria, e de modo deliberado, perecer. Deus, então, chama a si próprio aqui de o Deus de Israel, não por causa da honra, mas para que expusesse mais a ingratidão e realçasse a aleivosia desse, pois que o deixou e não o buscou.

O que ele pretende dizer, *por todas essas coisas,* é, que todo tipo de remédio havia sido experimentado e que, portanto, a doença deles era totalmente incurável. Quando não conseguimos fazer nada de uma maneira, freqüentemente tentamos de uma outra. Ora, Deus não tentara só de uma forma trazer Israel de volta para si, mas tentara todos os remédios. Quando nenhum bem se seguiu, o que se devia dizer, senão que o povo estava perdido, e sem esperança alguma? Isso, então, é o que o Profeta quer dizer aqui. Segue-se agora —

Oséias 7.11,12

11. Efraim é também como uma pomba desmiolada: chama o Egito, vai à Assíria.	**11.** Et fuit Ephraim tanquam columba credula (*vel*, quae fallitur, *vel*, declinans, ut alii vertunt) sine corde (id est, sine intelligentia; cor enim saepe est Hebraeis voluntas, sed interdum mentem et intelligentiam significat;) clamant Aegyptum, proficiscuntur in Assyriam.
12. Quando ele for, lançarei minha rede sobre ele; fa-los-ei descer como as aves do céu; castiga-los-ei, quando sua congregação tiver ouvido.	**12.** Ubi autem profecti fuerunt (*vel*, quocunque profecti fuerunt) extendam super eos rete meum: tanquam avem coeli dejiciam eos; corrigam eos (*vel*, ligabo,) secundum auditionem coetus ipsorum. [55]

O Profeta, aqui, primeiro acusa Israel de credulidade tola, comparando-os a uma pomba; pois eles haviam invitado os egípcios e mandado chamar o auxílio da Assíria. A simplicidade é, realmente, uma virtude louvável, quando juntada à prudência. Contudo, como todas as coisas razoáveis e sensatas nos homens se transformam em imoralidade quando não há nenhuma integridade, assim, quando esses são por demais crédulos e destituídos de todo julgamento e razão, isso é, pois, mero desatino. Mas, quando ele diz que *Israel é como uma pomba,* ele não quer dizer que os israelitas pecaram pela mera ignorância, mas que eles estavam desprovidos de todo juízo; e tal loucura é oposta ao conhecimento que Deus lhes oferecera em sua lei: pois Deus nunca cessara de guiar Israel através da sã doutrina; ele sempre exibira diante deles a tocha da sua palavra; mas, enquanto Deus, desse modo, lhes dava luz, Israel era tão crédulo que dava atenção às ilusões de Satanás e do mundo. Percebemos agora, pois, o significado dado pelo Profeta.

Alguns vertem פּוּתה, ***potah,*** por "desviar-se para longe": e sua raiz פּתה, ***patah,*** indubitavelmente, quer dizer "desviar-se para longe"; e por vezes também significa "persuadir": por isso alguns dão essa tradução, "uma pomba persuasível", ou, "crédula". Mas o Profeta, não tenho dúvida, quer dizer que eles estavam seduzidos por lisonjas, ou tapeados por encantos, o que dá no mesmo. Israel, então, era como uma pomba, ludibriado por vários chamarizes.

Como assim? *Porque eles correram aos assírios, eles convidaram os egípcios.* Se Israel tivesse atentado à lei de Deus, ele podia se sentir seguro de não estar em risco de se transviar; pois o Senhor não nos mantém em ansiedade ou dúvida, para que balancemos, mas torna nossas mentes firmes e tranqüilas por sua palavra, como também é dito em outra parte: 'Isso é descanso'. Os israelitas, então, resolveram não fixar seus pés, por assim dizer, em chão sólido; e preferiram voar para cá e para acolá como pombas; e sua credulidade levou-os a muitos erros. Como? Porque eles optaram antes em se entregar a si próprios, para serem engabelados pelos egípcios, bem como pelos assírios, ao passo que Deus ainda estava disposto a guiá-los pelo conhecimento sadio. Compreendemos agora que o fito de tal acusação do Profeta era que Israel voluntariamente recusava o meio de segurança oferecido, o qual podiam ter seguido com confiança e com uma mente plácida e serenada; mas, no entretempo, esse voava para cima e para baixo, e se tornava propositadamente errático; pois se permitia ser logrado por diversas iscas.

Ora, esse ponto ensina-nos que os homens não devem ser desculpados pelo pretexto da simplicidade; pois o Profeta aqui condena exatamente essa fraqueza nos israelitas. Devemos pois prestar atenção à regra de Cristo: 'Sede cândidos como pombas, entretanto, prudentes como

[55] "Como eles ouvem-no declarado em sua congregação" — *Bp. Horsley.* (N. do E. inglês.)

serpentes'. [56] Contudo, se temerariamente nos descontrolarmos, a escusa da ignorância será frívola; pois o Senhor resplandece seu rosto sobre nós por sua palavra e nos mostra o reto caminho; e ele também tem em seu poder o espírito de prudência e julgamento, que jamais nega àqueles que solicitam. Porém, quando desprezamos a palavra, negligenciamos o Espírito de Deus e seguimos nossas próprias imaginações errantes, nosso pecado é duplicado; pois, desse modo, menosprezamos e apagamos a luz da palavra, e também pereceremos por vontade própria, em vez de o Senhor nos salvar.

Mas um anúncio da punição segue-se depois: *Seja aonde for,* diz, *que eles forem, eu estenderei sobre eles minha rede, e os baixarei como os pássaros do céu.* Deus mostra que, ainda que os israelitas andassem à volta aqui e ali, todavia, o fim deles seria triste; pois ele faria sua rede ficar espalhada: e dá seguimento à símile que empregou no último versículo. Ele havia dito que eles eram como pombas, que eram levados por um instinto repentino ao engodo, não olhando para a rede estendida. Se pois a pomba vê somente o chamariz e, ao mesmo tempo, não evita o perigo, é uma prova de simplicidade tola. Por esse motivo, Deus diz: *Eu estenderei a minha rede;* isto é, eu farei com que todos vossos esforços e propósitos sejam frustrados, e todas as vossas esperanças sejam debalde; pois, *para onde quer que eles fujam, minha rede estará espalhada.*

Eis uma passagem notável; pois dela aprendemos que o resultado sempre será desditoso, se tentarmos qualquer coisa oposta à palavra do Senhor, e se mantivermos reuniões sobre as quais seu Espírito não presida; como é dito por Isaías 30.1: 'Ai daqueles que tecem uma rede, e não aproveitam as minhas palavras! Ai daqueles que tomam conselhos, e não invocam o meu Espírito!' Essa passagem concorda totalmente com as palavras de Isaías, embora a forma de falar seja diferente. Pertence pois a Deus abençoar nossos conselhos, para que eles possam ter uma consecução próspera e desejada. Porém, quando Deus não é favorável, e até se opõe aos nossos desígnios, que fim afinal nos aguardará, senão que tudo o que houvermos alcançado finalmente será tornado em nossa ruína? Que saibamos então que, seja o que for que os homens façam neste mundo, está governado pela secreta providência de Deus; e, como Deus conduz seu povo por sua mão estendida, e dá a seus anjos o encargo de guiá-los; assim também ele tem sua rede estendida para apanhar todos aqueles que vagueiam após suas erráticas imaginações. Por essa razão ele diz: *Para onde quer que eles forem, eu espalharei sobre eles minha rede;* e mais adiante, *eu os descerei como os pássaros do céu.*

O Profeta parece aludir à vã confiança a qual ele mencionou, quando disse que Israel atara vento em suas asas. Pois, quando os homens presunçosamente intentam algo, eles simultaneamente prometem a si mesmos que não haverá coisa alguma para impedi-los de obter o objetivo deles. Então, visto como os homens, extasiados com sua ridícula confiança, ganham mais atrevimento, sim, por fim, de modo furioso, atacam a Deus, e parece como que rompessem as próprias nuvens, o Profeta diz: *Eu baixa-los-ei como as aves do céu;* ou seja: "Eu concederei a eles que sejam elevados por um tempo; mas, quando penetrarem as nuvens, eu os farei descer, eu farei com que conheçam que o vôo deles não será de proveito nenhum". E devemos observar de onde os israelitas foram puxados para baixo. Pois quem não teria julgado que muita proteção devesse ter sido encontrada nos assírios ou nos egípcios, de modo que não era debalde que esperassem o livramento? Mas o Senhor, rindo, escarnece desse vão poder do mundo; pois, qualquer que seja a esperança que os homens concebam quando se alheiam de Deus, ela desvanecer-se-á como fumaça.

E, em seguida, ele acrescenta: *Eu os castigarei,* ou, 'eu os amarrarei': pois o verbo יסר, ***yasar,*** tem ambos os sentidos de "castigar" e de "amarrar"; de modo que uma ou outra acepção

[56] Mateus 10.16.

pode ser aceita. Se a palavra "amarrar" for confirmada, harmonizar-se-á bem com a metáfora, como se ele dissesse: "Eu agarrar-te-ei em minhas redes". Pois, visto como aos pássaros é admitido voar, pensam que o céu todo é deles; mas, quando caem nas redes, são aprisionados; ficam então inaptos para voar, e não podem mover suas asas. Desse modo, pois, este sentido, "eu os atarei", é muito apropriado; o que significa: "Eles não serão capazes de romper minha rede, mas eu os manterei amarrados até ao fim". Mas, se alguém preferir o outro sentido, *eu os castigarei,* eu não objeto; e, no que diz respeito ao significado, vemos que não há muita diferença de qual sentido entendemos, salvo que a palavra, "amarrar", como eu disse, concorda melhor com a metáfora.

Ele diz: *Conforme a audiência da assembléia deles.* Quase todos traduzem isso assim, como se Deus houvesse dito que ele os puniria como havia ameaçado por Moisés, e como se fosse também uma acusação indireta da incúria deles, porque não ficaram sábios após haverem sido, por longo tempo, admoestados, mas ainda desdenharam daquelas denúncias que, constantemente, ressoavam em seus ouvidos. Pois Deus não apenas tinha prescrito em sua lei a regra de uma vida religiosa, mas também adicionado ameaça pesada e severa, pela qual deu aprovação à doutrina da lei. Nós sabemos quão pavorosas são aquelas maldições da lei. Visto então que Deus havia, precisamente desde o princípio, assim ameaçado aos israelitas, não deviam eles ter andando diante dele com mais cuidado? Mas eles não ficaram assombrados com tais anúncios. Por isso, Deus aqui exprobra indiretamente essa grande loucura, que os israelitas não atentassem suficientemente à sua ameaça, pela qual teriam sido mandados voltar ao reto caminho; pois Moisés, por meio dessas, pôs uma restrição precisamente sobre as paixões desenfreadas dos homens, se somente permanecesse ali neles uma partícula de sã compreensão. Mais ainda, as mesmas repreensões haviam sido amiudadas vezes impingidas sobre eles pelos Profetas; nem jamais havia Deus cessado de estimulá-los, até que os ouvidos deles todos tivessem ficado surdos à sua voz. Por conseguinte, ele diz: *'Eu os agarrei com amarras'*, ou: 'Eu castiga-los-ei *segundo a audiência da assembléia deles';* isto é: "A punição que eu infligirei devia ter sido de há muito conhecida deles, pois eu tenho abertamente ordenado que minha lei fosse promulgada para eu poder assim testar meu povo pela ameaça severa; eu agora, pois, executarei o juízo, no qual eles não creram, porque até aqui os tenho poupado".

Como eu já disse, quase todos os intérpretes anuem a essa opinião, só que não consideram o intento do Profeta; eles não percebem que os israelitas foram censurados por sua dureza; porém, apenas falam da punição, sem qualquer indicação do fim ou objetivo pelo qual Deus promulgara maldições em sua lei, e renovava a memória delas através de seus Profetas. Jerônimo aduz uma outra significação, precisamente esta, que Deus puniria o povo consoante ao relato da assembléia deles; ou seja, que, como eles haviam, com um só consenso, violado o culto de Deus, e transgredido as leis dele, ele os puniria todos. Ao mesmo tempo, acresço este ponto de vista, que Deus os castigaria conforme o clamor da sua assembléia, de forma que o Profeta indica, não somente uma conspiração entre o povo de Israel, mas também a violência desse em provocar um ao outro para pecar. Como, pois, eles se tinham, desse modo sedicioso, levantado contra Deus, o Profeta assim, por sua vez, declara que Deus os puniria; como se dissesse: "Vosso alvoroço não me tolherá de sufocar a vossa fúria. Vós deveras, com grande bulha, oponde-vos a mim, e pensais que estareis a salvo, conquanto viciados em vossos pecados; porém, essa vossa violência não será empecilho, pois tenho eu em meu poder os recursos para vos castigar".

ORAÇÃO

Conceda, Todo-Poderoso Deus, que, visto que tu nos vês tão inclinados a todas as fascinações de Satanás e do mundo e, ao mesmo tempo, tão desprovidos de juízo, e arrebatados pela simples leviandade — ó, permita que, pelo teu Espírito a nos guiar, prossigamos no curso direito, no qual já temos entrado debaixo da tua orientação e da tua mão guiadora, a fim de que nunca nos desviemos da tua palavra, nem por meio algum deixemos de seguir em direção ao marco que puseste diante de nós; e, ainda que Satanás tente nos afastar, continuemos, todavia, inabaláveis em teu serviço e, assim, procedamos até que cheguemos àquele abençoado descanso, o qual, depois da peleja da vida atual, tu nos prometeste em Cristo Jesus nosso Senhor. Amém.

VIGÉSIMA DISSERTAÇÃO

Oséias 7.13

13. Ai deles, pois fugiram de mim: destruição para eles, pois que transgrediram contra mim: conquanto os haja redimido, todavia, eles falam mentiras contra mim.

13. Vae illis, quia recesserunt a me; vastitas illis, (*vel*, Direptio,) quia perfide egerunt in me: et ego redimam eos (*potest etiam resolvi in tempus praeteritum*, Redemi eos,) et loquuti sunt contra me mendacia.

Aqui, o Profeta tira dos israelitas a esperança de perdão, e declara que ela estava totalmente acabada para eles, pois Deus havia, agora, resolvido destruí-los. Pois, visto como Deus, em toda parte, declara estar pronto e disposto a perdoar, os hipócritas esperam que Deus lhes seja propício; e, acalentando essa vã confiança, eles desprezam a ameaça divina e atrevidamente se insurgirem contra ele. Dessarte, o Profeta demonstra aqui que Deus, doravante, seria inexorável para com eles, pois que haviam, por tempo demasiado, abusado de forma pertinaz da sua paciência. *Ai deles!,* diz, *pois me abandonaram: desolação para eles! pois têm agido aleivosamente para comigo.* A partir de agora, então, não há razão alguma, diz o Profeta, para eles se iludirem com convicção fútil, como até aqui se iludiram; pois isso foi, de uma vez por todas, determinado por Deus — para aplicar sobre eles sua vingança final, pois a apostasia deles o merecia.

Em seguida, ele acrescenta: *Eu redimi-los-ei, e eles falam mentiras contra mim.* Aqueles que traduzem a primeira palavra no tempo futuro acham que o Profeta faz uma pergunta: "Redimi-los-ei eu? Pois eles falam mentiras contra mim": e pensam que isso é um modo indefinido de falar — "Devo eu redimi-los, homens sem fé alguma? Pois qual bem obraria eu com semelhante bondade?" Outros dão essas explicações: "Embora eu desejasse redimi-los, todavia, descobri que isso não seria benéfico nem justo, porque eles falam mentiras contra mim"; como se Deus não expressasse aqui o que ele tinha feito, mas o que desejava fazer. Porém, o tempo pretérito não é impróprio nesse ponto; e sabemos quão comum e familiar era, aos hebreus, a variação de tempos verbais. A significação, pois, será: "Eu os redimi, e eles falam mentiras contra mim"; ou seja: "Eu freqüentemente livrei-os da morte, quando estavam em perigo extremo; mas eles não mudaram a sua disposição; ou melhor, eles tiraram de mim o devido louvor pela sua remição, e de modo algum viveram melhor, depois de seu livramento. Visto, então, que eu até agora tenho outorgado meus benefícios sem nenhum efeito prático, agora nada resta senão eu ter de destruí-los". E esse me parece ser o sentido dado pelo Profeta.

Ele, depois, declara, na primeira oração, que eles debalde esperavam misericórdia da parte de Deus, porque a destruição definitiva deles estava decretada. Segue-se, então, o motivo para isso, pois que eles haviam tola e impiamente abusado da mercê divina, visto como, tendo sido remidos por ele, contudo, prosseguiam na maldade, e ainda procediam perfidamente para com Deus, embora fingissem agir diferentemente. Visto pois que não houve nenhuma mudança para melhor, Deus ora mostra que não mais despenderia seu favor com homens tão ímpios. Ora, esse ponto ensina quão intolerável é nossa ingratidão quando, após haver sido resgatado pelo Senhor, não guardamos a fé empenhada a ele, a qual ele exige de nós; pois Deus é nosso libertador nesta condição, que sejamos de todo devotados a ele. Pois aquele que foi remido não deve viver como se possuísse direito a si próprio e à sua própria vontade; mas deve ser integralmente dependente do seu Redentor. Se, então, agirmos desse modo traiçoeiro para com Deus, após havermos sido libertos por sua graça, seremos culpados de impiedade e perfídia tais que merecem uma vingança dobrada: e isso é o que o Profeta ensina aqui.

Deveras, sabemos quão compassivamente Deus tinha poupado o povo de Israel: após eles haverem recaído em culto supersticioso, e também violado sua fidelidade à posteridade de Davi, o Senhor, todavia, não cessava de exibir àquele povo muitos favores, malgrado sua indignidade. Sabemos também que, sob Jeroboão, a prosperidade seguira-os além de toda expectativa humana. Eles, no entanto, endureceram-se mais e mais em sua impiedade, a ponto de não retornarem ao reto caminho. Prossigamos agora —

Oséias 7.14

14. E eles não clamam a mim com seu coração, quando uivam em suas camas: reúnem-se para o trigo e o vinho, *e* rebelam-se contra mim.	**14.** Et non clamaverunt ad me in corde suo: quia ululârunt super cubilibus suis; ad triticum et vinum congregabunt se, defecerunt (deficient, ad verbum) a me. [57]

O Profeta aqui, outra vez, objurga os israelitas por não haverem se arrependido, após terem sido, com tanta freqüência, admoestados; pois, como foi dito ontem, todos os castigos que Deus, mediante a sua mão, inflige sobre nós, têm isto por objetivo — curar-nos de nossos vícios. Ora, o Profeta diz aqui que os israelitas não clamaram a Deus, o que é o principal na penitência. Porém, deve-se observar esta expressão: *Eles não clamaram a mim com o seu coração;* isto é, sinceramente. Sabemos, de fato, que algum culto de Deus sempre remanescera entre eles; ainda que os israelitas engendrassem para si muitos deuses, todavia, o nome do Deus verdadeiro nunca fora de todo obliterado entre eles; mas misturavam a adoração de Deus com suas próprias invenções; Deus, ao mesmo tempo, não podia suportar essas preces fictícias. Por essa razão, ele diz *que eles não clamavam do coração.* Ele os acusa, não de não realizarem nenhum ato exterior, mas de não trazerem um real desejo de coração; mais que isso, eles somente clamavam a Deus dissimuladamente. Percebemos agora o que o Profeta tencionava ao dizer que *eles não clamam a mim com o seu coração.* Como invocar a Deus é a principal prática da religião, e manifesta especialmente nosso arrependimento, o Profeta claramente repara nesse defeito dos israelitas — eles não clamavam ao Senhor. Mas, como eles podiam objetar e dizer que tinham orado formalmente, ele adiciona que eles não agiram assim de coração; pois o ato exterior (*cerimonia*), sem o exercício do coração, nada mais é senão profanação do nome divino. Em resumo, o Profeta demonstra aqui aos israelitas a dureza deles; pois, quando foram golpeados pela mão divina, eles não fugiam a ele para suplicar perdão, pelo menos, não do coração ou com sinceridade.

Ele depois acrescenta: *Porque eles uivavam sobre suas camas.* Alguns explicam a partícula כִּי, ***ki,*** de forma adversativa; como se o Profeta houvesse dito: "Ainda que eles gemam sobre suas camas, todavia, não dirigem suas petições a mim". Mas podemos entendê-lo em seu sentido característico, e a frase, assim, flui melhor: Eles então bramam em seus leitos, isto é: "Eles não trazem suas preocupações para mim; pois como animais irracionais proferem seus urros": e vemos ser esse o caso dos incrédulos; pois têm medo da presença de Deus, e mesmo a menção dele lhes causa pavor; daí eles gritarem, ou seja, exporem seus sentimentos impetuosos, mas, ao mesmo tempo, esquivarem-se de todo acesso a Deus, o tanto que podem. Então, o sentido é: "Eles não clamam a mim do coração, pois apenas uivam; mas é somente por um esforço animal, sem razão

---

57

"E eles não bradam a mim com seu coração,
Ainda que berrem sobre suas camas;
Porque o trigo e o vinho os animam,
Eles se afastam de mim".

A palavra que eu traduzo "animar", se admitirmos o texto tal como está, ou uma palavra similar, יתגודדו, é tolerada por vários MSS., bem como pela Septuaginta, e quer dizer quase a mesma coisa, significando grande agitação e ansiedade. (N. do E. inglês.)

nenhuma". Se, contudo, preferir-se compreender a partícula כִּי, ***ki,*** adversativamente, o sentido não seria inadequado: "Conquanto ululem sobre suas camas, contudo, não é a mim que eles clamam"; ou seja: "Embora a tribulação instigue-os a fazerem grandes barulheiras, não obstante, quanto a clamar qualquer coisa na prece, estão emudecidos". Se mais alguém sancionar tal significado, eu nada digo em contrário: porém, como a partícula כִּי, ***ki,*** é normalmente aceita como causativa, prefiro explaná-la deste modo: "Como eles clamam em suas camas, não alçam sua voz a Deus".

Segue-se então, *eles se congregam,* ou, *congregar-se-ão para o trigo e o vinho.* Esse ponto é explicado de duas maneiras. Alguns julgam que os israelitas são aqui indiretamente exprobrados, visto como, quando encontravam vinho e trigo no mercado, havendo alcançado seus desejos, eles prosseguiam incautamente em seus pecados, e menosprezavam Deus, como se não mais tivessem necessidade alguma da ajuda dele. Eles, então, corriam juntos por vinho e trigo; ou seja, assim que ouviam sobre vinho ou trigo, eles se sortiam de provisões e, em seguida, descuidavam de Deus. Mas tal sentido parece demasiadamente sem imaginação e forçado. O Profeta, pois, não tenho dúvida, opõe o correr juntamente, do qual fala, ao verdadeiro e sincero desvelo pela oração; como se dissesse: "Eles não ficaram tocados de tristeza por haverem me ofendido, ainda que vissem, por provas notórias, que estou descontente com eles; eles não consideram minha mercê nem meu desprazer, contanto que desfrutem de abastança de vinho e trigo: isso os satisfaz, e lhes é tudo a mesma coisa estar eu hostil ou propício a eles". Esse parece ser o genuíno sentido dado pelo Profeta.

Mas, para que essa censura fique mais evidente, temos de observar o que Cristo ensina, que devemos buscar primeiro o reino de Deus[58]. Pois os homens agem de forma estranha quando, ansiosamente, labutam apenas por esta vida, e apenas ambicionam granjear para si mesmos alimento e o que seja necessário para as necessidades da carne: sempre começamos por aqui; no entanto, é uma ansiedade a mais irrefletida quando temos tanto cuidado com uma vida frágil e, no meio-tempo, descuidamos do reino de Deus. Então, visto como os homens, por seu sentimento pervertido, perturbam a ordem inteira da religião, o Profeta revela aqui que os israelitas não clamavam de verdade e de coração a Deus, pois que somente estavam apreensivos acerca do vinho e do trigo; pois, exceto quando estavam famintos, eles desprezavam a Deus, e pensavam que ele repousasse quieto no céu: por isso, a penúria e a privação os constrangiam. Como bestas irracionais, quando têm fome, vão ao estábulo, e não procuram ser alimentadas pelo Senhor; assim também faziam os israelitas, quando eram afetados por algum sentimento de necessidade; mas, ao mesmo tempo, ficavam satisfeitos com o vinho e o trigo deles, e não tinham nenhum outro Deus. Daí eles clamarem e sua voz não chegar a Deus, já que eles, de fato, não iam real e diretamente a ele. O Profeta aqui, pois, por um exemplo particular, acusa sim os israelitas de ímpia dissimulação, visto como eles não buscavam a Deus, mas apenas tinham por alvo a comida; e, conquanto o estômago estivesse bem suprido, descuravam de Deus e não desejavam o favor dele, e somente queriam ter celeiros e cavas cheias; pois fartura de provisões, sem a paternal mercê divina, era o único desejo seu. Por esse motivo, fica bastante inequívoco que eles não clamavam ao Senhor.

Esse ponto é digno de ser observado; pois vemos aqui que nossas orações são condenáveis diante de Deus se as iniciarmos com vinho e pão e não buscarmos primeiramente o reino de Deus, isto é, a glória dele; e se não aplicarmos nossas mentes a isto — a viver de modo a ter Deus propício para conosco. Quando vamos a Ele Deus, a fonte da bênção divina, somente anelando sermos recheados com a abundância das boas coisas as quais tem para conceder, então todas as nossas orações são merecidamente rejeitadas por ele. Vemos ser esse o caso dos papistas: quando apresentam suas súplicas, são totalmente semelhantes aos animais. Eles, realmente, imploram a

[58] Mateus 6.33; Lucas 12.31.

Deus por chuva e por tempo seco; mas têm eles qualquer desejo de se reconciliarem com Deus? Em hipótese alguma; pois desejam, tanto quanto possível, ficar o mais distante dele: porém, quando a necessidade e a fome os compelem, eles, então, pedem chuva — mas para qual finalidade? Apenas para superabundarem em pão e vinho. Então, devemos preservar uma legítima ordem em nossas orações. Se o Senhor exibe para nós provas da sua ira, devemos, primeiro, lutar para voltar à mercê dele; em seguida, sua glória tem que ser estimada por nós, e ele deve ser procurado com o real sentimento de piedade, para que ele seja um Pai para nós: depois, sejam nelas adicionadas as coisas que dizem respeito à condição e preservação da vida presente.

Devemos ainda observar o que ele acrescenta: *Eles têm se revoltado contra mim.* O verbo סוּר, ***sur,*** tem o sentido de "retroceder" e também de "revoltar-se"; e essa segunda acepção é a mais conveniente; pois o Profeta disse, anteriormente, que eles retrocederam ou se apartaram de Deus; mas, agora, ele parece mostrar algo mais grave, ou seja, que eles se tinham revoltado contra Deus. Desse modo, os hipócritas, quando fingem procurar a Deus em um rumo tortuoso, denunciam sua própria revolta; pois não estão dispostos a se reconciliarem com ele com a condição de terem de mudar para melhor suas vidas, lançarem fora os afetos da carne, renunciarem a si próprios e aos seus desejos depravados. Tais coisas eles não buscam, de jeito nenhum. Conseqüentemente, pois, fica patente que eles são testemunhas da sua própria rebelião e, ainda, de fingimento em suas preces, mesmo quando haja alguma aparência de piedade. Segue-se —

Oséias 7.15

15. Embora tenha eu ligado *e* fortalecido seus braços, contudo, eles imaginam o mal contra mim.	**15.** Et ego ligavi, eoboravi brachia ipsorum, et contra me cogitant malum.

Deus novamente vitupera os israelitas por terem, de uma vil maneira, abusado da bondade e longanimidade dele. Alguns cogitam que o verbo יִסַּר, ***yasar,*** tem a significação de "castigar", porque Deus disciplinara os israelitas; e, como eu havia dito ontem, é amiúde tomado em tal sentido. Contudo, como por vezes quer dizer "amarrar", parece ser uma metáfora mais ajustada para esse ponto. *Eu amarrei e fortaleci os braços deles;* como se Deus tivesse dito que fizera com que esses braços não tivessem seus nervos ou tendões cortados. Pois conhecemos que a força do braço depende da estrutura dos nervos. A não ser que os ossos estejam ligados juntamente pelos seus nervos, uma dissolução se seguirá depressa. Por essa razão, o Senhor diz: *Eu atei e esforcei seus braços;* duas coisas que combinam para o mesmo fim e, para mim, a idéia de castigar não parece ser de modo algum apropriada ao contexto. O sentido é que os israelitas haviam, até aqui, continuado, porque Deus os sustivera pelo poder dele. Como quando alguém amarra e fortalece um braço fraco ou frouxo com atadura, assim, Deus lembra aqui a Israel que ele o tinha preservado em sua (de Israel) situação. E aqui o Profeta alude, não tenho dúvida alguma, às muitas calamidades mediante as quais o vigor de Israel teria ficado quebrado, não houvesse sido aplicado pelo Senhor um remédio oportuno.

Deus, então, se compara aqui a um médico ou cirurgião, ao dizer que atara o braço de Israel e o fortalecera, quando aquele podia, por outro lado, ter sido quebrado: pois eles tiveram freqüentemente, por assim dizer, seus nervos cortados, mas o Senhor os restaurou. Compreendemos agora que o que o Profeta quer dizer é que o Senhor não somente sustentara os israelitas pelo poder dele, mas também desempenhara a função de cirurgião ou médico quando via os braços deles quebrados, quando eram consumidos por morticínios em guerras e outras adversidades.

Ora, os israelitas estavam tão longe de serem agradecidos a Deus e atentos a esse que estavam, até, imaginando o mal contra ele. Pois, após haverem obtido vitórias, após haverem sido restaurados e, ainda, abundantemente providos com plenitude de todas as bênçãos, eles, mais temerariamente, conspiravam contra ele; pois debaixo dessa máscara estavam implantadas as superstições e, depois, seguia-se a satisfação de todos os vícios; pois o orgulho, a crueldade, a ambição e as fraudes prevaleciam mais e mais. Visto pois que os israelitas haviam pervertido desse modo as bênçãos de Deus, não estava a esperança de perdão e salvação, de justiça, terminada para eles? Ora, somos lembrados nessa parte que, sempre que Deus sara nossos males, ergue-nos e socorre-nos na adversidade, temos de, devotamente, admitir sua mercê, e não projetar o mal contra ele, quando ele tão bondosamente estender-nos a mão. Prossigamos então —

Oséias 7.16

16. Eles regressam, *mas* não ao Altíssimo: são como um arco enganador: seus príncipes cairão pela espada devido à fúria da língua deles: isso *será* sua zombaria na terra do Egito.

16. Revertentur non Deo: fuerunt tanquam arcus dolosus (*vel*, doli:) ceciderunt (*vel*, cadent) in gladio principes eorum a superbia (*hoc est*, propter superbiam) linguae eorum: hoc eorum ludibrium in terra Aegypti.

O Profeta novamente ataca a perversa imoralidade de Israel e, ainda, a fraude e perfídia desse. Por esse motivo, ele diz que eles fingiam algum tipo de arrependimento, porém, nada mais era senão falsidade; pois eles não voltavam para Deus. *Eles retornam,* ele diz, *mas não para Deus.* Contudo, alguns pensam que על, ***'al,*** é uma preposição, e que alguma coisa está compreendida, como se fosse uma frase elíptica: "Eles retornam, mas por nada"; isto é, quando eles regressam, caso alguém inquira o que está em suas mentes, ou qual é o propósito deles, descobrirá ser mera forma, e não algo real. Mas tal interpretação, como vemos, é forçada. Além do que, o contexto demanda que reputemos על, ***'al,*** como sendo para Deus, como o é também em outras partes, pois isso não é nenhuma novidade. Então fica: *Eles não voltam para Deus.*

Em seguida, o Profeta declara aqui que os israelitas eram totalmente perversos, de modo que Deus não pôde arrancar deles arrependimento nenhum; que, quando aparentavam alguma coisa, era simples mentira, pois eles não vinham a Deus em um caminho direito. Pois os hipócritas, como foi dito antes, quando a mão de Deus pesa duramente sobre eles, parecem deveras ser diferentes do que eram anteriormente, mas eles sempre evitam Deus. Não é em vão que o Senhor exorta o povo, por meio de Jeremias, a voltarem para ele: 'Se retornares, ó Israel', diz, 'retorna a mim', (Jr 4.1). Pois ele conhecia que, por curvas sinuosas, os homens sempre se desviam e não mantêm o rumo reto. Eis o significado.

Em seguida, o Profeta adiciona que *eles eram como um arco enganoso.* Essa é uma explicação da última frase; e daí, concluímos que a palavra על, ***'al,*** não pode ser admitida de outro modo que não para Deus. O Profeta mostra como os israelitas se afastaram de Deus, embora parecessem se arrepender, pois *eles eram,* diz ele, *como um arco enganador.* Alguns interpretam-no como o arco de dardejar ou assetear; e, indubitavelmente, רמה, ***ramah,*** significa dardejar ou setear; porém, tal sentido não pode ser aceito aqui, pois vemos que o que o Profeta tinha em vista era demonstrar que os israelitas vestiam um disfarce, e coisa alguma faziam senão enganar, quando faziam exibição de penitência. Para confirmar isso, ele diz que eles eram como um arco oblíquo. Pois o arqueiro, quando intenta atirar uma flecha, primeiro nivela-a a uma certa marca; então, a flecha mostra estar direcionada àquele lugar que ele crava com seus olhos. Ora, se o arco for oblíquo, a seta voará para outro lugar; ou o arco pode escorregar, de forma a arremessar a flecha de

volta ao próprio arqueiro. A mesma comparação é encontrada no Salmo 78, [59] onde é dito que os judeus voltaram atrás 'como um arco enganador'; e naquela passagem ocorre essa mesma palavra. Mas não há aqui ambigüidade nenhuma; pois Deus acusa o povo de haver voltado atrás; isto é, que foram na direção para trás de seu curso, precisamente como um arco enganador. Se se ler "o arco de dardejar" ou "de assetear", não haverá sentido algum; mais que isso, será insípido e absurdo. Então, é melhor verter aqui a expressão como 'um arco enganador'.

E precisamos prestar atenção no teor da símile, à qual eu já aludi, ou seja, que, assim como os arqueiros miram a seta no alvo, assim como eles dirigem seu vôo piscando um olho e nivelando-a, e depois atiram, assim também os hipócritas parecem lutar com grande diligência, mas, ao mesmo tempo, são arcos enganosos; isto é, a mente deles está dirigida para trás, e voam para longe de Deus, por curvas tortuosas se desviando, de forma que jamais chegam a Deus, antes, dão-lhe as costas.

Ele depois adiciona: *Seus príncipes cairão pela espada pela presunção da língua deles.* O Profeta novamente anuncia a vingança sobre os israelitas, para que ficassem assegurados de que o decreto celestial com respeito à destruição deles não podia ser alterado. Pois, conquanto os hipócritas sempre se apavorem, e coisa nenhuma esperem de Deus, todavia, eles nunca cessam de se ufanar, e sempre imaginam alguma esperança nova. Então, já que eles são tão pródigos em prometer debalde, o Profeta diz que não havia razão para os israelitas esperarem por qualquer remédio em suas aflições. *Seus príncipes* pois *cairão:* e, dizendo 'príncipes', ele toma uma parte pelo todo; pois Deus não ameaça desta maneira os príncipes, nem anuncia ruína sobre eles, como que pretendendo excetuar o povo ordinário; mas ele sugere que a destruição seria comum a todos, que nem mesmo os próprios príncipes escapariam. E sabemos que, nas batalhas, quando se opera uma grande carnificina, os soldados comuns jazem mortos em grandes números, e apenas alguns dos seus comandantes. Contudo, Deus diz aqui: "Eu removerei o escol inteiro do povo. E, se nenhum dos príncipes ficar, o que virá a ser do vulgo ignóbil, que é julgado como de nenhuma importância?" *Os príncipes* então *cairão pela espada.*

Ele depois acrescenta: *Pelo orgulho da língua deles.* Alguns explicam essa frase na voz ativa, como se o Profeta tivesse dito que eles haviam provocado a ira de Deus pelas blasfêmias e conversas profanas; mas eu prefiro supô-la como sendo a arrogante bazófia deles: *Pelo orgulho da língua deles,* diz, *eles cairão;* isto é, porque eles insolentemente gabavam-se de sua força, e tinham desdém por todas as profecias, pois que ousavam vomitar suas blasfêmias contra Deus, e arriscavam, ainda, tanto obstinada quanto soberbamente, defender suas formas ímpias e depravadas de culto, eu vingarei, diz ele, "essa soberba". Conseqüentemente, vemos que "orgulho", aqui, deve ser considerado aquele menoscabo que os ímpios exibem por sua altiva jactância, como é dito em outro lugar: 'Eles elevam até o céu as suas línguas' (Salmo 73.9).

Essa será a sua irrisão na terra do Egito. Como os israelitas, confiantes então no amaldiçoado tratado que celebraram com os egípcios, continuavam perversos contra Deus, ele diz: "Eu expô-los-ei à chacota entre os amigos deles: eles se vangloriam do poder do Egito: julgam-se inatingíveis por malefícios, visto que podem, instantaneamente, apelar aos egípcios por auxílio, caso alguém os hostilize, ou algum inimigo os invada. Visto, pois, que sua confiança repousa assim no Egito, eu farei", diz ele, "com que os egípcios os considerem com escárnio; e não só serão reputados como ignominiosos por aqueles que os antagonizam ou invejam, mas também pelos amigos em quem se gloriam. Eu entrega-los-ei a todo tipo de desonra entre seus amantes". Ele realmente compara, como vimos antes, tanto os egípcios quanto os assírios a amantes, e compara

[59] Sl 78.57.

seu povo a uma esposa infiel, a qual, havendo abandonado o seu marido, prostitui-se, deixando a castidade dela. “Tu”, ele diz, “vendeste-te aos teus amantes, e esforças-te para agradá-los, e desfaleces-te e adornas-te para seduzi-los: eu cobrirei a ti toda com todas as coisas nefastas e torpes, para que teus amantes abominem a ti só de te ver”. Assim também, aqui, ele diz que os israelitas serão por mofa na terra do Egito; isto é, não são os inimigos, a quem receiam, que os terão em zombaria; mas eles serão um alvo de riso àqueles que acham que serão seus defensores, e mediante cujas armas imaginam que ficarão livres de toda desgraça. Segue-se o oitavo capítulo.

CAPÍTULO 8

Oséias 8.1

1. *Põe* a trombeta em tua boca. *Ele virá* como uma águia contra a casa do SENHOR, porque eles transgrediram o meu pacto, e infringiram minha lei.	**1.** Super palatum tuum tuba, tanquam áquila super domum Jehovae, [60] quia transgressi sunt foedus meum, et contra legem meam impie egerunt (*vel*, perfide segesserunt.)

Quase todos os intérpretes concordam nisto, que o Profeta ameaça, não o reino de Israel, mas o de Judá, no princípio desse capítulo, porque ele designa a casa de Deus, que eles entendem ser o templo. Eu deveras admito que o Profeta já havia falado, em dois lugares, do reino de Judá, mas, por assim dizer, de passagem. É verdade que ele apresenta alguns reproches e ameaças, mas para que a distinção esteja bem clara; e vemos que ele agora vai para o reino de Judá, porém, no segundo versículo, ele indica Israel, e o discurso ainda continua escondido. *Na tua boca,* ele diz, *a trompa* etc; e, posteriormente, ele acrescenta: *A mim* eles bradarão: Meu Deus; nós, Israel, conhecemos a ti. Aqui, com certeza, o discurso é dirigido às dez tribos. Portanto, eu de modo nenhum concluo explicando o princípio do capítulo como aplicando-se ao reino de Judá: e, decerto, maravilho-me mesmo de que os intérpretes se equivoquem em uma questão tão insignificante; pois a casa de Deus não quer dizer apenas o templo, mas ainda o povo todo. Como Israel conservasse esta ufania de que eram um povo santo para Deus, e da família desse, ele diz: "Ponha ou leve a buzina à tua boca, e proclame a guerra, que ora está mui próxima; pois o inimigo se apressa, o qual deve atacar a casa de Deus, isto é, esse povo santo, que encobre a si mesmo com o nome de Deus, e que, confiando em sua eleição e adoção, pensa que estará livre de todos os males; a guerra *virá como uma águia* contra tal casa de Deus".

Houvesse o Profeta adicionado algo que pudesse se relacionar, de maneira peculiar, ao reino de Judá, eu de bom grado acederia à opinião daqueles que julgam que a casa de Deus é o santuário. Porém, seja lido o contexto inteiro, e qualquer um facilmente pode perceber que o Profeta fala de Israel, tanto no primeiro quanto no segundo e terceiro versículos. Pois, como foi dito, ele não estabelece diferença alguma, mas segue seu ensino ou elóquio do começo ao fim na mesma toada.

Ele primeiramente diz: *Uma trombeta em minha boca,* ou: Coloque em minha boca a trombeta. É uma exibição (*hypotyposis*); pois sabemos que Deus, a fim de abalar o povo de maneira mais poderosa, reveste seus Profetas de vários personagens. O Profeta, então, é introduzido aqui como um arauto que proclama guerra, ou um mensageiro, ou por qualquer nome que te apraza chamá-lo. Aqui, então, o Profeta é ordenado para não usar a sua boca para falar, mas para mostrar, pela trombeta, que a guerra estava perto, como se Deus mesmo, pela buzina dele, declarasse guerra

---

[60] "A corneta em tua boca seja como a águia sobre a casa de Jeová" — *Horsley.* É adicionado em uma nota : "Que o som da corneta em tua boca seja estridente e terrível, como o agourento guincho da águia pairando sobre o teto do templo". Contudo, a tradução literal das palavras, as quais admitem, com mais naturalidade, um outro sentido, eu verto desta forma:

"À tua boca a buzina,
Como a águia sobre a casa de Jeová".

Ou seja, tome a trombeta com a mesma rapidez com que voa a águia. Por esse meio, ele denota que o julgamento tinha de vir sem tardança; ou o dístico pode ser traduzido assim:

"À tua boca a buzina, como uma águia,
Contra a casa de Jeová".

Isto é: "Use a trombeta apressadamente, imite a ligeireza da águia, e utilize-a para proclamar guerra contra a casa de Jeová". (N. do E. Inglês.)

a Israel, a qual tinha de ser levada adiante imediatamente depois, pelos inimigos terrenos. Os inimigos deviam vir logo após, e o arauto devia proceder no modo usual de se declarar guerra. Os gregos os denominam κηρυκες, ***kerukes,*** proclamadores, nós dizemos "Les heraux". Assim como esses reis terreais possuem seus proclamadores, ou κηρυκες, ***kerukes,*** ou arautos, ou mensageiros, que proclamam a guerra, assim também Deus envia seu Profeta com o múnus usual de declarar guerra: "Deus então, e que os israelitas saibam, agora não mais por tua boca, mas ainda pela tua garganta, pelo som da trombeta, pelo sonido da tromba, que eu sou inimigo deles, e que me faço presente com um pujante exército para destruí-los". É realmente certo que o Profeta não utiliza uma trombeta; contudo o Senhor, por meio de tais representações, como eu já disse, intensificou a realidade do que era ensinado, para que os israelitas se apercebessem de que não era com divertimento ou por peça teatral que o Profeta os ameaçava, mas que tal era feito com seriedade, como se eles ora vissem os arautos que tinham que proclamar guerra; pois isso não era habitualmente feito, exceto quando o exército já estava prestes à batalha.

Ele então diz: *Como uma águia contra a casa de Jeová.* Já dissemos o que o Profeta quer dizer por a casa de Jeová: precisamente aquele povo que pensava que estaria livre de todo mal, porque fora adotado pelo Senhor. Por isso, os israelitas se autodenominavam os domésticos de Deus; e, embora, debaixo dessa capa, eles ímpia e profanamente se entregassem a toda sorte de torpeza, ainda pensavam estar nas melhores relações com o próprio Deus. "Ali virá", ele diz, "uma assolação comum a vós todos; essa jactância não obstará a mim de, finalmente, tomar vingança sobre vossos pecados". Porém, ele adiciona: *Como uma águia,* para que os israelitas não achassem que tinha de haver uma longa demora; pois os ímpios procrastinam quando não vêem perigo nenhum por perto. Destarte, que os israelitas não continuassem entorpecidos em seus vícios, diz o Profeta, para que a destruição de que falou não fosse como a águia; pois, em um instante, a águia sobrevoa uma imensa distância, e admiramo-nos quando a vemos sobre nossas cabeças, ainda que pouco antes ela não aparecesse. Assim também, o Profeta diz que a destruição, embora ainda não visível, não obstante, estava muito próxima, e que, sendo tomados pelo terror, ainda que agora fosse tarde, regressassem a ele, enquanto o Senhor assim os incitava.

ORAÇÃO

Conceda, Todo-Poderoso Deus, que, visto que tu continuas diariamente a nos restaurar para ti mesmo, tanto por flagelos quanto por tua palavra, conquanto não cessemos de nos desviar após desejos pecaminosos — Ó, outorgue que, pela direção do teu Espírito, por fim regressemos a ti, a fim de que jamais nos apostatemos posteriormente, mas sejamos preservados em pura e verdadeira obediência e, assim, constantemente continuemos na pura adoração de tua majestade e em verdadeira obediência, para que, depois dessa vida passar, finalmente alcancemos aquele bendito descanso que nos está reservado no céu, através de Cristo, nosso Senhor. Amém.

VIGÉSIMA-PRIMEIRA DISSERTAÇÃO

Não conseguimos, ontem, completar o primeiro versículo do capítulo oito. Então, falta-nos considerar a última oração, na qual o Profeta enuncia a causa da guerra que ele anteriormente tinha proclamado por mandado de Deus. Ele diz que os israelitas haviam transgredido o concerto do Senhor e se conduzido perfidamente contra a lei desse. Ele repete a mesma coisa duas vezes, pois o concerto e a lei são sinônimos; porém, a palavra lei, em minha opinião, é acrescentada como explicativa, como se ele houvesse dito que eles violaram o pacto do Senhor, o qual tinha sido sancionado ou selado pela lei. Deus, então, celebrara uma aliança com Israel, a qual designou que fosse incluída nas tábuas. Visto pois que não era desconhecido dos israelitas qual a obrigação deles para com Deus, eles eram violadores do concerto. O crime deles, então, era dobrado, já que o Profeta mostra que não foi por engano que eles caíram, ao infringirem o pacto do Senhor, pois haviam sido mais do que suficientemente instruídos pela lei sobre qual fé e pureza o Senhor requeria deles: ao mesmo tempo, a aliança que o Senhor tão abertamente fez com eles era, todavia, negligenciada. Segue-se —

Oséias 8.2,3

2. Israel clamará a mim: Meu Deus, nós te conhecemos.	**2.** Mihi clamabunt, Deus mi, novimus te, Israel. [61]
3. Israel deitou fora *a coisa que é* boa: o inimigo o perseguirá.	**3.** Deseruit Israel bonum (*vel*, abominatus est, repulit, *vel*, recessit procul a bono:) hostis persequetur eum.

Pelo que o Profeta diz, *a mim eles clamarão,* alguns entendem que os israelitas são censurados por não fugirem para Deus, e explicam desta forma as palavras do Profeta: "Eles deviam ter clamado a mim". A outros, isso parece ser uma exortação: "Que os israelitas agora clamem a mim". Porém, eu aceito as palavras simplesmente como estão, isto é, que Deus aqui, novamente, toca na dissimulação dos israelitas: *Eles clamarão a mim: Nós te conhecemos;* e para tal, a pronta resposta é: *Israel lançou fora o bem para longe de si; o inimigo persegui-lo-á.* Assim, eu junto os dois versículos; pois, no primeiro, o Senhor conta o que eles faziam e o que os israelitas já haviam começado a fazer; e, no último versículo, ele mostra que a fadiga deles seria debalde, pois que sempre acalentavam a impiedade em seus corações, e falsamente pretextavam o nome de Deus, como foi anteriormente observado, mesmo nas próprias orações. *Israel,* pois, *clamará a mim: Meu Deus, nós conhecemos a ti.* Desse modo, os hipócritas, confiantemente, professam o nome de Deus e, com um ar soberbo, afirmam ser o povo de Deus; mas Deus ri com escárnio de toda essa ufania, visto ser ela vã e digna de troça. Então, eles bradarão a mim; em seguida, ele imita os gritos deles: *Meu Deus, nós te conhecemos.* Quando os hipócritas, como se fossem os amigos de Deus,

---

[61] A construção deste versículo é anômala, havendo uma mistura de números, nada incomum nesse livro. O original é o seguinte:

לי יזעקו אלהי ידענוך ישׂראל.

A tradução literal é esta:

"A mim eles clamarão: Meu Deus, nós te conhecemos, Israel".

Se admitirmos o futuro como indicativo de um ato contínuo, como é freqüentemente aceito, e considerarmos "meu Deus" como a declaração de cada um em "eles", ou acomodá-lo a "Eles", e dizer "nosso Deus" e, se considerarmos "Israel" como estando em justaposição com "nós", como julgam alguns críticos e com muita justiça, então temos a versão apropriada a seguir:

"A mim eles clamam: Nosso Deus; nós, Israel, conhecemos a ti".

(N. do E. inglês.)

encobrem-se com a sombra dele, professam agir debaixo da tutela divina e ainda se jactam, ao mesmo tempo, do conhecimento da doutrina verdadeira, da fé e do culto de Deus; seja assim, diz ele, que tais clamores sejam proferidos pelas bocas deles, todavia, os fatos falam de maneira diferente, condenando e expondo a hipocrisia deles. Vemos agora, então, como esses dois versículos estão juntamente associados, e qual é o objetivo do Profeta.

O verbo זנח, ***zanach,*** quer dizer "remover para bem longe", e "lançar a uma distância"; e por vezes, como alguns pensam, "detestar". Há aqui, não tenho dúvida, um contraste implícito entre a rejeição do bem e a perseguição da qual o Profeta fala em seguida: *Israel afastou o bem para longe de si;* alguns interpretam טוב, ***tob,*** de Deus mesmo, como se fosse do gênero masculino: mas o Profeta, não tenho dúvida alguma, simplesmente acusa os israelitas de haverem desistido de toda justiça e retidão; sim, de haverem expulsado para longe toda coisa reta e justa. *Israel,* então, *repeliu o bem; o inimigo,* ele diz, *persegui-lo-á.* Há um contraste entre repelir e perseguir, como se o Profeta dissesse que os israelitas tinham, por sua apostasia, obtido isto, que o inimigo agora os capturaria. Então, não há defesa melhor para nós, contra todos os males, do que a atenção à piedade e à justiça; porém, quando a integridade é banida de nós, então somos expostos a todos os males, pois ficamos privados do auxílio de Deus. Vemos, então, quão primorosamente o Profeta compara essas duas coisas — a rejeição do bem por Israel, e a perseguição desse pelos inimigos. Ele depois acrescenta —

Oséias 8.4

4. Estabeleceram reis, porém, não por mim: fizeram príncipes, e eu não *o* conheci: da sua prata e do seu ouro fizeram ídolos, para serem extirpados.

4. Ipsi regnare fecerunt et non ex me: principatum instituerunt et nescivi: argentum suum et aurum suum fecerunt sibi idola, propterea excidetur.

O Profeta, aqui, nota duas coisas, no tocante às quais ele vitupera a perfídia e a ímpia perversidade do povo — esse tinha, contra a vontade de Deus, formado uma religião para si próprio, e instituído um novo reino. A salvação daquele povo, sabemos nós, estava, por assim dizer, assentada sobre um reino e sacerdócio indiscutíveis; e, por essas duas coisas, Deus testificava que era aliado dos filhos de Abraão. Sabemos onde a felicidade dos piedosos está depositada, precisamente em Cristo; pois Cristo é para nós a plenitude de uma vida abençoada, porque é ele rei e sacerdote. Daí haver eu dito que, mediante um reino e sacerdócio indiscutíveis, a mercê de Deus resplandecia sim para com o povo. Ora, quando os israelitas subverteram o reino que Deus, pela autoridade dele, instituiu e, quando eles corromperam e adulteraram o sacerdócio, não extinguiram de propósito, por assim dizer, o favor divino, e não se empenharam para aniquilar tudo o que fosse necessário à salvação? Disso, pois, é que o Profeta ora fala, ou seja, que os israelitas, ao mudarem o reino e o sacerdócio, minaram todo o decreto divino e provaram abertamente que não estavam dispostos a serem regidos pela mão de Deus; pois eles nunca teriam ousado se desviar, mesmo no menor grau, do reino de Davi, nem ousado estabelecer um novo e espúrio sacerdócio, se alguma partícula do temor de Deus houvesse prevalecido em seus corações.

Percebemos agora o intuito do Profeta, que os intérpretes não consideram o bastante; pois alguns relacionam isso aos pactos, visto que lhes parecia estranho que os israelitas fossem tão severamente exprobrados por estabelecerem a Jeroboão como seu rei, já que Aías, o silonita, já tinha declarado, por ordem de Deus, que seria assim. Contudo, eles não atentam suficientemente ao que o Profeta tinha em vista; pois, como eu já disse, quando Deus instituiu o sacerdócio, refulgiu ali a imagem de Cristo, o Mediador, cujo ofício é interceder junto a Deus para reconciliá-lo com os homens; e então, na pessoa de Davi, brilhou também o reino de Cristo. Ora, quando o povo, de

modo tumultuoso, escolheu por si próprio um novo rei, sem nenhuma ordem vinda de Deus, quando construiu por si mesmo novos templo e altar contrários ao que a lei prescrevia, e quando dividiu o sacerdócio, não foi tudo isso uma manifesta corrupção, uma negação da religião? Fica patente aí que os israelitas eram, nesses dois sentidos, apóstatas; pois abandonaram a Deus de duas maneiras - primeiramente, separando-se da casa de Davi; e, depois, formando por si próprios um culto estranho, que Deus não ordenara em sua lei.

Quanto ao primeiro, ele diz: *Eles vieram a ter rei, mas não através de mim; eles instituíram um governo, e eu não o soube,* ou seja, sem o meu consentimento; pois é dito que Deus não conhece o que ele não aprova, ou aquilo sobre o que não é consultado. Mas alguém pode objetar e dizer que Deus sabia do novo reino, visto que ele foi o seu fundador. A resposta a isso é que Deus assim opera, que tal pretexto, todavia, não escusa os ímpios, já que eles aspiram a algo mais, em vez de executarem o propósito dele. Por exemplo, quando Deus intentou provar a paciência de seu servo Jó: os ladrões que roubaram a propriedade dele eram desculpáveis? Em hipótese nenhuma. Pois qual era o objetivo deles, senão enriquecerem-se pela injustiça e pela rapina? Visto, então, que eles obtiveram seu ganho às expensas de outro, e injustamente roubaram um homem que nunca os havia lesado, ficaram sem desculpa alguma. O Senhor, no entanto, no meio-tempo, executava, por meio deles, o que decretara, e o que já tinha permitido a Satanás fazer. Ele intentava, como foi dito, que seu servo fosse saqueado; e Satanás, que influenciava os salteadores, não podia mesmo mover um dedo que não fosse por autorização divina; ou melhor, a não ser que lhe fosse mandado. Simultaneamente, o Senhor nada tinha em comum ou em conexão com os ímpios, porque o propósito dele estava mui além da depravada concupiscência desses. Assim também se deve dizer do que é aqui dito pelo Profeta. Como Deus pretendia punir Salomão, ele levou as dez tribos. Ele, deveras, tolerou que Salomão reinasse até o fim de seus dias e conservasse o governo do reinado; mas Reoboão, que o sucedeu, perdeu as dez tribos. Isso não aconteceu por acaso; pois Deus assim o decretara; sim, ele declarara que seria de tal modo. Ele enviou Aías, o silonita, para oferecer o reino a Jeroboão, que nunca sonhou com nada disso. Deus, pois, a tudo regia pelo seu próprio conselho secreto, para que as dez tribos resignassem a sua lealdade a Reoboão, e que Jeroboão, sendo feito rei, possuísse a maior parte do reino. Isso, digo, foi feito pelo decreto de Deus: não obstante, que o povo não pensasse que estava obedecendo a Deus ao revoltar-se contra Reoboão, pois ele povo desejava algum afrouxamento quando viu que o jovem rei desejava oprimi-lo tiranicamente; por essa razão, elegeu para si um novo monarca. Porém, ele devia ter agüentado todo dano em vez de se privar daquela bênção inestimável, da qual Deus lhe deu um símbolo e um penhor no reinado de Davi; pois esse, como foi dito, não reinou como um rei comum, mas foi um tipo de Cristo, e Deus prometera sua mercê ao povo enquanto o reinado de Davi prosperasse, como se Cristo morasse, então, no meio do povo. Quando, portanto, o povo sacudiu o jugo de Davi, era o mesmo que se houvesse rejeitado ao próprio Cristo, porque esse, em seu tipo, era desprezado.

Por isso, vemos quão vil foi a conduta do povo em se juntar a Jeroboão. Pois essa sedição não foi meramente uma prova de leviandade, como alguns povos, com freqüência, precipitadamente subvertem o estado de coisas; não foi meramente uma leviandade temerária, mas uma ímpia negação do favor de Deus, a mesma coisa que se houvesse rejeitado a Cristo mesmo. Dessa maneira, também ele se dividiu do grêmio da Igreja; e, embora o reino de Israel ultrapassasse ao de Judá em riquezas e poder, todavia, virou como que um membro pútrido, pois a saúde inteira dependia da cabeça, da qual as dez tribos se desligaram. Vemos então, agora, por que o Profeta tão agressivamente repreende os israelitas por estabelecerem um reino sem ser por meio de Deus; e, ainda, se resolve a questão de como Deus aqui declara que isso não se deu através dele, que, todavia, havia determinado e atestado pela boca de seu profeta, Aías, o silonita; isto é, que Deus, como foi dito, não dera uma ordem ao povo, nem permitira a esse sair da fidelidade a Reoboão. Deus, então, nega que o reino, no que dizia respeito ao povo, fosse estabelecido pelo seu decreto; e

diz que o que foi feito era isto — que o povo fez um rei sem o consultar; pois devia ter prestado atenção ao que aprazava a e era permitido pelo Senhor; isso, ele não fez, mas, subitamente, seguiu seu impulso cego.

E esse ponto é digno de ser observado; pois, em vista disso, aprendemos que a mesma coisa é e não é feita pelo Senhor. Os homens tolos dos dias correntes, não versados na Escritura, excitam grandes distúrbios entre nós acerca da providência de Deus; sim, há muitos cães furiosos que latem para nós, porque dizemos (o que a Escritura também ensina em toda parte) que nada se realiza que não seja pela ordenação e pelo secreto conselho divinos, e que tudo o que é mantido neste mundo é governado pela sua mão. "Como assim? Deus, então, é um assassino? Deus, então, é um ladrão? Ou, em outras palavras, matanças, roubos e toda sorte de maldade deve ser imputada a ele?" Tais homens, embora sejam julgados sagazes, provam o quão estúpidos e incongruentes são; mais do que isso, que loucas bestas selvagens são eles.[62] Pois o Profeta demonstra aqui que a mesma coisa foi

---

[62] Sobre o assunto, não posso fazer melhor do que transcrever um trecho que traduzi do livro *What Do Presbyterians Believe?*, de Gordon H. Clark:

A Confissão de Westminster, resumindo a Bíblia, afirma no Capítulo III que Deus desde toda a eternidade ordenou tudo quanto acontece. Obviamente, se Deus é onipotente, e nada pode frustrar sua vontade, e se ele decidiu fazer um mundo, então todas as suas criaturas e todas as ações delas devem ser de acordo com o seu plano.

Isso é fácil de entender; mas muitas pessoas acham difícil crer que Deus planejou ter o pecado no mundo. O Capítulo III da Confissão significa que Deus comete pecado? E mesmo no caso do homem fazer algo bom, isso significa que Deus faz o homem praticar o ato bom, embora o homem desejasse fazer algo mal? Essas questões têm deixado muitas mentes perplexas, mas a primeira pergunta é: O que a Bíblia diz? Se a Bíblia fala sobre pré-ordenação, não temos o direito de evitar tal assunto e nos manter em silêncio.

Resumindo a Escritura, a Confissão diz aqui que Deus não é o autor do pecado; isto é, Deus não faz nada pecaminoso. Mesmo aqueles cristãos que não são calvinistas devem admitir que Deus em algum sentido é a causa do pecado, pois ele é a única causa última de todas as coisas. Mas Deus não comete o ato pecaminoso, nem aprova ou recompensa o mesmo. Talvez essa ilustração seja falha, como são a maioria das ilustrações, mas considere que Deus é a causa primeira ou última de eu escrever este livro. Quem negaria que Deus é a causa primeira ou última, visto que ele criou toda a humanidade? Mas embora Deus seja a causa deste capítulo, ele não é o seu autor. Se fosse, o mesmo seria muito melhor!

As referências da Escritura mostram claramente que Deus controla a vontade dos homens. Durante a rebelião de Absalão contra Davi, Husai deu um conselho mau, mas Aitofel deu um conselho bom para Absalão. Contudo, disseram Absalão "e todos os homens de Israel: Melhor é o conselho de Husai, o arquita, do que o de Aitofel. Pois ordenara o SENHOR que fosse dissipado o bom conselho de Aitofel, para que o mal sobreviesse contra Absalão" (2Sm. 17:14). É claro então que Deus, em seu propósito de trazer o mal sobre Absalão, controlou a vontade de Absalão e dos seus homens de tal forma que eles escolhessem o mau conselho de Hushai, ao invés do bom conselho de Aitofel. Ao controlar a vontade desses homens maus, Deus estabeleceu o trono de Davi, a partir de quem descendeu o Messias.

Isso não significa que foi feita violência à vontade das criaturas. Não é como se os homens quisessem adotar o plano de Aitofel, mas então foram forçados a seguir Husai contra os seus desejos. O processo psicológico deles acabou num desejo de seguir o plano de Husai. Mas deve ser notado que Deus estabeleceu o processo psicológico tão verdadeiramente como estabeleceu o processo físico.

Isso equivale à frase seguinte: "nem violentada é a vontade da criatura, nem é tirada a liberdade ou contingência das causas secundárias, antes estabelecidas".

No caso de Absalão, as causas secundárias foram os processos psicológicos. A decisão feita pelos homens de Israel não foram feitas em oposição a esses processos, nem sem os mesmos. Deus estabeleceu tal processo para o propósito de cumprir sua vontade. Ele não arranja as coisas ou controla a história à parte das causas secundárias.

Para mencionar outros exemplos: Deus decretou tirar os filhos de Israel do Egito; mas eles tiveram que andar por si só. Deus decretou que Salomão construísse o templo; mas Salomão teve que coletar os materiais. Deus não decreta o fim à parte dos meios. Ele decreta que o fim será realizado por meio dos meios.

[...]

A importância da seção II se torna muito clara quando a idéia da graça somente for examinada mais adiante. Aqui, de uma forma geral, é necessário apenas entender que Deus não obtém seu conhecimento observando como o mundo se desenvolve. Não somente é desnecessário, ou melhor, impossível, que Deus deva ter que esperar para descobrir o que acontece; mas o conhecimento de Deus não depende do seu olhar para o futuro a fim de ver o que acontecerá. O inverso completo! Deus não decretou que Davi derrotaria Absalão porque sabia de antemão que faria isso. Antes, Davi venceu porque Deus decretou isso!

feita e não feita pelo Senhor, mas de um jeito diferente. Deus, aqui, nega expressamente que Jeroboão fosse feito rei por ele; por outro lado, reportando-se à história sagrada, transparece que Jeroboão foi feito rei, não pelos sufrágios do povo, mas por ordem de Deus; pois nenhuma coisa tal tinha ainda entrado na mente do povo quando Aías foi mandado para ir a Jeroboão; e ele próprio não aspirava ao reino, nenhuma ambição o impelia; ele permanecia sossegado como um homem comum, e o Senhor o incitou e disse: "Farei com que tu reines". O povo nada conhecia de tais coisas. Depois que isso foi feito, quem podia ter negado que Jeroboão foi posto no trono, por assim dizer, pela mão de Deus? Tudo isso é verdade; porém, no tocante ao povo, ele não foi feito rei por Deus. Por quê? Porque o Senhor ordenara que Davi e a posteridade desse reinassem perpetuamente. Por isso, vemos que todas as coisas obradas no mundo estão assim dispostas pelo secreto conselho de Deus, que ele regula tudo o que o ímpio e, até, Satanás tentam fazer, todavia, ele permanece justo; e de nada serve diminuir a culpa dos males quando dizem que todas as coisas são governadas pelo secreto conselho de Deus. Com relação a si mesmos, eles conhecem o que o Senhor determina em sua lei; que sigam tal norma: quando se desvirem dela, não há fundamento algum para se desculparem e dizerem que obedecem a Deus; pois o intento deles deve sempre ser levado em conta. Por esse motivo, vemos como os israelitas nomearam um rei, mas não por Deus; pois foi a sedição que os impulsionou quando a lei, concomitante, prescrevia que a ninguém deviam escolher como rei senão o que fora eleito por Deus; e ele delimitara a posteridade de Davi, designando que essa deveria ocupar o trono real até a vinda de Cristo.

Segue-se depois a outra acusação – que *eles fizeram, para si, ídolos do seu ouro e da sua prata.* Deus, aqui, lamenta que seu culto não só houvesse entrado em declínio, mas que estivesse também de todo corrompido por superstições. Era uma impiedade intolerável que o povo tivesse desejado um novo rei para si; mas foi o cúmulo de todos os males quando os israelitas converteram o ouro e a prata deles em ídolos. *Eles fizeram,* ele diz, *da sua prata e do seu ouro, ídolos;* isto é: "Eu destinei o ouro e a prata, com a qual eles ficaram ricos, para propósitos mui diversos. Quando, portanto, eu lhes fui liberal, abusaram da minha bondade, e de seu ouro e de sua prata fizeram para si mesmos ídolos ou deuses". Aqui, então, o Profeta, por ilação, censura violentamente a cega loucura do povo, que fez para si próprio deuses de coisas corruptíveis, que deviam, entrementes, ser úteis a ele; pois para que fim é-nos dado dinheiro pelo Senhor, senão para nosso uso cotidiano? Visto pois que o Senhor reserva ouro e prata para nosso benefício, que veneta é esta, quando os homens os moldam em deuses para si! Mas este ponto principal sempre deve ser lembrado, que os israelitas, em tudo, denunciavam sua apostasia; pois não hesitavam em subverter o reino que Deus instituíra para a salvação deles, atrevendo-se a perverter todo o culto a Deus, bem como o sacerdócio, introduzindo novas superstições.

Então, segue-se um anúncio de punição – *Por isso, Israel será cortado.* Caso alguém, de fato, objete e diga que Deus foi demasiadamente rígido, não haveria razão alguma para semelhante objeção; pois eles traíram e violaram a sua fé empenhada e, condenando e calcando sob o pé tanto o reino quanto o sacerdócio, eles tinham rejeitado a mercê dele. Dessarte, vemos que o Profeta ameaça-os agora com merecida destruição. Prossigamos —

Na sociedade humana, os homens freqüentemente mudam seus planos. Algumas vezes eles mudam suas mentes voluntariamente; algumas vezes acidentes impedem que eles realizem os seus planos. Obviamente, portanto, a situação humana não faz paralelo à situação divina. Mas se tentarmos fazer concessões, podemos perguntar: "Eu decido usar o Peão da Rainha ao iniciar um jogo de xadrez porque de alguma forma posso predizer que isso é o que aconteceria; ou eu sou capaz de predizer que usarei essa jogada de abertura porque decidi fazê-lo?" A resposta é óbvia, não é?

Recomendo ainda a leitura das seções das *Institutas* sobre predestinação e providência. Como sempre, Calvino é magistral! (N. do E. português)

Oséias 8.5

5. Teu bezerro, ó Samaria, é deitado fora; minha ira está acesa contra eles: quanto tempo *levará* até que atinjam a inocência?

5. Elongavit (*vel*, procul regecit; *est idem verbum*, זנח) vitulus tuus (*vel*, vitulum tuum) Samaria; excanduit furor meus in illos: quousque non poterunt munditiem (*vel*, innocentiam.)

O Profeta prossegue com o mesmo assunto; pois revela que Israel perecia por sua própria culpa, e que o crime, ou a causa da destruição, não podia ser transferida a algum outro. Há certa ambigüidade nas palavras, as quais, entretanto, não obscurecem o sentido; pois, se lermos *bezerro* no caso objetivo, ou dizermos: *teu bezerro removeu a ti para longe,* ficará a mesma coisa. Alguns dizem, "abandonou a ti", como fazem acima, "Israel abandonou o bem"; porém, o sentido de arremessar para longe é preferível. Teu bezerro, então, *Samaria, lançou-te fora,* ou, "O Senhor deitou fora o teu bezerro". Se lermos *teu bezerro* no caso "objetivo", então o Profeta anuncia destruição não somente sobre os israelitas, mas também sobre o bezerro em que eles esperavam. Mas a interpretação provável é que o bezerro removera para longe, ou expulsara Samaria ou o povo de Samaria para longe; e isso, não duvido, é o significado das palavras; pois o Profeta, para confirmar sua doutrina anterior, parece fazer lembrar novamente aos israelitas que a causa da destruição deles não devia ser procurada em nenhum outro lugar senão na imoralidade, especialmente porque eles, havendo renunciado ao verdadeiro Deus, fizeram para si um ídolo, e formaram o bezerro para ficar no lugar de Deus. Ora, isto era uma estupidez extremamente grosseira e perversa, que, havendo experimentado, através de tantos milagres, o poder e a bondade infinitos de Deus, não obstante, recorressem a uma coisa morta. Eles moldaram para si um bezerro! Não devem ter sido eles movidos, no modo de dizer, por uma assombrosa loucura quando renegaram, dessa forma, o Deus verdadeiro, o qual, com tanta freqüência, e tão maravilhosamente, fizera-se conhecido a eles?

Por esse motivo, Deus agora diz: *Teu bezerro, ó Samaria;* ou seja: "A ameaça do cativeiro, que ora paira sobre ti, não acontecerá por um acidente fortuito, nem será certo atribuí-la à injustiça cometida pelos inimigos, que à força levar-te-ão a terras distantes; mas *teu próprio bezerro conduz a ti para longe.* Deus, certamente, fixou a ti nesta terra para que ela te fosse uma herança tranqüila até o fim; no entanto, teu bezerro não te permite repousar aqui. A terra de Canaã era realmente o teu patrimônio, como também o patrimônio do Senhor; contudo, depois de Deus haver sido banido, e o bezerro, introduzido no lugar dele, por qual direito vós podeis agora ficar na posse dela? *Teu bezerro,* então, *desterra a ti,* visto como, por ele, primeiro tentaste banir o Deus verdadeiro". Percebemos agora a intenção do Profeta.

Em seguida, ele diz que *sua ira está acesa contra eles.* Ele inclui aqui todos os israelitas, e mostra que não podia ser de outro modo, que Deus infligir-lhes-ia extrema vingança, visto como eles não eram educáveis (como foi dantes amiúde observado), e não podiam regressar nem ser reformados por quaisquer admoestações.

Por quanto tempo, diz, *eles serão incapazes de obterem probidade,* ou *inocência?* Aqui, ele deplora a obstinação do povo, que em nenhum período ou espaço de tempo havia voltado a uma mente sã, e que não havia esperança disso neles, futuramente. *Por quanto tempo então eles estarão inaptos a alcançarem a inocência?* "Visto ser assim; isto é, visto não serem eles impressionáveis (*incompatibiles*), como comumente dizem, visto serem eles destituídos de toda pureza ou inocência, fico, por conseguinte, constrangido a adotar o último remédio, e este é, destruí-los". Aqui, Deus fecha a boca dos ímpios, para que eles não possam objetar que a severidade que ele tão rigidamente exercia para com eles era descomedida. Ele refuta suas calúnias dizendo que ele pacientemente os

suportara, e ainda os estava suportando. Porém, ele os via estar tão obstinados em sua impiedade, que esperança nenhuma se podia acalentar sobre eles. Segue-se —

Oséias 8.6

6. Pois oriundo de Israel *era* ele também; o artífice o fez; logo, não *é* Deus; mas o bezerro de Samaria será feito em pedaços.	**6.** Quia ex Israele etiam (*sic verto*) artifex fecit eum, et non est Deus: quia in frusta (*vel*, fragmenta; contritiones *alii verterent; alii,* scintillas: *sed clarus est sensus*, *si ita vertatur*, in fragmenta) erit vitulus Samariae.

O princípio desse versículo não é explanado da maneira direita, segundo penso eu, por aqueles que conectam o pronome demonstrativo הוּא, ***'hu,*** como se possuísse um copulativo interposto; e isso deve ser notado, pois ele dá uma grande ênfase às palavras do Profeta. *Precisamente isso é de Israel.* Mas o que o Profeta quer dizer? Ele quer dizer isto, que o bezerro era proveniente de Israel, visto que muito tempo antes, no início, esse formara para si um bezerro no deserto. Mas nós ainda não apreendemos claramente o pensamento do Profeta, a menos que percebamos que há aqui uma comparação implícita. Pois ele acusa os israelitas de serem os primeiros instituidores dessa superstição, e que eles não tinham sido, por assim dizer, enganados por outros, pois não tomaram tal corrupção emprestada dos gentios, como foi às vezes o caso; mas era, por assim dizer, uma invenção intrínseca. *De Israel,* diz, *é ele;* ou seja: "Descubro que vós, agora, pela segunda vez, sois fabricantes dessa ímpia superstição. Vossos pais, quando forjaram para si um bezerro no deserto, podiam dar desculpa (como vós dais), dizendo que foram guiados pela fé de outros? Podiam alegar que tal causa de infração foi-lhes oferecida pelos gentios, e que eles foram pegos na armadilha, como muitas vezes ocorre, quando alguns arrastam outros para o erro? De maneira alguma. Como quando vossos pais, quando ninguém os tentou à superstição, tornaram-se os iniciadores dessa nova superstição por meio da própria inclinação deles, e, por assim dizer, por meio da instigação do diabo, da mesma forma esse bezerro, pela segunda vez, vem de Israel, pois não há outro modo pelo qual podeis explicar sua origem, não podeis transferir a culpa às outras nações; dentro, dentro", ele diz, "esse mal foi gerado". Percebemos agora o sentido dado pelo Profeta, qual seja, que tal superstição não era originária de outros, mas que Israel, sem estar sob a influência de nenhum persuasor maligno, maquinou por si próprio, espontaneamente, essa corrupção, por intermédio da qual eles se apartaram do culto verdadeiro e puro de Deus. É deveras verdadeiro que bois e novilhos eram adorados no Egito, e o mesmo também podia ser dito de outras nações; porém, a rivalidade não influenciou o povo de Israel. O que então? Com certeza, não se podia negar que eles tivessem estimulado a si próprios na ímpia negação de Deus.

A mesma coisa pode ser aduzida contra os papistas de hoje; ou seja, que o sórdido amontoado de superstições, pelas quais o culto inteiro de Deus está por eles corrompido, foi produzida por si próprios. Se objetarem e dizerem que tomaram muitos ritos emprestados dos pagãos, isso é absolutamente verdadeiro; porém, foi a imitação desses que os conduziu a essas ímpias invenções? De maneira nenhuma, mas sua própria sensualidade os levou a se transviarem; pois, não estando satisfeitos com a simples palavra de Deus, eles inventaram, por si mesmos, modos estranhos e espúrios de culto; e, depois, acréscimos foram feitos conforme os caprichos individuais: dessa forma, aconteceu que eles se afundaram no mais profundo abismo. Donde pois os papistas possuem tantos padroeiros, nos quais, ao confiarem, desprezam então a Cristo, o Mediador? Precisamente porque eles os forjaram por si próprios.

Vemos agora, pois, quão grave era a acusação, que o bezerro era mesmo de Israel. "Não há então razão", diz o Senhor, "para vós dizerdes que fostes engabelados pelos maus exemplos, como aqueles que estão misturados com pagãos profanos e contraem seus vícios, como contágio que se

introduz facilmente entre os homens, pois eles, por natureza, são propensos ao vício; não há razão nenhuma", diz, "para alguém fazer uma objeção desse tipo". Por quê? Porque o bezerro que vossos pais fizeram para si, no deserto, era de Israel; e esse bezerro também o é, pois não vos foi impingido por outros, mas Jeroboão, vosso rei, fê-lo para vós, e vós, de bom grado e aprovando, recebeste-lo".

O obreiro, ele diz, *produziu-o, e não é Deus.* Aqui, o Profeta zomba da estupidez do povo; e há muitos outros pontos semelhantes, que ocorrem em todos os lugares, em especial nos Profetas, nos quais Deus vitupera esta loucura — de haverem recorrido a formas de culto tão absurdas. Pois o que é mais contrário à razão do que o homem se prostrar perante um pedaço de madeira morto ou uma pedra, e dela buscarem a salvação? Os incréus, de fato, põem tais disfarces, e dizem que procuram Deus no céu, e, porque ídolos e imagens são tipos de Deus, que vêm a esse através deles; no entanto, o que eles fazem fica evidente. Esses pretextos, pois, são todos vãos, pois a estupidez deles é vista abertamente quando, desse modo, inclinam seus joelhos diante de uma madeira ou pedra. Conseqüentemente, o Profeta invectiva aqui contra essa estupidez sem pé nem cabeça, pois que o homem fizera o ídolo. "Pode um mortal fazer um deus? Vós certamente atribuís divindade ao bezerro; tem o artífice autoridade para tal? O homem não conferiu vida para si próprio, nem pode, por um momento sequer, preservar essa vida, a qual obteve pelo bel-prazer de outrem; como, então pode ele criar um deus de madeira ou pedra? Que espécie de loucura é essa?"

Ele, então, adiciona: *Não é Deus, pois em fragmentos ficará o bezerro de Samaria.* O Profeta indica aqui, a partir dos acontecimentos, como não havia poder ou deidade alguma no bezerro, porque haveria de ser reduzido *a fragmentos.* O resultado, então, mostraria, por fim, quão loucamente os israelitas bancaram os trouxas, quando formaram para si mesmos um bezerro para ser, no modo de dizer, o símbolo da presença divina. Vemos agora o que o Profeta quer dizer: pois ele realça o pecado de Israel, porque esse não fora seduzido por outros para apartar-se do puro e genuíno culto de Deus, mas fora seu próprio enganador. Eis o sentido. Segue-se —

Oséias 8.7

7. Pois semearam o vento, e colherão o tufão: o renovo não tem haste: ele não produzirá farinha: se ele a produzir, os estrangeiros a devorarão.	**7.** Quia ventum serent (certe serunt ventum, *inquit primo loco*) et turbinem metent: non est ei culmus, germen non producet ferinam (non faciet, *ad verbum;*) si forte produxerit, extranei vorabunt eam.

O Profeta mostra aqui, por uma outra figura, como os israelitas se exercitavam sem proveito em seu culto pervertido e, depois, de que maneira vã escusavam suas superstições. E tal verberação é mui necessária também nos dias presentes. Pois vemos que hipócritas, mesmo cem vezes condenados, não cessarão, todavia, de vociferar algo: em resumo, eles não podem tolerar serem sujeitados: mesmo quando as consciências deles os reprovarem, eles ainda se atreverão a vomitar sua virulência contra Deus. Eles ainda ousarão apresentar vãos pretextos: por conseguinte, o Profeta diz que eles semearam o vento, e colherão o tufão. É uma metáfora apropriada; pois eles receberão uma colheita adequada à semeadura. A semente é lançada na terra e, posteriormente, a colheita é ajuntada: *Eles semearam,* ele diz, *o vento, então colherão o furacão,* ou, *a tempestade.* Semear o vento nada mais é do que simular uma aparência para deslumbrar os olhos do simples e, por astúcia e maneira do palavreado, encobrir a própria impiedade. Quando alguém lança sua mão, ele parece arremessar semente sobre a terra, no entanto, semeia o vento. Assim também, os hipócritas fazem suas ostentações e se arrumam para que se aparentam totalmente com os piedosos adoradores de Deus.

Sendo assim, percebemos que o desígnio da metáfora do Profeta, quando diz que eles semeiam o vento, é demonstrar isto, que, conquanto em nada diferissem dos verdadeiros adoradores de Deus no aspecto exterior, não obstante, nada semeavam senão vento; pois, quando os israelitas ofertavam seus sacrifícios no templo, indubitavelmente cumpriam a regra da lei, mas, ao mesmo tempo, faltava-lhes obediência a Deus. Não havia nenhuma fé em seus serviços de culto; era vento, pois; ou seja, eles nada possuíam senão uma exibição fútil e oca, embora o aspecto externo do serviço deles não se distinguisse em coisa alguma da adoração verdadeira e legítima de Deus. Eles, então, semeiam o vento e ceifam o furacão. Porém, não podemos terminar hoje.

ORAÇÃO

Conceda, Todo-Poderoso Deus, que, visto que a regra do teu culto verdadeiro e lícito nos é suficientemente conhecida, e que tu continuas a exortar a nós para perseverarmos em nosso curso e para permanecermos naquela adoração pura e simples que tu tens totalmente aprovado — Ó, outorgue que, em verdadeira obediência de fé, correspondamos a ti: e, ainda que ora vejamos o mundo inteiro, aqui e acolá, carregado, bem como todos os lugares, cheios de pavorosos exemplos de apostasia, e tanta loucura predominando em toda parte que os homens se tornam, diariamente, mais e mais empedernidos — Ó, permita que, estando fortificados pela invencível fé contra essas tantas tentações, perseveremos na religião verdadeira, e jamais, em tempo algum, desviemo-nos do ensino da tua palavra, até que sejamos finalmente reunidos a Cristo, nosso Rei, sob quem, como nossa cabeça, tu tens prometido que estaremos para sempre seguros, até atingirmos aquela vida feliz que está guardada para nós no céu, mediante o mesmo Cristo, nosso Senhor. Amém.

VIGÉSIMA-SEGUNDA DISSERTAÇÃO

Na última dissertação, não conseguimos concluir o que o Profeta disse no versículo sete; isto é, que, seja qual fosse a esperança que os israelitas nutrissem, seria ela ilusória e infrutífera; pois imaginavam muitos livramentos como que surgindo do nada. Ele tinha anteriormente condenado os errantes e perversos rumos tortuosos deles, ora fugindo para o Egito, ora para a Assíria, a fim de buscarem assistência e, ao mesmo tempo, descuidando e negligenciando a Deus. Por isso, ele diz, agora, que eles colheriam frutos correspondentes ao que foi semeado: Eles semearam o vento, eles ceifarão, diz, o *tornado.* E, por essa figura, ele denota que a confiança deles era debalde, que seus conselhos eram frívolos.

Em seguida, ele adiciona que não haveria talo; e, seguindo a mesma símile, diz: *O botão de flor não produzirá farinha alguma; se produzi-la, estrangeiros a devorarão.* A significação é que os israelitas se desencaminharam em seus conselhos e não tinham nada de real; era o mesmo que se alguém houvesse semeado o vento. Segue-se, então, a sega do furacão; pois a semente deles não brotaria, grão nenhum cresceria para dar farinha; mas, se os seus conselhos obtivessem algum fruto, ou se eles colhessem alguma coisa, estrangeiros devora-la-iam; pois o Senhor, finalmente, faria com que os inimigos deles desbaratassem tudo o que julgassem que haviam alcançado. Segue-se ainda —

Oséias 8.8

8. Israel é tragado: agora, estarão eles entre os gentios como um vaso no qual não *há* prazer.	**8.** Voratus est Israel, nunc erunt inter gentes quasi vas in quo non est oblectatio (*hoc est*, vas rejectitium, *vel*, contemptibile.)

Ele usa a mesma palavra que antes, quando falou da farinha, e diz que não somente a provisão de Israel será devorada, mas também o próprio povo; e ele reprocha os israelitas pelas próprias misérias, para que eles finalmente reconhecessem que Deus lhes era adverso. Pois o objetivo do Profeta era este — fazê-los sentir os próprios males, para que, por fim, humilhassem-se e aprendessem a, suplicantemente, rogar por perdão. Pois é grande sabedoria quando nos beneficiamos dos açoites de Deus a ponto de nossos pecados virem para diante de nossos olhos.

Em conseqüência, ele diz: *Israel é devorado e está semelhante a um vaso rejeitado, precisamente entre os gentios,* quando, todavia, aquele povo sobrepujava o resto do mundo, visto que o Senhor o elegera para si. Como era ele um povo peculiar, era superior a outras nações; e, então, foi reservado para este fim, para que nada tivesse em comum com os gentios. Mas ele diz agora que tal povo está disperso e, por toda parte, desprezado e rejeitado. Isso não podia ter acontecido se Deus não houvesse tirado sua proteção. Por essa razão, vemos que o Profeta tinha esta única coisa em vista — fazer os israelitas sentirem que Deus estava irado com eles. Segue-se agora —

Oséias 8.9,10

9. Pois eles subiram à Assíria, um asno selvagem por si mesmo isolado: Efraim contratou amantes.	**9.** Quia ipsi ascenderunt in Assyriam, onager (asinus sylvestris) solitarius (*aliqui tamen generaliter accipiunt pro quavis fera; sylvestris ergo asinus solitarius*:) Ephraim conduxit amores (*vel*, amatores conduxerunt; *est quidem verbum pluralis numeri* התנו, *sed Ephraim est collectivum nomen, ideo nihil est obsurdi. Sequitur* —)
10. Sim, ainda que eles haja-os contratado dentre as nações, agora eu os reunirei, e eles afligir-se-ão um pouco por causa do fardo do rei dos príncipes.	**10.** Quanivis conducant (*vel*, conduxerint) inter gentes, nunc congregabo eos et dolebunt (*vel*, incipient) paululum ab onere regis, principum (*hoc est*, regis et principum, *subaudienda enim est copula inter nomen* מלך et שׂרים.)

Aqui o Profeta novamente caçoa de todo o trabalho que o povo havia empreendido para se eximir da punição. Pois, ainda que os hipócritas não ousem lutar contra Deus de modo franco e confesso, todavia, buscam inúteis subterfúgios pelos quais possam lográ-lo. Assim, os israelitas não se cansavam de fugir do julgamento divino; e tal estultícia, ou antes, loucura, o Profeta expõe ao desdém. *Eles sobem à Assíria,* diz, *como um jumento selvagem sozinho; Efraim tem contratado amantes.* Na primeira oração, ele, indiretamente, censura o estúpido desvario do povo, como se dissesse: "Eles são como a alimária selvagem da floresta, que não pode de maneira nenhuma ser domada". E Jeremias emprega essa mesmíssima símile, quando se queixa do povo sendo levado para longe por sua própria lascívia indômita, sendo semelhante ao asno selvagem que, fungando o vento, move-se, em seu jeito habitual, para um rumo precipitado (Jeremias 2.24). Provavelmente, ele também toca, de forma indireta, na incredulidade do povo, ao terem menosprezado a proteção de Deus; pois o povo não devia ter se apressado deste modo à Assíria, como se estivesse desprovido de toda ajuda, porque sabia que era protegido pela mão de Deus. E o Profeta, aqui, exprobra-o por considerar como nada essa ajuda que Deus prometera, a qual estava ele realmente preparado para oferecer, não houvessem os israelitas se movido para outro lugar. Por essa razão, ele diz: *Efraim, como um asno selvagem, subiu para a Assíria;* não percebia esse que estaria seguro e a salvo, contanto que se abrigasse sob a sombra da mão do seu Deus; mas, como se Deus não pudesse fazer coisa alguma, foi-se para os assírios: isso era ingratidão. E, depois, ele, outra vez, adota a símile que nós dantes observamos, que o povo de Israel se havia, vergonhosa e perversamente, apartado da aliança matrimonial que Deus tinha celebrado com eles: pois Deus, sabemos, para os israelitas, estava no lugar de marido, e havia empenhado sua fé a eles; contudo, quando eles passaram para um outro, ficaram como mulheres impuras, que se prostituem com adúlteros e desistem de seus maridos. Por isso, o Profeta novamente vitupera os israelitas por haverem violado a fé que empenharam a Deus, e por serem como mulheres adúlteras. De fato, ele vai mais longe, e diz que eles assalariaram adúlteros. Mulheres desonestas, usualmente, são seduzidas pelos encantos do lucro; pois, quando adúlteros desejam corromper uma mulher, oferecem presentes e dinheiro. Ele diz que essa prática foi invertida; e a mesma coisa é expressa pelo Profeta Ezequiel; o qual, após haver afirmado que as mulheres são comumente corrompidas para possuírem algum benefício ou ganho proposto a elas, acrescenta: 'Mas tu esbanjaste tua propriedade, e te colocaste, não a ti mesma para ser assalariada, mas, pelo contrário, tu contrataste devassos' (Ezequiel 16. 31-33). Assim fala o Profeta aqui, embora com maior brevidade: *Efraim,* ele diz, *contrata namorados.*

Porém, segue-se: *Conquanto eles hajam assalariado dentre as nações, agora, eu ajunta-los-ei.* Este ponto pode ser interpretado variadamente. A explicação comumente aceita é que Deus

reuniria as nações assoldadas contra Israel; mas eu antes a relaciono ao próprio povo. Contudo, ela admite um duplo sentido: o primeiro é que as grandes forças que o povo havia granjeado de todo lado para si não impediriam a Deus de destruí-lo; pois o verbo קבץ, ***kabats,*** que traduzem por "congregar", amiúde significa, em hebraico, lançar em um montão matando, como dizemos em francês, *trousser,* (enfeixar.) E este sentido seria mui adequado — que, ainda que eles se estendessem em toda parte, reunindo forças de todo lado, todavia, seriam ajuntados de um outro modo, pois seriam trazidos juntos em uma pilha. O segundo significado é este — que, quando Israel fosse levado para longe, para os gentios, o Senhor os agruparia; como se dissesse: "Israel se queima com loucas concupiscências, e corre para lá e para cá entre os gentios; tal ardor nada mais é do que dispersão; é como se ele, intencionalmente, desejasse destruir a unidade em que consiste sua segurança; mas eu, todavia, junta-lo-ei contra a vontade dele; ou seja, preserva-lo-ei por um tempo".

Segue-se então: *Eles se angustiarão um pouco devido ao fardo do rei e dos príncipes.* A palavra que o Profeta utiliza, os intérpretes esclarecem de duas maneiras. Alguns deduzem יחלו, ***yachelu,*** do verbo חל, ***chal,*** e outros de חלל, ***chalal,*** que significa "começar"; e, por isso, dão esta tradução: "Eles começarão com o fardo do rei e dos príncipes"; isto é, eles começarão a ser oprimidos pelo rei e pelos príncipes. Outros propõem esta versão: "Eles se molestarão um pouco pela carga do rei e dos príncipes"; ou seja, eles serão tributários antes de os inimigos os levarem para o exílio; e isso será uma dor moderada.

Se a primeira interpretação que eu citei for sancionada, então há aqui uma comparação entre os flagelos com os quais Deus, brandamente no princípio, castigou o povo, e a última punição que ele afinal foi constrangido a lhes infligir; como se dissesse: "Eles se queixam de estarem sobrecarregados de tributos; isso não é nada, ou, ao menos, nada tão doloroso, em comparação com a nefasta tribulação futura que a sua destruição derradeira trará consigo".

Mas essa oração bem pode ser unida àquele lenitivo que eu brevemente expliquei, e é este, que, embora o povo voluntariamente se tenha dispersado, foi ele preservado além do esperado, de modo que não pereceu de imediato; pois teria se precipitado de cabeça na destruição, não houvesse Deus interposto um obstáculo. Dessa forma, os dois versículos têm de ser lidos conjuntamente: *Eles ascenderam à Assíria como um jumento selvagem;* ou seja: "Eles provaram sua disposição indomável e selvagem quando, dessa forma imoderada, excitaram-se; e, então, eles me oferecem um grave insulto; pois, como se estivessem destituídos do meu amparo, correm aos gentios profanos e estimam como nada meu poder, que estaria pronto para auxiliá-los, tivessem eles dependido de mim e posto sua salvação em minha mão". Ele, então, condena a perfídia deles, que eles eram como mulheres impudicas, que deixam seus maridos e se entregam à lascívia. Segue-se então: *Ainda que eles façam isso,* isto é: "Apesar de terem desprezado a minha ajuda, de buscarem livramento dos gentios profanos, apesar de me desprezarem, preferindo se submeter aos adúlteros em vez de guardarem sua fé conjugal para comigo, *todavia, eu os ajuntarei,* quando assim dispersados". O Senhor, aqui, amplia o pecado do povo; pois ele não puniu incontinenti a ingratidão e impiedade desse, mas adiou-a por um tempo; e, em sua benevolência, ele conduziria o povo à penitência, não fora a loucura desse totalmente incurável: então, *conquanto eles assim contratem dentre os gentios, eu, todavia, os ajuntarei",* ou seja, "preserva-los-ei"; e para que finalidade? Para que eles se aflijam por um tempo, e isso, para que não pereçam inteiramente, como pessoas que se arrojam de cabeça na ruína completa; pois eles pareciam, propositadamente, buscar a destruição definitiva quando, de maneira selvagem e violenta, foram levados para longe, para as nações profanas. Isso é, deveras, uma mui medonha dilaceração do corpo, a qual não pode ser senão fatal. *Eles,* entretanto, *afligir-se-ão um pouco;* ou seja: "Eu assim agirei para que eles, gradativamente, retornem para mim, precisamente por meio de moderada tribulação".

Por isso, percebemos, com maior clareza, por que o Profeta disse que tal aflição seria pequena, a qual proviria do fardo do rei e dos príncipes. Foi tencionado pelos israelitas aguçar imediatamente os assírios à guerra; e isso resultaria na destruição deles, como, por fim, aconteceu; contudo, o Senhor suspendeu sua vingança e, ao mesmo tempo, mitigou a dor deles quando foram feitos tributários. O rei e seus conselheiros foram compelidos a cobrar grandes tributos; o povo, então, angustiou-se: porém, esse teve nada mais do que uma moderada tristeza, para que considerasse seus pecados e voltasse para o Senhor; todavia, tudo isso foi infrutífero. Por esse motivo, a obstinação do povo ficava menos escusável. Agora percebemos o que o Profeta queria dizer. Segue-se agora —

Oséias 8.11

11. Porque Efraim fez muitos altares para pecar, os altares lhe serão para pecar.	**11.** Quia multiplicavit Ephraim altaria ad peccandum, erunt ei altaria ad peccandum.

O Profeta, de novo, invectiva aqui contra a idolatria do povo, a qual era, entretanto, considerada então a melhor religião; pois os israelitas, como foi dito, endureceram-se em suas superstições, e haviam, há muito tempo, apostatado do puro e legal culto de Deus. E sabemos que, uma vez que o erro prevaleça, esse, com o decorrer do tempo, adquire consistência: conseqüentemente, os israelitas ficaram endurecidos em seu culto pervertido e fictício. Eles achavam que praticavam a mais meritória das ações sempre que sacrificavam, embora, simultaneamente, provocassem, dessa forma, mais e mais a ira de Deus contra si. E, como ficaram assim endurecidos, o Profeta diz que *eles multiplicaram para si altares com o propósito de pecar,* e *que lhes havia altares para pecar.* Era (como eu já disse) dificílimo persuadi-los de que seus altares tinham por fim os pecados e que, quanto mais atenção davam à adoração a Deus, mais repugnantemente eles pecavam.

Vemos, agora, o quanto os papistas dos dias correntes se gloriam em suas abominações. É indiscutível que eles coisa alguma fazem senão o que é anátema diante de Deus; pois reina lá entre eles toda espécie de imundície, e não há pureza alguma que seja: logo, eles persistem ofendendo a Deus, por assim dizer, de propósito. Porém, ao mesmo tempo, para eles, é a mais egrégia santidade multiplicar altares: a mesma coisa também era o erro preponderante no período do Profeta. Essa foi a razão pela qual ele disse que *altares eram multiplicados no intuito de pecar.* Quem, hoje em dia, consegue persuadir os papistas de que, quanto mais eles erigem capelas, mais são os pecados pelos quais eles provocam a ira de Deus? Mas os fiéis devem se satisfazer, não com um altar (pois agora não há necessidade de um), mas com uma mesa comum. Os papistas, pelo contrário, constroem para si mesmos altares sem fim, onde sacrificam; e julgam que Deus fica, desse modo, preso a eles como que por muitas correntes: quanto mais capelas estejam sob o papado, imaginam eles, mais prisões para Deus (*dei carceres)*, e ele fica ali encerrado. Contudo, caso alguém diga que tantos demônios (*Diabolos*) habitem em semelhantes locais, sabemos quão furiosos e encolerizados eles ficarão.

Então, não é nenhuma repetição supérflua quando o Profeta diz que *altares foram multiplicados para pecar;* e, então, *que os altares seriam por causa do pecado:* pois, na segunda oração, ele fala da punição que Deus infligiria aos homens supersticiosos. Na primeira oração, ele mostra que as boas intenções deles eram frívolas, e que estavam eles grandemente iludidos quando, a seu talante, inventavam para si mesmos várias formas de culto. Isso é uma coisa. Segue-se depois: *Então, haverá para eles altares para pecar;* visto como não se arrependeram prontamente, nem aceitaram as admoestações salutares, Deus, afinal, demonstraria realmente quanto valor ele atribuía ao que eles chamavam de suas boas tenções; pois, agora, uma horrenda vingança estava perto, a qual lhes provaria que, ao aumentarem o número de altares, nada mais faziam senão aumentar os pecados. Segue-se pois —

Oséias 8.12

12. Eu escrevi a ele grandes coisas da minha lei, *mas* elas foram reputadas como algo estranho.	**12.** Scripsi ei pretiosa legis meae, sicut alienum reputata sunt (quasi aliquid extraneum reputatum fuit.)

O Profeta revela aqui, sucintamente, como devemos julgar o culto divino, pretendendo, com isso, cortar o pretexto de todos os artifícios pelos quais os homens, habitualmente, enganam a si próprios, concebendo disfarces toda vez que são acusados. Pois ele põe a lei de Deus, e a regra que ela prescreve, em oposição a todas as invenções dos homens. Os homens acham Deus injusto se esse não recebe tudo que eles imaginem ser bom e legítimo; mas Deus, como é dito em outro lugar, prefere obediência a quaisquer sacrifícios. Por isso, o Profeta ora declara que todas as superstições que então predominavam entre o povo de Israel estavam condenadas perante Deus; pois ele Israel não obedecia a lei, mas tinha formas de culto espúrias e pervertidas, que inventou por si mesmo. Vemos, então, o nexo do que o Profeta diz: ele dissera, no último versículo, que aquele tinha multiplicado altares a fim de pecar; mas tão grande, como eu disse, era a obstinação do povo que esse, de modo algum, suportaria que isso lhe fosse dito; então, ele acrescenta, na pessoa de Deus, que sua lei fora-lhe dada, e que o povo dela se afastara.

Por esse motivo, vemos que não há necessidade alguma de se utilizar muitas palavras ao contender com os supersticiosos, que desafiadoramente engendram vários tipos de culto, totalmente diferentes do que Deus ordena; pois deve-se pressioná-los diferentemente, só com isto: que a obediência é de maior importância para Deus que os sacrifícios, e mais ainda, que há uma regra certa contida na lei, e que Deus não somente nos manda adorá-lo, mas ainda nos ensina a maneira legal, para dela não se apartar. Visto, pois, que o querer de Deus está conhecido e esclarecido, por que devemos ora altercar com homens que cerram seus olhos, voluntariamente voltam atrás e não se dignam a ter consideração alguma com Deus? Então, *eu escrevi,* o Senhor diz: e, para dar a essa verdade um peso maior, ele introduz a Deus como o orador. Era, de fato, suficiente dizer: "Deus vos entregou a sua lei: por que não buscais conhecimento dessa lei, em vez de buscá-lo do vosso próprio critério carnal? Por que desejais vaguear desse modo licencioso, como se nenhuma restrição tivesse sido posta sobre vós?" Porém, é um jeito mais enfático de falar quando Deus mesmo diz: *Eu escrevi minha lei, mas eles consideraram-na como algo estranho;* isto é, como se não disse respeito a eles.

Mas ele diz que *escrevera* para Israel. Ele não menciona simplesmente o escrever, mas diz que o tesouro fora depositado entre o povo de Israel; e o povo ficava em pior situação, pois que não admitia que uma tão grande honra lhe fora conferida, pois essa era sua herança peculiar. *Eu* então *escrevi minha lei,* "e não a escrevi indiscriminadamente a todos, mas para o meu povo eleito; mas ele a reputou como coisa alheia". Pois a palavra pode ser vertida das duas maneiras.

Ele acrescenta: *As coisas grandes,* ou, *preciosas,* ou, *honrosas da minha lei.* Houvesse ele dito: "Eu escrevi para vós a minha lei", o legislador, em si, era indubitavelmente digno, a ele todos tinham de se submeter com a maior das reverências, e ordenar sua vida inteira em consonância com a vontade daquele; porém, o Senhor aqui exalta sua lei por uma apologia esplêndida, e isso ele faz para reprimir a impiedade dos homens que obscurecem a dignidade e a excelência dela: *Eu escrevi,* ele diz, *as grandes coisas da minha lei.* "Por mais que eles desprezem minha lei, não obstante, eu nela expus uma sabedoria que tem que ser admirada pelo mundo todo; nela, eu trago à luz os segredos da sabedoria celestial. Então, já que é assim, qual desculpa pode haver para os israelitas menoscabarem a minha lei?" Ele diz que *eles a consideraram como algo estranho,* embora houvessem sido educados debaixo da sua instrução, e o Senhor os tivesse chamado para si desde a própria infância deles. Visto, então, que deviam ter reconhecido a lei de Deus como um pendão, sob

o qual o Senhor os preservava, ele aqui os condena por a haverem tido como coisa de fora. Segue-se então —

Oséias 8.13

13. Eles sacrificam carne *em vez* dos sacrifícios das minhas oferendas, e *a* comem; *porém,* o SENHOR não as aceita; agora se lembrará da iniqüidade deles, e visitará seus pecados; eles retornarão ao Egito.	**13.** Sacrificia holocaustorum meorum immolant carnem, et comedunt: Jehova gratum non habebit; nunc recordabitur iniquitatis eorum, visitabit scelus ipsorum; ipsi Aegyptum revertantur.

Os intérpretes pensam que os israelitas são aqui ridicularizados por confiarem em suas próprias cerimônias, e que os sacrifícios deles são, de forma condenatória, denominados carne. Mas precisamos ver se as palavras do Profeta contêm algo de mais profundo. Pois alguns, como julgo, interpretam corretamente a palavra הבהב, ***havhav,*** como possuindo o sentido de "sacrifícios", sejam esses queimados ou assados; é uma palavra de quatro letras. Outros deduzem-na de יהב, ***yahav,*** que significa "dar presentes"; daí, vertem assim: "sacrifícios de meus presentes"; e essa é a opinião mais aceita. Vejo o Profeta aqui, não apenas culpando os israelitas por colocarem confiança vã em suas cerimônias, as quais eram pervertidas e depravadas, mas também aduzindo algo mais crasso, e pelo qual se podia provar que a loucura deles era mesmo ridícula, sim, de homens e filhos profanos. Quando lemos somente *os sacrifícios de meus dons,* que eles deviam me ter oferecido, o sentido parece falto de imaginação; porém, quando lemos: "Os sacrifícios de meus holocaustos! Eles ofertam carne", o significado é: O seu desdém é tão palpável que eles não conseguem senão ser condenados até por seus filhos. Como assim? Porque, em vez de ofertas queimadas, eles me oferecem carne; isto é, eles têm medo de que alguma porção de seus sacrifícios seja perdida: e quando têm que, ao oferecer holocaustos, queimar a carne, ficam com ela toda, para que encham a si próprios. Por essa razão, eles fazem uma grande exibição ao sacrificar: entretanto, transparece ser manifesto escárnio, pois transformam as ofertas queimadas em ofertas pacíficas, para que a carne permaneça inteira para que a comam. E, indubitavelmente, sempre foi um vício dominante nos hipócritas ligar ganho com superstições. Então, por mais que os idólatras se demonstrem de todo devotados a Deus, todavia, cuidarão para que nada seja perdido.

O Profeta, então, parece ora censurar tal vício; não obstante, admito que os israelitas são acusados de pensarem que Deus é aplacado por sacrifícios que, em si mesmos, não são de valor nenhum, visto como tivemos antes uma declaração similar. Mas eu ajunto as duas opiniões — que eles ofereciam a Deus sacrifícios inúteis, sem piedade, e depois, que eles imolavam carne em vez de ofertas queimadas, e assim se alimentavam, não se preocupando pelo culto de Deus. *Os sacrifícios* pois *dos meus holocaustos eles apresentam;* mas o que eles apresentam? *Carne.* E não parece ser debalde que ele citou a palavra carne. Alguns dizem que todos os sacrifícios são aqui chamados de carne por desprezo; porém, a mim aparenta antes haver um contraste entre sacrifícios queimados e carne; porque o povo de Israel desejava zelar por si próprio e ter um rico banquete, embora o Senhor exigisse que um holocausto lhe fosse apresentado: em seguida, adiciona, *e come.* Pela palavra, comer, ele confirma o que eu já disse, isto é, que, aqui, condena nos israelitas o vício de ter como fito apenas empanturrar-se e propor o nome de Deus como pretexto vão, enquanto só tinham um ardente desejo de se alimentar.

Dá-se o mesmo com os papistas de nossos dias quando celebram suas festas; eles se saciam e pensam que, quanto mais eles beberem e comerem, mais o Senhor está obrigado para com eles. Esse é o seu zelo; comem carne e, não obstante, julgam que oferecem sacrifícios a Deus. Eles, então, oferecem seus estômagos para Deus, quando esses ficam, dessa forma, bem cheios. Tais são

as oblações dos papistas. Assim também, o Profeta ora diz: *Eles comem a carne que deviam ter queimado.*

O Senhor, diz ele, *não as aceitará.* Outra vez, ele mostra aqui, resumidamente, que, enquanto os hipócritas assim elaboram pretextos, eles se autoludibriam e, por fim, descobrirão quão tolamente mentiram a Deus e aos homens: "Deus não as aceitará". Aqui, ele repudia, no nome de Deus, seus sacrifícios; pois, seja o que for que prometessem a si mesmos, era bastante inventarem por si próprios tais modos de adoração; pois Deus nunca ordenara uma palavra concernente a esses.

Segue-se então: *Agora ele lembrar-se-á da iniqüidade deles, e visitará o seu pecado.* O Profeta anuncia uma punição futura, para que os hipócritas não se gabassem por a fúria divina não se acender depressa contra eles, pois é costumeiro deles abusarem da paciência de Deus. Daí Oséias agora avisá-los e dizer: "Mesmo que Deus seja indulgente por algum tempo, todavia, não há motivo para os israelitas acharem que ficarão livres de castigo: Deus finalmente", diz ele, "lembrará da iniqüidade deles". Ele usa uma forma comum de falar, que ocorre em todas as partes nas Escrituras: diz-se que Deus lembra, quando ele, realmente, e com mão estendida, mostra-se ser um vingador. "O Senhor agora vos poupa; porém, não se alongará muito até que ele exiba o quanto abomina esses vossos sacrifícios impuros: *Ele se lembrará,* então, *da vossa iniqüidade".* A visitação segue essa recordação, como o efeito, a causa.

Eles fugirão, ele diz, *ao Egito.* O Profeta, não tenho dúvidas, sugere aqui que seria debalde todos os escapes que os israelitas buscassem; e, mesmo que Deus lhes permitisse fugirem para o Egito, contudo, ele diz que isso não teria vantagem alguma: "Ide, fugi ao Egito, mas vossa fuga será inútil". O Profeta exprime isso claramente, para que o povo soubesse que tinha de se haver com Deus, contra quem não podia apresentar defesa nenhuma, e para que não mais se iludisse por tolas idéias. E, malgrado o povo estivesse cego por uma tão grande obstinação que essa admonição não teve efeito nenhum, todavia, desse modo, ele se tornou o mais indesculpável. Segue-se agora —

Oséias 8.14

14. Pois Israel esqueceu-se de seu Criador, e edificou templos; e Judá multiplicou as cidades fortificadas: contudo, eu enviarei um fogo sobre as suas cidades, e esse devorará seus palácios.	**14.** Et oblitus est Israel factoris sui, et aedificavit altaris: Juda autem multiplicavit urbes munitas: ego vero ignem emittam (et emittam ignem, *ad verbum*) in urbes ejus, et comedet (qui comedet, *aut*, vorabit) palatia ejus.

Aqui, o Profeta conclui suas observações precedentes. É provável, certamente, que pregasse a eles diversas vezes; porém, como já disse, os assuntos dos sermões que o Profeta transmitia estão coligidos nesse livro para que saibamos qual era o seu ensinamento. Ele, então, discursava diariamente sobre a idolatria, sobre as superstições e sobre as outras corrupções que então grassavam entre o povo; ele, freqüentemente, repetia as mesmas ameaças, mas, em seguida, compilava as coisas que havia falado em determinados capítulos. A conclusão de seu ensino anterior, pois, era esta, que *Israel se tinha esquecido de seu Criador,* ao passo que estivera *erigindo templos* por si próprio. Diz que esse olvidou seu Criador ao edificar templos, pois que não seguiu as orientações da lei. Conseqüentemente, vemos que Deus se dará a conhecer pela sua palavra. Israel podia ter objetado e dito que nenhuma coisa semelhante era tencionada quando construiu templos em Dã e Betel, mas que desejava, por esses, conservar a memória de Deus. Porém, o Profeta mostra aqui que Deus não é verdadeiramente conhecido, e que desse os homens não se lembram realmente, a não ser quando cultuam-no em consonância com o que a lei prescreve, a não ser quando se submetem totalmente à palavra divina, e de nada se ocupam, nem tentam coisa nenhuma que não seja o que ele mandou. O que, então, os supersticiosos dizem ser lembrança, o Profeta aqui, claramente, atesta ser esquecimento. É o mesmo caso hoje em dia, quando recriminamos os papistas por seus ídolos; a escusa deles é esta, que o que eles apresentam em figuras e estátuas é a imagem de Deus, e tais imagens, como dizem, são os livros dos iletrados. Contudo, o que o Profeta responde aqui? Que *Israel olvidara seu Criador.* Havia um altar em Betel, e ali, Israel se habituara a oferecer sacrifícios, e a isso chamava de o culto a Deus; mas o Profeta prova que cada um dos cultos era maldito diante de Deus, e que nenhum outro efeito tinha senão obliterar totalmente o santo nome de Deus das mentes dos homens, de modo que a religião como um todo perecia.

É extraordinária, pois, essa passagem; pois o Profeta diz que *o povo se olvidara de Deus, seu Criador, quando construiu para si templos.* Mas o que era tão depravado nos templos para tirar a lembrança de Deus do mundo? Precisamente porque Deus tinha apenas um templo e um altar. Se for perguntado um motivo, um motivo podia ter sido dado deveras; mas o povo devia ter aquiescido à ordem de Deus. Conquanto Deus não revele por que ele ordena isso ou aquilo, para nós basta a obrigação de obedecer à sua palavra. Ora, transparece então que, quando Israel, por si mesmo, edificou vários templos, afastou-se de Deus, e por esta razão, porque não seguia a regra da lei, e não se mantinha dentro dos limites do mandamento divino. Isso, portanto, era esquecer-se de Deus. Compreendemos agora o objetivo do Profeta.

Então, embora esteja o povo habituado a se gloriar em seus templos, e ali exibir sua pompa e esplendor, e orgulhosamente se deleitar em suas superstições, todavia, o Profeta diz que aquele se esquecera do seu Criador, e por esta razão somente, porque não continuara em sua lei. Ele diz que o povo se olvidara de Deus, *seu Criador;* pela palavra *Criador* o Profeta alude a Deus, não como o autor do mundo e o criador dos homens, mas aplica isso à condição daquele. Pois, como bem sabemos, a mercê divina havia sido peculiar para com o povo; ele não somente o tinha criado, como parte da raça humana, mas também o tinha concebido como um povo para si. Visto, então, que Deus tinha assim planejado aquele para que lhe fosse devotado, o Profeta aqui aumenta e realça o pecado do povo quando diz que esse não obedecia à palavra dele, mas seguia seus estratagemas e imaginações depravadas.

ORAÇÃO

Conceda, Todo-Poderoso Deus, que, visto como já temos tão amiudadas vezes provocado tua ira contra nós, e tu, em tua paternal indulgência, tens nos tolerado ou, pelo menos, castigado a nós gentilmente para nos poupar — Ó, permita que não nos tornemos empedernidos em nossa maldade, mas que tempestivamente nos arrependamos, e que não sejamos arrastados para longe segundo as invenções da nossa carne, nem procuremos caminhos para fugir de ti, mas cheguemos diretamente à tua presença, e façamos uma humilde, sincera e honesta confissão de nossos pecados, para que tu nos receba em mercê, e que, estando reconciliado conosco, tu nos confira uma porção maior das tuas bênçãos, através de Cristo, nosso Senhor. Amém.

VIGÉSIMA-TERCEIRA DISSERTAÇÃO

Resta-nos considerar a segunda parte do último versículo do capítulo oito, na qual o Profeta acusa a tribo de Judá de *multiplicar cidades fortificadas.* Em si mesmo, isso não era condenável diante de Deus; mas o Profeta percebia que a confiança do povo era transferida para tais cidades, como normalmente acontece. De fato, é raro o exemplo de algum povo que, quando bem fortificado, não se torna comprometido nessa acusação de confiança posta em lugar errado. Porém, como tal vício na tribo de Judá era bem conhecido, não é sem razão que o Profeta se queixa, aqui, que eles depositavam sua esperança nas cidades fortes e, desse modo, privavam a Deus de seu justo louvor. Em seguida, ele anuncia uma punição. *Eu enviarei fogo sobre suas cidades, e ele devorará seus palácios.* A significação é que, quando os homens desviam suas mentes de Deus e confiam em coisas perecíveis, uma destruição fatal, por fim, seguir-se-á; pois o Senhor frustrará a esperança daqueles que, assim, despojam-no da honra dele. Eis, pois, o significado. Segue-se agora o capítulo nove.

CAPÍTULO 9

Oséias 9.1

1. Não te regozijes, ó Israel, pelo regozijo, como *outro* povo: pois tu te afastas de teu Deus em prostituição, tu amas uma gratificação sobre cada eira de trigo.

1. Ne laeteris Israel super exultatione sicuti populi, quia scortata es a Deo tuo: dilexisti mercedem super omnes áreas tritici.

Não se sabe em que época o Profeta transmitiu esse discurso, mas basta saber que ele é dirigido contra a obstinada impiedade do povo, porque esse não podia de forma alguma ser levado à penitência, ainda que a sua defecção estivesse, ao mesmo tempo, manifesta. Ele ora declara que Deus estava tão irado que não se podia esperar por sucesso algum. E em tal advertência deve-se cuidadosamente reparar; pois vemos que os hipócritas, enquanto Deus os poupa ou lhes é indulgente, aproveitam o ensejo para ficarem confiantes: pensam que têm paz segura com Deus quando ele os tolera ainda por um curto período; e mais, a menos que se deparem com a espada desembainhada, eles nunca ficam apreensivos. Visto, então, que os homens dormem com tanta segurança em seus vícios, especialmente quando o Senhor os trata com paciência e bondade, o Profeta declara aqui que os israelitas não tinham razão nenhuma para se regozijarem na própria prosperidade, ou para se ufanarem debaixo desta cobertura, que o Senhor não tinha logo tomado vingança sobre eles; pois ele diz que, apesar de todo o povo sob o céu ser próspero, todavia, Israel ficaria miserável, pois que havia cometido fornicação contra o seu Deus.

Percebemos, agora, o que o Profeta quis dizer. *Israel,* ele diz, *não te regozijes com exultações como o povo;* isto é: "Seja qual for a prosperidade que te sobrevenha, ainda que Deus te pareça propício por não afligir a ti, mas amavelmente te aturar — ou melhor, ainda que, prodigamente, te alimente, e aparente te dar muitas provas de favor paternal, todavia, não há razão nenhuma para te felicitares, pois debalde será tal alegria, pois que um final infeliz aguarda a ti". *Cometeste fornicação,* ele diz, *contra teu Deus.* Tal aviso era mui necessário. Esse vício, sabemos, tem sempre preponderado entre os homens, que ficam cegos aos seus pecados enquanto o Senhor lhes poupa; e a experiência, no presente, prova mui amplamente que a mesma moléstia ainda se apega ao nosso tutano. Como é assim, que esta passagem do Profeta nos desperte, para que não nos jubilemos, ainda que grande fortuna sorria para nós; todavia, antes, inquiramos se Deus tem uma justa causa para se irar contra nós. Embora ele não estenda sua mão abertamente, embora ele não nos persiga, apesar disso, temos que nos anteceder à ira dele; pois é o próprio mister da fé não somente descobrir, a partir da punição presente, se Deus está irado, mas também temer, devido a quaisquer vícios prevalecentes, o castigo que esteja distante. Aprendamos, então, a examinar a nós mesmos e a fazer um severo escrutínio, até quando o Senhor oculta seu desprazer e não nos visita por causa dos nossos pecados. Então, se tivermos cometido fornicação contra Deus, toda nossa prosperidade tem de ser encarada por nós com suspeita; pois esta franca desobediência, de abusarmos das bênçãos divinas, custar-nos-á muito caro.

A comparação aqui feita é, também, de grande importância. *Como outro povo,* diz o Profeta. Ele quer dizer que, ainda que Deus perdoasse as nações pagãs, todavia, ele puniria Israel, pois sua apostasia e rebelião eram menos desculpáveis ao terem cometido fornicação contra seu Deus. Que outras nações vagueassem em seus erros não era de se espantar, mas que Israel houvesse sacudido o jugo daquele jeito, e depois negado seu Deus, que houvesse quebrado e violado a fidelidade do sagrado matrimônio — tudo isso era realmente monstruoso. Não é de se admirar, pois, que Deus

declare aqui, pela boca de seu Profeta, que, conquanto poupasse outro povo, não obstante, infligiria justa punição sobre Israel.

Depois, ele acrescenta: *Tu tens amado uma recompensa sobre toda eira de trigo.* Ele segue a mesma metáfora, que Israel cometera fornicação como uma mulher desonesta e pérfida. Por isso, diz que eles eram como meretrizes que ficavam tão seduzidas pelo ganho que não se envergonhavam de sua devassidão. Ele disse ontem que o povo contratara amantes; mas, agora, ele diz que esse fora desencaminhado pela esperança de recompensa. Tais coisas são aparentemente contraditórias; mas seus distintos aspectos devem ser observados. Israel assalariou amantes para si quando obteve, com uma grande soma de dinheiro, uma confederação com os assírios; mas, simultaneamente, quando ele adorava falsos deuses com a esperança de lucro, era como prostitutas, que vendem seu corpo a toda sorte de obscenidades quando quaisquer gratificações as seduzem.

Mas pode-se levantar aqui uma questão: Por que o Profeta diz que o galardão é do meretrício, quando se procura muito cereal? Pois ele não acusa os israelitas por outra coisa senão que eles desejavam que suas eiras estivessem repletas de trigo. Isso, de fato, não parece ser, em si mesmo, merecedor de censura, pois quem de nós não quer um aumento rendoso de trigo e vinho? Mais que isso, visto que o Senhor, entre outras bênçãos, promete dar abundância de provisão, decerto é legítimo pedir, com orações e súplicas, o que ele promete. Contudo, o Profeta a chama de recompensa ímpia, quando o que Deus promete dar é procurado através dos ídolos. Logo, quando nos apartamos do único Deus verdadeiro, e inventamos por nós próprios novos deuses para nos sustentar e suprir de alimento e vestuário, somos como adúlteras, que optam pela luxúria para obterem sustento, em vez de recebê-lo de seus maridos. Isso, então, é semelhante a uma mulher a quem o marido trata generosamente, e lança seus olhos sobre outros, e busca uma gratificação obscena dos adúlteros. Tais são os idólatras. Pois Deus se oferece livremente a nós, e atesta que desempenhará o papel de pai e preservador; mas a maioria, desprezando a bênção divina, foge para outro lugar, e inventa para si mesma deuses falsos, como vemos ser feito debaixo do Papado: pois quem são os padroeiros (*nutricios* - nutridores) a quem imploram, quando a seca ou qualquer outro tempo adverso ameaça de esterilidade e escassez? Eles possuem uma multidão inumerável de deuses a quem fogem. Eles são, então, meretrizes que caçam ganho de adúlteros; ao passo que Deus, ao mesmo tempo, liberalmente promete ser-lhes um marido, e cuidar para que coisa alguma esteja faltando. Visto, pois, que eles não se satisfazem apenas com a bênção de Deus, é uma concupiscência meretrícia, a qual é insaciável e, em si própria, sórdida e nefasta.

Vemos agora, então, o que o Profeta repudia no povo de Israel, e é isto, que eles esperassem por uma maior abundância de trigo de seus ídolos do que do Deus verdadeiro, como era o caso dos idólatras mencionados por Jeremias, 'quando nós servíamos', diziam, 'à rainha do céu, abundávamos em vinho e trigo' (Jr 44.17). Eles comparavam Deus com os ídolos, e negavam que fossem tão bem e tão suntuosamente aprovisionados quando cultuavam a ele somente. Visto pois que os idólatras davam honra a deuses fictícios, de modo que pensavam serem esses mais liberais para com eles do que o verdadeiro Deus, essa é a razão pela qual o Profeta agora culpa Israel tão severamente, ao dizer que esse amava uma recompensa de prostituição sobre todas as eiras de trigo. Segue-se então —

Oséias 9.2

2. A eira e o lagar não os alimentarão, e o vinho novo lhes faltará[63].	**2.** Area et torcular non pascet eos, et mustum mentietur in ea.

Deus ora anuncia uma punição tal como a que os israelitas mereciam. Tinham eles se afastado, como nós dissemos, do culto puro de Deus através de engodos; esperavam que suas superstições lhes fossem mais benéficas. Destarte, Deus mostra que, por esse motivo, puni-los-ia retirando-lhes seu vinho e trigo, como já observamos no capítulo dois: pois este é o único meio pelo qual o Senhor restaura os homens a uma mente sã ou, ao menos, torna-os indesculpáveis: privá-los de suas bênçãos. A prostituta, contanto que seja por lucro, contanto que sobre-exceda todas as matronas honestas e castas em seu trajo e modo de viver, agrada-se e é cegada por seu luxo; mas, quando ela é reduzida à necessidade extrema, quando se vê como sendo objeto do ridículo de todos, e quando cai numa vida miserável e de pobreza, ela então suspira e reconhece quão enfatuada fora ao deixar seu marido. Assim, o Senhor ora declara, pelo seu Profeta, que ele trataria os israelitas dessa maneira, para que eles não mais se contentassem com tais ilusões.

Por isso, ele diz: *A eira e o lagar não os suprirão, e o vinho novo desaponta-los-ão* (*mentietur illis* – mentirão a eles) — isto é, as vinhas não atenderão à sua expectativa. É a mesmo que ele dissesse: "Como esses homens só prezam os seus estômagos, como eles nada têm por importante senão os mantimentos, por isso a *eira e o lagar não os alimentarão;* priva-los-ei de seu sustento, para que eles compreendam que em vão cultuam falsos deuses". Peguemos uma símile ordinária: Vemos alguns rapazes tão ingênuos que não são movidos nem por desgraça nem mesmo por chibatadas; mas, como estão sujeitos aos anseios do apetite, quando o pai os priva do pão, quase que perdem de todo a esperança. As chicotadas não são benéficas, todos os avisos são desconsiderados; mas, quando o rapaz que ama a imoderação percebe que o pão lhe é negado, ele descobre que deve ter medo do desgosto de seu pai. Da mesma forma, Deus corrige os homens viciados na indulgência excessiva; pois estão tão insensíveis, que nenhum outro remédio pode ser de utilidade para eles.

Apreendemos, agora, o sentido dado pelo Profeta. Ele, primeiro, exprobra os israelitas por amarem recompensa, por se azafamarem após deuses fictícios, para que se empanturrassem com grande abundância de coisas: porém, quando o Senhor viu que eles ficaram entorpecidos em sua riqueza, ele disse: "Eu os privarei de todas as suas provisões; nem vinho nem trigo ser-lhes-ão dados; tal escassez, por fim, conduzi-los-á à penitência". Em vista disso, vemos como o Senhor lida com os homens de acordo com a disposição deles. E seu modo de falar deve ser considerado; ele diz que nem a eira nem o lagar os alimentarão. Ele não diz que os campos ficarão estéreis; ele não diz que enviaria saraiva ou tempestade; mas diz que nem a eira nem o lagar os manteriam; e mais, que o vinho novo decepciona-los-ia; ou seja, quando julgassem estar abençoados com toda a abastança, quando a colheita parecesse abundante, e quando eles já tivessem, antecipadamente, tragado o grande rendimento de seus vinhedos, tudo isso seria reduzido a nada; pois nem a eira nem o lagar os sustentariam; pelo contrário, o próprio vinho que eles pensavam haver sido preparado os frustrariam. Segue-se —

---

[63] 'E o vinho escolhido engana-los-á'. — *Newcome.* A verdadeira leitura, sem dúvida, é בם, 'a eles', e não בה, 'a ela', confirmada por todas as versões primitivas e por vários dos melhores MSS., e é adotada por *Horsley* e também por *Newcome.* E assim Calvino, em sua exposição, interpreta a palavra (N. do E. inglês.)

Oséias 9.3

3. Eles não habitarão na terra do SENHOR; mas Efraim regressará para o Egito, e comerão *coisas* impuras na Assíria.	**3.** Non habitabunt in terra Jehovae, et revertetur Ephraim in Aegyptum, et in Assyria immundum comedent.

O Profeta proclama, aqui, uma punição mais pesada — que o Senhor os levaria para o exílio. Era realmente um pavoroso repúdio, quando eles ficassem privados da terra de Canaã, que era o repouso do Senhor, como é denominada nos Salmos (Sl 132.14). Enquanto eles habitavam a terra de Canaã, viviam, por assim dizer, nas moradas de Deus, e podiam ter a esperança segura de que ele lhes seria um pai: todavia, quando foram desterrados dali, o Senhor testificava que os reputava como estrangeiros; era como se um pai deserdasse seu filho. O Profeta agora os ameaça, não só com falta de víveres, mas também com repúdio, o que era, de longe, mais doloroso — *Eles não morarão,* ele diz, *na terra do Senhor.*

Há um elegante jogo de palavras nos verbos aqui usados; יֵשְׁבוּ, ***yeshvu,*** e וְשֵׁב, ***weshav;*** um é proveniente de יָשַׁב, ***yashav,*** e o outro de שׁוּב, ***shuv.*** 'Eles não viverão na terra do Senhor; porém, Efraim retornará ao Egito': e a outra circunstância é ainda mais horrível. Na Assíria, eles comerão o que é impuro; pois era como se o Senhor pretendesse misturar aquele povo santo com os gentios profanos, para que, depois, não houvesse distinção alguma; pois a imundície de que o Profeta fala teria o efeito de elidir a distinção que a adoção divina fizera entre aquele povo e as nações profanas. De fato, era por sinais distintivos que o Senhor guardava o povo de Israel, quando lhes ordenou que se abstivessem de alimentos impuros: mas, quando não mais fizessem diferenciação entre a comida vulgar dos gentios, ficaria evidente que eles eram rejeitados por Deus, e que a santidade que lhes pertencia, através da aliança gratuita de Deus, estava suprimida. *Eles comerão,* então, *o que é impuro na Assíria;* ou seja: "Eles não estarão, então, debaixo de meu cuidado e proteção; viverão segundo a própria vontade deles, como as outras nações. Até agora eu os preservei sob alguma coibição; mas agora, visto que eles não suportam viver debaixo de minha lei, eles terão sua liberdade, e serão profanos como o resto do mundo, de modo que ficarão envolvidos em todas as corrupções e profanações dos gentios". Esse é o sentido.

E devemos ora considerar se é reto, quando estamos entre idólatras, conformarmo-nos aos ritos por eles aprovados. Este lugar, indubitavelmente, como outros, mostra claramente que nada mais grave pode nos acontecer do que a abolição de toda diferença entre nós e os profanos desprezadores de Deus, até no modo exterior de viver. Houvesse o Profeta dito: "Os israelitas, agora, ficarão famintos em um país longínquo — o Senhor até agora os tinha alimentado com fartura, pois ele executou o que havia anteriormente prometido por Moisés; essa terra era, de todas as maneiras, abençoada, e nos provinha de grande abundância de vinho, trigo e azeite; não só isto, mas até mel fluía como água; mas eles, agora, serão compelidos a definhar de miséria entre seus inimigos": houvesse o Profeta dito isso, teria sido uma grave e severa denúncia; mas agora ele os enche, como já foi dito, de terror muito maior, pois diz que *eles comerão o que é impuro.* Parecia haver alguma grande importância no que dizia respeito ao ritual externo: contudo, a profissão visível era a insígnia da adoção divina. Por conseguinte, quando o povo afrouxasse as rédeas e comesse indiscriminadamente qualquer carne, e não fizesse escolhas segundo as instruções da lei, então a distinção ficaria removida, de modo que cessaria ele de ser o povo de Deus. Dá-se o mesmo também, no dia presente, com aqueles que se apartam de uma profissão sincera de sua fé e se associam com os papistas; eles renunciam, tanto quanto podem, à mercê de Deus, e se entregam à vontade de Satanás.

Saibamos, pois, que é um horrendo juízo de Deus quando não nos é concedido professar nossa fé pelo culto exterior; e quando os ímpios dominam de forma a nos pôr debaixo da necessidade da qual o Profeta fala aqui, precisamente, de comer coisas impuras, isto é, de estar comprometido nas profanas superstições deles. É pois um favor, a ser altamente estimado, quando nos é permitido abster de todas as máculas e adorar a Deus de maneira pura, para que ninguém se contamine pela dissimulação: mas, quando somos forçados, sob a tirania dos ímpios, a conformarmo-nos às superstições impuras, é um sinal do terrível juízo divino; e nada há pelo qual alguém possa se escusar no tocante a isso ou minorar sua falta, como muitos fazem, cujas consciências, todavia, dilaceram-nos por dentro, embora julguem que basta apresentar suas escusas aos olhos dos homens. Mas não há coisa nenhuma pela qual os homens possam, ou gabar-se, ou cegar os olhos dos simples; pois é um opróbrio extremo quando o povo, que deve ser santificado a Deus e professar exteriormente o culto puro a ele, padece, contaminado com comida imunda. Segue-se —

Oséias 9.4

4. Não oferecerão vinho *em libação* ao SENHOR, nem lhe serão agradáveis: seus sacrifícios *ser-lhes-ão* como o pão dos enlutados; todos os que dele comerem ficarão profanados; pois o pão deles, para suas próprias almas, não entrará na casa do SENHOR.	**4.** Non libabunt Jehovae vinum, et non dulcia erunt illi libamina (*vel*, ipsi non erunt grati et suaves Domino) sacrificia ipsorum sicut panis lugentium ipsis: quicunque comederint polluentur; quia panis ipsorum pro anima ipsorum, non veniet in domum Jehovae.

Não é certo se o Profeta atesta aqui que eles perderiam seu labor e óleo (como dizem) quando sacrificassem a Deus; ou se ele declara qual seria a circunstância em que foram levados para o exílio. As duas opiniões parecem prováveis. Ora, se nos remetermos às palavras do Profeta à época do exílio, elas não parecem inadequadas: *"Eles então não derramarão vinho a Jeová, e seus sacrifícios não serão aceitáveis a ele;* nenhuma oblação chegará mais ao templo de Jeová". E, desse modo, muitos entendem a passagem; todavia, o sentido anterior é o mais apropriado, como pode ser facilmente depreendido do contexto. O Profeta diz que eles não verterão vinho a Jeová, e que seus sacrifícios não lhe serão aceitáveis; e, em seguida, ele acrescenta: *Todos os que comerem serão profanados.* Isso, de maneira alguma, parece ser aplicável aos exilados, que eles, em vão, se esforçariam para derramar vinho a Deus; pois a religião deles lhes proibia fazer uma tal coisa. Além disso, quando ele diz: *Seus sacrifícios ser-lhes-ão como o pão dos pranteadores,* isso também deve ser compreendido como sacrifícios, os quais eles estavam habituados a oferecer diariamente a Deus; pois, no exílio (como foi dito) não lhes era lícito fazer qualquer oferenda, nem tinham eles um altar ou um santuário.

Qual o sentido pois que o Profeta dá, quando diz: "Todos os que comem dos sacrifícios deles ficarão profanados"? Temos que saber que o Profeta fala aqui do tempo intermédio, como se dissesse: "O que os israelitas agora sacrificam é sem qualquer proveito, e Deus não é apaziguado com essas insignificâncias, pois eles trazem mãos manchadas, eles não mudam de opinião, eles impõem seus sacrifícios a Deus, mas eles, primeiramente, profanam-nos". Dessa mesma doutrina nós já temos tratado com freqüência; então, não me deterei nela agora; mas é suficiente salientar o desígnio do Profeta, que era demonstrar que os israelitas estavam em vão buscando aplacar a Deus com suas cerimônias, pois eram elas vãs expiações que esse não respeitaria, mas julgaria como sem valor.

Eles, então, não derramarão vinho a Deus. Há um importante sentido nessa frase; pois é certo que, enquanto os israelitas viviam em seu país, eles eram diligentes o bastante no cumprimento do culto exterior, e aquelas libações não eram negligenciadas por eles. Visto, pois,

que tal costume predominasse entre eles, o Profeta deve estar falando aqui apenas do efeito, e diz que eles debalde se ocupam na adoração frívola, pois não vertiam vinho a Jeová, ou seja, a libação deles não vinha a ele; e se explica em seguida, quando diz: *Suas libações não serão aprazíveis a ele.* Então, por mais que os israelitas labutassem, o Profeta diz que o labor deles seria infrutífero, pois o Senhor rejeitaria tudo o que fizessem. Depois, ele acrescenta o que é para o mesmo propósito: "Seus sacrifícios serão para eles como o pão dos que estão de luto; todos os que comerem ficarão profanados"; isto é, todos os sacrifícios deles estarão profanados. O Profeta ora indica mais claramente, não que não haveria sacrifícios, mas que eles seriam em vão, porque o Senhor abomina-los-ia e repudiaria todos as máscaras que eles pusessem em sua presença, debaixo da qual eles se afastavam da aliança com ele. A razão é que, quando alguém impuro toca carne pura, ele a contamina por sua imundícia. Deus, pois, deve necessariamente abominar seja o que for de impuro que os homens ofertem, a menos que eles procurem purificar suas mentes. E este princípio prevalece sempre entre os muito cegos:

Uma mão ímpia não adora retamente os entes celestes.
(Non bene coelestes impia dextra colit.)

Tais palavras, que se divulgam em toda parte, testemunham o senso comum; pois o Senhor tencionava remover os homens à força, por assim dizer, de seus disfarces, quando os compelia a fazerem uma tal confissão. Não admira que o Profeta agora diga (visto que tal verdade é também amiúde ensinada na Escritura) que os sacrifícios do povo, que continuava em sua perfídia, era semelhante ao pão dos enlutados; como diz Isaías: 'Quando alguém mata um boi, é o mesmo que se matasse um homem; quando alguém sacrifica um cordeiro, é o mesmo que se matasse um cachorro' (Is 66.3.) Ele compara sacrifícios a assassinatos; não é de se maravilhar, pois é um crime mais atroz abusar do sagrado nome de Deus do que matar um homem, e é isso o que os ímpios fazem.

Em seguida, ele diz: "Se alguém comer, ficará profanado". Ele amplia o que disse outrora, e diz que, se alguém puro viesse, ficaria contaminado por estar sozinho em companhia deles. Percebemos agora quão mordazmente o Profeta provoca aqui os hipócritas, para que eles ora cessassem de prometer a si mesmos o que tinham por costume prometer, ou seja, que Deus ser-lhes-ia propício enquanto o aplacassem com suas coisas vãs. "De jeito nenhum", diz ele; "pelo contrário, há tanta corrupção em vossos sacrifícios que contaminariam outros que viessem estando limpos".

Porém, pode-se perguntar: Pode a impiedade de outros nos macular, quando não damos demonstração alguma de camaradagem, nem, por dissimulação, manifestamos qualquer consentimento? Quando nós, então, nos abstemos de toda superstição, a sociedade sozinha nos contamina? A resposta é fácil: O Profeta não discute aqui, abertamente, como a impiedade alheia pode contaminar homens que estejam imaculados; mas seu objetivo era apresentar, em linguagem forte, o quanto Deus odeia os ímpios, e que não somente não é aplacado com os sacrifícios deles, mas também considera esses como as maiores abominações. Mas, no tocante a essa questão, é certo que ficamos conspurcados assim que nos contentamos com as superstições profanas: todavia, quando os ímpios ministram, seja o santo batismo ou a santa ceia, não somos profanados pela associação com eles, pois o ato nada tem de imoral em si. Então, só o ato não nos contamina, nem a impiedade escondida e intestina dos homens. Isso é verdadeiro: mas devemos compreender com que propósito o Profeta disse que todos os que comerem dos seus sacrifícios ficarão contaminados.

Ele prossegue com o mesmo assunto: *O pão deles para suas almas* etc. Esta oração, "para sua alma", pode ser explicada de duas formas. Ao dizer, pão para a sua alma, o Profeta falava por desprezo; como se dissesse: "Que eles sirvam a si próprios e a seus estômagos com pão, e não mais o ofereçam a Deus; que eles pois se saciem de pão, pois não podem consagrar o seu pão a Deus,

quando eles mesmos estão impuros". Mas estou inclinado a seguir o que é mais aprovado, que o pão para a alma deles não chegará à casa do Senhor; pois os homens, conhecemos, acostumam-se, então, a ofertar seus sacrifícios a Deus para se reconciliarem com ele ou, ao menos, apresentarem símbolos da expiação deles: daí o Profeta dizer que o pão é ofertado para a alma segundo as instruções da lei; mas que os ímpios não introduziriam pão na casa de Jeová, pois que o Senhor os exclui, no modo de dizer, por um interdito. Não que os hipócritas se afastem, pois vemos quão atrevidamente eles forçam sua entrada no templo; mais ainda, ocupam o primeiro lugar; porém, o Senhor os proíbe de vir à sua presença. Eis o motivo por que ele diz que o pão dos ímpios não virá perante o Senhor, embora na aparência suas oblações reluzam diante dos homens. Segue-se —

Oséias 9.5

5. O que vós fareis no dia solene, e no dia da festa do SENHOR?	**5.** Quid facietis in die solenni? in die festivitatis Jehovae?

O Profeta, aqui, alude outra vez ao exílio deles, e revela quão deplorável seria a condição do povo, quando privado de todos os sacrifícios. De fato, é verdade que os israelitas, quando alteraram o lugar do templo, e quando rituais novos e espúrios foram introduzidos por Jeroboão, tornaram-se de todo rejeitados, de modo que, desde aquele tempo, nenhum sacrifício agradava a Deus, pois sacrificavam a ídolos e demônios e não a Deus, como é afirmado noutra parte (Deuteronômio 32.17); não obstante, como possuíssem alguma espécie de culto divino, como a circuncisão permanecesse, e sacrifícios fossem oferecidos, por assim dizer, por ordem de Moisés, e eles se jactassem de serem os filhos de Abraão e viverem na terra santa, estavam satisfeitos com a sua condição. Porém, quando, no exílio, não viram sinal algum da mercê de Deus, quando foram privados do templo, do altar e de todos os sacrifícios, quando, por todos os lados, seus olhos deparavam com absoluta solidão e ruína, quando Deus assim manifestava que se afastou para longe deles, grande tristeza deve ter entrado nos corações deles. Sendo assim, o Profeta diz: *O que fareis vós no dia solene?*

E ele, explicitamente, menciona os dias solenes e festivos. "Se a oblação da manhã e da tarde, que é costume se fazer, não for lembrada, e se os outros sacrifícios não vierem às vossas mentes, o que fareis vós quando os dias festivos chegarem? Pois o Senhor, nessa ocasião, mostrará que ele nada tem a ver convosco". Pois as trombetas ressoavam nas festas, para que o povo viesse da terra inteira para dentro do templo; e isso era, por assim dizer, a voz de Deus ressoando do céu: mas, quando os dias de festa foram esquecidos, quando não houve nenhuma assembléia solene, foi o mesmo que se o Senhor tivesse, pelo silêncio do alto, provado que não mais se importava com o povo. Para que os israelitas, então, não achassem que apenas o exílio lhes era posto por ameaça, o Profeta demonstra aqui que algo pior estava ligado a isso, e era que o Senhor abandona-los-ia totalmente, e que não existiria nenhum sinal da sua presença, como se eles estivessem cortados da Igreja. O que, então, fareis vós no dia solene, no dia da festividade? Ou seja: "Pensais que alguma coisa de extraordinária é anunciada sobre vós quando eu falo do exílio? O Senhor, realmente, retira o vosso culto como um todo, e vos priva de todas as evidências da sua presença. O que então fareis? Mas, se um estupor bestial ocupar vossas mentes, para que isso não volte a seus pensamentos cotidianos, os dias solenes e festivos ao menos vos constrangerão a imaginar quão horrendo é que nada tenhais remanescente entre vós que proporcione uma esperança do favor de Deus". Compreendemos, agora, o sentido dado pelo Profeta.

Por conseguinte, aprendemos o que eu disse anteriormente, que nada pior pode acontecer a nós neste mundo do que sermos dispersos sem ordem alguma, quando nenhuma comprovação externa aparece de que o Senhor nos ajunta para si. Por conseguinte, ser-nos-ia melhor ficarmos privados de comida e bebida, andar nus e, por fim, perecer de carestia, do que as práticas da religião

(*exercita pietatis* — exercícios da religião), pelas quais o Senhor nos segura, por assim dizer, em seu regaço, serem removidas de nós. Logo, quando ficamos destituídos desses auxílios, e Deus, dessa maneira, oculta sua face de nós, e a pesarosa destruição descerra para nós pavor de todos os lados, é uma calamidade extrema, uma prova do assombroso julgamento divino. Que aprendamos, pois, quando nossa carne é tocada, quando a esterilidade ou algum outro mal paira sobre nós — que aprendamos a recear tal privação ainda mais, e a temer que o Senhor nos despoje de nossos dias de festa; isto é, tirar todos os apoios da religião pelos quais nos mantém juntos em sua casa, revelando a nós que somos uma parte da Igreja dele. Por fim, então, deve ser notado isso: o que resta, consideraremos em nossa próxima dissertação.

ORAÇÃO

Conceda, Todo-Poderoso Deus, que, visto como tu nos arrastaste para ti, neste tempo, por tantos castigos, emborao ainda estejamos impassíveis pela preguiça e indolência de nossa carne — Ó, não permita que Satanás, de maneira perpétua, endureça e fascine a nós; mas que nós, estando, por fim, despertados, sintamos nossos males, e não fiquemos simplesmente afetados pelos castigos externos, mas instiguemo-nos, e sintamos quão gravemente te temos, de várias formas, ofendido, para que retornemos a ti com real pesar, e aborreçamos a nós mesmos, para que busquemos em ti todo deleite, até que finalmente te ofereçamos um sacrifício agradável e aceitável, dedicando a nós próprios e tudo que possuímos a ti, em sinceridade e verdade, por meio de Jesus Cristo nosso Senhor. Amém.

VIGÉSIMA-QUARTA DISSERTAÇÃO

Oséias 9.6

6. Pois eis que eles se foram, devido à destruição: o Egito reuni-los-á, Mênfis os enterrará: os *lugares* deleitosos da prata deles, as urtigas possui-los-ão; espinhos *existirão* em seus tabernáculos.

6. Quia ecce abierunt a vastatione (*vel*, propter vastationem;) Aegyptus colliget eso, Memphis sepeliet eos: desiderabile argenti eorum haereditabit urtica; spina in tabernaculis eorum.

O Profeta confirma aqui o que está contido no último versículo, isto é, que os israelitas, finalmente, descobririam que os Profetas não os ameaçara debalde, conquanto eles estouvadamente menosprezassem o juízo de Deus. *Eis,* diz ele, *eles se apartaram:* ele fala do exílio como se já tivesse ocorrido, embora estivesse apenas próximo. Os israelitas estavam, então, morando em sua terra, todavia, ele fala deles como já havendo ido embora. Contudo, ele demonstra a certeza da predição por essa maneira de falar, para que os homens profanos cessem de prometer para si próprios impunidade, quando Deus os intima para o seu tribunal: sim, ele mostra que já estava armado para tomar vingança: "Eles se foram", ele diz, "devido à desolação". Então acrescenta: *O Egito recolhe-los-á.* Recolher, aqui, deve ser aceito em uma má acepção; pois significa o mesmo que *trousser* (enfardar, enfeixar) em nossa língua; e é, amiúde, aceito nesse sentido pelos Profetas, quando se faz menção de destruição: e isso fica mais claro ainda pela palavra enterrar, à qual o Profeta logo acrescenta no fim. *O Egito os ajuntará:* ele, certamente, não fala de um suave retiro, mas declara que o Egito ser-lhes-ia um sepulcro, no qual eles permaneceriam encerrados: e, assim, retira deles qualquer esperança de livramento. Os israelitas esperavam que encontrariam no Egito abrigo por um tempo, quando desviassem seu curso para lá, por medo de seus inimigos. O Profeta, agora, revela que ficariam desapontados ao sonhar em um retorno, pois seriam ali reunidos; ou seja, um livre retorno, como imaginavam, não seria concedido a eles, mas uma habitação perpétua, sim, um túmulo.

O Egito os arrebanhará, Mênfis os enterrará. Há uma surpreendente correspondência entre as palavras aqui usadas, קבר, ***kavar,*** e קבץ, ***kavats.*** Pela primeira, o Profeta quer dizer que eles seriam encerrados para que fossem, no modo de dizer, amarrados e fixados em um lugar; e, depois, ele adiciona que eles seriam enterrados.

Ele então diz: *O lugar desejável da sua prata, a urtiga possuirá, como por direito hereditário, e o abrolho* etc; alguns vertem-no *paliurus;* mas sigo o que é mais aceito, *o espinheiro, então, estará em seus tabernáculos.* O sentido é que os israelitas seriam exilados e residentes temporários, não por um curto período, mas que o desterro deles seria tão longo que sua terra ficaria abandonada e inculta; pois nem urtigas nem abrolhos crescem em lugar habitado. Oséias, então, declara que a terra deles se tornaria deserta e sem habitantes, pois urtigas e abrolhos ocupa-la-iam em vez de homens. Ora, isto tendia a aumentar grandemente a tristeza do exílio, que a esperança de retorno lhes fosse cortada; e Deus havia também declarado que o Egito, aonde prometeram que seria um refúgio para si, ser-lhes-ia como um jazigo. E sucede-se desse modo, na maior parte das vezes, com os ímpios, que se dão outra vez a falsos consolos para que possam escapar da vingança de Deus; pois se lançam em labirintos profundos, onde julgam achar um refúgio para repousar por um tempo, bem como uma habitação cômoda; mas, ali, descobrem, ou um precipício, ou uma tumba. Essa é a significação. Continuemos —

Oséias 9.7

7. Os dias da visitação são chegados, chegaram os dias da recompensa; Israel *o* conhecerá; o profeta *é* um néscio, o homem espiritual *é* louco, pela multidão da tua iniqüidade, e grande o ódio.	**7.** Venerunt dies visitationis, venerunt dies retributionis; agnoscet Israel; stultus Propheta (vel, uno contextu, sicuti alii legunt, cognoscet Israel stultum Prophetam,) insanum virum spiritus, propter multitudinem iniquitatis tuae, et multum odium (vel, stultus Prophets, vaesanus vir spiritus propter multitudinem iniquitatis tuae et multum odium: et propter accentun melior est distinctio, quam secundo loco posui, cognoscet Israel, stultus est Propheta: et que sequuntur poterunt legi separatim, sed tamen ego utrunque exponam, ut libera deinde sit electio.[64])

O Profeta, ao dizer que os dias da visitação haviam chegado, tencionava sacudir dos hipócritas aquele letárgico torpor do qual temos amiúde falado; pois, visto que eram agitados por suas concupiscências e estavam em um estado de furor contínuo, endureciam-se contra o juízo de Deus e, por assim dizer, revestiam-se de dureza. Era pois necessário tratá-los acerbamente, a fim de destruir semelhante teimosia. Essa é a razão por que o Profeta repete tão freqüentemente, e de tantas formas, o que podia ser exprimido nesta única frase — que Deus seria um justo vingador. Destarte, ele brada, aqui, que os dias da visitação chegaram. Pois, embora o Senhor os poupasse, como a história sagrada relata, e como dissemos no início (e sob o rei Jeroboão II, filho de Joás, os negócios deles prosperaram), seu orgulho e desdém para com Deus aumentavam ainda mais. Visto, então, que eles pensassem estar ora fora de perigo, o Profeta declara que os dias tinham chegado. E há, aqui, um contraste implícito no que se refere à época durante a qual o Senhor os suportara; pois, como o Senhor não visitara de imediato os pecados deles, julgavam que houvessem escapado. Porém, o Profeta faz distinção aqui entre tempo e tempo: "Até aqui vós pensais", diz, "que estais em paz com Deus; como se ele, conivente com os pecados dos homens, negasse a si próprio, de modo a não mais desempenhar o ofício de juiz; mais que isso, há uma outra coisa a ser aqui levada em consideração, e é que Deus tem dias certos de visitação, os quais ele fixou por si mesmo; e tais dias agora chegaram".

E, novamente, ele ensina a mesma coisa, *os dias da retribuição chegaram.* Ele utiliza uma outra palavra, para que eles soubessem que não ficariam impunes por terem, de tantas maneiras, provocado a Deus. Pois, como o Senhor não frustra a esperança do seu povo que o honra, assim também, há uma recompensa reservada para os ímpios, que reputam o juízo dele como nada. "Deus então retribuirá o que vós tendes merecido, ainda que por um tempo lhe apraza suspender seu julgamento".

---

[64] O texto a seguir é proposto como a tradução literal do original:

'Os dias da visitação chegaram,
Os dias da retribuição chegaram;
Israel conhecê-lo-á, um tolo, o Profeta,
E ***louco, o homem do espírito:***
Pois a grandeza de tua iniqüidade,
Grande também é a abominação'.

A 'abominação', ou 'malquerença', era o falso Profeta, que era um néscio e um louco. O versículo seguinte confirma essa opinião, em que o Profeta é representado como 'uma abominação na casa de seu Deus'; pois é a mesma palavra. E esse é o ponto de vista essencialmente adotado neste comentário. É singular que os intérpretes hajam omitido o sufixo ו, 'a ele', do verbo ידעו, 'saber'. (N. do E. inglês.)

Em seguida, ele diz: *Israel saberá.* Tal é a sabedoria dos tolos, como é dito ainda em um velho provérbio; e Homero também disse, παθων δε τε νήπιος εγνω, ***pathoon de te nepios egnoo,*** (Até o néscio sabe quando sofre.) O insensato não fica sábio, exceto quando sofre. Conseqüentemente, o Profeta diz que Israel, quando afligido, perceberia, então, que a instrução fora desprezada, e que de todas as advertências se fizera gracejo ou, pelo menos, não foram elas consideradas. *Israel então conhecerá;* ou seja, finalmente, quando for tarde demais, entenderá que tinha de ter se havido com Deus, precisamente, quando não mais houver tempo de arrependimento. O sentido, então, é que, como os ímpios repudiam a palavra de Deus, e não obedecem a admoestações e conselhos sábios, eles, por fim, serão levados a uma outra escola, onde Deus ensina, não pela boca, mas pela mão. Então, qualquer um que não se submeta prontamente a seu ensino, descobrirá que Deus é um juiz, e não escapará da mão dele.

Aqueles que juntam o que se segue deduzem este significado: *Israel conhecerá ser o Profeta tolo, o homem do espírito, louco;* isto é, Israel entenderá, então, que foi iludido por lisonjas, embora os falsos Profetas prometessem que tudo seria próspero. Sabemos, deveras, que eles se apegavam àquelas profecias que agradavam a seus ouvidos; pelo que Miquéias também os repreende; em vista disso, ele chama aqueles que davam esperança de um melhor estado de coisas de os Profetas do vinho, do óleo e do trigo (Mq 2.11.) O mundo quer ser sempre enganado dessa forma. Visto pois que havia tantos em Israel que, por seus logros, ludibriavam os miseráveis, ele diz que Israel, finalmente, saberá que foi iludido por seus próprios mestres. Se aceitarmos esse sentido, então não há aqui objurgação a Israel por pensar que a vingança de Deus estivesse, de algum jeito, refreada, quando os falsos Profetas diziam que ele estava aplacado, e que não havia perigo algum a se temer. Pois os homens não se tornam, deste modo, ridículos? E quão crassa é a estupidez deles, quando imaginam que as mãos de Deus estão atadas, quando os homens ficam calados, ou quando, aleivosamente, tornam a verdade em mentira? E, todavia, ainda hoje esse mal prepondera no mundo, como tem preponderado em quase todas as eras. Pois o que os ímpios buscam, senão serem deixados em paz em seus pecados? Quando as bocas são tapadas, acham que ganham muita coisa. Dessa loucura o Profeta escarnece, dando a entender que aqueles homens profanos, que possuíam ouvidos tão delicados que não podiam agüentar palavra alguma de censura, finalmente saberiam o que eles haviam ganhado pagando profetas para os bajular. Por essa razão, vemos, em suma, que as adulações, pelas quais os ímpios se endurecem contra Deus, ser-lhes-ão a ocasião de uma destruição dupla; pois tais falácias os privam da razão, de maneira que provocam mais temerariamente a ira divina contra si próprios.

Mas, se lermos as duas orações em separado, a tradução será esta: "O Profeta é um parvo, o homem do espírito é louco". E, quanto à matéria em si mesma, não há muita discórdia. Então, não me deterei sobre o assunto; pois, quando estamos concordes quanto ao intuito do Profeta e a verdade permanece a mesma, é em vão ou, pelo menos, não traz benefício algum sofrer ansiosamente sobre a forma da frase. Então, se começarmos a frase com estas palavras, הנביא אויל, ***'ewil hanavi,*** o sentido será este: "Eu sei que os Profetas prometem a vós impunidade; mas aqueles que assim ocultam vossos pecados, e cobrem-nos como que com emplastros, são homens insanos, sim, são de todo enfatuados. Não há pois razão pela qual suas lisonjas vos deleitem; pois o resultado mostrará que são meros absurdos e desvarios inúteis". Vemos agora que não há grande diferença no sentido: pois isto ainda fica inalterado, que havia muitos aduladores entre o povo, cuja ocupação era mentir, para que, assim, obtivessem o favor daquele; e essa ambição prevalece em todas as épocas: e, algumas vezes, também a cupidez ou avareza se apodera tanto dos homens que eles usam uma língua meretrícia, escusam todos os vícios, por mais graves que sejam e evitam toda ameaça. Isso é o que o Profeta mostra, primeiramente; e, depois, mostra que os homens, sem vantagem alguma, entregam-se aos seus vícios quando não há ninguém para exprobrá-los severamente ou, ousadamente, exortá-los ao arrependimento; e que, embora todos os Profetas lhes

dessem esperança de segurança, todavia, eles pereceriam; pois os homens não podem, por seu silêncio, tolher Deus de executar, finalmente, seu juízo. Mais que isso, devemos lembrar disto, que Deus poupa os homens quando não os poupa; isto é, quando os castiga, quando condena seus pecados e quando os coage pelo terror, ele então os poupa. E, novamente, quando Deus poupa, ele não poupa; ou seja, quando é conivente com seus pecados, e deixa os homens ao próprio querer deles, para se tornarem devassos em seu prazer, sem qualquer jugo ou rédea, ele então, de modo algum os poupa, pois os destina à destruição.

"O homem do espírito", alguns vertem "o homem do vento"; e alguns "o homem fanático"; mas, em minha opinião, estão enganados; pois o Profeta, não tenho dúvidas, emprega um termo respeitoso, todavia, como meio de concessão. Ele, então, chama de os homens do espírito aqueles que eram, de ofício, profetas, mas que abusavam desse título, como aqueles que, hoje em dia, chamam a si próprios de pastores quando são, em realidade, lobos vorazes. Os Profetas, como sabemos, sempre declaravam que não falavam coisas de suas mentes, mas o que o Espírito de Deus lhes ditava.[65] [66]Conseqüentemente, eram eles homens do Espírito, ou seja, homens espirituais: pois o caso genitivo, sabemos, era usado pelos hebreus para expressar o que designamos por adjetivo. Os Profetas, então, eram os homens do Espírito. Ele defere esse nome, em si mesmo ilustre e egrégio, a impostores; mas no mesmo sentido como quando falamos de mestres em geral; então, incluo tanto os falsos quanto os verdadeiros. Eis, então, o real sentido da expressão, como podemos depreender do contexto: pois diz a mesma coisa duas vezes, אויל הנביא, ***ewil hanavi,*** *doido é o Profeta,* e depois, משגע איש הרוח, ***meshuga' 'ish haruach,*** *insano é o homem do espírito.* Assim como fala de um Profeta, também ele ora menciona o mesmo, denominando-o um homem do espírito, ou um homem espiritual.

No final do versículo, ele acrescenta: *Pela multidão de tua iniqüidade, pelo grande ódio,* ou, *muito ódio;* pois pode ser traduzida dessas duas maneiras. Aqui, o Profeta mostra que, conquanto os falsos profetas, por suas falácias, fizessem com que o povo se tornasse ridículo, todavia, isso de modo algum serviria de desculpa ou para atenuar o delito do povo. Como assim? Porque sofria esse

---

[65] Não devemos pensar, com base nessa frase, que Calvino e os outros Reformadores defendiam a visão de que os autores bíblicos foram simples amanuenses de Deus, como alega Raimundo de Oliveira em seu livro "As Grandes Doutrinas da Bíblia" (CPAD). Como diz o Rev. Paulo Anglada: "Quando os reformados afirmam que toda Escritura é inspirada por Deus, eles não querem dizer que cada palavra foi ditada pelo Espírito Santo, de modo a anular a mente e a personalidade daqueles que a escreveram (inspiração mecânica)… os diferentes autores bíblicos não escreveram mecanicamente. As Escrituras não foram psicografadas, ou melhor, 'pneumagrafadas'. Os diversos livros da Bíblia revelam claramente as características culturais, intelectuais, estilísticas e circunstanciais dos autores humanos" (Paulo R. B. Anglada, *Introdução à Hermenêutica Reformada,* Ananindeua: Knox Publicações, 2006, p. 138).

É verdade que o Reformador fala de "amanuenses do Espírito Santo" (*Institutas* IV:8:9) e "ensinos… ditados pelo Espírito Santo" (João Calvino, *Pastorais*, São Paulo: Edições Paracletos, 1998, p. 262) quando se referindo à inspiração da Escritura. Mas, como B. B. Warfield concluiu, esse uso em Calvino fala do resultado, e não do modo da inspiração; isto é, "a produção de uma Palavra de Deus pura, livre de toda mistura humana" (B. B. Warfield, *Calvin and Augustine*, 63-64).

John Gerstner afirmou que vários puritanos, tais como Jonathan Edwards, usaram a palavra "ditada" quando se referindo à inspiração da Escritura. Mas ao fazê-lo, não estavam falando dos meios pelos quais a Escritura foi escrita, mas do produto final, que não era outra coisa senão as próprias palavras que Deus pretendia (*The Rational Biblical Theology of Jonathan Edwards*, I, 140-145).

No seu livro *The Word Is Truth*, p. 66-67, entre outras coisas E. J. Young diz o seguinte: "… embora o termo *ditado* em si não seja objetável e expresse veementemente a origem divina das palavras da Bíblia, talvez não seja sábio usá-lo hoje sem alguma qualificação. O termo ganhou uma nova conotação que não tinha nos dias de Calvino". (N. do E. português.)

[66] Ainda sobre inspiração, não podemos cair no erro de alguns estudiosos modernos, que atribuem uma autoridade às palavras de Jesus maior do que aquela que posseum as palavras dos apóstolos e profetas. Como argumenta Vincent Cheung em seu excelente artigo *Sufficient and Profitable*, isso "equivale a uma negação da inspiração divina, ou seja, que *toda* a Escritura é soprada por *Deus*". A tradução do artigo mencionado pode ser consultada no seguinte endereço: http://www.monergismo.com/textos/bibliologia/suficiente_proveitosa_cheung.pdf (N. do E. português).

a punição de sua impiedade. Pois de onde vem que o Senhor tire-nos sua luz, que, após haver uma vez nos apresentado o caminho da salvação, subitamente dê suas costas a nós, e permite que nos desencaminhemos rumo à nossa perdição? Como se sucede isso? Indubitavelmente, porque somos indignos daquela luz, que nos era uma testemunha da mercê de Deus. Então, por mais que os homens, por seus próprios erros, obtenham semelhante juízo para si próprios, o Senhor não os cega nem dá a Satanás o poder de iludi-los, salvo quando eles merecem um tal tratamento.

Por isso, o Profeta diz, *pela multidão de tua iniqüidade,* e por teus crimes, pelos quais tu tens excitado contra ti próprio a ira e o ódio de Deus. Por conseguinte, vemos quão frívolos são os pretextos pelos quais os homens se inocentam, quando objetam e dizem que foram enganados e que, se seus mestres houvessem sido fiéis e honestos, eles, de bom grado, teriam obedecido a Deus. Logo, quando os homens fazem tais objeções, a resposta pronta é esta, que eles foram privados de ensinadores verdadeiros e fiéis porque haviam recusado a mercê que lhes foi oferecida, e extinguido a luz, e, como diz Paulo, preferido a mentira à verdade; e que foram tapeados pelos falsos Profetas porque voluntariamente se apressaram à ruína, quando o Senhor os chamava à salvação. Compreendemos agora, então, a implicação do que é ensinado aqui.

O Profeta diz, primeiramente, que agora estava perto o dia da desforra, pois que o Senhor, pela paciência, não ganhou nada com os obstinados. Ele, depois, adiciona que todas as ameaças eram menosprezadas pelo povo, e, visto que estivesse surdo a toda instrução, esse, no final, saberia que Deus não falara debalde, mas perceberia que era tratado com justiça; pois o Senhor ora ensina-lo-ia, não por sua palavra, mas pelos açoites. Ele acrescenta, em terceiro lugar, que o Profeta era néscio e delirante, e ainda, que aqueles que se gabavam de serem os homens do espírito eram loucos: pelas quais expressões ele queria dizer que as lisonjas, pelas quais o povo era ninado para dormir, eram disparatadas; pois Deus não falharia no fim, quando chegasse o tempo de executar seu mister. E, em último lugar, ele os lembra de que tal ocorreria pela culpa do povo, que não havia razão nenhuma para buscar ou atribuir a causa do mal a qualquer outra coisa; pois tal cegueira era a justa punição deles. O Senhor jamais haveria permitido a Satanás assim triunfar em sua herança, não tivesse o povo, pela imensa imoralidade de seus pecados, provocado Deus por um longo período e, por assim dizer, com um escopo determinado. Segue-se agora –

Oséias 9.8

8. O vigia de Efraim *estava* com o meu Deus: *porém,* o profeta *é* uma armadilha de passarinheiro em todos os seus caminhos, *e* inimizade na casa do seu Deus [67].	**8.** Speculator Ephraim cum Deo meo, Propheta laqueus aucupis super omnes vias ejus, odium (*hoc est,* res execrabilis: *est idem nomen quo usus est in proximo versu:* res *igitur* execrabilis) in domo Dei sui.

Os intérpretes obscurecem esse versículo com suas várias opiniões. Quase todos supõem que deve se entender um verbo, que Efraim "tinha posto" um vigia. Porém, não vejo necessidade de fazer qualquer modificação nas palavras do Profeta: portanto, interpreto-as simplesmente como são. Ora, alguns pensam que há aqui uma comparação entre os velhos Profetas que não se haviam desviado do mandado de Deus, e aqueles aduladores que pretextavam o nome de Deus enquanto eram os ministros de Satanás para ludibriar. Por isso, eles assim distinguem esses, *o atalaia de Efraim estava com meu Deus;* isto é, houve anteriormente um tempo em que os vigias de Efraim estavam ligados a Deus, e não declaravam nenhuma doutrina estranha, quando retiravam da verdadeira fonte tudo o que ensinavam; havia, então, uma conexão entre Deus e os Profetas, pois eles dependiam da boca dele, e os Profetas transmitiam ao povo, como de mão a mão, tudo o que Deus ordenava; não havia, pois, nada de corrupto, impuro ou extrínseco em suas palavras. Mas, agora, *o Profeta é um laço de passarinheiro;* ou seja, as coisas mudaram, uma mudança deplorável aconteceu; pois, agora, os Profetas punham armadilhas para atrair pessoas à destruição, por intermédio dos discípulos deles; e tal abominação vira regra, isto é, essa monstruosa maldade grassa no templo de Deus: esses Profetas não vivem em grutas nem andam para lá e para cá nas estradas públicas, mas ocupam um lugar no templo de Deus; de modo que fazem do sagrado templo de Deus um bordel para as imposturas de Satanás. Tal é o ponto de vista deles.

Porém, leio o versículo como juntamente ligado: *A atalaia de Efraim,* que devia estar *com Deus, precisamente o Profeta, é uma arapuca de passarinheiro em todas as suas vias.* A primeira opinião, de fato, teria obtido minha aprovação não parecessem serem forçadas as palavras; e eu não gosto de significados forçados. Essa é a razão que me impede de subscrever uma interpretação que, em si mesma, eu sanciono, visto que abarca uma doutrina útil. Mas este ponto de vista simples é mais correto, que o vigia de Efraim, um Profeta, é um laço de passarinheiro: e ele acrescenta, com Deus; pois é a obrigação dos mestres não terem nada desconectado de Deus. Oséias, então, mostra o que os Profetas devem fazer, não o que eles podem fazer. Um Profeta, então, é aquele que é uma atalaia de Israel; pois essa ordem, conhecemos, é dada em comum a todos os Profetas — estarem, no modo de dizer, em sua torre de vigia, e vigilantes sobre o povo de Deus. Logo, não é de se maravilhar que o Profeta dignifique, com seu título, todos aqueles que eram, então, ensinadores

---

[67] O Bispo *Horsley* dá a seguinte tradução desse versículo:

'O vigia de Efraim está com seu Deus.
O Profeta! O alçapão do passarinheiro está
Sobre todos os caminhos dele. Vingança contra
a casa de meu Deus'.

Por 'dele', em vez de 'meu' Deus na primeira oração, há a autoridade de muitos MSS: mas, tornando 'dele' em 'meu', na última oração, não há nenhuma autoridade satisfatória: e não há nada que justifique a introdução de 'vingança' pela palavra aqui usada. O verbo do qual se deriva significa odiar: e o substantivo, como formado aqui, sem dúvida, significa o ato ou sentimento de odiar, ou o que é odiado ou é odioso. Calvino dá aproximadamente seu sentido — 'res execrabilis' — uma coisa execrável. Eu ofereço a seguinte tradução:

'O vigia de Efraim,
Diante de seu Deus um Profeta,
É uma armadilha de passarinheiro em todos os seus caminhos,
Uma abominação na casa de seu Deus'.

As primeiras duas linhas designam o ofício dele — uma atalaia e um Profeta perante Deus; e as duas últimas, sua ímpia conduta e seu abjeto caráter. (N. do E. inglês.)

entre o povo de Deus. Mas ele, dessa forma, duplica o crime deles, ao dizer que estavam somente inclinados e atentos para enlaçar o povo. Então, o vigia de Israel, o Profeta, que estava posto na torre de vigia para velar ou exercer vigilância sobre a segurança do povo inteiro — tal Profeta era uma armadilha de passarinheiro! No entanto, ele triplica o crime quando diz *com meu Deus:* pois, como já observamos, os mestres não podiam desempenhar fielmente seu ofício, a não ser que estivessem ligados com Deus, e fossem aptos a, verdadeiramente, testificar que não expunham nada que fosse inventado, mas o que o próprio Senhor havia falado, e que eram eles seus órgãos. Apreendemos, agora, o real sentido dado pelo Profeta; e, aceitando essa opinião, nada fica forçado nas palavras.

O Profeta também confirma, dessa maneira, o que dissera antes, que os Profetas eram tolos, ou seja, que, finalmente, ficaria óbvio que as profecias desses eram ocas e vãs; pois não podiam impedir Deus de infligir castigo sobre os ímpios por suas lisonjas falaciosas; ele confirma essa verdade quando diz: *O vigia de Efraim é uma arapuca de passarinheiro em todos os seus caminhos:* isto é, esse devia ter guiado o povo, e tê-los mantidos a salvo de burlas. Mas o povo, agora, não podia mover um pé sem topar com uma cilada; e de onde provinha essa senão das falsas doutrinas e imposturas? O que então teria que ser, no fim? Podiam as ciladas servir para torná-los atinados? De jeito nenhum; mas Satanás caça sua presa assim, quando acalenta o povo por meio de seus falsos mestres, e os mantém, por assim dizer, adormecidos, para que não reparasse na mão de Deus. Então, não havia razão por que os israelitas pensassem o bem a respeito dos passarinheiros, mediante os quais eles foram arrastados à ruína.

Essa indignação é exprimida mais enfaticamente, quando ele diz que havia *uma coisa detestável no templo de Deus*. Não havia, realmente, um templo de Deus em Betel, como dissemos muitas vezes; porém, como o povo estava acostumado a alegar o nome de Deus, o Profeta, fazendo concessão nesse ponto, diz que tais abominações eram encobertas por esse pretexto. Então, não há necessidade de se inquietar aqui, perquirindo se era o templo de Samaria ou Betel, ou a casa e o santuário de Deus; pois uma concessão não prova que uma coisa seja assim, mas é apenas para falar conforme a opinião geral. Assim, pois, não é sem motivo que o Profeta se queixa de que o lugar, sobre o qual estava inscrito o nome de Deus, estava profanado, e que, em vez de ensinarem a salvação, havia caça de aves por todos os lugares, a qual arrastava o povo à apostasia e, por fim, à ruína total. Segue-se -

Oséias 9.9

9. Eles *se* corromperam profundamente, [68] como nos dias de Gibeá; *portanto* ele se lembrará da iniqüidade deles, ele visitará seus pecados.	**9.** Profundaverunt (*ad verbum, alii vertunt,* Multiplicaverunt, *sed male; alii,* Astute cogitaverunt, *quod mihi etiam non placet: sed quia verbum quod posui neque Latinum est et esset ambiguum, ideo vertamus,* Profunde vel alte defixi sunt) corruperunt sicuti in diebus Gabaa; recoradabitur iniquitatis eorum, visitabit scelera eorum.

Oséias declara, aqui, que o povo estava tão mergulhado em seus vícios que não podia ser arrancado para fora deles. Aquele que caiu pode se levantar, quando alguém lhe estende a mão; e aquele que luta para emergir do pântano, encontrando quem o ajude para o assistir, consegue plantar

[68] Nossos tradutores [i.e., os da *King James Version* — Trad.], contrariamente à sua prática habitual, parafrasearam essa oração, sem qualquer nota à margem [problema também verificável na versão portuguesa de João Ferreira de Almeida — idem.] (N. do E. inglês.)

seu pé de novo em terra firme: mas, quando é lançado para dentro de um braço de mar, não tem esperança alguma de recuperação. Debalde estendo minha mão quando alguém afunda em um naufrágio e cai nas profundezas. Assim, o Profeta ora diz que o povo era incurável, pois que esse estava preso lá fundo; e mais, estava infectado com corrupções. Ele, portanto, sugere que as doenças deles eram incuráveis, que elas haviam fincado raízes tão fundas que não podiam de maneira alguma ser purificados. *Eles estavam* pois *profundamente presos, e corruptos como nos dias de Gibeá.*

Os gibeonitas, sabemos, estavam tão caídos que sua cidade em nada se diferia de Sodoma; pois a licenciosidade desenfreada, em todas as espécies de vícios, prevalecia lá, e concupiscências tão monstruosas reinavam entre eles que não havia nenhuma distinção entre bom e mau, nenhuma vergonha sequer. Foi por isso que eles violaram a mulher do levita e a mataram, por suas imundas obscenidades: e essa foi a causa daquela memorável carnificina que quase desmantelou toda a tribo de Benjamin. A história está relatada no Livro de Juízes, capítulos 19, 20 e 21; e mereceu ser registrada para que o povo soubesse o que é não andar com cuidado e temor em obediência ao Senhor. Certamente, quem teria acreditado que um povo instruído na lei de Deus tivesse caído em semelhante estado de loucura como essa cidade caiu, a qual cidade era próxima de Jerusalém, o lugar destinado ao templo, apesar de ainda não construído? E, deixando de lado o templo, quem teria pensado que essa cidade, que estava no meio do povo, tivesse ficado tão enlouquecida que, como animais irracionais, abandonassem-se às mais sórdidas concupiscências? Mais que isso, que tivessem sido mais sórdidos que as bestas? Pois concupiscências horrendas, como eu disse, eram então deixadas impunes, como em Sodoma e nas cidades vizinhas.

O Profeta, agora, diz que Israel, como um todo, se tornara tão corrupto quanto os cidadãos de Gibeá de outrora. Profundamente mergulhados, então, estavam os israelitas em seus vícios, e tão entregues às suas corrupções quanto os habitantes de Gibeá. O que vem em seguida, então? *Deus,* ele diz, *lembrar-se-á das suas iniqüidades, e visitará seus pecados.* O Profeta quer dizer duas coisas: a primeira, que, visto como os israelitas fossem totalmente desobedientes, e não admitissem instrução nenhuma, Deus não os trataria de outra forma, como se dissesse: "O Senhor não mais despenderá em vão seu labor ensinando-vos, mas tomará da espada e executará sua vingança; pois não sois dignos de serem mais ensinados por ele; pois seu ensino é considerado por vós como zombaria". Isso é uma coisa; e a outra é que, embora Deus houvesse poupado o povo de Israel até aqui, todavia, ele não esquecera a sordidez dos pecados que predominavam entre eles. Em conseqüência Deus, ele diz, finalmente se lembrará e, como disse ele antes, visitará vossos pecados.

Percebemos agora, então, o que o Profeta queria simplesmente dizer. Mas que aprendamos também daí a estimular a nós mesmos; e observemos, em primeiro lugar, o que o Profeta diz dos israelitas, que estavam profundamente presos; pois é certo que os homens ficam cheios de desprezo a Deus quando descem assim, como diz Salomão (Provérbios 18.4), ao fundo. Então, que cada um de nós incite a si mesmo à penitência e prudentemente se guarde para que não desça a esse fundo golfo. Porém, já que ele diz, "o Senhor lembrar-se-á e visitará", saibamos que estão grandemente enganados aqueles que se abandonam aos seus pecados enquanto o Senhor misericordiosamente tolera esses pecados; pois, embora ele, por algum tempo, oculte seu desgosto, todavia, nunca será tomado pelo oblívio: mas, em tempo próprio, lembrar-se-á, e provará isso executando um justo castigo.

ORAÇÃO

Conceda, Todo-Poderoso Deus, que, visto que tu resplandeceste sobre nós pela tua palavra, não fiquemos cegos no meio-dia, nem voluntariamente procuremos as trevas e, desse modo, ninemos nossas mentes para que durmam: mas que, exercitando-nos em tua palavra, concitemo-nos mais e mais a temer o teu nome e, assim, apresentemos a nós mesmos e a todas as nossas ocupações como um sacrifício a ti, para que tu governes pacificamente, e perpetuamente resida em nós, até nos ajuntar à tua morada celestial, onde nos estão reservados descanso e glória eternos, através de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

VIGÉSIMA-QUINTA DISSERTAÇÃO

Oséias 9.10

10. Eu encontrei Israel como uvas no deserto; eu vi vossos pais como a primícia da figueira nova: *mas* eles foram a Baal-Peor, e se consagraram a *essa* vergonha; e as abominações *deles* foram segundo o seu amor.

10. Tanquam uvas in deserto inveni Israel, sicut primum fructum ficulneae in suo exordio vidi patres eorum: ipsi ingressi sunt ad Baalpeor, et segregati sunt in opprobrium, et fuerunt abominationes secundum amores suos. [69]

Nesse versículo, Deus vitupera os israelitas por haverem preferido prostituírem-se aos ídolos em vez de continuarem sob a proteção dele, embora tivesse, desde o princípio, mostrado seu favor a eles; como se houvesse dito que, tendo sido eles dantes favorecidos com seu amor gratuito, tivessem transferido suas afeições a outros; pois ele diz que os encontrara como uvas no deserto. A palavra, deserto, deve ser ligada a uvas, como se houvesse dito que eles lhe foram tão doces e aceitáveis como uma uva quando descoberta em um deserto. Quando um viandante acha, por acaso, uma uva em um lugar estéril e desolado, não somente a admira, mas fica grandemente deleitado em uma fruta tão inesperada. E desse modo o Senhor, por essa comparação, demonstra seu grande amor para com os israelitas. Ele acrescenta: *Como a primícia da figueira;* pois a figueira, sabemos, produz fruto duas vezes ao ano. Portanto, Deus diz: *Como os figos no início* (ou, como dizem, os primeiros frutos) são deliciosos, também eu deliciei-me com este povo. O Profeta, entretanto, não quer dizer que o povo seja digno de ser tão amado assim. Mas os hebreus empregam a palavra, achar, no mesmo sentido que fazemos quando dizemos, em francês, *Je treuve cela a mon gout* (Eu acho isso do meu gosto.) Por conseguinte, eu considerei Israel *como uvas no deserto.* E é preciso esse reparo, para que não se infira, sofisticamente, que os israelitas fossem amados por Deus, por terem algo de apetitoso em si. Pois o Profeta não relata aqui o que Deus encontrou no povo, mas somente exprobra a ingratidão desse, como veremos dentro em pouco.

A primeira parte, então, mostra que Deus tinha grande deleite nesse povo. É a mesma frase, ou similar, daquela em Oséias 11, onde ele diz: 'Quando Efraim ainda era um infante, eu o amei', excetuando-se que não há ali tanto fervor e calor no amor exprimido; mas o mesmo argumento é tratado ali, e o objetivo é o mesmo, provar que Deus anteviu seu povo por seu amor. Nesse caso, restava ali menos desculpa quando os homens rejeitavam o chamado de Deus e não correspondiam ao amor dele. Uma perversidade como essa dificilmente seria tolerada entre os homens. Caso alguém me ame espontaneamente e eu finja ignorar, isso será uma comprobação de orgulho e grosseria: contudo, quando o próprio Deus gratuitamente nos trata com benevolência, e quando, não contente com um amor comum, estima-nos como fruto saboroso, a rejeição de tal amor, o desdém de tal mercê, não denunciam a mais baixa depravação de nossa parte? Compreendemos agora, então, o fito do Profeta. Na primeira oração ele diz, na pessoa de Deus: "Eu amei Israel como um viajante ama uvas quando as acha no deserto, e como os primeiros figos maduros são costumeiramente benquistos: visto pois que eu tinha neles tanto prazer, não deviam eles, em troca,

---

[69] 'Como uvas no deserto, encontrei eu Israel,
Como o primeiro fruto da figueira em sua primeira estação
Achei eu vossos pais:
Eles foram a Baal-Peor,
E se dedicaram à vergonha,
E se tornaram imundos como o que eles amaram'.
Ou, ao pé da letra, 'semelhante ao amor deles'.
(N. do E. inglês.)

terem-me honrado? Não devia meu amor gratuito ter inflamado o coração deles a fim de induzi-los a se devotarem inteiramente a mim?"

No entanto, *eles entraram a Baal-Peor.* Assim interpreto o verbo באו, ***ba'u;*** e ele é admitido nesse sentido em muitos outros lugares. Pois os hebreus dizem "eles entraram" para expressar, de um jeito delicado, as relações sexuais entre maridos e mulheres. E o Profeta, não sem razão, compara os sacrifícios que o povo oferecia a Baal-Peor ao adultério, visto ser como o coito que um adúltero tem com uma prostituta. Então, eles entravam a Baal-Peor, e ele acrescenta que "separaram-se". Alguns interpretam a palavra נזר, ***nazar,*** como se referindo à adoração, e como significando que eles se consagravam a Baal-Peor; e outros derivam-na de זרה, ***zarah,*** que pensam estar aqui em sentido passivo, significando "ficar alienado". Mas eu o interpreto no mesmo sentido em que Ezequiel diz: "Eles se apartaram de após mim", מאחרי, ***me'acharai,*** capítulo 14; ou seja, que eles não podem me seguir. Aqui, Deus protesta contra o povo por seguir a fornicação e por repudiar, assim, o sagrado casamento que Deus contrai com ele todo. Por isso, leio as duas frases como formando um contexto: *Os israelitas entraram a Baal-Peor,* como um adúltero entra a uma meretriz, e *se separaram;* pois negaram a Deus e violaram a fé empenhada a ele; desfizeram o matrimônio espiritual que Deus celebrou com eles. Pois o Profeta, sabemos, toda vez que se refere a idolatrias fala alegórica ou metaforicamente, e menciona adultério.

Eles *se separaram,* ele diz, *para o opróbrio;* isto é, embora a hediondez deles fosse vergonhosa, todavia, estavam totalmente insensíveis: como quando uma esposa ignora seu papel, ou como quando um marido não se importa de ter os dedos apontados para si e que sua abjeção seja alvo do ridículo de todos, também os israelitas, diz, separaram-se para a infâmia e, havendo lançado fora todo pudor, abandonaram-se à perversidade. Alguns traduzem a palavra בשׁת, ***boshet,*** obscenidade, e outros atribuem-na a Baal-Peor, e vertem a frase deste modo: "Eles se apartaram para aquele ídolo imundo". Pois alguns pensam que Priapus[70] era Baal-Peor; e tal opinião ganhou o consenso de quase todos. Porém, amplio mais o sentido da palavra "infâmia", como querendo dizer que o povo não observava diferença alguma entre o que era decente e o que era vergonhoso, mas que esse ficou insensível em sua impiedade. Logo, eles eram *abomináveis,* ou *abominações segundo os seus amantes.* O Profeta, não duvido, conecta os israelitas aqui com os ídolos e Baal-Peor mesmo, para despi-los de toda aquela santidade que haviam obtido através do favor divino. Apreendemos agora o sentido dado pelo Profeta.

Ora, o que é aqui ensinado é digno de ser notado e tem serventia. Pois, como dissemos, é inescusável a nossa impiedade se desprezarmos o amor de Deus concedido, sem que fosse pedido. Quando ele, então, vem a nós sem que peçamos, quando ele nos convida, quando ele nos oferece o privilégio de filiação, um benefício inestimável, e quando recusamos sua mercê, não é isso senão ferocidade selvagem? Foi para repreender conduta semelhante a essa que o Profeta diz que Deus amara Israel como quando alguém acha uvas no deserto, ou como quando alguém come os primeiros figos maduros. Contudo, deve-se, ao mesmo tempo, reparar no porquê de o Profeta enaltecer tanto os procedimentos de Deus para com o povo de Israel: era por este motivo, porque a adoção desse, como é bem conhecido, não era um privilégio ordinário, nem o que desfrutava em comum com outras nações. Visto, então, que o povo fora escolhido para ser a possessão especial de Deus, o Profeta aqui, com justiça, exalta esse amor com preconização singular. E dá-se o mesmo conosco nos dias que correm; pois Deus não outorga a todos a mercê que nos é apresentada

[70] Priapus (gr. Πριαπος) era um deus da fertilidade, originalmente adorado pelos colonos gregos na Ásia Menor como *Lampsacus.* Geralmente retratado como figura cômica, assemelhado a um gnomo e com enorme pênis ereto, ele era considerado o deus da fertilidade animal e vegetal, o guardião dos jardins e vinhedos, filho de Dionísio com Afrodite ou outra ninfa. Eram-lhe sacrificados asnos, tidos como símbolos da concupiscência, e acreditava-se ser ele eficaz contra mau-olhado. (N. do T.)

mediante a luz radiante do evangelho. Outras pessoas vagueiam nas trevas, a luz da vida habita apenas entre nós: não mostra Deus, assim, que se deleita conosco de uma maneira especial? Porém, se continuarmos a ser a mesma coisa que éramos, e se o rejeitarmos e transferirmos nosso amor a outros, ou, antes, se a concupiscência nos desviar dele, não é isso impiedade e obstinação detestáveis?

Mas o que o Profeta diz, que eles *se separaram para o opróbrio,* também é digno de ser observado; pois ele exagera o crime deles através desta reflexão, que os israelitas estavam tão cegos que não percebiam sua torpeza, ainda que estivesse bem patente. As superstições que então grassavam na terra de Moabe, sem dúvida, eram mui grosseiras; porém, Satanás fascinara tanto as suas mentes que eles se davam a uma conduta que era mais do que ignominiosa. Saibamos, então, que o nosso pecado é digno de castigo mais pesado em um caso tal como esse, ou seja, quando se dá cabo de toda distinção entre nós, e quando nos precipitamos, pelo espírito de entontecimento, a toda impiedade, e quando não mais distinguimos entre luz e trevas, entre branco e preto; pois é um sinal da desaprovação final. Logo, embora o pejo devesse tê-los refreado, ele diz que os israelitas, todavia, haviam "se apartado à ignomínia, e se tornado abominável, à semelhança de seus amantes"; isto é, como Baal-Peor é para mim a mais extrema abominação, também o povo se tornou igualmente abominável. Segue-se agora -

Oséias 9.11,12

11. *Quanto a* Efraim, sua glória voará para longe como um pássaro, desde o nascimento, e desde o ventre, e desde a concepção.	**11.** Ephraim, quasi avis avolavit gloria eorum, a partu et ab utero et a conceptione, (*jungamus etiam sequentem versum*:)
12. Embora criem os seus filhos, todavia, eu os arrebatarei, *para que* não *seja deixado* nenhum homem; sim, ai deles também, quando eu me apartar deles!	**12.** Quia si extulerint filios suos, tunc exterminabo eos ab homine (*hoc est,* ne sint in numero hominum:) certe etiam vae illis quum recessero ab eis. [71]

Os hebreus, conhecemos, freqüentemente produziam frases abruptas, como neste lugar: *Efraim! A glória deles fugiu.* Efraim deve ficar sozinho; e a linguagem mostra-se impressionante quando o Senhor interrompe a frase desta forma: Efraim! Ele não continua o sentido, mas imediatamente acrescenta: *Como um pássaro, a glória deles fugiu.* Quando fala de Efraim, ele, sem dúvida, alude em especial à descendência desse; e, ao mencionar uma parte pelo todo, inclui tudo o que era então olhado como sendo riqueza, glória ou poder. O Profeta, digo, fala de descendência, pois, incontinenti, acrescenta: *desde a nascença, desde o ventre, e desde a conceição.* Mas estão enganados os que restringem essa frase apenas aos pósteros, pois é, como eu disse, um modo de falar, pelo qual uma parte é tomada pelo todo. Ao pé da letra, cita filhos ou geração; entretanto, ele inclui a condição inteira do povo em geral.

---

[71] Eu proponho a seguinte tradução do original:

11. 'Efraim como um pássaro voa rapidamente para longe; sua glória é desde o nascimento, e desde o ventre, e desde a concepção:

12. 'Mas, conquanto criem os seus filhos, todavia, eu os destruirei, para que não sejam homens; sim, precisamente a desventura *estará* com eles, quando eu deles me afastar'.

Fertilidade de descendência estava inclusa na bênção de Jacó a José, o pai de Efraim, que o representava de modo especial. "Bênçãos dos peitos e do ventre" são especificamente mencionadas, Gênesis 49.25. O primeiro versículo dos dois alude à tal circunstância. Efraim é comparado a um pássaro, emplumado precocemente e fugindo para longe do ninho: e, depois, é acrescido que a glória daquele povo foi seu rápido crescimento. É uma declaração, não uma denúncia, pois isso se segue no próximo versículo. Além disso, uma denúncia não é compatível com o que é dito naquele versículo, nem com o conteúdo do décimo-quarto. Se a glória deles se houvesse apartado desde o nascimento etc., como é que a ameaça do verso a seguir é os seus filhos não crescerem até serem homens, e que o Profeta ore a Deus para lhes dar, no versículo 14, um útero que aborte etc.? (N. do E. inglês.)

Em seguida, *como um pássaro, a glória de Efraim se debandou.* Em que aspecto? Desde o nascimento, desde o ventre, desde a concepção. O Profeta, indubitavelmente, expõe aqui as gradações da vingança divina, a qual estava, parcialmente ainda, próxima dos israelitas, e que já era, em parte, óbvia, por provas claras. Ele diz *desde o nascimento,* depois, *desde o útero,* e, por fim, *desde a concepção.* Se, então, a glória de Efraim se houvesse desvanecido no início, o Profeta não teria falado assim; mas o Senhor, gradualmente, exibia sinais de sua ira, para que essa vingança finalmente alcançasse o ápice, os Profeta, primeiramente, cita nascimento e, em seguida, ventre; como se dissesse: "A glória de Israel sumirá desde o nascedouro, porém, se eles continuarem orgulhosos, e não se apresentarem subjugados por tal punição, mata-los-ei no próprio ventre; mais que isso, na concepção, se não se arrependerem; serão sufocados no útero mesmo".

Depois, ele adiciona: *ainda que criem filhos, todavia, extermina-los-ei, para que não virem homens,* ou, *antes que fiquem adultos,* como alguns interpretam as palavras. O significado é que, conquanto Efraim se lisonjeasse, todavia, uma horrenda ruína se aproximava, a qual extinguiria toda semente, para não restar nada. Mas, a fim de que não pensassem eles que tudo estava acabado, quando o Senhor houvesse infligido sobre eles um castigo, ele formula três gradações: que Deus, primeiro, mataria a eles no nascimento, depois os extinguiria no útero e, finalmente, antes da concepção; contudo, se os poupasse, de modo que criassem filhos, não obstante, não haveria proveito, visto como Deus tiraria os jovens na flor da idade. Desse modo, pois, ele ameaça destruição inteira ao reino de Israel.

E, por último, ele encerra o versículo com estas palavras: *E, certamente, ai deles quando eu deles me apartar.* O Profeta quer dizer, por essas palavras, que os homens tornam-se miseráveis e amaldiçoados quando se alheiam de Deus, e quando ele lhes retira todo o seu favor. Após haver feito menção especial da vingança de Deus que estava perto, diz aqui que a causa e a ocasião de todos os males seria que Deus se apartaria deles, visto como haviam anteriormente renunciado à sua fé nele. Mas devemos ter em mente o porquê de o Profeta adicionar essa oração: é que os homens ímpios sonham, que, malgrado Deus esteja desgostoso, as coisas, todavia, continuarão prósperas para eles: pois não atribuem as adversidades à cólera divina, nem reconhecem a fonte de todas as coisas como sendo a gratuita e paternal mercê de Deus. Como, então, os homens profanos não entendem essa verdade, por mais que Deus proclame que seja inimigo deles, que esteja armado para destruí-los, eles não se importam em nada, mas prometem para si próprios uma próspera fortuna: até sentirem a mão dele e aparecerem os sinais de destruição, ainda prosseguem confiantes. Essa é a razão pela qual o Profeta diz que há desventura aos homens quando Deus se aparta deles. Então, visto que a Escritura ensina por toda parte que toda coisa desejável vem e flui para nós da mera graça de Deus e de seu favor paternal, o Profeta também declara aqui que os homens são miseráveis e malditos quando Deus está irado com eles. Porém, continua —

Oséias 9.13

13. Efraim, conforme vi a Tiro, [72] *está* plantada em um lugar agradável: porém, Efraim dará a luz seus filhos para o matador.	**13.** Ephraim, sicut vidi in Tyro plantatam (*subaudi* arborem) in habitaculo: Ephraim tamen ad educendum (*hoc est,* educet) ad excidium (*vel*, mactationem) filios suos.

Oséias confirma aqui suas declarações anteriores de que os israelitas debalde confiavam na sua presente condição, pois o Senhor reverteria a prosperidade deles quando bem entendesse. Os homens, sabemos, endurecem-se em seus vícios quando fruem seus desejos e quando estão afundados em prazeres; pois a prosperidade, não sem motivo, é freqüentemente comparada ao vinho, pois inebria os homens; ou melhor, antes, priva-os de razão. Vemos o que aconteceu aos sodomitas e outros; sim, o abuso da paciência divina é sempre a causa de destruição para quase todos os réprobos, como Paulo também o diz. Tal orgulho reinava tanto no povo de Israel que esse, de modo estapafúrdio, desprezava toda ameaça, como já foi amiúde afirmado. A isso, então, o Profeta alude quando diz: *Efraim é como uma árvore plantada em Tiro: todavia, ele dará luz a filhos para a matança.* O Profeta, então, destaca aqui a indulgência de Israel e, depois, acrescenta que, em curto tempo, o Senhor os arrastaria ao julgamento, embora os houvesse tratado como uma árvore preciosa, nutrindo-os gentil e ternamente por um período.

Alguns vertem esse ponto assim: "Eu vejo Efraim plantada como Tiro"; e traduzem a próxima palavra, בנוה, ***venaweh,*** "em amenidade". Mas, já que ela significa uma casa ou uma habitação, estou disposto a conservar seu sentido próprio. Os intérpretes, entretanto, variam em suas opiniões; pois alguns dizem, "eu vejo Efraim como Tiro"; porque um evento aguarda esse povo, similar àquele que ocorreu a Tiro; pois, assim como foi infligido castigo a Tiro, também Efraim não escapará impune. Essa é a explicação de alguns, mas, em minha opinião, é rebuscada demais. Como, entretanto, há aqui uma preposição ל, "lâmede", fico inclinado a considerar "uma árvore" ou "planta", ou alguma palavra semelhante, compreendida. Então, Efraim era como se alguém contemplasse uma árvore em Tiro, literalmente, a Tiro, ou em Tiro. Tal letra, enquanto preposição, admito, é redundante em muitos lugares; todavia, ela preserva alguma justeza, salvo quando a necessidade interfere: e aqui o que eu já declarei é a tradução mais adequada: "Efraim é como uma árvore plantada em Tiro, em uma vivenda" ou alpendre. Tiro, conhecemos, foi edificada sobre uma ilha marítima; possuía jardins os mais aprazíveis, mas não foi formada sem muita custa e labor. Era banhada de todos os lados pelo mar; e, se diques não fossem erigidos, as residências ficariam confinadas. Visto, pois, que era difícil criar árvores lá, muito trabalho e labuta foram necessários, sem dúvida, como é normalmente o caso; pois os homens, com freqüência, lutam com a natureza. E, se dizemos que Efraim estava plantada como Tiro em uma habitação, o que isso pode significar? Dizemos, por isso, que ele era como uma árvore preservada como em uma residência: pois vemos que há algumas árvores que não conseguem agüentar o ar frio e são mantidas, durante o inverno, em

---

[72] Tanto *Horsley* quanto *Newcome* vertem 'tyrus', 'uma rocha', e são apoiados por *Áquila, Símaco* e *Teodocião;* e a Septuaginta não oferece a palavra 'Tiro'. Porém, neste caso, há uma dificuldade para estabelecer qualquer significado às palavras traduzidas em nossa versão inglesa, 'conforme vi'; e ninguém aqui conseguiu dar alguma resposta satisfatória. Daí a tradução dos nossos tradutores [i.e., os da KJV — Trad.] e a de Calvino, parecerem, no todo, ser as melhores. E, quanto a idéia de uma árvore colocada sob uma cobertura, é bem compatível com a passagem: mas supor que 'árvore' esteja compreendida não parece necessário: pois a palavra 'plantada' é, em minha opinião, um substantivo, e significa uma planta. O versículo pode ser vertido assim:

'Efraim é, segundo o que vi em Tiro,
Uma planta na casa:
Todavia, Efraim é para gerar
seus filhos para o assassino'.

(N. do E. inglês.)

casa, para que sejam protegidas; e é provável que os sírios, que eram ricos e tinham um negócio lucrativo, despendessem muito cuidado em criar suas árvores.

O sentido é que Efraim era como árvores tenras, preservadas pelos homens com grande cuidado e muito custo; porém, que ele, daqui para frente, daria a luz filhos para o morticínio. Esse parto está posto em oposição a casa ou vivenda. Ele haviam sido guardado do perigo do frio e do calor como uma árvore tenra debaixo de teto; porém, eles seriam constrangidos a tirar seus filhos para o matadouro; isto é, não haveria mais qualquer habitação para eles se protegerem da violência de seus inimigos, mas seriam arrastados para fora.

Agora, percebemos que as palavras se harmonizam bem com a opinião de que em vão o povo de Israel se ufanava, porque ele, até aqui, não estivera sujeito a mal nenhum; e que Deus o preservara livre de calamidade. Não há razão, diz o Profeta, para o povo estar soberbo, pois que havia sido tão indulgentemente tratado até então; pois, ainda que tivessem sido como árvores tenras, não obstante, seriam forçados a tirar seus filhos para serem mortos. E tal comparação, a qual ele amplia, é a que amiúde ocorre na Escritura. 'Se Jeoiaquim fosse como um anel em minha mão direita, diz o Senhor, eu o arrancaria de lá[73]'. Os homens têm o costume de abusar até das promessas de Deus. Como o rei Jeoiaquim era da posteridade de Davi, julgava impossível que inimigos ocultos pudessem, alguma vez, privá-lo de seu reinado: "Mas não será assim; pois, embora seja ele como um anel em minha mão, arranca-lo-ei dali". Assim também aqui: "Ainda que os israelitas tenham sido, até agora, criados em meu regaço, ainda que eu lhes haja dado, benevolamente, toda sorte de bênçãos, ainda que sejam como árvores tenras, todavia, sua condição doravante será inteiramente diferente". Depois, segue-se —

Oséias 9.14

14. Dá-lhes, ó SENHOR: o que tu darás? Dá-lhes útero que aborte e peitos secos.	**14.** Da illis, Jehova: quid dabis? Da illis valvam abortientem (*vel,* interficere facientem) et ubera arida.

Os intérpretes traduzem essas palavras de forma diferente: "Dá a eles o que tu estás para dar", então repetem: "Dá-lhes"; porém, como penso, não apreendem eles o intuito do Profeta, e estão inteiramente equivocados; pois o Profeta, aqui, aparece como alguém ansioso e perplexo. Por isso, apresenta-se aqui perante Deus como um suplicante, como se dissesse: "Senhor, eu de boa vontade intercederei por este povo: então, o que é que eu devo, primeiramente, desejar para eles? Indubitavelmente, meu principal desejo para eles, em sua miserável dispersão, é que tu lhes dês um ventre que mate e seios secos"; ou seja, que ninguém nasça deles. Cristo diz que, quando chegasse a última destruição de Jerusalém, a estéril seria bendita (Lucas 23.29); e ele tira isso da doutrina corrente da Escritura, pois muitas passagens semelhantes podem ser observadas nos Profetas. Dentre as bênçãos divinas, esta, sabemos, não é a menor: o nascimento de uma numerosa descendência. Logo, é um sinal de terrível juízo quando a esterilidade, que em si mesma é julgada maldição, é desejada como bênção especial. Pois o que pode ser mais miserável do que infantes sendo arrebatados do colo de suas mães? E crianças serem assassinadas diante de seus olhos, ou mulheres grávidas sendo mortas? Ou cidades e campos serem consumidos pelo fogo, de modo que crianças, que nem nasceram ainda, pereçam juntamente com suas mães? Mas todas essas coisas se sucedem quando há uma destruição total.

Destarte, percebemos o que o Profeta quis dizer, principalmente: o estado do povo seria tão deplorável que nada seria mais desejável do que a esterilidade das mulheres, para que nenhuma

[73] Jeremias 22.24. Há um engano aqui. O texto é: 'Conias, o filho de Jeoiaquim'. (N. do E. inglês.)

posteridade pudesse nascer depois, mas que o nome e a memória do povo fosse, paulatinamente, apagada.

Ele, deveras, já havia anunciado punições suficientemente atrozes e medonhas; mas sabemos que a contumácia e a dureza daqueles sobre os quais a religião não possui domínio algum são muito grandes. Conseqüentemente, toda ameaça era escarnecida por aquele povo obstinado. Eis a razão pela qual o Profeta ora toma a parte de um intercessor. "Ó Senhor", adiciona, "dê-lhes"; isto é: "Ó Senhor, perdoa-lhes ao menos em certa medida, e conceda-lhes ainda alguma coisa". E "o que darás tu?" Aqui, ele arrazoa consigo mesmo, estando, por assim dizer, em expectativa e perplexidade; e também arrazoa com Deus quanto ao que seria a coisa mais desejável. "Sou, realmente, um suplicante pela minha nação, a quem lamento; contudo, o que pedirei? Eu desejaria que tu, Senhor, perdoasse este povo; mas qual será a maneira, o que me dará conforto, ou, que tipo de remédio ainda resta? Certamente, não vejo nada melhor do que eles serem estéreis, para que ninguém, de hoje em diante, nasça deles; porém, que tu lhes permita definhar e morrer; pois isso será sua principal felicidade em uma condição tão deplorável". Era, então, o propósito do Profeta, aqui, incutir terror nos homens hipócritas e profanos, para que eles entendessem que a vingança de Deus, a qual estava próxima, não podia ser, de modo algum, expressada plenamente; pois seria a melhor coisa para eles ficarem privados da bênção de uma prole, para que suas crianças não perecessem com eles, para que não vissem mulheres pejadas cruelmente assassinadas por seus inimigos, ou seus filhos serem levados embora como despojo. Que coisas tais como essas não acontecessem, diz o Profeta, que a esterilidade fosse absolutamente desejada por eles como a bênção principal. O Profeta, não tenho dúvidas, queria dizer isto. Segue-se então —

Oséias 9.15

15. Toda a impiedade deles *está* em Gilgal: pois lá eu os odiei: pela imoralidade de seus feitos, eu expulsa-los-ei da minha casa, eu não mais os amarei: todos os seus príncipes *são* amotinadores.

15. Omne malum eorum in Gilgal, quia illic odium concepi contra eos: super malitia (*vel*, propter malitiam) operum ipsorum, e domo mea ejiciam eos: non pergam amare eos: omnes príncipes eorum sunt defectores (perfidi.) *Est autem elegans paranomasia in verbo* שׂרים *et* שׂוררים, *qua etiam utitur Isaias primo capite.*

Ele diz, primeiro, que *todo o mal deles estava em Gilgal;* embora eles pensassem que tivessem o melhor dos pretextos para oferecerem ali seus sacrifícios em honra a Deus, porque fora, desde tempos antigos, um lugar sagrado. Ele dantes dissera que eles multiplicaram para si altares para pecar, e por meio desses se darem aos pecados; ele ora repete a mesma coisa em outras palavras: *Todo o mal deles,* diz, *está em Gilgal;* como se dissesse: "Eles de fato impõem sobre mim seus sacrifícios, os quais oferecem em Gilgal, e julgam que servem para escusar toda sua impiedade. Talvez eu os perdoasse se fossem dados à rapina e crueldade, e se fossem pérfidos e embusteiros, contanto que o culto puro tivesse prosseguido entre eles e a religião não tivesse sido tão inteiramente adulterada; mas, como eles alteraram tudo que eu ordenei em minha lei, e transformaram este célebre lugar no sítio da mais baixa impiedade, para que virasse, no modo de dizer, um lupanar, onde a religião é prostituída, por isso, fica evidente que toda a imoralidade deles está em Gilgal".

É certo que o povo também estava entregue a outros crimes; porém, a palavra כל, ***kol,*** todos, é para ser tomada pelo que é primordial ou principal. O Profeta fala comparativamente, não absolutamente; como se dissesse que tal corrupção de ofertar sacrifícios em Gilgal fosse mais abominável à vista de Deus do que adultérios, pilhagem, fraudes, violência injusta ou qualquer crime que preponderasse entre eles. Todo o mal deles, então, estava em Gilgal. Mas o porquê de o

Profeta falar assim, expliquei há pouco; e é que os homens supersticiosos expõem seus estratagemas quando Deus os censura: "Ó! nós mantemos ainda muitos exercícios de religião". Eles aduzem esses à guisa de compensação. Contudo, o Senhor revela que é, de longe, mais gravemente ofendido com essas superstições, com as quais os hipócritas se cobrem como com um escudo, do que com uma vida vazia de toda aparência de religião: pois "contra esses", diz, "imaginei ódio, devido à maldade de suas obras".

Aqui, outra vez o Profeta condena o que os homens acham ser a especial santidade deles. Quem, de fato, pode persuadir hipócritas de que seus modos fictícios de culto são as maiores abominações? Pelo contrário, eles ainda se exaltam e imaginam-se como anjos e, por assim dizer, cobrem toda sua impiedade com tais disfarces; como vemos ser o caso com os papistas, que pensam que, quando impõem a Deus suas muitas missas e outras formas inventadas, toda espécie de maldade é redimida. Visto, então, que os hipócritas estão, dessa maneira, acostumados a vestir um disfarce diante de Deus e se jactam, ao mesmo tempo, o Profeta declara aqui que eles são os mais odiados por Deus por essa perversidade mesma — de se atreverem a corromper e adulterar seu culto puro.

Em seguida, ele acrescenta: *Eu os expelirei de minha casa.* Quando Deus ameaça expeli-los da casa dele, é o mesmo que se dissesse: "Eu rejeita-los-ei totalmente"; como quando se decepa um galho seco de uma árvore ou um membro enfermo do corpo. É realmente certo que os israelitas eram então como bastardos; pois não eram dignos de qualquer estima ou posto na Igreja, visto terem um templo estranho e sacrifícios profanos; porém, como a circuncisão e o sacerdócio nominal ainda permanecesse entre eles, ufanavam-se de serem os filhos de Abraão e um povo santo; por isso, o Profeta anuncia aqui uma destruição tal, que se mostraria que eles debalde se gloriavam nessas superiores distinções, pois Deus expungi-los-ia da lista dele. Compreendemos agora o intento do Profeta: mas amanhã observaremos a porção remanescente.

ORAÇÃO

Conceda, Todo-Poderoso Deus, que, visto como tu nos tens adotado livremente em teu unigênito Filho, e feito de nós, de filhos e raça de Adão a uma semente santa e bendita, e, como até agora, não cessamos de nos alhear da graça que nos tens ofertado — Ó, permita que, daqui em diante, retornemos a uma mente sã, para que nos apeguemos fielmente e com sinceridade de coração a teu Filho, e, assim, conservarmos por esse laço o teu amor, e também ficarmos guardados na graça da adoção, que teu nome seja glorificado por nós enquanto residirmos temporariamente neste mundo, até que tu, finalmente, nos ajunte em teu reino celestial, o qual adquiriste para nós pelo sangue de teu Filho. Amém.

VIGÉSIMA-SEXTA DISSERTAÇÃO

Afirmamos ontem como Deus expulsa de sua casa aqueles que devem ser julgados como já estando entre os tais que são de fora: pois os hipócritas sempre inventam desculpas para si, até o Senhor mesmo provar-lhes abertamente a vileza deles. Logo, é necessário que o que eles aparentam ter, como Cristo também declara com respeito aos hipócritas, seja-lhes retirado (Mateus 13.12).

Segue-se então: *Eu não continuarei amando a eles.* Pode-se levantar aqui uma questão: Por que Deus fala assim de seu amor? Pois ele já havia cessado de amar aquele povo, como pode ser plenamente depreendido dos fatos. Ainda que tal declaração não seja rigorosamente acurada, todavia, não é incompatível. Os homens profanos, bem como aqueles que têm amor pelas coisas mundanas, avaliam o amor de Deus pelas presentes aparências. Quando o Senhor os alimenta bem e com abundância, quando gozam seus prazeres, quando não têm tribulação nenhuma para suportar, eles se julgam os mais aceitáveis a Deus. Tal era o caso desse povo, como já foi amiudadas vezes declarado, enquanto o Senhor suspendia sua vingança; e esse foi especialmente o caso sob o rei Jeroboão II, pois sabemos que o Senhor, então, poupava-os, grandemente favorecendo-os. Era, pois, uma indiscutível espécie de amor quando o Senhor assim os acalentava; Deus atraía-os à penitência pela doçura de sua bondade. Porém, agora, como os vê endurecerem-se mais e mais, ele diz: "Não mais continuarei com meu amor para com eles; pois eu, agora, demonstrarei que estou irado com eles, visto não haver eu produzido nada com minha indulgência, da qual, de certa forma, riem e escarnecem". Desse modo, percebemos que os homens são rejeitados por Deus quase da mesma maneira, quando os extermina da Igreja dele, bem como quando retira sua bênção, a qual é, por assim dizer, o penhor e o símbolo de seu amor.

O motivo vem em seguida: *Porque os seus príncipes são pérfidos:* e isso é explicitamente mencionado, pois era preciso que a origem do mal fosse afirmada. Então, o Profeta indica, aqui, que as corrupções se originavam, não com o povo ordinário, mas com os príncipes. Ora, sabemos para que finalidade Deus fez com que existissem classes sociais e dignitários entre os homens, e é para que houvesse algo como uma rédea, para conter a instabilidade da multidão. Quando, por conseguinte, os príncipes se tornam líderes de toda imoralidade, todas as coisas, então, devem se proceder da pior forma; pois o que devia ser um remédio vira a razão da ruína. Isso, então, é o que o Profeta primeiramente quer dizer. Mas, ao acusar os príncipes, ele não absolve o povo; mas, como foi dito em outra parte, ele insinua que deviam ser muito cegos ao se permitirem ser arrastados para dentro da vala pelos cegos: pois o povo, indubitavelmente, desviou-se de livre e espontânea vontade, embora possuísse chefes pecadores; e ainda que, como transparece em outro lugar, aquele, ansiosamente, buscasse escusas para os seus erros. Porém, podemos aprender disso quão frívola é a desculpa daqueles que, nos dias de hoje, justificam-se com o pretexto de obedecerem a príncipes e bispos; pois o Senhor anuncia, aqui, punição sobre o povo todo, pois que os príncipes eram traidores. Sendo assim, percebemos que o grêmio inteiro está envolvido quando guias ímpios dirigem e arrastam o povo para fora do reto caminho; sim, quando esses os precipitam nas mesmas transgressões e os levam junto consigo. Quando, portanto, há uma tal confusão, a punição universal, a qual consome a todos juntamente, deve se seguir. Prossigamos —

Oséias 9.16

16. Efraim está ferido, sua raiz está seca, ele não produz mais nenhum fruto: sim, conquanto produza, todavia, eu matarei ainda o amado *fruto* de seu ventre.

16. Percussus est Ephraim, radix eorum exaruit, fructum non facient: etiamsi genuerint, tunc interficiam desiderabilia uteri ipsorum.

O Profeta, outra vez, ameaça os israelitas de vingança extrema. Não é de se maravilhar que a mesma frase seja tão amiudadas vezes repetida; pois os hipócritas, sabemos, lisonjeiam-se demasiadamente, e não se alarmam mesmo com a ameaça mais dolorosa. Como, então, os hipócritas são tão estúpidos, têm que ser muitas vezes, ou melhor, freqüentemente aferroados, e de modo mais cortante, para que, finalmente, sejam despertados de seu torpor. Por isso, o Profeta repete a ameaça que outrora anunciara muitas vezes, e diz que Israel havia sido tão castigado que a raiz secara. A comparação é tirada de uma árvore, a qual não somente tivera seus galhos cortados, mas também fora despedaçada até a raiz. O sentido é que Deus tomaria vingança tal sobre esse povo miserável que o destruiria inteiramente, sem qualquer esperança de recuperação. A raiz, então, está seca, esse não produzirá mais fruto nenhum.

Depois, ele deixa essa símile ou metáfora e diz: Se eles gerarem, eu matarei o fruto desejável do ventre deles; isto é, embora alguma semente seja gerada, eu destrui-la-ei.

Apreendemos agora, então, a intenção do Profeta, a qual era demonstrar que o Senhor não mais se contentaria com castigo moderado, pois, freqüentemente, descobria que esse povo enjeitado debalde era castigado pelo amor paternal; mas essa vingança derradeira o esperava, a qual consumiria não apenas os homens, mas também seus filhos, para que não houvesse nenhum resto. A razão é acrescida em seguida —

Oséias 9.17

17. Meu Deus rejeita-los-á, pois que não escutam a ele: e eles perambularão entre as nações.

17. Abjiciet eos meus Deus, quia non audierunt eum (vel, non obedierunt ei, ut sit clarius,) et erunt vagi inter gentes.

O Profeta, como sugeri há pouco, atribui uma razão pela qual Deus resolvera tratar tão severamente com esse povo, a saber, porque via a perversidade inominável desse. Pois os Profetas constantemente defendem a justiça divina contra as queixas ímpias daqueles homens que murmuram sempre que Deus os pune, clamando que ele é cruel e imoderado. Os Profetas, portanto, tapam mesmo a boca dos ímpios, para que eles não vomitem suas blasfêmias contra Deus; e o Profeta trata agora desse assunto. Destarte, ele diz que a destruição se aproximava dos israelitas, porque Deus rejeitara-os; pois o verbo מאס, ***ma'as,*** quer dizer rejeitar, descartar, desprezar. Então, enquanto o Senhor condescendia em cuidar de seu povo, esse possuía, ao menos, alguma distinção; porém, o Profeta diz que agora o povo estava totalmente rejeitado. O que restava então para esse, senão inteira ruína?

E ele diz: *Meu Deus rejeita-los-á*. Por essa expressão, ele reivindica para si autoridade, e vocifera contra o povo inteiro; pois, ainda que todo o culto divino estivesse vergonhosamente corrompido no reino de Israel, eles, todavia, gabavam-se de serem a semente santa de Abraão, e o nome de Deus, até então, estava em toda boca, como é de nosso conhecimento que os ímpios tomam para si a liberdade de profanar o nome de Deus sem qualquer hesitação ou pudor. Visto pois que essa falsa glória predominasse até então entre os israelitas, o Profeta diz: *Ele não é mais vosso Deus, meu ele é.* Assim, ele se colocou de um lado, e se pôs sozinho, em oposição ao povo todo.

Mas, ao mesmo tempo, ele prova que não tinha mais autoridade do que eles todos; pois ele mostra Deus como o sustentador e o defensor da sua doutrina. 'Meu Deus', ele diz, 'rejeita-los-á'. Assim também diz Isaías, ao acusar Acaz: 'Não é bastante que sejas importunos aos homens, mas que também o sejais ao meu Deus?' (Is 7.13). Não obstante, Isaías não era o único que adorava a Deus de forma pura. Isso é verdade; mas ele considerava o rei e sua comitiva; e, por conseguinte, ele se ligava a Deus, e se separava deles todos, visto como eles já se haviam, pela própria perfídia, separado dele.

Depois, ele diz: 'Meu Deus rejeita-los-á'. Também, no dia presente, podemos seguramente tomar o nome de Deus em oposição aos papistas; pois eles nada têm em comum com o verdadeiro Deus, já que se contaminaram com tantas abominações: e, malgrado serem altivos contra nós, confiando em sua vasta multidão, e por nós sermos poucos, todavia, podemos, com ousadia, opormo-nos a eles, visto que Deus, sabemos, jamais pode ser separado ou tirado de sua palavra, e sua palavra, sabemo-lo, está do nosso lado. Então, podemos licitamente censurar os papistas e dizer que Deus é contrário a eles, pois lutamos debaixo do estandarte dele.

Porque, ele diz, *eles não me obedeceram.* Vemos que a causa da vingança extrema é a perversidade; isto é, quando os homens adrede endurecem seus corações contra Deus. Os gentios também perecem, de fato, sem instrução alguma; mas a vingança é dobrada quando o Senhor estende sua mão aos pecadores e procura trazê-los de volta ao caminho da salvação, mas, obstinadamente, recusam-se obedecer; mais que isso, quando eles demonstram que seus corações são perversos em sua impiedade. Quando, então, tal perversidade é adicionada a erros e afeições imorais, Deus deve, necessariamente, partir para a sua derradeira vingança, como ele ameaça aqui pelo seu Profeta.

Então, como eles não obedeciam, o Senhor os rejeitará, e eles serão fugitivos entre as nações. Isso parece ser um castigo mais leve do que o que ele anteriormente declarara com respeito à semente deles ser destruída. Contudo, devemos lembrar do contraste (dado por Deus) entre o resto e esse perambular vagabundo, do qual o Profeta ora fala. A terra de Canaã era-lhes uma tranqüila habitação, onde repousavam como se Deus os acalentasse debaixo de suas asas; destarte, é ainda chamado de o resto de Deus no Salmo 95[74]. Mas, agora, quando os israelitas vagueavam como fugitivos e procuravam descansar aqui e ali, e não conseguiam encontrar, isso foi, mais manifestamente, uma rejeição deles; pois o Senhor provava, todo dia e todo momento, que foram por ele repudiados, visto estarem privados daquele repouso que prometera a eles. Continuemos —

[74] Salmo 95.11.

CAPÍTULO 10

Oséias 10.1

1. Israel *é* uma vinha inútil, ele produz frutos para si mesmo: de acordo com a multidão de seus frutos, ele aumentou seus altares; de acordo com a virtude da sua terra, eles fizeram imagens formosas.

1. Vites spoliata Israel, fructum ponet sibi: secundum multitudinem fructus sui multiplicavit altaria (in altaribus multiplicavit;) secundum bonitatem (*hoc est,* proventum fertilem) terrae suae benefecerunt in statuis (*alii*, bonas fecerunt statuas; *sed prior versio mihi magis probatur.*)

Os intérpretes explicam esse versículo de várias maneiras. Aqueles que acham que בוקק, ***bokek,*** se aplica aqui à vinha, e quer dizer "vazio", estão enganados; pois o Profeta, antes, quer dizer que Israel era como um parreiral que é roubado após a chegada da recolha das colheitas: pois a palavra בקק, ***bakak,*** quer dizer, propriamente, pilhar ou saquear. Porém, o Profeta compara a coleta de uvas a roubar; e tal opinião se ajusta melhor aqui. Ele diz, então, que "Israel é como um vinhedo roubado", pois foi esbulhado de seu fruto; e, depois, ele adiciona: "Ele produzirá fruto por si próprio". O verbo שׂוה, ***shuh,*** significa igualar; e muitos traduzem desta forma: "Ele igualará fruto para si mesmo", ou, "o fruto foi gritado a ele". Mas tal tradução não oferece um sentido claro. Antes, sigo aqueles que vertem-no, "guardar". Esse verbo, algumas vezes, significa "mentir"; pelo menos alguns assim traduzem a oração, "O fruto mentirá a eles": não obstante, no sentido de mentir, ele tenha uma letra final diferente שׂוה, ***shu',*** todavia, diz-se ser derivado desse radical, de modo que há uma mudança de א, *álefe,* para ה "hê", como julgam os gramáticos: contudo, não parece provável que שׂוא, ***shua,*** queira dizer mentir. Porém, eles deduzem esta significação: "Israel é uma vinha saqueada; por isso, o fruto mentirá a ele"; isto é, não dará produto algum, pois que ocorrerá a ela é o que costuma ser quando assaltantes arruínam campos e vinhais. Porém, como eu já disse, alguns, mais corretamente, vertem-no "guardar": Ele guardará fruto para si próprio. Entretanto, alguns lêem a frase na interrogativa: "Guardará Israel fruto para si próprio?" Então, o sentido é que Israel foi tão pilhado que nenhuma restituição se poderia esperar. Mas tais intérpretes dão a impressão de não entenderem a mente do Profeta.

Eu capto um significado diferente das palavras, isto é, que Israel armazenaria fruto para si após o esbulho, e a história sagrada confirma essa opinião: pois tal povo, sabemos, fora, de várias maneiras, castigado; dessa maneira, entretanto, eles reuniam nova força. Pois o Senhor apenas tencionava admoestá-los gentilmente, para que eles fossem curados; mas nada, como foi transpareceu anteriormente, foi efetuado pela moderação de Deus. Contudo, a questão era esta: Israel produzia fruto novo, como uma vinha, após ter sido roubada num ano, produz uma nova vindima; pois uma recolha das colheitas não mata a vinha. Assim também, Israel não guarda fruto para si mesmo; ou seja, depois que o Senhor acumulou ali sua colheita, ele, outra vez, favoreceu o povo com sua bênção, e, por assim dizer, restaurou-os novamente; visto que as videiras, na primavera, lançam seus ramos e, então, produzem frutos[75].

---

[75] Muita dissensão existe entre os críticos quanto ao significado das duas primeiras orações dos versículos. As duas palavras que criariam a dificuldade são בוקק e שׂוה. A primeira palavra, nestes três lugares — Isaías 24.1, Jeremias 51.2 e Naum 2.2 — onde ela ocorre, apenas, quer dizer "esvaziar completamente", ou "tornar totalmente vazio": e, quando aplicado à videira, como aqui, parece significar videira que se esvazia plenamente de seus sumos, para que produza fruto em abundância. Esse ponto de vista é favorecido pela Septuaginta, ευκλημα̃τουσα, frondosa, luxuriante, e por Símaco, υλομανουσα, selvaticamente luxuriante, e é adotada pelo Bispo *Horsley,* que a verte por "rendosa". A outra palavra, שׂוה, significa "igualar", ou "ficar igual", e de forma nenhuma, propriamente, "armazenar", como a adota

Porém, o que aconteceu? *Consoante à abundância de seu fruto,* ele diz, *ele multiplicou seus altares.* Aqui, Deus lamenta que Israel, depois de ter sido uma vez congregado, prosseguisse na impiedade. Os castigos deviam, pelo menos, ter servido a ponto de induzir Israel a passar de novo para o culto puro de Deus. Mas Deus não apenas condena o povo aqui por ter sido sempre obstinado, mas, ainda, por ter esse, por assim dizer, intencionalmente aumentado seus vícios. Pois isto foi como uma conspiração horrível contra Deus: que o povo, tão logo adquirisse novo vigor, multiplicasse altares para si, conquanto o Senhor já houvesse provado, por evidências claras, que tais modos fictícios de culto não o agradavam; mais que isso, que eram para ele as maiores abominações. Apreendemos agora o que o Profeta quis dizer. Então, *Israel, uma vinha esbulhada, multiplicou para si altares;* isto é, Israel, verdadeiramente, fora ajuntado, contudo, o Senhor lhe restaurou bens e abundância de provisões, e tudo o que pertence a uma condição segura e feliz; tornou-se Israel melhor através da correção? Arrependeu-se após o Senhor ter retirado a sua mão tão misericordiosamente? De modo algum, ele diz; mas ele multiplicou altares para si, ele ficou pior do que o que estava acostumado a ser; e *conforme a excelência da sua terra, ele está fazendo o bem em estátuas.*

Ora, essa é uma doutrina mui útil; pois vemos como o Senhor evita infligir punições — ele não os executa com o máximo rigor; pois, assim que impõe alguns açoites, retém sua mão. Mas como agem aqueles que são moderadamente castigados? Tão logo possam recobrar seus espíritos, são arrebatados por uma inclinação mais obstinada, e tornam-se insolentes contra Deus. Vemos esse mal prevalecente no mundo, até em nossos dias, como tem sido em todas as épocas. Não precisamos nos admirar, pois, que o Profeta, aqui, proteste com o povo de Israel: porém, ao mesmo tempo, é-nos correto aplicar a doutrina para nossa própria instrução. Então, apesar de o Senhor poupar-nos e, depois de ter começado a nos castigar, logo mostrar indulgência, restaurando-nos, por assim dizer, mais uma vez, guardemo-nos para que um esquecimento de nossos antigos pecados não se insinue sobre nós; todavia, que tais castigos exerçam uma influência sobre nós, mesmo depois de Deus haver posto um limite e um fim a eles. Pois o teor do que o Profeta ensina é este, que os homens não devem se esquecer da ira de Deus, mesmo que ele, nem sempre, dê chicotadas, mas considerar que o Senhor trata dessa forma gentil para que eles tenham mais tempo para se arrependerem e que uma trégua seja-lhes outorgada para que reflitam mais serenamente sobre seus pecados.

Mas ele diz, *segundo a boa qualidade de sua terra, eles estavam bem obrando em estátuas.* Antes, afirmei que alguns interpretam isso como querendo dizer que eles fizeram boas estátuas, e

---

Calvino. Então, a tradução literal destas palavras, פרי ישׁוה לו, é "o fruto é igual a ela"; i.e., o fruto é condizente com a parreira, ou, "ela torna o fruto igual a si própria": e a essa acepção correspondem as palavras na Septuaginta, ὁ καρπος ευθηνων αυτης — "seu fruto é exuberante". A seguir, o que parece ser a tradução literal do versículo:

"Uma vinha, esvaziando-se, é Israel,
Ela torna o fruto igual a si mesma:
Segundo a abundância do fruto dele,
Ele tem abundado com relação a altares;
Segundo a bondade de sua terra,
Ele tem feito estátuas bem".

Ou, se cunhássemos uma palavra para corresponder com o original, as duas últimas linhas seriam assim vertidas:

"Segundo a boa qualidade da sua terra,
Ele tem bonzificado estátuas".

(N. do E. inglês.)

consideram "boas" como sendo elegantes. Contudo, repito a preposição ל "lâmede" antes de altares. Quando o Profeta disse que Israel multiplicava altares para si próprio, a leitura literal é que ele aumentou em número de altares, ou quanto a altares. Assim também, aqui é apropriado repetir que eles fizeram bem quanto às estátuas. Porém, uma concessão é feita no verbo היטיבו, ***hetivu;*** [76] pois é certo que eles pecaram gravemente; eles não teriam provocado a ira divina se não tivessem se avido impiamente nos altares e estátuas. Mas o Profeta fala ironicamente do culto pervertido de Deus, como quando dizemos, hoje, que os papistas são loucos em suas boas intenções: quando eu chamo boas intenções, concedo-lhes um caráter que não lhes pertence de direito. É, portanto, segundo o sentido deles que o Profeta fala aqui; porém, diz, por ironia, que fizeram o bem em estátuas; isto é, que eles pareciam a si mesmos como sendo os mais santos adoradores de Deus; pois faziam uma exibição de grande zelo. Foi, como dizem, devoção insana. Mas parecia ter ali algo mais do que dureza cega, visto como eles tão logo se esqueceram do desprazer do Senhor, do qual tinham sido lembrados por sinais especiais. Percebemos agora, então, o objetivo do Profeta, e qual é a aplicação da sua doutrina. Vamos em frente —

Oséias 10.2

2. O coração deles está dividido; agora, serão achados culpados: ele derribará seus altares, ele estragará suas imagens.	**2.** Divisum est (*vel*, se divisit) cor eorum: nunc convicti erunt (*alii*, peribunt; *nam* אשם *utrunque significat; refertur tam ad culpam quam ad poenam: sed mihi probatur eorum sententia qui vertunt,* Nunc convicti erunt, *hoc est*, Nunc erunt scelerati; *quemadmodum etiam simile examplum jam vidimus capite* 5, *nisi fallor:* Nunc *ergo* convicti erunt:) ipse evertet altaria eorum, destruet statuas ipsorum.

Ele diz, primeiramente, que *o coração deles estava separado,* isto é, separado de Deus; pois isto, conhecemos, é principalmente exigido, que o povo se apegue fielmente ao seu Deus. "E agora, Israel, o que teu Deus demanda de ti, senão que te apegues a ele com todo o coração?" Visto, então, que Deus nos liga a si por uma santa união, é o pináculo de toda maldade quando nosso coração está apartado dele, como o é quando uma esposa impudica e pérfida aliena seu afeto do marido. Pois, enquanto esse mantém o coração da sua esposa, por assim dizer, atado a si próprio, a fidelidade e a castidade conjugais continuam; porém, quando o seu coração separa-se dele, está tudo acabado, e ela entrega-se à lascívia. Assim também, o Profeta diz aqui que o coração do povo estava apartado de Deus; pois não se devotava a esse com uma afeição pura e sincera, como deviam ter feito. "Então, esse povo afasta de mim seu coração".

Contudo, ele diz: *Ora serão eles culpados;* isto é, eu agora mostrarei o que eles merecem, para que, doravante, não mais se divirtam com seus sofismas, como têm por costume fazer; pois o verbo אשם, ***'asham,*** não deve ser relacionado às ações, antes, como dizem, à manifestação dessas. Ele diz, pois, que eles ficarão culpados, pois serão sentenciados: como ser justificado significa ser absolvido, assim também, ser culpado quer dizer ser condenado. O sentido é que, como esse povo não podia perceber a ira divina enquanto a sua condição estivesse suave de se levar, Deus infligiria uma punição pavorosa tal que os convenceria, para que eles não mais se iludissem e se lisonjeassem. Eles, então, agora, serão condenados. Como? Pois o Senhor *deitará por terra os altares deles.* Isso pode ser alusivo ao ministério de vingança; mas, como nome algum é expresso,

[76] O ו final é ignorado em uma cópia, e a omissão é tolerada pela Septuaginta. (N. do E. inglês.)

prefiro entender que se quer dizer Deus. Deus, então, *derrubará os altares* e *destruirá,* ou reduzirá a nada, as estátuas deles.

Isso foi acrescentado porque os homens ímpios, sabemos, confiam em suas invenções, e não podem jamais ser trazidos ao temor sério, a não ser quando compreendem que foram iliçados pelas astúcias de Satanás enquanto se entregavam às superstições e idolatria. Daí o Profeta declarar que os altares deles seriam derribados, e as estátuas deles, reduzidas a coisa nenhuma, para que os hipócritas pusessem de lado a confiança com a qual, até aquele momento, se orgulhavam contra Deus. Mas uma confirmação dessa opinião se segue —

Oséias 10.3

3. Pois agora eles dirão: Não temos rei, porque não tememos ao SENHOR: o que, então, um rei nos faria?	**3.** Quia nunc dicent, Non rex nobis, quia non timuimus Jehovam, et rex quid faciet nobis?

Ele explica, com mais detalhes, aquilo a que brevemente fizera referência, quando disse que a condenação, a qual revelaria a impiedade deles, agora estava próxima. Ele ora acrescenta que até eles próprios diriam, de livre vontade, que eram merecidamente castigados, ao serem destituídos de rei; mais ainda, que um rei de nada lhes aproveitaria, pois que não temiam a Jeová. Há sempre um contraste a ser compreendido entre a perversa jactância do povo e o sentimento da ira divina, da qual o Profeta agora fala. Pois, enquanto Deus poupava os israelitas, esses abusavam da sua paciência e benevolência. Eles não achavam, então, que houvesse algo a ser repreendido em suas vidas; pelo contrário, sabemos quão petulantemente eles contendiam com os Profetas: tão logo uma palavra severa saísse da boca de algum Profeta, grandes discórdias se levantavam. "Quê! Ameaças tu assim o povo de Deus, a raça eleita de Abraão?" Visto, então, que eles tão obstinada e desdenhosamente repeliam toda instrução, o Profeta aqui diz: "Chegará o tempo em que eles dirão que não possuem rei nenhum, porque não temeram ao Senhor". O sentido é que, visto que não tiraram benefício da palavra do Senhor, uma outra espécie de ensinamento em breve deveria ser adotada; pois o Senhor demonstraria realmente a sua cólera e, ainda, força-los-ia a confessar, contrariados, o que eles ora desculpavam: pois tal confissão de pecado jamais teria sido manifestada, não tivesse o Senhor os tratado com severidade. Portanto, eles dirão — quando? Precisamente quando forem levados a uma outra escola; pois o Senhor, daqui em diante, não protestará em palavras, mas golpea-los-á com sua mão, para que entendam que têm que se avir com ele.

Mas deve ser observado que o Profeta não fala, aqui, do arrependimento do povo, nem relata as palavras desse, antes, menciona a coisa mesma. Os hipócritas, ou clamam contra Deus, quando visita os pecados deles, ou, fingidamente, reconhecem que são dignos de semelhantes punições, mas, dentro, a mesma perversidade permanece o tempo todo. Contudo, quando o Profeta apresenta-os assim falando, ele não quer dizer que eles dirão o que ele relata; mas, como eu já disse, ele antes fala da coisa mesma. Daí, *eles dirão,* ou seja, o próprio acontecimento declarará que eles estão despojados de um rei, pois não temeram a Jeová; sim, que, conquanto um rei os governasse, ele seria inútil. Então, ainda que os israelitas nunca houvessem cessado de clamar contra Deus, nem parassem de vomitar abertamente suas blasfêmias perante ele, todavia, isso que o Profeta diz ainda teria sido verdade. Como assim? Porque era bastante que eles estivessem, em realidade, condenados, mesmo que o Senhor não tivesse extorquido deles tal confissão; sim, eles mesmos eram levados a sentir que eram justamente castigados pela mão divina, por mais que, obstinadamente, negassem isso diante dos homens.

O Profeta revela aqui, também, que os homens profanos, enquanto alguma esperança sobre a terra estiver colocada perante eles, arrogantemente desprezarão a mão de Deus, ficando torpes em sua própria segurança, como também em suas escórias. Enquanto Israel via o seu rei em seu meio, julgava-se a salvo de qualquer malefício, ousadamente menosprezando a toda ameaça. Isso, então, é o que o Profeta quis dizer. Mais ainda, quando o Senhor retira todas as coisas que cegam os olhos dos homens profanos e ímpios, eles, então, começam a admitir o quão tolamente se ufanaram, e o quanto foram enganados por Satanás. Eis o que Oséias quer dizer quando fala que os israelitas serão constrangidos a saber que não têm rei algum, pois que não temeram a Deus: mas tal arrependimento seria tarde demais, pois não seria de proveito nenhum. Segue-se agora —

Oséias 10.4

4. Eles dizem palavras, jurando falsamente, ao celebrarem um pacto: assim, o julgamento floresce como cicuta nos sulcos dos campos.	**4.** Loquuti sunt verba, jurando mendaciter, incidendo foedus: germinabit tanquam absynthium super sulcos agri judicium.[77]

Eles falam palavras, eles proferem palavras. Alguns dão esta explanação, que eles, atrevidamente, seguiam seus próprios conselhos, visto como os desprezadores de Deus são afeitos a estabelecer e a determinar o que vem às suas mentes em conformidade com o próprio querer deles; pois não se dignam a inquirir de Deus o que é reto. Assim, aqueles tomam-na como sendo a significação; contudo, eu a considero diferentemente, isto é, que eles proferiam palavras, ou certificavam, muito à larga, que seriam os melhores e mais fiéis adoradores de Deus. Segue-se, então, *por jurarem falsamente.* Alguns relacionam isso com as alianças. Eu explico as palavras uma por uma; pois eu, de agora em diante, falarei do real sentido dado pelo Profeta.

Então, ele diz que *eles juraram falsamente,* ou seja, segundo alguns, porque havia neles muita leviandade e mutabilidade. E, realmente, confesso ser isso verdadeiro, que eles obtiveram para si punições dolorosas por seus perjúrios; mas o Profeta, antes, quer dizer aqueles que juraram falsamente ao Senhor. Segue-se, então, *por quebrarem um concerto*, ao celebrarem uma aliança. Aqui, outra vez, o Profeta, indubitavelmente, vitupera-os por renovarem o pacto deles com Deus de modo pérfido; pois se tratava de mera dissimulação. Porém, segue-se que o *juízo germinará como absinto.* Alguns vertem a palavra כראשׁ, ***karosh,*** como fel; mas a símile não é adequada, já que o Profeta fala aqui de campos, pois adiciona: *nos sulcos do campo;* isto é, o juízo germinará nos sulcos como absinto ou alguma outra planta amarga.

Desse modo descrevo, resumidamente, como alguns entendem esse versículo, a saber, que Israel era atrevido e insolente em seus conselhos, desenvoltamente determinando tudo o que o agradasse, como se não estivesse no poder de Deus mudar o que os homens resolvem realizar — e

---

[77] Há, aqui, um afastamento do arranjo usual; o texto está entrelaçado com a exposição, e não dado à parte. Mas, para preservar a uniformidade, o texto, aqui, é dado por si próprio, tomado do comentário. O versículo pode ser traduzido desta forma literal:

'Eles falam palavras, juramentos de falsidade,
Ao *fazerem um concerto:*
E o juízo brota como o absinto
nos sulcos do campo'.

Não obstante a doutrina de Calvino estar correta, todavia, sua exposição das últimas duas linhas parece rebuscada demais. Juízo, muitas vezes, significa a administração da justiça. Em vez de ser direito e para o bem geral, como deveria ter sido, ele era como erva daninha crescendo natural e abundantemente nos sulcos do campo. Como a palavra é literalmente 'cabeça', dá a impressão de designar joio ou uma erva mais genuína do solo, a *principal* erva, que, normalmente, cresce copiosamente. De modo que o juízo, ou a administração da justiça, não era como a boa semente espalhada em chão preparado, mas como a erva daninha, natural do solo, quando é, pela primeira vez, removida pelo arado. (N. do E. inglês.)

depois, que aquele se comprometeu em muitos convênios, que, sem fidelidade alguma, violou-os com essa e aquela nação, e que, finalmente, nada teve senão amargura. Eis a exposição deles: porém, antes, penso que a causa de Deus é aqui pleiteada pelo Profeta; ou seja, que os israelitas, quanto mais prometiam algum arrependimento, e dessem algum sinal disso, somente dissimulavam e mentiam a Deus. Por essa razão, ele diz que *eles falam palavras,* mas eram apenas palavras; pois nunca foram, de coração, tocados com qualquer sentimento quanto à ira divina, de modo a se odiarem por seus vícios. Eles, portanto, só proferiam palavras.

Em seguida, ele explicita a mesma falsidade, com outras palavras: *Eles juraram falsamente,* ele diz, e fizeram um pacto; o que significa que, ainda que eles dessem a impressão de desejar regressar a Deus, todavia, era fingimento falacioso; sim, um perjúrio. Quando eles desejaram provar a si próprios serem especialmente fiéis, então pecaram mais gravemente, ao renovarem o concerto.

Logo, o *julgamento germinará como absinto nos regos do campo.* O julgamento, aqui, deve ser entendido como retidão, como se o Profeta houvesse dito: "Quando eles exibem alguma aparência de religião, e dão uma cor às suas impiedades, parece, de fato, ser julgamento, parece haver alguma justiça; mas, finalmente, será absinto, e germinará nos sulcos do campo".

A mim, parece que os intérpretes não compreenderam o intento do Profeta. Pois por que ele diz "nos sulcos do campo", em vez de no campo? Precisamente por esta razão: porque há alguma preparação feita, quando o campo é lavrado para a boa semente crescer. Quando, portanto, ervas daninhas crescem nos sulcos da terra, é menos de se tolerar do que quando elas crescem nos lugares secos e desertos; pois isso é o que costuma acontecer, naturalmente. Porém, quando o absinto cresce no lugar do trigo nos regos, ou seja, em terras bem cultivadas, é uma coisa mais estranha e que deve ser menos tolerada. Entendemos, agora, o sentido dado pelo Profeta. Realmente, eles aparentavam estar tocados com algum sentimento de piedade, e prometiam muito, e eram mui liberais em boas obras; até juravam, e pareciam preparados para renovarem a aliança deles com Deus — mas o que era tudo isso? Era o mesmo que se um lavrador houvesse preparado o seu campo e ervas daninhas tivessem crescido onde ele despendera muito labor e fadiga. Tal era a retidão deles — uma forma disfarçada ou sombra de religião; nada mais era senão como absinto em uma terra bem cultivada.

ORAÇÃO

Conceda, Todo-Poderoso Deus, que, visto como tu nos instrui com tanta diligência e cuidado assíduo, e nos considera como caros e preciosos como uma vinha hereditária – Ó, outorgue que não produzamos uvas bravas, e que nosso fruto não seja amargo e desagradável a ti, mas que lutemos para moldar nossa vida inteira em obediência à tua lei, que todas as nossas ações e pensamentos sejam frutos agradáveis e doces para ti. E, como há sempre algum pecado misturado com nossas obras, mesmo quando desejamos te servir com sinceridade e de coração, permita que todas as manchas em nossas obras sejam limpas e lavadas pelo sacrifício de teu Filho, para que sejamos a ti sacrifícios de suave odor, mediante o mesmo, exatamente Cristo Jesus, a quem nos reconciliastes a ti, para que obtivéssemos perdão, precisamente das nossas obras. Amém.

VIGÉSIMA-SÉTIMA DISSERTAÇÃO

Oséias 10.5

5. Os habitantes de Samaria terão medo, por causa dos bezerros de Bete-Áven: pois o povo de lá pranteará sobre eles, bem como os seus sacerdotes, *que* neles se regozijavam pela sua glória, porque ela se apartou daqueles.

5. Propter vitulas[78] (juvencas) Bethaven pavebunt (*ad verbum)* incola Samaria (*sed mutatio est numeri,* pavebunt *igitur: alii vertunt,* exulabunt incolae Samariae, *sed male*:) quia lugebit super eum populus suus et sacerdotes ejus, qui super eum exultant (vel, propter eum exultabunt) super gloria ejus, quia transivit ab eo (*vel*, aversa est ab eo.)

Primeiramente, eu tratarei ligeira e brevemente do que mencionei, ao passar os olhos no texto; isto é, que alguns intérpretes explicam que esse versículo é sobre o exílio do povo. A palavra גור, ***gur*** significa ser degredado: e também quer dizer temer; mas o contexto, como veremos, não permite que seja entendido aqui no sentido de ser desterrado. Alguns vertem a outra palavra שכן, ***sachan,*** morar, mas estão equivocados. O Profeta quer dizer, simplesmente, que os habitantes de Samaria estavam ora se gloriando em seus bezerros (pois os bezerros, sabemos, estavam em Dã e Betel), mas que, em pouco tempo, o Senhor golpea-los-ia com terror, e a causa, veremos a seguir.

Chego agora ao real sentido dado pelo profeta. *Os moradores de Samaria,* diz ele, *temerão,* por causa dos bezerros de Bete-Áven. O Profeta ridiculariza a loucura do povo de Israel ao adorar bezerros, que julgava que toda a esperança de segurança estava abrangida neles. Como assim? "Eles são constrangidos", ele diz, "a chorar pelo exílio do seu bezerro; tão longe está ele de ter capacidade para trazer-lhes qualquer ajuda, que os cidadãos de Samaria debalde deploram o cativeiro dele". À guisa de desdém, ele chama os bezerros de novilhas. Ele poderia ter empregado o gênero masculino; mas o versículo inteiro alude brevemente à idiotice do povo de Israel, pois que esse era tão grosseiramente delirante em suas superstições e, ainda, de todo insensíveis. Então, os *habitantes de Samaria recearão* pelos bezerros de Bete-Áven, porque os idólatras, quando percebem algum perigo aos seus ídolos, tremem, e, alegremente, levam amparo; e esse mesmo medo denuncia a estupidez e doidice dos primeiros. Pois por que os deuses não se socorrem, em vez de contarem com o socorro dos mortais? Compreendemos, agora, o intuito do Profeta.

Porém, ele diz: *Eles lamentarão sobre ele.* O número é mudado aqui. Ele dissera, "devido às novilhas"; e, agora, ele expressa a espécie incluindo um relativo do gênero masculino ו, *vau* [79]. Ele, portanto, volta a *bezerros* e, em seguida, usa o número singular; pois havia apenas um em Bete-Áven, o outro estava em Dã. Mas já demonstramos por que o Profeta chamava-os novilhas.

Seu povo, ele diz, *pranteará por ele,* sim, *até os sacerdotes, também.* Alguns pensam que כמרים, ***kemerim,*** sacerdotes, eram denominados por esses termos por vestirem paramentos pretos ao celebrarem seus rituais; pois a palavra כמר, ***kemer,*** significa preto; mas isso é uma conjectura vã: e os Rabis, como freqüentemente se manifesta, são muito ousados em suas imaginações; pois não

---

[78] A palavra traduzida por "bezerros" está na forma de plural feminino: contudo, é, obviamente, um substantivo no singular, pois todos os pronomes do versículo, referentes a ela, estão no singular. É uma forma peculiar, indicativa de algo imenso ou grande: como בהמות, uma grande besta, no Salmo 73.22; e חכמות, sabedoria principal, em Provérbios 9.1. E assim o Bispo *Horsley* verte "grande bezerro". A Septuaginta tem "bezerro" — τω μοσχω. (N. do E. inglês.)

[79] Tal relativo é, ou masculino, ou neutro: os hebreus tinham somente dois gêneros, o masculino e o feminino; e o neutro é expresso pelo primeiro. (N. do E. inglês.)

consideram o que é verdadeiro, mas somente fazem conjecturas, desejando que tudo o que lhes vem à mente seja reputado como oracular; tampouco observam a história, mas, sem razão, promovem o que apraz a eles. Uma outra explicação da palavra pode ser aduzida, e uma que, em meu discernimento, é mais provável; pois a palavra também significa tilintar de novo ou ecoar; e os sacerdotes, conhecemos, faziam, no desempenho de seus serviços, grandes estardalhaços e bramidos, como diz Elias: 'Gritem alto, pois talvez vosso Baal esteja dormindo' (1.º Reis 18.27). Se a conjectura deles é admissível, eu antes diria que aqueles são denominados por tal palavra por causa da grita que faziam. Mas deixo a coisa sem decisão. Entretanto, era um nome geralmente em uso, como fica óbvio em outras partes. Pois por esse nome, כמרים, ***kemarim,*** eram chamados aqueles sacerdotes novos, a quem Josias destituiu, como relatado em 2.º Reis 23. Mas, se tinham eles esse nome vindo de suas barulheiras, ou da cor preta de seus paramentos, é certo, ainda, que eram eles os sacerdotes dos falsos deuses.

O Profeta agora diz que os sacerdotes também lamuriarão, pois o verbo אבל, ***aval*** deve ser repetido. Posteriormente, ele acrescenta: יגילו עליכבודו, ***yagilu 'al-kevodo;*** o relativo, quem, está faltando — quem exulta, mas deve ser entendido depois de כמרים, ***kemarim,*** quem exulta por isso. Mas por que eles chorariam? Eles chorariam pela glória disso, pois que isso partira: eles ora começarão a prantear, porque a glória do bezerro extinguira-se. Aqui, o Profeta ensina que o gloriar-se, pelo qual os hipócritas iludem a si próprios, não será permanente; pois o Senhor com certeza os guiará, como veremos, à súbita e inopinada vergonha. Depois, ele diz que haveria luto pelos bezerros, entre os cidadãos de Samaria. Eles deveras julgavam que o reino estava bem fortificado, pois tinham erigido templos em suas fronteiras para serem, no modo de dizer, as suas fortalezas. Por esse motivo, imaginavam-se a salvo de toda incursão inimiga. O Profeta diz: "Pelo contrário, eles se lamentarão por seu bezerro. Como assim? Verdadeiramente, o povo dele bezerro lamentará por esse". Ele vai mais além, e chama todos os adoradores desse de o povo do bezerro: e sabemos que o todo o reino de Israel estava comprometido em tal superstição. Sim, diz, até os sacerdotes, que exultam por ele, prantearão. Por quê? Porque a glória se apartará dele. Segue-se agora —

Oséias 10.6

6. Ele também será levado à Assíria *como* presente ao rei Jarebe: Efraim terá vergonha, e Israel ficará envergonhado de seu próprio conselho.	**6.** Etiam ipse in Assyriam feretur munus regi Jareb: puderem Ephraim accipiet, et pudefiet Israel a consilio suo.

O Profeta, aqui, enuncia com maior clareza a causa do luto dos sacerdotes e do povo todo: *O bezerro,* diz, *será conduzido à Assíria, e conduzido como um presente ao rei Jarebe.* É provável que, quando o perigo extremo veio, o rei de Israel foi constrangido, ou a fundir o bezerro em uma nova forma, ou a quebrá-lo em pedaços, para readquirir a paz do rei assírio. Como, então, o reino ficou reduzido a grande penúria, podemos inferir daqui que o bezerro ou vitelo foi transportado à Assíria para apaziguar o rei. Visto, pois, que os israelitas viram que estavam despojados de sua proteção (pois estavam ora sem qualquer esperança de segurança, visto que não havia Deus algum entre eles), o Profeta mencionou acima a tristeza deles: mas, agora, ele revela que o desterro estava mui próximo, não só aos israelitas, mas ainda aos bezerros que eles cultuavam e por cujo auxílio eles se achavam estar seguros e garantidos em seu país.

Há uma ênfase especial na partícula גם, ***gam,*** como se o Profeta dissesse: "Não somente os israelitas migrarão, mas o próprio bezerro também será carregado para a Assíria". Da palavra "Jarebe" já falamos no quinto capítulo: parece ter sido o nome próprio de um homem. Alguns conjecturam ser isso uma cidade na Assíria, apesar de não reconhecido pelos escritores. Outros, sem

razão, pensam ser o nome de um rei vizinho aos assírios, mas são refutados por essa própria passagem; pois o Profeta, indubitavelmente, aponta aqui para o rei assírio. Ele, todavia, chama-o de Jarebe; pode ser que esse fosse, até agora, um homem em particular, ou ele pode tê-lo chamado assim à maneira de insulto. Isso é, contudo, incerto. Jerônimo verte a palavra como "vingador". Mas é suficientemente patente que era um nome próprio, não de uma cidade ou lugar, mas, como foi dito, de um homem. E estou disposto a achar que ele o denomina rei Jarebe à guisa de desprezo, pois tal desprezo estava em voga entre os israelitas, conquanto se julgavam fortes o bastante para resistirem. Porém, o Senhor, em seguida, confronta tal orgulho: daí o Profeta agora dizer, de uma forma incisiva, que "o bezerro será conduzido à Assíria para aplacar o rei Jarebe".

Depois, ele adiciona: *Efraim receberá vexame,* ou opróbrio; *Israel ficará envergonhado de seu conselho.* Ele diz a mesma coisa de maneiras distintas, não sem motivo; pois era difícil, em princípio, persuadir os israelitas de que o que eles imaginavam ter sido sabiamente excogitado resultaria em vergonha para eles. O rei Jeroboão I, quando edificou templos, julgava-o, de fato, o melhor expediente para impedir o povo, caso esse se arrependesse, de submeter-se, outra vez, à posteridade de Davi. Sendo assim, ele pensava que as dez tribos estavam totalmente dilaceradas quando estabeleceu o culto próprio, que nada tinha em comum com aquele da tribo de Judá. E, sem dúvida, tivessem as dez tribos adorado ao verdadeiro Deus em Jerusalém, essa união poderia ter sido o meio de reuni-las novamente em um corpo debaixo de uma cabeça. Por isso, o rei Jeroboão julgava que bem provera para o seu reino, para fazê-lo permanente, ao cortar toda comunicação entre os dois povos: e não havia ninguém em Israel que não aprovasse tal conselho; pois eles se deleitavam em suas posses, no número de seus homens e em outras vantagens. Visto, então, que o reino de Judá era muito inferior, os israelitas estavam grandemente contentes consigo próprios. Eis a razão por que o Profeta diz: *Efraim receberá vergonha; Israel ficará envergonhado de seu conselho.* Mas isso, como eu disse, não podia parecer crível no início. Pois os homens prometem para si mesmos o sucesso que desejam em sua própria argúcia: e, desse modo, ocorria também que ousassem tentar qualquer coisa que lhes agradassem sem a assistência divina. Esse é o porquê de o Profeta repetir a mesma frase, "Efraim", diz ele, "receberá vergonha; Israel ficará vexado" — pelo quê? Pelo conselho dele próprio. Pensavam que seu conselho ser-lhes-ia utilíssimo; sim, punham sua segurança em sua própria astúcia. Mas o Senhor anulará, para vergonha deles, tudo o que projetaram. Segue-se —

Oséias 10.7

7. *Quanto à* Samaria, seu rei será extirpado como a espuma sobre a água.

7. Succisus est Samariae rex suus, sicuti spuma in superficie aquarum (*alii* קצץ *volunt* corsdticem: *sed nomen spumae multo aptius est.*[80])

O Profeta prossegue com o mesmo assunto, o que não deve ser esse considerado prolixidade inútil. Certamente, teria bastado uma palavra para intimidar os israelitas, houvessem eles sido flexíveis e obedientes; mas, como eram estúpidos em sua perversidade, era preciso chocar os ouvidos deles com ameaça contínua, para que eles, no mínimo, ficassem menos desculpáveis diante de Deus. Em vista disso, o Profeta ora diz que *o rei de Samaria será cortado como a espuma:* e ele assim fala do rei, pois que os israelitas achavam que seu rei, junto com os ídolos deles, ser-lhes-iam uma fortaleza inconquistável. Portanto, os homens ímpios, como foi supramencionado, sempre

80

Samaria está destruída,
Seu rei é como escuma sobre as águas.
Isso é, evidentemente, a correta tradução, e essa tradução é a que o Bispo *Horsley* adota. (N. do E. inglês.)

imaginam estar seu bastião no mundo e nas coisas terrenas. Por isso, o Senhor anuncia uma justa punição, ao dizer que ele cortaria o rei; pois a ímpia confiança, da qual tenho falado, não podia ser corrigida de outra forma. Logo, "o rei de Samaria será cortado" — de que maneira? *Como uma escuma.* É uma comparação a mais apta; pois o Profeta indica que a condição do reino, o qual imaginavam eles ser firme e perpétuo, coisa alguma tinha em si senão uma aparência vazia, como a espuma, que nada possui de substancial. E mais, a mim, ele parece denotar uma outra coisa, isto é, que o reino, mesmo que se mostrasse estar acima de outros reinos, todavia, era apenas excremento. A escuma flutua sobre as águas do mar, e, por sua altura, dá a impressão de ser eminente; mas o que é ela, senão o excremento da água? Pois tudo o que está apodrecido nas águas vira escuma. Assim, Israel pensava que, visto como estava dotado de poder e, de todas as maneiras, superava a tribo de Judá, podia cavalgar, por assim dizer, sobre a cabeça dessa. O Profeta, pelo contrário, diz que ele Israel era espuma, e também o seu rei. "Vosso rei", ele diz, "conquanto o rei de Judá não possa lhe ser comparado, todavia, é uma espuma. Pela grandeza dele, parece, de fato, maravilhoso, e daí procede a vossa soberba, pois estais agora endurecidos contra Deus; porém, o Senhor corta-lo-á como uma espuma". Então, o Profeta não somente compara o rei de Israel a uma bolha ou a águas espumantes; mas diz que, no que diz respeito ao rei de Judá, é esse um excremento. Entendemos agora, então, o sentido dado pelo Profeta.

Oséias 10.8

8. Também os lugares altos de Áven, o pecado de Israel, serão destruídos: o espinho e o cardo subirão nos seus altares; e dirão eles às montanhas: Cobri-nos; e às colinas: Caí sobre nós!

8. Et perierunt (*vel,* peribunt excelsa Aven, scelus Israel: spina et carduus ascendet super altaria eorum: et dicent montibus, Operite nos; et collibus, Cadite super nos.

Vemos, agora, o quanto o Profeta se detém sobre uma coisa: contudo, como eu já disse, havia necessidade de um martelo forte para malhar esse ferro; pois os corações do povo eram ferro, ou mesmo aço. Tal dureza não podia ser, então, quebrada, a não ser com violência. Essa é a razão pela qual o Profeta continua com sua ameaça, colocando diante dos olhos deles, de tantas formas, a vingança divina; da qual teria sido suficiente lembrá-los rapidamente, não tivessem sido tão perversos.

E, primeiramente, ele diz: *Os lugares altos de Áven pereceram,* ou perecerão. Ele ora chama Betel de Áven, como a chamou antes de Bete-Áven. Afirmamos a razão para a alteração do nome. Realmente, Jeroboão poderia haver disfarçado o culto que profanamente introduzira com este pretexto, que Deus aparecera naquele lugar ao santo Jacó, e sabemos que o nome do local lhe foi dado por Deus: mas, entrementes, como o povo fizera um uso indevido do exemplo do Patriarca, o lugar foi denominado Bete-Áven. Bete-Áven, conhecemos, é a casa da iniqüidade; como se o Profeta tivesse dito: "Deus não mora em tal lugar, como os supersticiosos imaginam; mas esse tem sido corrompido pelos adoradores ímpios". Por conseguinte, ele diz: Os lugares altos de Áven; ou seja, de impiedade. Mas pode ser oportuno repetir aqui o que dissemos antes, a saber, que, quando os homens se degeneram do puro ensino de Deus, debalde cobrem suas profanações com nomes inúteis, como vemos os papistas fazendo hoje em dia; pois adornam aquela profanação, a Missa, com o título de Sacramento, como se estivesse associada a esse. Querem até que sua Missa seja considerada como a Santa Ceia, como se estivesse no poder deles abolir o que foi prescrito pelo Filho de Deus e, no lugar, substituir aquela por suas próprias invenções. Daí, por mais que os papistas dignifiquem suas profanações com nomes honrosos, são elas de nenhum efeito. Como assim? Por que Deus, de modo altissonante, proclama, com relação a Betel, que ela é Bete-Áven; e a razão é bem conhecida, porque Jeroboão construiu templos e ordenou novos sacrifícios, sem a ordem de Deus. Então, sempre que os homens se apartam da palavra do Senhor, de nada lhes

aproveitará disfarçar seus devaneios; pois o Senhor nada sanciona que não seja o que ele mesmo impõe. Conseqüentemente, os lugares altos de Áven têm perecido, ou "perecerão".

Ele acrescenta *o pecado de Israel.* Tal frase, colocada em aposição, pertence à anterior. O que se quis dizer é: O pecado de Israel perecerá. Mas, como eu disse ontem, os israelitas julgavam que realizavam um serviço aceitável a Deus; e foi por isso que eles eram tão diligentemente atentos aos seus rituais sagrados; mas Deus, ao contrário, declarava serem esses pecado. Como assim? Porque é profanação e idolatria dos homens pararem de seguir o mandamento de Deus e darem preferência aos próprios caprichos e invenções. Então, temos que entender que não está no poder dos homens formar quaisquer modos de culto que lhes agradem; nem está no poder deles decidir sobre este ou aquele culto, se é legítimo ou espúrio; mas nada nos resta senão atentar ao que o Senhor diz. Logo, quando o Senhor declara ser profano o que nos apetece, devemos anuir ao julgamento dele; pois não nos convém disputar com ele, e vão seria agir assim.

O espinheiro e o cardo, ele diz, *subirão nos altares deles.* Pode-se perguntar: O Profeta, por tais símbolos, deve simplesmente ter reprovado a superstição do povo; mas não sucedeu a mesma coisa ao templo pouco tempo depois, ainda que não edificado pelo conselho dos homens, mas pelo de de Deus? Então, já que a relva cresceu onde estava o templo, não estava aquele culto, o qual sabemos que foi fundado por Deus, exposto ao ridículo? Portanto, a mesma coisa pode ser dita dos bezerros. Admitimos que os bezerros foram transportados para a Assíria, como preço dos desventurados israelitas para amansarem o rei, que estava irado com eles. Não foi a arca da aliança também levada cativa pelos inimigos? Nabucodonosor não levou embora os vasos do templo? E o piedoso Ezequias não foi constrangido a despojar as portas do templo de seus ornamentos? Então, parece que não foi do modo justo que o Profeta falou disso. A resposta a tudo isso pode ser dada prontamente: Os israelitas prometeram a si próprios o que eles viam e, mais tarde, descobriram ser debalde, como é o caso com os hipócritas, que, confiantemente, menoscabam de todos os julgamentos e de todos os castigos. Como assim? Porque pensavam que seu culto deturpado fosse suficiente para a segurança deles; embora fossem, em suas vidas, de todo abomináveis, todavia, como alguma forma de religião era por eles observada, imaginavam que Deus estivesse obrigado a ser com eles: tal era a tamanha e culpável indiferença daquele povo quanto à própria segurança. Muito diferente foi o caso da tribo de Judá. Pois Deus, por seus Profetas, proclamava em alta voz: "Não confieis em palavras de falsidade; pois vós jactais continuamente, o templo do Senhor, o templo do Senhor (Jeremias 7.4), mas não mais residirei eu nesse templo": e Ezequiel viu a glória do Senhor partindo para outro lugar (Ez 10.4). O que é dito aqui, então, não podia se aplicar ao templo, nem ao verdadeiro e legítimo altar, tampouco aos verdadeiros adoradores de Deus; porém, o Profeta, com justeza, exprobra os israelitas por esperarem segurança de seus altares, embora estivessem provocando a ira divina contra si mesmos por semelhantes invenções. Devemos, então, lembrar-nos dessa distinção entre a tribo de Judá e as dez tribos.

Porém, ele adiciona: *Eles dirão aos montes: Cobri-nos, e aos morros: Caí sobre nós.* Por meio dessa forma de falar, o Profeta tencionava expressar a horrível vingança de Deus; como se houvesse dito que a destruição, que estava próxima, seria tão dolorosa que melhor seria perecer cem vezes do que permanecer vivo naquele estado. Pois, quando os homens dizem aos montes, caí sobre nós, e às montanhas, cobri-nos, indubitavelmente, desejam um morte terrível demais para dela se falar; mas é como se o Profeta tivesse dito que a vida, a luz, a vista do sol e o ar ordinário virariam um horror para eles, pois perceberiam que a mão de Deus estava contra eles. Além disso, é um sinal de extremo desespero quando os homens, desejosamente, buscam o abismo, onde possam se afundar, para evitar a presença de Deus e a destruição presente. E é por esse motivo que Cristo, em sua exposição, também transferiu essa passagem ao juízo final, do qual ele fala: 'Eles dirão às montanhas, cobri-nos; e aos outeiros, caí sobre nós'; ou seja, o que outrora foi dito pelo Profeta será, então, novamente cumprido; que os ímpios preferirão cem mortes a uma vida; pois tanto a luz

quanto o ar vital serão odiados e detestados por eles; porquanto sentirão a si mesmos como sendo oprimidos pela tremenda mão de Deus. Segue-se —

Oséias 10.9

9. Ó Israel, tu pecaste desde os dias de Gibeá: ali eles permaneceram: a batalha em Gibeá contra os filhos da iniqüidade não os apanhou.	**9.** A diebus Gabaa peccasti Israel: illic steterunt; non apprehendit eos in Gibea proelium super filios iniquitatis.

Aqui, ele repreende Israel por ter estado há muito tempo endurecido em seus pecados, e não por ter se corrompido recentemente. Eis a essência. Ele havia dito, no último capítulo, que Israel se aprofundara em seus pecados, como nos dias de Gibeá; então, explanamos por que o Profeta citou o exemplo de Gibeá, e era porque os gibeonitas abandonaram todo temor de Deus, como se jamais uma palavra acerca da lei houvesse sido ouvida entre eles. Sabemos, realmente, que eles se entregaram às concupiscências imundas e monstruosas, como os habitantes de Sodoma e Gomorra. Visto, então, que tão grande obscenidade predominasse aberta e impunemente em Gibeá, foi, de fato, com acerto que o Profeta disse que os israelitas estavam, então, perdidos e sem esperança, como era o caso, naquele tempo. Mas, agora, ele mira uma outra coisa, precisamente esta — que, desde aquela época, eles não haviam cessado de acumular males sobre males e, dessa maneira, fiarem, por assim dizer, uma corda de iniqüidade contínua, como é dito em outra parte — *Desde os dias de Gibeá,* então, *tens tu, Israel, pecado.*

Mas isso parece ser uma acusação injusta; pois sabemos que o povo inteiro uniu-se juntamente contra a tribo de Benjamin. Visto pois que os israelitas retaliaram aquela maldade que foi cometida na cidade de Gibeá, por que o Profeta traz contra eles o crime do qual haviam sido eles os vingadores? Sabemos que amiúde ocorre que aqueles que executam a vingança de Deus, não são, em nenhum sentido, melhores; e tivemos um notável exemplo disso, no começo, em Jeú; pois fora ele ministro de Deus na punição das superstições; todavia, Deus o chama de ladrão, e compara a vingança que ele obrou a assalto: 'Eu vingarei', diz, 'sobre a cabeça de Jeú, o sangue da casa de Acabe, que ele derramou'. E conhecemos que ele estava armado com a espada de Deus. Isso é, de fato, verdadeiro; porém, ele não agiu com um coração sincero e reto, pois, posteriormente, seguiu o mesmo exemplo. Assim, agora o Profeta diz que os israelitas tinham pecado, precisamente, desde aquele tempo; como se dissesse: "O Senhor, pela mão de vossos pais, tomou vingança sobre os gibeonitas e sobre toda a tribo de Benjamin: mas os primeiros eram inteiramente semelhantes aos segundos. Tal corrupção, desde aquela época, imergia, como um dilúvio, toda a terra de Israel. Não há, então, razão para vós gabardes de que tendes sido melhor, visto como, em seguida, transpareceu completamente o que sois, pois imitastes os gibeonitas". Entendemos agora, então, o desígnio do Profeta, e quão justamente ele traz essa acusação contra os israelitas, que haviam pecado desde os dias de Gibeá. Eles, certamente, julgavam que aquele crime estivesse limitado a uma pequena região remota da terra; porém, o Profeta diz que a terra inteira foi coberta com ele, e que eles todos se expuseram ao julgamento divino, e mereciam a mesma punição dos gibeonitas e de seus irmãos, a tribo toda de Benjamin. 'Tu, Israel, tens, então, pecado desde os dias de Gibeá': os israelitas diziam que só os benjamitas pecaram; mas aquele pecado, diz ele, era comum.

Lá eles se mantiveram. Essa oração é explicada de diversas formas. Alguns pensam que o povo é censurado por desejar retirar-se após haver duas vezes pelejado sem êxito. Por conseguinte, vemos que a mente desse era fraca e covarde, visto que tão cedo sucumbiu à prova. Portanto, julgam eles que essa falta de confiança é salientada pelo Profeta: 'Ali eles permaneceram', diz, isto é, retiraram-se da batalha; pois, como não foram bem sucedidos, como queriam, achavam que tinham sido enganados. Daí, conclui-se que eles não atribuíram sua justa honra a Deus, e eram, por causa disso, repreensíveis. Mas dizem outros que Deus havia, então, certificado, por uma prova

clara, que os israelitas tinham culpa igual à dos gibeonitas; pois como aconteceu, dizem eles, que, quando ocupados no combate, foram compelidos a se retirarem duas vezes? Todo o Israel estava armado contra uma tribo; como então foi que eles não venceram imediatamente? Mas os benjamitas, conhecemos, não foram, afinal, conquistados sem uma grande perda. É certo, então, que Deus mostrou, nitidamente, que os israelitas eram indignos de um tão honroso mister; pois eles desejavam executar o juízo de Deus quando eles mesmos eram igualmente perversos. O Senhor, pois, abertamente os lembrava de que não lhes cabia voltarem o zelo contra outros, quando eles próprios não eram menos culpáveis. A outros, parece que a obstinação deles é aqui assinalada: 'Lá eles permaneceram'; isto é, desde aquele tempo eles têm sido perversos em sua impiedade, e 'a batalha contra os filhos da iniqüidade não os agarrou'. Essa terceira interpretação, sobretudo, é a que eu aprovo; ou seja, que os israelitas, quando se tornaram ímpios e imorais, conquanto professassem grande zelo e ardor contra a tribo de Benjamin, todavia, desde aquele período, não cessou de se conduzir perversamente contra Deus, de modo que, finalmente, eles chegaram ao mais elevado grau de impiedade.

Mas o que segue — *a batalha em Gibeá contra os filhos da iniqüidade não se apoderou deles,* também pode ser explicada de várias maneiras. Dizem alguns que os israelitas não deveriam ter se defendido com este escudo, que Deus punira tão severamente os gibeonitas e seus parentes afins. "O Senhor vos poupou há muito tempo, mas e daí? Ele deferiu sua vingança por um longo período; mas ele, devido a isso, tratar-vos á com mais brandura? Pelo contrário, uma vingança mais pesada vos aguarda; pois desde aquela época ele não arrancou de vós arrependimento". Contudo, outros lêem a frase como uma questão: "A batalha de Gibeá contra os filhos da iniqüidade vos agarrou?" Mas o sentido simples das palavras parece ser este, que o combate não segurou os israelitas porque eles não foram, então, tocados por aquele exemplo. Os juízos de Deus, sabemos, são apresentados perante nossos olhos para que cada um de nós aplique-os para nosso próprio benefício. O Profeta, agora, objurga a negligência dos israelitas nessa matéria, pois que eles desconsideraram o evento como uma coisa de nenhuma importância. Portanto, a batalha não se apoderou deles; isto é, eles não perceberam que foram avisados, à custa de outros, a se arrependerem e, depois, viverem uma vida mais santa e pura, em sujeição a Deus. E esse ponto de vista é confirmado pela última oração, *contra os filhos da iniqüidade;* pois por que é isso explicitamente adicionado pelo Profeta, se o Senhor não atestasse que eles não deviam ficar impunes, que eram como os gibeonitas, com os quais ele lidara tão rígida e severamente? Visto pois que os israelitas não tinham sido tocados, sua estupidez, por isso, ficava provada. E, pela mesma razão, Paulo diz que a ira divina virá sobre os filhos da desobediência, ou da incredulidade (Efésios 5.6): pois, quando Deus toma vingança sobre um povo ou sobre um homem, ele, sem dúvida, revela-se, nesse julgamento particular, ser o juiz do mundo. Isso, parece-me, é o que o Profeta genuinamente quis dizer.

Outrossim, devemos ter em mente que, quando os homens continuam em sua imoralidade, todos os pecados que seus pais hajam feito serão, com justiça, imputados a eles. Quando regressamos ao caminho reto, o Senhor, sem demora, enterra todos os nossos pecados, e nos reconcilia para si nesta condição, que perdoará todo e qualquer delito que haja em nós: ainda que, ao longo de nossas vidas, tenhamos provocado sua ira contra nós, ele, todavia, como dissemos, enterrará tudo sem demora. Contudo, caso não nos arrependamos, o Senhor se lembrará, não apenas de nossos pecados, mas também daqueles de nossos pais, como fica óbvio pelo que é dito aqui pelo Profeta.

ORAÇÃO

Conceda, Todo-Poderoso Deus, que, visto haveres tu antigamente se revelado na pessoa de teu Filho unigênito, e nele tornado tua glória visível a nós, e como tu diariamente nos apresenta, de fato, o mesmo Cristo no espelho de teu evangelho — Ó, permita que nós, fixando nele nossos olhos, não nos desviemos, nem sejamos levados aqui e acolá após invenções ímpias, as falácias de Satanás e as fascinações deste mundo: porém, que continuemos firmes na obediência da fé e nela perseveremos por todo o curso de nossa vida, até sermos, no fim, plenamente transformados na imagem de tua glória eterna, a qual agora brilha em nós, parcialmente, mediante o mesmo Cristo, nosso Senhor. Amém.

VIGÉSIMA-OITAVA DISSERTAÇÃO

Oséias 10.10

10. *Está* em meu desejo castigá-los; e os povos serão ajuntados contra eles, quando se amarrarem em seus dois sulcos[81].

10. In voto meo est, et castigabo eos, et congregabuntur contra eos populi, ubi colligati fuerint (*vel*, se colligaverint) in duobus sulcis suis (*alii vertunt,* in duobus iniquitatibus suis, *quasi nomen esset ab* עון.)

Quando Deus diz que deseja castigar o povo, ele dá a conhecer que esse era o seu propósito, como quando alguém anela grandemente por alguma coisa; e seria uma modificação tolerável na frase, fosse a copulativa omitida, e traduzido assim: *Está em meu desejo castigá-los.* Mas afastar-se das palavras não me parece necessário; portanto, tomo-as separadamente, tal como se acham, neste sentido — que Deus prosseguiria em seu desejo de castigar o povo. A frase, verdadeiramente, aparenta ser incompatível com muitas outras, nas quais Deus declara seu pesar, quando constrangido a tratar severamente com seu povo, mas as duas declarações não contraditórias. As paixões, nós sabemos, não pertencem a Deus; mas, condescendendo às faculdades dos homens, ele adota esse ou aquele personagem. Quando parece estar relutante para aplicar a pena, ele prova com quão grande amor ele estima seu povo, ou com que amável e terno tipo de afeto o ama. Entretanto, como ele têm que lidar com homens perversos e irrecuperáveis, diz que terá prazer na destruição deles; e também, por esta razão, é dito que Deus tomará vingança. Entendemos, agora, o sentido dado pelo Profeta: ele sugere que o intuito que Deus concebera, de destruir o povo de Israel, não podia ser ora revogado; pois tal punição seria para ele seu maior deleite.

Além disso, ele diz: *Eu castiga-los-ei, e congregados serão os povos contra eles.* Por tais palavras, Deus revela que todos os povos estão na mão dele, que pode armá-los sempre que lhe agradar; e essa verdade é ensinada em todas as partes nas Escrituras. Deus, então, mantém todos os povos sob seu comando, para, por um assobio ou um meneio, sempre que lhe apetecer, incitá-los à guerra. Dessarte, como Israel, impensadamente, ria do juízo de Deus, ele agora indica quão eficaz será a desforra dele, pois reunirá todo o povo para a destruição.

E, para o mesmo fim, ele acrescenta: *Quando eles tiverem se atado em dois sulcos.* Por essa oração, o Profeta avisa aos israelitas que nada lhes seria de proveito, mesmo que eles se fortificassem contra todo perigo, mesmo que ajuntassem força de todos os lados; pois todos os esforços deles não impediriam Deus de executar sua vingança. Quando, conseqüentemente, eles forem amarrados em seus dois sulcos, não será por conta disso que pararei de reunir o povo que dissipará todas as fortalezas deles. Entendemos agora o desígnio do Profeta. Ele, indubitavelmente, menciona dois sulcos, com referência à lavoura; pois veremos que o Profeta se detém nessa metáfora. Então, por mais que os israelitas se juntassem e reunissem vigor, todavia, seria fácil para Deus ajuntar povo para destruí-los.

---

[81] A palavra aqui vertida por "sulcos" não é encontrada em nenhum outro lugar. Só os pontos massoréticos estabeleceram para ele tal sentido. O texto hebraico tem עינתם, seu manancial ou fonte; e Keri, a leitura marginal, e doze MSS., têm עונותם, seus pecados ou iniqüidades. A segunda leitura é aprovada pela Septuaginta, pela versão siríaca e pela Vulgata. Então, a tradução certa seria "quando eles estiverem amarrados às suas duas iniqüidades", isto é, as duas alianças com a Assíria e o Egito, ou os dois bezerros, um em Dã, o outro em Betel.

"Quando eles são castigados por suas duas iniqüidades". — Newcome.

(N. do E. inglês.)

Alguns relacionam essa frase com o grêmio inteiro do povo; pois acham que o trato entre o reino de Judá e o de Israel é aqui destacado: porém, isso é uma mera conjectura, pois a história não dá nenhum suporte. Outros fazem outro comentário, que o Senhor puni-los-ia a todos simultaneamente, visto que Judá ajuntara-se ao povo de Israel no culto aos bezerros: assim, pensam que a superstição comum fosse o vínculo da aliança entre os dois reinos. Há outros que imaginam que o Profeta aluda aos dois bezerros, um dos quais, como é bem conhecido, era adorado em Dã, e o outro em Betel. Mas todas essas interpretações são rebuscadas e forçadas demais. O Profeta, não tenho dúvidas, não menciona aqui, simplesmente, os dois sulcos, porque o povo (como os homens ateus estão habituados a fazer), confiando em seu próprio poder, atrevida e altivamente, desprezava toda ameaça. Ele diz: "Por mais que eles se reúnam em dois sulcos, todavia, por seu orgulho, nada conseguirão para me impedir de executar minha vingança". Prossigamos —

Oséias 10.11

11. E Efraim *é como* uma novilha *que é* instruída, *e* deleita-se em pisar *o trigo;* mas eu passei sobre o seu belo pescoço: eu farei Efraim andar; Judá lavrará, *e* Jacó quebrará seus torrões.	**11.** Ephraim juvenca est edocta ad diligendum triturам[82]; et ego transivi super pulchritudine colli ejus; equitare faciam Ephraim, arabit Judah, occabit sibi Jacob.

Alguns lêem as duas palavras, "instruída" e "deleita-se", em separado, מלמדה, ***melumadah*** e אהבתי, ***'ohavti;*** pois pensam que, no começo do versículo, é transmitida uma censura, como se o Profeta tivesse dito que Efraim era totalmente não educável: ainda que Deus houvesse, desde a infância, criado a ele debaixo da sua disciplina, todavia, ora demonstrava tão grande teimosia que não cessava mesmo de se rebelar contra Deus, e continuava em sua imoralidade, de modo obstinado. *Efraim,* então, *é semelhante a uma bezerra adestrada.* Porém, tal sentido parece demasiadamente improvável: por isso, ligo o todo juntamente em um só contexto, e sigo o que é mais preconizado, que *Efraim é uma novilha treinada para amar,* ou, que ela pode amar, *a debulha;* ou seja, Efraim está habituada a amar o debulhar.

Há, aqui, uma comparação implícita entre arar e trilhar. Há mais trabalho e labuta, sabemos nós, em arar do que em trilhar; pois os dois bois são ajuntados e, então, compelidos a obedecer, e em vão se arrastam aqui e ali, quando reunidos. Porém, quando os bois trilham, estão soltos, e o labor é menos difícil e pesado. O Profeta, então, quer dizer isto — que Efraim fingia alguma obediência, todavia, não tomava o jugo, de modo a realmente ficar, em tudo, submisso a Deus. Outras nações não entendiam o que era obedecer a Deus; mas havia alguma aparência de religião em Israel; eles, de fato, professavam cultuar ao Deus de Israel, tinham templos entre eles; mas o Senhor mofa dessa hipocrisia, dizendo: *Efraim é como uma novilha,* que não submete o seu pescoço à canga, mas somente quer, por divertimento, passar pela eira e pisar o trigo, como os hipócritas têm por costume fazer; pois não repudiam inteiramente toda verdade, mas recebem-na em parte; todavia, quando o Senhor os aperta demasiadamente, eles, então, resistem ferozmente, demonstrando que desejam agir conforme a própria vontade deles. Quase todo o mundo exibe, certamente, alguma aparência de obediência, não sei qual; mas eles desejam entrar em acordo com Deus, para que esse não exija, então, mais do que o prazer deles pode permitir. Quando alguém é escravo de muitos vícios, deseja que uma liberdade para esses lhe seja concedida; nas outras coisas, ele renderá obediência. Compreendemos, agora, o que o Profeta quis dizer, e percebemos o que ele tinha em vista. Ele, pois, zomba do serviço hipócrita que os israelitas prestavam a Deus; pois

---

[82] Com certeza, essa é uma tradução mais literal que a da nossa versão [i.e, a *King James* — Trad.], embora não seja de todo assim. As duas primeiras linhas, palavra por palavra, podem ser vertidas desta maneira:

"E Efraim é uma vitela treinada.
Amando conculcar o trigo".

(N. do E. inglês.)

estavam eles, ao mesmo tempo, sem vontade de suportar o jugo, e eram indomáveis. À debulha, eles não ficavam contrariados de vir; pois, quando Deus mandava algo que era fácil, eles, ou realizavam com disposição, ou, pelo menos, desempenhavam seu dever de alguma maneira naquele particular; porém, eles não queriam se habituar a lavrar.

Já que era assim, *eu passei,* diz ele, *sobre seu lindo pescoço.* Deus revela por que ele severamente ameaçava Efraim; pois esse foi feito para se submeter, porque era tão obstinado. 'Eu passei sobre a virtude do pescoço dela'; isto é: "Quando eu vi que ela possuía um pescoço gordo, e que recusava a canga, testei, pelas aflições, se tal obstinação podia ser subjugada". Alguns reportam isso ao ensinamento da lei, dizendo que Deus passara sobre o belo pescoço de Israel porque havia entregado sua lei a toda a posteridade de Abraão em comum. Mas isso é estranho ao contexto. Portanto, não tenho dúvida de que o pensamento do Profeta fosse este — que Deus declara aqui que não era sem razão que ele fora tão severo em tentar domar Israel, pois via que, de outro modo, esse não podia ser trazido à obediência. "Visto, então, que Efraim apenas sente prazer no pisar, eu quis corrigir essa ilusão, e não devia tê-lo poupado. Se ele houvesse sido um boi cansado, ou um velho alquebrado e mirrado, sem energia, teria de ter havido por ele alguma consideração: contudo, como Israel tinha um pescoço grosso e gordo, como era forte o bastante para agüentar a canga, e como ele, todavia, amava seus prazeres e rejeitava o jugo, era preciso que fosse domado pelas aflições. Por isso, *eu passei sobre a graça,* ou a beleza, *do pescoço* de Efraim".

Porém, como Deus nada conseguiu ao castigar Israel suavemente, ele ora acrescenta: *Eu fa-lo-ei andar.* Alguns vertem-no, "eu andarei": porém, como o verbo está em *Hiphel* (o modo causativo), é necessário explicá-lo deste modo, que Deus fará Israel andar. Contudo, o que isso significa? Aqueles que traduzem-no, "eu andarei", viram que se afastaram do que a gramática exige; mas a necessidade obrigou-os a essa interpretação forçada. Outros querem manter על, ***al,*** sobre, compreendido: "Eu farei andar sobre Efraim", e inserem uma outra palavra: "Eu farei as nações andarem sobre Efraim". Mas a frase concordará melhor com o contexto se não fizermos modificação alguma nas palavras do Profeta. Mais que isso, aqueles que aduzem as anotações que tenho mencionado destroem a elegância da expressão e deturpam a significação. Assim, então, Deus fala: "Visto Efraim amar o pisar, e as penas moderadas, pelas quais eu pretendi subjugá-lo, de nada serviram, eu, doravante, tratarei com ele de outro jeito: *eu fa-lo-ei"*, ele diz, *"andar"*: isto é, "eu o tirarei, por assim dizer, através das nuvens". O Profeta alude à lascívia e intemperança de Israel; pois a concupiscência havia arrebatado tanto aquele povo, que eles não podiam caminhar reto, ou com passo firme, mas cambaleavam aqui e ali; como Jeremias diz, que eles eram bovinos indomáveis, (Jr 31.18.) O que Deus declara? 'Eu o farei andar'; ou seja, eu tratarei com o povo segundo a sua disposição. Há uma passagem similar no capítulo 30 de Jó[83]; onde o santo homem lamenta que foi, à força, arrebatado, que Deus o fez caminhar nas nuvens. 'Deus', ele diz, 'fez-me andar' (ele emprega a mesma palavra). O que isso significa? Precisamente que o Senhor havia, violentamente, carregado a ele aqui e ali. Assim, também o Profeta aqui diz: "Israel é delicado, e, ao mesmo tempo, eu vejo tanta volúpia na natureza dele, que ele não pode tomar o jugo; coisa alguma, então, resta para ele, senão andar nas nuvens. Mas que espécie de andar será esse? Um tal como esse, quando o povo for arrebatado para o exílio; visto que não pode ele ficar em tranqüilidade na terra de Canaã, nem gozar as bênçãos de Deus, o povo andará, isto é, será rapidamente retirado para um país distante". Percebemos agora, então, como Deus lidava com Israel, quando esse viu o que a disposição dele requeria; pois esse não podia ser constrangido à obediência na sua terra; era, pois, forçoso removê-lo para outro lugar, como foi feito.

Em seguida, ele acrescenta: *Judá arará, Jacó gradará para si mesmo;* ou seja, a porção remanescente do povo permanecerá em suas aflições. Tais punições eram, de fato, dolorosas,

---

[83] Jó 30.22.

quando consideradas em si próprias; mas era, de longe, mais fácil e tolerável para Judá arar e gradar entre seu povo do que se tivesse de andar. Judá, então, sofreu perdas graves, e o Senhor o castigou também com aflições; mas tal castigo, como eu disse, foi muito menos do que o outro. Foi como quando um boi, arrancado do curral, é levado ao campo e compelido a suportar sua lida diária; sua labuta é, realmente, pesada e penosa; mas o boi, ao menos, vive depois de seu trabalho, e revigora-se com o seu repouso durante a noite. Ele também sofre alguma estafa por gradar, e fica cansado; no entanto, retorna ao estábulo; então, seu senhor não é tão cruel que não conceda certa indulgência ao seu boi. Sendo assim, vemos o alcance de tal comparação, que *Judá lavrará,* e que *Jacó,* ou seja, a parte restante do povo, *gradará;* o que quer dizer que o resto do povo quebrará os torrões — pois arar, entre os latinos, é quebrar os torrões —, mas que o Senhor fará Efraim andar. Isso, não duvido, é o genuíno sentido da passagem; contudo, deixo os outros livres para fazerem o seu próprio julgamento. Segue-se agora —

Oséias 10.12

12. Semeai para vós mesmos em justiça, colhei em misericórdia; quebrai em pedaços o vosso solo de terra devoluta; pois *é* tempo de procurar o SENHOR, até que ele venha e faça chover justiça sobre vós.

12. Seminate vobis ad justitiam, colligite (metite) ab mensuram (*vel* pro mensura) clementiam (*vel*, bonitatem;) arate vobis aratinem (*alii vertunt,* Novate vobis novale, *sicuti Jeremiae* 4*: caeterum quia idem est sensus, ego relinquo hoc liberum:)* et tempus inquirendi Jehovam, donec veniat, et pluere faciat justitiam vobis (*quanquam megis recepta versio est,* Doceat vos justitiam.)

Ele, aqui, exorta os israelitas ao arrependimento; conquanto não pareça uma simples e mera exortação, antes, um protesto; como se o Senhor houvesse dito que ele, até ali, em vão mourejava com o povo de Israel, pois que esse sempre continuara obstinado. Pois se segue, imediatamente —

Oséias 10.13

13. Vós arastes maldade, vós colhestes iniqüidade; vós comestes o fruto das mentiras; porque tu confiaste em teu caminho, na multidão dos teus homens poderosos.

13. Arastis impietatem, iniquitatem messuistes; comedistis fructum mendacii: quia confisus es in via tua, in multitudine fortium tuorum.

A razão, pela qual eu cuidei que o Profeta não exortava simplesmente o povo, antes, acusava-o de inflexibilidade por não melhorar, apesar de amiúde admoestado, é aqui encontrada. Ele, então, relata o quanto Deus, anteriormente, fizera para restaurar o povo a uma mente sã; pois isso tinha sido seu ensino constante: *Semeai para vós mesmos retidão, colhei, em proporção, bondade,* ou, consoante à proporção de brandura; *arai uma lavoura para si próprios; é a época de buscar ao Senhor.* Então, conquanto o povo ouvisse tais palavras todo dia, e tivesse seus ouvidos quase ensurdecidos por elas, todavia, ele não mudava para melhor, nem se tornava maleável; pelo contrário, com um propósito fixo, por assim dizer, eles lavravam, diz ele, impiedade, eles colhiam iniqüidade; por conseguinte, eles comiam mesmo o fruto da falsidade, pois curtiam justos castigos, ou, saciavam-se de falsidade e traição. Compreendemos, agora, o que o Profeta quis dizer: procederei às particularidades.

Semeai para vós mesmos retidão. Ele revela que a salvação desse povo não havia sido negligenciada por Deus; pois experimentara se ele povo era curável. O remédio era que esse conheceria que Deus apaziguava-se para com ele ao se devotar, ele povo, à justiça. O Senhor

oferecia sua mercê: "Retornai unicamente para mim; pois, assim que a semente da justiça for semeada por vós, a ceifa será preparada, um galardão será guardado para vós; vós, então, segareis frutos em consonância com a vossa bondade".

Não obstante, se alguém perguntar se está no poder dos homens semear justiça, a resposta é pronta, e é esta: que o Profeta não explica aqui quão longe a habilidade dos homens se estende, mas requer o que eles devem fazer. De onde é que tantas maldições muitas vezes nos oprimem, senão por o produto ser similar à semente que espalhamos? Ou seja, Deus retribui a nós o que merecemos. Isso, pois, é o que o Profeta mostra, quando diz: "Semeai para vós mesmos retidão": ele demonstra que era culpa deles se o Senhor não os acalentava amável, generosa e paternalmente: era porque a impiedade deles não o permitia.

E o Profeta somente fala das obrigações da segunda tábua da lei, como também os Profetas falam, quando exortam os homens à penitência: eles, com freqüência, principiam pela segunda tábua, porque a perversidade do homem, relativamente a essa, é mais palpável, e podem, por esse meio, ser mais facilmente declarados culpados.

Porém, o que ele acrescenta a seguir, נִירוּ נִיר, ***niru nir***, *lavrar a lavoura,* não está, reconheço, em seu lugar azado; mas não há nada incoerente nisso: pois, depois de havê-los exortado a arar, ele ora acrescenta que eles eram como campos incultos e desertos, de modo que não era direito semear a semente antes que houvessem sido preparados. O Profeta devia, então, de acordo com a ordem da natureza, ter começado com lavoura; mas ele simplesmente disse o que desejava transmitir, que os israelitas não recebiam os frutos desejados porque tinham semeado apenas injustiça. Caso eles, agora, desejassem ser tratados com mais amabilidade, ele indica o remédio, que é semear justiça. Se era assim, que eles já estavam cheios de impiedade, ele revela que eles eram como um campo recoberto de sarças e espinheiros. Por isso, quando um campo fica sem ser cultivado por muito tempo, espinhos, cardos e outras ervas daninhas crescem ali; uma dupla aragem será necessária, e esse duplo trabalho é chamado de Novação[84]; e Jeremias fala da mesma coisa, quando mostra que o povo se endurecera em sua imoralidade, e que esse não podia produzir qualquer fruto até que os espinheiros fossem arrancados pelas raízes e o povo houvesse sido libertado dos vícios em que se tornara firme; por isso, ele diz: 'Lavrai outra vez vosso chão sulcado' (Jr 4.3.)

E é tempo de buscar Jeová, até que ele venha. Aqui, o Profeta oferece uma esperança de perdão ao povo, para encorajá-lo a arrepender-se: pois sabemos que, quando os homens são chamados de volta para Deus, ficam entorpecidos, e mesmo abatidos em suas mentes, até serem assegurados de que Deus ser-lhes-á propício; e isso é o que tratamos mais plenamente noutra parte. Agora, o Profeta trata da mesma verdade, que é o tempo de buscar o Senhor. Ele, de fato, usa a palavra עֵת, ***'ot***, que denota uma época tempestiva. *É,* então, *o tempo de procurar ao Senhor;* como se ele dissesse: "O caminho de salvação não está ainda fechado para vós; pois o Senhor convida-vos para ele mesmo, e, de si próprio, está inclinado à misericórdia". Isso é uma coisa. Entretanto, somos, ao mesmo tempo, ensinados de que não deve haver tardança; pois tal morosidade custar-lhes-á caro, se desprezarem um tão amável convite de Deus e prosseguirem em sua obstinação. Então, *é o tempo para buscar a Jeová;* como também Isaías diz: 'Buscai ao Senhor enquanto ele pode ser encontrado, procurai-o enquanto está perto: Eis agora o tempo do bom prazer; eis, agora o dia da salvação' (Is 55.6). Assim, também aqui, o Profeta atesta que Israel trataria facilmente com Deus se retornasse ao caminho reto; mas que, se continuasse obstinadamente em seus pecados, tal

[84] Novatio, que significa a segunda lavra — a lavra do solo desocupado, do solo outrora arado, o novale. (N. do E. inglês.)

período não seria perpétuo; pois a porta seria fechada, e o povo debalde clamaria, após haver negligenciado esse oportuno convite e abusado da paciência divina.

É o tempo, pois, diz, *de procurar o Senhor, até que ele venha.* Essa última oração é uma confirmação da primeira; pois o Profeta declara aqui, explicitamente, que não seria labor inútil para Israel começar a buscar a Deus — 'Ele virá a vós'. Ao mesmo tempo, ele alerta-os para não serem por demais precipitados em suas expectativas; pois, ainda que Deus os recebesse em mercê, ele, todavia, não os livraria já de todos os castigos ou males. Devemos, então, pacientemente esperar até que o fruto da reconciliação apareça. Desse modo, vemos que os dois pontos são aqui sabiamente manejados pelo Profeta; pois ele queria que Israel se apressasse com profundo interesse, não protelasse muito o tempo de arrependimento e, também, permanecesse sossegado, caso Deus não se revelasse, incontinenti, propício, nem exibisse sinais de seu favor; o Profeta desejava, nesse caso, que o povo fosse paciente.

E chova justiça sobre vós. A palavra ירה, ***yarah*** quer dizer, na verdade, "ensinar", e também "arremessar"; porém, como a palavra מורה, ***moreh***, derivada desses verbos, como é bem sabido, significa a chuva, eu não posso explicá-la aqui de outra maneira que não "ele choverá justiça sobre vós". O que, verdadeiramente, podia significar o ensino da justiça? Pois o Profeta alude à seara; e o povo podia dizer: "Estamos assegurados de provisão, se buscarmos a Deus?" "Decerto", diz ele; "ele virá; ele virá a vós, e choverá justiça, ou o fruto da justiça, sobre vós". Em resumo, o Profeta indica aqui que, sempre que Deus é buscado em sinceridade e de coração pelos pecadores, ele sai para encontrá-los, revelando-se amável e compassivo. Mas, como ele havia falado de arar e semear, o fruto ou a colheita devia ser ora citado; para que oferecesse, portanto, uma promessa de que aqueles que tinham semeado justiça não perderiam seu dispêndio e fadiga, ele diz que o Senhor choverá sobre vós o fruto da justiça.

Agora, acompanha o outro versículo, o qual, como eu disse, completa a passagem: *Vós lavrastes impiedade, iniqüidade segais: vós comeis o fruto da falsidade.* O Profeta demonstra que o povo havia sido admoestado diariamente, e atraído com tanto amor e doçura pelo Senhor, em vão; pois não havia apenas fingido ignorar os benfazejos avisos, mas se havia, em sua perversa maldade, entregado a um curso contrário: *vós tendes arado,* ele diz, *impiedade;* Deus tem-vos exortado a semear retidão — o que vós semeastes? Impiedade; e, depois, colhido iniqüidade. Alguns pensam que as punições que o povo tinha de suportar são aqui salientadas; como se o Profeta tivesse dito: "Deus devolveu-vos um fruto tal como era adequado à vossa semeadura; vós estais, por isso, saciados com falsidade — isto é, com vossa falsa certeza". Contudo, ele, antes, dá a impressão de seguir a mesma linha de pensamento, e de dizer que eles tinham arado impiedade — ou seja, que eles haviam sido ímpios desde o início; e então, que eles tinham ceifado iniqüidade — ou seja, que eles haviam prosseguido em sua imoralidade até à colheita mesma, e armazenado o fruto, por assim dizer, em um celeiro, para que se saciassem com perfídia. O Profeta, julgo eu, fala nesse sentido; mas que haja uma livre escolha. Apenas mostro o que me parece ser mais conveniente.

Pois se segue, então: *Pois tu tens confiado em teu próprio caminho, na multidão de teus valentes.* Aqui, o Profeta destaca a nascente de todos os pecados; pois os israelitas, confiando em seus próprios conselhos, não davam ouvidos à palavra de Deus: e então, estando fortificados por seu próprio poder, não se atemorizavam com os seus julgamentos, nem fugiam à proteção divina empenhada para defendê-los. Não é sem motivo que esse orgulho é, então, indicado aqui pelo Profeta como a principal fonte de todos os pecados. Pois, quando alguém desconfia da própria sabedoria, ou está receoso, estando consciente de sua fraqueza, pode ser facilmente convencido; porém, quando a soberba se apossa dos pensamentos do homem, de modo a se achar ele sábio, nada, então, persuadi-lo-á, seja conselho ou instrução. Dá-se o mesmo quando alguém se exalta grandemente em seu próprio poder, e fica inchado de orgulho, não podendo ser tornado dócil,

mesmo admoestado cem vezes. Então, o Profeta define aqui a falsidade, a impiedade e a iniqüidade dos quais estivera falando. Pois, embora o povo pecasse de várias maneiras, a fonte e a raiz estavam nesta mentira ou falsidade, que ele estava habituado a levantar seu próprio poder em oposição a Deus, julgando-se tão dotado de sabedoria que não tinha necessidade de mestres. Visto pois que o povo estava tão cegado com a própria presunção, o Profeta demonstra aqui que isso era a mentira com a qual se tinham eles saciado. Segue-se —

Oséias 10.14,15

14. Por conseguinte, um tumulto levantar-se-á entre o teu povo, e todas as tuas fortificações serão avariadas, como Salmã arruinou Bete-Arbel no dia da batalha: a mãe foi despedaçada sobre *seus* filhos.	**14.** Et (*vel,* ideo, *copula enim illativam particulam valet,* ideo) surget tumultus in populis tuis; et unaquaeque munitionum tuarum vastabitur, secundum vastationem Salman Betharbel: in die proelii mater super filios allidetur.
15. Assim Betel fará a vós, devido à vossa grande impiedade: em uma manhã, será o rei de Israel completamente destruído.	**15.** Secundum (*hoc modo*) faciet vobis Bethel a facie malitiae, malitiae vestrae: in aurora pereundo peribit rex Israel.

Aqui, o Profeta anuncia punição, havendo antes exposto à vista os pecados do povo, e provado suficientemente serem culpados aqueles que, por subterfúgios, evitavam o julgamento. Ele ora adiciona que Deus seria um justo vingador. *Um tumulto se levantará,* então, *dentre o teu povo.* Tu até agora te saciaste com falsidade; pois a esperança, em teu coração, inebriou a ti, bem como uma falsa idéia de sabedoria; mas o Senhor, subitamente, excitará tumultos entre teu povo; isto é, um tumulto, em um instante, surgirá de todo lado. Ele sugere que seu progresso não seria lento, mas que o tumulto seria tal que confundiria as coisas de uma ponta a outra da terra. *Um tumulto* então, ou *perdição, surgirá entre teu povo;* pois a palavra שׁאון, ***sha'on*** quer dizer perdição ou destruição; como o verbo קאם, ***k'am*** parece demandar. *Cada uma de tuas fortalezas,* ele diz, *será demolida.* Ele revela que tudo quanto fosse força que o povo tivesse seria fraca e totalmente inútil, quando o Senhor houvesse começado a excitar um tumulto; pois tal tumulto reduziria à ruína todas as cidades fortificadas deles.

Ele, então, adiciona um exemplo, que alguns atribuem a Salmanazar. Ele menciona somente Salmã; e Salmanazar é, na verdade, um nome composto; mas não é sabido se o Profeta anotara aqui o nome daquele em sua forma simples, Salmã: depois, ele menciona Bete-Arbel, uma cidade, aludida em algumas partes da Escritura, a qual estava, relativamente à Judéia, além do Jordão[85]. Se admitirmos tal opinião, parece que o Profeta desejava reviver a memória de uma carnificina recente: "Vós sabeis o que recentemente vos sucedeu quando Salmanazar marchou com tanta crueldade pelo vosso país, quando devastou vossas aldeias, vilas e cidades, e vós conheceis, especialmente, quão feroz foi a batalha em Bete-Arbel, quando uma mortandade foi feita, quando mães foram violentamente atiradas sobre seus filhos, quando o inimigo não poupou nem mulheres nem idosos, o que, nas piores guerras, é a coisa mais cruel". Tal, pois, pode ter sido o sentido dado pelo Profeta. Mas outros pensam que ele relata uma história, que não é contada em nenhum outro lugar. Seja como for, transparece que o Profeta falava de alguma matança que era bem conhecida na sua época. Então, o relato dela era comum o bastante, fosse o massacre realizado por Salmanazar ou algum

[85] Em seu *Commentary of the Old Testament,* os eruditos Keil & Delitzch asseveram que Salmã é mesmo a forma reduzida de Salmanazar, que destruiu o reino das dez tribos (2.º Reis 17.6). Nesse sentido, também John D. Davis, no *Dicionário da Bíblia:* "À luz dos conhecimentos modernos, é mais natural que Salmã seja abreviatura de Salmanazar, do mesmo modo que o nome de Benadade; e que Bete-Arbel seja a cidade de Galiléia, perto da qual se acampou o exército de Salmanazar". (N. do T.)

outro, do qual não se achou nenhuma menção expressa. Percebemos, agora, o sentido dado pelo Profeta; mas não podemos concluir hoje.

ORAÇÃO

Conceda, Todo-Poderoso Deus, que, como ainda permanecemos em nossa imoralidade, conquanto freqüentemente avisados e docemente convidados por ti, e, como tu não nos persuadiste por tua instrução diária — Ó, permita que, em espírito de mansidão, finalmente voltemos ao teu serviço, e lutemos contra a dureza e a obstinação de nossa carne, até que nos tornemos submissos a ti, e não esperemos até que tu estendas tua mão contra nós, ou, pelo menos, aproveitemo-nos de teus castigos, de modo a não te obrigar a executar a derradeira vingança contra nós, mas nos arrependamos sem delonga; e que, deveras, sem hipocrisia, aremos debaixo de tua canga e, assim, gozemos tuas bênçãos especiais, para que mostres a ti não apenas como nosso Senhor, mas também como nosso Pai, pleno de misericórdia e benevolência, através de Cristo, nosso Senhor. Amém.

VIGÉSIMA-NONA DISSERTAÇÃO

Explicamos ontem o versículo 14 do capítulo 10 de Oséias, no qual o Profeta anuncia a vingança de Deus sobre o povo, tal como a que esse experimentara, ou quando o país foi devastado pelo exército de Salmanazar, ou quando alguma outra chacina foi feita. Das palavras, descobrimos, seguramente, que uma batalha foi travada em Arbel, que era uma cidade, como dissemos, além do Jordão. Porém, o Profeta também revela quanto tinha sido a atrocidade do combate, e quão doloroso e pavoroso seria aquele morticínio que ele ora prenuncia ao povo, dizendo que até a mãe tinha sido violentamente atirada sobre os filhos. E o Profeta também mostra que a desforra divina seria justa, porque os israelitas, com suas superstições, haviam provocado a Deus.

Então, ele assinala, no último versículo, a causa pela qual o Senhor trataria seu povo com tanta severidade; e deve-se observar sua maneira de falar. *Assim,* diz, *fará Betel a vós.* Ele podia ter dito: 'Assim Deus fará a vós'; mas ele, mais claramente, demonstra que o mal, ou a causa do mal, estava neles mesmos; *Betel,* diz ele, *fará isso a vós.* É certo que a guerra não proviera de Betel; mas, como eles haviam corrompido o culto de Deus ao adorarem ao bezerro, o Profeta diz que os assírios não eram, propriamente falando, os autores de tal carnificina, mas que ela devia ser imputada a essa corrupção que se originara em Betel. *Betel,* pois, *fará isso a vós.*

Contudo, ele acrescenta: *Devido à maldade — de vossa maldade.* Alguns oferecem esta explanação: "Por causa da impiedade da impiedade", pelo que se expressa algo extremo, visto como o caso genitivo é, com freqüência, usado pelos hebreus no lugar do grau superlativo; mas isso pode ser considerado como mera repetição: "Isso será pela maldade — vossa maldade, e será assim para que não sejais capazes de transferir a culpa para uma outra causa; pois vós mesmos sois os autores de todos os males".

Ele diz, na última parte, que *em uma manhã, o rei de Israel será totalmente tirado,* ou, perecendo, perecerá. O Profeta quer dizer, com essas palavras, que o Senhor puniria o povo de Israel, para que ficasse muitíssimo claro que não era feito por homens ou por obra do acaso; pois o Senhor, subitamente, subverteria aquele reino que tinha sido tão bem fortificado, que crescia tanto em riqueza e poder. Então, *tirado em uma manhã,* ou em uma única manhã, *será o rei de Israel.* Alguns lêem "como a manhã", em vez de "em uma manhã", כשחר, ***kashachar***, בשחר, ***beshachar***. 'O rei de Israel perecerá como a alvorada'; pois a alvorada, sabemos, desaparece imediatamente quando o sol se levanta: o sol traz consigo o dia pleno e, então, a aurora, incontinenti, vai embora. No entanto, a outra é a leitura mais correta, visto ter sido também mais comumente recebida, isto é: "Em uma manhã, ou em uma só manhã, o rei de Israel perecerá"; como dizemos, em francês: *Cela n'est que pour un desiuner.* Pois aquele povo soberbo pensava que nenhuma adversidade podia suceder a ele por muitos anos, visto que possuía uma confiança cega em seu poder. O Profeta ridiculariza tal loucura, e diz que a matança seria repentina, que o rei, em um momento, seria destruído, embora se julgasse bem munido de soldados e de todas as outras defesas. Agora, segue-se —

CAPÍTULO 11

Oséias 11.1

1. Quando Israel *era* um menino, eu o amei, e chamei meu filho do Egito.	**1.** Quia puer Israel, et dilexi eum (*hoc est*, Quando adhuc puer erat Israel; כי *non accipitur hic causaliter, sed adverbium est temporis:* Quum *ergo* puer erat Israel, tunc dilexi eum;) et ex Egypto vocavi filium meum (*ad verbum est,* clamavi ad filium meum.)

Deus, aqui, protesta contra o povo de Israel pela ingratidão. A obrigação desse era dupla, pois Deus adotara-o desde o primeiríssimo início, quando não havia nenhum mérito ou valor no povo. De fato, era outra a condição desse, ao ser emancipado dos seus trabalhos servis no Egito? Indubitavelmente, eles pareciam, então, como um homem meio morto ou uma ossada podre; pois não possuíam vigor algum remanescente neles. O Senhor, pois, estendeu sua mão ao povo quando esse estava em um tão desesperado estado, puxou-o, por assim dizer, do túmulo, e restaurou-o da morte para a vida. Porém, o segundo não reconhecia isso um tão maravilhoso favor de Deus, mas, logo depois, petulantemente, deu as costas a ele. Que malvadez era essa, e quão vergonhosa imoralidade, dar as costas, assim, ao autor da vida e da salvação deles? O Profeta, portanto, realça o pecado e a vileza do povo com esta circunstância, que o Senhor amara-os ainda na infância; *quando,* ele diz, *Israel ainda era uma criança, eu o amei.* O nascimento do povo foi sua saída do Egito. O Senhor, deveras, celebrara seu concerto com Abraão quatrocentos anos antes; e, como conhecemos, os patriarcas também foram reputados por ele como seus filhos: mas Deus queria que sua Igreja fosse, por assim dizer, extinta, quando a redimiu. Desse modo, a Escritura, quando fala da libertação do povo, amiúde se refere àquela mercê divina como que de alguém trazido para o mundo. Não é, por conseguinte, sem razão que o Profeta lembra o povo, aqui, de que esse fora amado quando na meninice. A prova de tal amor era que fora trazido do Egito. O amor precedera, como a causa vem sempre antes do efeito.

Mas o Profeta expande o argumento: *Eu amei Israel, precisamente quando ele ainda era uma criança; eu o chamei do Egito;* ou seja: "Eu não só amei-o quando criança, mas, antes que tivesse nascido, eu comecei a amá-lo; pois a libertação do Egito foi o nascimento, e meu amor precedeu esse. Então, fica claro que o povo havia sido amado por mim, antes que viesse à luz; pois o Egito era como uma tumba sem qualquer centelha de vida; e a condição em que esse povo miserável estava era pior do que duzentas mortes. Então, ao chamar meu povo do Egito, eu provei satisfatoriamente que meu amor foi gratuito, antes deles nascerem". O povo, por isso, era menos desculpável quando retribuiu a Deus com uma tão indigna recompensa, visto que esse tinha, anteriormente, conferido seu livre favor sobre eles. Compreendemos, agora, o sentido dado pelo Profeta.

Mas aqui se levanta uma questão difícil; pois Mateus, no capítulo segundo, acomoda essa passagem à pessoa de Cristo. Aqueles que não são bem versados na Escritura, confiantemente, aplicam esse ponto a Cristo; todavia, o contexto se opõe a isso. Por esse motivo, ocorreu de os escarnecedores haverem tentado perturbar toda a religião de Cristo, como se o Evangelista tivesse aplicado erroneamente a declaração do Profeta. Dão uma resposta mais conveniente aqueles que dizem que, nesse caso, há somente uma comparação: como quando uma passagem de Jeremias é citada em outro lugar, quando a crueldade de Herodes — o qual se enraiveceu contra todos os infantes de seu domínio, abaixo de dois anos de idade — é mencionada: 'Raquel, chorando os filhos

dela, não quis receber consolação, pois que eles não existem' (Jr 31.15.) O Evangelista diz que tal profecia foi cumprida (Mt 2.18.) Mas é certo que o objetivo de Jeremias era outro; contudo, nada impede que tal declaração seja aplicada ao que Mateus relata. Assim entendem essa passagem. Não obstante, penso que Mateus tenha considerado mais profundamente o propósito de Deus ao ter levado Cristo para o Egito, bem como seu retorno posterior à Judéia. Em primeiro lugar, deve ser lembrado que Cristo não pode ser separado de sua Igreja, visto que o corpo ficará mutilado e imperfeito sem uma cabeça. Tudo o que ocorreu outrora à Igreja, devia, por fim, ser cumprido pela cabeça. Isso é uma coisa. Então, não há dúvida alguma de que Deus, em sua maravilhosa providência, tencionava que seu Filho partisse do Egito para que fosse um redentor para os fiéis; e, dessa forma, ele indica que uma libertação verdadeira, real e perfeita foi, finalmente, efetuada, quando o Redentor prometido surgiu. Foi, pois, o pleno nascimento da Igreja quando Cristo partiu do Egito para redimi-la. Assim, em minha opinião, é insípido demais aquele comentário que adota a idéia de que Mateus fez apenas uma comparação. Pois convém a nós considerar isto, que Deus, quando dantes resgatou seu povo do Egito, somente provou, através de um indiscutível proêmio, a redenção que ele protelou até a vinda de Cristo. Por isso, como o corpo foi, pois, trazido do Egito para a Judéia, assim, finalmente, a cabeça também saiu do Egito: e, então, Deus revelou plenamente ser ele o verdadeiro libertador de seu povo. Eis, então, o significado. Mateus, portanto, com a maior propriedade, acomoda essa passagem a Cristo, que Deus amou seu Filho desde sua primeira infância e o chamou do Egito. Ao mesmo tempo, sabemos que Cristo é denominado o Filho de Deus em um aspecto diferente do povo de Israel; pois a adoção fez dos filhos de Abraão os filhos de Deus, mas Cristo é, por natureza, o unigênito Filho de Deus. Contudo, a dignidade dele deve permanecer na cabeça, para que o corpo continue em seu estado inferior. Não há, pois, nada incoerente nisso. Porém, quanto à acusação de ingratidão, que tão grande mercê de Deus não fosse reconhecida, isso não pode ser adaptado à pessoa de Cristo, como bem conhecemos; tampouco é necessário, nesse sentido, aludir a ele; pois vemos, a partir de outros lugares, que nem tudo que é dito de Davi, do sumo sacerdote ou da posteridade davídica se aplica a Cristo; malgrado fossem tipos de Cristo. Porém, há sempre uma grande diferença entre a realidade e seus símbolos. Prossigamos então —

Oséias 11.2

2. *Quanto mais* eu os chamava, mais se iam deles: sacrificavam a Baalim, e queimavam incenso às imagens entalhadas.	**2.** Vocarunt illos (*vel*, clamaverunt ad illos:) sic ambulaverunt a facie illorum: Baalim sacrificia obtulerunt, et sculptilibus suffitum fecerunt.

O Profeta, agora, reitera a ingratidão do povo em descuidar de conservar na mente a redenção. A palavra "chamou" deve ser entendida aqui em um sentido diferente. Pois Deus chamou eficazmente, como dizem, o povo, ou seu Filho, do Egito: de novo, chamou pela voz ou ensinamento externos mediante os Profetas. Conseqüentemente, quando ele disse anteriormente que chamou do Egito seu filho, deve ser compreendido, como dizem, a verdadeira libertação: porém, agora, quando ele diz: *Eles os chamaram,* deve-se entender o ensino. O nome dos Profetas não está expresso; mas que se os tem em mente fica manifesto. E o Profeta parece, intencionalmente, ter dito, de uma maneira indefinida, que o povo fora chamado para que a indignidade parecesse mais patente, visto como esse tinha sido chamado com tanta freqüência e por tantos, e, todavia, havia recusado. Por isso, *eles o chamaram.* Quando ele fala desse modo, não se deve entendê-lo como se referindo a um ou dois homens, ou a uns poucos, mas como incluindo um grande número de homens, fazendo isso em todos os lugares. Precisamente assim eles foram chamados agora; isto é, esse povo havia sido chamado, não uma ou duas vezes, mas constantemente; e Deus, para os chamar, não enviou somente um mensageiro ou pregador, mas muitos Profetas, um após o outro, muitas vezes empregados daquela forma, não obstante, sem proveito algum. Percebemos, agora, o que o Profeta quis dizer.

Eles os têm chamado, ele diz, *assim, eles foram para longe da presença deles*[86]. A partícula *assim,* כֵּן, ***ken***, é aqui introduzida para vivificar a descrição; pois o Profeta destaca, como que a dedo, quão impiamente eles conspiraram para executar seus próprios conselhos, como se desejassem, propositadamente, demonstrar, de uma maneira franca, seu desdém. *Assim eles foram para longe;* quando os Profetas os chamaram para um rumo, eles prosseguiram em um oposto. Vemos, então, que caracterizar assim a conduta deles não era excessivo, quando ele diz que eles, dessa forma, foram embora: depois, ele diz: *da sua face.* Aqui, ele indica que o povo procurava esconderijos e se furtava da luz. Podemos, de fato, concluir de tais palavras que a perversidade desse era tão grande que não somente queria ficar alheado de Deus, mas, também, que não queria ter que lidar com os Profetas. É, verdadeiramente, uma prova de maldade extrema quando a instrução mesma é um fastio, e não se pode suportar os ministros; e, indubitavelmente, o Profeta queria apresentar esse pecado do povo.

Em seguida, ele diz que eles *sacrificavam a Baalim, e queimavam incenso às imagens de escultura.* Na oração anterior, ele revela a contumácia dos israelitas, que não condescendiam em aceitar dar ouvidos aos servos de Deus. Ele ora acrescenta que *eles faziam incenso às imagens esculpidas,* e também ofereciam culto aos seus ídolos. Por Baalim, como já foi afirmado, o Profeta queria dizer os deuses inferiores. Pois nenhuma estupidez tal prevalecia entre o povo a ponto de esse não pensar que houvesse alguma divindade principal; mais que isso, até os gentios profanos confessavam que existia algum Deus supremo. Mas eles denominavam seus defensores (*patronos*) Baalim, tal como vemos ser nos dias correntes, debaixo do Papado, essa mesma função transferida aos mortos; esses têm que granjear para os homens a mercê divina[87]. Os papistas, então, não têm fundamento para buscar subterfúgio através de palavras; pois a mesma superstição predomina hoje entre eles, como predominava antes entre os gentios e o povo de Israel. Aqui, o Profeta intensifica a impiedade do povo; pois esse não só negligenciava, insolentemente, toda instrução na religião, mas, ainda, pervertia abertamente todo o culto de Deus, entregando-se a todas as abominações, de modo a queimar incenso a seus ídolos. Continuemos —

Oséias 11.3

3. Ensinei também Efraim a caminhar, pegando-os pelos seus braços; porém, não souberam que eu os curava.	**3.** Et ego ad pedes deduxi eum (*vel*, ad pedes deducto mea) ad Ephraim attollendum (*vel*, sustulit) supra brachia sua, [88] et non cognoverunt quod sanaverim eos.

Aqui, Deus novamente aumenta o pecado do povo, dizendo que por ternura alguma, mesmo que por um longo período, podia ter atraído, trazido de volta, reformado ou reduzido esse a uma mente sã. Seguramente, era bastante que o povo de Israel, que fora trazido, pela mão divina, do túmulo à luz da vida, tivesse repudiado toda instrução; era um pecado grande e monstruoso; mas, agora, Deus vai mais além, dizendo que não havia cessado de exibir seu amor àquele e, todavia, nada obtivera pela perseverança; pois a impiedade e a depravação do povo eram insanáveis. Por esse motivo, ele diz: *Eu conduzi Efraim no pé*[89]. Alguns são de opinião que é um substantivo

---

[86] *Horsley, Newcome* e outros, desnecessariamente, dividiram aqui a palavra composta מִפְנֵיהֶם, "da presença deles" e, por causa disso, destruíram a força da passagem, como fica evidente nos escólios seguintes. (N. do E. inglês.)

[87] Apocalipse 14.13 desmente cabalmente o dogma de Roma sobre a atuação dos santos falecidos em prol dos suplicantes vivos (q.v.) (N. do T.)

[88] Um MS. e versões mais primitivas têm "*meus* braços", e esta leitura é adotada por *Newcome.* (N. do E. inglês.)

[89] A palavra não ocorre em nenhum outro lugar das Escrituras que não aqui. *Gesenius,* em seu Léxico, apresenta-o como um verbo de quatro letras, e diz que significa "ensinar a ir", ou "guiar os passos". Porém, *Parkhurst* é da mesma opinião de Calvino, e verte-o "uma caminhada", ou, "andar a pé", e assim traduz essa passagem: "E, quanto a mim, minha caminhada era para Efraim"; como se dissesse: "Eu caminhei após ele, eu o acompanhei a pé, como uma ama faz

oriundo de רגל, ***regel***, pé, e parece o mais adequado. Pois, de outro modo, haverá mudança de uma letra, o que os gramáticos não admitem no princípio de uma palavra; pois ת, *tau*, nesse caso, seria colocada no lugar de ה, *hê;* como se fosse de ocorrência freqüente em hebraico; mas nenhum caso semelhante pode ser aduzido. Por isso, aqueles que são proficientes na língua julgam ser um substantivo, e estou de acordo com eles. Aqueles, entretanto, que consideram-no como um verbo, dão esta opinião: "Eu o levei sobre o pé", תרגלתי, ***tirgalti;*** isto é, tal como uma criança que ainda não pode caminhar com pé firme é, gradualmente, acostumada a assim agir, e a ama, o pai ou a mãe, que a conduzem, levam em consideração a infância daquela; assim também eu guiei Israel, tanto quanto seus pés podiam agüentar. Mas a outra versão é menos obscura, e é esta: *Meu caminhar sobre o pé* era para ele; ou seja, eu me humilhei da mesma forma que as mães estão habituadas a fazer; e, destarte, ele diz que carregara o povo sobre seus ombros; e nós veremos, dentro em pouco, a mesma comparação empregada. E Moisés diz, em Deuteronômio, no capítulo 32, que o povo fora transportado nas asas de Deus, ou, que Deus distendera suas asas como a águia que voa sobre seus filhotes. No tocante à matéria em si, o sentido dado pelo Profeta não é obscuro; pois ele quer dizer que esse povo havia sido tratado por Deus de um jeito paternal e indulgente; e, ainda, que a perseverança do Senhor em continuar a conceder suas bênçãos sobre aquele havia sido infrutífera.

Em seguida, ele adiciona: *Para conduzir sobre os braços dele.* Alguns vertem a expressão, קחם, ***kacham,*** "ele os carregou", como se o verbo estivesse no pretérito; e julgam que a palavra Moisés deve ser entendida. Mas é Deus quem fala aqui. Imaginam alguns ser um infinitivo — "conduzir" — como quando alguém leva outro sobre seus ombros; e essa aparenta ser a interpretação mais apropriada. Não há ambigüidade na significação; pois o desígnio do Profeta é o que eu já declarei, qual seja, demonstrar que esse povo era impiíssimo por não obedecer a Deus, já que havia sido tão bondosamente tratado por esse. Pois o que aquele podia ter esperado além do que o que Deus já tinha feito por ele? Como esse também diz, por meio de Isaías: 'O que devia eu mais ter feito à minha vinha do que eu tenho feito?' Assim também aqui: *Minha caminhada com Efraim é a pé;* e, para esse fim, *conduzi-los,* como quando alguém carrega outro em seus braços. 'Todavia, eles', diz, 'não conheceram que eu os sarava'; isto é: "Nem o princípio da minha bondade, nem seu exercício contínuo ajudou-os em alguma coisa. Quando eu os trouxe do Egito, restaurei à vida o morto; tal bondade foi obliterada. Outra vez, no deserto, eu atestei, de várias maneiras, que lhes era o melhor e mais indulgente Pai: nisso, também perdi todo meu trabalho". Como assim? "Porque meu favor não foi, de jeito algum, reconhecido por esse povo perverso e tolo". Percebemos, agora, então, o que o Profeta queria dizer: e ele continua com o mesmo assunto no próximo versículo.

---

com uma criança". *Buxtorf* considera que ת está posta no lugar de ה, e reputa-no como um *Hiphel* do verbo רגל, "eu caminhei", ou "ensinei Efraim como caminhar ou andar". *Newcome* é da mesma opinião. (N. do E. inglês.)

Oséias 11.4

4. Eu os atraía com cordas de homem, com laços de amor: e eu lhes era como aqueles que retiram o jugo de sobre seus queixos, e coloquei alimento para eles.

4. In funibus hominum traham eos (*hoc est,* traxi eos) in vinculis amoris: et fui illis sicuti qui attollunt jugum super maxillas: et attuli super eos cibum (*vel*, feci eos comedere) quiete. (*Dicemus postea de utroque sensu.*)

O Profeta declara, primeiramente, que esse povo não havia sido tratado severamente, como escravos, bois e jumentos estão habituados a serem. Ele dissera antes que o povo de Israel era como uma novilha, que sacode o jugo e, por diversão, somente quer pisar o grão. Mas, mesmo que a perversidade do povo fosse tão grande, Deus, todavia, revela aqui que não usara de rigor extremo: *Eu os atraí,* diz, *com cordas humanas e laços amoráveis.* Pelas cordas de homem, ele quer dizer o governo humano. "Eu", ele diz, "não os tratei como escravos, mas como crianças; não os reputei como gado, não os conduzi para um curral; mas os atraí apenas com laços de amor". A suma de tudo isso é que o governo que Deus estabelecera sobre o povo era um símbolo infalível e excepcional de sua paternal mercê, de modo que esse não podia se queixar de rigor muito demasiado, como se aquele houvesse olhado para a disposição do segundo e utilizado uma cunha dura (como diz o provérbio corrente) para um nó duro; pois, caso Deus lidasse assim com o povo, esse podia ter objetado, dizendo que não havia sido atraído a ele bondosamente, e que não era de se admirar que não obedecesse, já que tinha sido tão asperamente tratado. "Mas não há motivo", diz o Senhor, "para eles alegarem que eu uso de severidade: pois não podia tê-los tratado mais afavelmente, *atraí-os com cordas humanas;* eu não os governei de forma diferente da de um pai sobre seus filhos; eu lhes fui generoso. Eu, de fato, desejei fazer o bem a eles, e, como era direito, exigi-lhes obediência. Ao mesmo tempo, eu pus sobre eles um jugo, não servil, nem semelhante ao que se costuma colocar nos animais brutos; mas me contentei com a disciplina paterna". Visto pois que tal benevolência não exerceu influência nenhuma sobre eles, não é certo concluir que a maldade deles é irrecuperável e extrema? Ele, em seguida, acrescenta: *Fui para eles como os que erguem o jugo das queixadas*[90]. "Eu não vos carreguei", diz, "como fardos por demais pesados, como bois e outras bestas estão habituados a serem carregados; porém, eu levantei o jugo dos queixos. Eu antes preferi suportar eu mesmo o jugo, aliviando esses homens ímpios e perversos de seu peso". E não é em vão que Deus alega isso, pois sabemos que, quando ele emprega seu poder, e reivindica sua autoridade, ele o faz, não para sobrecarregar o povo, como os reis terrenos têm por hábito fazer; mas ele suporta o fardo que põe sobre os homens. Não é de se maravilhar, então, que ora diga que havia *levantado a canga dos queixos* do povo dele, semelhante a alguém que não deseja carregar seu boi, mas agüenta ele mesmo o jugo com suas próprias mãos, para que esse não se desfaleça de cansaço.

Ele, posteriormente, acrescenta: *E eu os fiz comer em quietude,* ou, *eu trouxe comida para eles.* Alguns acham que o verbo אוכיל, ***'owchil*** está no tempo futuro, e que אוכיל, ***'owchil*** está no lugar de אאכיל, ***'e'echil;*** ou seja, eu farei com que comam; e que o futuro deve ser entendido no passado: e é certo que a palavra אט, ***'at*** significa, algumas vezes, tranqüilo. Então, ficaria: "Eu fiz com que comessem sossegadamente". Contudo, uma outra explicação é mais comumente acolhida; visto que a palavra אט, ***'at*** é derivada de נטה, ***natah***, erguer, é como se o Profeta houvesse dito que alimento foi trazido a eles.

---

[90] "É muito provável que as palavras aludam ao costume de erguer a canga para frente para refrescar o pescoço da besta de trabalho". — *Newcome.* (N. do E. inglês.)

Então, Deus, aqui, de diversas maneiras, realça a ingratidão e a impiedade do povo, porque esse não reconhecera sua bondade paternal, quando, tão amavelmente, ele mesmo expusera seu favor perante os olhos desse; ele diz que *eu ofereci alimento a eles;* isto é: "Eu não o atirei no chão, nem o coloquei alto demais para eles; eles não labutaram para obtê-lo; mas eu, por assim dizer, trouxe-o com a minha mão e o pus diante deles, para que comessem sem qualquer percalço". Em suma, Deus declara que tentara, de todos os modos, verificar se havia alguma mansidão ou docilidade no povo de Israel, e que havia outorgado mal todas as suas bênçãos; pois esse povo estava cego a tão amáveis favores, tal como provado claramente, que Deus se havia demonstrado, de todas as formas, ser um Pai. Segue-se —

Oséias 11.5

5. Ele não retornará à terra do Egito, contudo, o assírio será o seu rei, porquanto se recusam a regressar.	**5.** Non revertetur in terram Ægypti; Assur dominabitur ipsis, quia noluerunt converti (renuerunt ad convertendum.)

Aqui, o Profeta anuncia um novo castigo, que o povo debalde esperava que o Egito fosse um lugar de refúgio ou asilo para si; pois o Senhor arrancaria esse para uma outra região, distante. Pois os israelitas tinham nutrido esta esperança, que, se por um acaso os assírios fossem poderosos demais para eles, todavia, haveria um refúgio oportuno no Egito, entre seus amigos, com quem celebraram um tratado. Visto, então, que se prometessem um exílio hospitaleiro no Egito, o Profeta, aqui, expõe a vã confiança deles: "Essa expectativa deles", diz, "de que acharão um caminho aberto para o Egito, frustrará o povo: aquele está fechado", ele diz: *Eles não regressarão à terra do Egito, mas o assírio será o seu rei.* Ao dizer que os assírios os dominarão, ele quer dizer que o povo se tornaria expatriado debaixo dos primeiros, o que realmente aconteceu. Ele, então, antecipa-se aqui a todas as vãs esperanças pelas quais o povo se enganava, e pelas quais se endurecia contra toda ameaça de Deus. "Não há razão para eles", diz, "para voltarem seus olhos ao Egito; pois o Senhor não lhes permitirá irem para lá; pois ele os arrastará à Assíria".

Em seguida, ele dá a razão: *Porque eles não estão inclinados,* diz, *a voltar.* Essa "volta" deve ser tomada em outro sentido: mas há, aqui, uma semelhança impressionante nas palavras. Pensavam que houvesse para si uma passagem livre para o Egito; não obstante, não queriam passar para Deus, embora esse os tivesse chamado tão amiudadas vezes. Portanto, o Profeta diz que um retorno ao Egito lhes estava ora negado, visto como não estiveram inclinados a regressar para Deus. A implicação do que é dito é que, quando os homens resistem perversamente contra Deus, debalde esperam por qualquer liberdade de movimento, seja para esse ou aquele lugar; pois o Senhor os prenderá e os amarrará. Como é de hábito fazer às alimárias selvagens, as quais, quando exibem mui demasiada ferocidade, são encerradas em jaulas ou acorrentadas, ou como é normalmente feito com os homens alucinados, que são ligados com fortes amarras, assim também o Senhor faz com os homens obstinados: ele os amarra firmemente, para que não consigam movimentar um dedo sequer. Esse, então, é o sentido dado pelo Profeta.

Ao mesmo tempo, há, para ser entendida, uma comparação implícita entre a antiga servidão que eles sofreram no Egito e a nova que os aguardava. Eles haviam conhecido de que espécie era a hospitalidade do Egito, no entanto, uma tão grande cegueira se apossou de suas mentes que eles desejavam voltar para lá. Seus pais tinham sido mui amavelmente recebidos; mas a posteridade deles foi dolorosamente sobrecarregada; mais que isso, não esteve longe de ser inteiramente destruída. Que loucura era essa, quererem, eles mesmos, retornar ao Egito, quando sabiam quão grandes foram a ferocidade e a crueldade dos egípcios? Porém, como eu disse, algo mais doloroso os esperava: eles não eram dignos de regressar ao Egito. Regressar para lá teria sido, de fato, uma horrível calamidade; mas o Senhor não o queria, por mais aberto que estivesse o caminho para eles

irem para lá; pois ele os forçaria a passarem para outro país; sim, eles deviam ser, pela força, arrastados embora pelos seus conquistadores, para a Assíria. O significado disso tudo é que, conquanto o povo houvesse sido cruelmente tratado no Egito, havia agora uma mais opressiva tirania se aproximando; pois os assírios duplicariam os agravos, a violência e todos os tipos de ultrajes e opróbrios que tinham exercido contra esse povo.

Pensam alguns que isso foi adicionado para consolação, que Deus, mesmo que grandemente provocado pelo povo, todavia, não estava disposto a guiá-los novamente para o Egito, para que a primeira redenção não fosse anulada; mas que uma via intermediária estava preparada, pelo qual ele castigaria os ingratos e, no entanto, conserva-los-ia como sua possessão peculiar. Mas já revelei o que eu aprovo mais. Ao mesmo tempo, seja qual for o ponto de vista adotado, percebemos quão grave e severa era a denúncia do Profeta.

ORAÇÃO

Conceda, Todo-Poderoso Deus, que, como tu te dignastes a nos eleger antes que as fundações do mundo estivessem postas, e incluíste-nos em tua livre adoção quando éramos os filhos da ira e fadados à ruína absoluta, e, em seguida, adotado a nós desde o ventre e, por fim, favorecido a nós com uma prova mais evidente de teu amor, ao nos chamar pelo teu evangelho, para uma união e comunhão com teu Filho unigênito — Ó, permita que não negligenciemos tantos e tão singulares benefícios, mas sejamos sensíveis a teu santo chamado, e labutemos para nos devotar inteiramente a ti, e labutarmos, não por um único dia, mas por todo o período designado para nós aqui, tanto para morrer quanto para viver em concordância com o teu bom prazer, para que glorifiquemos a ti até ao fim, através de nosso Senhor Jesus Cristo. Amém.

TRIGÉSIMA DISSERTAÇÃO

Oséias 11.6

6. E a espada aguardará suas cidades, e consumirá seus membros, e *os* devorará, devido aos seus conselhos.	**6.** Et cadet gladius in urbes ejus, et consumet vectes ejus (*alii vertunt,* ramos, *vel,* membra) et vorabit, propter consilia eorum.

Como era difícil persuadir o altivo povo de que a derrocada que Oséias vaticinara estava perto, vendo, como o primeiro via, que estava aparelhado com muitas defesas, por isso, agora é acrescentado que as cidades fortificadas não obstariam ao inimigo penetrar, devastar todo o país e levar embora o povo cativo. Compreendemos, agora, como esse versículo se liga ao último. O Profeta ameaçara desterro; porém, como os israelitas julgavam-se a salvos em seus abrigos, ele adiciona que não havia razão alguma para se fiarem em suas fortalezas, pois o Senhor podia, pela espada, destruir todas as cidades deles.

Por conseguinte, ele diz: *A espada cairá* sobre as cidades deles. O verbo חול, ***chul,*** significa residir, acampar e, por vezes, cair ou se precipitar sobre: e este segundo sentido é mais adequado nesse ponto. Alguns, não obstante, vertem-no: "A espada 'residirá' nas cidades até consumi-los". Mas, quanto ao sentido, não há muita controvérsia. Entretanto, declaro resumidamente o que acredito ser a opinião correta. *A espada* então *cairá,* ou lançar-se-á sobre as cidades; mais adiante, *ela consumirá suas barras.* Amiúde, os hebreus denominam barras ou ferrolhos בדים, ***badim,*** com mais freqüência ainda, ramos (de uma árvore) ou membros (de um homem). Sendo assim, alguns interpretam a palavra metaforicamente, como significando vilas e aldeias; pois elas são, por assim dizer, os ramos ou membros das cidades. Outros, no entanto, explicam-no como significando filhos, os quais crescem de seus pais como ramos da árvore: mas isso parece excessivamente artificial. Não desaprovo a opinião de que o Profeta se refira aqui a vilas e aldeias, as quais são, no modo de dizer, os apêndices das cidades, como ramos de uma árvore espalhando-se para lá e para cá. Então, não é errôneo o sentido de que a espada consumirá e devorará vilas e aldeias quando ela cair sobre as cidades. Mas o que eu já disse sobre ferrolhos dá a impressão de ser mais condizente com a intenção do Profeta. Ao mesmo tempo, devemos levar em consideração que a palavra בדים, ***badim,*** toma uma parte pelo todo; pois as trancas eram somente uma parte das fortificações; porém, as portas, estando fechadas e trancadas, tornam as cidades fortes. Assim, esse ponto, tomando uma parte pelo todo, pode ser interpretado desta maneira, que a espada, quando caísse sobre as cidades, consumiria e destruiria todo o poder e a defesa que eles possuíam.

Simultaneamente, ele menciona a causa: *Por causa,* diz, *de seus próprios conselhos.* Sem dúvida, ele acrescentou esta expressão — pois que os israelitas julgavam-se sábios — porque os homens ímpios arrogam-se muita sabedoria; e arrogam-se isto, que eles, por assim dizer, de sua altura, podem olhar Deus com desdém, rindo de toda instrução. Visto pois que aqueles que desprezam a Deus pareçam a si mesmos mui sábios e fortificados pelos bons conselhos deles, o Profeta demonstra que a causa da ruína dos israelitas seria por estarem esses inchados dessa sabedoria diabólica, não querendo condescender em obedecer à palavra do Senhor.

Oséias 11.7

7. E meu povo é propenso a apostatar-se de mim: apesar de o chamarem ao Altíssimo, ninguém, absolutamente, exalta-*o*.	**7.** Et populus meus suspensi ad aversionem (*alii vertunt*, conversionem) et ad excelsum vocabunt (*id est,* vocant) simul non extollet (*id est,* nemo extollit.)

Este versículo é vertido de variadas maneiras. Alguns explicam a palavra תלואים, ***telu'im,*** como significando "perplexo"; como se o Profeta houvesse dito que o povo sofreria um justo castigo ficando ansioso e olhando em redor, sem, todavia, encontrar consolação; pois tal seria a recompensa da abjuração ou apostasia desse. Destarte, ele diz: *Meu povo está em expectativa;* ou seja, não há que se espantar que os israelitas estejam ora atormentados com grande tensão e não encontrem termo para seus males; pois aqueles que se rebelam contra o Senhor são dignos de serem assim apertados por ele. É pelo fruto da própria defecção que estão eles ora tão cheios de tristeza e também de desespero. Essa é uma interpretação. Dizem outros que Deus, aqui, queixa-se da impiedade do povo como se queixa daqueles que discutem se devem se arrepender. Então, consideram expectativa como dúvida: *Meu povo está em expectativa;* ou seja, ele debate sobre o assunto como uma matéria questionável, quando o exorto à penitência, e não conseguem, de imediato, decidir o que fazer, mas alternam entre opiniões diversas, ora se inclinando a uma coisa, ora a outra; como se o assunto em si tivesse necessidade da deliberação deles. Indubitavelmente, o que é reto não está, de forma alguma, escondido deles: mas, como estão relutantes, buscam para si, por evasivas, algumas escusas para dúvida; pois os Profetas clamam a eles e ninguém os exaltam. Essa é a segunda interpretação.

Simultaneamente, deve-se observar que a palavra משובת, ***meshuvat,*** é entendida de vários modos; pois os primeiros vertem-na "afastar-se", e o י, *jode,* que está afixado deve, pois, ser explicado passivamente, querendo dizer o afastamento deles de Deus, pois que os israelitas se apostaram dele; visto que Isaías, no capítulo 56 de seu livro, chama de a casa da oração dele aquela na qual o povo estava acostumado a orar. Então, o afastamento de Deus, segundo eles, é para ser tomado na forma passiva, pois que o povo estava alienado dele. Outros vertem-no "conversão". Mas os hebraístas querem ter essa palavra sempre entendida em má acepção, e afirmam que não há lugar algum em que signifique outra coisa que não rebelião ou apostasia. Já que é assim, fico inclinado a considerá-la como sendo afastamento; e assim, o segundo sentido, de que o povo decidia se devia ouvir as admoestações dos Profetas, não se sustenta.

A mim, também o Profeta parece querer dizer algo diferente daquilo a que me referi na primeira parte, a opinião daqueles que dizem *meu povo está em expectativa;* isto é, eles ansiosamente se atormentam devido à defecção deles, porque eu os puno por sua apostasia; mediante a qual sucedeu que, abandonando-me, eles vagueiam atrás de suas próprias invenções. Mas eu compreendo a passagem de outra forma, como já disse: *Meu povo está atado;* isto é, meu povo não só outrora se apartou de mim, mas esse está, por assim dizer, preso em sua defecção. Ele diz que eles estavam presos, não que estivessem contritos e suportassem grandes torturas, achando seus negócios confusos; mas que estavam presos porque permaneciam obstinados; como quando se diz que um homem está preso a uma coisa quando não pode se mover. Esse estar atado é, de fato, nada mais senão a obstinação do povo. Eles estavam, então, *presos à apostasia*.

Ele, posteriormente, acrescenta: *Àquele no alto eles os chamam; ninguém, em absoluto, levanta-se.* O que uma frase indefinida significa, nós afirmamos ontem. O Profeta quer dizer aquela instrução que fora dada ao povo, e que muitas testemunhas ou pregadores haviam sido enviados pelo Senhor, mas que tudo isso fora inteiramente inútil. Sendo assim, ele diz: *Eles chamam-nos àquele no alto, ninguém se levanta.* Alguns, realmente, consideram que a palavra Deus deve ser

entendida; e essa é a opinião geralmente aceita; porém, em meu julgamento, estão enganados; pois o Profeta, falando dos israelitas, sem dúvida quer dizer que eles permaneciam no mesmo estado, e nenhuma instrução os incitava a fazer qualquer progresso ou demonstrar algum sinal de arrependimento. Por esse motivo, *ninguém se levanta.* Ele emprega o singular, e registra a partícula יחד, ***yachad,*** como se dissesse: "Não há ninguém, do primeiro ao último, que seja tocado de tristeza, pois continuam obstinados em sua maldade". E, quando ele diz que *ninguém se levanta,* parece aludir à palavra *amarrado.* Então, eles estavam amarrados à sua defecção; e, quando os Profetas bradam e, diligentemente, exortam-nos a arrependerem-se, eles não se levantam; isto é, eles não aspiram a Deus; e isso, verdadeiramente, negligenciam com um consenso, como se eles todos semelhantemente cegados unissem-se em uma e mesma imoralidade.

Nesse versículo, então, o Profeta traz de novo à vista os pecados do povo, para que ficasse mais plenamente claro que Deus ameaçava-os de maneira tão terrível não sem causa; pois aqueles que eram tão rebeldes contra Deus eram merecedores do mais doloroso castigo. Eis a suma do todo. Prossigamos agora —

Oséias 11.8,9

8. Como desistiria eu de ti, Efraim? *Como* te entregaria, Israel? Como faria a ti como a Admá? *Como* te poria como Zeboim? O meu coração está perturbado dentro de mim, meus pesares inflamam-se juntamente.

9. Eu não executarei a fúria da minha ira, não voltarei a destruir Efraim: pois *sou* Deus e não homem; o Santo no meio de ti: e não entrarei na cidade.

8. Quomodo ponam te Ephraim? Tradam te Israel? Quomodo ponam te sicut Sodomam? Statuam te sicut Zxeboim? Inversum est in me cor meum, simul revolutae sunt (*alii*, incaluerunt; *nam* כמר *illud significat,* simul *ergo* revolutae sunt) poenitudines meae.

9. Non faciam (id est, non exequar) furorem irae meae, non revertar ad perdendum Ephraim: quia Deus ego, et non homo, in medio tui sanctus; et non ingrediar urbem.

Aqui, Deus medita sobre o que faria com o povo: e, primeiro, ele revela, de fato, que seu propósito era executar vingança, tal como a que os israelitas mereciam, até destruí-los totalmente: todavia, faz o papel de alguém deliberando para que ninguém pensasse que ele se encolerizou apressadamente, ou que, estando logo excitado pela fúria excessiva, ele se dedicava a arruinar aqueles que haviam pecado ligeiramente ou eram culpados de não grandes crimes. Para que ninguém, então, atribuísse a Deus uma cólera por demais ardente, ele diz aqui: *Como te deixaria de lado, Efraim? Como te entregaria, Israel? Como te colocaria como Sodoma?* Por meio dessas expressões, Deus revela o que mereciam os israelitas, e que ele estava ora propenso a infligir a punição de que eram eles dignos, todavia, não sem arrependimento, ou, ao menos, não sem hesitação. Em seguida, acrescenta na próxima oração: *Não farei isso; meu coração, dentro de mim, está mudado;* eu ora mudo minha vontade, *e meu arrependimento é trazido de volta outra vez;* ou seja, estava em minha mente destruí-los, mas agora um arrependimento, que inverte esse intento, assenhoreou-se de mim. Apreendemos agora o sentido dado pelo Profeta.

Quanto a esse modo de falar, realmente, à primeira vista, parece estranho que Deus se fizesse como os mortais, ao alterar seus propósitos e se mostrar oscilante. Deus, nós sabemos, não é sujeito às paixões; e conhecemos que mudança alguma ocorre nele. Então, o que denotam tais expressões, pelas quais ele aparenta ser mutável? Sem dúvida, ele acomoda a si mesmo a nossas ignorâncias todas as vezes que se faz de um personagem estranho a si próprio. E tal reflexão expõe tanto o desatino quanto a impiedade daqueles que apresentam palavras simples para provar que Deus é, por assim dizer, como os mortais; como fazem hoje em dia aqueles homens irracionais, visando subverter a eterna providência de Deus e obliterar aquela eleição pela qual ele faz distinção

entre os homens. “Ó”, eles falam, “Deus é sincero, e diz que não quer a morte de um pecador, antes, que esse se converta e viva”. Então, Deus é, neste caso , no modo de dizer, inconstante, dependendo do livre-arbítrio de cada um: sendo assim, fica no poder do homem arranjar destruição para si ou vir à salvação. Deus, no entretempo, tem que aguardar quieto o que os homens farão, e coisa alguma pode determinar sem o livre-arbítrio deles. Enquanto esses insanos assim brincam, acham-se apoiados por esta razão invencível, que a vontade divina é única e simples. Porém, se a vontade de Deus é única, não se segue daí que ele não se acomode aos homens, adotando um papel estranho a si próprio, tanto quanto uma consideração por nossa salvação comportar ou exigir. Assim é aqui. Não é debalde que Deus se apresente como sendo variável; pois, aqui, aprendemos que ele não é arrebatado repentinamente demais para aplicar castigo, mesmo quando os homens, de várias maneiras, provocam a vingança dele. Isso, então, é o que Deus mostra por tal modo de falar. Ao mesmo tempo, sabemos que o que ele fará é certo, e que seu decreto não depende do livre-arbítrio dos homens; pois ele não é ignorante acerca do que faremos. Deus, pois, não delibera quanto a si mesmo, mas no que se refere aos homens. Isso é uma coisa.

Contudo, temos que ter também em mente o que eu já disse, que o Profeta, aqui, infunde terror aos presumidos e profanos desprezadores, pondo diante dos olhos desses a sua destruição, ao demonstrar quão pertíssimos estavam do quinhão de Gomorra e de outras cidades. “Pois o que resta”, diz o Senhor, “senão que *eu* os *ponha* como Sodoma e Zeboim? Essa condição e essa recompensa vos esperam se eu executar o juízo que já está, no modo de dizer, decretado”. Não que Deus faria isso logo; mas ele somente faz os israelitas recordarem do que mereciam, bem como do que aconteceria a eles caso o Senhor não os tratasse com misericórdia. Essa é a importância da primeira parte do versículo.

Porém, quando ele diz que o seu *coração está alterado,* e que *seus pesares são trazidos de volta novamente,* o mesmo modo de falar segundo a maneira dos homens é adotado; pois conhecemos que tais sentimentos não pertencem a Deus; ele não pode ser tocado de compunção, e seu coração não passa por mudanças. Imaginar coisa semelhante seria impiedade. Mas o objetivo é mostrar que, se ele tratasse o povo de Israel da forma que esse merecia, o povo ora seria feito como Sodoma e Gomorra. Porém, como Deus era misericordioso, e abraçava seu povo com afeto paternal, não podia olvidar de que era um Pai, e estava disposto a conceder perdão; como o caso de um pai que, ao ver a perversa disposição de seu filho, subitamente sente um forte desgosto e, depois, sendo tomado de enternecimento, fica inclinado a poupá-lo. Deus, então, declara que ele, desse modo, lidaria com seu povo.

A seguir, segue-se uma explanação desta frase, *eu não executarei a fúria da minha cólera:* por cujo modo figurado de falar ele expõe a pena que era condizente com os pecados dos homens. Pois deve sempre ser lembrado que Deus está isento de qualquer paixão. Mas, se não devemos supor que exista ira alguma em Deus, o que ele quer dizer com a fúria de sua ira? Precisamente a relação entre a natureza divina e nossos pecados inatos ou naturais. Mas por que a Escritura diz que Deus está irado? Precisamente porque o imaginamos ser de acordo com a percepção da nossa carne; pois não apreendemos a indignação de Deus a não ser quando chega a ponto de nossos pecados provocá-lo à ira e sua vingança acender-se contra nós. Então, Deus, em atenção à nossa percepção, denomina o pesado julgamento de a fúria da sua ira, julgamento que é proporcional a ou vai de encontro aos nossos pecados. *Eu não executarei,* diz ele, isto é: “Eu não darei o galardão que vós mereceis”.

E depois? *Eu não voltarei a destruir Efraim.* O verbo אשׁוב, ***'ashuv,*** parece ter sido introduzido por esta razão, porque Deus havia, em parte, devastado o reino de Israel: por conseguinte, ele diz que a segunda ruína, que ele dentro em pouco traria, não seria tal que destruísse Israel por inteiro, ou os consumisse totalmente. *Eu não voltarei* pois *a destruir Efraim;* ou seja:

"Embora eu me cinja de novo, para castigar os pecados do povo, todavia, conter-me-ei para que minha desforra não progrida até chegar à destruição o povo como um todo". A razão é acrescida no fim: *Pois eu sou Deus, e não homem.*

Como ele, aqui, tencionava deixar aos piedosos alguma esperança de salvação, ele adiciona o que pode confirmar tal esperança; pois sabemos com que dificuldade as consciências trementes são restauradas à esperança quando Deus anuncia ira. Os homens ímpios riem com escárnio de toda ameaça; mas aqueles em quem há qualquer semente de piedade temem a vingança de Deus, e sempre que o terror se apossa deles, ficam atormentados com admirável inquietude, e não conseguem ser facilmente sossegados. Essa, então, é a razão pela qual o Profeta ora confirma a doutrina que ele formulara: *Eu sou Deus,* diz, *e não homem;* como se houvesse dito que ele seria propício ao seu povo, pois não era implacável como os homens o são; e mui errados estão os que o julgam ou o medem pelos homens.

Devemos primeiramente lembrar aqui que o Profeta não dirige seu discurso indiscriminadamente a todos os israelitas, mas apenas aos fiéis, que eram um resto entre o povo corrupto. Pois Deus, em tempo algum, permitiu que todos os filhos de Abraão ficassem alheados, mas alguns poucos, pelo menos, permaneceram, como é dito em outro lugar (1.º Reis 19.18.) A esses o Profeta agora se dirige; e, para ministrar consolação, ele modera o que dissera anteriormente sobre a horrenda vingança de Deus. Então, essa declaração não era para aliviar a tristeza dos hipócritas; pois o Profeta atentava apenas aos miseráveis que tinham sido tão golpeados com o sentimento da ira de Deus que o desespero quase os teria tragado, não houvesse a dor deles sido mitigada. Isso é uma coisa. De mais a mais, porém, quando ele diz que é Deus, e não homem, tal verdade deve vir às nossas mentes, para que provemos das gratuitas promessas divinas quando vacilarmos quanto às promessas, ou quando o terror tomar posse de nossas mentes. Quê! Tendes dúvidas sobre quando tereis de se avir com Deus? Mas de onde vem isso, que nós, com tanta dificuldade, confiemos nas promessas de Deus apenas quando o imaginamos ser como nós próprios? Então, visto como é hábito nosso transformá-lo assim, que essa verdade seja um remédio para nossa fraqueza; e, sempre que Deus prometer-nos perdão, do qual procede a esperança de salvação, por mais que ele haja anteriormente nos assombrado por seus juízos, que isto venha à nossa mente, que, visto ser ele Deus, não deve ser julgado pelo que nós somos. Então, devemos nos recostar confortavelmente sobre suas promessas. "Mas nós somos indignos de sermos perdoados; ainda por cima, tão grande é a atrocidade de nossos pecados, que não pode haver esperança nenhuma de reconciliação". Aqui, devemos nos apoderar urgentemente deste escudo, devemos aprender a nos fortalecer com esta declaração do Profeta: *Ele é Deus, e não homem:* que esse escudo sempre seja pego para repelir toda espécie de difidência.

Porém, pode-se levantar aqui uma questão: "Não era Ele Deus quando destruiu Sodoma e as cidades vizinhas?" Tal julgamento não tirou de Deus a sua glória, nem foi sua majestade diminuída por isso. Mas essas duas frases devem ser lidas juntamente: *Eu sou Deus, e não homem, santo no meio de ti.* Quando alguém lê tais frases separadamente, ele não se equivoca quanto ao sentido dado pelo Profeta. Deus, então, não somente afirma aqui que não é semelhante aos homens, mas também acrescenta que é santo no meio de Israel. É um ponto de vista sobre a natureza divina que nos é fornecido aqui, e o que é apresentado é a imensa distância entre ele e os homens, como encontramo-lo escrito pelo Profeta Isaías: 'Meus pensamentos não são como os vossos: tanto quanto o céu dista da terra, tanto distam meus pensamentos de vossos pensamentos' (Is 55.8.) Assim, também neste ponto, o Profeta revela o que Deus é, e o quanto a natureza desse difere das disposições dos homens. Ele, posteriormente, refere-se ao pacto que Deus fez com seu povo: e qual era a substância daquele pacto? Precisamente, que Deus castigaria seu povo; todavia; deixaria para sempre alguma semente remanescente. 'Eu castiga-los-ei', diz, 'com a vara dos homens; eu, todavia, não removerei deles a minha misericórdia' (2.º Samuel 7.14.) Visto pois que Deus prometera alguma minoração ou

alívio em todos os castigos dele, ele ora nos lembra de que não terá sua Igreja totalmente arrasada no mundo, pois, assim, não seria coerente consigo mesmo: por essa razão, ele diz: *"Eu sou Deus, e não homem, santo no meio de ti;* e, já que eu te elegi para mim, para ser minha posse e herança peculiar, e prometi para sempre ser teu Deus, eu ora moderarei minha retaliação, de modo que alguma Igreja sempre perdure".

Por esse motivo, ele também diz: *Eu não adentrarei na cidade.* Alguns dizem: "Eu não entrarei em outra cidade senão em Jerusalém". Mas isso não se ajusta à passagem; pois o Profeta fala aqui das dez tribos e não da tribo de Judá. Outros imaginam uma significação oposta: "Eu não entrarei na cidade", como se dissesse que ele deveras agia bondosamente para com o povo ao não destruí-los totalmente; mas que eles, daqui em diante, ficariam sem ordem civil, governo regular e outros símbolos da mercê divina: 'Eu não entrarei na cidade'; isto é: "Eu não vos restaurarei, para que haja uma cidade e um reino, bem como um grêmio de povo unido". Mas tal exposição é forçada demais; mais que isso, é um mero refinamento, o qual se desvanece por si mesmo[91]. Não há dúvida nenhuma de que a símile é tomada de uma prática bélica. Pois, quando um conquistador adentra uma cidade com uma força armada, a carnificina não é restringida, mas o sangue é indiscriminadamente derramado. Porém, quando uma cidade se rende, o conquistador, de fato, pode entrar, todavia, não com um ataque súbito e violento, mas baseado em certas condições; e então aguarda, quiçá por dois dias, ou por algum tempo, para que a sanha de seus soldados seja abrandada. Depois ele vai àqueles, não como inimigos, mas como súditos seus. Eis o que o Profeta pretende quando diz 'eu não entrarei na cidade'; isto é: "Eu não farei guerra a vós, subjugando-vos e forçando-vos à capitulação, com grande perda; porém, quando as portas forem abertas, e o muro, demolido, eu, então, refrear-me-ei, pois não estou de todo desejoso de vos destruir".

Se alguém objetar e dizer que tal enunciado milita contra muitos outros que temos observado, a resposta é fácil, e a solução já foi citada noutro lugar, e eu, agora, somente tocarei nela brevemente. Quando Deus manifestamente anuncia a perdição sobre o povo, tem-se o grêmio em vista; e nesse grêmio do povo não havia pois nenhuma integridade. Então, visto como todos os israelitas haviam se tornado corruptos, tendo-se apartado do culto e do temor de Deus, bem como de toda piedade e retidão, entregando-se a todos os tipos de imoralidades, o Profeta declara que eles todos deviam perecer, sem exceção. Mas, quando ele limita a vingança de Deus, ou a modera, é em deferência a um pequeníssimo número; pois, como já foi afirmado, a corrupção nunca grassara entre o povo até o ponto de não haver nenhuma semente restante. Desse modo, quando o Profeta tem em vista os eleitos de Deus, ele pois aplica tais consolações, pelas quais ele mitiga o terror deles, para que compreendessem que Deus, mesmo em seu extremo rigor, ser-lhes-ia propício. Tal é a maneira de justificar essa passagem. Com respeito ao grêmio do povo, o Profeta já mostrou que suas cidades estavam condenadas ao fogo, e que a nação inteira estava fadada a sofrer a ira divina; que tudo foi entregue ao fogo e à espada. Mas agora ele diz: "Eu não entrarei"; isto é, a propósito daqueles a quem o Senhor planejava poupar. E deve ser observado também que o castigo foi mitigado, não apenas por consideração aos eleitos, mas ainda por consideração aos réprobos, que foram levados

---

[91] Há uma outra exposição a qual Calvino, provavelmente, não julgou que valesse mencioná-la nesse momento. É uma antiga, de Jerônimo, ressuscitada por Castallio, adotada por Lowth e Newcome e altamente louvada por Horsley: no entanto, parece ser despropositada, sem sentido e, decerto, não é compatível com esse ponto. A tradução proposta é esta:

"Ainda que eu não seja freqüentador de cidades".

Deus não é um freqüentador de cidades!! Quão estrambótico e sem sentido é isso quando comparado com a opinião dada por Calvino sobre a passagem?

Há uma outra explanação sancionada por Dathe, a qual, quanto ao significado, concorda com essa de Calvino. Ele entende עיר, vertido por "cidade", como denotando "ira"; então, a versão seria: "Eu não entrarei em ira". Na Septuaginta é, literalmente, "eu não adentrarei a cidade".
(N. do E. inglês.)

para o cativeiro. Devemos lembrar, ainda, que, quando Deus os poupou por um tempo, ele ideava o bem de seus escolhidos; pois a suspensão temporária da desforra reforçava seu juízo sobre os réprobos; pois quem não se arrependeu no exílio duvidava, como é óbvio, da cólera divina contra si. O Senhor, no entanto, poupou seu povo por um período; pois a Igreja estava inclusa naquele, da mesma maneira que o trigo é preservado na moinha e levado do campo com a palha. Por que assim? Precisamente, para que o trigo possa ser separado. Assim, também o Senhor preserva muito restolho junto com o trigo; posteriormente, porém, na ocasião devida, ele dividirá o trigo da palha. Entendemos agora, tudo o que o Profeta quis dizer, e também a aplicação da doutrina. Segue-se —

Oséias 11.10,11

10. Eles caminharão após o SENHOR: ele rugirá como um leão: quando rugir, então os filhos tremerão desde o ocidente.	**10.** Post Jehovam ambulabunt, et quasi leo ruget: quum ipse ruget, tunc pavebunt filii a mari (*vel,* occidente; *mare enim vocatur occidentalis regio, respectu ipsius Judeae.*)
11. Tremerão desde o Egito como um pássaro, e como uma pomba, da terra da Assíria: e os instalarei em suas casas, diz o SENHOR.	**11.** Pavebunt quasi passer (*vel*, avis; *tam species est quam genus*) ab Aegypto; et quasi columba a terra Assur (*hoc est,* ab Assyriis) et habitare eos faciam in dominibus suis, dicit Jehova.

Quando o Profeta diz que *eles andarão após Jeová,* ele vai mais longe do que antes; pois, aqui, ele não alude à mitigação do castigo, mas promete restauração. Dissera ele outrora que, conquanto o Senhor tratasse o seu povo com severidade, todavia, haveria alguma moderação em sua ira, de modo que aquele não destruiria todo o povo. Agora, segue-se que Deus, depois de haver se restringido dessa forma, estenderá sua mercê até a restauração do povo, e trará à vida aqueles que aparentavam ter estado mortos. Percebemos agora, então, o que o Profeta quer dizer.

Mas explicar isto — *eles andarão após Jeová* — como a obediência do povo, como é feito pelos intérpretes, não me parece direito. Na realidade, é certo que povo algum pode ser restaurado se não se arrepender; sim, é o início básico do favor de Deus quando esse pune os homens e os cura de sua maldade. Contudo, o Profeta, aqui, emprega outra coisa, precisamente, que o Senhor revelar-se-á um líder para o seu povo, povo que estivera, por uma época, disperso. Enquanto esse ficou espalhado pela Assíria e por outras terras longínquas, estava sem nenhuma cabeça, como um corpo mutilado. Todavia, quando o tempo próprio da restauração chegasse, o Senhor resolveria libertá-los, proclamando-se o líder do seu povo; e, dessa maneira, esse seria congregado a Deus. Isso é o que o Profeta tem em vista quando diz, agora, *após Jeová:* ou seja, por um período, de fato, Deus os abandonará, para que desfaleçam na dispersão deles; mas, finalmente, reuni-los-á, e se mostrará como o líder deles na jornada, para que os reintegre ao país deles. Então, diz, *eles seguirão Jeová, e ele urrará como um leão: quando urrar, os filhos do mar tremerão;* isto é, Deus será tremendo para com os inimigos, para ninguém estorve o retorno de seu povo. Muitos, certamente, serão os inimigos, muitos trabalharão levantando oposição: entretanto, o povo sairá forro. Como assim? Porque o Senhor encherá a todos de pavor, e conterá todos os esforços dos inimigos deles; para que eles sejam constrangidos a sair dos assírios e dos egípcios. Embora os egípcios resistam de um lado e os assírios, de outro, todavia, não impedirão o regresso do povo. Por quê? Porque o Senhor os porá para pelejar e será para eles como um leão, enchendo a todos de terror. Mas adiaremos o restante.

ORAÇÃO

Conceda, Todo-Poderoso Deus, que, visto que somos excessivamente confiantes e torpes em nossos pecados, tua pavorosa majestade venha às nossas mentes, para nos humilhar e retirar nosso temor, para que aprendamos ansiosamente a procurar a reconciliação através de Cristo e, assim, aborrecermo-nos de nossos pecados, para que tu, então, estejas pronto para nos receber: e, a fim de que a incredulidade não feche a porta contra nós, habilite-nos a reputar a ti como sendo tal como te revelastes e a reconhecer que tu não és semelhante a nós, mas sim a fonte de toda misericórdia, para que, desse modo, sejamos levados a nutrir uma firme esperança de salvação, e que, confiando no Mediador, teu Filho unigênito, conheçamo-lo como o trono de graça, cheio de compaixão e misericórdia. Ó, permita que, assim, cheguemos a ti, de forma que, mediante ele, saibamos com certeza que tu és nosso Pai, para que o concerto que fizestes conosco jamais fracasse por nossa culpa, ainda isto, para que sejamos teu povo, pois que tu dantes nos adotou em teu unigênito Filho, nosso Senhor Jesus Cristo. Amém.

TRIGÉSIMA-PRIMEIRA DISSERTAÇÃO

Na última dissertação, começamos a explicar o que o Profeta tinha em vista ao dizer que *os israelitas virão após o Senhor:* isto é, que, quando o período do exílio estivesse completado, Deus seria o guia do povo na jornada, para que esse voltasse a salvo a seu país. E, por esse motivo, ele também acrescenta no fim que tanto os egípcios quanto os assírios ficariam ressabiados; e, por isso, compara-os a pombas e pardais; pois, quando as nações tentassem impedir o retorno do povo, lutando contra esse com grandes tropas e campanhas, Deus os descorçoaria. Pois, visto que Deus havia resolvido redimir seu povo, seu decreto não podia ser anulado, não, nem que fosse pelo mundo inteiro. Seja o que for que os assírios e também os egípcios tentassem fazer, ainda que poderosos em forças, todavia, de nada aproveitaria; pelo contrário, Deus infundiria tal medo e pavor nos dois que eles não fariam qualquer conflito quando o Senhor restaurasse o povo dele. Há um modo de falar assemelhado em Joel, no capítulo 3, só que ele não traz as comparações de que eram aqueles como pássaros e pombas. Porém, fala do rugido de Deus, como se dissesse que o poder desse seria terrível e invencível, de modo que ele defenderia e protegeria seu povo e ninguém ousaria se insurgir contra o primeiro; e que, se alguém se atrevesse, seria imediatamente forçado a render-se. Prossigamos agora —

Oséias 11.12

12. Efraim cercou-me com mentiras, e a casa de Israel, com impostura: contudo, Judá ainda rege com Deus, e é fiel com os santos.	**12.** Circumdedit me mendacio Ephraim, et fraude domus Israel: Judah autem adhuc dominatur (*vel*, principatum tenet) cum Deo, et cum sanctis fidelis est.

Não me deterei agora a recitar as opiniões de outros; tampouco parece necessário. Na realidade, eu poderia ter feito referência, no último versículo, ao que alguns dizem com respeito ao bramido de Deus — que a voz dele rugirá através do Evangelho: mas, como esse e outros do tipo são refinamentos nos quais acho que o Profeta jamais pensou, é suficiente compreender o simples sentido dado pelo Profeta, e não amontoar de outros os pareceres baseados principalmente na emoção. Eu deveras sei que isso proporciona grande ostentação, e há alguns que se deleitam com um montão de opiniões; porém, estimo o que é mais útil.

Vou agora ao último versículo, no qual o Senhor lamenta *que estava rodeado de falsidade e burla do povo.* Por essas palavras ele denota que tinha encontrado, em todas as coisas, multiplicada a perfídia dos israelitas; pois esse é o sentido da palavra "rodeado". Percebemos agora, então, que o Profeta quer dizer que os israelitas, não somente de um modo, ou em uma coisa, agiam infielmente para com Deus, empregando dolo: mas que era como quando alguém cerca um inimigo com um grande exército; de forma que eles estavam, desta maneira, cheios de inumeráveis fraudes, com as quais eles, de todos os lados, rodeavam Deus. E isso é o que os hipócritas têm por hábito fazer; pois não só em uma coisa empenham-se eles em enganar Deus, mas se transformam de várias formas, e sempre buscam alguns subterfúgios novos. Quando são apanhados em algum pecado, passam para outro; de modo que não há fim à dissimulação deles. Tal argumento o Profeta ora adota, isto é, que os israelitas nunca paravam de agir fraudulentamente para com Deus.

E ele fala de *dolos e falsidade;* pois imaginavam que escapariam, contanto que se cobrissem com algum disfarce quando os Profetas os vituperassem. Contudo, Deus aqui certifica que eles nada ganhavam com seu ardil, como se dissesse: "Vós de fato pensais que vossas capas serão de serventia para comigo, mas elas são vãs. Eu, realmente, vejo-me, por assim dizer, rodeado por seus embustes, pois de todo lado tentais encobrir vossos pecados; mas são falsas coberturas". Em

resumo, o Profeta exprobra aquelas desculpas plausíveis pelas quais o povo julga que fica absolvido diante de Deus, convicto de que está evitando todas as ameaças e censuras dos Profetas. "Vejo", diz o Senhor, "o que os israelitas aduzem para si; mas são apenas mentiras e logros". Tal passagem ensina, então, que debalde os homens se escusam perante Deus; pois, quando urdem pretextos para o iludir, eles próprios é que ficam grandemente iludidos; pois ele percebe claramente as artimanhas e embustes desses.

Depois, ele acresce no fim que *Judá ainda regia,* ou, *mantinha soberania, com Deus, e era fiel com os santos.* Ao dizer que o segundo mantinha soberania com Deus, ele declara, não tenho dúvida, que o reino de Judá era legítimo, porque estava ligado a um sacerdócio puro e legítimo. Pois de onde surgiram as corrupções no outro reino, senão por o povo se haver revoltado contra a família de Davi? Daí foi que o novo rei alterou tanto a lei quanto o culto de Deus, erigindo novos templos. Israel, então, não governava com Deus, pois o reino era espúrio, o princípio da dispersão, de modo que o povo abandonou Deus. Porém, de Judá o Profeta fala de um modo bem distinto, que *ele regia com Deus,* pois que a posteridade de Davi, embora conheçamos que agisse debaixo de muitos vícios, todavia, não havia mudado o culto prescrito pela lei, mas Acabe erigiu um altar semelhante ao de Damasco, como relata a história sagrada (2.º Reis 16.12); no entanto, a religião pura sempre predominou em Jerusalém. Mas o Profeta fala por comparação, como será visto dentro em pouco: pois não desculpa de todo os judeus, porém, diz que, em contraste com Israel, eles ainda governavam com Deus; pois, como dissemos, o reino e o sacerdócio, juntamente, estavam em Judá, e ambos foram divinamente instituídos.

Ele diz, ainda por cima, que ele *era fiel com os santos.* Por santos alguns entendem Deus. A palavra קדוֹשִׁים, ***kedoshim,*** sabemos, é plural e, algumas vezes, um epíteto do singular é juntado a ela, embora não muitas vezes. No último capítulo de Josué temos essas palavras, קדוֹשִׁים הוּא, ***kedoshim hu,*** santo é ele. Mas, como eu disse, tais exemplos são raros. E, aqui, não sabemos se o Profeta tem ou não Deus em vista. Eu antes prefiro atribuir esta palavra aos santos pais ou à santa Igreja; de modo que o Profeta chama aqui de קדוֹשִׁים, ***kedushim,*** santos, Abraão e outros que, com justiça, mereciam ser contados entre os filhos de Deus; e estou inclinado a incluir os anjos. Mas do santuário não encontramos essa palavra em lugar nenhum; quando a Escritura se refere àquele, a letra מ, *mem,* é adicionada. De fato, ele usa o plural, ainda que se suponha que se pensa aqui tanto no santuário quanto em seu culto. Não obstante, visto que tal aplicação é forçada, e sem outro precedente, contento-me com este claro significado — que Judá era *fiel com os santos;* ou seja, que retinha a fé em Deus em conjunto com os pais, e não se apartou do culto puro que lhe fora entregue, consoante o concerto que Deus celebrara com Abraão e a semente desse.

Porém, o Profeta enaltece aqui a tribo de Judá, não porque quisesse lisonjeá-la; mas, como foi afirmado anteriormente, ele atentava ao ofício delegado a ele. Quando nós, nos dias que correm, clamamos contra nossos males domésticos, quando dizemos que as coisas estão mais bem ordenadas em outro lugar, sob qual hipótese é isso falado? Tomamos por certo que os outros têm seus próprios mestres, pelos quais são objurgados e, se há quaisquer vícios grassando, há aqueles que devem aplicar o remédio. Então, devemos ter sempre este pensamento — que, por meio de exprobração, exponhamos a conduta alheia quando desejarmos sinceramente ferir aqueles de cujo cuidado fomos incumbidos por Deus. Precisamente assim nosso Profeta agia: ao mesmo tempo, os que então ensinavam em Jerusalém não poupavam os judeus; bradavam arrojada e veementemente contra os vícios deles. Mas Oséias, como dissemos, atenta aqui à vocação dele; e, por conseguinte, expõe o pecado das dez tribos, ao haverem se apartado do legítimo culto de Deus, embora tivessem, simultaneamente, o bem conhecido e memorável exemplo da tribo de Judá, a qual prosseguia na obediência da lei. Eis o sentido. Continuemos agora —

CAPÍTULO 12

Oséias 12.1

1. Efraim se alimenta de vento, e segue atrás do vento oriental: diariamente aumenta as mentiras e desolações; e faz um pacto com os assírios, e azeite é levado ao Egito.	**1.** Ephraim pascitur vento, et sequitur orientem: quotidie mendacium et vastitatem multiplicat: foedus cum Assyrio percutiunt, et oleum in Aegyptum portatur.

Aqui, o Profeta invectiva contra as vãs esperanças do povo, pois estava esse inflado com arrogância tal que desprezava toda instrução e todas as admoestações. Por isso, era necessário, em primeiro lugar, corrigir esse vício, daí ele dizer que *Efraim se alimenta de vento.* Pois, quando alguém traga o vento, parece, de fato, preencher a sua boca, garganta, peito e todo o estômago; todavia, nada é senão ar, nutrição nenhuma. Assim, diz ele que Israel, realmente, nutria muita confiança em seus caminhos maliciosos, mas isso era alimentar-se somente de vento. Eles sonhavam que eram felizes quando consolidavam confederações, quando tinham ambos os assírios e os egípcios como seus parceiros. Eram apenas lufadas, diz o Profeta: ou melhor, diz ele, são lufadas nocivas; pois por o "leste" ele entende o vento leste, que sopra do Levante; e isso, segundo dizem, na Judéia, é um vento seco e, freqüentemente, tormentoso. Outros ventos trazem chuva ou algum outro benefício: mas tal vento nada traz senão seca e tempestades. Sendo assim, então, tem-se a impressão de que o Profeta queria dizer que Israel, por sua vã confiança, granjeava para si muitas lamentações, ficando sempre oco e vazio. *Efraim,* então, *alimenta-se do vento,* e, além disso, *segue após o vento oriental.*

Em seguida, Oséias explana seu pensamento mais claramente: *Ele multiplica diariamente falsidade e desolação,* diz. Por falsidade ele se refere por alto, não tenho dúvida, às imposturas pelas quais o povo ludibriava a si próprio, como os hipócritas, os quais, aguçando suas inteligências para enganar a Deus, envolvem-se em muitas ciladas fatais. Assim também, de Israel se diz haver multiplicado embuste; pois esse se fez tão obstinado que se tornou muito empedernido contra o ensinamento de Deus; e tal obstinação é denominada falsidade por este motivo, pois os incrédulos, como vemos, forjam para si muitas escusas; e, ainda que sejam imposturas, não obstante, julgam-se a salvos de toda ameaça de Deus, contanto que arranjem, não sabemos o que, algo que pensem que estará disponível o suficiente. Por essa razão, o Profeta outra vez repete que nada havia senão falsidade em todos os ardilosos decretos deles.

Ele, então, insiste ainda mais no ponto, e diz que isso era *desolação,* isto é, a causa da desolação. Primeiramente, pois, ele ridiculariza a vã confiança do povo, pois que esse julgava que pudesse cegar os olhos de Deus com seus vãos disfarces: "Isso é falsidade", diz, "isso é impostura". Então, ele os pressiona mais pesadamente, dizendo: "Essa é a vossa perdição: vós, finalmente, percebereis que nada ganhastes por seus conselhos, a não ser destruição".

Como assim? Porque eles fizeram uma *aliança.* Eu entendo essa última oração como explanatória: pois, se o Profeta tivesse falado apenas de forma geral, a impiedade do povo não teria ficado exposta o bastante; e as máscaras dos homens atrevidos devem ser despedaçadas, e os crimes deles, por assim dizer, pintados, para que fiquem envergonhados; pois, se não forem retratados, por assim dizer, diante do público, e sua torpeza exposta à vista de todos, sempre se ocultarão em seus lugares secretos. Essa, então, é a razão pela qual o Profeta aqui, especificamente, destaca a fraudes deles, as quais ele ora citara. *Eis,* diz, *eles fizeram um concerto com os assírios,e transportam seu óleo para o Egito;* ou seja, eles caçam a amizade dos assírios de um lado e, de outro, conquistam, com grande importunação, a simpatia dos egípcios; ou melhor, não poupam seus próprios bens, pois

carregam presentes a fim de ganhá-los. Entendemos agora, então, como Israel multiplicara impostura e desolação; pois se comprometera em acordos ilícitos. Mas por que lhes era ilícito fugir para os assírios e egípcios, explicamos noutro lugar, e não é preciso repetir aqui, em detalhes, o que foi dito: Deus queria que o povo estivesse debaixo de sua proteção; e, quando esse prometeu ser o defensor da segurança deles, deviam ter ficado satisfeitos com essa proteção somente: porém, quando eles recorreram ao Egito e a Assíria, foi uma demonstração clara de incredulidade; pois foi o mesmo que negar que o poder de Deus lhes fosse suficiente. E também sabemos que os israelitas nunca foram à Assíria ou ao Egito, a não ser quando meditaram na destruição de seus irmãos; pois amiúde mourejavam para subverter o reino de Judá: eles somente procuravam parceiros para satisfazerem a própria crueldade. Mas esta razão, unicamente, era abundantemente suficiente para condená-los, que eles se fortificavam com auxílios estrangeiros, embora Deus estivesse disposto a guardá-los, por assim dizer, debaixo de suas asas. Então, sempre que tentamos prover para nós mesmos por meios ilícitos, é o mesmo que se negássemos Deus; pois ele nos chama e convida para vir para debaixo de sua proteção: mas, quando, em nossos pensamentos, corremos para cá e para acolá, buscando alguns vãos socorros, desonramos a Deus gravemente: é, no modo de dizer, fugir para o Egito ou para a Assíria. E com essa finalidade deve a doutrina desse versículo ser aplicada. Segue-se —

Oséias 12.2

2. O SENHOR também tem uma contenda com Judá, e punirá Jacó de acordo com os caminhos desse, de acordo com os feitos, recompensa-lo-á.	**2.** Contentio Jehovae cum Jehudah, et ad visitandum super Jacob: secundum vias ejus, secundum opera ejus rependet ei.

Pode parecer estranho que o Profeta dissesse agora que Deus *tinha uma disputa com Judá;* pois dissera antes que Judá se manteve fiel com os santos. De fato, dá a impressão de ser incoerente que Deus contendesse com os judeus e, todavia, declare-os serem retos, separando-os dos pérfidos e ímpios. O que, então, isso significa? O Profeta, como dissemos, falou da tribo de Judá para efeito de comparação quando disse que aquela permanecia fiel com os santos: pois não intentava de todo absolver os judeus, os quais também estavam cheios de pecados lamentáveis; mas ele pretendia elogiar o culto que até então predominava em Jerusalém, para que a impiedade das dez tribos parecesse menos desculpável, as quais, voluntariamente, apartaram-se da regra que Deus havia dado.

Quando alguém, hoje em dia, censura os papistas, esses dizem que um outro modo de adorar lhes é desconhecido, que foram assim ensinados por seus ancestrais e que o culto que eles celebram perdura desde a Antigüidade, de modo que não ousam mudá-lo nem se desviar dele. A desculpa dada pelos israelitas podia ter sido semelhante. Porém, o Profeta acusa-os de apostasia voluntária, pois o templo que Deus escolhera para si estava próximo deles; ali, a face do Senhor era, de certa forma, para ser vista; pois tudo foi disposto de acordo com o padrão celestial que fora exibido a Moisés no monte. Visto pois que a religião pura estava diante de seus olhos, não era o pecado deles provado por este fato mesmo — que, havendo negligenciado a palavra de Deus, entregassem-se a modos de culto novos e fictícios? O Profeta, então, anteriormente elogiou o culto, mas não os modos da tribo de Judá; e ele agora vai a esses modos, dizendo que havia muitas coisas em Judá que Deus castigaria.

O Senhor, então, *tem uma contenda com Judá;* e ele começará com aquela tribo e, depois, descerá à *casa de Jacó.* O Profeta, entretanto, fala aqui somente de passagem sobre a casa de Judá, e toca apenas levemente na disputa que ele tinha com aquela porção do povo. Como foi isso? Porque ele não era um mestre, como já foi dito, posto sobre o reino de Judá, mas apenas sobre os israelitas. Ele ora se refere somente àquele reino com o fito de infundir terror em seu próprio povo: como se

dissesse: “Pensais vós que a longanimidade de Deus é para sempre, por até agora haver vos suportado? Ao contrário, Deus principiará a contender com a tribo de Judá. Eu disse, certamente, que eles eram inocentes se comparados convosco; contudo, eles não escaparão da punição; pois, em breve, Deus os convocará a juízo. Se ele não poupará os judeus, como podem vossos crimes ficar impunes? Pois decerto vós mereceis cem mortes em comparação com aqueles, entre os quais, pelo menos, alguma integridade e retidão existem; pois não fizeram modificação alguma no culto a Deus. A vida deles é corrupta; todavia, a lei de Deus e a religião não são menoscabadas por eles como o são por vós. Se, então, Deus não os poupará, muito menos poupará a vós”.

Compreendemos agora com que propósito o Profeta diz que Deus tinha uma contenda com Judá; pois não era seu intento aterrorizar os judeus mesmos, ou exortá-los à penitência, a não ser de passagem; mas seu objetivo era apresentar um exemplo para os israelitas, para que temessem; pois deviam ter pensado consigo mesmos: “Se isso será feito à arvore verde, o que se tornará a seca?” (Lucas 23.31.) Se Deus vai exercer com tanta severidade sua desforra contra nossos irmãos, os judeus, entre os quais a religião pura subsiste até agora, que tipo de fim e quão horrenda é aquela que aguarda a nós, que nos apartamos da lei, do culto, da doutrina e da obediência a Deus, nós que nos tornamos violadores do pacto, degenerados e sobremaneira profanos?” Em vista disso, ele imediatamente acrescenta: *E punirei Jacó.* “Deus, deveras, iniciará com a tribo de Judá; isso será o prelúdio, ao tratar os judeus mais brandamente do que a vós; porém, contra vós, ele troará com força total. Então, não será uma reprimenda para vos atrair ao arrependimento, mas uma punição tal como a que mereceis; pois ele já contendeu convosco mais do que o suficiente”.

Conforme os caminhos dele, conforme os feitos dele, recompensa-lo-á. Ele registra aqui *caminhos* e *feitos,* sem repetição supérflua, mas revelando que a penitência desse povo já tinha sido mais do que bastante procurada; pois não cessavam eles de, por um longo período, seguir a sua própria impiedade. O Profeta então, sem dúvida, condena aqui os judeus pela perversa impiedade, que eles jamais deixaram seus pecados, mesmo que houvessem sido por muito tempo admoestados e amiúde exprobrados pelos Profetas. Segue-se agora —

Oséias 12.3-5

3. No ventre, ele pegou seu irmão pelo calcanhar, e pelo seu vigor teve poder com Deus.

4. Sim, ele contendeu com o anjo, e prevaleceu: chorou, e fez súplicas a esse: ele o encontrou *em* Betel, e lá falou conosco.

5. Precisamente o SENHOR Deus dos exércitos; o SENHOR *é* o seu memorial.

3. In utero apprehendit plantam fratri suo; et in fortitudine sua dominatus est cum Deo (*quanquam nomen* אלהים, *Aleim, transfertur etiam saepe ad Angelos.*)

4. Et dominatus est cum Angelo (*vel*, adversus Angelum; *vel,* luctatus est, *si quis malit, quanquam ad verbum ita habetur; sed quia sequitur* יוכל*, iucal, praevaluit, ideo libenter admitto luctandi verbum, non quod proprie conveniat, sed rem potius respicio quam verba*) et praevaluit; flevit et rogavit eum: in Bethel invenit eum, et illic locutus est cum eo;

5. Et Jehova Deus exercituum; Jehova memoria ejus.

Em todo esse discurso o Profeta condena a ingratidão do povo; e, depois, mostra quão escandalosamente se apartara esse do exemplo do pai, em cujo nome eles, todavia, se orgulhavam. Essa é a essência. A ingratidão do segundo é demonstrada nisto, não reconhecer que fora antevisto,[92] na pessoa do pai Jacó, pela gratuita misericórdia divina. A primeira história está, na verdade, aludida para este fim, para que a posteridade de Jacó entendesse que fora eleita por Deus antes de nascer. Pois Jacó não agarrou, por escolha ou intenção, o calcanhar de seu irmão no útero da mãe; mas foi algo extraordinário. Foi Deus, pois, quem guiou a mão do menino, e, através desse sinal, testificou que a adoção dele foi gratuita. Em suma, ao dizer que Jacó segurava o pé do irmão no ventre materno, a mesma coisa é intentada, como se Deus tivesse lembrado os israelitas de que eles não excediam a outros povos por virtude sua ou de seus pais; mas que Deus, de seu bom prazer, elegera-os. O mesmo foi alegado contra eles por Malaquias: 'Não eram Jacó e Esaú irmãos? Não obstante, Jacó eu amei, e a Esaú eu odiei' (Ml 1.2,3.) Pois conhecemos com que arrogância essa nação sempre se exaltou. "Mas de onde vós surgistes? Olhai retrospectivamente para a vossa origem: sois, deveras, os filhos de Abraão e Isaque. Então, no que vós vos diferis dos idumeus? Certamente, foram esses gerados por Esaú; mas Esaú era o filho de Isaque e o irmão de Jacó, e, na realidade, o primogênito. Então, não sobrepujais quanto a alguma dignidade que possa existir em vós. Admitais, pois, vossa procedência, e saibais que toda a excelência que possa ter em vós provém da mera mercê de Deus, e isso deve ligar-vos mais e mais a ele. Então, de onde vem esse orgulho?"

Precisamente assim nosso Profeta fala agora: *Jacó segurou o pé de seu irmão no ventre de sua mãe;* isto é: "Tendes uma relação íntima com Esaú e a descendência dele; mas esses são detestados por vós. De onde vem isto? É por algum mérito vosso? Jactais de que podeis demonstrar que tudo que é proveniente de vós pode auferir mercê diante de Deus. Ao invés disso, vosso pai Jacó, um homem deveras mui santo, enquanto no útero de sua mãe, apoderou-se do pé de seu irmão Esaú; isto é, quando ele se tornou superior a seu irmão e obteve a primogenitura, ele não era adulto, e nada podia fazer por escolha ou poder próprios, pois estava, então, encerrado no ventre materno, e não tinha nenhum valor ou mérito. Vossa ingratidão é agora, pois, a mais vil, pois Deus vos havia posto debaixo de obrigações para com ele antes que tivésseis nascido; na pessoa do santo patriarca, ele vos elegeu por sua possessão. Mas agora, havendo-o abandonado e abdicado do culto que aquele

[92] Praventum fuisse. Esse é um termo dificílimo de se traduzir de modo correto e inteligível. Impedir, no sentido de ir adiante, não é comum. Aqui, o significado é que eles não reconheceram que, no caso de Jacó, a livre misericórdia foi anterior a qualquer bem da parte dele. (N. do E. inglês.)

ensina em sua lei, entregaste-vos aos ídolos e às superstições ímpias. Trazei ora vossos pretextos, mediante os quais vós cobris vossa impiedade! Não é vossa abjeção tão grosseira e palpável que devíeis estar envergonhados dela?" Entendemos agora, então, a finalidade para a qual o Profeta disse que *o pé de Esaú foi agarrado por Jacó no ventre da mãe.*

Outrossim, essa passagem revela claramente que os homens não ganham o favor de Deus pelo livre-arbítrio deles, mas que são eleitos somente pela bondade divina, antes de nascerem, escolhidos, não devido às obras, como presumem os papistas, que admitem alguma eleição divina, mas julgam que essa depende das obras futuras. Mas, se fosse assim, a acusação do Profeta seria formal e estéril. Ora, já que Deus, apenas por seu bom prazer, antevê os homens, adotando aqueles de que se agrada, não por causa das obras, mas pela misericórdia dele, segue-se daí que aqueles que são eleitos são mais ligados a ele, e que são menos desculpáveis quando rejeitam a mercê que lhes é oferecida.

Aqui, porém, alguns podem objetar, dizendo que é estranho que se diga que a posteridade de Jacó foi eleita em sua pessoa e, todavia, no meio tempo, aquela ter se apartado de Deus; pois a eleição divina, neste caso, não seria infalível e permanente; e sabemos que a quem Deus escolhe, também justifica, e a salvação desse é tão firme que ninguém pode perecer; todos os eleitos são também dados a Cristo, o preservador deles, para que os conserve por seu divino poder, o qual é invencível, como ensina João no capítulo 10. Então, o que isso significa? Ora, sabemos, e foi outrora afirmado, que a eleição de Deus quanto ao povo era dupla; pois uma era geral e a outra, especial. A eleição do santo Jacó foi especial, pois ele era, realmente, um dos filhos de Deus; especial também foi a eleição daqueles que são chamados por Paulo de os filhos da promessa (Romanos 9.8). Havia uma outra, a eleição geral; pois ele recebeu toda sua semente em sua fé, e ofereceu a todos sua aliança. Simultaneamente, não eram eles todos regenerados, não eram eles todos dotados do Espírito de adoção. Essa eleição geral não era pois eficaz em tudo. Agora, fica resolvida a matéria em debate, que nenhum dos eleitos perecerá; pois o povo todo não foi escolhido de uma maneira especial; mas Deus conhecia quem ele elegera dentre aquele povo; e depois ele dotou aqueles, como dissemos, com o Espírito de adoção, suprindo com sua graça, para que jamais apostatassem. Outros foram, na verdade, eleitos de uma certa forma, isto é, Deus ofereceu-lhe o concerto da salvação; contudo, por sua ingratidão, fizeram com que Deus os rejeitasse e renegasse como filhos.

Contudo, o Profeta adiciona no fim que Jacó *por seu vigor teve poder com Deus, e tinha* também *prevalecido com o anjo.* Ele, aqui, exprobra os israelitas por fazerem uma falsa reivindicação do nome de Jacó, visto não possuírem nada em comum com ele, mas por terem se apartado vergonhosamente do exemplo desse. Então, ele *teve poder com o anjo e com o próprio Deus;* e prevaleceu com o anjo. Mas que tipo de pessoas eram aqueles? Tal como os poetas gentios chamavam os romanos, embora esses se tornassem degenerados e efeminados, romulidianos[93], dizendo que eles haviam se originado daqueles heróis notáveis e ilustres, cuja proeza era então bem conhecida, e pela mesma razão os denominado cipionianos[94]; assim também o Profeta diz: "Vinde agora vós, filhos de Jacó, que espécie de homens sois? Fostes dotados de um poder heróico, sim, angélico, e até mais do que angélico; pois ele pelejou com Deus e alcançou a vitória; mas vós sois

[93] De Rômulo, figura lendária que teria sido o primeiro rei de Roma, cidade que fundou com seu irmão gêmeo Remo em 753 a.C. Quando a mãe deles, uma princesa latina, foi assassinada por um tio malvado, os bebês foram lançados ao rio Tibre. Foram salvos por uma loba, que os amamentou e os tratou como se fossem seus filhos, incutindo neles ferocidade e sentido de lealdade. (N. do T.)

[94] De Públio Cornélio Cipião, o Africano (236 a.C. – 184 a.C.), importante general e estadista da história de Roma. Venceu os ibéricos na Espanha, mas ficou mais conhecido por haver genialmente derrotado o afamado general Aníbal de Cartago, na batalha de Zama (202 a.C.), feito que alguns historiadores rotulam de "Batalha de Waterloo" da Antigüidade, porque pôs fim à Segunda Guerra Púnica e abriu a Roma as portas do mundo. (N. do T.)

os escravos dos ídolos; o diabo vos mantém devotados a ele; vós estais, por assim dizer, num bordel; pois o que mais é o vosso templo senão um lupanar? Então, sois como adúlteros, e diariamente cometeis adultério com vossos ídolos. O que são vossas abominações senão cadeias imundas, as quais provam que não há inteligência nem coração em vós? Pois vós deveis ter sido fascinados quando abandonastes a Deus e adotastes novos e profanos modos de adoração". Essa diferença entre o santo patriarca Jacó e a descendência dele deve ser notada, caso contrário não entenderemos o objetivo do Profeta; e pouco aproveitará coligir várias opiniões se primeiramente não soubermos o que o Profeta quis dizer e qual era o teor dessa repreensão e dessa narrativa, que Jacó teve poder com Deus e com o anjo.

Mas deve ser observado aqui que Deus e o anjo são aqui mencionados no mesmo sentido; podemos, de fato, traduzi-lo anjo nos dois lugares; pois tanto אלהים, ***'elohim,*** quanto מלאך, ***mal'ach,*** significam anjo. Entretanto, toda dúvida é removida pelo Profeta quando ele, por fim, adiciona: *Jeová, Deus dos exércitos, Jeová é o nome dele,* pois aqui o Profeta menciona explicitamente o nome essencial de Deus, pelo qual atesta que esse mesmo era o eterno e o único Deus verdadeiro, e que, não obstante, era, ao mesmo tempo, um anjo. Mas, se for perguntado, como era ele o Deus eterno e, simultaneamente, um anjo, isto, na verdade, ocorre tão amiudadas vezes na Escritura que deve ficar bem conhecido de nós: que, quando o Senhor aparecia por meio de seu anjo, o nome de Jeová era dado aos anjos, não a todos indiscriminadamente, de fato, mas ao anjo principal, pelo qual Deus se manifestava. Isso, como eu disse, tem que ser bem conhecido de nós. Segue-se então que esse anjo era verdadeira e essencialmente Deus. Mas isso não se aplicaria estritamente a Deus se não houvesse alguma distinção de pessoas. Então, deve haver alguma pessoa na Divindade à qual esse nome e título de anjo podem se aplicar; pois, se tomarmos o nome de Deus sem estabelecer diferença ou distinção, reputando-o como denotando a essência dele, por certo seria incoerente dizer que ele é Deus mas anjo também; porém, quando distinguimos as pessoas na Divindade, não há incoerência nenhuma. Como assim? Porque Cristo, a eterna Sabedoria de Deus, fez papel de Mediador antes de adotar nossa carne. Portanto, ele era um Mediador e, nessa qualidade, também um anjo. Simultaneamente, era ele Jeová, que é agora Deus manifestado na carne.

Não obstante, devemos, por outro lado, refutar o delírio, ou a diabólica loucura daquele sofista, Serveto, [95] que imaginava que Cristo era, desde o princípio, um anjo, uma avantesma, bem como uma pessoa distinta, possuindo uma essência separada do Pai; pois diz que ele foi formado dos três elementos não tratados. Tal concepção diabólica deve ser de todo descartada por nós. Mas Cristo, conquanto fosse Deus, foi também um Mediador; e, como Mediador, é reta e apropriadamente chamado o anjo ou o mensageiro de Deus, pois, de moto próprio, postou-se entre o Pai e os homens.

[95] A real participação de João Calvino no controvertido episódio envolvendo a execução de Miguel de Serveto, médico espanhol que foi sentenciado à morte na fogueira em Genebra, em 1553, acusado de heresia contra a Trindade, é criteriosamente analisada em artigo do pastor presbiteriano Augustus Nicodemus, cuja leitura, *data venia,* recomendamos, por ser muito útil, desapaixonada e esclarecedora sobre o assunto (v. link abaixo):
http://www.ipb.org.br/artigos/artigo_inteligente.php3?id=26
(N. do T.)

ORAÇÃO

Conceda, Todo-Poderoso Deus, que, visto como tu te mostraste a nós hoje de modo tão amável como o de um Pai, havendo nos apresentado um penhor singular e inestimável de teu favor em teu Filho unigênito — Ó, outorgue que nós nos devotemos inteiramente a ti, e verdadeiramente prestemos a ti aquele serviço e aquela obediência voluntários que são devidos a um Pai, para que não possuamos nenhum outro objetivo em vida que não confirmar tal adoção, com a qual favoreceste-nos outrora, até que, finalmente, estando congregados no teu reino eterno, partilhemos de seu fruto, junto com Cristo Jesus teu Filho. Amém.

TRIGÉSIMA-SEGUNDA DISSERTAÇÃO

Explicamos ontem como se afigurava apropriado chamar aquele que apareceu ao santo Jacó em Betel tanto de Deus quanto de anjo; pois o nome Jeová, pelo qual se expressa o eterno poder, essência e majestade divinas, não podia ser transferido a um mero anjo. Por isso, é certo que ele era o único Deus verdadeiro. Mas não podia ser que ele fosse simples e indistintamente denominado anjo; mas, como Cristo mesmo, então, mantinha o papel de Mediador, não foi com incoerência chamado anjo; todavia, sabemos que ele é o Deus eterno. Assim, esta passagem é digna de ser evocada, visto que testemunha da divindade de Cristo; pois o Profeta afirma claramente que ele é Jeová, o Criador do céu e da terra, e que o é por seu próprio poder; e que não subsiste em um outro, como é o caso de todas as criaturas. Então, já que ele é assim, sua soberania fica provada, de modo que ele não é inferior ao Pai.

Mas ele afirma que isso é seu *memorial,* ou lembrança. Essa expressão refere-se aos homens; o Profeta quer pois dizer que esse maravilhoso e magnífico nome seria bem conhecido no mundo, quando Cristo fosse revelado. O povo, de fato, até então reconhecia que o verdadeiro Deus apareceu ao pai deles; mas o conhecimento de um Mediador era até agora obscuro. O Profeta, pois, parece atentar aqui à vinda de Cristo; como se dissesse que o nome Jeová seria largamente conhecido de todos, quando o Mediador fosse mais claramente apresentado. Mas irei ora às outras partes da passagem.

O Profeta diz que ele *foi um príncipe,* ou teve poder, *por seu vigor com Deus.* O que essa declaração envolve, eu explanarei rapidamente. O nome Israel foi dado a Jacó em virtude da vitória que ele obteve naquela nobre luta, cuja menção é feita em Gênesis 32: pois o santo homem não teve uma contenda com um ser mortal, mas com o próprio Deus; e ele prevaleceu naquele combate e é, por esse motivo, chamado de o conquistador de Deus. Como esse modo de falar é desagradável, alguns se esforçam em fazer um comentário que torne aquele mais moderado, isto é, que Jacó foi um *príncipe com Deus,* significando que Deus aprovou a insólita coragem daquele. Contudo, Deus pretendia expressar algo mais quando deu esse nome ao seu servo; pois confessou que se rendeu, sendo, por assim dizer, vencido, entregando a palma da vitória ao santo Jacó. E isso não nos deve parecer estranho; pois sabemos que, sempre que Deus prova nossa fé, experimentando-nos pelas tentações, estas são os muitos combates nos quais ele luta conosco; pois ele procura descobrir qual é a firmeza da nossa fé. Como? Quando se nos diz que temos que lutar com Deus, e o resultado da pugna é tal que esse deixa para nós a vitória, então, não somos impropriamente chamados de conquistadores, sim, conquistadores do próprio Deus. Mas como? Porque Deus opera maravilhosamente em seus santos, de modo que, por seu próprio poder, ele se humilha; e, enquanto luta conosco, supre-nos com força, pela qual somos capacitados a suportar o peso e a pressão da luta. Se Deus nos atacasse, o que ele encontraria senão fraqueza? Porém, quando ele nos chama à briga, ao mesmo tempo, fornece-nos as armas necessárias.

E existe uma esplêndida combinação na luta: Deus, de um lado, vira antagonista e, de outro, peleja em nós contra as tentações vindas dele, ou contra todas aquelas pugnas pelas quais testa nossa fé. Destarte, diz-se que Deus é vencido por nós quando, pelo poder e ajuda de seu Espírito, fortalece-nos, tornando-nos inconquistáveis; sim, quando ele nos faz triunfar sobre as tentações, e, quando consideramos tudo, a situação nesse caso é tal que Deus deixará a maior porção de força ficar do nosso lado, e ele só toma a porção mais fraca para nos tentar e provar. Neste caso, com certeza, não devemos imaginar alguma separação semelhante, como se Deus estivesse dividido contra si mesmo; mas sabemos que, quando ele experimenta nossa fé, sai como se fosse um adversário, ou como se nos desafiasse à luta. Isso é deveras certo. Pois o que são as tentações, ou qual é o objetivo delas, senão nos oferecer uma ocasião para exibir, como em um campo de batalha,

um exemplo e prova de nosso vigor e solidez? Mas isso não pode ser feito sem um adversário; pois qual seria o proveito de pelejar com uma sombra? Ou quando ninguém entra em conflito conosco? Sendo assim, Deus assemelha-se a um adversário quando testa a nossa fé; e, como foi dito anteriormente, nós não temos tal pugna com os homens, mas com Deus mesmo. Certamente temos de contender com o diabo; pois Paulo diz que temos de pelejar não (apenas) com a carne e o sangue, mas com as potestades, (Efésios 6.12). Isso é indubitavelmente verdadeiro; contudo, o Senhor, simultaneamente, detém a primazia, como aquela memorável passagem em Jó atesta: 'O Senhor deu, o Senhor tem tirado' (Jó 1.14). Assim, então, devemos nos envolver com o próprio Deus. Como assim? Porque ele nos experimenta e nos prova. Mas ele não nos tenta, como diz Tiago (Tg 1.14); pois uma pessoa é tentada quando é arrastada por sua própria concupiscência. Ele não nos tenta ao mal; ele não instila em nós desejos corruptos, que crescem espontaneamente, os quais são inatos à nossa natureza; mas ele tenta, ou seja, prova-nos, como ele diz haver tentado Abraão (Gênesis 22.1.)

Visto ser assim, devemos ora lutar com Deus; mas para qual fim? Para que conquistemos: pois ele não pretende dominar-nos completamente quando está tornando conhecida nossa fé e constância na obediência; pelo contrário, ele edifica um teatro, para nele mostrar seus dons. Portanto, vamos à briga com a esperança de vencer. Para que triunfemos, ele, como eu disse, não somente nos exorta a sermos fortes, mas nos supre também com armas, dota-nos de vigor e, ainda, combate ele mesmo, de certa forma, conosco, e é poderoso em nós, habilitando-nos a sobrepujar nossas tentações. Por essa razão é que se diz que Jacó teve poder com Deus, ou ter sido o conquistador de Deus.

Não obstante, o que o Profeta acrescenta pode parecer estranho, que isso foi feito pelo *vigor dele.* Ele teve poder com Deus, diz aquele, por sua própria força. Mas, se Israel havia lutado com sua própria bravura, não podia ter suportado nem mesmo a sombra divina, pois deveria ter caído. Esse deveria ter sido reduzido a nada, não tivesse o primeiro poder maior do que aquele do homem. O que, então, isto quer dizer, que ele foi um conquistador por sua própria força? Admitimos que essa força, da qual o Profeta fala, seja atribuída ao santo Jacó quando ele obteve domínio. Como geralmente dizem, não há melhor direito do que aquele oriundo de doação; e Deus costuma transferir para nós tudo o que ele confere, como se fosse nosso. Então, é preciso distinguir sabiamente, aqui, entre a força que o homem tem em si mesmo e aquela que Deus a ele confere. Os papistas, assim que é feita alguma menção à energia ou ao poder do homem, incontinenti agarram-se nisto, dizendo: "Se não houver livre-arbítrio algum no homem, não há nenhuma energia ou poder para resistir". Contudo, denunciam a própria estupidez e leviandade, visto como não conseguem distinguir entre a força intrínseca que existe no homem em si, por natureza, e a força não inerente com que Deus capacita os homens, a qual é o dom do Espírito Santo. E o Profeta, quando elogia aqui o vigor do santo Jacó, não exalta o livre-arbítrio desse, como se tirasse esse força de si próprio, pela qual venceu Deus; porém, quer dizer que o segundo foi divinamente dotado de poder invencível, de modo que ele saiu como conquistador na peleja. Compreendemos agora o sentido dado pelo Profeta.

E, visto que isso era especialmente merecedor de ser lembrado, ele repete que teve poder com o anjo e prevaleceu. Mas já dissemos como Jacó não prevaleceu de si mesmo, mas porque Deus tinha distribuído seu poder, de modo que a maior parte ficou em Jacó mesmo. Por conseguinte, tenho eu por hábito, quando falo da pugna e das contendas diárias com que Deus exercita os piedosos, aduzir a tal símile — que Deus luta conosco com sua mão esquerda e nos defende com a sua direita, isto é, ele nos ataca de uma maneira fraca (por assim dizer), mas, ao mesmo tempo, estende sua destra para nos defender; ele mostra, no segundo caso, seu poder maior, para que nos tornemos vitoriosos na briga. E esse modo de falar, ainda que, à primeira vista, pareça chocante, todavia, expõe maravilhosamente a graça e a benevolência de Deus, visto como ele se

digna a se humilhar por nossa causa, de forma que escolhe conceder-nos o louvor da vitória; não, de fato, para que fiquemos orgulhosos de nós próprios, mas para que, assim, seja ele mais glorificado quando preferir exercer seu poder em nos defender, em vez de nos dominar completamente, o que ele poderia fazer com um sopro de sua boca. Pois não tem ele necessidade alguma de fazer qualquer esforço para nos reduzir a nada: se apenas optasse por soprar sobre a raça humana inteira, o mundo todo seria extinto em um instante. Porém, o Senhor peleja conosco, mas, ao mesmo tempo, não permite que sejamos esmagados; ao contrário, ele nos ergue no alto e, como eu já disse, concede-nos a vitória. Prossigamos agora.

O Profeta acrescenta que ele chorou e rogou: *Chorou,* diz, *e fez súplica a ele.* Alguns explicam essa oração como sendo do anjo; mas não sei se chorar seria condizente com este. Realmente, pode-se sustentar a opinião de que o anjo era, no modo de dizer, um suplicante, quando deu a vitória ao santo homem; pois era como se ele se considerasse inferior caso se lançasse sobre o chão. Então, explicam choro deste modo: "O anjo suplicou ao patriarca quando disse: 'Deixe-me ir'; e isso foi uma confissão de vitória". O sentido, então, seria que o patriarca Jacó não ganhou algo ordinário quando saiu como conquistador na briga; pois Deus era, de uma certa maneira, o suplicante, pois concedeu àquele o nome e a glória de um conquistador. Mas eu prefiro interpretar isso como sendo do patriarca, e interpretar assim é, em meu critério, mais adequado. Não se diz, deveras, que Jacó chorou; isto é, não está declarado nítida e explicitamente por Moisés, reconheço; mas chorar pode ser considerado aquela humildade que o fiel sempre traz à presença de Deus: e, então, o choro era adequado ao patriarca; pois ele obteve tal vitória no combate que não saiu sem dor e perda, visto sabermos que sua perna foi desconjuntada e sua coxa, deslocada, de modo que ficou manco por toda a vida. Jacó, então, logrou a vitória, e triunfou lá com a aprovação divina: no entanto, ele não partiu são, pois Deus o deixara coxo. Então, aquele sentiu não pequena dor, visto que essa fraqueza em seu corpo persistiu por toda a vida. Daí, o choro não deixou enfermo o santo homem, o qual foi humilhado na luta, malgrado levasse embora a palma da vitória.

E isso deve ser observado com cuidado; pois aqui o Profeta refuta todas as calúnias, embora modere a frase, de modo que não remove coisa nenhuma de Deus e da glória desse, ainda que, de modo esplêndido, adorne a vitória do patriarca. Ele foi pois *um príncipe com Deus;* ele também *prevaleceu,* ele tornou-se um conquistador — mas como? *Todavia, chorou e rogou a ele;* o que significa que não havia razão para orgulho ele ter levado embora a palma da vitória na disputa, mas que Deus levou-o à humildade precisamente pelo deslocamento de sua coxa ou perna: e, assim, suplicou-lhe. A oração de Jacó é relatada por Moisés, a qual o primeiro fez quando pediu para ser abençoado. Mas o menor, como diz o Apóstolo, é abençoado pelo maior, (Hebreus 7.7). Então, Jacó não se exaltou, como os homens cegos o fazem, os quais reivindicam mérito para si; mas orou a Deus e pediu para ser abençoado por Ele, que se considerava como estando vencido. E isso tem que ser observado cuidadosamente, em especial a circunstância suplementar; pois aprendemos daí que não há motivo para aqueles que são provados pelas tentações fugirem de Deus, mesmo que nossa carne, na verdade, procure desafogo e ceda aos desejos.

Porém, quando uma tentação se aproxima, retiramo-nos, e não há quem alegremente não faça uma pausa e também não se oculte à distância da presença de Deus. Então, visto como desejamos que Deus fique longe de nós, quando ele vem como um antagonista, para provar a nossa fé, essa prece de Jacó deve ser lembrada; pois, ainda que sua perna estivesse fora das juntas, ainda que estivesse exaurido de fadiga, todavia, não se retirou, não quis que o anjo partisse, mas reteve-o, no modo de dizer, à força: 'Tu me abençoarás; prefiro antes contender contigo, e de todo ser consumido, do que te deixar ir antes que me abençoes". Em vista disso, percebemos que devemos procurar a presença de Deus; ainda que nos prove severamente, ainda que soframos muito, ainda que nos falte a força, ainda que fiquemos mancos por toda a vida, não obstante, não devemos fugir da presença de Deus, antes, devemos abraçá-lo com ambos os braços, e retê-lo, por assim dizer,

pela força; pois é muito melhor gemer sob o nosso fardo e sentir o poder divino, que está acima de nós, do que continuarmos livres de estafa e apodrecermos em nossos prazeres, como se dá com quem Deus abandona. E vemos o quanto uma tal indulgência deve ser temida por nós, pois, a menos que sejamos diariamente acerados por várias tentações, imediatamente juntaremos ferrugem e outros males. Logo, é forçoso, a fim de que continuemos em um estado são, que nossas pelejas sejam renovadas todo dia: por isso eu disse que devemos buscar a presença de Deus, por mais severa que a pugna possa ser.

Segue-se: *Ele achou-o em Betel.* Para remover toda ambigüidade, eu verteria "em Betel ele tinha-o encontrado". Realmente, é um verbo no futuro; mas é certo que o Profeta fala do passado. Mas, quando admitimos o pretérito, a ambigüidade na linguagem ainda permanece; pois alguns traduzem assim a passagem, que Deus havia, em seguida, encontrado Jacó em Betel, ou, que Jacó achara Deus; isto é, quando o nome de Israel lhe foi confirmado, depois da destruição da vila de Siquém; pois, para consolar essa mágoa, Deus apareceu a ele ali outra vez. Então, explicam isto como uma segunda visão naquele local. Contudo, parece-me que o Profeta tinha outra coisa em vista, precisamente esta, que Deus já tinha achado Jacó em Betel, que o encontrara quando esse fugiu para a Síria, indo para longe, por medo do irmão. Era pois a primeira vez que Deus aparecia a seu servo, exortando-o à fidelidade: prometeu-lhe um retorno a salvo ao seu país. O Profeta quer dizer, então, que Jacó obteve a vitória porque Deus, muito tempo antes, começara a adotá-lo em seu amor, e também atestou seu amor ao ter se manifestado a ele em Betel. Isto, de fato, podia ser atribuído a Jacó: "Ele o encontrou em Betel"; ou seja, ele encontrou Deus. Mas, como é logo adicionado que *ali ele falou conosco,* e como isso não pode ser aplicado a nenhum outro senão ao próprio Deus, fico inclinado a acrescentar ainda que Deus achara Jacó em Betel. E o Profeta preconiza a nós, novamente, a gratuita benevolência de Deus para com Jacó, pois que se dignou a encontrá-lo no caminho desse, demonstrando que era o guia de Jacó na jornada: pois esse, anteriormente, não achava que Deus estivesse perto, visto que ele mesmo diz: 'Essa é a casa de Deus e a porta do céu, e eu não sabia' (Gênesis 28.16,17). Portanto, quando o santo homem julgou estar, por assim dizer, lançado para longe de Deus e desprovido de todo auxílio, quando estava sozinho e sem qualquer esperança, diz-se que Deus o encontrou; pois, de seu bom querer, apresentou-se àquele, quando o santo homem não esperava coisa tal, nem concebia algo semelhante em sua mente. Sendo assim, Deus já havia achado seu servo em Betel; e lá ele falou, ou (para continuar com a mesma linha de raciocínio) havia falado a ele.

Ali ele tinha falado conosco. Alguns tomam עִמָּנוּ, ***'imanu,*** por עִמּוֹ, ***'imo*** [96]**,** ele havia falado com ele; e assim o consideram por estarem compelidos pela necessidade; pois não acham sentido nestas palavras, que Deus falou conosco em Betel. Mas não há necessidade alguma de mudá-las contrariando as regras gramaticais. Outros, que não ousam se afastar das palavras do Profeta, imaginam uma acepção de todo diferente. Dizem alguns: "Ele falou conosco lá"; isto é: "O Senhor fala por mim, Oséias, e por Amós, que é meu colega e amigo: pois anunciamos sobre vós, com a autoridade daquele, total ruína e destruição; e Deus nos fez conhecer em Betel tudo o que trazemos a vós". Mas o quão forçado é isso, todos o podem ver: isso é brigar com a Escritura, não elucidá-la. Outros também falam, ainda mais faltos de imaginação: "Ali ele falou conosco", como se o anjo tivesse dito: "Espere, o Senhor falará conosco; eu te chamei Israel, mas o Senhor por fim virá, o qual ratificará o que agora digo a ti"; como se não fosse ele, na realidade, o Deus eterno; mas isso ele explicita de imediato, quando diz que *Jeová é o memorial dele, Jeová dos exércitos.* Porém,

[96] Esse é um caso em que a crítica, por não compreender o objetivo de uma passagem, sugere correções, as quais aparentam ser plausíveis, no entanto, retiram um significado importante, como percebemos na presente situação, pela explicação de Calvino. *Horsley* é da mesma opinião de Calvino, mas não *Newcome*. (N. do E. inglês.)

os judeus não levam a sério, eles que são semelhantes aos seres irracionais toda vez que há uma referência a Cristo.

Entretanto, não parece haver grande motivo para muito mourejarmos sobre as palavras do Profeta: e até alguns dentre os Rabinos (para não os privar de seu justo encômio), observam isso como sendo a significação: que o Senhor havia falado a Jacó, de maneira que tudo o que disse pertencia ao povo inteiro. Pois, indubitavelmente, tudo o que Deus então prometeu a seu servo pertencia a todo o grêmio do povo, e a toda a descendência do segundo. Por que, então, os intérpretes se atormentam tão grandemente, quando está óbvio que Deus falou através da pessoa de um homem com toda a posteridade de Abraão? E isso concorda melhor com o contexto; pois o Profeta ora aplica, por assim dizer, ao povo inteiro o que tinha até aqui registrado do patriarca Jacó. Então, para que eles não pensassem que a história de um homem só foi relatada, diz que ela diz respeito a todos. Como assim? Porque o Senhor havia falado com o santo Jacó para que a sua voz ressoasse nos ouvidos de todos. Pois o que foi dito ao santo homem? Revelou-se Deus apenas a ele? Prometeu ser um Pai somente a esse? Ao contrário, adotou a semente inteira, estendendo sua mercê a toda a posteridade daquele. Então, visto que ele assim falara a todos os israelitas, esses deviam agora ficar mais envergonhados de sua apostasia, visto haverem se degenerado tanto em relação ao pai deles, com quem, todavia, estavam ligados. Pois havia um sagrado vínculo de unidade entre Jacó e seus filhos, já que Deus adotou-os todos em seu amor e favoreceu-os com sua adoção. Percebemos agora o pensamento do Profeta. Continuemos —

Oséias 12.6,7

6. Por isso, volta ao teu Deus: conserva a piedade e o juízo, e espera sempre no teu Deus.	**6.** Et tu ad Deum tuum convertere; bonitatem et judicium custodi; et spera in Deo tuo semper.
7. *Ele é* mercador, as balanças do engano *estão* na mão dele: ele gosta de oprimir.	**7.** Chanaan! In manu ejus statera fraudis (*vel*, dolosa;) praedari diligit.

O Profeta, agora, compele aqui o povo à ação imediata. Havendo feito alusão ao exemplo do patriarca, mostra quão diferente deste era a posteridade, de quem Deus proveito algum conseguiu tirar pela sã doutrina, embora estivesse sempre cheio de interesse e preocupação pela salvação daquela, concitando seus Profeta a trazerem de volta os perdidos e dispersos ao caminho da segurança. Então, visto ser assim, o Profeta acusa-os de ingratidão. Mas, primeiramente, ele fala de arrependimento; em seguida, revela que ele e outros ministros de Deus haviam labutado em vão; pois a perversidade do povo era tal que o ensinamento não surtiu efeito algum. Seu sermão é curto, todavia, contém muita coisa.

Voltai, diz ele, *ao teu Deus.* Ele vislumbra aqui a apostasia do povo, ao ordenar que esse retornasse ao seu Deus, e, simultaneamente, condena tudo o que os israelitas estavam habituados a opor como defesa quando os Profetas acusavam-nos. Pois os primeiros desejavam que os modos fictícios de culto deles funcionassem como justificação; desejavam que os deuses inventados por eles próprios ocupassem o lugar do Deus verdadeiro. O Profeta derruba o pretexto desses tipos de subterfúgios, mandando que o povo regressasse ao seu Deus. “Por que”, diz, “vós adorais mesmo deuses, e grandemente se afadigais em vossas superstições? Confessais que sois apóstatas, que tendes rejeitado a lei entregue a vós pelo verdadeiro Deus. *Voltai,* pois, *para o vosso Deus*”. E ele chama Deus de o Deus de Israel, não para honrá-los, mas para condená-los, pois que haviam, voluntária e propositadamente, rejeitado o culto do Deus verdadeiro, o qual se lhes fizera conhecido.

Em seguida, é revelado o autêntico caminho da penitência. No princípio do versículo, como eu já disse, exige-se que o povo se arrependa; porém, como conhecemos que os homens não levam

Deus a sério quando são chamados ao arrependimento, não é debalde que uma definitiva, ou, no mínimo, curta descrição desse seja adicionada, pela qual fica patente o que é arrepender-se, ou voltar para Deus. Depois, o Profeta diz: *Guardai a misericórdia,* ou bondade, *e o juízo*. Ele inicia com a segunda tábua e, depois, acrescenta a piedade para com Deus. Mas ele formula apenas duas coisas, nas quais incluiu o ensino todo da segunda tábua. Pois qual é a intenção de Deus, do quinto ao último mandamento, senão nos ensinar a moldar nossa vida segundo a regra do amor? Então, somos instruídos, na segunda tábua da lei, sobre como devemos agir para com nossos irmãos; ou, se alguém quiser ter uma síntese mais curta, na segunda tábua da lei são exibidos os deveres mútuos dos homens. Contudo, o Profeta começa aqui com a segunda parte da lei; pois os Profetas não têm por costume observar a ordem de forma estrita, nem mesmo observam sempre um método regular; mas lhes é o bastante mencionar as coisas principais, pelas quais explicam seu argumento; daí, não é de se admirar que o Profeta aqui, conforme a sua maneira usual, cite o amor em primeiro lugar e, depois, vá ao culto de Deus. Essa ordem, como eu disse, não é, de fato, natural, tampouco legítima; porém, isso não tem importância; ou melhor, não era sem a melhor das razões que os Profetas faziam isso, normalmente; pois o arrependimento é mais bem testado pela observância da segunda tábua do que pela observância daquela do culto divino. Pois, como os hipócritas dissimulam-se, escondendo-se em ótimas capas, o Senhor aplica uma base de comparação, e isso ele o faz sempre que os arrasta para a luz e expõe à vista pública suas fraudes, roubos, crueldade, perjúrios, furtos e vícios semelhantes. Então, já que os hipócritas podem ser mais bem condenados pela segunda tábua da lei, o Senhor, retamente, apela a isso quando fala de penitência; como se dissesse: "Que agora fique notório o que vossa penitência é — fingida ou sincera; pois, se agis justa e integramente para com vossos próximos, se observais a eqüidade e a retidão, isso é uma comprovação segura do vosso arrependimento".

Ao mesmo tempo, o Profeta não descuida do culto de Deus; pois ele acrescenta: *Esperai continuamente em teu Deus.* Pela palavra esperar ele, primeiramente, requer fé, depois, oração, a qual surge daquela, e ação de graças, que se segue necessariamente. Assim, todo o culto de Deus é resumidamente incluído, como uma parte pelo todo, na palavra esperança. O que o Profeta quer dizer, então, é que Israel, abandonando as superstições, recostasse no único Deus verdadeiro, e pusesse toda a salvação sobre esse, para que a ele acorressem, atribuindo apenas a ele o louvor devido por todas as bênçãos. Assim fazendo, restaurariam a pura adoração a Deus e lançariam fora todas as suas superstições adúlteras. Ele já havia falado da segunda tábua da lei.

Por esse motivo, percebemos que a penitência nada mais é do que uma reforma de toda a vida em consonância com a lei divina. Pois Deus explicou sua vontade em sua lei; e, quando dela nos apartamos ou desviamos, também nos apartamos do Senhor. Mas, ao retornarmos a Deus, a verdadeira prova disso é quando corrigimos nossa vida em conformidade com a lei dele, e começamos a adorá-lo espiritualmente, sendo a principal parte do culto a fé, da qual procede a oração; e quando, além disso, agimos com amabilidade e justiça para com nosso próximo e nos abstemos de todos os doestos, fraudes, roubos e de todas as espécies de imoralidade. Isso é a verdadeira evidência de arrependimento.

Todavia, embora o Profeta exortasse os israelitas à penitência, ele acrescenta que a perversidade deles era tal que, que aquela não produzia fruto nenhum. *Canaã!* ele diz; decifro isso por minha conta; pois o que alguns cogitam que deva ser compreendido é sem imaginação, como: "Ele foi assimilado a, ou era como Canaã, em cuja mão" etc. Mas, ao invés disso, o Profeta condena aqui os israelitas com uma só palavra; como se dissesse que eles eram totalmente forâneos, indignos de serem denominados os filhos de Abraão. Assim, o que dissemos fica, amiúde, abrupto, quando falamos indignados. Então, o Profeta os chama de "Canaã" por indignação; dando este sentido: "Vós não sois os filhos de Abraão; vós falsamente vos ufanais do seu nome, que não pode ser condizente convosco; pois sois Canaã".

Em seguida, ele acrescenta que *em sua mão está a balança de fraude, ele ama defraudar,* ou espoliar. Literalmente, é, ele ama espoliar. Mas o sentido é claro, que eles gostavam de pilhar; ou seja, eram arrebatados com toda avidez aos atos de esbulho. Primeiramente, tem que ser notado que o Profeta expõe aqui à infâmia os descendentes carnais de Abraão ao chamá-los de Canaã, e tal acusação é freqüentemente encontrada nos Profetas. E a razão pela qual se dirigiam dessa forma a eles era, que esses homens estúpidos tinham o costume de, soberbamente, interpor como escudo a distinção da raça deles. "Quê! Nós somos um povo santo". Visto que por esse pretexto recusassem todos os avisos dados pelos Profetas, Deus replica com esta censura: "Vós não sois os filhos de Abraão; mas sois Canaã": como se dissesse: "Nada aquela nação modificou-se até agora, os israelitas continuam os mesmos". O Senhor outrora purificara a terra dos homens ímpios: mas, quando os descendentes de Abraão tornaram-se como os cananeus, foram denominados a semente de Canaã; como se a mesma nação, que estava ali anteriormente, ainda permanecesse; pois não havia distinção alguma nas maneiras deles, pois eram iguais ou idênticos em depravação.

Mas segue-se o porquê de chamá-los de a raça de Canaã, precisamente porque eles carregavam em sua *mão uma balança enganosa,* e se dedicavam, com toda cupidez, à rapina. A balança enganosa pode ser estendida a todas as dissimulações, falácias e falsidades deles, pelas quais Deus, como dantes havia se queixado, estava cercado; porém, visto que se segue imediatamente: *Ele gosta de ladroíces,* prefiro entender aqui aqueles dois modos de cometer agravo que inclui quase todo tipo de perversidade; pois os homens, ou defraudam manhosamente quando lesam outros, ou prejudicam mesmo seus próximos por força declarada. Então, já que aqueles que fazem o mal aos seus próximos, ou prejudicam-nos abertamente, ou levam a melhor sobre os simples por suas fraudes e procedimentos ladinos, Oséias especifica aqui, em primeiro lugar, a balança ilusória e, em seguida, a sofreguidão deles em espoliar ou pilhar. É pois o mesmo que se tivesse dito que eles eram fraudulentos, e que também eram assaltantes que procediam com violência desbragada. Ele quer dizer que estavam, sem lei ou qualquer constrangimento, viciados em atos de imoralidade e injustiça, e estavam assim concentrados em perpetrar o mal, seja por astúcia ou por força manifesta. Então, não há que se maravilhar que fossem eles chamados de raça incircuncisa. Por quê? Porque nada tinham a ver com Deus, visto como haviam se apartado da lei dele daquela forma; sim, aborreciam a bondade e a misericórdia. Segue-se também que estavam destituídos de toda piedade, já que se tinham esquecido assim de toda eqüidade para com seus próximos. Esse é o sentido.

ORAÇÃO

Conceda, Todo-Poderoso Deus, que, visto que tu agora não apareces a nós em sombras e tipos, como outrora aos santos pais, mas clara e diretamente no teu Filho unigênito — Ó, permita que sejamos inteiramente dados à contemplação de tua imagem, a qual brilha diante de nós; e que sejamos de tal maneira transformados nela, que progridamos cada vez mais, até, finalmente, havendo deitado fora toda a imundícia de nossa carne, sejamos completamente conformados àquela pura e perfeita santidade que habita em Cristo, visto que nele reside a plenitude de todas as bênçãos e, assim, obtenhamos, por fim, uma participação naquela glória que nosso Senhor granjeou por nós pela sua ressurreição. Amém.

TRIGÉSIMA-TERCEIRA DISSERTAÇÃO

Oséias 12.8

8. E Efraim disse: Todavia, tornei-me rico, achei para mim riqueza; *em* todos os meus labores não encontrarão nenhuma iniqüidade que *seja* pecado.	**8.** Et dixit Ephraim, Attamen ditatus sum; inveni opes mihi: in omnibus laboribus meis non invenient mihi iniquitatem, quia scelus (*vel,* piaculum.)

Deus aqui lamenta, por seu Profeta, que os israelitas se estimulassem em seus vícios, pois que os negócios deles prosperavam como o esperado, em conformidade com os desejos deles: e é uma maldade demasiadamente comum os homens se felicitarem enquanto a fortuna, como normalmente dizem, sorri a eles, achando que Deus então lhes é propício. Visto pois que a condição do povo era tal, menosprezava ele todos os Profetas e as reprimendas desses. Dessa dureza o Senhor ora se queixa. *Efraim diz: Ainda sou rico*. Há uma ênfase a se notar na partícula adversativa אַךְ, ***ach***. É por vezes, em hebraico, uma simples afirmativa; mas aqui o Profeta pretende expressar outra coisa, precisamente esta, que os israelitas riam de todas as objurgatórias, porque Deus parecia ser-lhes propício, como se manifestasse sua mercê pela afluência. *"Eu tornei-me, contudo, rico;* e, por conseguinte, não me importo com nada do que os Profetas digam, pois estou satisfeito com o meu quinhão". Isso, como eu disse, é um mal comum; portanto, essa passagem deve ser cuidadosamente notada, para que, quando o Senhor nos poupar por um período, não julguemos que somos inocentes diante dele; pois nada há de que se ter mais medo do que o deslumbramento de nossos olhos por um próspero e desejável estado de coisas. Então, ainda que o Senhor nos tolere e não manifeste logo sua vingança contra nós, mas, pelo contrário, acalente-nos, por assim dizer, afavelmente em seu regaço, todavia, se ele nos condenar por sua palavra, temos que atentar para as ameaças dele.

Mas eles acrescentam ainda: *Todos os meus labores não encontrarão iniqüidade,* ou, não encontrarão iniqüidade em todos os meus labores. Muitos lêem as palavras simplesmente como estão: "Meus labores não acharão iniqüidade": contudo, como a expressão parece difícil, tento fazê-la ficar mais fácil, tal como também outros o fazem: "Eles não acharão iniqüidade em todos os meus labores". Essa jactância foi mais longe, pois o Profeta revela que o povo não somente estava seguro por o Senhor dar alguns sinais de sua paternal mercê, mas também que o segundo ficou inebriado com esta confiança ímpia — que Deus não os teria favorecido se não estivessem isentos de toda culpa e vício: e nessa segunda oração deve-se cuidadosamente reparar. Ora, é uma depravação que de modo algum deve ser suportada quando os homens começam a desprezar Deus porque esse os trata amavelmente, e quando abusam nessa leviandade, de forma a condenarem todo o ensinamento e ameaça dele, isso é, realmente, uma mui grande perversão: porém, quando a tudo isso se acresce um orgulho tal que os ímpios e réprobos persuadem-se de que são justos, por Deus não os punir de imediato, isto é, por assim dizer, uma loucura diabólica; todavia, vemos que é algo comum. Pois os ímpios não só se orgulham de sua riqueza, não só se incham com o próprio poder, mas também imaginam que Deus, de certa maneira, está debaixo de obrigações para com eles. "Ora! Deus deve me considerar inocente e limpo de toda perversão, pois me favorece: ele não acha pois em mim o que seja digno de castigo". Assim, os perversos levantam a crista contra Deus, embora esse os perdoe, não aparentando ser tão severo para com eles como merecem.

Quando nos dias correntes percebemos tais males grassando entre a maior parte da humanidade, não há razão alguma para ficar pasmado: mas devemos, ao mesmo tempo, tirar benefício da instrução do Profeta, para que não sejamos cegados pela prosperidade, nem desprezemos as admoestações, tampouco nos ufanemos em nosso pecado; e também, para que não

acumulemos para nós mesmos reserva da cólera de Deus quando ele nos tratar bondosamente. Então, que não abusemos de sua clemência; que não julguemos ser inocentes diante dele por ele não executar logo seus juízos; mas, antes, aprendamos a fazer um escrutínio de nós próprios e sacudir para fora os nossos vícios, para que nos humilhemos sob a mão dele, mesmo que ele se refreie de infligir punição. Essa é a aplicação da presente doutrina.

Mas temos que observar o que o Profeta acrescenta: *Eles não encontrarão iniqüidade em meus labores;* isto é, a iniqüidade não será achada em minhas lidas, pois isso é *impiedade* ou um crime que demanda expiação. Maravilho-me de que os intérpretes expliquem esse ponto tão formalmente; pois dizem que não será encontrado em meus labores iniqüidade ou pecado. Porém, o Profeta não mete uma copulativa, mas utiliza a partícula אשר, ***'asher***, que deve ser compreendida aqui exegeticamente. E o sentido é que os hipócritas, embora reclamem para si a glória da inocência, por causa da dissimulação, é com fingimento que detestam toda imoralidade e crime. "Iniqüidade não será encontrada em meus trabalhos, pois isso é maldade; longe está de me descobrirem ser uma pessoa perversa em meus feitos; pois sou sem fraude em todos os meus tratos". Mas é esse o caso? De modo nenhum; porém, como eles julguem o favor divino pela auspiciosa fortuna, acham que Deus não lhes seria tão benevolente caso não os reputasse justos e puros. Sendo assim, percebemos quão confiantemente os hipócritas mofam de Deus quando começam a desprezar os ensinamentos e as advertências dele. Então, não devemos nos espantar hoje que tanta perversidade prepondere por todas as partes do mundo. Mas que também utilizemos esse modo de ensinar que o Profeta coloca diante de nós. Prossigamos agora —

Oséias 12.9

9. E eu, *que sou* o SENHOR teu Deus desde a terra do Egito, ainda te farei habitar em tabernáculos, como nos dias da festa solene.	**9.** Ego autem Jehova Deus tuus a terra Aegypti: habitare te faciam in tabernaculis, sicut diebus conventus.

Na primeira oração Deus vitupera os israelitas por haverem se esquecido do benefício da redenção, cuja memória devia ter sempre prevalecido e se desenvolvido entre eles. *Todavia,* diz ele, *sou teu Deus desde a terra do Egito;* ou seja: "É estranho que vós sejais tão desmemoriados que vossa redenção não venha à vossa mente, a qual redenção, não obstante, devia ter sido bem conhecida, e estar sempre, por assim dizer, perante vossos olhos". Essa era, como sabemos, um memorável exemplo da bondade divina. Porém, quando ele diz que é o Deus daquele povo desde a terra do Egito, salienta o escopo da redenção, como se dissesse: "Eu te redimi para esta finalidade, para que estivesse para sempre ligado a mim". Pois conhecemos que, quando libertou aquele povo da cruel tirania, ele, simultaneamente, adquiriu para si um reino eterno; ele, então, foi santificado em seu povo eleito. O fim da redenção deve pois ser observado nas palavras do Profeta: "Eu sou", diz, "teu Deus desde a terra do Egito; de outro modo, como poderias tu ter saído de teu túmulo?" Pois estavam como os mortos quando Deus lhes estendeu sua mão. Desde a terra do Egito, então, eu sou teu Deus, significando isto: "Visto que tu foste tão prodigiosamente restaurado da morte à vida por minha mercê, não sou eu teu Deus desde aquele dia? Tu, então, estavas todo o tempo em débito comigo; pois eu te adquiri para mim como posse peculiar. Quando agora tu, com petulância, detestas e rejeitas meus Profetas, os quais falam em meu nome, certamente, é uma ingratidão intolerável: tu olvidaste tuas redenções e o fim para o qual eu fiz conhecido a ti meu poder e graça".

Porém, quando à segunda oração, os intérpretes divergem; alguns explicam-na deste modo, que Deus não cessaria de demonstrar misericórdia aos israelitas, por mais indignos que eles fossem: *Far-te-ei morar em teus tabernáculos;* e eles consideram tabernáculos, não de forma estritamente apropriada, como casas. Então, dizem eles, *segundo os dias de Moed,* ou seja, do antigo acordo, ou, conforme os dias designados; pois Deus prometera dar a terra de Canaã à posteridade de Abraão

para descanso perpétuo. Porém, essa interpretação não parece adequada. Outros dizem que os israelitas são aqui condenados por negligenciarem o mandamento de Deus, o qual instituíra um dia de festa, no qual deviam comemorar anualmente a redenção deles. Sabemos, de fato, que havia a festa anual dos tabernáculos: assim, pensam que o sentido dado pelo Profeta seria este: "Não somente te redimi outrora, mas também desejei que houvesse um memorial desse favor; e com que finalidade eu te ordenei que guardasse uma festa anual, senão que retivesse em tua memória o que, de outra forma, teria sido olvidado? Mas nada obtenho através dessa cerimônia, pois sou ora rejeitado, e meus profetas não possuem autoridade nenhuma entre vós". Mas tal significado é igualmente falto de imaginação. Julgam alguns que o Profeta, aqui, ameace os israelitas, como se dissesse: "Deus novamente vos desalojará, para que habiteis em tendas, como antigamente no deserto". Ainda que eu não rejeite essa opinião, todavia, penso que há algo mais enfático nas palavras do Profeta, isto é, que Deus diz aqui, de maneira indireta, que havia necessidade de uma nova redenção, para vincular mais o povo a ele; como se dissesse: "Vejo que estás esquecido da minha primeira redenção; pois percebo que a estimas como nada, como se ela estivesse obsoleta; então, devo perder todo meu labor se a memória da minha antiga mercê não for renovada: portanto, far-te-ei habitar de novo em tendas. É preciso expelir-te outra vez da tua herança e restaurar-te novamente, e isso, de um modo incomum e o mais inesperado, para que entendas que eu sou teu Redentor".

Compreendemos agora, então, o que o Profeta queria dizer. Após Deus haver dito que era o Deus de Israel desde a terra do Egito, ele acrescenta em seguida: "Visto como tua antiga redenção perdeu toda sua influência por causa do teu ímpio esquecimento, tornar-me-ei de novo teu Redentor; portanto, far-te-ei residir ou morar em tendas como dantes; visto que a tua primeira redenção nada serviu, acrescerei uma segunda, para que, por fim, arrependas-te, e saibas quanto és devedor para comigo". Ele considera *os dias de Moed* como a maneira deles de proceder no deserto, tal como descrita por Moisés; pois se congregaram conjuntamente para os sacrifícios desde os seus arraiais. Destarte, Deus aqui não fala do pacto que fizera com seu povo, como se salientasse algum contrato perpétuo; mas ele chama aqueles dias nos quais os israelitas se ajuntaram de *os dias de Moed,* nos quais os israelitas foram reunidos quando colocados em seus acampamentos segundo o relato fornecido por Moisés. Segue-se agora —

Oséias 12.10

10. Também falei pelos profetas, e multipliquei visões, e empreguei símiles, pelo ministério dos profetas.	**10.** Et locutus sum super Prophetas, et ego visionem multiplicavi, et in manu Prophetarum assimilavi (*vel,* similitudines posui.)

O Profeta aumenta o pecado do povo de ter sempre se oposto a Deus obstinadamente, de modo que o segundo ficava sem nenhum pretexto de ignorância: pois os homens, sabemos, evadem-se do horrendo juízo divino enquanto conseguem alegar ignorância ou descuido. O Profeta nega que o povo houvesse caído por carência de informação, pois esse fora amiudadas vezes, mais que isso, continuamente avisado pelos Profetas. Então, transparece que esse povo se tornou, por assim dizer, premeditadamente rebelde contra Deus; pois aquele já havia desprezado os Profetas, não uma ou duas vezes, porém, em sucessão, quando o Senhor os enviou: *Eu falo,* diz, *nos meus Profetas,* ou, por meus Profetas; pois על, ***'al,*** é entendido de várias formas: 'Eu falo nos meus Profetas', ou seja, eu depositei com eles a doutrina que devia ter-vos restaurado ao reto caminho; e não apenas isso, mas *multipliquei visões;* não foi de uma única maneira que eu tentei vos congregar, mas acumulei muitas visões: depois, ele diz: *Nas mãos dos Profetas eu pus alegorias;* isto é, empenhei-me de todas as formas possíveis para vos restaurar a uma mente sã; pois Deus fala segundo o jeito dos homens. Com certeza, ele poderia, se preferisse, efetuar isso pelo secreto movimento de seu Espírito; mas é suficiente remover toda desculpa dos homens para apontar o fato de que eles não

obedecem à palavra, e não se oferecem a Deus submissos e educáveis quando ele, mediante seus Profetas, exorta-os à penitência. É, então, uma intensificação do pecado merecedora de a ela se atentar quando Deus protesta, dizendo que, inutilmente, despendera todos os seus esforços para ajuntar o Israel disperso, conquanto tenha empregado constantemente os labores de seus Profetas.

Mas tal objurgação pode ser também aplicada a nós hoje; sim, tudo o que o Profeta falou até agora pode, com justeza, voltar-se contra nós. Pois vemos o quanto o mundo se endurece contra todos os alertas; e vemos também por quanto tempo Deus suspende seus julgamentos e tolera homens que achincalham da indulgência dele. A mesma depravação, pois, prossegue agora com furor no mundo, coisa que o Profeta descreve nesse ponto. Além disso, Deus não somente nos redimiu do Egito, mas do mais baixo inferno, e conhecemos que somos redimidos por Cristo para este fim — para que sejamos totalmente devotados a Deus; pois Cristo morreu e ressurgiu para este propósito: para que fosse o Senhor dos vivos e dos mortos. Porém, vemos o quanto de perversidade os homens têm, e quão impunemente se rebelam contra Deus. Quem entre nós se lembra que não mais pertence a si, porque foi adquirido pelo sangue de Cristo? Poucos pensam nisto. E não somente essa redenção verdadeira e perpétua deve ser retida na mente por nós; pois o Senhor nos redimiu outra vez quando estávamos afundados no abismo do Papado; e diariamente também ele renova a mesma bondade para conosco; no entanto, somos tão esquecidos que amiúde a graça divina não é lembrada por nós. Percebemos agora o quão necessária é essa doutrina, mesmo para a nossa era.

De resto, Deus, como eu já disse, não cessa de, a todo dia, estimular e constranger a nós; ele multiplica profecias e parábolas; isto é, ele, de vários modos, acomoda-se a nós; pois por símiles ele quer dizer todas as formas de ensino. E, indubitavelmente, percebemos que Deus, de certa maneira, transforma-se em sua palavra, pois ele fala, não consoante à sua própria majestade, mas segundo vê ser conveniente às nossas capacidades e fraqueza; pois as Escrituras colocam perante nós várias representações que nos revelam a face divina. Então, já que Deus se acomoda assim à nossa rudeza, quão extraordinária é a nossa ingratidão quando não advém fruto nenhum? Lembremos, então, que o Profeta acusava os homens de sua época, falando também a nós dos dias correntes. Continuemos então —

Oséias 12.11

11. *Há* iniqüidade *em* Gileade? Certamente são eles vaidade: sacrificam touros em Gilgal; sim, os altares deles *são* como montões nos sulcos dos campos.

11. An in Gilead iniquitas? (*vel,* an Gilead coepit peccare?) certe vanitas (*vel,* mendacium) fuerunt in Gilgal (alii disjungunt istud בגלגל, ut contexant cum sequentibus) boves sacrificarunt, etiam altaria eorum sicut acervi super sulcos agrorum.

É uma pergunta irônica que o Profeta faz: *Há iniqüidade em Gileade?* E ele ri com escárnio da loucura daqueles que se deleitavam em vícios tão grosseiros, quando o culto deles era inteiramente espúrio e degenerado. Embora soubessem que eram pérfidos para com Deus e seguissem um culto estranho à lei dele, todavia, eram tão perversos que, soberbamente, recusavam todas as admoestações. Então, visto como estavam cegos em suas imoralidades, o Profeta pergunta-lhes ironicamente: Há iniqüidade em Gileade? Com efeito, eles ainda estavam com dúvidas se eram culpados diante de Deus, se traziam alguma censura. *Certamente,* diz, *eles são vaidade;* isto é: "Por mais que eles procurem pretextos plausíveis para si, negando que estejam conscientes de perpetrarem mal-feitos, apresentando também muitas razões para dúvida, para que não sejam forçados a admitirem o seu pecado, todavia, ele diz, são culpados de embuste; todos os seus paliativos nada contêm de sólido, mas são meros disfarces, que de nada aproveitarão perante Deus". Apreendemos agora, então, o significado dado pelo Profeta.

Mas não há dúvida alguma de que ele também condena aqui o culto depravado deles, pelo qual os israelitas, ao mesmo tempo, julgavam que prestavam o melhor serviço a Deus. Contudo, a obediência, sabemos, é melhor do que todos os sacrifícios. O Profeta pois declama aqui contra todos os modos de culto fictícios, inventados sem Deus, contra a autoridade da lei divina. Porém, simultaneamente, como já deixamos entrever, ele indiretamente expõe a irreflexão deles, ao se imaginarem desculpáveis, contanto que aduzissem a boa intenção deles, como comumente é feito, dizendo que construíram altares com nenhuma outra finalidade senão a de tornar conhecido em todos os lugares o nome de Deus, para preservar entre eles alguns símbolos da religião. Então, já que levantavam assim uma cortina de fumaça para encobrir sua impiedade, o Profeta diz: "Eles de fato ainda inquirem, como se fosse algo para dúvidas, se há iniqüidade em Gileade; que inquiram e disputem, então: seguramente", diz, "eles são vãos"; literalmente, *seguramente eles têm sido falsidade:* mas ele quer dizer que eles, nesciamente, alegavam aquelas frívolas escusas, pelas quais tentavam escapar do crime e de sua pena. Como era isso, que eles eram vãos? Porque Deus estima mais a sua lei do que todas as atraentes mas falsas aparências dos homens, e quer ter todos eles obedecendo, sem discutir, a sua palavra: contudo, quando esses licenciosamente se apartam dos mandamentos dele, isso é algo que ele não pode suportar. Então, são falsos e enganam a si próprios os que acham que suas invenções têm algum valor perante Deus. Ele, pois, especifica os crimes deles.

Em Gilgal, diz ele, *eles sacrificam bois.* Jerônimo traduz "eles sacrificam aos bois", e pensa que os israelitas são aqui repreendidos por sacrificarem aos bezerros: mas isso parece distante demais das palavras do Profeta. O Profeta então menciona o pecado deles — que sacrificavam bois e multiplicavam altares. No entanto, aparentava ser uma cautela digna de louvor que incrementassem muito o número de altares, que adorassem a Deus em toda parte, que não poupassem despesas nem trabalho, que não se satisfizessem com poucos sacrifícios, mas adicionassem uma grande quantidade deles — tudo isso parecia merecer invulgar elogio: mas o Senhor, como já foi dito, não preza essas práticas corruptas; pois queria ser cultuado pelo seu povo de modo único, e queria que a piedade desse fosse atestada simplesmente por esta evidência — a obediência à palavra dele. Quando então nos desviamos da palavra de Deus, ou melhor, quando nós,

desenfreadamente, entregamo-nos a novas invenções, embora aparentemente professemos que nosso objetivo é adorar a Deus, todavia, tudo isso é um pretexto vão e falacioso, como o Profeta aqui declara.

Engana-se Jerônimo ao imaginar que Gilgal fosse uma vila na tribo de Judá; e a suposição não pode se adequar nesse ponto: pois Judá, conhecemos, estava então livre dessas crassas conspurcações; Judá, até aquele momento, não estava profanada com as máculas que o Profeta condena aqui no reino de Israel. É certo, pois, que Gilgal fosse uma pequena cidade de Israel; e sabemos que um templo e um altar famosos estavam ali: por isso ele mostra, particularmente, este lugar.

Mas ele, posteriormente, acrescenta: *Os altares deles são como montões nos sulcos do campo*. Havia então, conhecemos, somente um único altar legítimo; e Deus não queria que lhe fossem oferecidos sacrifícios que não em um só lugar. Em vista disso, quanto mais ativos os israelitas eram em aumentar o número de altares, mais eles provocavam a retaliação de Deus: por mais que o propósito deles fosse o de cultuá-lo, não obstante, Deus desdenhava dessa tola afetação. Percebemos pois o porquê de o Profeta comparar aqui os altares então erigidos no reino de Israel a montões de pedras; como se dissesse: "Como alguém ajunta pedras em um montão, quando a terra é pedregosa, para que possa conduzir seu arado mais facilmente, assim também todos formam um altar para si mesmo, como se estivesse levantando um montículo em seu próprio campo; desse modo, resulta de perversamente corromperem o puro e legítimo culto que eu designei". Compreendemos agora, então, que o que o Profeta quer dizer é que os homens supersticiosos nada ganham quando, atrevida e abertamente, jactam-se de adorar a Deus; pois, seja qual for o disfarce que inventem para si e para outros, todavia, o Senhor abomina todas as coisas que sejam contrárias à sua palavra: e nossa forma de cultuar a Deus somente é verdadeira e lícita quando seguimos apenas o que ele prescreve, e não nos permitimos nada senão o que está em consonância com seu mandamento e ordem. Eis o significado. Prossigamos —

Oséias 12.12,13

12. E Jacó fugiu para a região da Síria, e Israel serviu por uma esposa, e por uma esposa guardou *ovelhas*.	**12.** Et fugit Jacob in agrum Syriae, et servivit Israel in uxore (*hoc est,* pro uxore,) et pro uxore custodivit (*id est,* custos fuit gregis.)
13. E através de um profeta o SENHOR trouxe Israel do Egito, e por um profeta foi ele preservado.	**13.** Et per Prophetam eduxit (ascendere fecit) Jehova Israelem ex Aegypto, et per Prophetam servatus est.

Agora, o Profeta emprega um outro tipo de reproche — que os israelitas não refletissem sobre de qual fonte haviam procedido, estando esquecidos da própria origem. E o Profeta, intencionalmente, toca nesse ponto; pois sabemos quão ousada e altivamente o povo se ufanava da sua superioridade. Pois, tal como um gentio se gloriava de ser um ateniense, também os judeus julgavam que todos fossem animais irracionais, imaginando que possuíssem uma origem distinta da do resto da humanidade por serem os descendentes de Abraão. Então, já que estavam cegos por semelhante orgulho, Deus pretendia abrir os olhos deles, como o faz aqui: "Jacó, vosso pai, quem era ele? Qual era a sua condição? Qual a sua nobreza? Qual era o seu poder? Qual era a sua dignidade e eminência segundo a carne? Sim, verdadeiramente ele foi um fugitivo de sua terra: tinha ele sempre vivido em casa, seu pai era apenas um peregrino; mas foi constrangido a fugir para a Síria. E quão esplendidamente ele viveu ali? Ele estava, certamente, com o seu tio; mas não foi tratado melhor do que se tivesse sido algum escravo sem valor: ele *serviu por uma esposa*. E como ele serviu? Ele foi um guardador de carneiros. Vades pois agora e gabai-vos de vossa dignidade, como se fôsseis mais nobres do que os outros, como se vossa condição fosse melhor do que a da

laia ordinária de povo". Deus, então, traz contra eles a condição do pai, em cujo nome gloriavam-se, o qual, porém, foi uma pessoa miserável e fugitiva, assemelhado a um escravo desprezível, guardador de ovelhas; em suma, sem nada que pudesse ser considerado honrado entre os homens.

E Deus, diz ele, *levantou-vos do Egito mediante um Profeta, e por um Profeta vós fostes preservados.* Isso foi, por assim dizer, o segundo nascimento deles. Pensam alguns que a comparação se dá entre a primeira origem e a libertação deles; como se Oséias tivesse dito: "Conquanto nascestes de um homem mui pobre e humilde, todavia, Deus favoreceu-vos com singular privilégio; pois deu ele Moisés para ser o ministro da vossa libertação". Porém, em minha opinião, o Profeta fala aqui de uma maneira mais simples; pois, primeiramente, ele revela qual foi a primeira origem do povo, que esse era oriundo de Jacó; e, em seguida, ele mostra qual foi a segunda origem deles; pois Deus outra vez os gerara quando os levou para fora do Egito. E eles foram ali, como é bem conhecido, mui desditosos, e não saíram pela própria valentia, não obtiveram a liberdade por si mesmos; mas somente Moisés estendeu-lhes a mão, havendo sido enviado por Deus para tal fim. Visto ser esse o caso, era estranho que ora provocassem a Deus, como ele diz no último versículo, por meio dos altares deles.

E ocorre com muita freqüência nos Profetas Deus lembrar os israelitas de onde ou de que origem eles haviam surgido: "Olhai para vossa procedência, para a pedra da qual fostes cortado; pois Abraão estava só e sem filhos, e também sua esposa era estéril"; no entanto, Deus multiplicou a linhagem deles (Isaías 51.2.) Isso foi dito porque os israelitas não olhavam para Deus senão na adversidade, desesperados, quando não aparecia nenhum jeito pelo qual pudessem ser restabelecidos; porém, na prosperidade, tornava-se soberbos, reputando por nada a mercê divina. Vemos, então, o que o Profeta tinha em vista. O Senhor diz: "Reconheçais que estais em dívida comigo; pois eu escolhi Jacó, vosso pai, e não o escolhi por ser ele eminente por sua grande dignidade no mundo; pois era ele um fugitivo e guardador de ovelhas, servindo por sua mulher. Posteriormente, redimi-vos da terra do Egito; e naquela saída nada houve que vós fizestes; não há motivo para vos ufanar de que aquela libertação foi obtida por vossa bravura; pois só Moisés foi o meu servo naquele livramento. Eu, então, gerei-vos mesmo pela segunda vez quando vos redimi. Quão grande é vossa ingratidão ao não me reconhecer nem me adorar como vosso Redentor?" Percebemos, então, que o Profeta tratava assim o povo de Israel, para que, de todos os modos, ficasse claro que era esse indigno de tantos e tão grandes benefícios concedidos por Deus, para que não achasse que algo lhe pertencesse, não dando graças ao último; ao invés disso, exaltavam a si próprios, como se Deus jamais houvesse conferido a eles bondade alguma.

Porém, não me deterei sobre a história de Jacó, pois é desnecessário para elucidar o que o Profeta quis dizer, e é ela bem conhecida: basta referir-se somente ao que é oportuno nesse ponto. *Jacó,* pois, *fugiu para a terra da Síria;* depois, ele diz que *Israel serviu por uma esposa.* Ele cita o nome de Israel depois do de Jacó. O nome Israel era nobre e memorável; sim, foi dado por Deus ao santo patriarca: mas, ao mesmo tempo, Jacó, em si mesmo ou na sua pessoa, não se notabilizou; ele, entretanto, serviu, e foi em uma humílima condição, *servindo por uma mulher;* isto é, para que tivesse uma mulher; pois sabemos como ele celebrou um acordo com seu tio Labão.

De mais a mais, *por um Profeta ele os trouxe do Egito.* Esse foi o segundo nascimento deles: e *por um Profeta foi* Israel *preservado.* Há aqui uma alusão à palavra שׁמר, ***shamar;*** pois entendo a palavra נשׁמר, ***nishmar,*** na passiva. Ele dissera antes que Jacó "guardava" ovelhas; e ele ora diz, נשׁמר, ***nishmar,*** *guardado foi* Israel por um Profeta; como se dissesse: "Vós agora percebeis que Deus vos deu uma razão para humildade em vosso pai, visto que se lhe permitiu que fosse tão desgraçadamente afligido; depois, preservou-vos além da esperança dos homens, e por nenhum outro meio humano a não ser por Moisés, que também foi fugitivo e saiu como que de uma caverna,

pois também foi um guardador de ovelhas. Então, já que fostes assim conservados pela mercê divina, como se deu isso, que vossa condição presente vos fascinastes e que não considerais que outrora fostes redimidos pelo Senhor para essa finalidade, para que fosses de todo devotado a ele, para sempre?" Ele ora acrescenta (também examinarei este versículo, pois não haverá dissertação amanhã, nem no dia seguinte) —

Oséias 12.14

14. Efraim provocou-*o* à ira mui amargamente: por isso, deixará seu sangue sobre ele, e seu opróbrio o seu Senhor retornará sobre ele.	**14.** Provocavit Ephraim excelsis suis, et sanguis ejus super eum manebit (*vel,* fundetur:) et opprobrium ejus reddet illi Dominus suus.

O Profeta diz, primeiramente, que *Efraim provocara Deus com seus lugares altos.* Alguns, contudo, têm a palavra תמרורים, ***tamrurim***, por amargura. Então fica: "Israel ou Efraim causou em Deus amargura". Mas, visto acreditar-se que tal palavra, em outras partes, como no capítulo trinta e um de Jeremias, é lugares altos, e como está muito claro que o Profeta invectiva declaradamente contra Israel e o culto depravado desse, não duvido que ele denote esses lugares altos, para os quais os israelitas designavam seus modos de culto falsos e ímpios. *Efraim,* pois, *provocou-o com seus lugares altos:*[97] Efraim, havendo de tantas formas mergulhado em suas superstições, provocou a Deus nos lugares altos.

Depois, *o sangue dele ficará sobre ele.* Como a palavra נטשׁ, ***natash,*** significa "despejar", e também "permanecer", alguns vertem "o sangue dele permanecerá"; outros, "será derramado sobre ele". Mas isso faz pouca diferença quanto ao sentido que é dado; pois o Profeta intenta mostrar que Efraim teria que sofrer o castigo da impiedade; como se dissesse: "No mínimo, não escaparão da mão de Deus, receberão o salário das iniqüidades deles.

E seu opróbrio o seu Senhor devolverá a ele. Aqui, ele chama o próprio Deus de o Senhor de Israel, malgrado Israel haver sacudido o jugo e se alheado do serviço daquele. Eles não podem, diz, fugir da autoridade de Deus, mesmo que tenham desdenhado da lei divina; mesmo que se tenham tornado rebeldes em suas superstições, todavia, saberão que permanecem debaixo da mão e do poder de Deus, saberão que nada operam por meio dessa petulância deles; mesmo que vagueiem atrás das abominações deles, não obstante, o Senhor não perderá seu direito, o qual foi obtido para si ao redimir Israel. Então, *o seu Senhor devolver*-lhes-á o próprio vitupério deles, do qual eram dignos.

---

[97] Calvino não está correto quanto à acepção dessa palavra. Não há caso em que essa denote "lugares altos"; em Jeremias 31.21, cuja referência se faz, significa obeliscos ou pilares levantados como marcas no caminho. Não há dúvida de que a palavra tenha o sentido que está expresso em nossa versão [KJV]. *Gesenius* diz que ela deve ser compreendida como advérbio, e com ele *Newcome* e a maioria dos críticos concordam. *Horsley* verte assim a oração: "Efraim deu a mais amarga provocação". (N. do E. inglês.)

ORAÇÃO

Conceda, Todo-Poderoso Deus, que, visto que não apenas fomos criados por ti, mas, quando tu nos colocaste neste mundo, também nos enriqueceste com abundância de todas as bênçãos — Ó, permita que não transfiramos a outrem a glória devida a ti, e, especialmente, que, visto como somos diariamente admoestados por tua palavra, e até severamente exprobrados, não resistamos com uma dureza férrea, mas nos tornemos maleáveis a ti, e não nos entreguemos a nossas próprias invenções, mas sigamos com verdadeira docilidade e mansidão, aquela regra que tu tens prescrito em tua palavra, até, finalmente, havendo nos desvencilhado de todos os restos de erros, gozemos daquela bendita luz, que tu nos preparastes no céu, mediante Jesus Cristo nosso Senhor. Amém.

TRIGÉSIMA-QUARTA DISSERTAÇÃO

CAPÍTULO 13

Oséias 13.1

1. Quando Efraim falava tremendo, exaltava-se em Israel; porém, quando ofendeu-se em Baal, ele morreu.

1. Quam loqueretur Ephraim, tremor: extulit se ipse in Israel, et peccavit in Baal, et mortuus est.

Os intérpretes não são concordes em seus pontos de vista acerca deste versículo. Alguns dizem que o tremor foi excitado em Israel quando Efraim, isto é, Jeroboão, que nasceu daquela tribo, exortou o povo a adorar os bezerros. Pela palavra רתת, ***ratat*,** "tremendo", eles entendem que o povo estava tão atordoado que, sem pensar, imediatamente obedeceu à vontade, ou, antes, ao humor de seu ímpio rei. E, se tal sentido for sancionado, a palavra tremendo pode ser explicada de outra maneira, precisamente esta — que o povo não adotou logo aquele culto pervertido, mas atemorizou-se, como sói ser o caso com respeito às coisas novas, as quais não parecem ter algo razoável a seu favor. Contudo, em minha opinião, esses expositores afastaram-se totalmente da intenção do Profeta; pois, contrariamente, ele apresenta aqui o estado duplo do reino de Israel, para que ficasse manifesto, portanto, que as dez tribos foram, pela própria culpa delas, rejeitadas pelo Senhor e, assim, decaíram daquela dignidade para a qual o Senhor as alçara.

Por isso, ele diz: *Quando Efraim falou anteriormente, sua voz receou,* [98] *e ele ergueu-se em Israel;* isto é, entre a estirpe inteira de Abraão. Porém, agora *ele está morto,* ou, *está caído, depois de ter começado a pecar em Baal.* Então, na primeira frase, o Profeta registra as honras com que Deus favorecera aquela tribo. Efraim, sabemos, foi o mais novo dos filhos de José. Manassés não somente devia ter tido a preeminência, mas também ter reinado sozinho naquela família; pois o povo foi dividido em doze tribos. Mas Deus teve em mente levantar dois chefes na casa de José, preferindo o caçula ao primogênito. Por esse motivo Efraim, que aumentara em número e poder e tinha, por fim, obtido a dignidade real, devia ter reconhecido a singular mercê de Deus. E, via verberação, o Profeta diz aqui que todos tremiam somente à voz de Efraim; ou seja, quando esse ficou dotado de autoridade e, então, foi exaltado em Israel. Ele devia ter sido estimado como de nenhuma importância, ele devia ter sido inferior ao seu irmão, o qual era o primogênito; no entanto, sobrepujou todas as tribos. Então, já que Deus havia conferido tanta honra sobre a tribo de Efraim, mais lamentável foi a culpa dela, que, em seguida, apostatara-se aos ídolos; sim, ele iniciou seu reino com superstição, embora a Deus aprouvesse escolher e ungir Jeroboão rei. E seguramente esse, quando, absolutamente sem esperar, foi elevado ao trono pela mão divina, em vez de atestar sua gratidão, incontinenti corrompeu todo o culto de Deus, isso foi extremamente incongruente.

Mas o Profeta diz, em segundo lugar, que eles *morreram* desde a época em que apostataram daquela forma do culto verdadeiro e lícito, para que compreendessem que recebiam a justa recompensa da sua impiedade quando a mão de Deus se lhes opôs, quando foram oprimidos pela adversidade. Agora percebemos o óbvio sentido dado pelo Profeta como sendo que os israelitas outrora prosperaram, em particular a tribo de Efraim, da qual Jeroboão surgiu, de modo que, pela

[98] *Horsley* parece ter adotado a opinião de Calvino sobre essa frase. A versão do primeiro é esta — "Quando Efraim falou, houve assombro." (N. do E. inglês.)

voz apenas, ela dominou todos os seus vizinhos, e isso, além da expectativa dos homens, subitamente aparecendo e erigindo um novo reino entre os filhos de Abraão.

Em seguida, ele adiciona que, depois de *terem pecado por meio de Baal, ficaram mortos:* pois Deus privou a tribo de Efraim do poder com o qual ele antes a adornara, de forma que por muito pouco não foram destruídos. Pois, conquanto seu reino não tivesse caído totalmente, todavia, havia chegado a um extremo tal que o Profeta podia, com justiça, dizer que eles, que foram removidos para tão longe do seu estado anterior, estavam mortos. Mas, quando diz que eles *pecaram por Baal,* não quer dizer que isso foi o princípio da idolatria deles: pois Jeroboão, primeiramente, fez os bezerros, e foi seu sucessor que edificou Baal, tomando emprestado essa superstição, como se supõe, dos vizinhos sidônios. Porém, Deus aqui registra o que é mais grave e menos escusável — que os israelitas se profanaram com a imundície dos gentios, de modo que em nada diferiam dos pagãos e incrédulos, que não possuíam familiaridade alguma com a sã doutrina.

Além disso, somos ensinados aqui que quando os reis são favorecidos com qualquer autoridade, quando estão pujantes em poder, tudo isso provém de Deus; pois, se ele não infundir terror nos homens, ninguém aceitará o jugo de alguém: no mínimo, todos desejarão igualdade, ou quererão ficar acima uns dos outros. Então, é certo que, quando alguém dentre muitos suplanta em poder, isso se dá pelo secreto propósito de Deus, que constrange o povo ordinário à ordem, fazendo-o com que não negue obediência ao mando de um homem. Isso é o que Oséias ora ensina quando repreende a tribo de Efraim no tocante a esse terror; pois, se Efraim fora formidável mediante seu próprio poder, não havia lugar para a crítica do Profeta: contudo, como isso foi o dom peculiar, o Profeta justamente diz que a tribo de Efraim estava em grande honra até incorrer em superstição. Prossigamos então —

Oséias 13.2

2. E agora eles pecam mais e mais, e têm feito imagens de sua prata, *e* ídolos conforme o entendimento deles, todos do trabalho dos artesãos: dizem deles: Que os homens que sacrificam beijem os bezerros.	**2.** Et nunc addunt ad peccandum (*hoc est,* pergunt peccare,) et fecerunt sibi conflatile ex argento suo, secundum intelligentiam suam, idola opus artificum omnis (*vel,* omne:) ipsis ipsi dicunt sacrificantes hominem, vitulos osculentur.

Neste versículo o Profeta amplia a ruindade do povo, dizendo que não foi somente em um dia que eles lançaram fora o culto puro de Deus, enredando-se nas superstições, mas que se tinham obstinado na depravação. *Eles juntaram,* diz, *ao seu pecado, e fizeram uma coisa fundida da prata deles.* Quando Israel, como dissemos, apartou-se do culto divino, fez bezerros, e fê-lo sob uma boa aparência; mas, quando se adicionou muitas superstições, uma após a outra, houve, no modo de dizer, um acúmulo de loucura, como se os israelitas, intencionalmente, desejassem subverter a lei de Deus, indicando que não se importavam em nada com o único Deus verdadeiro, por quem haviam sido redimidos. Eis a razão pela qual o Profeta diz que eles avançaram na impiedade, não seguindo nenhuma moderação no pecado, e isso é o que normalmente acontece, a menos que Deus arraste os homens de volta. Assim que apostatam, eles precipitam-se de cabeça no mal; pois tomam maior liberdade em pecar depois de haverem dado as costas a Deus.

Conseqüentemente, essa censura do Profeta deve ser notada, pois ele invectiva contra a obstinada maldade de Israel; e diz que *eles fizeram* para si *da prata deles uma coisa fundida.* Como percebemos acima, abusavam dos dons de Deus, consagrando à superstição o que o Senhor destinara ao uso deles. O fim para o qual Deus concede prata, sabemos, é para que os homens mantenham comércio entre si e apliquem-na também a outros propósitos úteis. Porém, quando

fazem para si deuses de prata, há uma espantosa estupidez na ingratidão deles, pois pervertem a ordem da natureza, esquecendo-se de que a prata é dada para um outro objetivo, ou seja, para o seu uso, como dissemos. O Profeta, ao mesmo tempo, sugere que os israelitas eram menos escusáveis, visto como quando se enriqueceram, ficaram orgulhosos de seus bens. A saciedade, conhecemos, é a causa da malícia, como será afirmado de novo, em breve.

Mas o que o Profeta acrescenta deve ser particularmente observado: *Consoante o entendimento deles.* Aqui, ele exprobra severamente os israelitas porque eles não tinham subordinado todos os seus pensamentos a Deus, mas, ao contrário, seguiam o que lhes agradava. Era, então, *segundo a sua invenção.* A palavra que o Profeta utiliza não é inapropriada, ainda que "entendimento", a palavra adotada pelo Profeta, seja pelos hebreus tomada em um bom sentido. Mas o que é tratado aqui é o culto de Deus, com respeito ao qual toda a prudência, toda a razão, toda a sabedoria dos homens e, em suma, todos os sentidos deles, devem ficar suspensos: pois, se nesse caso, eles de si mesmos adotarem alguma coisa, ainda que seja ela tão pouca, todavia, inevitavelmente adulterarão o culto de Deus. Como assim? Porque a obediência, sabemos, é melhor do que todos os sacrifícios. Essa, então, é a regra, quanto à reta adoração de Deus: que os homens devem se tornar tolos, que não se permitam ser sábios, mas que somente dêem ouvidos a Deus, seguindo o que ele prescreve. Contudo, quando a presunção dos homens se intromete, de modo a idearem um novo modo de culto, eles, pois, afastam-se do verdadeiro Deus, cultuando meros ídolos. Então, o Profeta, pela palavra *entendimento* condena aqui tudo o que apraza a opinião e a razão dos homens; como se dissesse: "A verdadeira regra da religião, quanto à adoração de Deus, é que nada de humano seja misturado, que ninguém deve apresentar o que é de si próprio, ou que dê a impressão de ser bom para si". Em resumo, a compreensão dos homens é aqui oposta ao mandamento de Deus; como se o Profeta dissesse: "Uma grande diferença entre o verdadeiro culto de Deus e todos os modos fictícios e degenerados de culto é a obediência à palavra de Deus; se formos sábios segundo o nosso próprio discernimento, tudo o que fizermos estará corrompido". Como assim? Porque tudo o que os homens inventam de si mesmos é uma profanação do culto divino. Daí Paulo, em Colossenses 2, [99] refutar todas as fantasias dos homens com este único argumento: "Elas são", diz, "as tradições dos homens, embora tenham a aparência de sabedoria".

Apreendemos agora o que o Profeta queria dizer, e por que ele adiciona a palavra "entendimento"; foi para que os israelitas aprendessem que todo o culto que estava em prática entre eles era pervertido e depravado; pois não estava fundado no mandado de Deus, mas fluía de uma fonte diversa, precisamente da compreensão dos homens. Segue-se então, como dissemos antes, que em religião nada deve ser tentado por nós, mas devemos seguir essa única lei ao cultuar a Deus — obedecer simplesmente à palavra dele.

Posteriormente, ele acrescenta: *Ídolos, a obra dos artífices juntamente.* O Profeta, em segundo lugar, ridiculariza a estupidez que fascinara as mentes do povo, visto que, no lugar de Deus, adoravam as obras dos homens. Pois é usual em todos os Profetas, a fim de fazer com que a asneira dos homens fique, por assim dizer, palpável, demonstrar que é totalmente irracional cultuar ídolos; pois uma matéria não pode ser propriamente adorada. Quando há diante de nós um grande volume ou pilha de ouro ou prata, ninguém presume que haja nele divindade alguma: quando alguém passa por um bosque, não transfere às árvores a glória devida a Deus; e o mesmo pode ser dito das pedras. Porém, quando a mão do artífice é aplicada, a placa de ouro começa a ser um deus; assim também o tronco de uma árvore aparenta vestir a glória divina quando recebe uma certa forma do obreiro; e dá-se o mesmo com outras coisas. Ora, é extremamente absurdo supor que um artífice, assim que cinzela alguma madeira, ou assim que derrete ouro ou prata, consiga fazer um

[99] Cl 2.22, 23.

deus, trazendo divindade a algo morto; no entanto, é bem sabido que se pensa assim em todos os lugares. Os supersticiosos apontam como desculpa que isso não procede da mão do artífice, mas que, como esperam por algum sinal da presença de Deus, e como não podem, de outra forma, expor o que ele é, Deus está naquela forma. Mas ainda permanece verdadeiro o fato de que os fabricadores, pela perícia própria, criam deuses de coisas inertes, às quais honra alguma pertence. Já que é assim, o Profeta agora diz, com justeza, que o que o povo de Israel cultuava era a obra dos artífices; e falou isso para que esse soubesse que se tornou vergonhosamente insensato quando deixou o Deus verdadeiro, o Criador do céu e da terra, e prostrou-se diante de ídolos elaborados pelas mãos.

Todavia, ele acrescenta que *eles dizem uns aos outros enquanto sacrificam homens: Que eles beijem os bezerros*[100]. Ainda que esse ponto seja explicado de vários modos, não obstante, satisfaço-me com o óbvio sentido dado pelo Profeta. Ele novamente zomba deles por exortarem um ao outro a cultuarem o bezerro: pois por beijar ele denota, através de uma figura, uma profissão de culto ou adoração, como fica patente em outras partes da Escritura. É dito, em 1.º Reis, [101] que preservei para mim mesmo sete mil homens que não dobraram o joelho perante Baal, nem o beijaram. Beijar Baal era pois um sinal de reverência. E tal prática, percebemos, foi conservada pelos supersticiosos, como é o caso hoje em dia com os papistas, que observam este especial costume de oscular seus ídolos. Porém, o que o Profeta ora diz? *Eles se encorajam um ao outro,* diz, *no culto dos bezerros,* e, entrementes, *sacrificam homens.* O Profeta, indubitavelmente, condena aqui aquele abominável e selvagem costume de os pais sacrificarem suas crianças a Moloque. Era absolutamente repugnante ao sentimento natural para os pais imolar os próprios filhos. Pois, ainda que isso foi outrora ordenado a Abraão, todavia, conhecemos que o objetivo colimado por Deus era, mediante essa prova, testar a obediência de seu servo: mas não foi permitido a Abraão perpetrar o que pretendia.

Eles então imolavam homens. Se fosse direito sacrificar homens, certamente, um tal serviço ao menos deveria ser feito ao único Deus verdadeiro. Se fosse legal sacrificar homem por homem, com certeza, seria ridículo fazê-lo para aplacar o bezerro; e isso era particularmente estranho, os pais não hesitarem em acalmar estátuas mortas com o sangue dos filhos. Tal barbaridade, então, o Profeta agora aponta como que com o dedo, para tentar fazer os israelitas envergonharem-se da vil conduta deles. "Vede", diz ele, "quão bestiais sois vós; pois imolais aos bezerros e os beijai, e mais ainda, sacrificais homens. Há tanta dignidade no bezerro que o homem, que de longe lhe é superior, deva ser morto diante dele? Não é inteiramente incompatível com tudo o que é razoável?" Compreendemos agora o que o Profeta quis dizer. *Eles dizem um ao outro, enquanto imolam homens: Que eles beijem os bezerros.*

Mas aprendamos, dessa e de partes similares, que temos que reparar naquelas tolices em que os ímpios se envolvem quando estão perdidos em seus esquemas, depois de haverem deixado a palavra de Deus: pois tal palavra deve ser para nós um freio para nos guardar de com eles desviarmos em suas monstruosas invenções: pois, quando observamos essas coisas delirantes que até a própria natureza abomina, é evidente que Deus, nisso, restringe-nos e preserva-nos, por assim dizer, por sua mão estendida. Com esse desígnio, o Profeta agora mostra quão estúpidos eram os israelitas, e quão prodigioso era o furor deles, quando beijavam os bezerros com grande reverência e ainda sacrificavam homens. Assim, hoje, no tocante àqueles debaixo do Papado, não somente devemos adotar este argumento, de que eles se apartaram do verdadeiro Deus quando procuraram para si novos e estranhos modos de culto, sem a autorização da sua palavra, mas também devemos ter em mente que as puerilidades deles têm que ser atribuídas à mesma causa. E vemos como Deus

[100] 'Que os sacrificadores de homens beijem os bezerros' — *Horsley.* (N. do E. inglês.)
[101] 1Rs 19.18.

entregou-os a uma mente réproba, de forma que eles não descartar nenhuma espécie de absurdo. E tal consideração, como eu disse, servirá para despertar aqueles que ainda são curáveis, quando compreenderem que estão enfatuados; havendo sido admoestados dessa maneira, possam eles retornar ao reto caminho. E, para que nós sempre demos graças a Deus, detestando cada vez mais aquela imundície em que estivemos envolvidos por algum tempo e lembrando que nada há mais para se recear do que Deus nos permitir que percamos as rédeas, o próprio exemplo de sua vingança a todos os idólatras nos é feito conhecido; pois, assim que eles afastam-se da pura adoração de Deus, ficam entregues, como afirmamos, à mais torpe estupidez. Continuemos —

Oséias 13.3

3. Por isso serão como a nuvem da manhã, como o orvalho matinal que vai embora, como a palha *que* é levada da eira com o redemoinho, e como a fumaça que sai pela chaminé.

3. Propterea erunt quasi nubes matutina, quasi ros mane exoriens, transiens quasi palea quae ex area projicitur, et quasi fumus e fumario, (*Nam* הבראּ *accipitur hoc sensu: significat quidem* fenestram, *sed est* vaporarium camini.)

Aqui, o Profeta emprega quatro símiles para mostrar a condição de Israel. Por mais que prosperassem por algum período e fossem considerados ditosos, seu estado, todavia, seria decadente e passageiro. *Eles serão,* diz, *como a nuvem da manhã:* mesmo que fossem excelsamente sobranceiros, o Senhor, contudo, sacudiria deles todo o poder que tivessem. Em segundo lugar, eles serão *como o orvalho que se eleva na manhã* — nada havendo de substancial neles. Em terceiro, eles serão *como a palha que da eira é levada por um redemoinho.* E, por fim, eles serão, diz, *como a fumaça;* pois, como a fumaça produz espessas trevas e, depois de haver saído da chaminé, dispersa-se e desaparece, assim também esse povo altivo, por mais que louvasse a si próprio, não perduraria em sua condição.

Por essa razão, concluímos que os israelitas não estavam semelhantes aos mortos, mas que ainda possuíam algum poder remanescente em si: pois Deus, de outra forma, teria ameaçado à toa que eles seriam feitos como uma nuvem, como o orvalho, como a palha, e como a fumaça: todavia, eles já tinham sido, em grande medida, consumidos. E Deus anuncia sobre eles, aqui, absoluta destruição, para que não pensassem que já haviam sofrido a punição derradeira, e que não supusessem que podiam reunir novo vigor: pois os homens soberbos nutrem vã confiança, através da qual removem para longe o juízo de Deus. Então, para que não se iludissem com tais fascinações, o Profeta declara aqui que a condição deles seria declinante, tal que cedo chegariam à ruína. Segue-se —

Oséias 13.4,5

4. Não obstante, eu *sou* o SENHOR teu Deus desde a terra do Egito, e tu não conhecerás nenhum deus senão a mim: pois não *há* salvador algum além de mim.

5. Eu te conheci no deserto, na terra de grande seca.

4. Et ego Jehova Deus tuus e terra Aegypti, et Deum extra me non cognosces, et Servator nemo praeter me.

5. Ego cognovi te in leserto, in terra siccitatum (*hoc est,* in terra arida.)

O Profeta ora repete a frase que consideramos no último capítulo para aumentar o pecado do povo. Pois houvessem eles nunca conhecido a sã doutrina, houvessem eles nunca sido educados na lei, teria havido algum pretexto para aliviar a falta deles; pois que eles podiam se ter escusado dizendo que, visto que nunca conheceram a verdadeira religião, tinham se desviado segundo à prática comum dos homens; mas, como haviam desde a infância sido ensinados na sã doutrina, como Deus os havia criado, por assim dizer, em seu próprio regaço, como haviam aprendido, desde seus primeiros anos, o que era cultuar a Deus de modo puro, quando eles assim passaram para as superstições dos pagãos, que desculpa lhes poderia haver? Percebemos, então, a importância da queixa, quando Deus diz que fora *o Deus de Israel desde a terra do Egito.*

Eu sou, então, ele diz, *Jeová vosso Deus*. Ao se nomear *Jeová,* ele vislumbra todos os deuses fictícios deles; como se dissesse: "Sou, sem dúvida, em meus direitos, com justiça o vosso Deus; pois eu sou, de mim mesmo — eu sou o Criador do mundo, ninguém pode tirar meu poder: mas de onde têm esses sua divindade, a não ser da loucura dos homens?" Mais adiante, ele diz: *Eu sou o teu Deus,* ó Israel; ou seja: "Eu manifestei-me a ti desde a terra do Egito, desde teu próprio nascimento. Quando te redimi do Egito, trouxe-te, por assim dizer, do útero para a luz da vida; pois o Egito foi-te como o sepulcro. Tu então começaste mesmo a viver, e a ser alguma espécie de povo, quando estendi a ti minha mão".

E deve-se notar agora também o que eu disse anteriormente, que o povo foi redimido com base nesta condição — para se devotar totalmente a Deus. Visto como hoje somos de Cristo e nenhum de nós deve viver segundo o seu próprio querer (pois Cristo morreu e ressuscitou para este fim, para que fosse o Senhor dos vivos e dos mortos), assim também os israelitas tinham sido redimidos por Deus para se oferecerem inteiramente a Ele. E, já que Deus governou sobre o povo de Israel por esse direito, quão vergonhosas e indesculpáveis eram as apostasias desse, quando, propositadamente, entregou-se às superstições dos gentios?

Um Deus além de mim, diz ele, *tu não deves conhecer.* Tais palavras o Profeta não havia utilizado antes. Tal frase, então, é mais completa, pois mais claramente explica o teor do que ele tinha dito, que Deus adquirira Israel para si levando-o para fora do Egito, isto é, que Israel tinha de ter se contentado com esse único Redentor, não procurando outros deuses para si. *Um Deus,* então, *além de mim tu não conhecerás.* Pois se esse único Deus foi suficiente para redimir o povo dele, o que esse agora pretendia ao vaguear e buscar auxílio aqui e acolá? Pois deviam retribuir a Deus a vida que dele receberam, a qual ora gozavam, e admitir estarem assaz seguros debaixo da sua proteção. Agora percebemos por que isto foi adicionado: *Tu não conhecerás um Deus além de mim.*

Uma razão que confirma isso se segue: *Pois ninguém,* ele diz, *é um Salvador, senão eu.* A copulativa ו, *vau,* deve ser considerada aqui como causativa: *Pois ninguém etc.,* ou: *Seguramente, ninguém é um Salvador, a não ser eu.* E essa é uma extraordinária passagem, pois aprendemos que o culto de Deus não consiste em palavras, mas em fé, em esperança e em oração. Os papistas dos dias correntes acham que não profanam o culto de Deus, apesar de correrem para as estátuas, apesar

de rezarem para homens mortos, apesar de procurarem aqui e ali pela realização de suas esperanças. Como assim? Porque eles sempre mantêm o único Deus verdadeiro, isto é, eles não atribuem o nome de Deus a Cristófaro ou a Antônio. Os papistas se julgam livres de toda culpa, já que Deus conserva seu nome. Mas vemos quão diferentemente a questão é considerada pelo Senhor. "Eu sou", ele diz, "o único Deus verdadeiro". Como é isso? "Porque eu sou o único Salvador: não crie para ti um outro Deus, pois tu não acharás ninguém que te salve". Então, Deus dá um valor especial à honra que lhe é devida pela esperança e oração; ou seja, quando nossa alma repousa nele somente, e quando procuramos e esperamos salvação de nenhum outro senão ele. Percebemos, então, quão útil é a doutrina contida nessa passagem, na qual o Profeta demonstra claramente que os israelitas agiam de modo absurdo e vergonhoso quando formavam outro deus para si, pois nenhum Salvador além do único Deus verdadeiro pode ser encontrado.

Depois, ele acrescenta: *A ti eu conheci no deserto, na terra de secas.* Deus confirma aqui a verdade de que os israelitas haviam agido mui absurdamente ao terem voltado suas mentes para outros deuses, pois ele mesmo os conhecera. O conhecimento mencionado aqui é duplo, aquele dos homens e aquele de Deus. Deus declara que teve cuidado pelo povo quando esse estava no deserto; e ele designa sua paternal solicitude pelo termo conhecimento: *Eu te conheci;* ou seja: "Eu então te elegi um povo para mim mesmo, manifestando-me familiarmente a ti, como se me fosses um amigo chegado. Contudo, era mister que também eu tivesse sido conhecido por ti". Esse é o conhecimento dos homens. Ora, quando os homens são conhecidos por Deus, por que não aplicam todas as suas faculdades para que permaneçam firmes nele? Pois quando se desviam para outros objetos, extinguem, tanto quanto podem, esse benefício divino. Assim também fala Paulo aos gálatas: 'Depois de haverdes conhecido a Deus, ou, antes, depois de seres conhecido por ele' (Gl 4.9.) Na primeira oração, ele indica que esses haviam agido mui impiamente ao se passarem para várias invenções depois de a luz do evangelho lhes haver sido oferecida: mas aumenta o pecado deles pela próxima oração, quando diz: 'Antes, depois de vós serdes conhecidos por ele'; como se dissesse: "Deus antecipou-se a vós por sua gratuita bondade. Então, visto que Deus, dessa forma, primeiro vos conheceu, primeiro vos favoreceu com a graça dele, quão grande e quão ignominiosa é agora vossa ingratidão em não buscar, em troca, conhecê-lo?" Vemos agora, pois, por que o Profeta adicionou que os israelitas tinham sido *conhecidos por Deus no deserto, na terra de secas.*

E há uma citação explícita "ao deserto": pois então foi necessário ao povo ser sustentado milagrosamente pelo Senhor; pois, não houvesse Deus feito chover maná do céu e também dado água para beber, o povo teria miseravelmente perecido. Então, já que Deus o suportara assim, contrariamente ao curso normal da natureza, de maneira que sem seu paternal cuidado não podia ter havido esperança alguma de vida, o Profeta ora acrescenta, corretamente, "no deserto, na terra de secas"; isto é, naquela árida solidão, onde nem um grão de trigo crescia, de modo que o povo não podia viver se Deus não tivesse, por assim dizer, com sua própria mão, dado manjar e posto esse em suas bocas. Percebemos agora que a impiedade extrema do povo é aqui manifestamente provada; pois, havendo sido instruído na lei de Deus e sido alentado por tantos benefícios, todavia, desviava-se após as superstições profanas. E o Profeta, simultaneamente, adiciona —

Oséias 13.6

6. Na proporção da sua pastagem eles ficaram fartos; ficaram fartos, e o seu coração ficou exaltado; por conseguinte, esqueceram-se de mim.

6. Juxta [102] pascua sua et satiati sunt, saturati sunt, et elevatum est cor ipsorum; propterea obliti sunt mei.

O Profeta revela aqui que o povo era, de todos os modos, intratável. Ele deveras emprega tal argumento noutras partes; porém, a repetição não é supérflua. Depois de haver dito que o povo foi ingrato em não continuar no serviço de seu Redentor, por quem foi tratado tão amável e generosamente no deserto, onde teria perecido de fome e carestia, não houvesse o Senhor, de maneira insólita, proporcionado ajuda na grande necessidade daquele, ele ora acrescenta: "O Senhor também vos teria atraído por outros meios, não tivésseis vós sido de uma disposição de todo selvagem e bárbara: mas daí fica manifestado que sois completamente desobedientes; pois, após terdes sido trazidos para fora do deserto, chegastes a pastos exuberantes". Pois a terra de Israel é comparada aqui a pastagens ricas e férteis; como se ele dissesse: "Deus vos colocou em uma herança onde podíeis comer até fartar-se, como quando um pastor conduz suas ovelhas a um local especialmente fértil". O que se sucedeu? *Aos seus pastos eles vieram,* e *foram saciados; eles foram saciados, e elevaram seu coração, e me esqueceram.*

Visto pois que os israelitas apagaram a memória da sua redenção, depois de o Senhor os haver alimentado quando famintos no deserto e, visto que na plenitude deles rejeitaram a Deus, sacudindo para fora o jugo desse, e, como cavalos bravios, escoiceando-o, tornou-se notório que a natureza deles era tão indomável que não podiam, de jeito algum, serem reduzidos à obediência ou submissão. Adiaremos o resto para amanhã.

ORAÇÃO

Conceda, Todo-Poderoso Deus, que, visto que tu tão amavelmente nos procura diariamente por tua voz, meiga e calmamente, para oferecer que sejamos regidos por ti, e, visto que tu nos exaltaste a um alto grau de honra ao nos libertar do pavor do diabo e daquela tirania que nos conservava em miserável medo, e também nos favoreceste com o Espírito de adoção e esperança — Ó, permita que nós, estando atentos a teus benefícios, submetamo-nos sempre a ti, desejando somente erguer nossa voz para este fim, para que o mundo inteiro se sujeite a ti, e que aqueles que ora aparentem enfurecer-se contra ti, finalmente, sejam trazidos, tanto quanto nós o fomos, para te prestarem obediência, para que teu Filho Cristo seja o Senhor de todos, com o fito de que somente tu sejas exaltado, e nós, afinal, sejamos elevados ao alto, tornando-nos participantes daquela glória que tens obtido para nós mediante Cristo, nosso Senhor. Amém.

---

[102] Um grande número de MSS têm ב, *bete*, em vez de כ, *cafe*, antes da palavra "pastos". Mas conectar as duas primeiras palavras neste versículo com o último, como o Bispo *Horsley* faz, decerto não está direito; pois os dois tempos diferentes obviamente aludidos aqui ficam, desse modo, confundidos. Malgrado *Calvino* nesse, como em alguns outros casos, não determinar a construção gramatical, todavia, ele expõe o real sentido da passagem. Deus diz que conhecia o povo de Israel, tanto no deserto quanto em "suas pastagens"; ou seja, na fértil terra de Canaã; e, depois, declara o efeito que os pastos tiveram sobre eles. O que favorece a substituição de ב por כ é que a primeira letra é usada antes de "deserto" e de "a terra de secas" no versículo precedente. O verbo "conhecer" deve ser compreendido no princípio desse versículo. Os dois versículos, 5 e 6, podem ser vertidos desta maneira:

5. Eu te conheci no deserto,
Na terra de secas;
6. Nos seus pastos* também *quando ficaram eles saciados;
Eles ficaram saciados, e elevado ficou o coração deles;
Por isso, eles se esqueceram de mim.

A mudança de pessoas de "ti" para "eles" é comum nesse livro, do começo ao fim. (N. do E. inglês.)

TRIGÉSIMA-QUINTA DISSERTAÇÃO

Em nossa dissertação de ontem, observamos que os israelitas foram condenados por serem, quando alimentados em pastagens férteis, como cavalos fogosos; e isso é o que geralmente acontece. E até Moisés vaticinou isso em seu cântico: 'Meu escolhido, havendo engordado, escoiceou-me' (Dt 32.15.) O que esse Profeta disse estava agora cumprido: a abundância produzira ferocidade no povo de Israel. *Segundo os pastos deles,* diz, *eles ficaram satisfeitos; foram saciados, e seu coração elevou-se.* Ezequiel declara o mesmo de Sodoma; quando os estômagos deles ficaram bem empanzinados, tornaram-se altivos (Ez 16.49). Porém, o Profeta fala ali da crueldade deles para com os homens; pois diz que os sodomitas, enquanto abundavam em todas as bênçãos, ficaram cheios de crueldade, de modo que insolentemente desprezavam o pobre. Mas o Profeta condena aqui algo pior no povo de Israel, pois o coração desse estava inchado de orgulho contra Deus.

E há, no final, uma menção feita ao seu *esquecimento* de Deus. É impossível outra coisa aos homens, quando cegados por uma autoconfiança voluntária, senão rejeitarem todo temor de Deus e todo interesse pela religião. E tal passagem ensina-nos que devemos usar nossa fartura temperante e frugalmente, e que, em primeiro lugar, temos que nos guardar para que a generosidade divina não introduza um olvidamento dele. Pois é uma perversão extrema quando, quanto mais Deus derrama grandemente seus dons sobre nós, mais nossos corações ficam tacanhos, e que os benefícios dele sejam como véus cobrindo nossos olhos. Então, devemos labutar para que, ao invés disso, os benefícios de Deus renovem a memória dele em nossas mentes; e depois, como eu disse, que a moderação e a frugalidade sejam acrescentadas. Prossigamos agora —

Oséias 13.7,8

7. Por isso, serei para eles como um leão; como um leopardo ao longo do caminho espreita-*los*-ei:

8. Encontra-los-ei como uma ursa *que é* privada *dos seus filhotes,* e lhes rasgarei a membrana do coração, e ali os devorarei como um leão: um animal feroz despedaça-los-á.

7. Et ero illis tanquam leo, tanquam pardus in via Assur (*vel*, aspiciam, *vel*, insidiabor, ut alii vertunt.)

8. Occurram illis tanquam ursus orbatus (suis parvulis scilicet;) et disrumpam clausuram cordis eorum; vorabo eos quasi leo; [103] bestia agri scindet (*vel*, lacerabit) ipsos.

O Profeta novamente anuncia sobre os israelitas a vingança de Deus; e, como se tornaram torpes por suas próprias lisonjas, como já observamos muitas vezes, ele descreve aqui o terrível juízo de Deus, para que infunda medo nos obstinados, de modo que, por fim, percebam que tinham de se avir com Deus e começar a temer o poder dele. E isso, como dissemos, era muito necessário quando os Profetas queriam despertar os hipócritas; pois a autoconfiança inebria tanto a esses que não hesitam em desprezar todas as ameaças de Deus: e essa é a razão pela qual ele adota essas três símiles. Primeiramente, ele compara Deus a um leão, depois, a um leopardo e, em seguida, a uma ursa. *Eu serei,* ele diz, *como um leão, como um leopardo,* e então *como uma ursa.* Deus,

[103] Alguns traduzem isso "a leoa", mas está mais em conformidade com essa passagem verter "o leão", denotando, pelo seu nome, לביא, ***labia,*** um leão velho e cruel, tal como é entendido seu significado. A palavra, no versículo anterior, é שחל, ***shachal,*** que tem o sentido de leão feroz. De forma que o Senhor se compara às mais devoradoras e ferozes espécies da raça leonina. Os hebreus possuem outros nomes para leões, designativos da peculiar natureza das idades daqueles. כפיר, ***kafir,*** é um leão jovem; אריה, ***arie,*** um leão adulto e voraz, שחץ, ***shichets,*** um leão de meia idade e feroz; e ליש, ***lice,*** um leão velho. No tocante aos dois aqui citados, há uma gradação, segundo o sentido da passagem. O primeiro, no verso 7, é um leão de meia idade, intrépido e feroz; mas o segundo, no versículo 8, é ainda mais velho, porém, conservando seu vigor, e ainda mais feroz e devorador. (N. do E. inglês.)

conhecemos, é, em sua natureza, compassivo e amável: quando ele diz que será semelhante a um leão, ele adota, por assim dizer, uma outra personagem; mas isso é feito por causa da impiedade dos homens, como é dito em Sl 18.26: 'Com os gentis, tu serás gentil; com os perversos, tu serás perverso'. Pois, conquanto Deus fale cáustica e severamente mediante seu Profeta, ele, todavia, expressa o que devemos lembrar, isto é, que ele assim fala porque não o permitimos tratar-nos em consonância com sua natureza, ou seja, meiga e benevolamente, e que, quando ele percebe que somos obstinados e indomáveis, ele então contende conosco (por assim dizer) com contumácia tal; não que a perversidade pertença propriamente a Deus, mas esse toma emprestada esta comparação dos homens, e por este motivo, para que esses não continuem a se vangloriar quando ele está descontente com eles. Logo, *serei como um leão, como um leopardo no caminho.*

Quanto à palavra *Assur,* os intérpretes entendem-na de diversas maneiras. Alguns vertem-na Assíria, mesmo que aqui esteja escrito com *Kamets:* mas os hebreus consideram-na como um nome comum, não o nome de um lugar ou país. Alguns vertem-na deste modo: "Eu os contemplarei", derivando-na de שׁוּר**, *shur,*** e compreendem א, *álefe*, como designativa do tempo futuro. Outros derivam-na de אשׁר**, *asher,*** e a têm como estando na conjugação *Pual:* e aqui, de novo, divergem entre si. Alguns traduzem-na "eu ficarei à espreita deles"; e outros julgam ser *Shoar,* "eu serei um espreitador como um leopardo". Mas tal diferença, no tocante ao significado da passagem, é senão de pouca importância; pois vemos o objetivo que o Profeta quer atingir. Ele, aqui, pretende remover dos hipócritas a vã confiança deles, aterrorizando-os com a apreensão da vingança divina que era iminente. Portanto, ele diz que, embora Deus até aqui os houvesse poupado, ou melhor, houvesse-os, de certa maneira, acalentado, todavia, já que continuavam a provocar a sua ira, a condição deles logo ficaria muito mudada; pois ele *viria contra eles à semelhança de um leão;* isto é, saltaria sobre eles com a maior fúria; também seria como leopardo: e um leopardo, conhecemos, é uma fera mui cruel: e, por último, compara-se a uma ursa desfilhada, ou um urso despojado.

Mas ele, posteriormente, acrescenta: *Eu rasgarei,* ou, *despedaçarei, o invólucro do seu coração.* Aqueles que entendem o invólucro do coração como a obstinada dureza deles parecem por demais rebuscar as palavras do Profeta. Sabemos, deveras, que os Profetas, por vezes, empregavam esse modo de falar; pois chamam de um coração duro, ou um coração coberto com gordura, aquele que não é maleável e não recebe de bom grado a sã doutrina. Não obstante, o Profeta antes alude à selvageria do urso quando diz, eu rasgarei ou espedaçarei a membrana do coração, e devorar-vos-ei como um leão. Pois é a mais cruel espécie de morte quando o leão, com suas garras e dentes, visa o próprio coração e estraçalha as entranhas do homem. O Profeta, por conseguinte, tencionava apresentar essa crudelíssima espécie de morte. "Por conseguinte", diz, "eu farei em pedaços o pericárdio, ou o invólucro do coração". Ao mesmo tempo, não nego que o Profeta não aluda à dureza do povo enquanto conserva a própria símile.

E a besta do campo os despedaçará. Ele agora fala sem alegoria; pois Deus denota que todos os animais selvagens seriam seus ministros para executar o julgamento. "Eu pois enviarei todas as bestas do campo para os rasgar e despedaçar, de modo que ninguém dentre eles ficará a salvo". Vemos agora o alcance dessa passagem, e para que fim deve ser ela aplicada. Se somos por natureza preguiçosos, sim, e negligentes, e Deus não nos incita, cedendo nós às nossas ilusões, devemos notar aquelas representações figuradas que tendem a nos sacudir de nossa vagareza e mostrar a nós o quão horrendo é o juízo de Deus. Pois para o mesmo propósito são aquelas metáforas com respeito ao fogo eterno e ao verme que jamais morre. Pois Deus, vendo que os sentidos dos homens são tão torpes, aplica aquelas coisas que podem corrigir a morosidade deles. Então, toda vez que Deus faz um papel que não lhe é próprio, saibamos que é por nossa culpa; pois não o permitimos tratar conosco conforme a sua natureza, visto sermos intratáveis. Prossigamos —

Oséias 13.9-11

9. Ó Israel, tu destruíste a ti próprio; contudo, em mim *está* teu auxílio.	**9.** Perdidit te Israel; quia in me auxilium tuum [104].
10 Eu serei teu rei: onde *está um outro* que possa te salvar em todas as tuas cidades? E teus juízes de quem disseste: Dê-me um rei e príncipes?	**10** Ero: Rex tuus ubi, ut servet te in cunctis urbibus tuis, et judices tui, de quibus dixisti, Da mihi regem et principes?
11 Dei-te um rei em minha cólera, e *o* retiro em minha ira.	**11** Dabo tibi (*hoc est),* Dedi tibi regem in ira mea, et sustuli in furore meo.

Em primeiro lugar, Deus lança em rosto aos israelitas o terem, em perversidade, rejeitado tudo o que foi oferecido para a segurança deles: mas ele vai mais longe e diz que não lhes havia esperança, e que existia uma causa oculta que impedia a Deus de ajudá-los, trazendo-lhes auxílio, embora labutassem sob necessidade extrema. *Ele te destruiu, Israel,* diz ele. Alguns consideram que a palavra bezerro deva ser entendida: "O bezerro destruiu a ti"; mas isso é forçado. Outros imaginam que haja uma mudança de pessoa: e estou inclinado a adotar essa opinião, visto que tal modo de falar, sabemos, é muito comum: *Destruíste-te, Israel;* tu és a causa da tua própria destruição, ou, "Israel destruiu a si próprio". Então, mesmo que haja aqui um verbo na terceira pessoa e, em seguida, haja um pronome da segunda pessoa anexado, todavia, podemos verter assim a passagem: "Israel destruiu a si mesmo". Simultaneamente, quando pondero mais completamente cada detalhe dessa passagem, penso que ela seria mais bem e mais adequadamente compreendida indefinidamente: "Algo destruiu a ti, Israel": como se ele dissesse: "Inquira agora quem te destruiu". Deus, então, não indica Israel aqui como o autor, nem mostra alguém como o autor da ruína deles; no entanto, revela que Israel estava perdido, e que a causa da destruição deles devia ser

---

[104] A tradução deste versículo pelo Bispo Horsley, a qual era de *Rivet*, é a seguinte: "É tua destruição, ó Israel, que de mim (somente depende) para te ajudar". Ele acrescenta em uma nota: "Teu grande privilégio, ter só Deus por tua defesa, torna-se a ocasião de tua destruição. Em minha ira eu retirei meu especial auxílio; e, visto estar abandonado por ti, tu não possuis nenhum outro ajudador, tua ruína deve se seguir".

Neste caso, a nossa versão, quanto à primeira oração, aparenta ser preferível à proposta por Calvino. O verbo não está na terceira pessoa, mas na segunda. Seu radical no fim é a letra ת, *tau*, e a mesma letra caracteriza a segunda pessoa, e não está duplicado aqui; um outro exemplo disso encontramos em Ez 28.17: שִׁחַתָּ חָכְמָתֶךָ. 'Tu corrompeste' ou 'destruíste tua sabedoria'.

Não há razão para duvidar da exatidão de nossa versão, tanto quanto aquela de Calvino, quanto à segunda oração. Literalmente é: "Embora em mim para teu socorro", o que parece significar isto: "Embora esteja em meu poder ajudar a ti".

Porém, se a primeira palavra do versículo for entendida como substantivo, como o é por muitos críticos, então a primeira oração pode ser considerada como se referindo aos versos precedentes. Então, o sentido seria que tal seria a destruição de Israel, conquanto houvesse, ao mesmo tempo, ajuda para ele em Deus, caso a tivesse procurado:

Tal tua destruição, Israel!
Ainda que em mim houvesse socorro para ti.

Segue-se então o próximo versículo: Eu serei *o mesmo:* teu rei, onde está ele? etc. Pois existe muito pouca autoridade para mudar אהי para איה: somente um MS. e um outro duvidoso; mas não há necessidade, e o sentido com isso fica, de fato, muito estragado. Na Bíblia de Genebra está vertido 'eu sou'. O tempo futuro em hebraico amiúde inclui tanto o presente quanto o futuro. Para fornecer seu significado completo, deve-se traduzir deste modo: 'Eu sou e serei', isto é, teu socorro; pois ele dissera antes que nele tinha havido auxílio para eles. (N. do E. inglês.)

buscada em outrem, não nele. Esse é o sentido. Fica pois: *Algo destruiu-te, Israel; pois em mim estava teu amparo.* Deus demonstra e prova que Israel, que até aqui fora preservado, está ora destruído pela própria culpa desse; pois o primeiro havia dantes adotado o povo, e para este fim, para que continuasse a mostrar sua mercê para com eles. Então, se a impiedade e a ingratidão do povo não tivessem impedido, Deus, sem dúvida, teria sido sempre como ele mesmo, e sua bondade para com aquele haveria fluído em uma torrente contínua e uniforme.

Isso é o que ele denota na segunda oração, quando diz que *em mim estava tua ajuda;* pela qual parece dizer: "Por que isso, e qual é o motivo de eu não te acudir segundo a minha maneira normal? Tu, de fato, até agora achou ser eu teu libertador: ainda que muitas vezes lutaste contra grandes e graves perigos, todavia, eu nunca estive ausente de ti; tu sempre encontraste em mim uma pronta assistência. Por que isso agora, que eu te rejeite, que tu clames em vão, e que ninguém traga ajuda nenhuma a ti? Por que isso, que tu esteja assim abandonado, não recebendo alívio algum da minha mão, como estás habituado a receber? E, indubitavelmente, eu jamais estaria ausente de ti se me consentisse; porém, fechaste a porta contra mim, e por tua maldade desdenhaste de meu favor, de forma que não posso vir a ti". Segue-se então que tu estás ora destruído por tua própria culpa: *Algo* então *te destruiu.* Ele fala aqui de modo indefinido; mas esse jeito interrompido de expressão é mais enfático quando ele mostra que Israel estava espantado sem motivo, e que também tinha, sem razão, protestado contra Deus. "Não há pois base alguma para contender com Deus, como se houvesse ele frustrado tua expectativa e desprezado teus desejos e clamor; Deus, na verdade, é coerente consigo próprio, pois não é mutável"; como se dissesse: "A perdição deles advém de outro móvel, e deviam saber que há algum entrave por que Deus não estende sua mão para socorrê-los, como até então ele comumente fazia".

Percebemos agora a mente do Profeta: ele, primeiramente, registra o que Deus até aqui fora ao povo; depois, toma por certo que o segundo não muda, mas que possui uma bondade uniforme e incansável. Mas, já que até aqui ajudara seu povo, ele conclui que Israel foi destruído por alguma outra causa, visto como Deus não lhe trouxe adjutório algum; pois, se Israel não houvesse impedido a bondade divina, teria ela fluído normalmente. Então, fica claro que seu curso foi impedido pela imoralidade do povo; pois esse punha, por assim dizer, um obstáculo em seu caminho.

E essa passagem ensina-nos que os homens, em suas misérias, debalde clamam contra Deus: pois ele estará sempre pronto para socorrê-los caso não repilam a mercê que lhes é oferecida. Então, sempre que Deus não nos ajuda em nossa necessidade, permitindo-nos desfalecer e, por assim dizer, consumir em nossas aflições, sem dúvida que é assim porque não estamos dispostos a receber o favor dele, mas, ao invés disso, obstruímos o seu caminho; como é dito por Isaías: "Minha mão não está encurtada para que não possa salvar, nem está meu ouvido pesado, que não ouça. Vossos pecados, ele diz, puseram uma barreira entre ti e mim" (Is 59.1, 2.) Para o mesmo propósito são as palavras do Profeta aqui, quando ele diz que não devemos inquirir qual seja a causa da nossa destruição quando o Senhor não nos libertar de imediato: pois, assim como ele outrora nos deu uma prova de sua bondade, também continuará a dar a mesma até o fim; pois ele não fica fatigado em sua benevolência, nem pode a sua generosidade ser exaurida. A culpa, então, pertence a nós. Portanto, vemos o quão notável é essa passagem, e que instrução útil ela contém.

Em seguida, ele, mais plenamente, confirma o mesmo ao dizer: *Eu serei;* depois adiciona: *Teu rei, onde está ele?* Dizendo 'eu serei', Deus retira o que tinha antes declarado, que seria sempre o mesmo; pois, como Tiago diz, 'nenhum eclipse sucede a ele' (Tg 1.17.) Por isso, 'eu serei'; ou seja: "Ainda que os israelitas murmurem amargamente contra mim, que eu não sigo meu curso de bondade usual, todavia, é falsíssimo; pois permaneço o tempo todo o mesmo e estou sempre pronto a exibir bondade aos homens; pois não abandono, como disse eu noutro lugar, as obras de minhas mãos', (Salmo 138.8.) Visto pois que continuo assim minha mercê para com os homens, deve ser

que o caminho ao meu favor está cerrado pela impiedade deles. Portanto, que examinem a si próprios, quando bradarem e eu não responder. Quando em seus males eles, de certa maneira, consomem-se, não achando alívio, que admitam-no ser pela própria culpa; pois me tenho feito o mesmo que sempre fui, e teriam encontrado em mim um libertador, não houvesse acontecido neles uma transformação". Compreendemos agora o sentido dado pelo Profeta no nono versículo, e quanto à expressão אהי, ***'ehi,*** *eu serei,* no versículo que segue.

Então, ele diz: *Onde está teu rei?* Deus, novamente, vitupera os israelitas por haverem confiado no rei deles e em outros auxílios humanos, pelos quais se julgavam estar bem fortificados. *Onde está teu rei?* diz. Ele ridiculariza os israelitas; pois viam eles que seu rei estava ora despojado de todo poder para os ajudar, e que todos os seus príncipes estavam destituídos tanto de prudência quanto de todos os outros recursos. Então, já que não havia proteção alguma por parte dos homens, o Profeta agora revela que Israel possuía apenas uma vã confiança ao se julgar a salvo sob a sombra do rei, quando se considerava seguro enquanto estivesse governado por homens prudentes. Todas essas coisas, diz, eram vãs. Mas devemos sempre ter em mente o que ele havia dito antes, *eu serei;* pois, não tivesse sido usado tal escudo, os hipócritas teriam sempre dito em resposta: "Onde está Deus agora? Qual é a sua intenção? Por que ele demora?" Por essa razão, Deus mencionou anteriormente que estava pronto para socorrê-los, mas que eles, pela própria maldade, tinham fechado o caminho.

Mas ele, mais adiante, zomba deles por haverem em vão posto a esperança e o socorro no rei e nos príncipes deles. *Onde está teu rei,* diz, *para que possa te salvar em todas as tuas cidades?* Não é à toa que o Profeta menciona cidades, pois que os israelitas menosprezavam toda ameaça, enquanto suas cidades eram, por todos os lados, inatacáveis e fortes para manter os inimigos afastados. Dessarte, quando Deus ameaçava-os por meio de seus Profetas, eles reputavam o que lhes era dito como fábulas, e se defendiam desta maneira: "Como podem os inimigos nos assaltar? Mesmo que cem guerras se nos aproximem, não temos nós cidades que podem resistir às arremetidas dos inimigos? Portanto, habitaremos em segurança, desfrutando dos nossos prazeres, ainda que Deus abale céu e terra". Então, já que estavam eles tão inebriados dessa falsa convicção, o Profeta ora diz: "Eu sei que vós vos sobressaís tendo grandes e numerosas cidades; porém, como as considerais como vossa proteção, Deus demonstrará que tal esperança é vã e ilusória. *Onde* pois *está teu rei, para que te salve em tuas cidades?* E, embora teu rei esteja bem provido de um exército e de muitas fortificações, todavia, para nada servirá quando Deus se levantar contra ti de uma vez".

Mas ele acrescenta no fim: *E teus juízes, de quem disseste: Dê a mim um rei e príncipes?* Aqui, o Profeta vai mais alto, pois revela que o povo de Israel não somente havia pecado neste aspecto, de haverem colocado sua esperança no rei e em outros auxílios; mas que eles também tinham escolhido para si próprios um rei a quem Deus não aprovara. Pois Davi, sabemos, foi ungido para este fim, para que unisse juntamente o grêmio inteiro do povo; e Deus pretendia que a sua Igreja e seu povo eleito ficassem sob um cabeça, para que estivesse a salvo. Logo, foi uma separação ímpia as dez tribos quererem para si um novo rei. Como assim? Porque uma defecção do reino de Davi era, por assim dizer, uma negação a Deus. Pois, se foi dito a Samuel que 'a ti não têm eles rejeitado, mas a mim, para que eu não reine sobre eles' (1 Sm 8.7), isso decerto se verificou mais completamente com respeito a Davi. Vemos então o que o Profeta quis dizer: após haver invectivado contra a falsa certeza do povo por julgar que estava seguro através do poder do rei, ele agora adiciona: "Eu avançarei para uma outra fonte: pois tu não começaste a pecar quando transferiste a glória divina ao rei, mas quando desejaste possuir um reino de ti mesmo, não se contentando com aquele que Deus tinha instituído na pessoa de Davi". O Profeta, então, acusa agora o povo de deserção quando um novo rei, a saber, Jeroboão, foi eleito por eles. Pois, embora isso não fosse feito consoante ao indiscutível propósito de Deus, como observamos em outro ponto, todavia, isso não aproveitava em nada para aliviar a falta do povo; pois esse, tanto quanto pôde, renunciou a

Deus. Assim como o pé, se decepado do corpo, não somente fica um membro mutilado e sem serventia, mas apodrece imediatamente, assim também ficou Israel, sendo como a metade de um corpo dilacerado e mutilado; e deveria ter-se tornado pútrido, não tivesse sido miraculosamente preservado. Mas, ao mesmo tempo, Deus aqui, com justeza, condena tal defecção, que Israel, desejando um novo rei, houvesse espedaçado a sagrada unidade da Igreja e introduzido uma ímpia separação.

Tais são *os príncipes, de quem tu disseste: Dê-me um rei e príncipes. Eu tos dei em minha ira, e removê-los-ei em minha fúria;* isto é: "Foi um início maldito, e será um fim maldito; pois a eleição de Jeroboão não foi legítima; porém, mediante uma disposição ímpia, o povo rebelou-se contra mim, quando se revoltou contra a família de Davi". Nada de bem sucedido, então, podia proceder de um começo tão infausto. Pois é um sinal auspicioso apenas quando obedecemos a Deus, quando seu Espírito preside sobre nossos conselhos, quando inquirimos da boca dele, e quando começamos com oração a ele. Porém, quando desprezamos a palavra de Deus, afrouxando as rédeas à nossa própria veneta, fixando-nos em qualquer coisa que nos agrade, não pode resultar senão num desfecho infeliz e desastroso. Deus, portanto, diz que lhes deu um rei em sua ira; como se dissesse: "Pensais que tendes obrado nobremente quando Jeroboão foi elevado ao trono, para que se tornasse eminente: pois o reino de Judá era então inferior ao de Israel, o qual não somente sobrepujou em poder, mas também em número de súditos. Pensais que éreis então felizes, porque Jeroboão regeu sobre vós: mas ele vos foi dado na cólera e na *ira* divinas", diz o Profeta. "Mas Deus ordenou que Jeroboão fosse ungido". Verdade, foi assim: mas isso, diz Deus, eu o fiz na minha ira; e agora *eu tirarei em minha fúria;* ou seja: "Eu vos privarei daquele reino que vejo ser a causa de vossa cegueira. Pois se aquele reino permanecer inteiro, eu serei nada, a autoridade de minha palavra não terá influência entre vós. Então, é forçoso que este reino seja totalmente subvertido; pois vós principiastes a ser mal-aventurados assim que buscastes um novo rei".

Entendemos agora o que o Profeta quer dizer. Simultaneamente, aprendemos dessa passagem que Deus executa seus juízos para que, seja qual for o mal, deva ele ser atribuído aos homens. Pois a subida de Jeroboão ao reino, admitimos, com certeza, ter sido temerária e injusta; pois, em conseqüência disso, foi violado aquele decreto celestial que se fez conhecer a Davi: "Meu filho és tu, neste dia te gerei. Pedi-me, e dar-te-ei os gentios' etc. (Salmo 2.7, 8.) Porém, quem designou Jeroboão para ser rei? O Senhor mesmo. Como podia ser isso: Deus alçar Jeroboão ao trono, todavia, pondo, por seu decreto, Davi, não apenas sobre os filhos de Abraão, mas também sobre as gentes, com referência ao Cristo que estava de vir? Deus, aqui, dá a impressão de ser incoerente consigo próprio. Em hipótese alguma, porém: pois, quando ele estabeleceu Davi sobre seu povo escolhido, foi uma nomeação lícita: contudo, quando elevou Jeroboão ao trono, foi um singular julgamento; de modo que não há contradição alguma em Deus. Ao mesmo tempo o povo, que por sufrágio adotou Jeroboão e o fez seu rei, agiu ímpia e perversamente. "Todavia, Deus parece ter dirigido o todo por sua providência". Verdade: pois, antes que o povo soubesse algo do novo rei, Deus já determinara elegê-lo e também resolvera punir, a seu modo, a apostasia e ingratidão de Salomão. Todas essas coisas são verdadeiras, isto é, que Deus, por seu secreto conselho, tinha dirigido todo o negócio; no entanto, não teve participação nenhuma no pecado do povo.

Portanto, aprendamos a sabiamente admirar os secretos julgamentos de Deus, não imitando aqueles sofistas profanos, que fazem uma grande celeuma, pois que não conseguem entender como Deus se vale assim dos ímpios, e como ele direciona para o melhor fim o que é perpetrado pelos homens de maneira malévola e disparatada. Como não atinam para isso, concluem que, se o Senhor a todas as coisas governa, deve ser ele o autor do pecado. Mas a Escritura, como vemos, quando fala da ira e da fúria de Deus, simultaneamente, apresenta sim para nós sua retidão em todos os juízos, fazendo distinção entre ele e os homens e expondo a grande diferença; pois Deus não torna

os desígnios perversos dos homens para atender aos fins desses — ele é um justo juiz. No entanto, seu propósito nem sempre nos é aparente: entretanto, é nossa obrigação, de modo reverente e com mentes purificadas, admirar e adorar aqueles mistérios que ultrapassam nossa compreensão. Segue-se —

Oséias 13.12,13

12. A iniqüidade de Efraim *está* atada; seu pecado *está* escondido.

13. As dores de uma mulher parturiente sobrevir-lhe-ão: ele *é* um filho imprudente; pois ele não ficará muito tempo no *lugar de* parir filhos.

12. Obsignatum est peccatum Ephraim (*vel*, obsignata est iniquitas Ephraim;) reconditum peccatum ejus.

13. Dolores parturientis venient ei; ipse filius insipiens (non sapiens,) quia tempore non staret in ruptura filiorum (*ad verbum.*)

Ele diz, primeiro, que *selada está a iniqüidade de Efraim,* e que *oculto está o pecado dele;* por cujas palavras ele quer dizer que em vão os hipócritas se ufanam enquanto Deus suspende sua vingança; pois, se bem que ele seja indulgente por algum tempo, todavia, não dorme; nem se deve acreditar que ele seja cego, mas ele sela os pecados dos homens, mantendo-os encerrados até chegar o tempo próprio para os revelar. Pois, como Jeremias diz, 'o pecado de Judá está escrito com uma pena de ferro, com a ponta de um diamante' (Jr 17.1); assim também diz Oséias aqui, que a iniqüidade de Efraim estava selada. Pois os escritos podem perecer quando se espalham fora: mas o que está guardado, debaixo de um selo, dura para sempre. O que Oséias, então, ora quer dizer é que o povo se gabava em vão quando se lhe foi oferecida uma trégua; pois o Senhor mantinha os pecados desse debaixo de seu selo; como se dissesse: "Deus não esquece vossa iniqüidade: como ele, contudo, poupa-vos apenas por um tempo, seria muitíssimo melhor sofrer o castigo imediato, pois, assim, a memória de vosso pecado iria embora; mas ele agora conserva cuidadosamente todas as vossas iniqüidades, por assim dizer, sob selo, e vossos pecados estão armazenados num depósito".

Percebemos agora que o que o Profeta denota nesse versículo é que os israelitas fizeram progressos tais em seus pecados que agora nenhum perdão ou remissão se poderia esperar. "Deus pois jamais vos será propício, pois *vosso pecado está selado".* E tal sentença se aplica a todos aqueles que se disfarçam diante de Deus quando esse não os trata com severidade, mas, ao contrário, amavelmente os sustenta e tolera. Então, já que eles frustraram sua indulgência, era mister que isso se lhes sucedesse, para que selasse as iniqüidades deles e mantivesse contido seus pecados.

Em seguida, diz que os *sofrimentos de alguém em trabalho de parto chegaria* sobre esse povo soberbo e rebelde. Prossegue ele com o mesmo assunto, mas sob uma outra figura; pois pelos sofrimentos de alguém em trabalho de parto ele caracteriza a repentina destruição que sobreviria aos homens remissos. E tal modo de falar é comum na Escritura. *Ali chegará* então as *aflições de alguém em trabalho de parto* sobre esses homens; ou seja: "Visto que eles prometem para si paz contínua, e são agora despertados por algumas ameaças, e como eles altivamente desprezam tanto a minha mão quanto a minha palavra, uma destruição súbita arrebenta-los-á". Assim também quanto ao início do versículo: *Ali chegará sobre eles as dores de quem está em trabalho de parto.*

Ele depois adiciona: *Ele é um filho insensato,* isto é, ele é completamente tolo. Aqui, Deus condena a extrema loucura do povo de Israel, como se houvesse dito: "Se alguma partícula de entendimento são restasse nesse povo, ele ao menos perceberia o julgamento que está próximo; então, haveria alguma esperança de solução: mas esse povo está ora inteiramente enfatuado". E isso

prova a insensatez deles, *pois não deviam,* diz, *protelar no parir filhos.* Essa oração, todavia, alguns intérpretes assim explicam: "O tempo virá, eles não protelarão no dar a luz filhos". Todavia, é antes o oposto que significam as palavras; pois o Profeta quer dizer que, quando o período de nascimento chegasse, o povo pararia no parto; o que esse não faria, caso estivesse dotado de uma mente reta e sã.

Deve-se notar que o Profeta alude ao tempo do nascimento; pois ele dissera antes que as dores de quem está em trabalho de parto acometeriam o povo de Israel; ele ora declara que tais dores seriam filiais. Conquanto uma mulher esteja sentindo dores de parto e em grande perigo ao dar a luz, ela, todavia, é, num instante, libertada, e, como Cristo diz, gozo e felicidade surgem daquela aflição (João 16.21). Porém, o Profeta diz que esse parto seria mui diferente; pois seria um aborto, e o filho ficaria retido para apodrecer no ventre. Se uma mulher no nascimento mesmo restringe o esforço e diminui sua força, destrói a criança e a si própria simultaneamente; pois não consegue parir sem ação vigorosa. Visto pois que a segurança da mulher depende do empenho efetuado, o Profeta agora diz que o contrário se daria com o povo de Israel. Esse é, diz ele, como uma mulher nas dores para dar a luz; mas, ao mesmo tempo, cegado pela insensatez, pois detinha a criança no útero e nenhum esforço empreendia: assim, essa parturição deve, por fim, ser-lhes fatal. Por quê? Porque não fazem esforço algum para dar à luz aquela.

O Profeta, através dessas representações figuradas, sem dúvida vislumbra a obstinada dureza do povo; pois, embora devesse chorar e se humilhar sob a potente mão de Deus, sabemos o quão perversamente aquele se endurecia contra toda punição. Então, já que esse povo, por assim dizer, mordia a rédea dessa forma e, simultaneamente, tornasse seu coração empedernido, em parte por seu temperamento feroz, em parte por estupidez, e em parte por desespero, não é de se admirar que o Profeta dissesse que era um povo imprudente e insano, *pois desistiu do parto dos filhos;* ou seja, esse não fez esforço algum para obter o almejado termo a seus males. Pois, quando o Senhor nos aflige e damos à luz, esse dar à luz é o nosso livramento. Ora, como pode haver livramento se não nos odiarmos por nossos pecados, se não elevarmos nossas mentes a Deus e, assim, abrir uma passagem à graça dele? Mas, quando nos opomos a Deus com pertinácia por meio de nossa violência e estupidez, é como se fechássemos toda a avenida. Percebemos agora, pois, quão apropriada é essa metáfora usada pelo Profeta, quando diz que o povo estava louco; pois, quando a época de dar à luz chegou, eles *desistiram de parir;* isto é, na abertura do ventre, pois é o que o Profeta quer dizer pela palavra. Visto então que eles cessaram na própria abertura, e represaram, por assim dizer, todo desforço, cessando de todas as lutas, deveriam ter perecido. Vemos agora o que a obstinação dos homens produz quando se endurecem, quando contraem, por assim dizer, seu coração, mente e todas as faculdades dentro de limites estreitos. Pois quando uma mulher em dores de prato tolhe todos os esforços, ela, de moto próprio, busca para si a morte: também fazem o mesmo os que se endurecem contra todos os castigos, especialmente quando o tempo do nascimento é chegado; e a isto a palavra dar à luz alude: pois Deus, quando nos golpeia, não apenas uma vez, mas perdura em nos dar muitos açoites, de modo que ou arrependemos ou perecemos para sempre, esse é o tempo sazonado para parir; pois Deus então nos guia a um extremo, e nada resta para nós senão nos humilharmos sob sua poderosa mão ou sermos destruídos. O Profeta, então, denomina tal condição de o dar a luz, na qual os homens obstinados, que não querem obedecer a Deus, ficam. É mister ajuntar a estes versículos os dois que se seguem: isso eu farei amanhã.

ORAÇÃO

Conceda, Todo-Poderoso Deus, que, visto que tu nos deste teu Filho unigênito para nos governar, e o tens, por teu bom prazer, consagrado Rei sobre nós, para que estejamos perpetuamente a salvos e seguros sob a mão dele contra todas as tentativas do diabo e do mundo inteiro — Ó, outorgue que nos permitamos ser regidos pela autoridade dele, conduzindo-nos para que ele continue sempre a velar por nossa segurança: e, como tu nos confiaste a ele, para seja o defensor da nossa salvação, assim também não nos permitamos desviar nem cair, mas nos preservemos sempre em seu serviço, até que, por fim, sejamos reunidos naquele reino bendito e eterno, o qual proporcionaste para nós pelo sangue de teu único Filho. Amém.

TRIGÉSIMA-SEXTA DISSERTAÇÃO

Oséias 13.14

14. Eu os resgatarei do poder do sepulcro; eu os redimirei da morte; Ó morte, eu serei tuas pragas; Ó sepultura, eu serei tua destruição: o arrependimento ficará ocultado dos meus olhos.

14. E manu sepulchri redimam eos, a morte redimam (*est quidem aliud verbum, sed utrumque significat* redimere:) ero perditio tua,[105] mors: ero excisio tua (*vel*, interitus tuus) sepulchrum (*vel,* inferne:) consolatio (*vel,* poenitentia) abscondita est ab oculis meis.

O Profeta, não tenho dúvida, dá continuidade aqui ao mesmo argumento, a saber, que os israelitas não podiam suportar a misericórdia que lhes era oferecida por Deus, se bem que aqui ele fale mais completamente. Deus dá a impressão de prometer redenção, mas promete isso de forma condicional: então, em minha opinião, estão enganados aqueles que entendem essas palavras como se o sentido fosse o mesmo de quando Deus, depois de haver censurado e ameaçado, mitiga a severidade de sua instrução, adicionando consolação por meio do oferecimento de sua graça. Contudo, o teor dessa passagem é diferente; pois, como já dissemos, Deus aqui não promete simplesmente a salvação, mas revela que está realmente pronto a salvar, porém, a impiedade do povo era um empecilho no caminho. Entretanto, examinemos mais cuidadosamente as palavras.

Da mão do sepulcro, diz ele. Por a mão ele, indubitavelmente, quer dizer poder: pois Jerônimo nada faz senão brincar quando fala aqui de obras, dizendo que as obras da sepultura são os nossos pecados. Mas isso passa mui longe da cabeça do Profeta. É verdadeiramente uma metáfora comum na Escritura a mão no lugar de poder ou autoridade. Então é: *Eu redimi-los-ei do poder do túmulo, eu os redimirei da morte;* ou seja, se não resistirem, eu de bom grado tornar-me-ei o Redentor deles. Por isso, alguns têm vertido a passagem no modo subjuntivo: "Da mão do túmulo eu os redimiria, da morte eu os livraria". Mas não há necessidade nenhuma de alterar o tempo, malgrado, como eu disse, aqueles que assim fazem expuserem fielmente o intento do Profeta. Porém, para que ninguém diga que isso está muito longe do que trazem as palavras, o texto do Profeta pode ser muito bem entendido, mesmo que o tempo futuro seja preservado. *Eu* pois *os redimirei,* tanto quanto isso dependa de mim; pois uma condição deve ser introduzida, como se Deus viesse e declarasse que estava presente para cumprir o ofício de Redentor. Que é, então, que está no caminho? Precisamente a dureza do povo; pois esse teria preferido morrer cem vezes a voltar-se para Deus, como dentro em pouco veremos.

Em seguida, acrescenta: *Eu serei tua perdição, ó morte; eu serei tua extirpação, ó sepulcro.* Por estas palavras, o Profeta, mais nitidamente, expõe o poder de Deus, e exalta esplendidamente esse poder, para que os homens não pensem que não há caminho algum aberto a ele para salvar, quando esperança nenhuma, de acordo com o julgamento da carne, aparecer. Em vista disso, o

---

[105] "Muitíssimos MSS. e algumas edições lêem דברך; e דבר em hebraico é destruir, subjugar". — *Newcome.*

Tal passagem dá um exemplo daquela inútil espécie de criticismo, pelo qual se faz uma tentativa de introduzir uma concordância verbal entre frases no Antigo Testamento e suas supostas citações no Novo. Os apóstolos levavam em consideração mais o sentido do que as palavras.

Horsley tem uma longa nota sobre as duas palavras דבר, predição ou destruição, e קטב, excisão ou extirpação; e ele verte a primeira como "pestilência," e a segunda como "praga ardente". Que as duas palavras são assim utilizadas ele prova de maneira satisfatória. Porém, quando aplicada à morte e à sepultura, essas, naturalmente, só podem ter em sua leitura a idéia de alguma coisa destrutiva, extirpadora e ruinosa. Em todas as línguas, as palavras têm significados primário e secundário: e guardar sempre o sentido primeiro em uma tradução seria, muitas vezes, impróprio. Neste caso, Calvino demonstrou mais discernimento que o Bispo. (N. do E. inglês.)

Profeta diz: "Embora os homens ora estejam mortos, todavia, nada há que impeça a Deus de vivificá-los. Por quê? Pois ele *é a ruína da morte, e a ablação do túmulo";* isto é: "Ainda que a morte traga a todos os homens, ainda que a tumba os consuma, todavia, Deus é superior tanto à morte quanto à sepultura, pois ele pode matar a morte, ele pode abolir o sepulcro". Percebemos agora o real sentido dado pelo Profeta.

E podemos aprender desta passagem que quando o homem perece, Deus ainda continua como ele é, e que tampouco o seu poder, pelo qual ele é poderoso para salvar o mundo, é extinto, nem seu propósito alterado, como se deixasse de estar sempre pronto a socorrer; mas o fato é que a obstinação dos homens rejeita a graça que foi provida, a qual Deus, voluntária e liberalmente oferece. Isso é uma coisa. Em segundo lugar, aprendemos que o poder de Deus não deve ser mensurado pela nossa régua: se cem vezes ficarmos perdidos, seja Deus ainda reputado por Salvador. Então, caso o desespero, em algum tempo, deprima-nos tanto que não consigamos nos assenhorear de nenhuma das promessas de Deus, que esta passagem venha a nossas mentes, a qual diz que ele é a excisão da morte e a destruição da sepultura. "Mas a morte está perto de nós, o que pois podemos mais esperar?" Isso é dizer que Deus não é superior à morte: contudo, embora essa reivindique tanto poder sobre os homens, quanto poder a mais tem Deus sobre a própria morte? Então, que nos asseguremos de que Deus é a destruição dela, o que significa que a morte não mais pode destruir; isto é, que essa está despojada daquele poder pelo qual os homens são destruídos naturalmente; e que, ainda que jazam na tumba, todavia, Deus é a extirpação da tumba mesma. Essa é a aplicação do que é aqui ensinado. Mas alguém dá esta versão: "Eu serei tua perdição para morte", como se isso fosse endereçado ao povo: trata-se de uma absurda perversão da passagem inteira, privando-nos de uma utilíssima doutrina.

Porém, muitos intérpretes, julgando ser essa passagem citada por Paulo, explicam que o que é dito aqui é sobre Cristo, e têm, em muitos aspectos, errado. Primeiro, dizem que Deus promete aqui redenção incondicional; mas vemos que o desígnio do Profeta era muitíssimo distinto. Então, postulam que isso é dito na pessoa de Cristo: "Da mão do sepulcro eu os redimirei". Ao mesmo tempo, imaginam, com demasiado rebuscamento, que *[a sepultura]* ou *o inferno* são os tormentos com os quais os réprobos são visitados, ou o lugar mesmo onde são esses atormentados. Mas o Profeta repete a mesma coisa em palavras diferentes, e bem conhecido é o caráter do estilo hebraico. O túmulo, então, não se difere da morte aqui; apesar de Jerônimo labutar e contender que o túmulo denota o que é totalmente diverso da morte; porém, tudo o que ele diz é frívolo. Eles pois estão iludidos quanto a esses termos. E então, nas palavras do Profeta — "eu serei tua ablação, ó inferno (ou sepulcro)" — introduziram a palavra, isca, e explicam-na alegoricamente como sendo Cristo, que ele era como um anzol: pois, como uma minhoca, quando presa ao anzol e engolida por um peixe, vira morte para esse, assim também Cristo, segundo dizem, quando enviado ao sepulcro, tornou-se uma isca fatal: pois, como os peixes são pegos pelo anzol, assim a morte foi pega pela isca da morte de Cristo. E tais sutilezas vãs são recebidas com grande aplauso: por conseguinte, debaixo do Papado inteiro é recebida sem duvidar como verdade divina, que Cristo foi a isca da morte. No entanto, que se examine minuciosamente as palavras do Profeta, e ver-se-á que abusam ignorante e vergonhosamente do testemunho do Profeta. E devemos, em particular, precatarmo-nos para que a significação da Escritura seja preservada verdadeira e certa.

Mas vejamos o que responder ao que é dito sobre a menção de Paulo a essa passagem. A solução não é difícil. Os Apóstolos não aduzem toda hora, de forma declarada, às passagens, as quais, em todo o contexto delas, aplicam-se somente ao assunto de que eles tratam; mas, por vezes, eles aludem a uma palavra apenas, algumas vezes aplicam uma passagem a um assunto à guisa de analogia, e por vezes apresentam passagens como confirmação. Quando os Apóstolos empregam as provas escriturísticas, então a verdade genuína e real deve ser procurada; mas, quando eles aludem

brevemente a uma única palavra, não há ocasião para fazer nenhuma averiguação penosa; e, quando citam qualquer passagem assemelhada da Escritura, é uma excessiva preocupação buscar como todas as partes se combinam. Contudo, é bem patente que Paulo, em 1.ª aos Coríntios 15.54-57, não mencionou o testemunho do Profeta com o fito de confirmar a doutrina da qual fala. [106] Então, o quê? Como a ressurreição da carne era uma verdade muito difícil de nela se crer, mais que isso, de todo contrária à opinião da natureza, Paulo diz que não é de se maravilhar, visto que Cristo virá para nos ressuscitar. Por quê? Porque é a peculiar prerrogativa de Deus ser a perdição da morte e a destruição da sepultura; como se dissesse: "Caso os homens apodrecessem mil vezes, Deus ainda deteria aquele poder que declarou quando disse que seria a ruína da morte e a destruição do túmulo". Então, saibamos que, embora o discernimento da natureza rejeite a verdade, todavia, Deus está dotado daquele poder além da compreensão pelo qual ele pode nos fazer ressurgir de um estado de putrefação; ou melhor, já que ele criou o mundo do nada, ele também nos ressuscitará do sepulcro, pois é ele a morte da morte, a tumba da tumba, a ruína da ruína e a destruição da destruição: e o simples objetivo de Paulo é enaltecer, por meio dessas contundentes palavras, esse incrível poder divino, que está fora do alcance do entendimento humano.

Ora, fosse alguém, com a mesma finalidade, referir este ponto dos Salmos — "do Senhor são as saídas da morte", (Sl 68.20) — seria preciso inquirir em que sentido Davi disse isso ou de que período ele fala? De jeito nenhum; mas se fala é das imutáveis prerrogativa e poder de Deus, do qual ele nunca pode ser destituído; assim, também nesta parte vemos o que ele declara por Oséias, e o que ele teria feito, não tivesse havido na ingratidão do povo um obstáculo; pois ele diz *eu serei tua ruína, ó sepulcro; eu serei tua morte, ó morte.* E, já que Deus promete isso, sintamo-nos assegurados de que, por fim, descobriremos ser isso verdadeiro quanto a nós. Percebemos agora pois como o real sentido dado pelo Profeta concorda com o assunto tratado por Paulo.

Segue-se agora que a *consolação,* ou, o *arrependimento está oculto do meu olho;* pois נחם, ***nacham,*** significa ambos. נחם, ***nacham,*** significa arrepender-se, bem como receber consolação. Se o termo, consolação, for sancionado, o sentido será: "Não há razão alguma para alguém se espantar de eu falar tão virulentamente, e nada faça senão vociferar contra o meu povo; pois a consolação não tem ora lugar nenhum entre eles; conseqüentemente, essa está escondida dos meus olhos". E era esse o caso, porque a incorrigível maldade do povo não permitia a Deus mudar sua severidade para brandura, para que desse alguma esperança de perdão e salvação. Neste sentido pois se diz que a consolação estava escondida de seus olhos. Todavia, se a palavra arrependimento for mais aprovada, indicará exatamente a mesma coisa — que estava ele plenamente determinado a destruir aquele povo. "Então, não há razão alguma para vós esperardes que eu fique mais terno com o passar do tempo; pois o arrependimento está oculto de meus olhos. Isto permanecerá firme, vós sereis reduzidos a nada; pois estais absolutamente sem esperança". Percebemos pois que as duas palavras aludem à mesma coisa, que Deus tira desse povo miserável e réprobo toda esperança de salvação. Agora se segue —

---

[106] "A triunfante exclamação do Apóstolo, 'Ó morte' etc., é deveras uma alusão a esse texto de Oséias, uma alusão indireta, todavia, não uma citação dele".— *Bispo Horsley.* (N. do E. inglês.)

Oséias 13.15

15. Mesmo que ele seja frutífero entre *seus* irmãos, um vento oriental virá, o vento do SENHOR subirá do deserto, e o manancial dele secará, e a sua fonte ficará seca: ele despojará o tesouro de todos os vasos deleitosos.

15. Quia ipse inter fratres fructum faciet (*vel,* augescet; *vel,* Quanvis ipse inter fratres suos augescat: *alii putant* אחים *positum esse pro* אחרים, inter germina: *sed nimis coacta est interpretatio. Legamus igitur simpliciter ut verba sonant,* Ipse inter fratres augescet;) veniet ventus orientalis, ventus Jehovae a deserto ascendens, et arefaciet venam ejus, et siccabitur fons ejus: ipse diripiet thesaurum omnis vasis desiderabilis.

Deus novamente confirma o que fora dito, que Israel debalde confiava no próprio poder e nas próprias fortalezas, e que a destruição certa estava próxima desse, devido aos pecados que eles seguiam sem quaisquer limites ou peias. Contudo, o Profeta inicia com estas palavras: *Ele entre seus irmãos crescerá.* Ele alude, não tenho dúvidas (visto que outros intérpretes também observaram) à bênção da tribo de Efraim, que é mencionada em Gênesis 48; pois sabemos que, conquanto Efraim fosse mais jovem, todavia, foi colocado no primeiro lugar por Jacó, de modo que foi preferido em honra ao irmão, que era o primogênito: outrossim, a profecia que Jacó anunciou naquele tempo, sabemos, foi realmente cumprida: pois a tribo de Efraim se distinguiu, tanto em número quanto em outros aspectos, de todo o restante, salvo somente a tribo de Judá. Efraim, obviamente, tinha ganhado alta distinção entre o povo todo. Mas, embora devesse ter atribuído tudo isso à gratuita bondade de Deus, ficou inchado de orgulho. Tal ingratidão o Profeta ora condena: *Ele,* diz, *entre seus irmãos crescerá:* porém, de onde é este aumento? De onde era essa tão grande dignidade, senão de ser preferido no lugar de Manasses, o qual, por direito de natureza, era o primeiro? Ora, não bastava a esse povo desgraçado esquecer de uma tão grande mercê divina, sem, ao mesmo tempo, abusar de suas riquezas ao acalentar o orgulho, sem se endurecerem no desdém a Deus. Pois de onde veio uma tão grande audácia na rebelião deles, de onde veio tão grande estupidez e tão grande loucura de desprezar o juízo divino, senão disso — haverem se multiplicado entre seus irmãos?

Então, mesmo que ele aumente entre seus irmãos, todavia, *ali chegará um vento oriental, o vento de Jeová, que secará sua nascente, e sua fonte será estancada.* Aqui, Deus declara o que antes fora mencionado, que estava em seu poder remover do povo de Israel o que ele tinha gratuitamente deferido, visto que podia secar as fontes se desejasse. E ele aplica uma apropriadíssima símile. Como o vento oriental, diz, seca, queima e, caso persista por muito tempo, estanca as fontes, assim eu, diz, estancarei todos os mananciais de Efraim. Ache ele ou não que possui mais vigor do que fontes, as quais têm uma origem inexaurível, é certo que elas esgotar-se-ão quando bem me agradar. *Eu pois secarei os mananciais e fontes de Efraim:* mesmo que ele pense que tira de uma fonte profunda, todavia, o vento, quando se levantar, secará todo o seu vigor e água. Entendemos agora o que o Profeta quer dizer.

Agora, quanto às palavras, alguns vertem קדים, ***kadim,*** impropriamente, como o vento meridional; pois quer dizer o vento leste: depois, outros, incorretamente, explicam *o vento de Jeová* como significando um vento forte. Eu realmente admito que o que é incomum, amiúde, diz-se ser divino; mas aqui o Profeta tencionava expressar que Deus tem ventos sempre prontos, pelos quais pode esgotar todo vigor que exista ou pareça existir nos homens. Portanto, o nome de Jeová é posto em oposição às causas ou meios naturais. Não será pois um vento fortuito que secará as nascentes

de Efraim, mas um levantado pelo conselho e propósito certo de Deus; como se dissesse: "Esse vento será o açoite de Deus".

Somos pois ensinados aqui que, quando Deus nos abençoa por algum tempo, devemos nos acautelar para não abusarmos de seu favor e nutrir uma falsa confiança, como vemos que Efraim havia feito; pois esse prosperou entre seus irmãos e, depois, ergueu a cabeça, obliterando, assim, a mercê divina por meio da altivez e da arrogância. Então, quando afluentes, devemos sempre temer para que algo semelhante se não nos suceda. Quanto mais amavelmente Deus tratar conosco, pois, mais constantemente temos que ser concitados a orar a ele, para que se agrade de prosseguir sua obra até o fim, para que não cochilemos em nossos deleites enquanto Deus nos é indulgente. Isso, em primeiro lugar, devemos ter em mente. Depois, devemos também observar o alerta do profeta, que Deus pode subitamente e, por assim dizer, em um instante, transtornar a prosperidade dos homens, que nada há neste mundo que não possa ser imediatamente mudado assim que Deus retira de nós seu favor. Tal comparação pois deve amiúde ocorrer a nós; quando o ar está sereno, quando a estação está sossegada, um vento, em um momento, levantar-se á, vento que secará a terra, que também estancará as fontes; no entanto, a energia delas aparenta ser perpétua; então, o que não pode acontecer a nós? Não pode o Senhor, em um triz, tornar-nos secos, visto que não possuímos em nós mesmos fonte alguma de poder? Ele de fato podia ter dito neste ponto o que encontramos no capítulo quarenta de Isaías [107] , que o homem é como a flor que logo se desvanece; mas ele queria expressar algo mais profundo; pois esse povo, estando profundamente firmado no próprio poder, pensava que estivesse suprido de nascentes inexauríveis, e que a vitalidade delas não se esgotaria: sendo assim, ele diz: "Apesar de teres fontes e mananciais, todavia, Deus te secará; pois ele achará um vento cujo poder, como o prova a experiência, seca fontes e mananciais".

Todavia, segue-se que *ele roubará o tesouro de todo vaso desejável.* Isso parece ser inadequadamente aplicado ao vento; todavia, o sentido dado pelo Profeta é claro o bastante, precisamente este — que nada ficará intocado na tribo de Efraim quando o Senhor levantar o seu vento. "Por mais ocultos", parece dizer, "que teus tesouros possam estar, todavia, esse vento penetrará nos mais recônditos recessos, de modo que coisa alguma se safará de sua violência". Em suma, o Profeta quer dizer que a força da vingança de Deus seria tão violenta que Efraim não poderia ficar seguro em nenhuma de suas fortalezas; pois o vento de Deus penetraria nas mais profundas fontes da terra. Eis o sentido. Segue-se —

Oséias 13.16

16. Samaria ficará desolada; pois se rebelou contra o seu Deus: eles cairão pela espada: seus infantes serão despedaçados, e suas mulheres prenhes serão fendidas.	**16.** Desolabitur Samaria, quia exacerbavit Deum suum: in gladio cadent; parvuli eorum allidentur, gravidae eorum scindentur.

Esta é a conclusão do discurso: esse versículo foi, então, impropriamente separado do capítulo anterior [108]; pois o Profeta não entra aqui em um novo tópico, mas apenas confirma o que dissera da destruição definitiva de Samaria. *Samaria* então *ficará devastada;* como se dissesse: "Eu já muitas vezes tenho anunciado sobre vós o que não acreditais, que a destruição está mui próxima; disso sejais agora persuadidos; mas, se não crerdes, Deus, não obstante, executará o que determinou e o que ora enuncio por minha boca". Simultaneamente, ele acrescenta a causa: *Pois eles*

---

[107] Is 40.6-8.

[108] O décimo-quarto capítulo começa, no original, com este versículo; porém, achou-se melhor conservar a divisão de nossa versão [KJV, divisão que é a adotada também nas edições vernáculas da Bíblia, exceto nas católicas — Trad.] (N. do E. inglês.)

provocaram o seu Deus. Para que não se queixem de que foram severamente tratados, diz que eles somente sofriam a punição que mereciam. Ele também especifica a espécie de destruição que estava para vir: *Cairão pela espada, suas crianças serão feitas em pedaços, e suas mulheres grávidas serão abertas ao meio,* para que o filho seja extraído do útero. Ao dizer que os cidadãos de Samaria e os habitantes do país inteiro cairiam pela espada, ele, indubitavelmente, sugere que Deus se valeria desse tipo de castigo mandando chamar inimigos a quem ele os consignaria para destruição.

Vemos agora, então, o que está contido nas palavras do Profeta. Primeiro, ele revela que estava tudo acabado para Samaria e todo o reino de Israel; como Deus não pôde, de nenhuma maneira, trazê-los ao arrependimento, ele ora tomaria vingança sobre uma tão desatinada obstinação. Depois, mostra que Deus faria isso de forma justa, pois que fora provocado; e, por último, indica qual espécie de punição seria. Para que não julgassem que os assírios viriam por acaso, o Profeta diz que este exército, que estava para invadir e derruir a terra de Samaria, seria, no modo de dizer, conduzido pela mão de Deus; pois, embora os assírios quisessem estender suas fronteiras e fossem influenciados pela avareza e cupidez, todavia, Deus os usaria como instrumentos para executar o juízo dele; e, para que eles soubessem quão terrível seria a desforra, ele relata dois tipos de males: que suas crianças seriam feitas em pedaços, e que suas mulheres seriam fendidas ao meio, e sua prole extraída de seus ventres. Até falar nisso é horrível; e só ocorre quando os inimigos estão grandemente enfurecidos e exasperados ao extremo. Apreendemos agora, pois, a significação dada pelo Profeta.

Porém, caso alguém objete, dizendo que infantes e bebês, ainda abrigados nos úteros de suas mães, não merecem um tão brutal castigo, visto que até então não eram dignos de tal coisa, pode-se responder que a raça humana inteira é culpada diante de Deus, de modo que crianças, mesmo que ainda não vindas ao mundo, não obstante, são consideradas como estando debaixo de culpa; de modo que Deus não pode ser acusado de crueldade, ainda que utilize seu próprio direito para com eles. Além disso, ouvimos o que ele declara em muitas partes, que transmitirá os pecados dos pais aos filhos. Visto ser assim, aprendamos a aquiescer a esses tremendos julgamentos de Deus, mesmo que mui repugnantes aos nossos sentidos; pois sabemos que não devemos contender com ele, e que seria extrema presunção agir assim; mais que isso, seria audácia ímpia. Então, conquanto a explicação para tal castigo não apareça a nós, devemos, contudo, reverentemente respeitar esse juízo de Deus. De mais a mais, podemos assim arrazoar: Se os infantes não são poupados, mesmo aqueles ainda dentro do ventre materno, o que será dos adultos? O que será dos velhos, os quais, ao longo de toda a vida, continuaram a provocar a vingança divina? Sem dúvida, o Senhor pretendia, com tais palavras, aterrorizar aqueles ímpios desprezadores de sua palavra, os quais teriam de se avir com ele. "Quão grande juízo", diz, "pende sobre vós, e quão medonho! Já que nem vossas crianças serão postas de lado: pois eu vos envolverei no mesmo julgamento quando elas forem arrojadas contra as pedras, depois de terem sido arrancadas de dentro do útero de suas mães. Considerando que um tão pavoroso castigo seria infligido a eles, o que será feito a vós? Pois a causa do mal subsiste em vós". Temos agora explanado esse versículo. Segue-se então uma exortação.

CAPÍTULO 14

Oséias 14.1,2

1. Ó Israel, volte para o SENHOR teu Deus; pois tu caíste por tua iniqüidade.

2. Tomai convosco palavras, e voltai ao SENHOR: diga a ele: Tire toda iniqüidade, e receba-*nos* graciosamente: assim, ofereceremos os novilhos de nossos lábios.

1. Revertere Israel ad Jehovam Deum tuum; quia orruisti in iniquitate tua.

2. Tollite vobiscum verba, et convertimini ad Jehovam: et dicite ei, Omnem tolle iniquitatem, et sume (*vel*, attolle) bonum; et solvemus vitulos labiorum nostrorum.

Aqui, o Profeta exorta os israelitas à penitência, e ainda expõe alguma esperança de misericórdia. Mas isso pode parecer incoerente, visto que ele já havia atestado que não mais haveria remédio, pois que haviam eles provocado Deus ao extremo. Neste caso, o Profeta dá a impressão de contradizer a si mesmo. Porém, a solução está pronta à mão, e é esta — ao falar anteriormente da destruição final do povo, ele considerava todo o grêmio do povo; mas agora ele dirige seu discurso aos poucos que, até então, permaneciam fiéis. E tal distinção, como temos lembrado a vós noutros pontos, deve ser escrupulosamente observada; caso contrário, descobrir-nos-emos desconcertados em muitas partes da Escritura. Vemos agora pois com que intento o Profeta anexou essa exortação, após haver asseverado que Deus seria implacável com o povo de Israel; pois, com respeito ao grêmio inteiro, não havia esperança de libertação; Deus tinha agora determinado destruí-lo, e queria que isso lhe fosse tornado conhecido pela pregação de Oséias. No entanto, Deus sempre teve alguma semente remanescente entre seu povo eleito: apesar de o corpo, como um todo, estar nauseabundo e putrefato, todavia, restavam alguns membros, tal como em um grande monte de palha de cereais se encontram alguns grãos escondidos. Então, já que Deus preservara alguns (como tem por costume sempre fazer), ele expõe-lhes sua misericórdia: e, como tinham sido levados embora, por assim dizer, por uma tempestade, quando a iniqüidade preponderava tanto entre o povo que nada havia de são, o Profeta dirige-se aqui a eles, porque não eram inteiramente incuráveis.

Saibamos então que os irrecuperáveis, o grêmio inteiro do povo, são ora descartados; pois eram tão obstinados que o Profeta não lhes podia dirigir a palavra na expectativa de sucesso. Então, o sermão dele aqui deve ser particularmente aplicado aos escolhidos de Deus, os quais, havendo apostatado por um tempo, ficando enredado nos vícios comuns da época, não eram, todavia, totalmente insanáveis. O Profeta agora os exorta e diz: *Regresse, Israel, a Jeová teu Deus; pois tu caíste pela tua iniqüidade.* Essa razão é adicionada porque os homens jamais se arrependerão se não forem humilhados; e de onde vem a verdadeira e genuína humildade, senão de um senso de pecado? Então, a menos que os homens fiquem desgostosos consigo próprios, admitindo serem dignos de perdição, nunca serão tocados por um genuíno sentimento de penitência. Estas duas coisas são então sabiamente ajuntadas por Oséias, que Israel caíra pela própria iniqüidade e, então, que era tempo de voltar a Jeová. Por quê? Porque, quando ficamos convencidos de sermos merecedores de destruição, mais que isso, que já estamos fadados à morte por havermos com tanta freqüência provocado a Deus, então começamos a odiar a nós mesmos; e uma repulsa ao pecado nos leva a procurar arrependimento.

Mas ele diz: *Volte, Israel, ao teu Deus.* O Profeta ora os convida amavelmente; pois ele não podia lograr êxito com palavras severas sem misturar uma esperança de mercê, visto que sabemos que não pode haver esperança de arrependimento sem fé. O Profeta, então, não somente mostra o que era necessário ser feito, mas também diz: 'Tu és Israel, tu és um povo escolhido'. Entretanto, como já foi afirmado, ele não se dirige a todos indiscriminadamente, mas àqueles que eram os

verdadeiros filhos de Abraão, embora se tivessem, por um tempo, degenerado. “Volte pois, Israel, ao teu Deus; pois, por mais que hajas apostatado por um período, todavia, Deus não te rejeitou: apenas retorne a ele, e tu acharás favor, pois ele é aplacável para com seu próprio povo”.

Em seguida, ele revela o caminho da penitência: e essa passagem merece ser notada; pois conhecemos que os homens aduzem meras trivialidades quando falam de penitência. Desse modo, quando a palavra arrependimento é mencionada, imaginam eles que Deus deva ser aplacado com essa ou aquela cerimônia, como vemos ser o caso com aqueles debaixo do Papado. E qual é o arrependimento deles? Precisamente este — se jejuam em certos dias, se murmuram rezas curtas, se empreendem peregrinações para pagar votos, se compram missas; se com tais besteiras se fatigam, pensam que o arrependimento correto e requerido é trazido diante de Deus: mas tudo isso é inteiramente absurdo. Então, visto como o mundo não compreende o que a penitência denota, e a que ela conduz, o Profeta aqui apresenta o verdadeiro arrependimento pelos seus frutos. Por isso, diz: *Tomai convosco palavras, e retornai a Jeová; e diga a ele: Remova toda iniqüidade e traze o bem, e daremos a ti os novilhos de nossos lábios.* Quando ele os convida a tomar ou achar palavras para apresentar no lugar de sacrifício, sem dúvida aludia ao que a lei instrui.

Primeiro, é indiscutível que o Profeta não fala de palavras inventadas; pois conhecemos o que Deus declara por meio de Isaías: ‘Este povo se achega a mim com seus lábios, mas o coração dele está muito distante de mim’ (Is 29.13). Mas ele os convida a tomar palavras pelas quais pudessem demonstrar o que era concebido e sentido em seus corações. Então, primeiramente ele quer dizer isto, que as palavras deles deviam corresponder ao que sentiam.

Em segundo lugar, tem que se notar que o Profeta não fala aqui de qualquer sorte de palavras, mas que deve haver uma relação mútua entre as palavras de Deus e as dos homens. Como pois devemos trazer a Deus palavras tais que provem a autenticidade de nossa piedade? Precisamente sendo educáveis e submissos; de boa vontade sofrendo quando ele nos castiga, confessando o que merecemos quando ele nos censura, humildemente orando por livramento quando ele nos ameaçar com vingança, abraçando o perdão quando ele o prometer. Quando assim tomamos palavras da boca de Deus e trazemo-las a ele, isso é tomar palavras, segundo o que o Profeta quer dizer nesta parte. Portanto, percebemos o significado da exortação do Profeta quando nos convida a tomar palavras: todavia, não posso mais continuar por ora.

ORAÇÃO

Conceda, Todo-Poderoso Deus, que, visto que ora levamos conosco esse corpo mortal, sim, e pelo pecado fomentamos mil mortes dentro de nós — Ó, permita que, pela fé, dirijamos sempre nossos olhos em direção aos céus, bem como àquele poder incompreensível, que no último dia deve ser manifestado por Jesus Cristo nosso Senhor, de modo que, no meio da morte, esperemos que tu sejas nosso Redentor e gozemos aquela redenção, a qual ele completou quando se levantou de entre os mortos; e não duvidemos de que o fruto que ele então produziu por seu Espírito também chegará a nós, quando Cristo mesmo vier para julgar o mundo; e, desse modo, caminhemos no temor de teu nome, para que sejamos realmente congregados entre os membros dele, para sermos participantes daquela glória, a qual por sua morte ele para nós conseguiu. Amém.

TRIGÉSIMA-SÉTIMA DISSERTAÇÃO

Tomai convosco palavras e regressai a Jeová, dizendo-lhe: Tire toda iniqüidade e traga o bem, e daremos a ti os novilhos de nossos lábios. Mencionamos, em nossa última dissertação, as espécies de palavras que o Profeta aqui pede aos israelitas para tomarem, ao mesmo tempo em que os exorta a arrependerem-se: pois, como até então foram surdos e mudos, ordena-os a ficarem não apenas atentos à palavra do Senhor, mas também prontos a responder, para que houvesse harmonia entre a doutrina ouvida e a confissão deles. Ele ora se explica, dizendo: *Remove toda iniqüidade e traga o bem.* Essas são as palavras com as quais ele convida que venham a Deus. Ele lhes dita a confissão que o Senhor exige.

Ele, primeiro, manda-lhes que peçam a remissão e o perdão de pecados; pois, se um pecador deseja retornar ao favor de Deus e, no entanto, não confessa sua culpa, escolhe uma via estranhíssima. O próprio começo deve ser uma confissão, tal como o Profeta aqui descreve. Pois os israelitas, ao pedirem a Deus para perdoar os pecados deles, simultaneamente, confessavam ser culpados diante desse; sim, condenavam-se, para que pudessem obter absolvição gratuita. E é enfático o que eles dizem: *Remova toda iniqüidade.* Desse modo, confessavam-se culpados não somente de um, mas de muitos pecados, pelos quais Deus poderia com justiça puni-los, não lhes fosse ele propício. Em suma, admitem aqui seus vários e múltiplos delitos.

Mas eles acrescentam: *Traga o bem.* Tal frase é geralmente interpretada como se os israelitas dissessem que eles, até agora, tinham sido estéreis e vazios de boas obras, mas que agora, estando reconciliados, seriam úteis e profícuos servos de Deus. Mas este sentido não me parece conveniente aqui, pois ele, em seguida, acrescenta no fim a comprovação da gratidão: *Daremos os bezerros de nossos lábios.* Ele fala aqui, não tenho dúvidas, da bênção divina, a qual mana do imerecido perdão dos pecados: pois não nos recebe simplesmente em mercê, mas também prova realmente que não é em vão que se reconcilia conosco, pois adiciona os frutos de seu amor paternal, ao nos favorecer com sua benevolência. Visto que o Profeta então ordenou aos israelitas que trouxessem palavras perante Deus, assim, agora ele apresenta-os orando para que Deus traga o bem: e a Escritura, como de hábito, comumente ajunta estes dois — o favor de Deus, pelo qual ele, espontaneamente, perdoa pecados, e sua bênção, que outorga a seus filhos depois de os haver adotado em seu amor paternal. Daí *traga o bem;* ou seja: "Ó Senhor, primeiro nos receba em mercê, depois, prove realmente que tu nos és propício, precisamente pelos benefícios exteriores".

Segue-se agora: *E daremos,* ou *entregaremos, os novilhos de nossos lábios.* Nessa passagem, os fiéis confessam que coisa alguma havia para que pudessem dar a Deus em troca, quando esse, prodigamente, concedia-lhes tudo, senão celebrarem sua bondade em seus louvores e confessarem que tudo deviam a ele. Essa é, então, uma passagem notável: pois expõe a bondade de Deus para com os homens e, depois, ensina que esses não podem oferecer-lhe recompensa, mas apenas apresentar louvores pelos quais celebrem a amabilidade divina e nada mais, como é dito no Salmo 116.12, 13: 'O que restituirei ao Senhor por todos os benefícios que ele me concedeu? O cálice da salvação tomarei, e o nome do Senhor invocarei'. Ali também o Profeta testifica que Deus não é liberal para com os homens porque espere ou requeira algo deles (pois o que podem eles dar?), entretanto, ele deseja ações de graças e se apraz com o sacrifício de louvor, tal como encontramos também no Sl 50. Mas aprendemos a mesma coisa dessa passagem: *Ó Senhor,* dizem, *traga o bem;* isto é: "Apesar de nós, de várias maneiras, termos exposto a nós mesmos ao teu juízo, tendo por nossos inumeráveis pecados provocado a tua ira, todavia, que tua benevolência suplante todas as nossas iniqüidades; havendo nos tornado limpos, traga também aquele bem que, até aqui, tem estado, por assim dizer, mui longe de nós". Pois, quando Deus mostra sinais de sua ira, ficamos

destituídos de todas as bênçãos dele. Logo, eles pedem a Deus, após a reintegração deles à mercê, para manifestar-lhes sua bondade. E o que eles dizem, por fim? "Ó Senhor, não te prometemos reparação, pois tu não requeres nenhuma, nem está em nosso poder dar alguma; todavia, *entregaremos a ti os novilhos dos lábios;* ou seja: "Confessaremos que devemos todas as coisas a ti: pois é apenas o sacrifício de louvor que podemos te dar quando nos tem suprido abundantemente com todos os tipos de bênçãos".

E por bezerros dos lábios o Profeta denomina, com propriedade, os louvores que Deus demanda como o principal sacrifício; pois, debaixo da lei, alguns ofereciam bezerros quando pagavam seus votos. Porém, o Profeta demonstra que Deus não considera os sacrifícios externos, mas somente aqueles exercícios que os homens realizam de outra forma, precisamente os sacrifícios de ação de graças. Eis então o sentido da metáfora; como se ele dissesse: "Os novilhos que se tem por hábito ofertar não são os verdadeiros sacrifícios em que Deus se deleita, antes, tendem a indicar que os homens devem oferecer a Deus louvor". Percebemos agora, então, o sentido desse versículo. Segue-se —

Oséias 14.3

3. Assur não nos salvará; não andaremos sobre cavalos: nem diremos mais à obra de nossas mãos: *Vós sois* nossos deuses: pois em ti o órfão acha misericórdia.	**3.** Assur (Assyrius) non servabit nos: super equum non ascendemus, et non dicemus posthac, Dii nostri, operi manuum nostrorum; quia in te misericordiam consequetur pupillus.

Esse versículo deve ser juntado com o último, visto que os israelitas mostram aqui, mais clara e plenamente, em que haviam pecado, e, ao mesmo tempo, dão provas do arrependimento deles; pois, quando dizem *os assírios não nos salvarão, não montaremos em cavalos, não diremos à obra das mãos, nossos deuses,* deve ser entendido como uma confissão, que eles tinham, de várias maneiras, excitado contra si próprios a vingança de Deus: pois haviam esperado segurança dos assírios, corrido aqui e acolá e, assim, alheado a si mesmos de Deus; tinham também fugido a estátuas e ídolos e transferido às imagens mudas a honra devia ao único Deus verdadeiro. Destarte, vemos que, malgrado os fiéis falarem do tempo futuro, todavia, indiretamente, confessam que pecaram gravemente, que abandonaram o único Deus verdadeiro e transferiram suas esperanças a outros, seja aos assírios, seja aos deuses fictícios. Mas, simultaneamente, prometem ser diferentes no futuro; como se ele dissesse que eles não somente seriam gratos a Deus ao celebrarem seus louvores, mas que seu modo de viver também seria novo, de modo a não abusarem da bondade divina. Essa é a essência do que é dito aqui.

Ao dizerem que *os assírios não nos salvarão,* eles, indubitavelmente, como já afirmamos, condenavam a falsa confiança com que foram outrora iludidos, quando procuravam livramento mediante os assírios. Sem dúvida, há, realmente, o fato de os israelitas estarem sempre acostumados a fingir confiarem no nome de Deus; porém, ao se julgarem perdidos sem o socorro dos assírios, eles, mui certamente, defraudaram Deus da sua justa honra, adornando os homens com as coisas dele roubadas. Pois, se não ficarmos convencidos de que só Deus é-nos suficiente, até quando todos os auxílios terrenos falharem conosco, não colocamos nele nossa esperança de salvação; pelo contrário, transferimos a mortais o que pertence somente a ele. Por tal sacrilégio, por conseguinte, os israelitas condenam a si próprios, e, ao mesmo tempo, demonstram que o fruto do seu arrependimento seria colocar suas mentes em Deus, de modo a não serem arrastados aqui e ali como dantes ou pensarem que podiam ser preservados pela ajuda dos homens. Aprendamos, conseqüentemente, que os homens não voltam a Deus se não derem adeus a todas as criaturas, não mais fixando suas esperanças nelas. Isso é uma coisa.

O que se segue — *em cavalo não montaremos* — pode ser explicado de dois modos: como se eles dissessem que não mais seriam loucos a ponto de se orgulharem do próprio poder, ou que não se suporiam a salvo por estarem bem providos de cavalos e carros de guerra; não obstante, a oração pode ser explanada de maneira mais simples, como denotando que eles não mais perambulariam aqui e acolá como anteriormente para obterem para si tropas estrangeiras: então, *não mais montaremos em um cavalo,* mas ficaremos quietos em nosso país; e este sentido parece mais apropriado. Não penso, pois, que o Profeta apresente alguma idéia nova, mas leio as duas frases conjuntamente: *Os assírios não nos salvarão, então, não montaremos em cavalo;* ou seja, para que cavalguemos depressa; pois tinham se cansado anteriormente com longas jornadas: assim que algum perigo se aproximava, eles iam embora para a Assíria buscar socorro, embora Deus os mandasse permanecerem quietos.

O significado disso será mais bem compreendido reportando-se a outras passagens que tenham correspondência com o que é dito aqui. Deus diz por meio de Isaías: 'Em cavalos não monteis; mas dissestes vós: Nós montaremos: então montai', diz ele, (Is 30.16). Aqui está um impressionante anúncio de que os judeus, contra Deus, cavalgarão e se apressarão em busca de auxílios. "Vejo-vos", diz, "ser mui expeditos e rápidos: então montai, mas será com o fito de fugir". Vemos qual era o desígnio desse reproche do Profeta: era mostrar que os judeus, que deviam ter permanecido parados e quietos, fugiam para cá e para acolá à procura de assistência. Assim, também aqui, quando mostrarem o fruto de seu arrependimento, dirão: "Doravante, não mais montaremos em cavalo, pois o Senhor, que promete ser nossa ajuda, não deve ser buscado como alguém longe: então, não mais nos afadigaremos em vão". Parece-me que isso é o que o Profeta quis dizer.

Depois, ele acrescenta: *E não diremos, nossos deuses, à obra de nossas mãos.* Assim como haviam falado da falsa confiança que puseram nos homens, também agora condenam a própria superstição deles. E estas são as duas pestes que, habitualmente, trazem destruição sobre os homens; pois nada é mais ruinoso do que transferir nossa esperança de Deus; e isso se dá de dois modos, ou quando os homens confiam no poder deles ou se orgulham dos adjutórios humanos e menosprezam a Deus, como se pudessem ficar a salvos sem ele; ou quando se entregam às superstições falsas. Essas duas moléstias prevalecem no mundo quando os homens se enleiam em suas superstições e formam para si novos deuses, dos quais esperam segurança; como vemos ser o caso com aqueles sob o Papado. Deus é quase de nenhuma estima para eles, Cristo não é bastante. Pois como é que eles idealizam para si tantos padroeiros, inventam tantas proteções, senão pelo fato de desdenharem do amparo divino, ou por o atenuarem tanto que não ousem esperar dele salvação? Daí, vemos que a superstição arrasta os homens para longe de Deus, tornando-se, dessa maneira, a causa da pior destruição. Mas há alguns que não são dados assim às superstições, mas que tiram esperança de sua bravura ou sabedoria; pois os filhos deste mundo ficam inchados pelo poder deles; e, quando príncipes possuem exércitos preparados, quando possuem cidades fortificadas, quando possuem abundância de dinheiro, quando ficam fortalecidos por muitos pactos, são cegados com a falsa confiança. Então, esse versículo ensina-nos que essas são duas pestes destrutivas que, geralmente, arrastam os homens para fora da real segurança; e, se arrependermos sinceramente e de coração, devemos purgar nossas mentes desses dois males, de modo que não atribuamos coisa alguma ao nosso próprio poder ou aos auxílios terreais, nem formemos quaisquer ídolos para ficarem no lugar de Deus, mas nos asseguremos de que somente Deus é um socorro suficiente para nós.

Mas segue-se: *Pois em ti os órfãos acharão misericórdia.* Aqui, os israelitas revelam que nos é necessário ficar abatidos para que permaneçamos dependentes apenas de Deus; pois aqueles são comparados a órfãos que são humilhados, para que lancem fora todas as vãs esperanças e,

cônscios da nudez e necessidade deles, recostem-se só em Deus. Por isso, que a misericórdia divina ache um caminho aberto para chegar a nós, devemos virar órfãos. Ora, o que essa metáfora significa é-nos bem conhecido. Os órfãos, sabemos, são, em primeiro lugar, destituídos de ajuda, e, em segundo, de sabedoria e, ainda, de poder. Então, são dependentes do auxílio de outro e ficam carentes de direção; em resumo, a segurança deles depende da assistência alheia. Assim também, somos realmente órfãos quando não confiamos em nossa prudência, nem repousamos em nossa própria força, nem pensamos que podemos estar seguros mediante os adjutórios que venham da terra, mas lançamos todas as nossas esperanças e cuidados somente sobre Deus. Isso é uma coisa. *Os órfãos* então acharão misericórdia *em ti;* isto é: "Quando tu, Senhor, nos afligir tanto que nos tornemos totalmente humilhados, então encontraremos compaixão em ti; e tal compaixão ser-nos-á suficiente, de modo que não mais vaguearemos e seremos desviados por falsas invenções, como foi o caso conosco até agora". Logo, quando eles dizem que *em Deus* o órfão encontrará misericórdia, querem dizer que a graça oferecida pelo Senhor será bastante, de modo que não haverá mais necessidade nenhuma de procurar auxílio de outrem. Compreendemos agora o que o Profeta quer dizer nesse versículo. Segue-se —

Oséias 14.4

4. Sararei a sua apostasia, ama-los-ei voluntariamente; pois minha ira se afastou dele.	**4.** Sanabo defectiones eorum, diligam eos sponte (*vel*, liberaliter;) quia aversus est furor meus ab eo.

Deus, aqui, confirma o que nós observamos relativamente à sua reconciliação gratuita, e a repetição não é inútil; pois, visto como os homens são induzidos a nutrir vãs e falsas esperanças, assim, nada é mais difícil do que preservá-los na dependência do único Deus e acalmar suas mentes, de modo que não se perturbem nem se atormentem, como a experiência nos ensina a todos. Pois, quando aceitamos as promessas de perdão irrestrito, nossa carne nos leva a desconfiar, e ficamos vexados com várias imaginações. "Quê! Podeis ou atreveis a prometer a vós mesmos com certeza de que Deus vos será propício, sabendo que por muitos motivos ele, com justiça, está irado convosco?" Então, visto que somos tão inclinados a abrigar desconfiança, o Profeta de novo confirma a verdade que antes consideramos, qual seja, que Deus está pronto para ser reconciliado, e que ele não deseja nada mais do que receber e admitir seu povo.

Por essa razão, ele diz: *Eu curarei as defecções deles.* O modo de curar é através de um perdão gratuito. Pois, ainda que Deus, regenerando-nos por seu Espírito, cure nossa rebelião, isto é, submeta-nos à obediência, removendo de nós as corrupções, as quais nos estimulam a pecar, todavia, o Profeta, nesse ponto, sem dúvida declara, na pessoa de Deus, que os israelitas seriam salvos de suas apostasias, de modo que essas não podiam vir contra eles em juízo, nem lhes ser imputada. Saibamos pois que Deus é, em dois aspectos, um médico, quando está curando nossos pecados: ele nos purifica por seu Espírito, abolindo e enterrando todas as nossas ofensas. Porém, é da segunda espécie de cura que o Profeta agora fala quando diz: *Eu curarei seus desvios;* e ele emprega um termo forte, pois podia ter dito "vossas faltas ou erros", mas ele diz "vossas defecções de Deus"; como se dissesse: "Ainda que eles tenham pecado tão gravemente que seus crimes mereçam cem mortes, contudo, sara-los-ei desses seus abomináveis pecados, e ama-los-ei espontaneamente".

A palavra נדבה, ***nedavah,*** pode ser interpretada, ou como livremente, ou como prodigamente. *Eu,* então, *ama-los-ei generosamente,* ou seja, com um amor abundante e incomum; ou: *Eu os amarei espontaneamente;* isto é, gratuitamente. Mas aqueles que vertem as palavras como "eu ama-los-ei de moto próprio", isto é, não por constrangimento, desvirtuam a noção do Profeta;

pois quão sem imaginação é a expressão de que Deus não é forçado a nos amar; e qual sentido pode ser deduzido daí? Não obstante, diz-se que o Senhor ama-nos livremente, pois que não acha ele em nós nenhuma razão para amar, pois somos indignos de sermos considerados ou contemplados com qualquer favor; mas se mostra liberal e benévolo nesse próprio ato de manifestar seu amor aos sem mérito.

Percebemos então que o real sentido dado pelo Profeta é este: que, embora os israelitas houvessem de várias formas provocado a ira de Deus e, por assim dizer, intencionalmente desejado perecer e fazê-lo ficar irado com eles, todavia, o Senhor promete ser-lhes propício. De que maneira? Precisamente desta, pois ele dará prova de sua generosidade quando, gratuitamente, adotá-los. Percebemos agora como Deus se nos torna um Pai, reputando a nós por seus filhos, precisamente quando abole nossos pecados, e também, espontaneamente, nos admite ao gozo do seu amor. E essa verdade deve ser observada cuidadosamente, pois o mundo sempre imagina que vão a Deus trazendo alguma coisa pela qual possam fazê-lo mudar ou incliná-lo a amá-los. Coisa alguma pode ser mais inimiga de nossa salvação do que essa vã ilusão.

Aprendamos então dessa passagem que Deus não pode ser um Pai para nós de outro modo que não tornando-se nosso médico e curando nossas transgressões. Mas a ordem também é singular, pois Deus coloca o amor antes da cura. Por quê? Porque, como ele é justo, deve nos olhar com ódio enquanto imputa os pecados. É, então, o princípio do amor quando ele nos limpa de nossos vícios e remove nossas manchas. Portanto, quando se perguntar como Deus ama os homens, a resposta é que ele começa a amá-los mediante um perdão gratuito; pois, enquanto Deus imputa pecados, os homens devem ser odiados por ele. Depois, ele começa a nos amar quando cura nossas doenças.

Não é sem razão que ele adiciona que *a fúria* de Deus *está afastada de Israel.* Pois o Profeta pretendia acrescer isso como um selo para confirmar o que ensinou; pois os homens sempre disputam entre si quando ouvem que Deus lhes é propício. “Como é isso, que ele sare tuas enfermidades? Pois até aqui tu o descobriste estar irado contigo, e como ora estás persuadido de que a cólera dele está aplacada?” Por isso, o Profeta sela seu testemunho no tocante ao amor de Deus quando diz que a ira desse havia agora cessado. *Afastada então está minha fúria.* “Conquanto até agora eu, por muitas provas, manifestei a ti a minha ira, todavia, eu ora venho a ti como alguém transformado. Não me julgues pois pelo tempo passado, pois agora estou apaziguado para contigo, e *minha fúria é afastada de ti.* Segue-se —

Oséias 14.5

5. Serei como o orvalho para Israel: ele florescerá como o lírio, e lançará suas raízes como o Líbano.	**5.** Ego quasi ros Israeli; florebit quasi lilium (*alii vertunt,* rosam:) figet radices suas quasi Libanus (*vel,* quasi Libani.)

O Profeta agora repete o que havia dito, que Deus, após restaurar o povo à mercê, seria benfazejo, de modo a tornar aparente o fruto da reconciliação. Visto que os israelitas tinham sido afligidos, deviam ter imputado isso aos próprios pecados, deviam ter percebido, por tais provas, a ira divina. Tinham sido estúpidos ao imaginarem o oposto, que as adversidades deles aconteciam por acaso. O Profeta estivera mui empenhado em ensinar tal verdade, que os israelitas seriam sempre miseráveis até que voltassem para Deus, e, ainda, que todos os seus negócios seriam mal-aventurados até que obtivessem perdão. Ele agora fala de uma mudança, que Deus não somente por palavras se lhes demonstraria propício, mas também daria uma prova pela qual os israelitas poderiam saber que eram agora abençoados por estarem reconciliados com Deus; pois a bênção dele seria o fruto de seu amor gratuito. Então, essa frase deve ser assim conectada: *Eu serei a Israel como o orvalho:* ele sugere que eles outrora eram secos, pois que foram privados do favor divino. Ele os compara a uma rosa ou lírio: pois, quando os campos ou prados são queimados pelo calor do sol e não há orvalho destilando do céu, tudo murcha. Como pois podem os lírios e rosas florescerem, se não receberem umidade do céu e o orvalho não refrescar os solos para que apresentem seu vigor? Então, a razão para a símile é esta, porque os homens ficam secos e carentes de toda força quando Deus retira sua mercê. Por quê? Porque Deus deve, por assim dizer, destilar orvalho, senão, como foi dito, tornamo-nos de todo estéreis e secos. *Eu serei* pois *como orvalho para Israel.*

E, além disso, *ele florescerá como o lírio, e produzirá suas raízes.* Alguns traduzem ויך, ***weyach,*** "e ele atacará"; e נכה, ***nachah,*** significa atacar. Outros vertem as palavras "seus ramos estender-se-ão": mas o verbo está no singular, e o substantivo "raízes", no plural. O Profeta, então, fala de Israel, que esse ataca as próprias raízes; mas ele quer dizer fixar, em um sentido metafórico: ele pois fixará suas raízes. Tal como, quando atacamos, trazemos uma flecha e estendemos nossos braços, assim também ele espalhará suas raízes como o Líbano. Esse é o segundo efeito do favor e da bênção de Deus; o que significa que a felicidade do povo seria perpétua. Quanto à rosa ou o lírio, o sentido da metáfora é que Deus, repentinamente, e como que em um instante, vivificaria os israelitas, conquanto estivessem assemelhados aos mortos. Assim como em uma noite o lírio surge e também, inesperadamente, a rosa, também seria súbita a mudança comunicada por essa metáfora. Porém, como os lírios e as rosas logo mirram, não bastava prometer a Israel que a salvação viria subitamente; mas era mister acrescentar esta segunda oração — que, embora fossem eles como lírios e rosas, todavia, também seriam como árvores altaneiras, que têm profundas raízes no chão, pelas quais ficam firmes e florescendo por um longo período.

Percebemos agora, pois, o sentido dado pelo Profeta. Ele menciona aqui o duplo efeito das bênçãos de Deus aos israelitas — que a restauração seria repentina, assim que Deus destilasse sobre eles sua mercê como orvalho, e também que essa felicidade não seria evanescente, mas duradoura e permanente. E as palavras podem ser traduzidas *como Líbano,* ou como *aqueles do Líbano: como Líbano ele projetará suas raízes,* como as árvores que lá crescem; ou, ele lançará suas raízes como as árvores que estão no Líbano. Porém, quanto ao sentido, não há controvérsia. Segue-se —

Oséias 14.6,7

6. Seus ramos se espalharão, e a beleza dele será como a oliveira, e seu aroma como o Líbano.

7. Aqueles que moram debaixo da sombra dele regressarão; reviverão *como* o trigo e crescerão como a videira; o seu perfume *será* como o vinho do Líbano.

6. Ibunt rami ejus, et erit quasi olivae decor ejus, et odor ei quasi Libani.

7. Revertentur incolae umbrae ejus (qui habitant sub ejus umbra) et se vivificabunt tritico (*vel*, quasi triticum,) et germinabunt tanquam vitis: odor ejus (alii vertunt, Memoriam; sed male; nam זכר, *saicar, proprie memoriam significat, a verbo* זכר, quod est Recordari; sed metaphorice etiam Hebraei odorem vocant memoriam; quia etiamsi res non videtur, tamen diffundit suam fragrantiam: odor igitur ejus tanquam vini Libani.

O Profeta continua com o mesmo assunto, mas junta o início do primeiro versículo com a segunda oração do anterior. Ele dissera que as raízes do povo seriam fundas quando Deus os restaurasse. Agora, acrescenta que *seus ramos continuarão.* Ele menciona "continuar" aqui metaforicamente, como estender-se para longe; pois os galhos das árvores parecem continuar quando se estendem e espalham largamente. *Seus ramos,* pois, *progredirão;* o que significa que uma árvore, após produzir raízes, não permanece no mesmo estado, mas cresce e espalha sua ramada em todas as direções. Em suma, Deus promete um incremento diário à bênção dele, depois de já ter principiado a se mostrar pródigo ao povo de Israel. "Eu serei liberal no começo; depois, diz ele, minha bênção, com o passar do tempo, aumentará e será multiplicada".

Acrescenta ele, em seguida: *Sua formosura será como a oliveira.* O Profeta acumula símiles para que mais plenamente confirmasse o povo. E, certamente, vemos que as mentes dos homens languescem quando esses buscam prosperidade desse ou daquele lugar; pois dificilmente há um em cem que esteja plenamente persuadido de que, quando Deus é propício, tudo resulta em bem e felicidade; pois os homens não consideram o amor de Deus quando desejam que as coisas estejam bem com eles, mas vagueiam aqui e acolá pelo mundo inteiro; e ora procuram prosperidade de si mesmos, ora da terra, ora do ar, ora do mar. Visto pois que é tão difícil imprimir completamente essa verdade nos corações dos homens — que o amor de Deus é a fonte de todas as bênçãos — o Profeta reuniu várias analogias para confirmar o que ele ensina. *Sua formosura,* então, diz, *será semelhante à da oliveira;* e mais, *sua fragrância, como aquela do Líbano:* e árvores odoríferas, conhecemos, crescem no Monte Líbano. Mas, por essas várias comparações o Profeta revela que o estado do povo seria próspero e venturoso assim que fossem recebidos por Deus em mercê. Posteriormente, ele adiciona: *os que moram sob sua sombra retornarão;* mas eu adiarei isso para amanhã.

ORAÇÃO

Conceda, Deus Todo-Poderoso, que, visto como ficamos tão miseráveis logo que tu retiras de nós tua mercê — Ó, permita que sintamos profundamente essa convicção e, assim, aprendamos a nos humilhar diante de ti e a odiar a nós próprios e que, entrementes, não nos enganemos por encantos tais como os que normalmente grassam, pondo nossa esperança nas criaturas ou neste mundo, mas alcemos em direção a ti nossos pensamentos, em ti firmando nossos corações e jamais duvidando que nada fica faltando a nós quando tu nos adotas com teu amor paternal. E, no entretempo, fujamos, súplices, à tua misericórdia, com verdadeira e genuína confissão, reconhecendo ser esta nossa única proteção — que te dignas a nos receber em favor e a abolir nossos pecados, nos quais não só caímos diariamente, mas pelos quais também merecemos a morte eterna, de modo que, por teu perdão gratuito, possamos levantar todos os dias, até que, finalmente, nosso Redentor, Cristo, teu Filho, apareça a nós do céu. Amém.

TRIGÉSIMA-OITAVA DISSERTAÇÃO

Os que habitarem debaixo da sombra dele retornarão (literalmente, é assim); *eles se reviverão com trigo* (ou, reviverão como o trigo); *eles crescerão como o vinho: o seu odor será como o vinho do Líbano.* O Profeta prossegue com a mesma matéria, que Deus se mostraria pródigo para com o povo, para que mostrasse claramente, pelo estado diferente desse, que o segundo sofrera justa punição. E ele diz que *os que habitam sob sua sombra voltarão.* Contudo, o verbo יָשַׁבוּ, ***yashuvu*,** nesse ponto, significa apropriadamente "ser refrescado", como no Salmo 19.7, onde se fala da lei de Deus como מְשִׁיבַת, ***meshivat*,** convertendo a alma; o que significa o mesmo que refrescar ou restaurar a alma. Assim, o Profeta dá a entender que, depois que os israelitas começassem outra vez a prosperar, a sombra deles seria vivificante, de tal forma que restauraria e refrigeraria aqueles que se deitassem debaixo dele. Ele chama de "os que residem debaixo da sombra dele" todos aqueles que pertencem ao povo, comparando o estado ordinário do povo de Israel a uma árvore cheia de folhas que estende seus ramos em todas as direções, de modo que os que fogem para debaixo de sua sombra ficam resguardados do calor do sol. Percebemos agora o objetivo dessa metáfora e o que o Profeta quer dizer com o verbo יָשַׁבוּ, ***yashuvu.***

Depois, ele adiciona que *eles vivificar-se-ão com trigo,* ou, *reviverão como trigo.* Se lermos a palavra no caso nominativo, a preposição כְּ, *cafe,* deve ser entendida. O caso ablativo é mais aprovado por alguns: "Eles vivificar-se-ão com trigo". Porém, o primeiro sentido mostra-se mais correto, pois, como eu disse ontem, o Profeta, por lidar com uma verdade difícil de nela se crer, por causa disso acumula símiles tais que sirvam para confirmação. Destarte, *eles reviverão como trigo;* isto é, eles crescerão. Como de um grão, sabemos, muitos pés surgem, assim também (dado que o Profeta fala do aumento do povo depois da restauração desse à mercê de Deus) ele diz que o povo cresceria como trigo.

Mas ele acrescenta: *Eles germinarão como a videira.* Tal símile reforça o que eu acabei de dizer, que o povo é comparado tanto a árvores quanto a trigo, bem como a parreiras. E o que é dito dos habitantes não deve parecer estranho, pois desejava ele expressar mais plenamente como esse benefício comum viria, isto é, a cada um. Em seguida, adiciona: *O odor dele* será *como a vinha do Líbano;* isto é, quando germinarem como a videira, eles não produzirão vinho vulgar ou vinagre, mas o mais doce, tal como o feito no Monte Líbano, que tem o melhor aroma. Porém, o Profeta não quer dizer outra coisa senão que os israelitas serão afortunados, e que a condição deles será próspera e jubilosa quando se converterem de suas superstições e outros vícios, e que se renderão totalmente, para serem governados por Deus. Esse é o significado. Prossigamos então —

Oséias 14.8

8. Efraim *dirá:* O que ainda tenho eu a ver com os ídolos? Eu *o* tenho ouvido, e o observei: eu *sou* como um abeto verde. De *mim* é encontrado o teu fruto.	**8.** Ephraim, quid mihi adhuc cum idolis? [109] Ego respondi et respexi eum (*vel*, exaudivi:) Ego tanquam abies frondosa: a me fructus tuus inventus est.

O Profeta outra vez apresenta os israelitas falando como antes, que deplorariam sua cegueira e desatino, renunciando, no futuro, às superstições deles. Então, a confissão que nós antes mencionamos é aqui repetida; e é um testemunho de verdadeiro arrependimento quando os homens, estando envergonhados, ficam desgostosos consigo próprios devido aos seus pecados e aplicam suas mentes ao serviço de Deus, aborrecendo toda a vida passada. A esse tema pertence o que o Profeta agora diz. É um discurso conciso; no entanto, sua brevidade nada contém de obscuro. *Efraim,* diz ele, *o que tenho eu a ver com ídolos?* Há, de fato, um verbo a ser deduzido: "Efraim 'dirá': O que tenho eu a ver com ídolos?" Contudo, ainda fica óbvio o bastante o que o Profeta quer dizer. Há pois nessas palavras, como eu disse, uma confissão sincera, pois as dez tribos exprimem seu ódio pela loucura delas, que se alhearam do verdadeiro Deus e se enlearam em falsas e abomináveis superstições: por esse motivo, dizem: *O que temos nós a ver com os ídolos?* E, quando acrescentam *mais,* confessam que sua vida anterior fora corrupta e depravada: ao mesmo tempo, anunciam sua penitência quando dizem que nada mais teriam a ver com os deuses fictícios.

Segue-se a causa: porque Deus ouvirá e olhará por Israel, para que esse se torne para ele uma *árvore que dá sombra.* Alguns explicam isso desta forma, como Deus prometendo ser propício a Israel depois que este manifestou seu arrependimento. Todavia, distorcem o sentido dado pelo Profeta, pois, ao invés disso, este diz que, depois de os israelitas perceberem e descobrirem, precisamente pelo resultado, que Deus lhes é propício, eles dirão: "Quão néscios e insanos fomos quando seguimos os ídolos? Então, é já a hora de nossas almas se recostarem em Deus". Por quê? "Porque vemos que nada há melhor para nós do que vivermos debaixo de sua salvaguarda e proteção; pois ele ouve-nos, ele considera-nos, ele é-nos como uma árvore que dá sombra, de modo que debaixo desta nos protege". Vemos agora como essas duas orações estão interligadas, pois Deus revela a razão pela qual Efraim renunciará aos ídolos: o segundo perceberá que estava miseravelmente iludido ao vaguear atrás desses. Como Efraim perceberá isso? Ele verá que é ora favorecido pelo Senhor, e que estava outrora destituído de sua ajuda. Quando então der uma prova tal ao seu povo, Deus produzirá, simultaneamente, este efeito — aquele lançará fora todas as suas falsas seguranças, confessando que era miserável e desgraçado enquanto esteve preso aos ídolos. Portanto, ele diz: *Eu o tenho ouvido e favorecido.* Então, o que está na parte subseqüente das palavras do Profeta vem antes: precede, na ordem de coisas, esta oração — Efraim dirá: *O que eu tenho a ver com ídolos?*

Ao dizer que *eu serei como um abeto que dá sombra* e, ao mesmo tempo, adicionar *de mim teu fruto é achado,* as duas analogias não parecem estar de acordo; pois, como é bem conhecido, os abetos não produzem frutos. Por que, pois, o fruto é citado? A resposta é que essas duas comparações não estão relacionadas. Pois, quando Deus se compara a um abeto, ele fala somente de proteção; e sabemos que, quando se busca uma sombra refrescante, podemos encontrá-la sob um

---

[109] *Horsley* verte assim a primeira oração: "Efraim! O que mais eu tenho a ver com os ídolos?" Ele considera-o como "a exultação de Jeová sobre os ídolos"; mas a expressão, tomada nesta acepção, é tão estranha que essa opinião não pode ser cogitada. É, indubitavelmente, a confissão de Efraim, como a reputam a maioria dos comentaristas. A edição de *Newcome*, baseada apenas na Septuaginta, não é menos admissível: "O que Efraim ainda tem a ver com os ídolos?" Ele modifica לִי para לוֹ. A nossa versão e a de Calvino são, sem dúvida, as melhores, as mais evidentes e as que oferecem o melhor sentido. (N. do E. inglês.)

abeto; além disso, esse está sempre verdejante, como bem sabemos, embora as folhas caiam das outras árvores; ainda por cima, sua altura e frondosidade proporcionam uma boa sombra. O porquê de Deus prometer ser para o seu povo como um abeto, então, é este: todos os que escaparem para debaixo da sombra divina serão preservados do calor. Mas o significado da segunda comparação, que Deus supriria seu povo com fruto, é diferente. O Profeta dissera antes que os israelitas seriam como uma árvore que fixa fundo as raízes no solo. Ele agora transfere o nome de uma árvore a Deus. Ambas as coisas são verdadeiras; pois, quando Deus nos torna frutíferos, somos galhos colocados na melhor videira; e é também verdade que todo o fruto que temos é oriundo dele; pois todo vigor nos faltaria se Deus não nos suprisse com umidade e até com a própria vida. Vemos então que não há incoerência alguma nas palavras do Profeta, visto que o objetivo é diverso. *De mim* pois é *encontrado teu fruto;* como se Deus dissesse que os israelitas, caso fossem sábios, contentar-se-iam com o favor divino; pois aqueles que buscam apoio dele ficarão satisfeitos; pois que nele acharão frutos suficientemente ricos e abundantes. Compreendemos agora qual o sentido dado. Todavia, segue-se —

Oséias 14.9

9. Quem *é* sábio para compreender tais *coisas*? Prudente para as conhecer? Pois os caminhos do SENHOR *são* retos, e os justos andarão neles; porém, os transgressores neles cairão.	**9.** Quis sapiens, et intelliget haec? Intelligens, et cognoscet ea? Quia rectae viae Jehovae, et justi ambulabunt in illis; et impii impingent in illis.

O Profeta, não tenho dúvidas, amiudadas vezes inculcou o que ele aqui diz, e freqüentemente o trazia à memória, pois sabemos que ele teve uma luta constante com a obstinação extrema. Não era somente por um dia que descobria o povo duro e perverso, mas ao longo de todo o curso da sua pregação. Visto então que os israelitas continuavam ou a desprezar abertamente o ensinamento do Profeta, ou, ao menos, a reputar por fábulas o que ouviam da boca dele, ou mesmo a ralhar com ele em palavras, até ameaçando-o quando ele os tratava com severidade, o Profeta, quando viu que a maldade do povo era irrecuperável, ele, armando-se de confiança, sem dúvida apresentou-se muitas vezes entre eles dizendo: "Vós pensais que ficareis impunes, ao mesmo tempo em que fazeis mofa do que eu ensino; seguramente vós, por fim, descobrireis que os caminhos do Senhor são retos". E já vos lembrei de que os Profetas, após haverem discursado longamente ao povo de forma geral e com muitas palavras, no final reduziam em breves assuntos o que tinham ensinado; pois é improvável que, visto como Oséias havia por longo período desempenhado o ofício de mestre, houvesse ele falado somente essas poucas coisas, que podiam ter sido completadas em três horas. Isso é absurdo. Mas, ao mesmo tempo em que havia diligentemente se ocupado no mister que lhe foi delegado, ele, posteriormente, como eu disse, coligiu esses poucos capítulos, para que a lembrança de sua doutrina fosse perpetuada. O que ele foi então constrangido a repetir freqüentemente, ora formula no fim de seu livro, para que fosse, por assim dizer, uma completa selagem de seu ensino.

Quem é sábio, diz ele, *e entenderá essas coisas? Quem é inteligente, e as conhecerá?* Esse modo interrogativo é eloqüente, pois Oséias estava atônito diante do reduzido número daqueles que se submetiam para serem instruídos por Deus. Os israelitas, sem dúvida, arrogavam-se grande sabedoria, como é de hábito os ímpios fazerem. Pois a si próprios, então, pareciam ser particularmente sagazes quando riam de tudo que se assemelhasse à piedade, quando tratavam o nome de Deus com escárnio e se entregavam, como vemos hoje, à própria impiedade. E esse furor diabólico assenhoreia-se de muitos, por imaginarem que seriam mui simples e estúpidos caso abraçassem a tudo o que a Escritura contém. "Ó! O que é a fé senão credulidade tola?" Esse é o pensamento que vem às mentes deles. Há também os cães imundos, que não titubeiam ao vomitar acusação como esta: "Somente crer! Mas o que é esse teu crer, senão voluntariamente desistires de

todo discernimento e de toda escolha e te permitires ser como gado mudo guiado para cá e para acolá? Se pois és sábio, não creias em nada". Assim falam os homens ímpios; por conseguinte, como eu disse, orgulham-se de sua argúcia quando podem sacudir para fora todo temor de Deus e todo respeito pela verdade divina. Inquestionavelmente, podemos acreditar, havia muitos do gênero na época do Profeta. Visto pois que a terra inteira estava cheia de terrível desconsideração para com Deus e, no entanto, os homens normalmente se julgassem sábios, mais que isso, presumissem em seus pensamentos profundos, como diz Isaías [110], que podiam enganar a Deus, ele ora pergunta: *Quem é sábio e compreenderá?* Como se dissesse: "Eu vejo, de fato, que, se acreditar em vós, sois todos sábios, pois, imitando os gigantes, ousais se insurgir contra Deus, achando-vos geniais ao eludir toda verdade, ao arrogantemente calcar a religião debaixo do pé; desse jeito sois todos vós sábios. Todavia, simultaneamente, se houvesse algum grão de sabedoria em vós, devíeis ter me reconhecido, inegavelmente, ser mandado por Deus, e que o que eu declaro não é invenção de homens, mas a palavra do Deus vivo". Percebemos agora, então, que força há nesta questão levantada pelo Profeta: *Quem é sábio e entenderá estas coisas? Quem é inteligente e as conhecerá?*

Ao mesmo tempo, vemos que o Profeta condena aqui toda a sabedoria dos homens e, por assim dizer, troveja do céu contra a soberba daqueles que presunçosamente zombam de Deus; pois, por mais que se imaginassem preeminentes, ele sugere que eram cegos, estúpidos e loucos. *Quem* pois *é sábio?* diz ele. Porém, simultaneamente, ele indica que a verdadeira inteligência dos homens é obedecer a Deus e aceitar a palavra desse; como é dito noutra parte, que a sabedoria, bem como o seu princípio, estão no temor de Deus, (Provérbios 1.7). Qualquer um pois que deseja ser verdadeiramente sábio deve começar com o temor de Deus e a reverência à palavra dele, porque, onde não há religião, os homens não podem, decerto, entender coisa alguma da forma correta. Suponhamo-los dotados não só de grande lucidez, mas também do conhecimento de todas as ciências — sejam filósofos, sejam médicos, sejam jurisconsultos —, nada lhes carecendo; porém, não tendo o genuíno conhecimento da vida eterna, não lhes seria melhor serem mero gado do que sábios assim, para, por um curto período, exercitarem suas mentes em coisas que se desvanecem e saberem que todo o seu altamente estimado tesouro perecerá junto com a vida deles? Definitivamente, ser sábio assim é, de longe, mais miserável do que se os homens estivessem de todo vazios de entendimento. Então, é com justiça que o Profeta declara aqui que aqueles não somente eram tolos, mas também loucos e inteiramente destituídos de toda compreensão, não considerando a verdade celestial e surdos aos Profetas, não discernindo quando Deus falava, nem entendendo o poder da palavra desse. Então, a todos aqueles que não são sábios deste modo o Profeta diz, devidamente, que são absolutamente nulos de toda prudência e julgamento: portanto, ele repete a mesma coisa: *Quem é sábio, e entenderá essas coisas? Quem é inteligente, e as conhecerá?* Isto é: "Se alguém excede a outros, ele, com toda a certeza, tem que demonstrar sua sabedoria neste particular, e se alguém é dotado de notório saber, tem que conhecer o que essa doutrina significa, na qual a imagem e a glória de Deus resplandece com fulgor. Então, todos os que nada conhecem e compreendem sobre isso são completamente insensatos".

Em seguida, acrescenta: *Pois retos são os caminhos de Jeová.* Ele sustenta essa verdade em oposição à temeridade profana dos homens, que insolentemente rejeitam a Deus e ousam desprezar sua palavra. *Retos,* diz, *são os caminhos do Senhor:* e, ao dizer que esses são retos, ele vislumbra, sem dúvida, as abomináveis blasfêmias a que os ímpios recorrem quando querem tornar a palavra de Deus não apenas odiosa e desprezível, mas ainda absurda, de modo a não merecer qualquer deferência. Assim vemos nos dias correntes, que os homens ímpios não somente em palavras rejeitam tanto a Lei quanto os Profetas, mas também procuram pretextos para que pareçam estar agindo certo em destruir toda a fé nos oráculos divinos. Por exemplo, buscam toda sorte de

[110] Is 19.15.

contradição na Escritura, toda coisa não bem recebida, toda coisa diferente do senso comum — reúnem todos esses absurdos, como eles os denominam e, então, chegam a esta conclusão, que são parvos todos os que se submetem a alguma religião, já que a palavra de Deus, como eles dizem, contém tantas coisas absurdas. Essa maluquice desvairada grassa pois no mundo, indubitavelmente: e o Profeta, ao falar que *retos são os caminhos de Jeová,* quer dizer que, por mais que os ímpios clamem, murmurem ou debochem, não obstante, o Senhor nada faz senão o que é reto e isento de toda falha e defeito. Então, por mais que os ímpios vomitem calúnias contra a palavra de Deus, todavia, é o mesmo que se jogassem poeira ao ar para toldar a luz do sol; é tudo o que conseguem com a audácia deles, parece dizer: pois a perfeita retidão sempre será encontrada *nos caminhos do Senhor;* sua palavra sempre será achada livre de toda mácula ou imperfeição.

Ele depois acrescenta: *E os justos caminharão neles, mas neles os ímpios tropeçarão.* Ao dizer que os justos neles caminharão, ele confirma a última frase pela experiência, pois os justos realmente descobrirão *serem retos os caminhos do Senhor.* Também devemos estar providos desta certeza, se quisermos ousadamente repelir todas as ímpias calúnias que comumente são amontoadas pelos homens profanos contra a palavra de Deus: pois, se não soubermos o que é andar nos caminhos do Senhor, seguramente, assim que algo for alegado contra esses, ficaremos em dúvida ou totalmente perturbados; pois vemos que muitos, não arraigados profundamente na palavra de Deus, instantaneamente se acovardam, assim que alguma coisa é dita contra ela, por não conhecerem o que é andar nos caminhos do Senhor; porém, aqueles que neles caminham corajosamente lutam contra todas as tentações do mundo; eles dirigem as circunstâncias para que possam alcançar a vida celestial; asseguram-se de que, conquanto miseráveis por algum tempo, contudo, serão abençoados, pois aceitaram a graça de Deus em Cristo; são também sustentados pela própria consciência, de modo que podem desprezar todas as contumélias e difamações do mundo e prosseguirem em seu curso. Então, aqueles que andam dessa maneira nos caminhos do Senhor são invencíveis; sim, caso o mundo todo se lhes oponha, e caso os ímpios, com palavras profanas, infectem toda a atmosfera, os piedosos ainda seguirão o seu rumo até atingirem o fim. *Todos os caminhos de Jeová são,* portanto, *retos, o justo neles andará; mas neles o ímpio tropeçará,* ou *cairá;* pois כָּשַׁל, ***kashal,*** denota os dois, mas eu prefiro verter como "tropeçar", visto que aparenta ser mais adequado ao desígnio do Profeta. Os justos, então, encontrarão um caminho plano e liso na palavra do Senhor, e nada fica de pé em sua senda para obstruir o curso deles e, avançando dia após dia, obtém aquilo para o qual o Senhor os chama, precisamente sua herança celestial. Assim, os justos andarão nos caminhos do Senhor, porque esse os conduzirá, por assim dizer, pela sua mão; a fé ser-lhes-á como cem olhos e ainda como asas; e a esperança, simultaneamente, mantém-nos, porquanto estão armados de promessas e encorajamentos; também recebem estímulos sempre que o Senhor solenemente os exorta; além disso, eles têm, nas ameaças dele, terrores tais que os mantém despertos. Dessa maneira pois os fiéis encontram, na palavra do Senhor, os melhores caminhos, e os seguem. Mas, e os ímpios? Eles imaginam que todas as dúvidas, até as menores, são como montanhas: pois, assim que se encontram com algo intricado ou obscuro, ficam confundidos e dizem: "Com prazer buscaria conhecer as Sagradas Escrituras, mas encontro tantas dificuldades". Em vista disso, quando surge uma dúvida, reputam-na como uma montanha; mais que isso, eles deliberadamente fingem dúvidas, para terem alguma desculpa quando desejam evitar a verdade, desviando-se para não seguirem ao Senhor. *Os ímpios,* então, *tropeçarão* nos caminhos de Jeová. Porém, isso tem que ser lido adversativamente: "Ainda que os ímpios tropecem, todavia, os justos andarão sempre nos caminhos de Jeová"; o que significa que não há razão alguma pela qual os ímpios nos parem ou nos retardem por esse contínuo tropeço, bradando que a palavra de Deus está cheia daquilo que ofende; porque nela acharemos um caminho plano, somente atribuamos a Deus esta glória — que ele é justo e seus caminhos são retos. Eis o sentido da frase.

Fim das profecias de Oséias.

APÊNDICES A OSÉIAS

Oséias 1.2: *Toma para ti uma esposa* etc. Se o matrimônio do Profeta foi ou não uma transação real é um assunto muito debatido pelos eruditos. O Bispo Horsley, na Introdução à sua Nova Tradução de Oséias, defende, com sua costumeira destreza, a opinião de que foi um casamento real. O Dr. Henderson, em sua obra sobre os Profetas Menores, adota o mesmo ponto de vista. O ponto mais forte em favor do pensamento oposto, de que foi uma espécie de representação por parábola, é a ordem, similar a essa, que foi dada ao Profeta no terceiro capítulo, e a isso Calvino especialmente alude. Embora a última ordem seja similar, todavia, ela difere crucialmente em muitas circunstâncias; e o intento da transação é inteiramente diferente.

A razão para o que é ordenado é dado em ambos os casos. O primeiro matrimônio foi para representar a apostasia de Deus desse povo, porque "pela devassidão a terra tornou-se devassa, para não seguir Jeová". O segundo contrato (pois não foi matrimônio algum) era expor "o amor de Jeová para com os filhos de Israel".

Não parece haver base alguma para a opinião de que a primeira mulher, Gômer, seja "a mulher" mencionada no capítulo três, a qual, havendo sido repudiada por sua incontinência, devia outra vez ser reintegrada. Os bens dotais dos quais é dito ter o Profeta dado a ela, conforme a maneira comum daqueles tempos, demonstra claramente que era um novo noivado, e não a renovação de uma união anterior. O que o Dr. Henderson afirma em favor do que julga ter sido uma nova união parece não ter nenhum valor. O mandado, diz ele, é diferente; não é "tome", mas "ame". A causa evidente para essa diferença é que não era nenhum casamento, mas um contrato de casamento, como a seqüência prova claramente: ele a "comprou", ela devia "ficar" para ele, ela não devia ser de um outro, e ele prometia ser para ela.

O intuito flagrante do primeiro matrimônio, fosse ele real ou não, era representar o estado do povo naquela época, em sua idolatria, e as conseqüências ruinosas de tal idolatria. O intuito flagrante do que está registrado no capítulo três, como Calvino declara de forma geral, era apresentar os tratos de Deus para com o povo durante o exílio desse. Como a última transação traz muito da aparência de uma parábola, podemos concluir com razão que a primeira era do mesmo caráter.

Pode ser acrescentado que *Marckius,* que escreveu pródiga e eruditamente sobre os Profetas Menores, sustenta que "filhos de depravação", ou de fornicações, não significa filhos bastardos, mas aqueles viciados na libertinagem; como no caso da mãe, que não foi denominada mulher de fornicações devido ao seu nascimento, mas à sua conduta lasciva. Os filhos, então, foram assim chamados em perspectiva; ou seja, com respeito ao que eles seriam. Ora, se isso é verdade quanto aos filhos, pode-se levantar a questão: não era esse também o caso com a mãe? Isto é, não foi ela chamada de "uma mulher de fornicações" em perspectiva? Com certeza isso seria uma insígnia de censura do estado do povo, que se tornara idólatra, depois de Deus, por assim dizer, casar-se com ele, ou entrar em pacto com ele.

Oséias 1.6: *Eu os removerei.* Em confirmação à nota sobre este ponto, aduz-se aos seguintes textos: Gênesis 18.26; 50.17; Êxodo 23.21; Números 14.19; Josué 24.19; Salmo 25.18; 99.8; Isaías 2.9. *Todas* essas são as ocorrências nas quais o verbo נשׂא é seguido por ל, sem um caso objetivo: e invariavelmente significa perdoar, e não remover. E o último versículo em Isaías tem quase as mesmas palavras desta passagem, ולא-תשׂא להם, "e não lhes perdoa".

Oséias 2.11: *Sua neomênia* etc. É característica da poesia empregar o número singular em sentido coletivo; sua lua nova, não suas luas novas. Várias ocorrências disso encontramos nesse capítulo: "sua videira e sua figueira"; "seu brinco e sua corrente"; "o pássaro do céu e o réptil da terra"; todos esses, embora no singular, devem ser entendidos como incluindo multiplicidade. Calvino conserva esse caráter poético do original. Teria sido melhor se tivesse sido mantido em todas as traduções.

Oséias 3.4: *Sem uma estátua* etc. "Se eu pudesse conjeturar acerca da diferença entre essas estátuas idolátricas e os terafins, diria que as estátuas eram de grandes dimensões, erigidas em local público como objetos da adoração popular [como crucifixos etc. nos países papistas]: os terafins eram de tamanho menor, para propósitos distintos, mantidos nos mais secretos recessos dos templos ou oratórios dedicados, para rituais mágicos e, no máximo raramente, expostos à vista do povo.

'Assim, já que parece que tanto a estátua quanto os terafins de Oséias eram instrumentos de idolatria, não pode restar dúvida de que o *éfode,* que é citado entre os dois, deve ser compreendido como o éfode idolátrico, não o que pertencia às sagradas vestimentas do sumo sacerdote. Como ele está colocado entre a estátua e os terafins, parece que ele pode ser ligado com os dois: ligado com a estátua, denotará o manto com o qual o ídolo era coberto; ligado com o terafins, o éfode do sacerdote dos terafins. E, nessa conexão (à qual, de fato, a estrutura da frase, no original, parece preferencialmente apontar) eu preferiria adotá-lo. Pois, dessa forma, teremos a idolatria descrita pelas três principais características de sua aparência exterior — a estátua, o objeto público da adoração popular; os terafins, as imagens dos ritos mais secretos de encantamento; e o feiticeiro, ou hierofante, conduzindo as cerimônias e expondo aos consulentes do oráculo as respostas que pretendiam receber, representado pelo éfode, a mais notável de suas túnicas de ofício". (**Bispo Horsley.**)

Oséias 4.8: *À iniqüidade alçam eles o coração de cada um.* Provavelmente, as palavras não estão traduzidas corretamente de acordo com a exposição dada por Calvino. Como ele explica, *quanto à iniqüidade,* seria talvez a melhor tradução; pois o comentário dele é "que os sacerdotes elevavam a alma de cada um aliviando suas consciências por palavras lisonjeiras e calmantes". Por mais que isso tenha sido verdadeiro, todavia, o sentido dessa frase é, creio eu, o que afirmei em uma nota. A versão dada por mim remove as anomalias de pessoas que Calvino observa. As pessoas que comiam ou se alimentavam sim do pecado do povo eram, obviamente, os sacerdotes, e eram eles que estimulavam ou levantavam o coração ou mente do povo. O afixo, *deles,* em iniqüidade, alude aos sacerdotes, e o afixo, *dele,* em coração ou mente, alude ao povo, e deve ser traduzido *deles* em nossa língua. Algumas cópias têm *deles* anexado à palavra נפשם; mas isso, não tenho dúvida, foi uma tentativa, como em outros casos, de corrigir o que parecia ser uma anomalia. O *Dr. Henderson* traduz a linha como "e anseiam pela iniqüidade deles", e adiciona em uma nota que נשׂא נפשׁ, *alçar a alma animal* por alguma coisa quer dizer *cobiçá-la,* anelar ou ter um forte desejo por ela. Não há dúvidas sobre este sentido; porém, ele também quer dizer erguer, ou guiar, ou dirigir a alma, incluindo a mente, a atenção e as afeições, para um objeto. A locução inclui todos os seus acompanhamentos, o verbo, um caso objetivo e a preposição אל ou אלי, na frase seguinte, יהוה נפשׁי אשׂא אליך: 'A ti, Jeová, elevo minh'alma', Salmo 25.1. Vide Salmo 86.4.

Oséias 4.18: *Pútrida se tornou a bebida deles. Newcome* lê: "Ele se foi após o vinho deles", isto é, o dos ídolos. Contudo, tal tradução não pode ser admitida, visto que ele dá a סר um sentido que não tem em lugar nenhum. *Horsley* verte deste modo: "A bebida forte deles está desenxabida"; e tem esta nota: A alusão é às libações feitas com vinho que ficou insosso ou está ficando azedo. A imagem representa a falta de todo espírito de piedade em seus atos de culto, e a não aceitabilidade de tal adoração diante de Deus: o que é apontado como razão para a determinação expressa na oração precedente, abandonar Efraim aos seus próprios caminhos. "Deixai-o a si próprio", diz Deus

ao Profeta, “suas pretensas devoções são todas falsas e hipócritas, não quero nenhuma delas”. A tradução de *Henderson* é nova, mas parece inadequada ao texto: “Quando a pândega deles estiver acabada, entregar-se-ão à obscenidade”. O que parece ser mais compatível com as palavras e com o contexto é o que é dado por *Dácio,* “compotationes eos seduxerunt”,— bebidas os seduziram. Ele toma סר em sentido causativo. Então, a versão literal de סר סבאם seria, “Desviou-*os,* ou, seduziu-*os* a bebida forte deles”. A borrachice foi atribuída a eles no versículo 11. Se esse for o significado, então temos nesse versículo três dos pecados predominantes do povo: embriaguez, fornicação (que é idolatria) e peita.

No tocante à porção remanescente do versículo, tanto *Newcome* quanto *Henderson* tomam liberdades tais ao recortar e mudar a ordem das palavras que suas versões são totalmente inadmissíveis. Onde há uma significação, e uma significação categórica também, tal liberdade não pode ser aceita de maneira nenhuma. A versão de Horsley concorda, basicamente, com a de Calvino, e é esta: “Dados à lascívia, ávidos por lucro, (Ó vergonha!) são seus homens importantes”. A expressão parentética “ó vergonha!” fora anteriormente sugerida por *Drúsio.* “Por muito tempo”, diz o Bispo, “julguei-me original e único nessa maneira de traduzir: mas tenho a satisfação de descobrir que o erudito Drúsio foi antes de mim nisso. Ele verte assim: ‘Scortando scortati sunt, amant date (O dedecus) protedctores ejus’”. Esta é, com certeza, uma tradução mui literal do orginal:

הזנה הזנו
אהבו הבו קלון מגניה

Portando-se libertinamente eles se tornaram libertinos,
‘Trazei vós’, (Ó vergonha!) seus defensores amam sim.

Oséias 5.1: *Uma rede estendida sobre o Tabor.* São acertadas as palavras do *Bispo Horsley* em relação a essa passagem, — “As ciladas e redes são tudo o que, na forma externa da idolatria, era calculado para cativar as mentes dos homens: templos magníficos, altares imponentes, imagens ricamente adornadas, a fuzarca das festas, a pompa e, em muitos casos, até o horror dos rituais públicos”.

Oséias 6.5: *Teus julgamentos etc. Henderson* acha que julgamentos, aqui, devem ser considerados no sentido de punições, e que “teus julgamentos” quer dizer aqueles alusivos a e merecidos por Efraim. Que tal modo de falar não é incomum em hebraico é, sem dúvida, verdade. Porém, a palavra aqui empregada, habitualmente vertida julgamentos, é de acepção mui ampla. Não apenas significa a sentença proferida sobre o criminoso, mas também a sentença proferida por Deus quanto ao que esteja certo ou errado. O segundo é, mui freqüentemente, o seu significado. Moisés fala de estatutos e juízos, מִשְׁפָּטִים, os quais os israelitas deveriam “praticar”, ou observar e guardar (Deuteronômio 4.14). O Salmista ora para que Deus ensine a ele seus julgamentos (Salmo 119.108). Destarte, preceitos, como Horsley o traduz, exprime apropriadamente o sentido. Então, “teus” quer dizer dados a ti, revelados e comunicados a ti. A expressão “teus julgamentos” não admite pois dúvida alguma a respeito dessas duas acepções. A questão é, qual delas é a mais adequada para o restante da frase e o contexto? Comparar julgamentos infligidos à saída da luz, decerto, não parece mui apropriado; contudo, quando o ensinamento claro da palavra de Deus quanto ao que é certo, justo e eqüitativo é comparado com a luz se espalhando, há uma conformidade flagrante. Então, o contexto parece ser favorável a essa tese.

Oséias 6.9: *Por consenso* etc. *Newcome, Horsley* e outros vertem a linha desta forma: “Uma companhia de sacerdotes *no* caminho para Siquém”, tomando שְׁכֶמָה, um ombro, de maneira

figurada, como consenso, como o nome de um lugar. Mas, com essa tradução, eles mudam a ordem das palavras: דרך, o caminho, está antes do verbo assassinar, e não pode ser interpretado "no caminho para Siquém". Além do que, a linha seguinte confirma a versão de Calvino: pois o que se diz que eles fazem é זמה, um estratagema, uma maldade concebida, ou um esquema em conluio, o que parece implicar em consenso.

Oséias 6.11: *Judá também colocou uma planta para ti.* Há muita divergência quanto ao sentido aposto nessa linha. O anterior é, certamente, sua tradução mais literal, só que, por "planta", alguns substituíram por "colheita": mas a palavra quer dizer ambas. Em todas as outras versões há algo que parece forçado. Alguns, então, separam dessa a próxima linha, e juntam-na com o primeiro verso do capítulo seguinte, principalmente porque não conseguem perceber seu sentido como conectado com esse. Ora, parece-me que, com tal ajuste, introduz-se uma confusão. Deve-se ter em mente que essa seção começa no versículo 4, no qual tanto Efraim quanto Judá são citados: mas, no capítulo seguinte, fala-se, do começo ao fim, somente de Israel ou Efraim. Por isso, iniciar o próximo capítulo introduzindo Judá, que é obviamente denotado por "meu povo", ao passo que o capítulo inteiro refere-se somente a Efraim, com certeza não é produzir ordem, antes desordem. A ligação da linha com a precedente é, em minha opinião, suficientemente esclarecida por Calvino — que, enquanto Deus estava restaurando, ou esforçando-se para restaurar do cativeiro seu povo em estado disperso (pois muitos desse foram levados cativos pelas nações circunvizinhas muito antes do cativeiro final); enquanto ele estava fazendo isso, Judá estava se ocupando em pôr a planta da idolatria na terra; e se diz que esse faz isso "por ti", isto é, por Efraim, para promover, por assim dizer, e assistir a este em sua idolatria.

Supõe-se que o Profeta alude ao que está registrado em 2.º Crônicas 28. E vemos ali os cativos judeus restaurados, e Acaz, o rei de Judá, estava, ao mesmo tempo, introduzindo a idolatria na terra: ele estava fazendo, no modo de dizer, uma grande plantação; pois fabricou "imagens de fundição" e "sacrificou aos deuses de Damasco".

Oséias 9.8: *Os vigias de Efraim* etc. A objeção a isso — porque Efraim, no original, não está em construção com vigia — não é válido; pois a segunda palavra é um particípio, e usada como pronome pessoal, como é o caso, amiúde, em hebraico. É, literalmente, "quem vigia Efraim". A versão de Henderson é forçada e irrelevante, visto não haver nada no contexto que a justifique. É esta: "Efraim espera ajuda do meu Deus". Não existe qualquer exemplo em que צופה seja traduzido por "espera ajuda". As referências (Salmo 5.4 e Lamentações 4.17) não confirmam a definição. Outrossim, o uso vulgar em hebraico — quando um particípio é empregado como verbo para expressar o tempo presente, o verbo auxiliar estando inferido — é que ele siga o caso nominativo, e não que o preceda, como aqui. Fica bem claro que "o vigia" e "o Profeta" são a mesma pessoa, e que esse é descrito "como um laço do passarinheiro em todos os seus caminhos". A única dificuldade está nas palavras עם־אלהי, "com meu Deus". Se a construção não for com Profeta, como proponho em minha nota, ela pode ser anexado à primeira linha, e עם pode ser vertido "diante" ou "na presença de", como em 1.º Samuel 2.21, onde é dito que Samuel crescia עם־יהוה, "diante de Jeová". *Grócio* sugere que עם deve ser interpretado aqui como povo; e assim pode, porque só os massoretas fizeram-na uma preposição especial. Então, seria "o povo de meu Deus" uma designação de Efraim segundo a adoção divina e a profissão deles, malgrado sua idolatria. O sentido seria quase o mesmo, pois o falso profeta, tanto quanto o povo, professava o nome de Deus, e alegava ser um Profeta perante Deus: e por esse expediente, sobretudo, era o povo iludido. Satanás nunca é tão perigoso como quando finge ser um anjo de luz — um servo de Deus, mas um defensor da idolatria, um Profeta na presença de Deus, e um passarinheiro para apanhar homens e arrastá-los à superstição.

Oséias 10.4: *O julgamento cresce etc.* Conquanto eu dê, em uma nota, uma posição sobre esta frase diferente daquela de Calvino, todavia, ao observar atentamente o original, descubro que a ordem das palavras favorece seu ponto de vista. Vertido segundo a ordem das palavras, dá isto:

E germine como absinto o juízo nos sulcos do campo.

Por juízo, Calvino quer dizer a conduta religiosa; eu entendo como sendo a administração da justiça, porém, o *Dr. Henderson,* com *Grócio* e outros, considera isso com sendo punição infligida sobre o povo, o que não parece aplicável, seja à comparação, seja ao contexto. A explicação de *Newcome* é: "Nesses tempos de confusão, o juízo modificou sua natureza, e se tornou destrutivo". A passagem em Amós 6.12 parece determinar o sentido aqui. "Judicium hic accipio pro impia gubernatione principum Israelis, maximè in jure dicendo: quae judicia, cum deberent esse salutaria et grata, acerba et amara fiunt et hominibus perniciosa." — *Rivetus,* citado por Poole.

Oséias 10.9: *Ali eles permaneceram*. Deve ser, talvez, "ali eles têm permanecido, (steterunt)"; isto é, eles continuam os mesmos, perversos e corruptos. *Horsley* diz: "Eles ficaram"; isto é, os israelitas se preparam para o ataque: o que, em conexão com isso, parece não ter sentido algum. *Henderson* julga que os gibeonitas sejam denotados: "Ali eles permanecem", ou seja, os mesmos no caráter, tal como no presente dia: mas tal opinião, tanto quanto a primeira, dá a impressão de ser estranha ao contexto.

Na linha seguinte, *Newcome* e *Boothroyd,* com vários outros, seguindo a conjectura de *Hobigant,* sem o endosso de qualquer MS., orientado somente por uma dica dada na Septuaginta, faz uma alteração considerável. Eles separam o fim do nono versículo, juntando-o ao princípio do décimo. A linha desmembrada e a agora formada são dadas desta forma:

"Não os alcançou a guerra em Gibeá?
Eu vim contra os filhos da iniqüidade e os castiguei".

A primeira palavra no versículo 10 fica alterada; באתי é posta no lugar de באותי. Tanto *Horsley* quanto *Henderson,* com muita justeza, rejeitam tal emenda.

Oséias 10.15: *Assim fará Betel a vós. Horsley* dá a mesma tradução. *Newcome,* apenas baseado na autoridade da Septuaginta, altera a frase inteira: "Assim será feito a vós, ó casa de Israel". Não menos formal e incoerente com as palavras em hebraico é a versão de *Henderson:* "Assim ele agirá para convosco em Betel". O comentário de Calvino revela a tamanha obviedade do sentido desta frase.

Oséias 11.7: *Àquele no alto eles chamam* etc. *Rivetus,* como citado em *Poole's* Syn., dá uma tradução muito diferente desta oração. Comentando baseado na Vulgata, que dá esta versão — "Jugum autem impontur eis simul, quod non auferetur — mas um jugo será posto neles juntamente, o qual não será removido", *Rivetus* diz que nada se opõe a tal significado, só que os hebreus dizem que על aqui não quer dizer uma canga, mas o altíssimo, ou seja, Deus. Mas a mesma palavra, sem o ו, que normalmente possui quando denota um jugo, ocorre no versículo 4: e parece haver aqui uma alusão ao que é dito lá; já que há no verbo יקרא o qual é expresso no versículo 2. O jugo que se deve levar em conta é o do cativeiro. Deus os chamou para si por seus profetas, como é dito no versículo dois; eles se desviaram para longe de Deus, todavia, esse continuou com sua bondade e, quando ficaram aflitos, ele ergueu a canga, isto é, aliviou-os: mas agora, estando eles inclinados à apostasia, ameaça-os com subjugação a um poder estrangeiro e retira toda esperança de alívio. Admitindo tal opinião, poderíamos verter as palavras deste modo:

Portanto ao jugo ele chama-los-á conjuntamente;
Ele não* o *levantará;

Ou, como Rivetus propõe,

Ninguém o erguerá.

Isso não somente é uma tradução literal, mas se ajusta notavelmente tanto com o contexto seguinte quanto com o prévio. A exclamação que acompanha flui naturalmente desse anúncio de julgamento. A versão de Newcome é mais ou menos como essa, mas não tão literal nem tão adequada ao contexto:

E* conquanto *eles invoquem-no juntos devido à canga,
Ele não* o *levantará.

Oséias 11.10,11: *Após Jeová eles caminharão* etc. *Calvino* destoa da maioria, se não de todos os comentaristas, quanto ao sentido desses dois versículos. É dito que Jeová "rugirá como um leão". Tal rugido causará tremor — mas a quem? Dizem a maioria: aos filhos de Israel; mas *Calvino* diz que é aos inimigos deles. Mas, a fim de evitar a manifesta incongruência de aplicar tremor aos israelitas, o sentido de apressar é dado ao verbo חרד, que se diz ter apenas aqui e em 2.º Reis 4.13, sendo seu sentido geral aquele de tremer ou se abalar de medo. A Septuaginta favorece essa última idéia: εκστησονται — ficará aturdido; e "filhos do ocidente" é vertido τεκνα ὑδατων — filhos das águas, ou, segundo uma outra cópia, ὑιοι θαλασσης — filhos do mar. Os israelitas não foram designados assim, mas sim seus inimigos. Porém, indubitavelmente, a última oração ocasionou esse equívoco, o qual, conforme a nossa versão [a KJV — Trad.], é : "Eu os colocarei em suas casas"; o que pode ser traduzido: "Eu farei com que eles ainda sentem sobre (o topo do teto das) suas casas": pois não é *em,* mas *sobre,* על. Os tetos planos do oeste eram lugares aos quais o povo, com medo, provavelmente recorreria.

O *Bispo Horsley* produz aqui um belo ensaio sobre o progresso do Evangelho: ele considera rugido como pregação, um conceito singular. "O bramido", diz ele, "é, inquestionavelmente, as novas do Evangelho. Jeová mesmo rugirá: aquele começará a ser proferido pela voz do próprio Deus encarnado. O primeiro efeito será que os filhos virão vibrando do oeste, uma nova raça de filhos, convertidos dentre os gentios, principalmente das regiões ocidentais do mundo; depois, o Israel natural apressar-se-á de todas as regiões de sua dispersão, e será estabelecido em suas próprias residências" etc. etc. Ainda que isso tudo seja muito encantador, nada tem a ver com essa passagem. Falando desse rugido ser aplicado à pregação do Evangelho, *Calvino* diz: "Esse e outros semelhantes são sutilezas as quais penso que o Profeta nunca imaginou".

Oséias 11.12: *Mas Judá até aqui rege com seu Deus* etc. Não obstante o que os críticos modernos digam sobre esse versículo, a tradução de *Calvino,* a qual, quanto à primeira linha, é adotada por *Horsley,* parece ser a mais natural e a mais literal. *Newcome* mutila todo o texto, auxiliado pela Septuaginta, pelas versões siríaca e árabe e pela Vulgata. *Henderson,* seguindo *Dácio, Boothroyd* e outros, anexam uma nova idéia a רד, apoiados, segundo dizem, pelos seguintes textos: Jeremias 2.31; Gênesis 27.40 e Salmo 55.3. Não há outros exemplos, salvo que a palavra ocorre, segundo se julga, na forma de substantivo em Lamentações 1.7; 3.19. Ora, em nenhum desses lugares há qualquer coisa *decisiva* em favor do sentido incorporado na versão a seguir:

"E, quanto a Judá, ele ainda é inconstante com Deus".

É dito que a palavra encerra as idéias de ser *infiel, rebelde, que se desvia à vontade.* Exemplos muito mais fortes e claros devem ser aduzidos antes que essa significação seja acolhida. É sempre suspeito quando algo duvidoso ou artificial é apresentado para explanar um texto. O sentido de reger com ou perante Deus, como interpretado por *Calvino* e outros, tais como *Rivetus,* afigura-se bem satisfatório, e neutraliza a dificuldade sentida por *Dácio* e outros, a qual, obviamente, induziu-os a buscar uma nova interpretação.

Com respeito à outra linha — *E junto com os santos ele é fiel* — não acho melhoramento, pelo contrário.

A versão de *Newcome* do versículo inteiro é esta:

"Efraim cercou-me com falsidade,
E a casa de Israel e de Judá, com fraude;
Mas *doravante eles passarão a povo de Deus,*
Mesmo um fiel povo de santos".

A de *Henderson* é a seguinte:

"Efraim rodeou-me de falsidade,
E a casa de Israel com engano;
E, quanto a Judá, ele ainda é inconstante com Deus,
Mesmo com os santos fiéis".

Assim, ficam várias versões quando se toma uma liberdade indevida com o texto ou com o sentido corrente das palavras. *Junius* e *Tremelius* concordam com *Calvino,* só que, quanto ao tempo, o pretérito é adotado. As duas últimas linhas são dadas desta forma:

"Quando Jehudah adhuc dominabatur cum* Deo *forti,
Et cum sanctis fidelis erat."

O versículo inteiro, de acordo com essa versão, é o seguinte:

"Cercaram-me os efraimitas com embuste,
E com fraude, a casa de Israel;
Quando Judá, até aqui, governou com Deus,
E com os santos foi fiel".

Ao referir-se aos tempos passados, a objeção quanto à condição de Judá, de que, naquele tempo, esse estava muito dado à superstição e à idolatria, apesar de ainda aderindo à forma exterior do culto verdadeiro, fica, em grande medida, removida. Todavia, as observações de *Calvino* sobre esse ponto parecem suficientes.

Oséias 12.8: *Em todos os meu labores* etc. A versão de *Newcome* é muito diferente, havendo ele se desencaminhado, como de costume, pela Septuaginta:

"Todos os labores dele não serão achados* úteis *para ele,
Pela *iniqüidade com a qual ele peca".*

A versão de *Horsley* é quase tão longe do Original quanto esta — "Todos os meus labores não obtiveram para mim o que possa expiar a iniqüidade". A versão de *Henderson* é uma paráfrase, mas combina materialmente com aquela de *Calvino* —

"Em nenhum de meus labores sou eu imputável com culpa".

O que ele considera a tradução literal é esta — "No tocante a todos os meus esforços, não descobrirão iniqüidade prendendo-se a mim que seja pecado". Quiçá as palavras admitam ainda mais de uma versão literal: "Todos os meus labores não serão achados *sendo* uma iniqüidade a mim, aquilo *é* um pecado".

Oséias 12.11: *Há iniqüidade em Gileade?* Há considerável dificuldade relacionada com essa passagem, e, na verdade, com esse capítulo como um todo, do oitavo ao último versículo. O principal significado é, manifestamente, o que é afirmado por *Calvino,* e nisso a maioria dos comentaristas estão de acordo. Foi claramente o intuito do Profeta, ao aludir a Jacó e a sua história, provar a ingratidão e abater o orgulho de Efraim. Mas ainda não é tarefa fácil ligar o todo juntamente em uma narrativa contínua. Sobre essa mesma linha há uma grande discrepância. *Grócio* lê: "Si in Galaade idolum fuit;" *Junius* e *Tremelius:* "An in Gilhade iniquitas?" *Horsley:* "Havia idolatria em Gileade?" *Newcome:* "Verdadeiramente, *em* Gileade *há* iniqüidade"; e *Henderson:* "Verdadeiramente, Gileade é iníqua".

Parece que Gileade estava, nesse período, destruída; pois o que é dito em 2.º Reis 15.29 foi, evidentemente, anterior à época de Oséias. É declarado ali que o rei da Assíria tomara Gileade, com outras cidades, e levara os habitantes cativos à Assíria. [111] A referência a Gileade, então, deve ter sido ao antigo estado dessa. Gilgal, estando ainda na posse de Israel, tem seu estado nesse tempo descrito. Isso revela que *Grócio* e *Horsley* estão mais corretos que *Calvino, Newcome* e *Henderson.* Gileade é, claramente, apresentada como um exemplo dos efeitos da idolatria, e o desatino de Israel, ao continuar a mesma idolatria em Gilgal, é exposto. Na tentativa de exibir a passagem inteira do versículo oitavo ao fim, em uma forma concatenada, submeto ao leitor a seguinte versão —

8. Canaã é ele! [112] Em sua mão estão as balanças da falcatrua;
Ele ama oprimir:

9. Todavia, Efraim diz: "Seguramente me tornei rico,
Encontrei renda considerável por mim mesmo;
Em todas as minhas labutas não descobrirão contra mim
Uma iniqüidade que seja pecado".

10. Mas eu, Jeová, teu Deus desde a terra do Egito,
Todavia, farei com que habites em tendas,
Como nos dias da reunião: [113]

---

[111] "Pensais que há mais iniqüidade nos gileaditas, que já foram levados embora cativos, do que em vós? Inegavelmente, o restante de Israel está na mesma situação; todos eles se enquadram no mesmo julgamento. ... Também sacrificam aos ídolos deles em Gilgal". — *Bispo Hall*, citado por *Scott*. (N. do E. inglês.)

[112] "Deus diz ao Profeta: Em vez de voltar a mim e apegar-se às obras de caridade e justiça, ele é um mero mascate pagão. Tu o tens erroneamente chamado de Jacó; ele é Canaã; não Jacó, o piedoso, o herdeiro da promessa; [mas] Canaã, o embusteiro, o filho da maldição" — *Bispo Horsely*. (N. do E. inglês.)

[113] Isso se refere ao encontro ou congregação do povo no deserto para o tabernáculo. Este era denominado אחל מועד, o tabernáculo de encontro, a própria palavra usada aqui. Vide Ex 25.22; 30.36. Contudo, se מועד יטי designa os dias da festa anual dos tabernáculos, todavia, aquele deve ser visto aqui, como diz Scott, com referência apenas à maneira em que vivia no deserto. (N. do E. inglês.)

11. Desse modo tenho eu falado pelos profetas,
Quando tinha multiplicado visões,
E pelos profetas mostrado alegorias.

12. Se Gileade tem sido iníqua, (literalmente, iniqüidade;)
Certamente, vãos se tornaram em Gilgal;
Eles sacrificam bois, sim, os seus altares
São como os montões nos sulcos do campo.

13. Quando Jacó fugiu à terra de Aram,
Israel então serviu por uma esposa,
E por uma esposa guardou ovelhas;
Por um profeta também Jeová trouxe Israel do Egito,
E por um profeta foi ele preservado.

14. Todavia, Efraim causou a mais amarga provocação:
Porém, o sangue dele sobre si próprio será deixado,
E o opróbrio dele seu Senhor a ele retribuirá.

Oséias 13.2: *Os quais sacrificam homens etc. Henderson,* depois de mencionar vários autores pró e contra essa tradução, reforça a sua própria, a qual concorda com nossa versão comum, reportando-se a uma regra de sintaxe formulada por Gesenius; porém, tal regra refere-se a adjetivos e particípios passivos, segundo os exemplos dados, e não a particípios, como no presente caso, em uma forma ativa. Aqui, as palavras, literalmente, são: "os sacrifícios dos homens", o que, decerto, não pode jamais significar os homens que sacrificam. As palavras não estão em oposição, mas *in regimine.* Temos em Deuteronômio 18.3, הזבח זבחי, "os sacrificadores do sacrifício", uma frase similar à presente.

Oséias 13.14: *Do poder do túmulo eu te redimiria* etc. A forma condicional é adotada por *Grócio* e outros, mas desaprovada por *Horsley, Newcome* e *Henderson.* Quando levamos em conta o que precede este versículo e o que o segue, o condicional parece o mais adequado. Então, a expressão "o arrependimento está oculto dos meus olhos" aparenta ser mais compatível com uma ameaça do que com uma promessa, principalmente quando a ameaça continua no versículo seguinte. Arrepender-se do mal, e não do bem, é a locução normalmente encontrada no Antigo Testamento. É verdade que Paulo lança mão da expressão com respeito aos dons de Deus (Romanos 11.29), mas o contexto aqui parece favorecer a outra teoria.

Oséias 14.2, *Traze o bem. Horsley* lê "aceite o bem"; *Newcome,* "receba-nos o bem"; *Henderson,* "receba-nos graciosamente"[114]. As palavras são וקח־טוב, literalmente, "e receba", ou "traga o bem". O verbo significa simplesmente "tomar" mas é usado então para expressar tomar para si próprio no sentido de receber, e tomar por outro no sentido de trazer. Naamã disse a Eliseu, ברכה קח נא, "Tome" ou "receba, eu rogo, uma bênção", 2.º Reis 5.15; e Jacó disse a José, קחם־אנ אלי, "Tome", ou "traga-os, suplico, a mim", Gênesis 48.9. Vide também Gênesis 15.9 e 2.º Reis 2.20. Assim, o significado pode ser dado, seja por *Horsley,* seja por *Calvino;* e, como o último está mais

[114] O Doutor [i.e., John Owen — Trad.] diz que *Horsley* está enganado em sua filologia neste caso, acrescentando que מוכ é aqui utilizado como advérbio. Nenhum exemplo é dado; e é difícil encontrar um. Seja este citado e, então, será admitida a exatidão dessa tradução. O fato é que, em hebraico, mui poucas palavras desse tipo são aceitas adverbialmente: o idioma é muito escasso em advérbios. (N. do E. Inglês.)

em conformidade com essa passagem, e não faz mistura de sentido com a próxima oração no versículo, como o primeiro, deve ser preferido. Não obstante, deve-se adicionar a nota do Bispo — *"Remova toda iniqüidade, i.e.,* retire totalmente o princípio pecaminoso dentro de nós. Retire o coração carnal do velho Adão. *Crie em mim um coração limpo, ó Deus, e renove um espírito reto dentro de mim.* E então, quando formos de novo gerados para a santidade, por teu Espírito, *aceite o bem,* aceite como bom o que, assim regenerados, seremos habilitados a executar". Tudo isso é perfeitamente verdadeiro; porém, a primeira parte não é uma explanação do texto; pois *remover pecado* não significa a substituição do coração, mas o perdão de pecado. Ainda que sejam dois atos graciosos que caminhem juntamente, todavia, são inteiramente separados e distintos; e confundi-los pode nos levar a sérios enganos.

O mesmo verbo é usado no começo do versículo: *Tomai,* ou trazei *convosco palavras.* Tal como eles deviam trazer palavras de confissão e oração, também Deus é solicitado a *trazer o bem;* e trazer o bem, mui ajustadamente, acompanha a remoção da iniqüidade; então, segue-se a gratidão que é exigida.

UMA TRADUÇÃO DA

VERSÃO DE CALVINO DAS PROFECIAS DE OSÉIAS

CAPÍTULO 1

1. A palavra de Jeová que veio a Oséias, o filho de Beeri, nos dias de Uzias, Jotão, Acaz, Ezequias, reis de Judá, e nos dias de Jeroboão o filho de Joás, rei de Israel.
2. O princípio do que Jeová falou por Oséias: Jeová disse a Oséias: "Vá, toma para ti uma mulher de devassidão, e filhos de devassidão; pois pela devassidão a terra ficou lasciva, de modo que não segue a Jeová".
3. E ele foi, e tomou Gômer, a filha de Diblaim; e ela concebeu, e deu a ele um filho.
4. E Jeová lhe disse: "Chame *seu* nome Jizreel; pois, ainda um pequeno espaço de tempo, e visitarei eu o sangue de Jizreel sobre a casa de Jeú, e farei com que cesse o reino da casa de Israel;
5. E será, naquele dia, que espedaçarei o arco no vale de Jizreel".
6. E ela concebeu outra vez, e deu à luz uma filha; e ele lhe disse: "Chame o seu nome Lo-Ruama: pois não mais mostrarei misericórdia à casa de Israel, pois totalmente os removerei:
7. Mas à casa de Judá exibirei misericórdia, e salva-los-ei por Jeová seu Deus; e não os salvarei nem pelo arco, nem pela espada, nem pela guerra, nem por cavalos, nem por cavaleiros".
8. E ela desmamou Lo-Ruama, e concebeu, e deu à luz um filho;
9. E ele disse: "Chame seu nome Lo-Ami: pois vós não sois meu povo, e eu não serei vosso:
10. Todavia, o número dos filhos de Israel será como a areia do mar, que não pode ser medida nem contada; e será que, no lugar onde lhes tinha sido dito: 'Vós não *sois* meu povo', ali mesmo lhes será dito: '*Vós sois* os filhos do Deus vivo':
11. E juntamente congregados serão os filhos de Judá e os filhos de Israel, e porão sobre si uma única cabeça, e subirão da terra, embora seja grande o dia de Jizreel".

CAPÍTULO 2[115]

1. Dizei a vossos irmãos: "Meu povo"; E a vossas irmãs: "Amada".
2. Pleiteai com vossa mãe, pleiteai; Pois ela não é minha esposa, nem eu sou seu marido: Que ela remova, pois, suas prostituições da sua face, E seus adultérios do meio de seus seios;
3. Para que eu não a dispa, E a ponha como no dia do seu nascimento, E ponha-a como o deserto, e ponha-a como uma terra seca, E faça-a morrer de sede.
4. E seus filhos eu não lamentarei; Pois eles são filhos bastardos.
5. Pois com devassidão sua mãe agiu; Com sensualidade está contaminada aquela que os concebeu: Pois ela disse: "Eu irei atrás dos meus amantes, Que me dão meu pão e minhas águas, Minha lã e meu linho, meu óleo e meu licor".
6. Portanto, eis que fecharei o seu caminho com espinhos, E cerca-la-ei com um parapeito, E ela sua senda ela não encontrará.
7. E ela seguirá seus amantes, e não os alcançará, E procura-los-á, e não os encontrará; Então ela dirá: "Irei, e retornarei ao meu primeiro marido, Pois me era melhor aquele tempo do que agora".
8. E ela não soube que eu lhe dei trigo, e vinho, e óleo, E lhe multipliquei prata e ouro, Os quais eles destinaram a Baal.

---

[115] As porções que se supõe que estejam em métrica de poesia no original estão aqui colocadas em linhas paralelas, não porque sejam assim agrupadas por Calvino, mas com o propósito de expor o significado em uma mais clara luz. Também é conveniente dizer que as divisões em secções são as do Editor. (N. do E. inglês.)

9. Portanto, retornarei, e retirarei o trigo no seu tempo, e meu vinho na sua época; e retomarei minha lã e meu linho, Por meio dos quais ela cobria sua nudez;
10. E agora descobrirei a sua abjeção à vista dos amantes dela, E ninguém a livrará da minha mão;
11. E farei cessar todo o seu gozo *e* a sua alegria, Sua Lua nova, seu sábado, bem como todo dia de festa.
12. E destruirei suas vinhas e suas figueiras, Das quais ela dizia: "Estas são as minhas recompensas, Que meus amantes me deram": E coloca-las-ei como a floresta, e comê-las-ão a besta do campo.
13. E visitarei sobre ela os dias de Baalim, A quem ela ofertou incenso, E se ataviou com seu brinco e seu colar, E foi atrás de seus amantes, e me esqueceu, diz Jeová.
14. Por conseguinte, eis que a tornarei, Quando a tiver levado ao deserto, E lhe falarei ao coração.
15. E dar-lhe-ei suas vinhas daqui, E o vale de Acor por uma porta de esperança: E ela cantará ali, como nos dias da sua juventude, e como no dia em que subiu da terra do Egito.
16. E será naquele dia, diz Jeová, que tu me chamarás: "Meu Marido", E não mais me chamarás: "Meu Baal":
17. E tirarei os nomes de Baalim da sua boca, E ela não mais recordará o nome deles.
18. E farei eu por eles um pacto, naquele dia, Com a besta do campo, e o pássaro do céu, e o réptil da terra; E o arco, e a espada, e a peleja, eu cessarei na terra; E fa-lo-eis repousar em segurança:
19. E também te esposarei para mim para sempre, E esposar-te-ei para mim em justiça, E em julgamento, e em benevolência, e em misericórdias; E esposar-te-ei para mim em fidelidade, E tu conhecerás Jeová.
20. E naquele dia eu ouvirei, diz Jeová, ouvirei os céus, e eles ouvirão a terra; E a terra ouvirá o trigo, e o vinho, e o óleo; E esses ouvirão Jizreel: E a semearei para mim na terra; E mostrarei misericórdia àquela que não obteve misericórdia; E direi a Lo-Ami: "Tu *és* meu povo"; E eles dirão: *"Tu és* nosso Deus".

CAPÍTULO 3

1. E Jeová disse a mim: "Vá outra vez, ama uma mulher amada por um marido, e que é uma adúltera, segundo o amor de Jeová para com os filhos de Israel, os quais, todavia, olham para deuses estranhos, e amam frascos de uvas".
2. E a comprei para mim por quinze peças de prata e um ômer e meio de cevada.
3. E eu disse a ela: "Por muitos dias tu morarás comigo; tu não agirás como libertina, e não serás para homem algum, e eu também serei para ti".
4. Pois os filhos de Israel ficarão muitos dias sem um rei, e sem um príncipe, e sem um sacrifício, e sem uma imagem, e sem um éfode, e sem terafim:
5. Posteriormente, os filhos de Israel voltarão, e procurarão Jeová seu Deus, e Davi seu rei; e temerão Jeová e a sua virtude nos últimos dias.

CAPÍTULO 4

1. Ouvi a palavra de Jeová, vós, filhos de Israel; Pois Jeová tem uma contenda com os habitantes da terra, Porque não há nenhuma fidelidade e bondade, Nem conhecimento algum de Deus na terra:
2. Amaldiçoar, e mentir, e assassinar, E furtar, bem como o adultério, irromperam; E sangue tocou sangue.
3. Por conseguinte, a terra pranteará, E todos os que nela habitam desfalecerão; Juntos com a besta do campo, a ave do céu, E também o peixe do mar, também serão eles tirados.
4. Todavia, ninguém pode censurar nem exprobrar um homem; Pois teu povo é como os que xingam o sacerdote.

5. Cairás então de dia, E também o Profeta contigo, durante a noite; E eu destruirei tua mãe.
6. Meu povo perece sem conhecimento: Visto como tu rejeitaste conhecimento, eu também rejeitarei a ti, Para que não me desempenhes o sacerdócio; E, visto como olvidaste a lei do teu Deus, Também olvidarei teus filhos.
7. Conforme eles aumentam, mais pecam contra mim: Sua glória eu tornarei em vergonha.
8. O pecado do meu povo eles comem, E na iniqüidade desse eles alçam a alma de cada um.
9. E como será com o povo, assim será com o sacerdote; E visita-los-ei em seus caminhos, E retribui-los-ei por seus feitos.
10. Pois comerão, e não ficarão satisfeitos: Agirão com devassidão, e não se multiplicarão: Pois a Jeová eles deixaram de servir.
11. Lascívia e vinho, e vinho novo, roubam o coração.
12. Meu povo consulta a sua madeira, E a vara deles lhes responde; Pois o espírito de sensualidade enganou-os, E agem com lascívia, longe de seu Deus.
13. Nos topos das montanhas eles sacrificam, E nas colinas queimam incenso — Debaixo do carvalho, e do álamo, e da tília, Pois agradável é a sombra. Por isso vossas filhas tornar-se-ão libertinas, E vossas noras serão adúlteras.
14. Não punirei vossas filhas por se tornarem devassas, Nem vossas noras, por terem cometido adultérios: Posto que eles com meretrizes se apartam, E com prostitutas sacrificam: E o povo que entende não tropeçará.
15. Se tu, Israel, torna-se sensual, que Judá não tropece; Não venhais a Gilgal, nem subais a Bete-Áven, Tampouco jureis, Jeová vive.
16. Pois como uma novilha indomável, Israel é indomável: Agora os alimentará Jeová, como a um cordeiro tenro, em um lugar espaçoso.
17. Aos ídolos juntou-se Efraim; deixai-o.
18. Pútrida ficou a bebida deles, Pela sensualidade eles se tornaram sensuais: “Trazei vós” tem seus príncipes despudoradamente amado.
19. Eles amarraram vento em suas asas, E envergonhados ficarão dos seus sacrifícios.

CAPÍTULO 5

1. Ouvi isto, vós sacerdotes, e atentai, casa de Israel, E vós, casa do rei, dai ouvidos: Pois para vós é o julgamento, Pois uma armadilha tendes sido em Mizpá, E uma rede armada sobre o Tabor.
2. E em desviar-se no sacrifício estão profundamente firmes; Todavia, um corretivo sou eu a eles todos.
3. Conheço Efraim, e Israel não está ocultado de mim: Pois tu, Efraim, és sensual, profanado está Israel.
4. Eles não aplicam seus esforços para retornarem para o seu Deus: Pois o espírito de lascívia está no meio deles. E Jeová, eles não conhecem.
5. E testifica sim o orgulho de Israel na sua face: Israel então, e Efraim, cairão em sua iniqüidade; Cairá também Judá com eles.
6. Com seus rebanhos e suas manadas irão eles buscar a Jeová; Contudo, não o encontrarão; ele separou-se deles.
7. Com Jeová eles trataram traiçoeiramente: Pois filhos estranhos eles geraram: Agora, devora-los-á uma lua, junto com as porções deles.
8. Fazei soar a corneta em Gibeá, tocai a trombeta em Ramá: Tocai também a buzina em Bete-Áven após ti, Benjamin:
9. Efraim será uma ruína no dia da correção; Entre as tribos de Israel tenho eu ensinado essa verdade.
10. Os príncipes de Judá são como aqueles que removem o limite; Sobre eles derramarei, como águas, minha fúria.

11. Exposto ao saque está Efraim, quebrantado pelo julgamento; Pois voluntariamente caminhou após os mandamentos.
12. E como uma traça sou eu para Efraim, E como uma lagarta à casa de Judá;
13. E Efraim viu sua enfermidade, e Judá, sua ferida; Efraim foi a Assur, e enviou ao rei Jarebe: Todavia, ele não podia vos sarar, e não vos curará de vossa chaga;
14. Pois como um leão serei eu para Efraim, E como um leão novo à casa de Judá: Eu, eu dilacerarei e irei embora; Eu arrebatarei, e ninguém livrará.
15. Irei, regressarei para o meu lugar, Até que eles confessem que pecaram e busquem minha face: Quando tiverem aflição, procurar-me-ão:

CAPÍTULO 6

1. "Vinde, e retornemos a Jeová: Pois ele dilacerou, e ele nos curará; Ele feriu, e ele pensará nossas feridas:
2. Ele nos reviverá após dois dias: No terceiro dia nos levantará,
3. E viveremos em sua presença: E conheceremos, e prosseguiremos atrás do conhecimento de Jeová; Como a alvorada, sua saída está preparada; E ele virá a nós como a chuva, Como a última chuva — uma chuva para a terra".
4. O que farei eu a ti, Efraim? O que farei eu a ti, Judá? Pois a vossa bondade é como o orvalho matutino, Como a nuvem que logo vai embora.
5. Por isso, eu abati-os pelos profetas, Eu matei-os pelas palavras de minha boca; E teus julgamentos são como a luz que sai.
6. Pois misericórdia eu desejo, e não sacrifício, E o conhecimento de Deus antes de holocaustos.
7. Mas eles como homens transgrediram o pacto; Nisso eles se houveram perfidamente contra mim.
8. Gileade é uma cidade daqueles que obram a iniqüidade, cheia de sangue;
9. E, como assaltantes esperam por um homem, A companhia dos sacerdotes assassinam no caminho concordes: Pois seu ímpio propósito eles realizam.
10. Na casa de Israel eu vejo infâmia; Há a devassidão de Efraim, Israel está contaminado.
11. Judá também pôs uma planta para ti, Enquanto eu estava restaurando o cativeiro do meu povo.

CAPÍTULO 7

1. Quando eu estava curando Israel, Então foi descoberta a iniqüidade de Efraim, E os vícios de Samaria; Pois eles tratam falsamente; e o ladrão entrou, O salteador despoja lá fora.
2. E eles não dizem em seus corações, Que eu me lembro de toda a maldade deles: Cerca-os agora seus vícios, eles estão à minha vista.
3. Por sua perversidade eles alegram o rei, E por suas falsidades os príncipes. Eles são todos adúlteros, como um forno aquecido pelo padeiro;
4. O qual cessa de atiçar, Após misturar a massa, até ela ficar fermentada.
5. O dia de nosso rei! os príncipes Têm-no adoecido com uma garrafa de vinho; Ele estendeu sua mão a escarnecedores.
6. Pois eles aprontaram, como um forno, O coração deles, para ficarem na espreita: A noite toda o padeiro deles dorme; Na manhã, o forno queima como um fogo chamejante.
7. Todos são quentes como um forno; Eles consomem seus juízes, Todos os seus reis caíram; Ninguém entre eles clama a mim.
8. Efraim mistura-se com as nações; Efraim virou pão assado sob as cinzas, O qual não é virado:

9. Estrangeiros comem seu vigor, e ele não o sabe; E as cãs se espalham sobre ele, e ele não o sabe;
10. E testifica sim o orgulho de Israel em sua face; Mas eles não retornam a Jeová seu Deus, Tampouco o buscam em todas essas coisas, apesar disso.
11. Efraim é também como uma pomba desmiolada: Eles clamam ao Egito, eles vão à Assíria;
12. Porém, quando forem, estenderei sobre eles minha rede; Como um pássaro do céu, fa-los-ei descer; Eu prendê-los-ei, quando sua congregação tiver ouvido.
13. Ai deles! pois retrocederam de mim: Desolação para eles! Pois se houveram perfidamente contra mim: Conquanto os haja redimido, Eles, todavia, falam mentiras contra mim:
14. E eles não clamam a mim com seu coração; Pois uivam em suas camas; Pois para o trigo e o vinho se ajuntam; Eles revoltam-se contra mim:
15. Embora tenha eu ligado e fortalecido seus braços, Contudo, contra mim eles tramam o mal.
16. Eles não regressam a Deus; Eles são como um arco enganador: Caíram pela espada seus príncipes, Pela soberba da língua deles; Isso será o seu opróbrio na terra do Egito;

CAPÍTULO 8

1. À tua boca a trombeta! Como uma águia, contra a casa de Jeová; Pois eles transgrediram o meu pacto, E contra minha lei eles agem perfidamente.
2. A mim Israel exclamará: "Meu Deus, nós te conhecemos".
3. Israel lançou o bem para muito longe; O inimigo o perseguirá de perto:
4. Fizeram com que reinassem, porém, não por mim: Estabeleceram domínio, mas eu não conheci; Da prata e do ouro deles fizeram para si mesmos ídolos; Portanto, serão cortados.
5. Lançou-te para mui longe o teu bezerro, ó Samaria! Acesa está minha fúria contra eles: Por quanto tempo não agüentarão a limpeza?
6. Pois de Israel mesmo é ele; O artífice o fez, e não é deus; Pois em fragmentos ficará o bezerro de Samaria.
7. Certamente que semearam o vento, e a tempestade colherão; Não há hastes — o grão não produzirá farinha: Se ele a produzir, estrangeiros a devorarão.
8. Devorado é Israel — agora, estarão eles entre os gentios, Como um vaso no qual não há deleite:
9. Pois eles subiram à Assíria, *como* um asno selvagem solitário; Efraim contratou amantes.
10. Mesmo que eles os haja contratado dentre as nações, agora eu os reunirei; E eles afligir-se-ão um pouco sob o fardo do rei e dos príncipes.
11. Porque Efraim multiplicou altares para pecar, Altares para pecar serão para ele.
12. Eu escrevi para ele as preciosas coisas da minha lei; Como algo estranho elas foram reputadas.
13. Por sacrifícios de holocaustos oferecem carne, e comem; Jeová não a considerará aceitável: Ele agora lembrará a iniqüidade deles, Ele visitará a impiedade deles; Ao Egito eles retornarão.
14. Pois Israel esqueceu-se de seu Criador, e edificou altares: Judá também multiplicou as cidades fortificadas: Contudo, eu enviarei um fogo sobre as suas cidades, E esse devorará os palácios dele.

CAPÍTULO 9

1. Não te regozijes, Israel, com gozo semelhante àquele dos povos; Pois tu te tornaste devasso para com o teu Deus; Tu amas o pagamento sobre todas as eiras de trigo.
2. A eira e o tonel não os alimentarão, E o vinho novo decepciona-los-á:
3. Eles não habitarão na terra de Jeová; E regressará Efraim para o Egito, E na Assíria comerão o que é impuro.

4. A Jeová não derramarão vinho, E não serão aceitáveis a ele suas libações; Seus sacrifícios ser-lhes-ão como o pão dos enlutados, Todos os que comerem ficarão profanados; Pois o pão deles, para suas próprias almas, Não entrará na casa de Jeová.
5. O que fareis vós no dia solene, No dia festivo de Jeová?
6. Pois eis que foram embora, devido à destruição; O Egito ajunta-los-á, Mênfis enterra-los-á. O desejado depósito da prata deles, a urtiga possuirá; O espinho estará em suas tendas.
7. Os dias da visitação chegaram, Os dias da retribuição chegaram: Israel conhecerá que o profeta é néscio, *E* louco o homem do espírito, Pelo número da tua iniqüidade e grande ódio.
8. O vigia de Efraim por meu Deus, o profeta, É uma armadilha de passarinheiro em todos os seus caminhos, Uma coisa odiosa na casa do seu Deus.
9. Eles estão profundamente firmados, corruptos são como nos dias de Gibeá: Ele se lembrará da iniqüidade deles, ele visitará seus pecados.
10. Como uvas no deserto eu encontrei Israel, Como a primícia da figueira, em seu início, eu vi vossos pais: Eles entraram a Baal-Peor, E se separaram à vergonha, E tornaram-se abomináveis como seus amantes.
11. Efraim! — como um pássaro sua glória escapou — Desde o nascimento, e desde o ventre, e desde a concepção:
12. Pois, se criarem seus filhos, eu os exterminarei, para que não sejam homens: Certamente, ai deles, quando eu me apartar deles!
13. Efraim, como vi em Tiro, É uma *árvore* plantada em uma casa: Não obstante, Efraim *deve* dar a luz seus filhos para a matança!
14. "Dá-lhes, Jeová — o que tu darás? Dá-lhes útero abortivo e peitos secos".
15. Todo o mal deles está em Gilgal: Pois lá eu concebi ódio contra eles: Devido à imoralidade de suas obras, Da minha casa eu expulsa-los-ei; eu não continuarei a amá-los; Todos os seus príncipes são apóstatas.
16. Ferido está Efraim; Sua raiz secou-se — fruto ele não produzirá: E, caso dê a luz, eu matarei O desejado fruto de seu ventre.
17. Rejeita-los-á meu Deus; Pois que não escutam a ele: E eles serão errantes entre as nações.

CAPÍTULO 10

1. Uma vinha roubada é Israel; Ele reservará frutos para si mesmo: De acordo com a multidão de seus frutos Ele abundou em altares; De acordo com a virtude da sua terra Ele fez o bem em estátuas.
2. Dividido está o coração deles; Serão ora provados culpados: ele subverterá seus altares, ele destruirá suas estátuas.
3. Pois agora dirão — "Não temos rei, Porque não tememos a Jeová: E um rei, o que nos fará?"
4. Eles somente falam palavras, Jurando falsamente, fazendo um pacto: o julgamento cresce como absinto nos sulcos do campo.
5. Pelos bezerros de Bete-Áven, Tremerão os habitantes de Samaria; Pois sobre ele o povo pranteará, E os seus sacerdotes, que naquele se regozija, pela sua glória: Pois ela se apartou daquele;
6. E ele mesmo à Assíria será transportado, Um presente para o rei Jarebe: Vergonha Efraim receberá, E envergonhado Israel ficará de seu conselho.
7. Abatido será o rei de Samaria, Como uma escuma na superfície das águas.
8. Perecerão os lugares altos de Áven — o pecado de Israel; O espinho e o cardo subirão sobre os seus altares; E dirão eles às montanhas: "Cobri-nos", E às colinas: "Caí sobre nós".
9. Desde os dias de Gibeá tu, Israel, pecaste: ali eles ficaram — a batalha em Gibeá, Contra os filhos da iniqüidade, não os apanhou.

10. Está em meu desejo, e eu castiga-los-ei; E congregados contra eles serão as nações, Quando ficarem juntamente atados em seus dois sulcos.
11. Efraim é uma novilha, amestrada para gostar de pisar o trigo; Mas eu passei sobre o seu belo pescoço; eu farei Efraim andar; Judá lavrará, Jacó para si próprio gradará.
12. Semeai para vós mesmos em retidão, Colhei para vossa medida bondade; Lavrai para vós próprios o que foi lavrado: E é tempo de buscar Jeová, até que ele venha, E chova justiça sobre vós:
13. Vós lavrastes impiedade, iniqüidade colhestes; Vós comestes o fruto da falsidade: Pois tu confiaste em teu caminho, Na multidão dos teus valentes.
14. Um tumulto, portanto, levantar-se-á entre o teu povo, E cada uma de tuas fortificações será derruída, Segundo a devastação de Salmã em Bete-Arbel: No dia da batalha a mãe, com os filhos, será despedaçada.
15. Assim Betel fará a vós, Por causa da impiedade — da vossa impiedade: Em uma manhã, perecerá totalmente o rei de Israel.

CAPÍTULO 11

1. Quando Israel era um menino, eu o amei: E do Egito chamei meu filho.
2. Quanto mais eles os chamavam; mais se desviavam da presença deles; A Baalim ofereceram sacrifícios, E às imagens entalhadas queimaram incenso.
3. Quanto a mim, minha caminhada foi a pé, Para erguer Efraim pelos seus braços: E não souberam que eu os curava.
4. Pelas cordas de homem eu os puxei, pelas cadeias do amor: E eu lhes fui como os que levantam o jugo de sobre os queixos; E estendi alimento para eles.
5. Eles não retornarão à terra do Egito, Assur regerá sobre eles; Porquanto se negam a retornar:
6. E cairá a espada sobre suas cidades, E destruirá suas trancas; E ela destruirá devido aos conselhos deles.
7. Pois meu povo é propenso à apostasia de mim; Embora ao Altíssimo chamem, Ninguém, absolutamente, eleva-o.
8. Como eu te porei de lado, Efraim? Entregar-te-ei eu, Israel? Como te farei como a Sodoma? Colocar-te-ei como a Zeboim? Invertido dentro de mim está meu coração, Revolvem-se de novo meus pesares.
9. Eu não executarei a fúria da minha ira, não voltarei a destruir Efraim; Pois Deus sou, e não homem, No meio de ti, santo; E não entrarei na cidade.
10. Após Jeová eles caminharão, E como um leão ele rugirá; Quando rugir, então terão medo os filhos desde o mar.
11. Temerão como um pardal no Egito, E como uma pomba na terra de Assur; E fa-los-ei morar em suas casas, diz Jeová.
12. Efraim cercou-me com embuste; E com fraude, a casa de Israel: Contudo, Judá até aqui governa com o seu Deus; E junto com os santos ele é fiel.

CAPÍTULO 12

1. Efraim se alimenta de vento, e persegue o vento oriental: Diariamente multiplica falsidade e devastação: Um pacto fizeram com os assírios, E azeite é levado ao Egito.
2. Jeová tem também uma contenda com Judá; E visitará Jacó; de acordo com os caminhos desse, De acordo com as suas obras, pagará a ele.
3. No útero ele pegou no calcanhar de seu irmão, e pela sua força teve poder com Deus;
4. E ele teve poder com o Anjo e prevaleceu; Chorou e rogou a esse: Em Betel ele encontrou-o; E lá falou conosco,

5. Precisamente Jeová, Deus dos exércitos, — Jeová é o seu memorial.
6. E tu, ao teu Deus volte; A bondade e o juízo observe, E espere no teu Deus sempre.
7. Canaã! Em sua mão está a balança de trapaça; Ele gosta de espoliar:
8. Todavia, Efraim disse: "Entretanto, tornei-me rico; encontrei riqueza por mim mesmo; Em todos os meus labores não acharão em mim Uma iniqüidade, a qual seja pecado".
9. Mas eu, Jeová, teu Deus desde a terra do Egito. Ainda te farei habitar em tendas, Como nos dias da assembléia.
10. Também falei pelos profetas, E visões multipliquei, E por meio dos Profetas empreguei símiles;
11. Há (ainda) iniqüidade em Gileade? Certamente são eles vãos: Em Gilgal sacrificam bois, E os altares deles são como montões Nos sulcos do campo.
12. Até Jacó fugiu para a terra da Síria, E Israel serviu por uma esposa, E por uma esposa guardou *ovelhas:*
13. E por um Profeta Jeová trouxe Israel do Egito, E por um Profeta esse foi preservado.
14. (Todavia) Efraim provocou-o por seus altos; Porém, seu sangue sobre ele permanecerá, E seu opróbrio [116] o seu Senhor retornará a ele.

CAPÍTULO 13

1. Quando Efraim falava havia tremor; Ele exaltava-se em Israel: Porém, ele pecou por meio de Baal e morreu.
2. E agora acrescentaram ao pecado deles, E têm feito por si próprios o que é fundido, De sua prata, conforme o próprio entendimento, Precisamente ídolos — sendo todos o trabalho dos artífices: Um ao outro eles, que sacrificam homens, dizem: "Que beijem os bezerros".
3. Por isso serão como a nuvem da manhã, Como o orvalho que logo sobe, Como a palha que é levada da eira pelo redemoinho, E como a fumaça da chaminé.
4. Não obstante, eu, Jeová, sou teu Deus desde a terra do Egito; E um deus além de mim tu não conhecerás; Por Salvador, não há ninguém senão eu.
5. Eu conheci a ti no deserto, na terra de secas.
6. Conforme as pastagens deles, ficaram fartos; Eles ficaram fartos, e o seu coração foi elevado; E, por conseguinte, esqueceram-se de mim.
7. Por isso, serei para eles como um leão, Como um leopardo no caminho espreitarei:
8. Encontra-los-ei como uma ursa roubada [de seus filhotes — Trad.], E rasgarei o invólucro do seu coração; Devora-los-ei como um leão; A besta do campo estraçalhará a eles.
9. Destruído estás, Israel; Contudo, em mim estava o teu socorro:
10 Eu serei *o mesmo;* teu rei, onde está ele? Para te salvar em todas as tuas cidades, E teus príncipes? de quem tu disseste: "Dê-me um rei e príncipes".
11 Dei-te um rei em minha cólera, e *o* retirei em minha fúria.
12. Selada está a iniqüidade de Efraim, Guardado em depósito está o pecado dele.
13. As dores de alguém em trabalho de parto sobrevir-lhe-ão; Ele é um filho insensato; Pois não permanecerá muito tempo no parir filhos.
14. Do poder do sepulcro eu os resgatarei, Da morte eu os redimirei; Eu serei tua perdição, Ó morte; Eu serei tua destruição, Ó sepultura: O arrependimento está oculto dos meus olhos.
15. Mesmo que entre seus irmãos ele aumente, Todavia, virá ali um vento oriental O vento de Jeová, subindo do deserto; E secará o manancial dele, E seca ficará a sua fonte; Ele despojará o armazém de todo vaso apetecível.
16. Desolada ficará Samaria, Pois provocou o seu Deus: Pela espada eles cairão; seus infantes serão despedaçados, Suas mulheres prenhes serão fendidas.

---

[116] Não é o supracitado opróbrio de Jacó o ter ele ficado em estado servil? (N. do E. inglês.)

CAPÍTULO 14

1. Volte, Israel, a Jeová teu Deus; Pois tu caíste por tua iniqüidade.
2. Tomai convosco palavras, e voltai a Jeová, E diga a ele, “Tire toda iniqüidade, e traga-nos bem; E ofereceremos *a ti* os novilhos de nossos lábios.
3. Os assírios não nos salvarão; Em cavalo não montaremos, E doravante não diremos, ‘Nossos deuses’, às obras de nossas mãos; Pois em ti os órfãos acham misericórdia”.
4. Sararei as suas apostasias, ama-los-ei espontaneamente; Pois afastada está minha ira dele.
5. Serei como orvalho para Israel; Ele florescerá como o lírio, Ele fixará suas raízes como o Líbano;
6. Espalhará seus ramos, E como a da oliveira será sua formosura, E sua fragrância como a do Líbano.
7. Refrescados ficarão aqueles que morarem debaixo da sombra dele; Reviverão como o trigo, e germinarão como a vide Seu odor será como o do vinho do Líbano.
8. Efraim *dirá:* “O que mais tenho eu a ver com os ídolos?” Eu o tenho ouvido, e exibido a ele mercê, “Ser-te-ei um um abeto que dá sombra; De mim é o teu fruto encontrado”. Quem é sábio, e entenderá tais coisas?
9. Quem é sábio e as conhecerá? Pois retos são os caminhos de Jeová, E os justos andarão neles; Porém, neles os ímpios tropeçarão.

ÍNDICES

Índice de Referências Escriturísticas

Gênesis 4.7 6.3 15.5 22.1 28.16 28.17 28.17 31.19-30 32 32.24-30 32.28 48 49.25

Êxodo 21.32 32.19 33

Deuteronômio 4.6 6 6.13 32.10-12 32.15 32.15 32.17 33.10

Josué 24.19

Juízes 19.1-21.25

1 Samuel 2.30 8.7 8.7 15 15.22 15.22

2 Samuel 7.14 7.15 1 Reis 12.28 18.27 19.18 19.18 2 Reis 10 16.11 16.12 23

Jó 1.21 30.22

Salmos 2.7 2.8 14.1 18.26 19.7 68.20 72.5 72.18 73.7 73.9 73.22 78 78.57 95 95.11 104.3 104.15 110.3 116.12 116.13 116.17 130 130.4 132.13 132.14 132.14 138.8

Provérbios 1.7 9.1 18.4

Isaías 1.5 1.23 5.4 5.4 7.13 7.13 8.18 9.13 10.22 18
18.4 19.15 24.1 28.8 28.15 29.13 30.1 30.16 40 40.6-8 48.1 49.8 50.1 51.2 55.6 55.6 55.8 56.7 58 58.1-3 58.3 59.1 59.2 66.3 66.3

Jeremias 2.24 3.20 4.1 4.2 4.3 7.4 7.11 7.11 7.22 17.1 22.24 23 29.10 31.9 31.15 31.18 31.21 31.31-34 44.17 48.11 51.2

Ezequiel 6.2 10.4 13.19 14.7 16 16.25 16.31-33 16.49 20.39 21.21 28.17 36.1

Daniel 7.25

Oséias 1.1 1.2 1.3 1.4 1.5 1.6 1.7 1.8-9 1.10 1.11 2 2.1 2.2 2.3 2.4-5 2.6 2.7 2.8 2.10-12 2.13 2.14 2.15 2.16 2.17 2.18 2.19-20 2.21-22 2.22 2.23 3.1 3.1 3.2-5 4.1-2 4.3 4.4 4.5 4.6 4.7 4.8 4.9-10 4.11 4.12 4.13-14 4.15 4.16 4.17 4.18 4.19 5 5.1 5.2 5.3 5.4 5.5 5.6 5.7 5.8 5.9 5.10 5.11 5.12 5.13 5.14 5.15 6.1 6.2 6.3 6.4 6.5 6.6-7 6.8 6.9 6.10-11 7.1 7.2 7.3 7.4 7.5 7.6 7.7 7.8 7.9 7.10 7.11-12 7.13 7.14 7.15 7.16 8.1 8.2-3 8.4 8.5 8.6 8.7 8.8 8.9-10 8.11 8.12 8.13 8.14 9.1 9.2 9.3 9.4 9.5 9.6 9.7 9.8 9.9 9.10 9.11-12 9.13 9.14 9.15 9.16 9.17 10.1 10.2 10.3 10.4 10.5 10.6 10.7 10.8 10.9 10.10 10.11 10.12 10.13 10.14 10.14-15 11 11.1 11.2 11.3 11.4 11.5 11.6 11.7 11.8-9 11.10-11 11.12 12.1 12.2 12.3-5 12.6-7 12.8 12.9 12.10 12.11 12.12-13 12.14 13.1 13.2 13.3 13.4-5 13.6 13.7-8 13.9-11 13.12-13 13.14 13.15 13.16 14.1-2 14.3 14.4 14.5 14.6-7 14.8 14.9

Joel 3.16

Amós 5.18 5.19

Miquéias 2.11

Naum 2.2

Habacuque 1.12

Sofonias 1.5 3 3.9

Zacarias 12.10

Malaquias 1.2 1.3 2.7

Mateus 2.15 2.18 6.33 9.13 10.16 12 12.7 13.12

Lucas 12.31 23.29 23.30 23.31

João 3.20 5.23 10.25-30 11.39 16.21

Romanos 1.28 4.17 9.8 9.24-26

1 Coríntios 15.54-57

2 Coríntios 2.11 5.20 6.2 6.11 6.12 6.15 10.5 10.6 10.6

Gálatas 4.9

Efésios 4.19 5.6 6.12

Colossenses 2 2.22 2.23 23

Hebreus 7.7

Tiago 1.13 1.17 14

1 João 2.23

Índice de Comentário da Escritura

Oséias 1.1 1.2 1.3 1.4 1.5 1.6 1.7 1.8 1.9 1.10 1.11 2.1 2.2 2.3 2.4 2.5 2.6 2.7 2.8 2.9 2.10 2.11 2.12 2.13 2.14 2.15 2.16 2.17 2.18 2.19 2.20 2.21 2.22 2.23 3.1 3.2 3.3 3.4 3.5 4.1 4.2 4.3 4.4 4.5 4.6 4.7 4.8 4.9 4.10 4.11 4.12 4.13 4.14 4.15 4.16 4.17 4.18 4.19 5.1 5.2 5.3 5.4 5.5 5.6 5.7 5.8 5.9 5.10 5.11 5.12 5.13 5.14 5.15 6.1 6.2 6.3 6.4 6.5 6.6 6.7 6.8 6.9 6.10 6.11 7.1 7.2 7.3 7.4 7.5 7.6 7.7 7.8 7.9 7.10 7.11 7.12 7.13 7.14 7.15 7.16 8.1 8.2 8.3 8.4 8.5 8.6 8.7 8.8 8.9 8.10 8.11 8.12 8.13 8.14 9.1 9.2 9.3 9.4 9.5 9.6 9.7 9.8 9.9 9.10 9.11 9.12 9.13 9.14 9.15 9.16 9.17 10.1 10.2 10.3 10.4 10.5 10.6 10.7 10.8 10.9 10.10 10.11 10.12 10.13 10.14 10.15 11.1 11.2 11.3 11.4 11.5 11.6 11.7 11.8 11.9 11.10 11.11 11.12 12.1 12.2 12.3 12.4 12.6 12.7 12.8 12.9 12.10 12.11 12.12 12.13 12.14 13.1 13.2 13.3 13.4 13.5 13.6 13.7 13.8 13.9 13.10 13.11 13.12 13.13 13.14 13.15 13.16 14.1 14.2 14.3 14.4 14.5 14.6 14.7 14.8 14.9

Índice de Palavras e Locuções Gregas

•ὁ χαρπος ευθηνῶν αυτης,
•απηληχοτας
•εθελοθρησχείας
•ευχληματουσα
•χηρρυχες
•χηρυχες
•παθων δε τε νήπιος εγνω
•παλαθας
•Πρίαπος
•τω μοσχω
•υλομανουσα

Índice de Palavras e Locuções Hebraicas

•א

•אך

•אלה

•אלהים

•בדים

•בוֹשׁ

•ה

•כ

•ל

•מלחמה

•נתנו

•פנה

•קאם

•תרפים

•אאכיל

•אבל

•אדם

•אהבתי

- אהי
- אויל הנביא
- אוכיל
- אותם
- אחוים
- אחים
- אט
- איה
- איל
- אין קרא בהם אלי
- אך
- אלה
- אלה וכחשׁ
- אלהים
- ארבה
- אריה
- אשׁוב
- אשׁם
- אשׁר
- את
- אתנה
- ב
- באו
- בגלגל
- בדים
- בה
- בהמות
- בוקק

- בם
- בנוה
- בם
- בנוה
- בקק
- בשׂחר
- בשׂת
- גור
- גם
- גמר
- גשׂם
- דבד
- דברך
- ה
- הבהב
- הוא
- הואיל
- היום
- הימיבו
- ו
- והמה כאדם עברו בריתי
- וזרעתיה
- ויך
- ושׂב
- זכר
- זמה
- זמם
- זנח

- זרה
- זרע
- חול
- חכמות
- חל
- חלל
- חמת
- חסד
- טוב
- טובו
- י
- יאכלו
- יאל
- יגילו על-כבודו
- ידעו
- יהב
- יוכל
- יזרעאל
- יחד
- יחלו
- יסר
- ירה
- ישׁאו
- ישׁב
- ישׁבו
- יתגודדו
- כ
- כבמדבר

- כבשׁ
- כי
- כי נשׂוא אשׂא להם
- כל
- כמר
- כמרים
- כן
- כפיר
- כראשׁ
- כרובם
- כשׂחר
- כשׂל
- ל
- לא-רוחמה
- לבט
- לביא
- להם
- לו
- לום
- לי
- לי יזעקו אלהי ידענוך ישׂראל
- לילה
- ליש
- ללא-עמי
- לצים
- לקח
- מ
- מאחרי יהוה

- מאס
- מהעיר
- מורה
- מלאך
- מלמדה
- מלקום
- מעולות
- מעיר
- מפניהם
- מצבה
- מצפה
- מרעה
- משגי איש הרוח
- משובת
- משיבת
- משפט
- מתחת
- נדבה
- נהושע
- נזר
- נחם
- נטה
- נטש
- נירו ניר
- נכה
- נצל
- נשא
- נשה

- נשמר
- סור
- עון
- עונותם
- עינתם
- עיר
- עכר
- על
- עם
- עמו
- עמי
- עמים
- עמל
- עמנו
- ענה
- עקב
- עקובה מדם
- ערוה
- עש
- עשה
- עשק
- עת
- פדר
- פותה
- פח
- פחד
- פרי ישוה לו
- פתה

- קבך
- קבר
- קדוֹשׁים
- קדוֹשׁים הוא
- קדים
- קחם
- קטב
- קלון
- קציר
- קצק
- רגל
- רוחמה
- רחם
- רמה
- רע
- רקב
- רתח
- שׁאון
- שׁהת חכמתך
- שׁוא
- שׁוב
- שׁוה
- שׁור
- שׁוררים
- שׁחט
- שׁחל
- שׁחף
- שׁחר

- שׂכם
- שׂכם אחד
- שׂכן
- שׂם
- שׂמר
- שׂקר
- שׂרים
- ת
- תירושׂ
- תלואים
- תמרורים
- תנה
- תרגלתי
- תרף

Í

Índice de Palavras e Locuções Latinas

•Diabolos

•Intervenients

•Mediis-media

•Non bene coelestes impia dextra colit

•Novatio

•Praeventum fuisse

•Quasi faces, vel stimuli

•aliqua ex parte

•ceremonia

•dei carceres

•duplicavit

•exercita pietatis

•homo belluinus

•locus obscurissimus

•mentietur illis

•merae larvae

•novale

•nutricios

•patronos

•pendebunt ab ejus nutu

•plenis buccis

•res execrabilis

Índice de Palavras e Locuções Francesas

•Cela n’est que pour un desiuner

•Il n’est ne chair ne poisson

•Il n’y a piece

•Je treuve cela a mon gout

•Les heraux

•Trousser

•incompatibiles

•trousser

ANEXO 1

CALVINO COMO INTÉRPRETE DAS ESCRITURAS

Rev. Hermisten Maia Pereira da Costa

"Ele [Calvino] foi o habilidoso exegeta entre os reformadores, e seus comentários estão entre os melhores do passado e do presente" – Philip Schaff.[117]

"... Eu poderia feliz e proveitosamente assentar-me e passar o resto de minha vida somente com Calvino." – Carta de Karl Barth (1886-1968) a um amigo, escrita em junho de 1922.[118]

"Poucos teólogos foram tão equilibrados quanto Calvino em sua tentativa de dar expressão à plenitude do ensinamento bíblico" – Moisés Silva.[119]

INTRODUÇÃO:

Em 26 de janeiro de 1559, Calvino escreve a Dedicatória do seu comentário do Livro de Oséias. Nas palavras dirigidas ao rei Gustavo da Suécia, diz: "... porque há muito tempo aprendi a não cortejar o aplauso do mundo. (...) Se Deus me dotou com alguma inteligência para a interpretação da Bíblia, eu estou completamente convencido de que tenho fiel e cuidadosamente procurado excluir todo e quaisquer refinamentos estéreis, porém procuro ser aceitável, agradável e adequável às pessoas, preservando a genuína simplicidade, adaptada firmemente à edificação dos filhos de Deus que, não estando contentes com a casca, desejem penetrar no núcleo".[120]

Calvino falando das diversas calúnias que levantavam contra ele, partindo, inclusive de falsos irmãos, diz: "Só porque afirmo e mantenho que o mundo é dirigido e governado pela secreta providência de Deus,[121] uma multidão de homens presunçosos se ergue contra mim alegando que

---

[117]Philip Schaff & David S. Schaff, *History of the Christian Church,* Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, 1996, Vol. III, p. 261.
[118]Karl Barth, *Revolutionary Theology in the Making,* p. 101. *Apud* Timothy George, *Teologia dos Reformadores,* São Paulo: Vida Nova, 1994, p. 163.
[119]Moisés Silva, Em Favor da Hermenêutica de Calvino: In: Walter C. Kaiser Jr. & Moisés Silva, *Introdução à Hermenêutica Bíblica,* São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p. 256.
[120]John Calvin, *Calvin's Commentaries,* Grand Rapids, Michigan: Baker Book House Company, 1996, Vol. XIII, p. XVIII-XIX.
[121]Esta expressão é comum a Calvino. Ver: *O Livro dos Salmos,* São Paulo: Paracletos, 1999, Vol. 1, p. 37-38; Vol. 2, (Sl 47.3), p. 343. Depois de ser expulso de Genebra [O exílio foi votado pelo Conselho de Genebra em 23 de abril de 1538. (Cf. *Calvin***,** Textes Choisis par Charles Gagnebin, Egloff, Paris, © 1948, p. 297)], escreveria a Farel (04/8/1538): "Se sabemos que eles não podem caluniar-nos, exceto na medida em que Deus permitir, sabemos também o objetivo

apresento Deus como sendo o autor do pecado[122].... Outros tudo fazem para destruir o eterno propósito divino da predestinação, pelo qual Deus distingue entre os réprobos e os eleitos....".[123]

O que nos chama a atenção na aproximação bíblica de Calvino, é, primeiramente, o seu amplo e em geral preciso conhecimento dos clássicos de teologia e da exegese bíblica, os quais cita com abundância, especialmente a Crisóstomo (c. 347-407)[124] – pregador profícuo[125] e "o primeiro tutor exegético de Calvino"[126] –, Agostinho (354-430) e Bernardo de Claraval (1090-1153).[127] Outro aspecto, é o domínio de algumas das principais obras dos teólogos protestantes contemporâneos, tais como: Melanchton – a quem considera um homem de "incomparável conhecimento nos mais elevados ramos da literatura, profunda piedade e outros dons" e que por isso "merece ser recordado por todas as épocas"[128] –, Bucer (1491-1551) e Bullinger (1504-1575). Contudo, o mais fascinante, é o fato de que ele, mesmo se valendo dos clássicos – o que aliás, nunca escondeu[129] –, conseguiu seguir um caminho por vezes diferente,[130] buscando na própria Escritura o sentido específico do texto: a Escritura se interpretando a si mesma.

Escapar de um clichê histórico-teológico é especialmente difícil.[131] Para que possamos ter uma visão mais clara da perspectiva de Calvino a respeito das Escrituras, precisamos refletir um pouco sobre a sua forma de aproximação da Bíblia; assim, poderemos entender a sua visão hermenêutica[132] e exegética.[133] Comecemos do início.

---

que ele tem em vista em dar essa permissão. Portanto, humilhemo-nos, a menos que desejemos lutar contra Deus" [John Calvin, To William Farel, "Letters," *John Calvin Collection,* [CD-ROM], (04/08/1538), Letter 22].

[122]Ver: João Calvino, *O Livro dos Salmos,* Vol. 2, (Sl 51.4), p. 429.

[123] João Calvino, *O Livro dos Salmos,* São Paulo: Paracletos, 1999, Vol. 1, p. 44,45. Vd. também: John Calvin, "To the Seigneurs of Berne," *John Calvin Collection,* [CD-ROM], (Albany, OR: Ages Software, 1998), nº 398.

[124] "Quando comparados com os escritos de Crisóstomo, a maior parte dos escritores subseqüentes parecia prolixa." [Moisés Silva, Em Favor da Hermenêutica de Calvino: In: Walter C. Kaiser Jr. & Moisés Silva, *Introdução à Hermenêutica Bíblica,* São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p. 245-246].

[125] Ver: Hughes Oliphant Old, *The Reading and Preaching of the Scriptures in the Worship of the Christian Church,* Grand Rapids, Mi./Cambridge, UK.: Eerdmans, 1998, Vol. 2, p. 173.

[126]Richard C. Gamble, *Current Trends in Calvin Research, 1982-1990*: In: Wilhelm H. Neuser, ed. *Calvinus Sacrae Scripturae Professor: Calvin as Confessor of Holy Scripture*, Grand Rapids, MI.: Eerdmans, 1994, p. 95.

[127] Vejam-se: W. Stanford Reid, *Bernard of Clairvaux in the Thought of John Calvin*: In: Richard C. Gamble, ed., *Articles on Calvin and Calvinism,* New York & London: Garland Publishing, Inc., 1992, p. 35-53 e Dennis E. Tamburello, *Union with Christ: John Calvin and the mysticism of St. Bernard,* Louisville, Kentucky: Westminster John Knox Press, 1994, 167p.

[128]John Calvin, *Commentaries on the Prophet Jeremiah,* Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, (*Calvin's Commentaries,* Vol. IX), 1996 (reprinted), (Carta Dedicatória do seu comentário do Livro de Jeremias), p. xxi.

[129] "[Deus] jamais abençoou a seus servos numa medida tal que nenhum deles chegasse a possuir pleno e perfeito conhecimento de todas as áreas do saber humano". [João Calvino, *Exposição de Romanos,* São Paulo: Edições Paracletos, 1997, p. 24].

[130] "Ainda quando, sob outros aspectos, é algo extremamente desejável, não devemos esperar que haja na presente vida concordância durável entre nós na exposição de passagens da Escritura. Quando, pois, dissentimos dos pontos de vista de nossos predecessores, não devemos, contudo, deixar-nos estimular por algum forte desejo a inovação, nem impelidos por algum intuito de difamar outros, nem despertados por algum ódio, nem induzidos por alguma fortuita ambição. A nossa única necessidade é a de não ter em vista nenhum outro objetivo além do desejo sincero de só fazer o bem" [João Calvino, *Exposição de Romanos,* p. 24].

[131]"A imagem de Calvino, organizador e disciplinador, como pai da frouxidão na ética social, é uma lenda" [R.H. Tawney, *A Religião e o Surgimento do Capitalismo*, São Paulo: Editora Perspectiva, 1971, p. 113]. Richard C. Halverson, faz comentário semelhante a respeito do estereótipo puritano. Veja-se: Richard C. Halverson na Introdução da obra de Richard Baxter, *O Pastor Aprovado*, São Paulo: Publicações Evangélicas Selecionadas, 1989, p. 15.

[132] *Hermenêutica* provém da junção de duas palavras gregas: ἑρμννεύω τεχνή ("arte de interpretar"). Ainda que esta palavra não apareça desta forma no Novo Testamento, encontramos a sua raiz em algumas ocasiões: ἑρμηνεύω ["explicar", "interpretar", "traduzir", "tornar claro": *Jo 1.38,42; 9.7; Hb 7.2]; ἑρμηνεία ["interpretação", "tradução", "explanação": *1Co 12.10; 14.26]; διερμηνευτής ["intérprete", "tradutor": 1Co 14.28]; διερμηνεύω ["traduzir", "interpretar", "explicar", "expor": *Lc 24.27; At 9.36; 1Co 12.30; 14.5,13,27]. Todas estas palavras são derivadas de

I – O HOMEM, SUA FORMAÇÃO E SEUS PROPÓSITOS:

"Para se entender Calvino é necessário *ler* Calvino" – Alister E. McGrath, *A Vida de João Calvino*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004, p. 171.

1. A FORMAÇÃO DE CALVINO:[134]

Calvino foi, sem dúvida, o principal arquiteto da tradição Reformada do Protestantismo.[135] Vejamos como isso começou. João Calvino nasceu em 10 de julho de 1509 em Noyon, Picardia,[136] sendo possivelmente o segundo (?) filho de uma família de cinco irmãos.[137] Seu pai, Gérard Cauvin era de origem humilde; sua mãe, Jeanne Leafranc, uma senhora piedosa, proveniente de família abastada, morrendo quando Calvino tinha uns 5 ou 6 anos. Como Gérard era secretário apostólico de Charles de Hangest – bispo de Noyon (1501-1525) – e procurador fiscal do município, a sua família mantinha íntimas relações com as famílias nobres de sua região, sendo ele próprio um ambicioso visionário que procurou encaminhar a educação de seus filhos da melhor maneira possível usando dos meios e recursos de que dispunha. Calvino ainda criança (maio de 1521) recebeu um benefício eclesiástico na catedral, capelania de La Gésine, que ajudaria a custear as despesas de sua educação, então um privilégio não raro.[138]

ἑρμῆς ("Hermes"), deus grego (Mercúrio na mitologia romana) filho de Júpiter e Maia, sendo considerado o intérprete e porta-voz dos deuses, tido também, como modelo de eloqüência (At 14.12). Paulo saúda um cristão de Roma chamado Hermes (Rm 16.14).

[133]A palavra "exegese" é uma transliteração do grego ἐξήγησις, que significa "*narração, "exposição"*. A palavra é formada por εξ (fora de) e ἡγέομαι (conduzir, guiar, liderar), daí o sentido de "*tirar*", "*trazer para fora", "relatar", "explicar", "expor"*. [O substantivo não ocorre no NT. contudo o verbo ἐξηγέομαι, é encontrado seis vezes: Lc 24.35; Jo 1.18; At 10.8; 15.12,14; 21.19]. Aplicando a palavra ao texto, significa extrair a mensagem do texto [Vd. Karl Barth, *La Proclamacion del Evangelio,* Salamanca: Ediciones Sigueme, 1969, p. 57]. Portanto, a função da exegese bíblica é, humanamente falando, trazer à luz a mensagem da parte de Deus conforme registrada nas Escrituras. Deste modo, a "exegese" é oposta à εἰσήγησις – "*introdução"* –, atitude que consiste em tentar fazer o texto dizer o que queremos, torcer as evidências em favor de nossas concepções previamente dogmatizadas.

[134]Cabe aqui uma nota de advertência: alguns dados referentes à juventude de Calvino são incertos, havendo disputa quanto à datas e lugares.

[135] Cf. Ford Lewis Battles, *Preface*: In: F.L. Battles & Stanley Tagg, transl. and eds. *The Piety of John Calvin: an anthology Illustrative of the Spirituality of the Reformer*, Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1978, p. 7.

[136]Cidade eminentemente religiosa, que distava cerca de 92 quilômetros de Paris com uma população de aproximadamente 12 mil pessoas. "Noyon a Santa, como se dizia por vezes, tantas eram as igrejas e as relíquias que possuía – era a sua cidade natal, capital diocesana, dotada de um clero poderoso e de um bispo com assento entre os doze pares da França" (Daniel-Rops, *A Igreja da Renascença e da Reforma: I. A reforma protestante,* São Paulo: Quadrante, 1996, p. 365-366).

[137] A sua mãe teve 7 filhos porém dois morreram prematuramente.

[138] Ver: Wilson Castro Ferreira, *Calvino: Vida, Influência e Teologia,* Campinas, SP.: Luz para o Caminho, 1985, p. 32-33; Vicente Temudo Lessa, *Calvino 1509-1564: Sua Vida e Obra,* São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, [s.d.], p. 27-28; Timothy George, *Teologia dos Reformadores,* p.168-169; Alister E. McGrath, *A Vida de João Calvino*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004, p. 38-39. Havia quatro capelães em Noyon os quais alternavam na recitação da missa matinal. Calvino sendo ainda muito jovem, não podendo, portanto ser ordenado, pagava a um padre para cobrir a sua escala. (Cf. Philip Schaff, *History of the Christian Church,* Vol. VIII, p. 300; Vicente Temudo Lessa, *Calvino: 1509-*

No entanto, Calvino recebeu a sua primeira educação juntamente com as crianças da nobre família de Hangest. Aqui, foi que Calvino aprendeu e adquiriu educação e modos refinados próprios da nobreza que o permitiram posteriormente transitar em todos os meios sociais com polidez. Entre os seus amigos de infância, destaca-se um dos filhos de Adrien, Lorde de Genlis, Claude de Hangest (Mommor), que se tornaria abade de St. Eloi em Noyon.[139] Além de professores particulares, Calvino estudou na mesma escola dos filhos dos nobres de sua cidade, o Colégio de Capeto.

Posteriormente, Calvino, acompanhado de alguns amigos, filhos de nobres de sua terra natal, foi para Paris, onde recebeu seu treinamento para o sacerdócio, estudando alguns meses no *Collège de la Marche* (Humanidades e Latim) (segundo a tradição em agosto de 1523),[140] tendo como mestre o grande humanista Maturinus Corderius (1479-1564), e depois, foi para uma escola menos requintada em seus costumes e mais dura em sua disciplina e de orientação escolástica: *Collège de Montaigu*[141] (Gramática, Filosofia e Teologia) (1524), – por onde também passaram Erasmo de Roterdã (c. 1490)[142] e Rabelais (c. 1483-1553) –, estudando sob a direção de um mestre espanhol grandemente competente,[143] Antonio Coronel, com quem Calvino fez grandes progressos, destacando-se entre os seus colegas no estudo da gramática.[144] Neste período, Calvino foi também, ao que parece,[145] fortemente influenciado por outro de seus professores, que havia retornado a Montaigu em (1525-1531), o escocês Jean Major (ou Mair) (1467/9-1550). Major "tinha ligações com a Irmandade da Vida em Comum."[146] Major foi quem instruiu Calvino na filosofia e lógica medieval bem como na teologia bíblica e patrística.[147]

Neste período dá-se algo curioso: "Em fevereiro, 1528, Inácio de Loyola, o fundador da ordem dos Jesuítas, entrou na mesma faculdade e estudou sob o mesmo professor. Os líderes das duas correntes opostas no movimento religioso do décimo sexto século viveram muito próximo, debaixo do mesmo telhado e se sentando à mesma mesa. Calvino já durante este período mostrou as características proeminentes do seu caráter: ele era consciencioso, estudioso, silencioso,

---

1564: Sua Vida e Sua Obra, p. 27; William Wileman, "John Calvin. His Life, His Teaching & Influence," *John Calvin Collection,* [CD-ROM], (Albany, OR: Ages Software, 1998), p. 11-12.

[139]O Comentário de Calvino sobre Sêneca publicado em abril de 1532 seria dedicado a Claude; na Dedicatória, redigida em Paris (04/4/1532), reconhecendo a sua dívida para com a família de seu amigo, diz: "Nosso Comentário que recomendo à sua guarda, receba-o como os primeiros frutos de nossa colheita, dedicado e inscrito por direito e mérito a você; não só porque eu devo a você tudo que sou e que tenho, pois desde bem cedo, ainda menino fui educado dentro da sua casa e iniciado nos mesmos estudos junto com você, eu estou endividado com a sua mui nobre família por meu primeiro aprendizado na vida e nas letras." (John Calvin, "Commentary on Seneca's de Clementia," *John Calvin Collection,* [CD-ROM], (Albany, OR: Ages Software, 1998), p. 8).

[140] Quanto à discussão relativa à validade dessa tradição, ver: Alister E. McGrath, *A Vida de João Calvino*, p. 37ss.

[141]Paris tinha uma população estimada em 300 mil habitantes. Possuía também um grande número de estudantes, entre 4 e 5 mil. A região de Montaigu era cercada por ruas estreitas e fétidas. A escola sobreviveria até o século XVIII quando, foi extinta durante a Revolução Francesa (Cf. Alister E. McGrath, *A Vida de João Calvino*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004, p. 37, 45ss).

[142] Vejam-se, entre outros: Alister E. McGrath, *A Vida de João Calvino*, p. 44ss.

[143] Foi aqui que Calvino se familiarizaria com a teologia de Aquino, Agostinho e Jerônimo, entre outros teólogos antigos. (Cf. Wilson Castro Ferreira, *Calvino: Vida, Influência e Teologia,* p. 41. Do mesmo modo: Donald S. Wallace, *Calvino, Genebra e a Reforma,* São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003, p. 10).

[144]Cf. Theodore Beza, "Life of John Calvin," *John Calvin Collection,* [CD-ROM], (Albany, OR: Ages Software, 1998), p. 4. Ver: Thomas F. Torrance, *The Hermeneutics of John Calvin,* Edinburgh: Lindsay & Co. Ltd., 1988, p. 80.

[145] A amplitude da influência de seus professores é discutível. Mcgrath dá-nos um resumo de algumas posições, Ver: Alister E. McGrath, *A Vida de João Calvino*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004, p. 53ss.

[146] Donald S. Wallace, Calvino, *Genebra e a Reforma,* p. 10.

[147] Cf. Thomas F. Torrance, *The Hermeneutics of John Calvin,* p. 80ss. Veja-se também: Anthony N.S. Lane, *John Calvin: Student of the Church Fathers,* Grand Rapids, Mi: Baker Books, 1999, p. 16ss.

reservado, animado por um estrito senso de dever, e sumamente religioso."[148] No entanto, todos esses jovens, Erasmo, Calvino e Loyola – foram formados lendo entre outras obras piedosas, a atribuída ao místico Thomas à Kempis (c. 1380-1471), *Imitação de Cristo*, a qual mesmo sem citar, parece tê-lo influenciado em sua formação,[149] destacando-se, ainda que não exclusivamente,[150] *As Institutas* (III.7-10) e a *Verdadeira Vida Cristã*.[151]

Nesse mesmo ano (1528) – concluído o seu curso de Artes –, dá-se algo inusitado; devido a uma disputa de seu pai com os clérigos de Noyon – assunto ainda não esclarecido satisfatoriamente –, ele resolveu enviar seu filho para a conceituada e concorrida universidade de Orléans, onde se dedicaria ao estudo de Direito, sob a influência do conceituado jurista, Pierre l'Étoile, cognominado de "rei da jurisprudência"[152] e "príncipe dos juristas".[153] Aqui Calvino tornou-se Bacharel em Direito ("licencié ès lois") (14/2/1532). Como Calvino resolveu deixar a universidade antes de completar os seus estudos, a Academia – em reconhecimento aos seus serviços prestados –, resolveu por voto unânime de seus professores conferir-lhe o grau de Doutor em Direito, sem cobrar-lhe as taxas habituais; no entanto, não há consenso se Calvino aceitou ou não o título.[154] Foi para Bourges certamente atraído pelo famoso humanista e mestre de Direito, o italiano Andrea Alciati, "um jurista de primeira linha, teórico da soberania do Príncipe".[155] Na já famosa Universidade de Bourges, fundada em 1463 por Luís XI, estudaria com Alciati e Melchior Wolmar, a quem conhecera em Orléans.

Ele mesmo resumiria a sua infância: "Quando era ainda bem pequeno, meu pai me destinou aos estudos de teologia. Mais tarde, porém, ao ponderar que a profissão jurídica comumente promovia aqueles que saíam em busca de riquezas, tal prospecto o induziu a subitamente mudar seu propósito. E assim aconteceu de eu ser afastado do estudo de filosofia e encaminhado aos estudos da jurisprudência. A essa atividade me diligenciei a aplicar-me com toda fidelidade, em obediência a meu pai; mas Deus, pela secreta providência, finalmente deu uma direção diferente ao meu curso."[156]

Quanto à sua capelania, recebeu outro encargo; o curato de Saint-Martin de Martheville (Setembro de 1527). Em 30 de abril de 1529 Calvino resignou a capelania de La Gesine em favor do irmão mais jovem, Antoine e, em 5 de julho de 1529, trocou o cargo de San Martin para o da aldeia Pont-l'Evèque (local de nascimento de seu pai). Com a morte de seu pai (25 ou 26 de maio

---

[148] Philip Schaff, *History of the Christian Church,* Vol. VIII, p. 302. Loyola contudo, ficaria pouco tempo no Colégio de Montaigu; em 01/11/1529 foi estudar Filosofia no já tradicional Colégio de Santa Bárbara (fundado em 1460), dirigido pelo padre português Diogo de Gouveia, o Velho (nascido por volta de 1471), que se propusera, entre outras coisas, à formação de teólogos portugueses com bolsas fornecidas pela coroa portuguesa. (Vd. Rómulo de Carvalho, *História do Ensino em Portugal,* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, (1986), p. 143-144, 170ss; 284).

[149] Ver: Thomas F. Torrance, *The Hermeneutics of John Calvin,* p. 74-75. Ver também: Donald S. Wallace, *Calvino, Genebra e a Reforma,* São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003, p. 10, 158-160. Segundo Peter Toon, a obra de Kempis tem hoje mais de 2000 edições impressas (Peter Toon, Tomas de Kempis: In: J.D. Douglas, ed. *Diccionario de Historia de la Iglesia,* Miami: Editorial Caribe, 1989, p. 632).

[150] Ver outras correlações em: Thomas F. Torrance, *The Hermeneutics of John Calvin,* p. 75ss.

[151] João Calvino, *A Verdadeira Vida Cristã,* São Paulo: Novo Século, 2000, *passim*.

[152] Cf. Wilson Castro Ferreira, *Calvino: Vida, Influência e Teologia,* p. 45.

[153] Cf. Vicente T. Lessa, *Calvino 1509-1564: Sua Vida e Obra,* p. 50.

[154] Beza em sua reticência, deixa entender que ele recebeu, contudo na sua narrativa não fica claro esse ponto (Theodore Beza, *Life of John Calvin:* In: *Tracts and Treatises on the Reformation of the Church,* Vol. I, lxi; Theodore Beza, "Life of John Calvin," *John Calvin Collection,* [CD-ROM], (Albany, OR: Ages Software, 1998), p. 5 . Vejam-se: Philip Schaff, *History of the Christian Church,* Vol. VIII, p. 306;. Vicente T. Lessa, *Calvino 1509-1564: Sua Vida e Obra,* p. 51; Wilson Castro Ferreira, *Calvino: Vida, Influência e Teologia,* p. 45-46.

[155] Emmanuel Le Roy Ladurie, *O Mendigo e o Professor: a saga da família Platter no século XVI,* Rio de Janeiro: Rocco, 1999, Vol. 1, p. 325.

[156] João Calvino, *O Livro dos Salmos,* São Paulo: Paracletos, 1999, Vol. 1, p. 37-38.

1531) tornou a Paris para continuar seus estudos literários e durante certo período voltou a Orléans para concluir seu curso de Direito.

Quando um de seus amigos, Nicolás Cop foi eleito reitor da Universidade de Paris,[157] Calvino talvez o tenha ajudado a preparar o seu discurso,[158] que foi lido na igreja dos Maturinos,[159] como de costume no dia 1º de novembro de 1533. Neste discurso propunha-se uma reforma na Igreja. A resposta foi imediata; Cop e Calvino tiveram de fugir de Paris; Cop voltou à sua terra natal, Basiléia e Calvino para outras cidades francesas. Em 1534, Calvino completaria 25 anos,

[157]As universidades são produto da Idade Média (séc. XII), resultante dos contatos entre o mundo Ocidental com o muçulmano e bizantino. A criação das Universidades expressa o ideal educativo medieval, com todos os seus ingredientes culturais. No entanto, devemos ter em mente que a idéia de Universidade não deve ser associada, como hoje fazemos, a um conjunto de prédios, de faculdades dedicadas ao ensino e pesquisa, antes ao grêmio de professores e alunos que se dedicam ao estudo e, que "formavam uma corporação jurídica de direito próprio." (Philotheus Boehner & Etienne Gilson, *História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa,* 3ª ed. Petrópolis, RJ.: Vozes, 1985, p. 355). Elas só podiam ser fundadas pelo Imperador (*"fundação real"*) ou pelo Papa (*"fundação pontífica"*). Mesmo aquelas surgidas "espontaneamente" ou "nascidas por migração", tinham o seu reconhecimento oficial através de um documento papal ou real. Esta *licentia docendi* foi a forma encontrada pela igreja para preservar o seu monopólio. (Vd. Jacques Verger, *As Universidades na Idade Média,* São Paulo: Editora Unesp., 1990, p. 41-45; Christophe Charle & Jacques Verger, *História das Universidades,* São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996, p. 14-15). Estas universidades tornaram-se com o passar do tempo (século XIII), em objeto de competições por parte dos monarcas dos respectivos países (Até o fim deste século foram fundadas 46 universidades), que desejavam ter sob o seu domínio, um "studium generale" – cursos que não eram universitários e, que podiam ser freqüentados por alunos de todas as partes e cujos graus tinham um valor universal –, com o mesmo prestígio da de Paris, Bolonha e Salerno. A Universidade de **Paris** que é de origem "espontânea" (tendo os Estatutos, elaborados por Roberto Courson, aprovados em 1215) (Cf. Jacques Le Goff, *Os Intelectuais na Idade Média,* 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1993, p. 62, 137), constava de quatro Faculdades: Teologia, Filosofia ("Artes") (a mais concorrida), Direito (O direito civil foi banido a partir de 1219) e Medicina. Todavia, ela especializou-se no ensino de Teologia, tornando-se para a "santa igreja", como "a árvore da vida". Em 1255, escreve o papa Alexandre IV (1254-1261): "A ciência das escolas de Paris está na Santa Igreja como a árvore da vida no paraíso terrestre e como a lâmpada refulgente na casa do Senhor. Como uma mãe fecunda de erudição, ela faz jorrar em abundância das fontes da doutrina da salvação os rios que vão banhar a face estéril da terra, ela alegra por toda parte a Cidade de Deus e subdivide as águas da ciência que faz correr nas praças públicas para o refrigério das almas sedentas de justiça.... É em Paris que o gênero humano, deformado pela cegueira de sua ignorância original, recupera sua visão e sua beleza pelo conhecimento da luz verdadeira que irradia da ciência divina" (In: Etienne Gilson, *A Filosofia na Idade Média,* São Paulo: Martins Fontes, p. 490. Vejam-se também: António J. Saraiva, *O Crepúsculo da Idade Média em Portugal,* Lisboa: Gradiva, 1988, p. 112; António J. Saraiva, *História da Cultura,* Lisboa: Jornal do Fôro, 1950, Vol. 1, p. 30, 96,98). Este elogio de Alexandre IV, envolvia obviamente a sua vitória sobre a autonomia da Universidade, na qual ele demitiu e contratou quem desejou, concedendo amplos poderes aos religiosos mendicantes... fiéis ao papa. A Universidade de Paris – apesar do antagonismo interno –, tornou-se a definidora, defensora e divulgadora da ortodoxia católica, tendo os papas ao longo dos anos, contribuído decisoriamente para a sua projeção internacional. "Ora, na medida em que ensinava teologia, a Universidade de Paris cessava de pertencer a si mesma e dependia de uma jurisdição mais alta do que a da razão individual ou da tradição escolar. Sua própria importância, o número sem cessar crescente dos mestres e alunos que vinham de todas as partes do mundo cristão para aí se instruir faziam dela a fonte do erro ou da verdade teológicos para toda a cristandade" (Etienne Gilson, *A Filosofia na Idade Média,* p. 487). Aliás, os papas procuravam sempre tornar as Universidades em instrumento conservador e defensor da "ortodoxia" católica... Por outro lado, os reis também viam nas Universidades um meio de projeção pessoal e propagação do seu reino. Os mestres formados em Paris tinham em geral uma bela carreira pela frente no alto clero.

Em pleno século XVI – quando Platão, Cícero e Quintiliano continuavam sendo redescobertos em detrimento de Aristóteles, "papa da filosofia", que passara a ser olhado na maioria dos círculos Humanistas com desconfiança por associarem-no ao espírito medieval – a Universidade de Paris constituia-se em exceção, visto que Aristóteles continuaria grandemente prestigiado. (Cf. Alister E. McGrath, *A Vida de João Calvino*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004, p. 51-52).

[158] Este ponto não é consensual entre os especialistas. Ver: Alexandre Ganoczy, *The Young Calvin,* Philadelphia: The Westminster Press, 1987, p. 80-83; Daniel-Rops, *A Igreja da Renascença e da Reforma: I. A reforma protestante,* p. 370 ; Jacques Pannier em introdução *As Institutas da Religião Cristã: edição especial com notas para estudo e pesquisa*, São Paulo: Cultura Cristã, 2006, Vol. 1, p. 10.

[159] Cf. Daniel-Rops, *A Igreja da Renascença e da Reforma: I. A reforma protestante,* p. 370.

idade legal para ser ordenado; agora é o momento de assumir de fato a sua fé e ofício. Assim, em 4 de maio de 1534, voltou a Noyon e renunciou aos seus benefícios eclesiásticos.[160] As perseguições então intensificaram-se.[161] Novamente ele inicia as suas peregrinações: Paris, Angoulême, Poitiers; passaria algum tempo na Itália, Estrasburgo e Basiléia (1535). Como fica evidente, nesse ínterim, Calvino havia sido convertido ao protestantismo; a questão é: como e quando?

2. A CONVERSÃO DE CALVINO:

> "Na verdade, o Senhor chama eficazmente só os eleitos" – João Calvino, *Exposição de Hebreus,* São Paulo, Paracletos, 1997, (Hb 6.4), p. 153.

> "O fundamento de nossa vocação é a eleição divina gratuita pela qual fomos ordenados para a vida antes que fôssemos nascidos. Desse fato depende nossa vocação, nossa fé, a concretização de nossa salvação" – João Calvino, *Gálatas,* São Paulo: Paracletos, 1998, (Gl 4.9), p. 128.

Não nos é possível precisar as circunstâncias e data da "súbita conversão" de Calvino, contudo as evidências apontam para um período entre (c. 1532-1534), portanto, em Orléans ou Paris. Devemos estar atentos também, para o fato de que a vida de Calvino mesmo antes da sua conversão não fora marcada por um comportamento dissoluto e imoral – já tão comum nos jovens de seu tempo –, antes, a sua conversão, como observa Schaff, "foi uma transformação do Romanismo para o Protestantismo, da superstição papal para a fé evangélica, do tradicionalismo escolástico para a simplicidade bíblica".[162]

Crer-se que o seu primo Olivétan – ainda que não isoladamente[163] –, teve uma participação importante na sua conversão ao Protestantismo.[164] Félice chega a afirmar que, "...a Bíblia que

---

[160] Vejam-se: Alexandre Ganoczy, *The Young Calvin,* Philadelphia: The Westminster Press, 1987, p. 85; Alister E. McGrath, *A Vida de João Calvino*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004, 91-92.

[161] Ver: Vicente Temudo Lessa, *Calvino: 1509-1564: Sua Vida e Sua Obra,* p. 63; Wilson Castro Ferreira, *Calvino: Vida, Influência e Teologia,* p. 64-65.

[162] Philip Schaff, *History of the Christian Church,* Vol. VIII, p. 310. Bem mais tarde, seu discípulo e sucessor, Teodore Beza (1519-1605), escreveria: "Estes são os eventos principais na vida e morte de Calvino que eu mesmo testemunhei durante os últimos dezesseis anos. Eu penso que estou qualificado para declarar que nele foi exibido diante de todos os homens, um dos mais belos e ilustres exemplos de vida piedosa e morte triunfante de um verdadeiro cristão; que será fácil pela malevolência caluniar, como será difícil devido a sua exaltada virtude imitar". [Theodore Beza, "Life of John Calvin," *John Calvin Collection,* [CD-ROM], (Albany, OR: Ages Software, 1998), p. 65; Outra tradução: Theodore Beza, *Life of John Calvin:* In: *Tracts and Treatises on the Reformation of the Church,* Vol. I, p. cxxxviii. Vd. Philip Schaff, *History of the Christian Church,* Vol. VIII, p. 272].

[163] Fala-se também de Jacques Lefèvre D'Étaples (1455-1536), a "estrela-d'alva" da Reforma, e de seu discípulo, Melchior Wolmar († 1561), professor de grego de Calvino e "fanático de Lutero", conforme expressão de Daniel-Rops (Daniel-Rops, *A Igreja da Renascença e da Reforma: I. A reforma protestante,* p. 367). [Vd. Philip Schaff, *History of the Christian Church,* Vol. VIII, p. 305, 310; (Vd. John T. McNeill, *The History and Character of Calvinism,* New York: Oxford University Press, 1954, p. 110,195; C.H. Irwin, *Juan Calvino: Su Vida y Su Obra,* Barcelona: CLIE., (1991), p. 22)]. O sábio Lefèvre desejava uma reforma na igreja romana. O historiador católico Daniel-Rops (1901-1965) (pseudônimo de Henri Petiot), mesmo não admitindo que Lefèvre nutria simpatia para com o luteranismo (p. 356), escreve: "Na prática, o que ele preconizava era uma reforma levada a cabo na Igreja e pela Igreja, uma reforma intelectual que substituísse a degenerada escolástica por uma teologia positiva, baseada no estudo da Escritura e dos Santos Padres, e também uma reforma moral e disciplinar que pusesse fim aos abusos gritantes. Por que meios se realizaria tal reforma? Por um regresso da alma fiel à verdade de Cristo e por uma penetração do Evangelho em todas as

recebeu das mãos de um de seus parentes, Pedro Roberto Olivetan, o arrebatou do catolicismo....".[165] Lembremo-nos de que Calvino não é muito pródigo ao falar da sua vida. No que se refere à sua conversão, em 1539 diz: "Contrariado com a novidade, eu ouvia com muita má vontade e, no início, confesso, resisti com energia e irritação; porque (tal é a firmeza ou descaramento com os quais é natural aos homens resistir no caminho que outrora tomaram) foi com a maior dificuldade que fui induzido a confessar que, por toda minha vida, eu estivera na ignorância e no erro."[166] Na introdução do seu comentário de Salmos (1557), diz que: "Inicialmente, visto eu me achar tão obstinadamente devotado às superstições do papado, para que pudesse desvencilhar-me com facilidade de tão profundo abismo de lama, Deus por um ato súbito de conversão,[167] subjugou e trouxe minha mente a uma disposição suscetível, a qual era mais empedernida em tais matérias do que se poderia esperar de mim naquele primeiro período de minha vida."[168] Também na já citada carta ao Cardeal Sadoleto (01/09/1539), Calvino descreve as suas angústias espirituais no romanismo, resultantes do que a igreja pregava.[169] No entanto, em nenhum momento, Calvino menciona o instrumento humano usado por Deus.

A Bíblia Francesa (1535), traduzida por Pierre Robert – apelidado de "Olivetanus", daí, Olivétan (c.1506-1540)[170] –, primo de Calvino,[171] foi a primeira tradução Protestante francesa das Escrituras,[172] feita a pedido e às expensas dos Valdenses, que gastaram na impressão 1.500 escudos.[173] A tradução, feita diretamente dos Originais Hebraicos e Gregos, foi utilizada pela

---

consciências. Era à Escritura, à palavra sagrada, que, muitos anos antes de Lutero, Lefèvre d'Étaples confiava as possibilidades da indispensável renovação." (Daniel-Rops, *A Igreja da Renascença e da Reforma: I. A reforma protestante,* p. 352).

[164]John T. McNeill, *The History and Character of Calvinism,* p. 108-117; Vicente T. Lessa, *Calvino 1509-1564: Sua Vida e Obra,* São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, [s.d.], p. 47; E.E. Cairns, *O Cristianismo Através dos séculos: Uma História da Igreja Cristã,* p. 252 ; P. Schaff, *The Creeds of Christendom,* 6ª ed. Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, (Revised and Enlarged), (1931), Vol. I, p. 425ss.; André Biéler, *O Pensamento Econômico e Social de Calvino,* São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990, p 121; Alister McGrath, *The Intellectual Origins of The European Reformation,* Cambridge, Massachusetts: Blackwell Publishers, 1995 (reprinted), p. 54; Georgia Harkness, *John Calvin: The Man and His Ethics,* New York: Abingdon Press, 1958, "preface", p. 6-7; Wilson Castro Ferreira, *Calvino: Vida, Influência e Teologia,* Campinas, SP.: Luz para o Caminho, 1985, p. 50-51; Jorge P. Fisher, *Historia de la Reforma,* Barcelona: CLIE., (1984), p. 196-198; William R. William, *Eras and Characters of History,* New York: Harper & Brothers, Franklin Square, 1882, p. 207; Daniel-Rops, *A Igreja da Renascença e da Reforma: I. A reforma protestante,* p. 368ss.; François Wendel, *Calvin,* p. 37ss.

[165] G. de Félice, *História dos Protestantes da França,* São Paulo: Typographia International, 1888, p. 51. (Provavelmente, a "Bíblia" mencionada por Félice, seja a edição do Novo Testamento de 1534).

[166]Juan Calvino, *Respuesta al Cardeal Sadoleto,* 4ª ed. Barcelona: Fundación Editorial de Literatura Reformada, 1990, p. 63; John Calvin, *Tracts and Treatises on the Reformation of the Church,* Vol. I, p. 62.

[167] Este ato "súbito" não precisa ser entendido necessariamente algo "repentino". Pode indicar também algo "não-premeditado" (Cf. Timothy George, *Teologia dos Reformadores,* 174).

[168]João Calvino, *O Livro dos Salmos,* Vol. 1, p. 38. (Veja-se: Timothy George, *Teologia dos Reformadores,* p. 171-185 (especialmente).

[169] Vd. Juan Calvino, *Respuesta al Cardeal Sadoleto,* p. 61-64.

[170] Olivétan estudou grego e hebraico com Bucer em Estrasburgo (1528). (Cf. Philip Schaff, *History of the Christian Church,* Vol. VIII, p. 299).

[171]Cf. W.S. Reid, Olivétan: In: J.D. Douglas & Philip W. Comfort, eds. *Who's Who In Christian History,* Wheaton, Illinois, Tyndale House Publishers, Inc. 1992, p. 520; W.S. Reid, A Propagação do Calvinismo no Século XVI: In: W. Stanford Reid, ed. *Calvino e Sua Influência no Mundo Ocidental,* São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990, p. 46; Vicente T. Lessa, *Calvino 1509-1564: Sua Vida e Obra,* p. 47-48; E. E. Cairns, *O Cristianismo Através dos séculos: Uma História da Igreja Cristã,* p. 252; J. Delumeau, *O Nascimento e Afirmação da Reforma,* p. 116; Timothy George, *Teologia dos Reformadores,* p. 172).

[172]Cf. J. Angus, *História, Doutrina e Interpretação da Bíblia,* 3ª ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1971, p. 126; P. Schaff, *The Creeds of Christendom,* Vol. I. 424.

[173]Cf. Ernesto Tron, *Historia de los Valdenses,* Colonia Valdense: Libreria Pastor Miguel Morel, 1952, p. 25; Robert. D. Linder, Olivétan: In: J.D. Douglas, ed. ger. *The New International Dictionary of the Christian Church,* p. 730; V.T. Lessa, *Calvino 1509-1564: Sua Vida e Obra,* p. 47; O.F. Fritzsche, Bible Versions: In: Philip Schaff, ed. *Religious*

primeira geração de Calvinistas Franceses na proclamação do Evangelho.[174] O Novo Testamento foi editado em 1534, saindo a segunda edição em 1535, acompanhado do Antigo Testamento. Esta edição (segunda do Novo Testamento e primeira da Bíblia completa), foi revisada e prefaciada por Calvino, intitulado: "A todos os que amam a Jesus Cristo e a seu evangelho".[175] Aqui temos o primeiro testemunho público de Calvino que indica a sua conversão. Posteriormente, Beza (1519-1605) fez nova revisão da *Bíblia Francesa*,[176] que continuou sendo revista de quando em quando nos séculos seguintes.[177]

Encyclopaedia: or Dictionary of Biblical, Historical, Doctrinal, and Practical Theology, Chicago: Funk & Wagnalls, Publishers, (revised edition), 1887, Vol. I, p. 288).

[174]Cf. Robert. D. Linder, Olivétan: In: J.D. Douglas, ed. ger. *The New International Dictionary of the Christian Church,* p. 730.

[175]Vd. P. Schaff, *The Creeds of Christendom,* Vol. I, p. 424; O.F. Fritzsche, Bible Versions: In: Philip Schaff, ed. *Religious Encyclopaedia: or Dictionary of Biblical, Historical, Doctrinal, and Practical Theology,* I, p. 288; C. Schmidt, Olivétan: In: Philip Schaff, ed. *Religious Encyclopaedia: or Dictionary of Biblical, Historical, Doctrinal, and Practical Theology,* II, p. 1694; J. Delumeau, *O Nascimento e Afirmação da Reforma,* p. 116; Timothy George, *Teologia dos Reformadores,* p. 172; B.F. Westcott, *El Canon de la Sagrada Escritura,* p. 247; John T. McNeill, *The History and Character of Calvinism,* p. 120; *Idem, Los Forjadores del Cristianismo,* Buenos Aires: La Aurora/Casa Unida de Publicaciones, [1956], Vol. II, p. 209; Daniel-Rops, *A Igreja da Renascença e da Reforma: I. A reforma protestante,* p. 372-373).

[176]Antes da tradução de Olivétan, o francês já dispunha de outras traduções completas das Escrituras, como a de (1226-1250) feita por um grupo de tradutores da Universidade de Paris e a de Guiars de Moulins, feita entre 1291-1295. Esta tradução, depois de ser revisada, foi, por ordem de Carlos VIII, publicada, sendo a primeira Bíblia francesa a ser impressa (1487). Ela foi chamada de "A Grande Bíblia", sendo editada 12 vezes no período de 1487-1545. (Vd. B.M. Metzger, Versions, Medieval, etc: In: Geoffrey W. Bromiley, General Editor, *The International Standard Bible Enciclopaedia,* Vol. IV, p. 772; J. Angus, *História, Doutrina e Interpretação da Bíblia,* p. 125). Pouco antes da versão de Olivétan, foi publicada outra tradução, a do católico Jacques Lefèvre D'Étaples (1455-1536) – possivelmente parcialmente simpatizante do Luteranismo, desejando orar "em língua que se entenda" –, que, partindo da Vulgata, publicou a tradução do Novo Testamento em 1523, e a do Antigo Testamento em 1530. Daniel-Rops, sustentando que Lefèvre – pelos seus escritos anteriores à Reforma – era uma espécie Lutero antes de Lutero, ainda que não precursor deste –, mostra que no prefácio da tradução do Novo Testamento, Lefèvre escreveu: "Chegou o tempo em que Nosso Senhor Jesus Cristo, único, sol, verdade e vida, quer que o seu Evangelho seja puramente anunciado em todo o mundo, para que ninguém se deixe extraviar por loucas promessas ou criaturas, nem por quaisquer tradições humanas, que não podem salvar" (Daniel-Rops, *A Igreja da Renascença e da Reforma: I. A reforma protestante,* p. 354). No entanto, em 1546 a tradução de Lefèvre foi incluída no "Index", porém, em 1550, após alguns expurgos das passagens consideradas heréticas, foi reimpressa. (Cf. Bible, Translations of: In: Harry S. Ashmore, Editor in Chief. *Encyclopaedia Britannica,* Chicago: *Encyclopaedia Britannica,* INC. Vol. III, (1963), p. 585; G. Bromiley, Lefèvre D'Étaples: In: J.D. Douglas & Philip W. Comfort, eds. *Who's Who In Christian History,* p. 418; P. Schaff, *The Creeds of Christendom,* Vol. I. 492; J. Angus, *História, Doutrina e Interpretação da Bíblia,* p. 125; Gordon A. Catherall, Faber, Jacobus: In: J.D. Douglas, ed. ger. *The New International Dictionary of the Christian Church,* p. 367; André Biéler, *A Força Oculta dos Protestantes,* São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1999, p. 45). D'Aubigné apresenta datas um pouco diferentes; ele diz: "No dia 30 de Outubro de 1522 publicou uma tradução francesa dos quatro Evangelhos; no dia 6 de Novembro os livros restantes do Novo Testamento; no dia 12 de Outubro de 1524, todos esses livros juntos, na editora Collin, em Meaux, e em 1525 uma versão francesa dos Salmos." (M. D'Aubigné, *História da Reforma do Décimo-Sexto Século,* IV, p. 169. Vd. também, p. 231). A tradução de Lefèvre D'Étaples foi de grande importância para a implantação e disseminação da Reforma na França (Vd. M. D'Aubigné, *História da Reforma do Décimo-Sexto Século,* Vol. IV, p. 168ss).

[177] Cf. J. Angus, *História, Doutrina e Interpretação da Bíblia,* p. 126; V.T. Lessa, *Calvino 1509-1564: Sua Vida e Obra,* p. 47. Nunca é demais lembrar, que Calvino dominava o latim, hebraico e grego (Vd. W. Walker, *História da Igreja Cristã,* Vol. II, p. 69-71; K.S. Latourette, *Historia del Cristianismo,* Vol. II, p. 100-101; P. Schaff, *The Creeds of Christendom,* Vol. I, p. 424ss; Hans-Joachim Kraus, Calvin's Exegetical Principles: In: *Interpretation* 31 (1977), Virginia, p. 14-15).

3. CALVINO COMO HUMANISTA:

> "Os homens jamais encontrarão um antídoto para suas misérias, enquanto, esquecendo-se de seus próprios méritos, diante do fato de que são os únicos a enganar a si próprios, não aprenderem a recorrer à misericórdia gratuita de Deus" – João Calvino, *O Livro dos Salmos,* Vol. 1, (Sl 6.4), p. 128-129.

Podemos dizer no sentido mais pleno da palavra que Calvino (1509-1564) era um genuíno humanista, estando profundamente interessado pelo ser humano. Ainda que de passagem, examinemos alguns pontos que ilustram a nossa tese.

1) Seu Conhecimento Humanístico

Já bem cedo Calvino revela o seu fino método de análise filológica e literária aprendido com os humanistas.[178] Ele evidencia isso na sua primeira obra escrita,[179] publicada inclusive com os seus próprios recursos:[180] a edição comentada do livro de Sêneca, *De Clementia* (4 de abril de 1532) – "o principal monumento dos conhecimentos humanísticos do jovem Calvino", diz McNeill;[181] "Sólido trabalho de um humanista muito jovem e já brilhante", comenta Boisset;[182] um "erudito de primeira linha", acrescenta Parker.[183] Resume Ganoczy: "O seu comentário sobre De Clementia é a epítome de um estudo humanista de um documento antigo".[184] Nessa obra – da qual uma cópia foi enviada a Erasmo –, o então jovem autor (23 anos), já revelava o seu gosto literário, erudição,[185] amplo conhecimento da literatura grega e romana, uma perspectiva sóbria e um estilo próprio de análise – lapidado dentro de uma análise filológica e literária da melhor qualidade – que se tornaria uma de suas marcas em seus comentários bíblicos.[186] Já nesse trabalho pioneiro, Calvino parece desafiar o soberano, quando define o tirano como aquele que governa contra a vontade de seu povo e, seguindo a concepção de Aristóteles (384-322 a.C.),[187] interpreta a tirania como "uma

---

[178]Cf. Moisés Silva, Em Favor da Hermenêutica de Calvino: In: Walter C. Kaiser Jr. & Moisés Silva, *Introdução à Hermenêutica Bíblica,* São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p. 246-247.

[179]Não consideramos aqui o prefácio de Calvino ao trabalho de seu amigo Nicholas Duchemin, *Antapologia***,** (6/3/1531).

[180]Cf. John Calvin, "To Francis Daniel," *John Calvin Collection,* [CD-ROM], (Albany, OR: Ages Software, 1998), (23/05/1532), nº 5, p. 37 e John Calvin, "To Francis Daniel," *John Calvin Collection,* [CD-ROM], (Albany, OR: Ages Software, 1998), (1532), nº 6, p. 38.

[181]John T. McNeill, *The History and Character of Calvinism,* p. 104. "Os Comentários sobre Sêneca foram de certo modo a culminação do humanismo do jovem Calvino" (Quirinus Breen, *John Calvin: A Study in French Humanism,* Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1931, p. 67).

[182]Jean Boisset, *História do Protestantismo,* p. 57.

[183] T.H.L. Parker, *Portrait of Calvin,* London: SCM Press, 1954, p. 19.

[184]Alexandre Ganoczy, *The Young Calvin,* Philadelphia: The Westminster Press, 1987, p. 179. Ver também: François Wendel, *Calvin,* New York: Fontana Library, 1965, p. 27.

[185] George a denomina de "Obra-prima de erudição" (Timothy George, *Teologia dos Reformadores,* p. 171).

[186]Vd. B.B. Warfield, *Calvin and Calvinism,* Grand Rapids, Michigan: Baker Book House (The Work's of Benjamin B. Warfield), 1981, Vol. V, p. 4; Timothy George, *Teologia dos Reformadores,* p. 171; Alister C. McGrath, *The Intellectual Origins of The European Reformation,* p. 54; Wilson C. Ferreira, *Calvino: Vida, Influência e Teologia,* p. 141ss.; Ronald S. Wallace, *Calvin, Geneva and the Reformation,* Grand Rapids, Michigan/Edinburgh, UK.: Baker Book House/Scottish Academic Press, 1990, p. 5; Justo L. Gonzalez, *A Era dos Reformadores,* p 109; P. Schaff, *The Creeds of Christendom,* Vol. I, p. 424-425; Philip Schaff, *History of the Christian Church,* Vol. VIII, p. 308-309; Moisés Silva, Em Favor da Hermenêutica de Calvino: In: Walter C. Kaiser Jr. & Moisés Silva, *Introdução à Hermenêutica Bíblica,* São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p. 246-247.

[187]Aristóteles escrevera que "Na tirania há pouca ou nenhuma amizade. Com efeito, onde nada aproxima o governante dos governados não pode haver amizade, uma vez que não há justiça" [Aristóteles, *Ética a Nicômaco,* São Paulo: Abril Cultural, (Os Pensadores, Vol. IV), 1973, VIII.11, 1160 30. p. 391].

transgressão dos verdadeiros limites de realeza",[188] revelando, ainda que embrionariamente a sua ousadia, que tão bem caracterizará a sua vida como pregador, escritor e administrador. Esta perspectiva humanista vai ser o fator determinante na sua aproximação pedagógica.[189]

[188]John Calvin, "Commentary on Seneca's de Clementia," *John Calvin Collection*, [CD-ROM], (Albany, OR: Ages Software, 1998), p. 133. "Muitas farpas que disparava tinham em vista a ordem estabelecida, a Igreja e a escolástica" (Daniel-Rops, *A Igreja da Renascença e da Reforma: I. A reforma protestante,* p. 367-368). Mais tarde, escreveria em lugares diferentes: "Os príncipes e os magistrados devem, pois, recordar de Quem são servidores quando cumprem seu ofício, e não fazer nada que seja indigno de ministros e lugar-tenente de Deus. A primeira de suas preocupações deve ser a de conservar, em sua verdadeira pureza, a forma pública da religião, conduzir a vida do povo com boas leis, e procurar o bem, a tranqüilidade pública e doméstica de seus súditos" [Juan Calvino, *Breve Instruccion Cristiana,* Barcelona: Fundación Editorial de Literatura Reformada, 1966, p. 83]. Partindo do princípio que as formas de governo estão sujeitas à falhas diz: "É verdade que o rei, ou qualquer indivíduo que exerça o poder monárquico, facilmente baixa á condição de tirano. Mas é igualmente fácil, quando elementos de alta posição exercem o governo, eles conspirarem para impor uma dominação iníqua. E ainda é muito mais fácil o surgimento de sedições quando é o povo que exerce a autoridade", conclui, mostrando que Deus Se digna em manifestar a Sua providência através da variedade de governos, aos quais devemos nos submeter: "se deixarmos de fixar o nosso olhar só numa cidade e observarmos o mundo inteiro ou alguns países, por certo veremos que não é sem a ação da providência de Deus que diversas regiões sejam governadas por formas diversas de governo. Porque, assim como não se podem manter os elementos senão com uma proporção e uma temperatura desiguais, assim também não se pode manter os governos senão por meio de uma certa desigualdade. Contudo, não há necessidade de demonstrar todos os aspectos disto para aqueles para os quais a vontade de Deus é argumento suficiente. Porque, se é da vontade de Deus constituir reis sobre os reinos, e outras formas de autoridade sobre povos não sujeitos à monarquia, a nós compete sujeitar-nos e obedecer às autoridades que nos dominarem onde vivermos" [João Calvino, As Institutas, (1541), IV.16]. "[Os governantes] encontram amplíssima consolação ao verificarem que a sua vocação não é algo profano nem alheio a um servo de Deus, mas um cargo sacratíssimo, já que, ao exercê-lo, eles fazem as vezes de Deus e executam o Seu ofício" [João Calvino, *As Institutas,* (1541), IV.16]. "Ele (Davi) prescreve uma norma aos reis terrenos, a saber: que, devotando-se ao bem público, seu único desejo para que sejam preservados é o bem de seu povo. Quão longe a realidade se acha disto, nem é preciso dizer. Cegados de soberba e presunção, desprezam o resto do mundo, como se sua pompa e dignidade os elevassem totalmente acima do estado comum do homem. Nem é para se admirar que a humanidade seja tão insolente e habitualmente pisoteada pelos pés dos reis, já que a maioria rejeita e desdenha carregar a cruz de Cristo" [João Calvino, *O Livro dos Salmos,* São Paulo, Paracletos, 1999, Vol. 1, (Sl 28.9), p. 610]. Comentando o Salmo 45, faz uma crítica aos reis de sua época que governam pela força e não pela persuasão dos argumentos: "Quão manifestamente isso reprova a pobreza de espírito dos reis de nossos dias, por quem é considerado como derrogatório de sua dignidade dialogar com seus súditos e empregar a censura a fim de assegurar sua submissão; mas qual? exibem um espírito de bárbara tirania, buscando antes compeli-los pela força do que persuadi-los com humanidade; e em preferir antes abusar deles, como se fossem escravos, do que governá-los por leis e com justiça como pessoas tratáveis e obedientes" [João Calvino, *O Livro dos Salmos,* Vol. 2, (Sl 45.2), p. 307]. Ver: John T. McNeill, *Los Forjadores del Cristianismo,* Vol. II, p. 210.

[189] Cf. W. Stanford Reid, *Calvin and the Founding of the Academy of Geneva*: In: *Westminster Theological Journal*, 18, (1955), p. 4.

2) Amigo de Humanistas:[190]

O "humanismo" de Calvino, é visível em sua formação, escritos e atitudes. Ele apoiou o humanista Guillaume Budé (1467-1540), que era chamado de "Prodígio da França", e, juntamente com Erasmo (1466-1536) e Juan Luis Vives (1492-1540), foi considerado o "triunvirato do humanismo europeu".[191]

Budé, como historiador, filósofo e helenista, contribuiu para o reavivamento do interesse pela língua e literatura Gregas e colaborou na introdução do Humanismo na França. Calvino também dedicou o seu *Comentário da Primeira Epístola aos Tessalonicenses* (Genebra, 17/02/1550), ao seu mestre de gramática e retórica, conhecido humanista, Maturinus Corderius (1479-1564) – que foi fundamental na formação do estilo de Calvino –, a quem Calvino chama de "homem de eminente piedade e erudição"[192] reconhecendo a sua dívida para com ele.[193] Posteriormente, Corderius, convertido ao Protestantismo, Calvino o convidou a lecionar na Academia de Genebra, o que Corderius aceitou, sendo inclusive durante algum tempo diretor daquela instituição, permanecendo ali até a sua morte em 1564, quatro meses depois de Calvino.[194] Corderius além de brilhante e laborioso professor, era conhecido por sua erudição, piedade e integridade.

Calvino dedicou o seu comentário de *2Coríntios* (01/08/1546) a outro humanista de influência luterana, que lhe ministrara aula de grego (e também a Beza), Melchior Wolmar († 1561), quem, como já fizemos menção, possivelmente pode ter despertado em seus alunos o interesse pela Reforma.[195] Calvino diz que Wolmar era "o mais distinguido dos mestres [de grego]".[196]

3) Humanismo e a Graça Comum:

---

[190] Veja-se um bom resumo a respeito da influência de seus professores sobre a sua formação in: Ford L. Battles, *Interpreting John Calvin,* Grand Rapids, MI.: Baker Books, 1996, p. 47-64. A discussão sobre este assunto é extensa. Vejam-se, entre inúmeros outros: Quirinus Breen, *John Calvin: A Study in French Humanism,* Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1931; Richard C. Gamble, ed., A*rticles on Calvin and Calvinism,* New York & London: Garland Publishing, Inc., 1992; Alister E. McGrath, *A Vida de João Calvino*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004, p. 37ss. Para uma revisão bibliográfica, ver: Don H. Compier, The Independent Pupil: Calvin's Transformation of Erasmus' Theological Hermeneutics. In: *The Westminster Theological Journal,* Philadelphia, Pennsylvania: Westminster Theological Seminary, (1992) 217-233.

[191] Cf. Guillermo Fraile, *Historia de la Filosofia,* Madrid: La Editorial Catolica, S.A. 1966, Vol. III, p. 62.

[192] John Calvin, *Calvin's Commentaries,* Grand Rapids, Michigan: Baker Book House Company, 1981, Vol. XXI, (Prefácio do seu comentário de 1ª Tessalonicenses) p. 234.

[193] Na Dedicatória de 1ª Tessalonicenses, disse: "Eu me reconheço endividado para você pelo progresso que foi feito desde então. E isto eu estava desejoso de testemunhar à posteridade que, se qualquer vantagem provirá a eles de meus escritos, eles saberão que tem em algum grau originado com você." (John Calvin, *Calvin's Commentaries,* Vol. XXI, p. 234).

[194] Corderius morreu em Genebra, em 8 de setembro de 1564. Vd. Theodore Beza, "Life of John Calvin," *John Calvin Collection,* [CD-ROM], (Albany, OR: Ages Software, 1998), p. 4; Timothy George, *Teologia dos Reformadores,* p. 170; Jorge P. Fisher, *Historia de la Reforma,* Barcelona: CLIE., (1984), p. 195-196; C.H. Irwin, *Juan Calvino: Su Vida y Su Obra,* p. 16s.; John T. McNeill, *The History and Character of Calvinism,* p. 98,192; *Idem, Los Forjadores del Cristianismo,* Vol. II, p. 207; Philip Schaff, *History of the Christian Church,* Vol. VIII, p. 301-302.

[195] Vd. J.T. McNeill, *The History and Character of Calvinism,* p. 110,195; C.H. Irwin, *Juan Calvino: Su Vida y Su Obra,* p. 22; Philip Schaff, *History of the Christian Church,* Vol. VIII, p. 305.

[196] J. Calvino, *Exposição de 2 Coríntios,* São Paulo: Paracletos, 1995, *Dedicatória,* p. 8.

Calvino tinha uma visão ampla da cultura, entendendo que Deus é Senhor de todas as coisas; por isso, toda verdade é verdade de Deus. Esta perspectiva amparava-se no conceito da "Graça Comum" ou "Graça Geral" de Deus sobre todos os homens.[197] Ele diz: "... visto que toda verdade procede de Deus, se algum ímpio disser algo verdadeiro, não devemos rejeitá-lo, porquanto o mesmo procede de Deus. Além disso, visto que todas as coisas procedem de Deus, que mal haveria em empregar, para sua glória, tudo quanto pode ser corretamente usado dessa forma?".[198] Em outro lugar: "Se reputamos ser o Espírito de Deus a fonte única da verdade mesma, onde quer que ela haja de aparecer, nem a rejeitaremos, nem a desprezaremos, a menos que queiramos ser insultuosos para com o Espírito de Deus".[199] Por exemplo em passagem magistral, analisando Gn 4.20, destaca o fato de que mesmo na amaldiçoada descendência de Caim, há espaço para a graça de Deus, concedendo-lhe dons que permitissem a invenção das artes e de outras coisas úteis para a vida presente. "Verdadeiramente é maravilhoso, que esta raça que tinha caído profundamente de sua integridade superaria o resto da posteridade de Adão com raros dons".[200] Entende que Moisés registrou isso para realçar a graça de Deus que não se tornou vã sobre estes homens, visto que "havia entre os filhos de Adão homens trabalhadores e habilidosos, que exerceram sua diligência na invenção e no cultivo da arte".[201] Por isso, as "artes liberais (Humanidades) e ciências chegaram até nós pelos pagãos. Realmente, somos compelidos a reconhecer que recebemos deles a astronomia e outras partes da filosofia, a medicina e a ordem do governo civil".[202]

---

[197]Cf. *As Institutas,* II.2.16-17,27; II.3.4. Esta doutrina, que nada mais é do que a compreensão de que o Espírito Santo exerce influência comum sobre os homens em geral, pode ser resumida em três pontos: **1)** Uma atitude favorável da parte de Deus para com a humanidade em geral – eleitos e réprobos –, concedendo-lhes os bens necessários à sua existência: chuva, sol, água, alimento, vestuário, abrigo; **2)** A restrição do pecado feita pelo Espírito Santo na vida dos indivíduos e na sociedade: "A obra da graça divina se vê em tudo que Deus faz para restringir a devastadora influência e desenvolvimento do pecado no mundo...." (L. Berkhof, *Teologia Sistemática,* Campinas, SP.: Luz para o Caminho, 1990, p. 436); **3)** A possibilidade da aplicação da justiça civil por parte do não regenerado: Aquilo que é certo nas atividades civis ou naturais. No entanto, deve ser dito que esta graça: **a)** Não remove a culpa do pecado; **b)** Não suspende a sentença de condenação, portanto, o homem continua sob o juízo de Deus. Deste modo, esta ação do Espírito deve ser distinta da Sua operação efetiva no coração dos eleitos através da qual Ele os regenera. [Vd. L. Berkhof, *Teologia Sistemática,* p. 433ss.; Charles Hodge, *Systematic Theology,* Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1986, Vol. II, p. 654ss.; A.A. Hodge, *Comentario de La Confesion de Fe de Westminster,* Barcelona: CLIE., (1987), Cap. X, p.155-156; A.A. Hodge, *Esboços de Theologia,* Lisboa: Barata Sanches, 1895, Cap. XXVIII, p. 420-421; William G.T. Shedd, *Systematic Theology,* Nashville, Thomas Nelson Publishers, 1980, Vol. II, p. 483ss.; R.L. Dabney, *Lectures in Systematic Theology,* Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1985, Cap. XLVIII, p. 583ss.; P.E. Hughes, Graça: In: Walter A. Elwell, ed. *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã,* São Paulo: Vida Nova, 1990, Vol. II, p. 216-217; Wayne A. Grudem, *Teologia Sistemática,* São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 549; D. Martyn Lloyd-Jones, *Deus o Espírito Santo,* São Paulo: Publicações Evangélicas Selecionadas, 1998, p. 34-42].

[198]João Calvino, *As Pastorais,* São Paulo: Paracletos, 1998, (Tt 1.12), p. 318. Vd. também: *As Institutas,* I.5.2; I.15.6; II.2.13,15, 16. John Calvin, To Bucer, "Letters," *John Calvin Collection,* [CD-ROM], (Albany, OR: Ages Software, 1998), Fevereiro de 1549, nº 236. Fiel a esse princípio, na Academia de Genebra, estudavam-se autores gregos e latinos, tais como: Heródoto, Xenofonte, Homero, Demóstenes, Plutarco, Platão, Cícero, Virgílio, Ovídio, entre outros. (Ver: Philip Schaff, *History of the Christian Church,* Vol. VIII, p. 805; Ronald S. Wallace, *Calvin, Geneva and the Reformation,* p. 99). N*as Institutas,* escreveu: "Admito que a leitura de Demóstenes ou Cícero, de Platão ou Aristóteles, ou de qualquer outro da classe deles, nos atrai maravilhosamente, nos deleita e nos comovem ao ponto de nos arrebatarem" [João Calvino, *As Institutas,* (1541), I.24]. Ver também: Heber Carlos de Campos, A "Filosofia Educacional" de Calvino e a Fundação da Academia de Genebra. In: *Fides Reformata,* São Paulo: Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, 5/1 (2000) 41-56, p. 51.

[199]João Calvino, *As Institutas,* II.2.15. Ele acrescenta: ".... Se o Senhor nos quis deste modo ajudados pela obra e ministério dos ímpios na física, na dialética, na matemática e nas demais áreas do saber, façamos uso destas, para que não soframos o justo castigo de nossa displicência, se negligenciarmos as dádivas de Deus nelas graciosamente oferecidas." (J. Calvino, *As Institutas,* II.2.16). (Vd. J. Calvino, *As Institutas,* II.2.12-17).

[200] John Calvin, *Calvin's Commentaries,* Grand Rapids, Michigan: Baker Book House Company, 1996 (Reprinted), Vol. I, (Gn 4.20), p. 217.

[201] John Calvin, *Calvin's Commentaries,* Vol. I, (Gn 4.20), p. 218.

[202] John Calvin, *Calvin's Commentaries,* Vol. I, (Gn 4.20), p. 218. "É bem verdade que os que receberam instrução sobre as artes liberais, ou que provaram algo delas, têm nesse conhecimento uma ajuda especial para aprofundar-se nos segredos da sabedoria divina" [João Calvino, *As Institutas* (1541), I.11].

Hooykaas (1906-1994) resume o humanismo de Calvino: "Ele era um humanista talentoso e realista demais para aceitar que a Queda tivesse levado o homem a uma total depravação no campo científico."[203] Wallace, por sua vez, acentua que Calvino "sempre insistiu que a tradição precisava ser constantemente corrigida pelo ensino das Sagradas Escrituras e ser subordinada a elas. Porém, ele sempre foi cuidadoso e criterioso em examinar minuciosamente dentro da tradição o que devia ser rejeitado e o que devia ser aceito. Ninguém foi mais obstinado em manter aquilo que ele tinha experimentado como algo bom, qualquer que fosse sua origem, contanto que sua retenção não atrapalhasse a total sujeição de sua mente e de sua vida à Palavra de Deus ou o desviasse de seguir a Cristo".[204]

4) Objetividade Desejada:

Calvino procurava ser objetivo em sua análise bíblica, teológica e mesmo nas questões cotidianas. Analisando a divergência entre os Zuinglianos e os Luteranos concernente à Ceia do Senhor, comentou: "Uns e outros erraram em não ter paciência para escutar-se a fim de seguir a verdade sem parcialidade, onde quer que se encontrasse".[205]

A) LIMITAÇÕES DE NOSSO CONHECIMENTO:

Essa compreensão tinha implicações em outras áreas; por exemplo: Calvino entende que a divergência em questões secundárias não deve servir de pretexto para a divisão da Igreja; afinal, todos, sem exceção, estão envoltos de "alguma nuvenzinha de ignorância"...

> ".... São palavras do Apóstolo: 'Todos quantos somos perfeitos sintamos o mesmo; se algo entendeis de maneira diferente, também isto vos haverá de revelar o Senhor' [Fp 3.15]. Não está ele, porventura, a suficientemente indicar que o dissentimento acerca destas cousas não assim necessárias não deve ser matéria de separação entre cristãos? Por certo que estará em primeira plana que em todas as cousas estejamos em acordo; mas, uma vez que ninguém há que não esteja envolto de alguma nuvenzinha de ignorância, impõe-se que ou nenhuma igreja deixemos, ou perdoemos o engano nessas cousas que possam ser ignoradas não somente inviolada a suma da religião, mas também aquém da perda da salvação.
>
> "Mas, aqui, não quereria eu patrocinar a erros, sequer os mais diminutos, de sorte que julgue devam ser fomentados, com agir com complacência e ser-lhes conivente.[206] Digo, porém, que não devemos por causa de quaisquer dissentimentozinhos abandonar irrefletidamente a Igreja,

---

[203] R. Hooykaas, *A Religião e o Desenvolvimento da Ciência Moderna,* Brasília, DF.: Editora Universidade de Brasília, 1988, p. 152. Ver: João Calvino, *As Institutas,* II.12-13; Donald S. Wallace, *Calvino, Genebra e a Reforma,* São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003, p. 91-96.

[204] Donald S. Wallace, *Calvino, Genebra e a Reforma,* São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003, p. 11-12. Veja-se uma boa análise em: Mary Potter Engel, *John Calvin's Perspectival Anthropology,* Eugene, Oregon: Wipf and Stock Publishers, 2002, p. 199-205.

[205] J. Calvino, *Breve Tratado Sobre La Santa Cena:* In: *Tratados Breves,* Buenos Aires/México, La Aurora/Casa Unida de Publicaciones, 1959, p. 46. [Vd. J.I. Packer, *"Fundamentalism" and the Word of God,* Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1988 (Reprinted), p. 34].

[206] "Paulo, pois, nos ensina [Ef 5.11] que, quando não reprovamos os maus, essa é uma espécie de comunhão com as obras infrutíferas das trevas. É certamente um modo de agir muito perverso quando certas pessoas, buscando alcançar o favor humano, indiretamente desdenham de Deus; e todos são coniventes em fazer com que seus negócios sejam do agrado dos perversos. Davi, contudo, sente deferência, não tanto pela pessoa do perverso, mas pelas suas obras. O homem que vê o perverso sendo honrado, e pelos aplausos do mundo se torna ainda mais obstinado em sua perversidade, e que de bom grado dá seu consentimento ou aprovação, com isso não estará enaltecendo o vício, em vez da autoridade, e o envolvendo de soberano poder?" [João Calvino, *O Livro dos Salmos,* Vol. 1, (Sl 15.1), p. 293].

em que somente se retenha salva e ilibada essa doutrina, mercê da qual se mantém firme a incolumidade da piedade e conservado é o uso dos sacramentos instituído pelo Senhor."[207]

"Não vejo, porém, nenhuma razão por que uma igreja, por mais universalmente corrompida, desde que contenha uns poucos membros santos, não deva ser denominada, em honra desse remanescente, de santo povo de Deus".[208]

"Contanto que a religião continue pura quanto à doutrina e ao culto, não devemos deixar-nos abalar em demasia ante os erros e pecados que os homens cometem, como se com isso a unidade da Igreja fosse dilacerada. Entretanto, a experiência de todas as épocas nos ensina quão perigosa esta tentação se torna quando vemos a Igreja de Deus, que deve prosseguir isenta de toda e qualquer mancha poluente e resplandecer em incorruptível pureza, nutrindo em seu seio um grande número de hipócritas ímpios ou pessoas perversas. (…) Mas Cristo, em Mateus 25.32, com justa razão alega ser seu, com toda propriedade, o ofício peculiar de separar as ovelhas dos cabritos; e por isso nos admoesta que devemos suportar os maus, e que não está em nosso poder corrigi-los, até que as coisas se tornem amadurecidas e chegue o tempo próprio de purificar a Igreja. Ao mesmo tempo, os fiéis são aqui intimados, cada um em sua própria esfera, a empregar todos os seus esforços para que a Igreja de Deus seja purificada das corrupções que nela ainda persistem."

"(…) O sagrado celeiro de Deus não estará perfeitamente purificado antes do último dia, quando Cristo, em sua vinda, lançará fora a palha. Mas Ele já começou a fazer isso através da doutrina do seu Evangelho, que chama *crivo de joeirar*. Não devemos, pois, de forma alguma ser indiferentes acerca desse assunto; ao contrário, devemos antes mostrar-nos absolutamente sérios, para que todos nós que professamos ser cristãos possamos levar uma vida santa e imaculada. Acima de tudo, porém, o que Deus aqui declara com respeito a toda injustiça deve ficar indelevelmente impresso em nossa memória; ou seja, que Ele os proíbe de entrar em seu santuário, e condena sua ímpia presunção em irreverentemente intrometer-se na sociedade dos santos".[209]

"Todavia, ainda quando a Igreja seja remissa em seu dever, não por isso será direito de cada um em particular a si pessoalmente assumir a decisão de separar-se".[210]
"Há tanta rabugice em quase todos esses indivíduos que, estando em seu poder, de bom grado fariam para si suas próprias igrejas, porquanto se torna difícil acomodarem-se aos modos das demais pessoas"[211]

---

[207] J. Calvino, *As Institutas,* IV.1.12. Em outro lugar: "Onde se professava o Cristianismo, se adorava um único Deus, se praticavam os Sacramentos e se exercia algum gênero de ministério, ali permaneciam as marcas da Igreja. Nem sempre encontramos nas igrejas tal pureza como era de se desejar. Ainda a mais pura tem suas máculas, e algumas têm não só umas poucas manchas aqui e ali, mas são quase que completamente deformadas. Não devemos ficar tão desconcertados pelo ensino e vida de alguma sociedade que, se não ficamos satisfeitos com tudo o que se procede ali, então prontamente negamos ser ela uma igreja." [João Calvino, *Gálatas,* São Paulo: Paracletos, 1998, (Gl 1.2), p. 25].
[208] João Calvino, *O Livro dos Salmos,* São Paulo: Paracletos, 1999, Vol. 2, (Sl 50.4), p. 401.
[209] João Calvino, *O Livro dos Salmos,* Vol. 1, (Sl 15.1), p. 287-289.
[210] J. Calvino, *As Institutas,* IV.1.15. Em outro lugar Calvino diz: "Deus só é corretamente servido quando sua lei for obedecida. Não se deixa a cada um a liberdade de codificar um sistema de religião ao sabor de sua própria inclinação, senão que o padrão de piedade deve ser tomado da Palavra de Deus." [João Calvino, *O Livro dos Salmos,* Vol. 1, (Sl 1.1), p. 53].
[211] João Calvino, *Exposição de Hebreus,* São Paulo: Paracletos, 1997, (Hb 10.25), p. 272.

> "É indubitável que a nós compete cultivar a unidade da forma a mais séria, porque Satanás está bem alerta, seja para arrebatar-nos da Igreja, ou para desacostumar-nos dela de maneira furtiva".[212]

B) HUMILDADE NECESSÁRIA:

Na sua concepção a humildade se constitui num primeiro passo para alcançar a unidade. Continua: "Donde procede a impudência, a soberba e as injúrias lançadas contra os irmãos? Donde procede as questiúnculas, os escárnios e as exprobrações, a não ser do fato de cada um amar excessivamente a si próprio e de querer agradar em demasia a si próprio? Aquele que se desfaz da arrogância e cessa de agradar a si próprio se tornará manso e acessível. E quem quer que persista em tal moderação ignorará e tolerará muitas coisas nos irmãos.(...) Será inútil ensinar a mansidão, a menos que tenhamos iniciado com humildade".[213] Portanto, "devemos ser unidos, não apenas em uma parte, mas no corpo e na alma".[214]

Em 19 de agosto de 1561, na *Dedicatória* de seu comentário do Profeta Daniel, Calvino fala de seu esforço por manter a paz – o que nem sempre tem sido possível –, e, ao mesmo tempo, estimula seus irmãos a não ultrapassarem determinados limites. Escreve:

> "Mais ainda, é vossa incumbência, amados irmãos, tomar prudente cuidado para que a verdadeira religião possa novamente readquirir uma posição sã; isto é, até onde cada um tiver o poder e a vocação. Não é necessário dizer o quanto tenho lutado para remover toda e qualquer ocasião geradora de tumultos até agora. Clamo aos anjos e a vós para testemunhardes diante do supremo juiz que não é de minha responsabilidade que o progresso do reino de Cristo não tenha sido calmo e inofensivo. De fato, julgo ser em decorrência de meu cuidado que pessoas particulares ainda não passaram dos limites".[215]

Ele entende que Satanás muitas vezes se vale de nossos bons sentimentos para fazer com que quebremos a unidade da Igreja, supostamente, em busca de uma Igreja ideal. Para este mister, somos capazes até de reunir textos que falam da santidade da Igreja como pretexto para a nossa atitude.[216] "Recordemos sempre, quando o diabo nos empurrar para as controvérsias, que as desavenças dos membros, no seio da Igreja, não nos levam a parte alguma, senão para a ruína e destruição de todo o corpo".[217] Como os jovens são mais irritáveis, dá uma orientação mais específica: "Os jovens, em meio às controvérsias, se irritam muito mais depressa do que os de mais idade; se iram mais facilmente, cometem mais equívocos por falta de experiência e se precipitam com mais ousadia e temeridade. Daí ter Paulo boas razões para aconselhar a um jovem a precaver-se contra os erros próprios de sua idade, os quais, de outra forma, poderiam facilmente envolvê-lo em disputas inúteis".[218]

C) UNIDADE NA PALAVRA:

---

[212] João Calvino, *Exposição de Hebreus,* (Hb 10.25), p. 273.
[213] João Calvino, *Efésios,* São Paulo: Paracletos, 1998, (Ef 4.1), p. 108.
[214] João Calvino, *Efésios,* (Ef 4.1-4), p. 109.
[215] João Calvino, *O Profeta Daniel: 1-6,* São Paulo: Parakletos, 2000, Vol. 1, p. 26.
[216] Cf. John Calvin, *Calvin's Commentaries,* Grand Rapids, Michigan: Baker Book House Company, 1996, (Reprinted), Vol. XV, (Ag 2.1-5), p. 351.
[217] João Calvino, Gálatas, (Gl 5.15), p. 165.
[218] João Calvino, *As Pastorais,* São Paulo: Paracletos, 1998, (2Tm 2.22), p. 244.

Após argumentar contra aqueles que chamavam os reformados de hereges, ressalta que a unidade cristã deve ser na Palavra:

> "Com efeito, também isto é de notar-se: que esta conjunção de amor assim depende da unidade de fé que lhe deva ser esta o início, o fim, a regra única, afinal. Lembremo-nos, portanto, quantas vezes se nos recomenda a unidade eclesiástica, isto ser requerido: que, enquanto nossas mentes têm o mesmo sentir em Cristo, também entre si conjungidas nos hajam sido as vontades em mútua benevolência em Cristo. E, assim, Paulo, quando para com ela nos exorta, por fundamento assume haver um só Deus, uma só fé e um só batismo [Ef 4.5]. De fato, onde quer que nos ensina o Apóstolo a sentir o mesmo e a querer o mesmo, acrescenta imediatamente: *em Cristo* [Fp 2.1,5] ou: *segundo Cristo* [Rm 15.5], significando ser conluio de ímpios, não acordo de fiéis a unidade que se processa à parte da Palavra do Senhor".[219]

Em outro lugar, instrui: "A melhor forma de promover a unidade é congregar [o povo] para o ensino comunitário....".[220]

Para os irmãos refugiados em Wezel (Alemanha), que sofriam diversas pressões de luteranos e sobreviviam numa pequena Igreja Reformada, Calvino, em 1554, os consola mostrando que apesar dos grandes problemas pelos quais passava o mundo, Deus lhes havia concedido um lugar onde poderiam adorar a Deus em liberdade. Também os desafia a não abandonarem a Igreja por pequenas divergências nas práticas cerimoniais, sendo tolerantes a fim de preservar a unidade. Contudo, os exorta a jamais fazerem acordos em pontos doutrinários.[221]

Portanto, mesmo desejando a paz e a concórdia, Calvino entendia que essa paz nunca poderia ser em detrimento da verdade pois, se assim fosse, essa dita paz seria maldita:

> "Naturalmente, há uma condição para entendermos a natureza desta paz, ou seja, a paz da qual a verdade de Deus é o vínculo. Pois se temos de lutar contra os ensinamentos da impiedade, mesmo se for necessário mover céu e terra, devemos, não obstante, perseverar na luta. Devemos, certamente, fazer que a nossa preocupação primária cuide para que a verdade de Deus seja mantida em qualquer controvérsia; porém, se os incrédulos resistirem, devemos terçar armas contra eles, e não devemos temer sermos responsabilizados pelos distúrbios. Pois a paz, da qual a rebelião contra Deus é o emblema, é algo maldito; enquanto que as lutas, indispensáveis à defesa do reino de Cristo, são benditas".[222]

Em 20 de março de 1552, Thomas Cranmer (1489-1556)[223] escreveu a Calvino – bem como a Melanchthon (1497-1560)[224] e a Bullinger (1504-1575)[225] –, convidando-o para uma reunião no

---

[219] J. Calvino, *As Institutas,* IV.2.5. Calvino entendia que "onde os homens amam a disputa, estejamos plenamente certos de que Deus não está reinando ali." [J. Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* São Paulo: Edições Paracletos, 1996, (1Co 14.33), p. 436]. T. George comenta com acerto, que "Calvino não estava disposto a comprometer pontos essenciais em favor de uma paz falsa, mas ele tentou chamar a igreja de volta à verdadeira base de sua unidade em Jesus Cristo." (T. George, *Teologia dos Reformadores,* p. 182-183).

[220] João Calvino, *Efésios,* (Ef 4.12), p. 125.

[221] John Calvin, To the Brethren of Wezel, "Letter," *John Calvin Collection,* [CD-ROM], (Albany, OR: Ages Software, 1998), nº 346, p. 32-34.

[222] J. Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 14.33), p. 437.

[223] Arcebispo de Canterbury, que em 1549 havia elaborado o *Livro de Oração Comum*, no qual dava ênfase ao culto em inglês, à leitura da Palavra de Deus e, ao aspecto congregacional da adoração cristã.

[224] Melanchton mesmo sendo luterano, e amigo pessoal de Lutero, desfrutou também de boa amizade com Calvino, mantendo com este ampla correspondência. Nos dizeres de Schaff, Melanchton "permaneceu como um homem de paz

Palácio de Lambeth com o objetivo de preparar um credo que fosse consensual para as Igrejas Reformadas.[226] Cranmer tinha em vista também, a realização do Concílio de Trento[227] que estava em andamento, estando preocupado de modo especial com a questão da Ceia do Senhor.

Calvino então responde (abril de 1552), encorajando Cranmer a perseverar no seu objetivo. A certa altura diz:

> "...Estando os membros da Igreja divididos, o corpo sangra. Isso me preocupa tanto que, se pudesse fazer algo, eu não me recusaria a cruzar até dez mares, se necessário fosse, por essa causa."[228]

O próprio Cranmer compôs no *Livro de Oração Comum*, uma oração para o culto anual anglicano, quando se comemorava a coroação do monarca. A oração diz:

> "Ó Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, nosso único Salvador, o Príncipe da Paz: Dá-nos a graça para com seriedade nos compenetrarmos dos grandes perigos em que nos encontramos por causa de nossas lamentáveis divisões, retira todo o ódio e preconceito e tudo o mais que possa impedir-nos de ter uma união e concórdia piedosas; para que, como existe somente um só corpo e um só Espírito e uma só esperança de nossa vocação, um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de todos nós, assim possamos de agora

---

entre dois homens de guerra." (Philip Schaff, *History of the Christian Church,* Vol. VIII, p. 260). O seu principal trabalho teológico foi *Loci Communes* (abril de 1521). Este tratado foi a primeira obra de teologia sistemática protestante do período da Reforma, marcando época portanto, na história da teologia. Nele Melanchton segue a ordem da Epístola aos Romanos. (Ver: Philip Schaff, *History of the Christian Church,* Vol. VII, 368-370). Esta obra foi gradativamente sendo ampliada, perdendo a sua estrutura primitiva (Cf. Alister E. McGrath, *A Vida de João Calvino*, p. 164).

[225]Bullinger foi amigo, discípulo e sucessor de Zuínglio (1484-1531), tendo escrito cerca de 150 obras, entre elas, *A Segunda Confissão Helvética* (1562-1566).

[226] Cranmer, na carta a Calvino diz: "Como nada mais tende a separar as Igrejas de Deus que as heresias e diferenças sobre as doutrinas de religião, assim nada mais eficazmente os une, e fortalece a obra de Cristo mais poderosamente, que a doutrina incorrupta do evangelho, e união em opiniões reconhecidas. Eu tenho freqüentemente desejado, e agora desejo que esses homens instruídos e piedosos que superam outros em erudição e julgamento, constituíssem uma assembléia em um lugar conveniente, onde se realizasse uma consulta mútua, e comparando as suas opiniões, eles poderiam discutir todas as principais doutrinas da igreja.... Nossos adversários estão agora organizando o seu concílio em Trento, no qual eles podem estabelecer os seus erros. E devemos nós negligenciar convocar um sínodo piedoso que nos possibilite refutar os erros deles, e purificar e propagar a verdadeira doutrina?" [Thomas Cranmer to Calvin, "Letter," *John Calvin Collection,* [CD-ROM], (Albany, OR: Ages Software, 1998), 16].

[227]Cranmer era um teólogo e estadista; a sua preocupação com Trento era pertinente e a história já demonstrou amplamente esse fato.

[228] *Letters of John Calvin,* Selected from the Bonnet Edition, Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1980, p. 132-133.

Comentando sobre o egoísmo humano que gera divisões na Igreja e, ao mesmo tempo a falta de tolerância, Calvino escreve, exortando-nos à amar os nossos irmãos: (*Retomo aqui, parte de citação já feita*)"Há tanta rabugice em quase todos esses indivíduos que, estando em seu poder, de bom grado fariam para si suas próprias igrejas, porquanto se torna difícil acomodarem-se aos modos das demais pessoas. Os ricos invejam uns aos outros, e raramente se encontra um entre cem que acredite que os pobres são também dignos de ser chamados e incluídos entre seus irmãos. A menos que haja similaridade em nossos hábitos, ou alguns atrativos pessoais, ou vantagens que nos unam, será muitíssimo difícil manter uma perene comunhão entre nós. Essa advertência, pois, se torna mais que necessária a todos nós, a fim de sermos encorajados a amar, antes que odiar, e não nos separarmos daqueles a quem Deus nos uniu. Torna-se urgente que abracemos com fraternal benevolência àqueles que nos são ligados por uma fé comum. É indubitável que a nós compete cultivar a unidade da forma a mais séria, porque Satanás está alerta, seja para arrebatar-nos da Igreja, ou para desacostumar-nos dela de maneira furtiva." [João Calvino, *Exposição de Hebreus,* São Paulo: Paracletos, 1997, (Hb 10.25), p. 272-273]. Schaff analisa: "A Igreja de Deus era a sua casa, e aquela Igreja não conhece nenhum limite de nacionalidade e idioma. O mundo era a sua paróquia. Tendo rompido com o papado, ele ainda permaneceu um católico na melhor acepção da palavra, e orou e trabalhou para a unidade de todos os crentes." (Philip Schaff, *History of the Christian Church,* Vol. VIII, p. 799).

em diante ser todos de um só coração, de uma só alma, unidos em um único e santo vínculo de verdade e paz, de fé e caridade, e possamos de uma só mente e com uma só boca glorificar-te: por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém".[229]

II – O HOMEM, SUA TEOLOGIA E PRÁTICA PASTORAL:

1. A ORIGEM, AUTORIDADE INTERNA E SUFICIÊNCIA DAS ESCRITURAS:

> "Visto que a igreja é o reino de Cristo, e que Cristo não reina senão por Sua Palavra, ainda vamos continuar duvidando de que são mentirosas as palavras daqueles que imaginam o reino de Cristo sem o Seu cetro, quer dizer, sem a Sua santa Palavra?" – João Calvino, *As Institutas,* (1541), IV.15.

Na introdução da edição francesa das *Institutas* (1541), Calvino deixa clara a sua compreensão a respeito das Escrituras Sagradas, como Palavra de Deus suficiente ("perfeita") para nós contendo a verdadeira "filosofia cristã" e, ao mesmo tempo, evidencia a responsabilidade dos mestres:

> "Embora seja fato que a Escritura Sagrada contém uma doutrina perfeita, à qual nada se pode acrescentar visto que nela o nosso Senhor Jesus Cristo quis expor os tesouros infinitos da Sua sabedoria, contudo, uma pessoa que não esteja bem exercitada necessita de alguma orientação e direção para saber o que deverá buscar, para que não fique vagando aqui e ali, mas tenha uma certa visão para pôr sempre a atenção nos pontos para os quais o Espírito Santo a chame. Portanto, o ofício dos que receberam mais ampla iluminação de Deus que os outros consiste em dar aos simples o que lhes é necessário neste assunto e em saber estender-lhes a mão para os conduzir e os ajudar a encontrar a essência do que Deus nos quer ensinar em Sua Palavra. Ora, a melhor maneira de fazer isso é com as passagens que tratam dos assuntos principais e, por conseguinte, as que estão contidas na filosofia cristã".[230]

1) A "insuficiência" das Escrituras?:

Durante toda a história a Palavra de Deus foi alvo dos mais diversos ataques: entre eles, o mais comum é a suposição de sua falibilidade. No entanto, um ataque mais sutil que também permeou boa parte da história da Igreja é a concepção, ainda que muitas vezes velada, de que as Escrituras não são suficientes para nos dirigir e orientar.

Melanchton (1497-1560) e Lutero (1483-1546) depararam-se explicitamente com esse problema bem no início da Reforma Protestante. Por volta de 1520, na pequena, porém, próspera e culta cidade alemã de Zwickau, surgiu um grupo de homens "iluminados" – chamados por Lutero

---

[229] *Apud* Mark A. Noll, *Momentos Decisivos na História do Cristianismo,* São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2000, p. 204.
[230] João Calvino, *As Institutas* (1541), Introdução.

de "profetas de Zwickau"[231] –, que alegava ter revelações especiais vindas diretamente de Deus, entendendo ter sido chamado por Deus para "completar a Reforma". A sua religião partia sempre de uma suposta revelação interior do Espírito. Acreditavam que o fim dos tempos estava próximo – os ímpios seriam exterminados –, e que por isso, não era necessário estudar teologia visto que o Espírito estaria inspirando os pobres e ignorantes. Combatiam também o batismo infantil. Assim pensando, esses homens diziam: "De que vale aderir assim tão estritamente à Bíblia? A Bíblia! Sempre a Bíblia! Poderá a Bíblia nos fazer sermão? Será suficiente para a nossa instrução? Se Deus tivesse tencionado ensinar-nos, por meio de um livro, não nos teria mandado do céu, uma Bíblia? Somente pelo Espírito é que poderemos ser iluminados. O próprio Deus fala dentro de nós. Deus em pessoa nos revela aquilo que devemos fazer e aquilo que devemos pregar".[232]

Um certo alfaiate, Nícolas Storck, escolheu doze apóstolos e setenta e dois discípulos, declarando que finalmente tinham sido devolvidos à Igreja os profetas e apóstolos.[233] Ele, acompanhado de Marcos Stübner e Marcos Tomás foi a Wittenberg (27/12/1521) – que já enfrentava tumultos liderados por Andreas B. von Carlstadt (c. 1477-1541) e Gabriel Zwilling (c. 1487-1558) –, pregar o que considerava ser a verdadeira religião cristã, contribuindo grandemente para a agitação daquela cidade. Stübner, antigo aluno de Wittenberg, justamente por ter melhor preparo, foi comissionado a representá-los. Melanchton que conversou com Stübner, interveio na questão, ainda que timidamente. Storck,[234] mais inquieto, logo partiu de Wittenberg; Stübner, no entanto, permaneceu, realizando ali um intenso e eficaz trabalho proselitista; "era um momento crítico na história do cristianismo".[235] Comentando os problemas suscitados pelos "espiritualistas", o historiador D'aubigné (1794-1872) conclui: "A Reforma tinha visto surgir do seu próprio seio um

---

[231]Os principais líderes eram: Nícolas Storck, Marcos Tomás e Marcos Stübner. Tomás Münzer (c. 1490-1525), tornar-se-ia o mais famoso dos que foram influenciados por esse círculo, tendo mais tarde as suas idéias próprias, ainda que fiel aos mesmos princípios. (Vd. George H. Williams, *La Reforma Radical,* México: Fondo de Cultura Económica, 1983, p. 66ss; Jean Delumeau, *O Nascimento e Afirmação da Reforma,* São Paulo: Pioneira, 1989, p. 101).

[232]*Apud* J.H. Merle D'aubigné, *História da Reforma do Décimo-Sexto Século,* São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, (s.d.), Vol. III, p. 64. Mais tarde, Calvino escreveria, possivelmente referindo-se aos "libertinos", também conhecidos como "espirituais": "Ora, surgiram, em tempos recentes, certos desvairados que, arrogando-se, com extremada presunção, o magistério do Espírito, fazem pouco caso de toda leitura da Bíblia e se riem da simplicidade daqueles que ainda seguem, como eles próprios a chamam, a letra morta e que mata.

"Eu, porém, gostaria de saber deles que tal é esse Espírito de cuja inspiração se transportam a alturas tão sublimadas que ousem desprezar como pueril e rasteiro o ensino das Escrituras? Ora, se respondem que é o Espírito de Cristo, certeza dessa espécie é absurdamente ridícula, se, na realidade, concedem, segundo penso, que os Apóstolos de Cristo e os demais fiéis na Igreja Primitiva não de outro Espírito hão sido iluminados. O fato é que nenhum deles daí aprendeu o menoscabo da Palavra de Deus; ao contrário, cada um foi antes imbuído de maior reverência, como seus escritos o atestam mui luminosamente.....

"... Não é função do Espírito Que nos foi prometido configurar novas e inauditas revelações ou forjar um novo gênero de doutrina, mediante quê sejamos distraídos do ensino do Evangelho já recebido; ao contrário, Sua função é selar-nos na mente aquela própria doutrina que é recomendada através do Evangelho." (J. Calvino, *As Institutas,* I.9.1). Vd. também: *As Institutas,* I.9.2-3.

McNeill explica que o termo "libertino" foi usado por Calvino para "designar uma seita religiosa que se espalhou na França e na Península Dinamarquesa, a qual, dando ênfase ao Espírito, rejeitava a Lei. Posteriormente, o termo veio a ser aplicado em Genebra, àqueles que se opunham à disciplina, os quais incluíam pessoas que desconsideravam a lei moral e outros, mais motivados politicamente em resistir a Calvino." (John T. McNeill, *The History and Character of Calvinism,* New York: Oxford University Press, 1954, p. 169).

[233]Cf. J.H. Merle D'aubigné, *História da Reforma do Décimo-Sexto Século,* Vol. III, p. 64-65; Heinrich W. Erbkam, Münzer: In: Philip Schaff, ed. *Religious Encyclopaedia: Or Dictionary of Biblical, Historical, Doutrinal, and Practical Theology,* Vol. II, p. 1596a.

[234]Como resultado das supostas revelações diretas de Deus, Storck e seus companheiros sustentavam que "dentro de cinco a sete anos os turcos invadiriam a Alemanha e destruiriam os sacerdotes e todos os ímpios. Storck via-se como cabeça de uma nova igreja, designada por Deus para completar a Reforma que Martinho Lutero deixara inacabada." [J.D. Weaver, Profetas de Zwickau: In: Walter A. Elwell, ed. *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã,* São Paulo: Vida Nova, 1988-1990, Vol. III, p. 657].

[235] James Atkinson, *Lutero e o Nacimiento del Protestantismo,* 2ª ed. Madrid: Alianza Editorial, 1987, p. 254.

inimigo mais tremendo do que papas e imperadores. Ela estava à beira do abismo."[236] Daí ouvir-se em Wittenberg o clamor pelo auxílio de Lutero. E Lutero, consciente da necessidade de sua volta, abandonou a segurança de Warteburgo retornando à Wittenberg[237] a fim de colocar a cidade em ordem (1522), o que fez, com firmeza e espírito pastoral.[238] Mais tarde, Lutero escreveria: "Onde, porém, não se anuncia a Palavra, ali a espiritualidade será deteriorada".[239]

Não nos iludamos, essa forma de misticismo ainda está presente na Igreja e, tem sido extremamente perniciosa para o povo de Deus, acarretando um desvio espiritual e teológico, deslocando o "eixo hermenêutico" da Palavra para a experiência mística, nos afastando assim, da Palavra e, conseqüentemente, do Deus da Palavra. O trágico é que justamente aqueles que supõem desfrutarem de maior "intimidade" com Deus, são os que patrocinam o distanciamento da Palavra revelada de Deus. Davi enfatiza: *"A intimidade do Senhor é para os que o temem, aos quais ele dará a conhecer a sua aliança"* (Sl 25.14) Portanto, a nossa intimidade com Deus revela-se em nosso apego à Sua Palavra, à Sua aliança. Nesse texto, Calvino faz uma aplicação bastante contextualizada: "... É uma ímpia e danosa invenção tentar privar o povo comum das Santas Escrituras, sob o pretexto de serem elas um mistério oculto, como se todos os que o temem de coração, seja qual for seu estado e condição em outros aspectos, não fossem expressamente chamados ao conhecimento da aliança de Deus".[240]

Nós somos herdeiros dos princípios bíblicos da Reforma; para nós, como para os Reformadores, a Palavra de Deus é a fonte autoritativa de Deus para o nosso pensar, crer, sentir e agir: A Palavra de Deus nos é suficiente.

2) Tradição & Escritura?!:

A) NOVO EIXO HERMENÊUTICO:

> "A Reforma Protestante foi em sua raiz um evento do domínio da hermenêutica" – Edward A. Dowey Jr., Documentos Confessionais como Hermenêutica: in: Donald K. Mckim, ed., *Grandes Temas da Teologia Reformada,* São Paulo: Pendão Real, 1999, p. 13.

> "A Reforma Protestante foi, em muitos sentidos, um movimento hermenêutico" – Augustus Nicodemus Lopes, *A Bíblia e Seus Intérpretes,* São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004, p. 159.

---

[236]J.H. Merle D'aubigné, *História da Reforma do Décimo-Sexto Século,* Vol. III, p. 71.

[237]Justificando-se com o príncipe o motivo da sua volta, escreveu-lhe no dia de sua chegada a Wittenberg, 7 de março de 1522: "Não são acaso os Wittemberguenses as minhas ovelhas? Não mas teria confiado Deus? E não deveria eu, se necessário, expor-me à morte por causa delas?" (*Apud* J.H. Merle D'aubigné, *História da Reforma do Décimo-Sexto Século,* Vol. III, p. 83).

[238]Lutero, iniciando no dia 09/3/1522, pregou oito dias consecutivos em Wittenberg. Vd. o seu primeiro sermão In: Martinho Lutero, *Pelo Evangelho de Cristo: Obras selecionadas de momentos decisivos da Reforma,* Porto Alegre/São Leopoldo, RS.: Concórdia Editora/Editora Sinodal, 1984, p. 153-161. Quanto aos detalhes da sua volta, Vd: J.H. Merle D'aubigné, *História da Reforma do Décimo-Sexto Século,* III, p. 72ss.; James Atkinson, *Lutero e o Nacimiento del Protestantismo,* p. 254ss.

[239] Martinho Lutero, Uma Prédica Para que se Mandem os Filhos à Escola (1530): In: *Martinho Lutero: Obras Selecionadas,* São Leopoldo/Porto Alegre, RS.: Sinodal/Concórdia, 1995, Vol. 5, p. 334.

[240] João Calvino, *O Livro dos Salmos,* São Paulo: Paracletos, 1999, Vol. 1, (Sl 25.14), p. 558.

> "A Reforma do século XVI foi baseada na autoridade da Bíblia e (...) colocou o mundo em chamas" – J. Gresham Machen, *Cristianismo e Liberalismo*, São Paulo: Os Puritanos, 2001, p. 83.

Na Reforma deu-se uma mudança de quadro de referência. Por isso, podemos falar deste movimento como tendo um de seus pilares fundamentais a questão hermenêutica. O "eixo hermenêutico" desloca-se da tradição da igreja para a compreensão pessoal da Palavra. Há aqui uma mudança de critério de verdade que determina toda a diferença. No entanto, conforme acentua Popkin, Lutero inicialmente confrontou a igreja dentro da perspectiva da própria tradição da igreja, somente mais tarde é que ele "deu um passo crítico que foi negar a regra de fé da Igreja, apresentando um critério de conhecimento religioso totalmente diferente. Foi neste período que ele deixou de ser apenas mais um reformador atacando os abusos e a corrupção de uma burocracia decadente, para tornar-se o líder de uma revolta intelectual que viria a abalar os próprios fundamentos da civilização ocidental".[241]

B) "SOLA SCRIPTURA" X TRADIÇÃO?:

A tradição nunca foi rejeitada pelo simples fato de ser tradição. Na própria Escritura encontramos ênfase e crítica à tradição [para/dosij] (2Ts 2.15).[242] A questão básica é: a que tradição estamos nos referindo?. "Lutero e os reformadores não queriam dizer por Sola Scriptura que a Bíblia é a única autoridade da igreja. Pelo contrário, queriam dizer que a Bíblia é a única autoridade *infalível* dentro da Igreja".[243] A autoridade dos Credos (Apostólico, Nicéia, Calcedônia) era

---

[241] Richard H. Popkin, *História do Ceticismo de Erasmo a Spinoza,* Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2000, p. 26.

[242] A tradição oral (para/dosij) ["*transmissão*", "*entrega*", "*tradição*". A palavra é formada de "Para/" ("junto a", "ao lado de") & "Di/dwmi" (Conforme o contexto: "dar", "trazer", "conceder", "causar", "colocar", etc.] consistia basicamente no que Jesus Cristo, os apóstolos e outros servos de Deus ensinavam através de seus sermões, orientações e comportamento.(1Co 11.2, 23-25; Gl 1.14; 2Ts 2.15; 3.6/Rm 6.17; 16.17; 1Co 15.1-11; Fp 4.9; 1Ts 2.9, 13; 4.11,12). Nestes textos, evidenciam-se que a "tradição" recebida e ensinada amparava-se numa certeza quanto à sua origem divina. Portanto, as "tradições" mencionadas por Paulo distinguem-se daquelas inventadas e transmitidas pelos homens, as quais são recriminadas por Cristo, visto que estes ensinamentos anulavam a Palavra de Deus (Cf. Mt 15.2,3,6; Mc 7.3,5,8,9,13). A para/dosij é rejeitada todas as vezes que entra em choque com a Palavra de Deus (Vd. H.M.F. Büchsel, Para/dosij: In: Gerhard Kittel & G. Friedrich, eds. *Theological Dictionary of the New Testament,* Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1983 (Reprinted), Vol. II, p. 172-173; G. Hendriksen, *1 y 2 Tesalonicenses,* Grand Rapids, Michigan: Subcomision Literatura Cristiana de la Iglesia Cristiana Reformada, 1980, p. 217 e 230; I.H. Marshall, *I e II Tessalonicenses: Introdução e Comentário,* São Paulo: Vida Nova/Mundo Cristão, 1984, p. 245 e 257; W. Popkes, Para/dosij: In: Horst Balz & Gerhard Schneider, eds. *Exegetical Dictionary of New Testament,* Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1978-1980, Vol. III, p. 21). Portanto, "A questão não é se *temos* tradições, mas se as nossas tradições estão em conflito com o único padrão absoluto nessas questões: as Escrituras Sagradas" (J.I. Packer, O Conforto do Conservadorismo: In: Michael Horton, ed. *Religião de Poder,* São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1998, p. 234). Ridderbos salienta que o conceito de tradição no Novo Testamento, não está associado ao pensamento grego antes, é orientado pela concepção judaica, pela qual "o que confere autoridade à tradição não é o peso dos antepassados ou da escola senão primordialmente o caráter do material dessa tradição....". [Herman N. Ridderbos, *Historia de la Salvación y Santa Escritura,* Buenos Aires: Editorial Escaton, (1973), p. 39].

[243] R. C. Sproul, Sola Scriptura: Crucial ao Evangelicalismo: In: J.M. Boice, ed. *O Alicerce da Autoridade Bíblica,* São Paulo: Vida Nova, 1982, p. 122. Timothy George, coloca a questão nestes termos: "O sola scriptura não pretendia desprezar completamente o valor da tradição da igreja, mas sim subordiná-la à primazia das Escrituras Sagradas. Enquanto a Igreja Romana recorria ao testemunho da igreja a fim de validar a autoridade das Escrituras canônicas, os reformadores protestantes insistiam em que a Bíblia era autolegitimadora, isto é, considerada fidedigna com base em sua própria perspicuidade, comprovada pelo testemunho íntimo do Espírito Santo." (Timothy George, *Teologia dos Reformadores,* São Paulo, Vida Nova, 1994, p. 312). A observação de Packer é pertinente como princípio que deve servir de parâmetro: "Dentro dessa abordagem, e com base na percepção comum de que tanto o Espírito de Deus como também o pecado humano estão sempre trabalhando dentro da igreja, espera-se que as tradições cristãs sejam

indiscutivelmente considerada pelos reformadores – tendo inclusive Lutero [O *Catecismo Maior* (1529) e O *Catecismo Menor* (1529)][244] e Calvino [*Catecismo de Genebra* (1536/37 e1541/2)[245] e *Confissão Gaulesa* (1559)][246] elaborado Catecismos para a Igreja –; contudo, somente as Escrituras são incondicionalmente autoritativas.[247]

Quanto a nós hoje os Credos servem, pelo menos deveriam servir,[248] como desafio para que continuemos nossa caminhada na preservação da doutrina e na aplicação das verdades bíblicas aos novos desafios de nossa geração, integrando-nos assim, à nobre sucessão daqueles que amam a Deus e a Sua Palavra e que buscam entendê-la e aplicá-la, em submissão ao Espírito, à vida da Igreja. Uma tradição saudável tem compromisso com o passado na geração do futuro.[249] Só este fato deveria, por si só, nos conduzir a uma atitude mais humilde, como assinala Noll: "O estudo da história da igreja deve aumentar a nossa humildade sobre quem somos e aquilo em que cremos. Não

---

parcialmente certas e parcialmente erradas" (J.I. Packer, O Conforto do Conservadorismo: In: Michael Horton, ed. *Religião de Poder,* p. 234).

[244] No prefácio do *Catecismo Menor*, Lutero declara os motivos que o levaram a redigir este Catecismo e, apresenta também sugestões de como ensiná-lo à Congregação. No decorrer dos sete capítulos, ele quase sempre inicia dizendo: *"Como o chefe de família deve ensiná-lo à sua casa"* ou: *"Como o chefe de família deve ensiná-lo com toda a simplicidade à sua casa"* e expressões similares.

Transcreverei apenas o que Lutero disse a respeito das suas motivações:

> "A lamentável e mísera necessidade experimentada recentemente, quando também eu fui visitador, é que me obrigou e impulsionou a preparar este catecismo ou doutrina cristã nesta forma breve, simples e singela. Meu Deus, quanta miséria não vi! O homem comum simplesmente não sabe nada da doutrina cristã, especialmente nas aldeias. E, infelizmente, muitos pastores são de todo incompetentes e incapazes para a obra do ensino. (...) Não sabem nem o Pai-Nosso, nem o Credo, nem os Dez Mandamentos". [*Catecismo Menor*. In: Martinho Lutero, *Os Catecismos,* Porto Alegre/São Leopoldo, RS.: Concórdia/Sinodal, 1983, p. 363].

[245] Falarei mais abaixo sobre ambas as edições deste Catecismo.

[246] A *Confissão Gaulesa* que não é muito conhecida e difundida em nosso meio, exerceu grande influência doutrinária sobre outras Confissões Reformadas. Ela foi escrita por Calvino (1509-1564) e seu discípulo Antoine de la Roche Chandieu (De Chandieu) (1534-1591), provavelmente com a ajuda de T. Beza (1519-1605) e Pierre Viret (1511-1571). Inicialmente tinha 35 capítulos. No Sínodo Geral de Paris (26-28/05/1559), que congregou representantes de mais de 60 igrejas, das mais de 100 que existiam na França – reunido secretamente –, tendo como moderador Fraçois de Morel, esta Confissão foi revista e ampliada em mais cinco capítulos, tendo um prefácio dedicado ao rei Francisco II (1560) e posteriormente, também foi apresentada por Beza a Carlos IX (1561). Calcula-se que à época, a França já possuía 400 mil protestantes ou, um sexto da população, existindo em fins de 1561, mais de 670 igrejas calvinistas erigidas em território francês.

Em 1571, tendo como moderador T. Beza (1519-1605), realizou-se o Sétimo Sínodo Nacional de La Rochelle. À ocasião, estavam presentes: a Rainha de Navarra, seu filho Henrique IV (1553-1610) e o Almirante Coligny (1519-1572). Neste Sínodo, a Confissão foi revisada, reafirmada e solenemente sancionada por Henrique IV, passando, desde então a ser também chamada de "Confissão de la Rochelle". A Confissão Gaulesa influenciou profundamente a *Confissão Belga* (1561) e a *Confissão dos Valdenses* (1655). (Ver: Hermisten M.P. Costa, *Eu Creio,* São Paulo: Edições Parakletos, 2002, p. 469-470).

[247] Para um estudo mais detalhado deste ponto, ver: Hermisten M.P. Costa, Os Símbolos de Fé na História: Sua Relevância e Limitações In: *Fides Reformata,* São Paulo: Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, IX/1 (2004) 51-75.

[248] Entre o final dos anos 50 e início dos anos 60, Lloyd-Jones disse com tristeza: "No presente século há marcante aversão por credos, confissões e por definições precisas. O cristianismo tornou-se um vago e indefinido espírito de boa vontade e filantropia" (David M. Lloyd-Jones, *A Unidade Cristã,* São Paulo: Publicações Evangélicas Selecionadas, 1994, p. 213).

[249] "A tradição é o sangue da teologia. Separada da tradição a teologia é como uma flor cortada sem suas raízes e sem o solo, logo murcha na mão. Uma sã teologia nunca nasce de novo. Ao honrar a sã tradição, se assegura a continuidade teológica com o passado. Ao mesmo tempo a tradição cria a possibilidade de abrir novas portas para o futuro. Como diz o provérbio: 'A tradição é o prólogo do futuro.' Por isso, toda dogmática que se preze como tal, deve definir sua posição em uma ou outra tradição confessional." (Gordon J. Spykman, *Teologia Reformacional: Um Nuevo Paradigma para Hacer la Dogmática*, Jenison, MI.: The Evangelical Literature League, 1994, p. 5).

há nada que a igreja moderna desfrute que não seja uma dádiva das gerações anteriores do povo de Deus. Na realidade, nós modificamos, adaptamos e ampliamos essas dádivas do passado, mas não as criamos".[250] Portanto, "o conservadorismo criativo utiliza-se da tradição, não como autoridade final ou absoluta, mas como recurso importante colocado à nossa disposição pela providência de Deus, a fim de nos ajudar a entender o que a Escritura está nos dizendo sobre quem é Deus, quem somos nós, o que é o mundo ao nosso redor, e o que fomos chamados para fazer aqui e agora".[251]

O Credo é uma resposta do homem à Palavra de Deus, sumariando os artigos essenciais da fé cristã. Desta forma, eles pressupõem fé;[252] mas não a geram; esta é obra do Espírito Santo através da Palavra (Rm 10.17).

Os Credos baseiam-se na Palavra, porém não são a Palavra – nem jamais foi isto cogitado pelos seus formuladores; eles não podem substituir a Palavra de Deus; somente Ela gera vida pelo poder de Deus (1Pe 1.23; Tg 1.18).[253]

Para nós Reformados, os Credos têm a sua autoridade decorrente da Palavra de Deus; em outras palavras, o seu valor não é intrínseco mas sim, extrínseco: Eles são recebidos e cridos enquanto permanecem fiéis à Escritura; assim, a sua autoridade é relativa.

Os Credos são somente uma aproximação e, relativa exposição correta da verdade revelada. Desta forma, podem ser modificados pelo progressivo conhecimento da Bíblia a qual é infalível e inesgotável. Por isso, não devemos tomar os Credos como autoridade final para definir um ponto doutrinário: os limites de nossa reflexão teológica estão na Palavra, não nos Credos. Os Credos não estabelecem o limite de nossa fé, antes a norteia. A Palavra de Deus sempre será mais rica do que qualquer pronunciamento eclesiástico por melhor que seja elaborado e por mais fiel que seja às Escrituras.[254] No entanto, como ressalta Packer, "Na verdade a abordagem *impiedosa* seria tentar aprender de Deus como cavaleiro solitário que orgulhosamente ou impacientemente virasse as costas para a igreja e sua herança: isso seria receita certeira para esquisitices sem fim!".[255] "A instrução transmite conhecimento, mas também presume conhecimento".[256]

A *Confissão de Westminster*, capítulo I, seção 10, estabelece o paradigma que deve nos orientar:

> "O Juiz Supremo, pelo qual todas as controvérsias religiosas têm de ser determinadas, e por quem serão examinados todos os decretos de concílios, todas as opiniões dos antigos escritores, todas as doutrinas de homens e opiniões particulares, o Juiz Supremo, em cuja sentença nos devemos firmar, não pode ser outro senão o Espírito Santo falando na Escritura".

3) A Origem Divina e Humana das Escrituras:

---

[250]Mark A. Noll, *Momentos Decisivos na História do Cristianismo*, São Paulo: Cultura Cristã, 2000, p. 20.
[251]J.I. Packer, O Conforto do Conservadorismo: In: Michael Horton, ed. *Religião de Poder,* p. 241.
[252]"Eles [os credos] não são revelação divina, mas parte da resposta da Igreja à revelação que a criou e a renovou na história, e que tem continuidade no presente" (Edward A. Dowey Jr., Documentos Confessionais como Hermenêutica: In: Donald K. Mckim, ed. *Grandes Temas da Teologia Reformada,* São Paulo: Pendão Real, 1999, p. 12).
[253] Vd. J.M. Boice, O Pregador e a Palavra de Deus: In: J.M. Boice, ed. *O Alicerce da Autoridade Bíblica,* p. 162.
[254] Ver G. C. Berkouwer. *A Pessoa de Cristo*, São Paulo, ASTE, 1964, p. 76.
[255] J.I. Packer, O Conforto do Conservadorismo: In: Michael Horton, ed. *Religião de Poder,* p. 236.
[256] John Edward Veith, Jr, *De Todo o Teu Entendimento*, São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 26. No mesmo parágrafo, Veith escrevera: "O conhecimento, se for preservado e transmitido, pode ser acumulado. Muitos artistas, filósofos e teólogos modernos rejeitam o conhecimento do passado. Assim, eles têm que recomeçar de novo continuamente do zero, sendo sua visão restrita à sua própria perspectiva estreita, tornando-se artificialmente primitivos. (...) A instrução transmite conhecimento, mas também presume conhecimento" .

A Bíblia não é um livro qualquer; a sua origem está em Deus que falou através de homens que Ele mesmo separou para registrar a Sua Palavra. Sabemos que a questão do caráter humano das Escrituras não é algo acidental ou periférico: os homens escolhidos por Deus para registrarem as Escrituras eram pessoas de carne e osso como nós, com personalidades diferentes, que viveram em determinado período histórico – num espaço de aproximadamente 1600 anos –, enfrentando problemas específicos, dispondo de determinados conhecimentos, etc.[257] Aqui, sabemos, não há lugar para nenhum docetismo:[258] Os autores secundários tiveram um papel ativo e passivo.[259] No entanto, devemos também acentuar, e este é o nosso ponto neste texto,[260] que o Espírito chamou Seus servos, revelou-Se a Si mesmo e a Sua mensagem, dirigiu, inspirou[261] e preservou os registros feitos por esses homens. "O Espírito Santo habitou em certos homens, inspirou-os, e assim dirigiu-os que eles, em plena consciência, expressaram-se na sua singular

---

[257]Encontramos uma abordagem útil e esclarecedora deste ponto em: Augustus Nicodemus Lopes, *A Bíblia e Seus Intérpretes,* São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004, p. 23-29.

[258] Ver: Robert Laird Harris, *Inspiração e Canonicidade da Bíblia,* São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p. 96.

[259]Vejam-se: Hermisten M.P. Costa, *Inspiração e Inerrância das Escrituras: Uma Perspectiva Reformada*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1998, p. 93ss.; Gordon R. Lewis, A Autoria Humana da Escritura Inspirada: In: Norman Geisler, org. *A Inerrância Bíblica*. São Paulo: Editora Vida, 2003, p. 268-312. (Especialmente, p. 287-312); J. Gresham Machen, *Cristianismo e Liberalismo*, São Paulo: Os Puritanos, 2001, p. 75-83.

[260] Para uma perspectiva mais ampla, veja-se: Hermisten M.P. Costa, *Inspiração e Inerrância das Escrituras: Uma Perspectiva Reformada*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1998.

[261]Como sabemos, no Novo Testamento, a palavra "inspirada" é decorrente de uma tradução interpretativa do texto de 2Tm 3.16, que diz: *"Toda Escritura é inspirada por Deus..."*. A expressão "inspirada por Deus" provém de um único termo grego, Qeo/pneustoj, que só ocorre em 2Tm 3.16. (Não aparece na LXX). Todavia, a tradução que temos (Almeida, Revista e Atualizada), segue aqui a Vulgata, que traduz, "Divinitus Inspirata".

A palavra Qeo/pneustoj não significa *"ins-pirado"* mas, sim *"ex-pirado"*; ou seja, ao invés de soprado para dentro, soprado para fora. Este adjetivo, comenta Colin Brown, "não significa qualquer modo específico de inspiração, tal qual alguma forma de ditado divino. Nem sequer dá a entender a suspensão das faculdades cognitivas normais dos autores humanos. Do outro lado, realmente quer dizer algo bem diferente da inspiração poética. É um erro omitir o elemento divino no termo, transmitido por theo (The New English Bible faz assim, ao traduzir a frase; 'toda escritura inspirada').**(1)** É claro que a expressão não dá a entender que algumas escrituras são inspiradas, enquanto outras não são. Todas as Sagradas Escrituras expressam a mente de Deus; fazem assim, no entanto, com o alvo da sua operação prática na vida". (Colin Brown, Escritura: In: Colin Brown, ed. ger. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento,* São Paulo: Vida Nova, 1981-1983, Vol. II, p. 103-104). O que Paulo quer dizer, é que toda a Escritura Sagrada é soprada, exalada por Deus. Ou, se tomarmos a palavra apenas no sentido passivo, diremos que "Deus em sua revelação é soprado pelas páginas das Escrituras". Deste modo, podemos dizer que Deus é o Autor e o Conteúdo das Escrituras.

Benjamin B. Warfield (1851-1921), comentando o texto de 2Tm 3.16, diz:

> "Numa palavra, o que se declara nesta passagem fundamental é, simplesmente, que as Escrituras são um produto divino, sem qualquer indicação da maneira como Deus operou para as produzir. Não se poderia escolher nenhuma outra expressão que afirmasse, com maior saliência, a produção divina das Escrituras, como esta o faz. (...) Paulo (...) afirma com toda a energia possível, que as Escrituras são o produto de uma operação especificamente divina". (B.B. Warfield, *The Inspiration of the Bible,* Grand Rapids, Michigan: Baker Book House (The Work's of Benjamin B. Warfield), 2000 (Reprinted), Vol. I, p. 79.

Podemos definir a Inspiração como sendo a influência sobrenatural do Espírito de Deus sobre os homens separados por Ele mesmo, a fim de registrarem de forma inerrante e suficiente toda a vontade de Deus, constituindo este registro na única fonte e norma de todo o conhecimento cristão.

Com isto, estamos dizendo que o Deus que Se revelou, esteve "expirando" os homens que Ele mesmo separou para registrarem esta revelação. A inspiração bíblica garante que seja registrado de forma veraz aquilo que a inspiração profética fazia com respeito à palavra do profeta, para que ela correspondesse literalmente à mente de Deus; em outras palavras: a Palavra escrita é tão fidedigna quanto a Palavra falada pelos profetas; ambas foram inspiradas por Deus.

***

(1) De fato, assim lemos na *The New English Bible: New Testament,* Great Britain, Oxford University Press, 1961: "Every inspired scripture". Mesmo equívoco comete *ARC*. Vd. uma boa discussão sobre este ponto In: Edwin A. Blum, The Apostles' of Scripture: In: Norman L. Geisler, ed. *Inerrancy***,** Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1980, p. 45ss.

maneira pessoal. O Espírito capacitou homens a conhecer e expressar a verdade de Deus. Ele impediu-os de incluir qualquer coisa que fosse contrária a essa verdade de Deus. Ele também impediu-os de escrever coisas que não eram necessárias. Assim, homens escreveram como homens, mas, ao mesmo tempo, comunicaram a mensagem de Deus, não a do homem".[262] Esta compreensão que nos advém da própria Escritura caracteriza distintamente o Cristianismo: Os profetas não falaram aleatoriamente o que pensavam; antes, "testificaram a verdade de que era a boca do Senhor que falava através deles".[263] Ainda que Calvino não tenha detalhado este assunto no que se refere ao processo de inspiração, um conceito fica claro em seus escritos: os autores secundários das Escrituras não foram simplesmente autômatos; Deus se valeu livre e soberanamente de seus conhecimentos e personalidade. Contudo, tudo que foi escrito o foi conforme a vontade de Deus. Os profetas e apóstolos tiveram em seus corações "gravada a firme certeza da doutrina, de sorte que fossem persuadidos e compreendessem que procedera de Deus o que haviam aprendido".[264] Em outro lugar: "Eis aqui o princípio que distingue nossa religião de todas as demais, ou seja: sabemos que Deus nos falou e estamos plenamente convencidos de que os profetas não falaram de si próprios, mas que, como órgãos do Espírito Santo, pronunciaram somente aquilo para o qual foram do céu comissionados a declarar. Todos quantos desejam beneficiar-se das Escrituras devem antes aceitar isto como um princípio estabelecido, a saber: que a lei e os profetas não são ensinos passados adiante ao bel-prazer dos homens ou produzidos pelas mentes humanas como uma fonte, senão que foram ditados pelo Espírito Santo".[265]

Argumentando em prol do conceito de Calvino concernente à participação humana no registro das Escrituras, Puckett resume:

> "Os comentários de Calvino, sobre o estilo literário do texto bíblico, refletem sua crença que a mente dos autores humanos permaneciam ativas na produção da escritura. Ele atribui variações de estilos pelo fato de que vários escritores são responsáveis por diferentes porções da Bíblia. Ele rejeita a autoria Paulina da epístola de Hebreus porque ele encontra estilos diferentes entre esta e as epístolas que ele crê serem genuinamente Paulinas".[266]

---

[262] Gerard Van Groningen, *Revelação Messiânica no Velho Testamento,* Campinas, SP.: Luz para o Caminho, 1995, p. 64-65. Veja-se também: J. Gresham Machen, *Cristianismo e Liberalismo*, São Paulo: Os Puritanos, 2001, p. 78-79.

[263] João Calvino, *As Pastorais,* (2Tm 3.16), p. 262.

[264] João Calvino, *As Institutas,* I.6.2.

[265] João Calvino, *As Pastorais,* (2Tm 3.16), p. 262. Do mesmo modo: João Calvino, *O Profeta Daniel: 1-6,* São Paulo: Parakletos, 2000, Vol. 1, p. 29; John Calvin, *Calvin's Commentaries,* Grand Rapids, Michigan: Baker Book House Company, 1996 (Reprinted), Vol. 2 (Preface), p. 14; (Ex 3.1), p. 59; Vol. XVII (Jo) (Argument), p. 22; João Calvino, *As Institutas,* IV.8.6). Em outro lugar Calvino diz que os Apóstolos foram "certos e autênticos amanuenses do Espírito Santo" (*As Institutas,* IV.8.9). No entanto, devemos entender, que Calvino usa esta expressão não para sustentar o "ditado" divino, mas sim, para demonstrar que os Apóstolos não criaram de sua própria imaginação a sua mensagem, antes, a receberam diretamente do Espírito. Ou seja, ele se refere ao resultado do registro, não ao processo em si. Entendia que Moisés escreveu os cinco livros da Lei "não somente sob a orientação do Espírito do Deus, mas porque Deus mesmo os tinha sugerido, falando-lhe com palavras de sua própria boca" [John Calvin, *Calvin's Commentaries,* Grand Rapids, Michigan: Baker Book House Company, 1996 (Reprinted), Vol. III, (Ex 31.18), p. 328. Vejam-se também: John Calvin, *Calvin's Commentaries,* Grand Rapids, Michigan: Baker Book House Company, 1996 (Reprinted), Vol. X (Jr 36.28), p. 352]. Veja-se uma boa exposição sobre este ponto em: B.B. Warfield, *Calvin and Calvinism,* Grand Rapids, Michigan: Baker Book House (The Work's of Benjamin B. Warfield), 2000 (Reprinted), Vol. V, p. 63ss.; Edward J. Young, *Thy Word Is Truth,* Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1957, p. 66-67; Wilson Castro Ferreira, *Calvino: Vida, Influência e Teologia,* Campinas, SP.: Luz para o Caminho, 1985, p. 356-257; David L. Puckett, *John Calvin's Exegesis of the Old Testament*, Louisville, Kentucky: Westminster John Knox Press (Columbia series Reformed Theological), 1995, p. 25ss. Curiosamente, o Concílio de Trento, na sua quarta sessão (08/04/1546), usa esta expressão para as Escrituras: *"Spiritu Sancto dictante"* (Ver: P. Schaff, *The Creeds of Christendom,* 6ª ed. Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, (Revised and Enlarged), (1931), Vol. II, p. 80; Robert Laird Harris, *Inspiração e Canonicidade da Bíblia,* São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p. 18 e 306).

[266] David L. Puckett, *John Calvin's Exegesis of the Old Testament*, Louisville, Kentucky: Westminster John Knox Press (Columbia series Reformed Theological), 1995, p. 27.

Numa linha semelhante, resume Crampton:

> "A visão que Calvino mantinha sobre os autores da Escritura é que o Espírito Santo agiu neles em um caminho orgânico, em acordo com suas próprias personalidades, caráter, temperamentos, dons e talentos. Cada autor escreveu em seu próprio estilo, e todos eles foram movidos pelo Espírito Santo para escreverem a verdade infalível. Realmente cada estilo de autor foi nele mesmo produzido pela providência de Deus".[267]

Nas Escrituras temos todos os Livros que Deus quis que fossem preservados[268] para a nossa edificação: "Aquelas [epístolas] que o Senhor quis que fossem indispensáveis à sua Igreja, Ele as consagrou por sua providência para que fossem perenemente lembradas. Saibamos, pois, que o que foi deixado nos é suficiente, e que sua insignificância não é acidental; senão que o cânon das Escritura, o qual se encontra em nosso poder, foi mantido sob controle através do grandioso conselho de Deus".[269]

4) A Igreja sob as Escrituras:

Calvino sempre manifestou um alto apreço pelas Escrituras; elas são "A Palavra pura de Deus",[270] a "Sagrada Palavra de Deus",[271] "Santa Palavra",[272] "Palavra da verdade",[273] "Palavra de Vida",[274] Infalível,[275] que tem "segura credibilidade":[276]é íntegra.[277] Por isso ela é a "Norma da fé",[278] "Infalível norma de Sua sacra vontade".[279]

Esta Palavra, portanto, antecede a Igreja: "Se o fundamento da Igreja é a doutrina profética e apostólica, impõe-se a esta haver assistido certeza própria antes que aquela começasse a existir".[280] Portanto, como decorrência lógica, não é a Igreja que autentica a Palavra por sua interpretação,[281] como a igreja romana sustentou em diversas ocasiões;[282] "um testemunho humano falível (como o

---

[267]W. Gary Crampton, *What Calvin Says,* Maryland: The Trinity Foundation, 1992, p. 23.
[268] Ver João Calvino, *As Institutas,* I.8.10-12.
[269]João Calvino, *Efésios***,** (Ef 3.3), p. 86.
[270] J. Calvino, *As Institutas,* IV.4.1; IV.8.9; IV.10.26. Fala também da "mui pura Palavra de Deus" (J. Calvino, *As Institutas,* II.16.8).
[271] J. Calvino, *As Institutas,* I.18.3.
[272] João Calvino, *As Institutas,* (1541), IV.15.
[273] João Calvino, *Exposição de Romanos,* (Rm 12.7), p. 432.
[274] João Calvino, *As Institutas,* (1541), II.7. João Calvino, *Exposição de Hebreus,* (Hb 4.12), p. 110
[275] João Calvino, *As Pastorais,* (1Tm 3.15), p. 98; *As Institutas,* IV.16.16; *Exposição de Hebreus,* Dedicatória, p. 14.
[276] João Calvino, *As Institutas,* I.8.1.
[277] João Calvino, *As Pastorais,* (1Tm 6.21), p. 187.
[278] J. Calvino, *Exposição de Romanos,* (Rm 9.14), p. 330.
[279] João Calvino, *Exposição de Hebreus,* Dedicatória, p. 14.
[280] J. Calvino, *As Institutas,* I.7.1.
[281]Antes, é da Palavra que nasce a Igreja e é justamente pela fidelidade à Palavra que a Igreja de Cristo é reconhecida. (Vd. J. Calvino, *As Institutas,* I.7.1-2).
[282]Como exemplo, citamos Stanilaus Hosius (1504-1579) que considerava a Bíblia como "propriedade da Igreja Católica" (Cf. Sudhoff, Hosius: In: Philip Schaff, ed. *Religious Encyclopaedia: or Dictionary of Biblical, Historical, Doctrinal, and Practical Theology,* Chicago: Funk & Wagnalls Publishers, (revised edition), 1887, Vol. II, p. 1024). Escrevendo contra Brentius [J. Brenz (1499-1570)?], Hosius disse que "As Escrituras têm tão-somente a mesma força que as fábulas do Esopo, se destituída da autoridade da igreja." (*Apud* Francis Turretin, *Institutes of Elenctic Theology,* Phillipsburg, New Jersey: Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1992, Vol. I, I.6.2. p. 86). Segundo citação de Turretin, Hosius "não hesitou em blasfemar ao dizer": "Melhor seria para os interesses da igreja se jamais houvesse existido a Bíblia". (*Apud* Francis Turretin, *Institutes of Elenctic Theology,* Vol. I, p. 57). Johann Maier von Eck (1486-1543), amigo e depois severo oponente de Lutero, escreveu em 1525 que, "As Escrituras não são autênticas, exceto pela autoridade da igreja." (*Enchirdion of Commonplaces,* 1, *Apud* Turretin, *Institutes of*

da igreja) não pode moldar o fundamento da divina fé."[283] É a Bíblia que se autentica a si mesma como Palavra autoritativa de Deus[284] e, é Ele mesmo Quem nos ilumina para que possamos interpretá-la corretamente (Sl 119.18). "A carne não é capaz de tão alta sabedoria como é compreender a Deus e o que a Deus pertence, sem ser iluminada pelo Espírito Santo".[285] Por isso, o Espírito não pode ser separado da Palavra.[286] Somente pela operação divina poderemos reconhecer a Sua origem divina bem como compreendê-La salvadoramente. "A suprema prova da Escritura se estabelece reiteradamente da pessoa de Deus nela a falar."[287] Portanto, a pretensão da igreja de subordinar a autoridade da Bíblia ao seu arbítrio consiste numa "blasfêmia": "É chocante blasfêmia afirmar que a Palavra de Deus é falível até que obtenha da parte dos homens uma certeza emprestada".[288] Em outro lugar: ".... a Palavra do Senhor é semente frutífera por sua própria natureza".[289]

Na *Confissão Gaulesa* (1559),[290] redigida, primariamente por Calvino (1509-1564), no Capítulo IV diz:

> "Nós sabemos que esses livros [das Escrituras] são canônicos, e a regra segura de nossa fé (Sl 19.9; 12.7), não tanto pelo comum acordo e consentimento da Igreja quanto pelo testemunho e persuasão interior do Espírito Santo".

Na mesma linha, registra a *Confissão de Westminster*:

> "... A nossa plena persuasão e certeza da sua infalível verdade e divina autoridade provém da operação interna do Espírito Santo, que pela palavra e com a palavra testifica em nossos corações." (I.5).
>
> "... Reconhecemos, entretanto, ser necessária a íntima iluminação do Espírito de Deus para a salvadora compreensão das cousas reveladas na palavra...." (I.6).[291]

Elenctic Theology, I.6.2. p. 86). [Francis Turretin (1623-1687) cita diversos outros pronunciamentos feitos por católicos a respeito deste assunto. Vd. *Institutes of Elenctic Theology,* I.6.2. p. 86]. Notemos que aqui, nestas questões levantadas pelos católicos, não há uma negação da procedência das Escrituras, mas sim a afirmação da supremacia do subjetivo sobre o objetivo. Neste caso, a verdade não é o que é; ela é o que digo (no caso a Igreja Católica Romana) que ela seja...

[283] Francis Turretin, *Institutes of Elenctic Theology,* 1.6.10. p. 89.

[284] Ver: João Calvino, *Exposição de Hebreus,* (Hb 4.12), p. 110.

[285] João Calvino. *As Institutas*, II.2.19.

[286]Zuínglio (1484-1531) dissera textualmente: "Entendo a Escritura somente na maneira em que ela interpreta a si mesma pelo Espírito Santo. Isso não requer nenhuma opinião humana." (*Apud* Timothy George, *Teologia dos Reformadores,* p. 129. Vejam-se as p. 126-130; Calvino: "A verdade de Deus não depende da verdade do homem." [João Calvino, *Romanos,* 2ª ed. São Paulo: Parakletos, 2001, (Rm 3.4), p. 111]. Paul Tillich, *História do Pensamento Cristão,* São Paulo: ASTE., 1988, p. 234ss). Vd. Tomás de Aquino, *Súmula Contra os Gentios,* São Paulo: Abril Cultural, (Os Pensadores, Vol. VIII), 1973, VI, p. 69; J. Calvino, *As Institutas,* I.9.3; D.M. Lloyd-Jones, *Vida No Espírito,* São Paulo: PES., 1991., p. 126ss.

[287]J. Calvino, *As Institutas,* I.7.4. Vd. também, *As Institutas,* I.9.3.

[288]João Calvino, *As Pastorais,* (1Tm 3.15), p. 98.

[289]João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 3.6), p. 103. Vejam-se dois estudos de Murray sobre a posição de Calvino a respeito das Escrituras e de sua Autoridade. John Murray, Calvin's Doctrine of Scripture e Calvin and the Autority of Scripture: In: John Murray, *Calvin as Theologian and Expositor,* Carlisle, Pennsylvania: The Banner of Truth Trust, (*Collected Writings of John Murray,* Vol. IV), 1976, p. 158-175 e 176-190. Também: A.D.R. Polman, Calvino y la Inspiracion de la Escritura: In: Jacob T. Hoogstra, compilador. Juan Calvino, Profeta Contemporáneo, Barcelona: CLIE., 1973, p. 99-114.

[290]Como vimos, esta Confissão foi escrita por Calvino (1509-1564) e seu discípulo Antoine de la Roche Chandieu (De Chandieu) (1534-1591), provavelmente com a ajuda de T. Beza (1519-1605) e Pierre Viret (1511-1571).

[291] Do mesmo modo diz a *Confissão Belga* (1561), Art 5.

Anglada resume bem este ponto, do seguinte modo: "O testemunho do Espírito não é uma nova luz no coração, mas a sua ação através da qual Ele abre os olhos de um pecador, permitindo-lhe reconhecer a verdade que lá estava, mas não podia ser vista por causa da sua cegueira espiritual".[292]

Cabe a nós submeter o nosso juízo e entendimento à verdade de Deus conforme testemunhada pelo Espírito.[293]

A Palavra de Deus direcionada ao homem, revela a seriedade com que Deus nos trata: "Sempre que o Senhor se nos acerca com sua Palavra, Ele está tratando conosco da forma mais séria, com o fim de mover todos os nossos sentidos mais profundos. Portanto, não há parte de nossa alma que não receba sua influência".[294]

5) Vida pela Escritura:

Ainda que a natureza revele o seu Criador, as Escrituras se constituem no meio eficaz estabelecido por Deus para nos comunicar o conhecimento de Si mesmo iluminando os nossos olhos para enxergá-lo de modo salvador. A nossa capacidade simplesmente intelectual não conta nesta esfera: "O homem, com toda a sua astúcia, é tão estúpido para entender por si mesmo os mistérios de Deus, como um asno é incapaz de entender a harmonia musical".[295] A ação especial de Deus é que nos possibilita conhecê-Lo: "Visto que Deus se comunicou por Sua Palavra de Vida a todos os que Ele recebeu por Sua graça, disso devemos inferir que os fez participantes da vida eterna. Eu digo que na Palavra de Deus há uma tal eficácia de vida que a sua comunicação é uma segura e certa vivificação da alma. Entendo por comunicação não a geral e comum, que se propaga por céus e terra e sobre todas as criaturas do mundo.[296] Porque, conquanto esta vivifique todas as coisas conforme a sua respectiva natureza diversa, todavia não livra nada nem ninguém da corrupção. Mas a comunicação a que me refiro é especial, e por esta a alma dos crentes é iluminada no conhecimento de Deus e de algum modo é ligada a Ele".[297]

---

[292] Paulo Anglada, A Doutrina Reformada da Autoridade Suprema das Escrituras: In: *Fides Reformata,* São Paulo: Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, 2/2 (1997), p. 124-125.
[293]Ver: J. Calvino, *As Institutas,* I.7.5.
[294] João Calvino, *Exposição de Hebreus,* (Hb 4.12), p. 108.
[295]João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 1.20), p. 60.
[296] "Nas coisas que Ele criou, Deus, portanto, mantém diante de nós nítido espelho de sua esplendorosa sabedoria. Em resultado, qualquer indivíduo que desfrute de pelo menos uma minúscula fagulha de bom senso, e atenta para a terra e outras obras divinas, se vê aturdido por candente admiração por Deus. Se os homens chegassem a um genuíno conhecimento de Deus, pela observação de suas obras, certamente que viriam a conhecer a Deus de uma forma sábia, ou daquela forma de adquirir sabedoria que lhes é natural e apropriada." [João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 1.21), p. 62]. "Em toda a arquitetura de seu universo, Deus nos imprimiu uma clara evidência de sua eterna sabedoria, munificência e poder; e embora em sua própria natureza nos seja ele invisível, em certa medida se nos faz visível em suas obras. O mundo, portanto, é com razão chamado o espelho da divindade, não porque haja nele suficiente clareza para que os homens alcancem perfeito conhecimento de Deus, só pela contemplação do mundo, mas porque ele se faz conhecer aos incrédulos de tal maneira que tira deles qualquer chance de justificarem sua ignorância. (...) O mundo foi fundado com esse propósito, a saber: para que servisse de palco à glória divina." [João Calvino, *Exposição de Hebreus,* São Paulo: Paracletos, 1997, (Hb 11.3), p. 300-301]. "Existe diante de nossos olhos, em toda a ordem da natureza, os mais ricos elementos a manifestarem a glória de Deus, mas, visto que somos inquestionavelmente mais poderosamente afetados com o que nós mesmos experimentamos, Davi, neste Salmo, com grande propriedade, expressamente celebra o favor especial que Deus manifesta no interesse da humanidade. Posto que este, de todos os objetos que se acham expostos à nossa contemplação, é o mais nítido espelho no qual podemos contemplar sua glória." [João Calvino, *O Livro dos Salmos,* São Paulo: Paracletos, 1999, Vol. 1, (Sl 8.1), p. 356].
[297]João Calvino, *As Institutas,* (1541), II.7.

2. O "BALBUCIAR" DE DEUS E O TESTEMUNHO DO ESPÍRITO:

"Não há nada no próprio Deus que escape ao seu Espírito" – João Calvino.[298]

1) A Acomodação Graciosa de Deus:

Para Calvino, a "Revelação é um ato de condescendência divina".[299] Ele entendia que Deus, na Sua Palavra, "se acomodava à nossa capacidade",[300] balbuciando a Sua Palavra a nós como as amas fazem com as crianças.[301] Deus se vale de analogias, recorrendo a metáforas – comparando-se a um leão, ao urso e ao homem –, visando ser entendido por nós. "Deus não pode se revelar a nós de nenhuma outra maneira do que não por meio de comparações com coisas que

---

[298] João Calvino *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 2.11), p. 88.

[299] Alister E. McGrath, *Historical Theology: An Introduction to the History of Christian Thought*, Massachusetts: Blackwell Publishers, 1998, p. 210. A *Confissão de Westminster* fala também da "condescendência" de Deus em firmar um Pacto com o homem caído (Ver: *Confissão de Westminster,* VII.1).

[300] J. Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 2.7), p. 82. "Não podemos compreender plenamente a Deus em toda a sua grandeza, mas que há certos limites dentro dos quais os homens devem manter-se, embora Deus acomode à nossa tacanha capacidade toda declaração que faz de si mesmo. Portanto, somente os estultos é que buscam conhecer a essência de Deus." [João Calvino, *Exposição de Romanos,* São Paulo: Edições Paracletos, 1997, (Rm 1.19), p. 64]. "O Espírito Santo propositadamente acomoda ao nosso entendimento os modelos de oração registrados na Escritura." [João Calvino, *O Livro dos Salmos,* Vol. 1, (Sl 13.3), p. 265]. "Porque se viesse a nós em Sua majestade estaríamos perdidos; porém quando Se nos apresenta por meio de homens se acomoda a nossas debilidades para que possamos conhecer mais convenientemente sua verdade a qual Ele nos propõe." [Juan Calvino, Autoridad y Reverencia que Debemos a la Palabra de Dios: In: *Sermones Sobre Job,* Jenison, Michigan: T.E.L.L., 1988, (Sermon nº 17), p. 212]. "Este é aquele arrependimento tão amiúde referido nas Escrituras. Não que Deus seja em si mutável, mas Ele usa a linguagem humana para que sejamos afetados com o mais profundo senso de sua ira." [J. Calvino, *O Livro dos Salmos,* São Paulo: Parakletos, 2002, Vol. 3, (Sl 106.23), p. 685]. "O Espírito Santo não teve intenção de ensinar astronomia; e, com o propósito de instruir procurou ser comum às pessoas mais simples e iletradas" [John Calvin, *Commentary on the Book of Psalms,* Grand Rapids, Michigan: Baker Book House (Calvin's Commentaries, Vol. VI/4), 1996 (Reprinted), (Sl 136.7), p. 184]. Veja-se: James Orr, Ciência e Fé Cristã: In: R.A. Torrey, ed. *Os Fundamentos*, (Edição atualizada por L. Feinberg). São Paulo: Hagnos Editora, 2005, p. 129-139. Ver também: Herman Bavinck, *Reformed Dogmatics: Volume 1: Prolegomena*, Grand Rapids, Michigan: Baker Academic, 2003, p. 214.

[301] Calvino usou deste recurso hermenêutico para explicar assuntos aparentemente contraditórios na Bíblia. Falando sobre os antropomorfismos bíblicos, diz em lugares diferentes: "Pois quem, mesmo que de bem parco entendimento, não percebe que Deus assim conosco fala como que a balbuciar, como as amas costumam fazer com as crianças? Por isso, formas de expressão que tais não exprimem, de maneira clara e precisa, tanto quê Deus seja, quanto Lhe acomodam o conhecimento à paucidade da compreensão nossa. Para que assim se dê, necessário Lhe é descer muito abaixo de Sua excelsitude" (J. Calvino, *As Institutas,* I.13.1). "A descrição que dEle se nos outorga tem de acomodar-se-nos à capacidade, para que seja de nós entendida. Esta é, na verdade, a forma de acomodar-se: que tal se nos represente, não qual é em Si, porém, qual é possível de ser de nós apreendido" (J. Calvino, *As Institutas,* I.17.13). Ver também: João Calvino, *O Livro dos Salmos,* Vol. 1, (Sl 13.3), p. 265; Vol. 2, (Sl 50.14), p. 409; Vol. 3, (Sl 78.65), p. 241; (Sl 91.4), p. 447; (Sl 93.2), p. 474; (Sl 106.23), p. 685; *As Institutas,* I.14.3,11; I.16.9; IV.17.11; *As Institutas,* (1541) III.8. Deste princípio derivado da Retórica (Cf. Alister E. McGrath, *A Vida de João Calvino,* São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004, p. 154ss.) ele tirou um princípio pedagógico: "Um sábio mestre tem a responsabilidade de acomodar-se ao poder de compreensão daqueles a quem ele administra o ensino, de modo a iniciar-se com os princípios rudimentares quando instrui os débeis e ignorantes, não lhes dando algo que porventura seja mais forte do que podem suportar" [J. Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 3.1), p. 98-99. Ver também: João Calvino, *As Pastorais,* (2Tm 2.15), p. 235]. Hooykaas sustenta que a "teoria da acomodação de Calvino" exerceu poderosa influência sobre os astrônomos protestantes (Ver: R. Hooykaas, *A Religião e o Desenvolvimento da Ciência Moderna,* Brasília, DF.: Editora Universidade de Brasília, 1988,p. 160ss.; Alister E. McGrath, *Historical Theology: An Introduction to the History of Christian Thought*, Massachusetts: Blackwell Publishers, 1998, p. 210. Em que pese o marxismo do autor, veja-se a obra publicada recentemente em português de Christopher Hill, *A Bíblia Inglesa e as Revoluções do Século XVII,* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 43ss).

conhecemos....".[302] Por exemplo, quando Deus se compara a um homem embriagado – *"excitado pelo vinho"* (Sl 78.65) –, assumindo um caráter totalmente estranho ao Seu, Calvino diz que Ele se acomoda "à estupidez do povo".[303] Ou seja: Deus adapta-se à linguagem humana e "ao nível humano de compreensão".[304] "... Deus, acomoda-se ao nosso modo ordinário de falar por causa de nossa ignorância, às vezes também, se me é permitida a expressão, gagueja".[305] Resumindo: "Em Cristo, Deus, por assim dizer, tornou-se pequeno, para acomodar-se à nossa compreensão".[306] "O Senhor Jesus (...) acomoda de algum modo Suas palavras à capacidade deles....".[307] Portanto, quando lemos as Escrituras, "somos arrebatados mais pela dignidade do conteúdo que pela graça da linguagem".[308] Calvino observa, contudo, que sempre os homens procuram uma desculpa para a sua impiedade: "Se Deus, acomodando-se à tacanha capacidade dos homens, fala num estilo humilde e acessível, esse método de ensino é desprezado como simples demais; porém, se ele se manifesta num estilo mais elevado, com vistas a imprimir maior autoridade à sua Palavra, os homens, com o intuito de eximir-se de sua ignorância, dirão que ela é obscura demais. Como esses dois vícios são por demais prevalecentes no mundo, o Espírito Santo assim tempera seu estilo, para que a sublimidade das verdades que ele ensina não fique oculta daqueles que porventura sejam de uma capacidade mais débil, contanto que sejam de uma disposição submissa e dócil e tragam consigo um desejo solícito de ser instruídos".[309]

2) O Espírito & Palavra: Inseparáveis:

Esses pontos tornam o homem inescusável e realçam a relevância das Escrituras para a vida cristã. Ele diz: "Ora, primeiro, com Sua Palavra nos ensina e instrui o Senhor; então, com os sacramentos no-la confirma; finalmente, com a luz de Seu Santo Espírito a mente nos ilumina e abre acesso em nosso coração à Palavra e aos sacramentos, que, de outra sorte, apenas feririam os ouvidos e aos olhos se apresentariam, mas, longe estariam de afetar-nos o íntimo".[310] Aqui temos um paradoxo: A Palavra acomodatícia de Deus permanece, entretanto, como algo misterioso para os que não crêem ou que desejam entendê-la por sua própria sabedoria pois, os "tesouros da sabedoria

---

[302] John Calvin, "Commentary on the Book of the Prophet Isaiah," *John Calvin Collection,* [CD-ROM], (Albany, OR: Ages Software, 1998), (Is 40.18), p. 64.

[303] João Calvino, *O Livro dos Salmos,* Vol. 3, (Sl 78.65), p. 241.

[304] John H. Gerstner, A Atitude da Igreja Perante a Bíblia: Calvino e os Teólogos de Westminster: In: Norman Geisler, org. *A Inerrância Bíblica*. São Paulo: Editora Vida, 2003, p. 477. Veja-se também: Alister E. McGrath, *A Vida de João Calvino,* São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004, p. 154ss.

[305] John Calvin, *Commentary on the Gospel According to John,* Grand Rapids, Michigan: Baker Book House (Calvin's Commentaries, Vol. XVIII), 1996 (Reprinted), (Jo 21.25), p. 299.

[306] John Calvin, *Calvin's Commentaries,* Grand Rapids, Michigan: Baker Book House Company, 1996 (Reprinted), Vol. XXII, (1Pe 1.21), p. 54. Parker interpretando Calvino, diz: ".... Os pensamentos e a linguagem de Deus são incompreensíveis ao homem. Mas revelação só é revelação se ela for compreensível. Portanto, os pensamentos e a linguagem de Deus devem tornar-se compreensíveis, e isso acontece quando Deus, para dizer assim, os traduz em pensamentos e linguagem humanos" (T.H.L. Parker, *Calvin´s New Testament Commentaries,* 2ª ed. Louisville, Kentucky: Wetminster/John Knox Press, 1993 p. 94).

[307] João Calvino, *As Institutas,* (1541), II.7.

[308] J. Calvino, *As Institutas,* I.8.1. Calvino, continua: "Ora, e não sem a exímia providência de Deus isto se faz, que sublimes mistérios do reino celeste fossem, em larga medida transmitidos em termos de linguagem apoucada e sem realce, para que houvessem eles de ser adereçados em mais esplendorosa eloqüência, os ímpios não alegassem cavilosamente que a só força desta aqui impera.

"Agora, quando essa não burilada e quase rústica simplicidade provoca maior reverência de si que qualquer eloqüência de retóricos oradores, que é de julgar-se, senão que a pujança da verdade da Sagrada Escritura tão sobranceira se estadeia, que não necessite do artifício das palavras?" (J. Calvino, *As Institutas,* I.8.1).

No entanto, ele também entendia que "alguns Profetas têm um modo de dizer elegante e polido, até mesmo esplendoroso, assim que a eloqüência lhes não cede aos escritores profanos." (J. Calvino, *As Institutas,* I.8.2).

[309] João Calvino, *O Livro dos Salmos,* Vol. 3, (Sl 78.3), p. 198.

[310] J. Calvino, *As Institutas,* IV.14.8. Vd. também J. Calvino, *Exposição de Romanos,* (Rm 10.16), p. 373-374.

celestial", acham-se fora "do alcance da cultura humana".[311] Todos somos incapazes de entender os "mistérios de Deus" até que Ele mesmo por Sua graça nos ilumine.[312] "A Palavra de Deus é uma espécie de sabedoria oculta, a cuja profundidade a frágil mente humana não pode alcançar. Assim, a luz brilha nas trevas, até que o Espírito abra os olhos ao cego".[313] "De nenhum efeito é a Palavra sem a iluminação do Espírito Santo".[314]

O Espírito que vocaciona, revela e inspira, é o mesmo que testifica em nossos corações a respeito da autoridade bíblica e nos faz compreender a Palavra: "O mesmo Espírito que deu certeza a Moisés e aos profetas de sua vocação, também agora testifica aos nossos corações de que Ele tem feito uso deles como ministros através de quem somos instruídos. E assim não é de estranhar que muitos ponham em dúvida a autoridade da Escritura. Pois ainda que a majestade divina esteja exibida nela, somente aqueles que têm sido iluminados pelo Espírito possuem olhos para ver o que deveria ser óbvio a todos, mas que, na verdade, é visível somente aos eleitos. Eis o significado da primeira cláusula, a saber: que devemos à Escritura a mesma reverência devida a Deus, já que ela tem nele sua única fonte, e não existe nenhuma origem humana misturada nela."[315]

Portanto, "Se Deus nos ilumina pelo Seu Espírito Santo, nós julgaremos a doutrina e discerniremos de tal maneira que não poderemos ser enganados por nenhuma de todas as tentações de Satanás."[316] "Da mesma forma, 'a Palavra' não pode ser separada 'do Espírito', como imaginam os fanáticos, que, desprezando a palavra, ufanam-se do nome do Espírito, e incrementam coisas, como confidenciais, em suas próprias imaginações. É o espírito de Satanás que é separado da palavra, a qual o Espírito de Deus está continuamente unido."[317] Portanto, quando o Espírito aplica a Palavra ao nosso coração, Ele produz a sua boa obra em nós, gerando a fé salvadora que se direciona para Cristo e para os feitos de Sua redenção.

O Comentário de Romanos – o primeiro de sua lavra –, não foge a este princípio: o reconhecimento de que é o Espírito Quem deve nos guiar na compreensão das Escrituras. E, o conselho que o próprio Calvino emitiu no Prefácio à edição francesa das *Institutas* (1541), permanece para todas as suas obras também como princípio avaliador de qualquer labor humano: "Importa em tudo quanto exponho recorrer ao testemunho da Escritura, que aduzo para ajuizar da procedência e justeza do que afirmo". Em outras palavras, a autoridade daquilo que dizia era relativa. A autoridade do teólogo é decorrente de sua seriedade para com a Palavra e interpretação fidedigna. Somente as Escrituras são absolutas. A teologia tem como propósito principal nos ajudar a compreender as Escrituras.[318] O valor da teologia está na mesma proporção de seu auxílio na interpretação da Palavra de Deus. Por trás desta questão está a compreensão da teologia como sendo "éctipa". A Teologia nunca é "arquétipa"[319] mas sim "éctipa";[320] ela não é gerada pelo esforço de

---

[311] J. Calvino, *Exposição de Romanos,* (Rm 16.21), p. 522.
[312] Cf. João Calvino, *As Institutas,* II.2.21.
[313] João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 2.11), p. 89.
[314] João Calvino, *As Institutas,* III.2.33.
[315] João Calvino, *As Pastorais,* (2Tm 3.16), p. 262-263.
[316] Juan Calvino, Autoridad y Reverencia que Debemos a la Palabra de Dios: In: *Sermones Sobre Job,* Jenison, Michigan: T.E.L.L., 1988, (Sermon nº 17), p. 208.
[317] John Calvin, *Commentary on the Book of the Prophet Isaiah,* Grand Rapids, Michigan: Baker Book House Company, (Calvin's Commentaries), 1996, Vol. VIII/4, (Is 59.21), p. 271.
[318] Ver: Thomas F. Torrance, *The Hermeneutics of John Calvin,* p. 70-71.
[319] A. Kuyper, *Principles of Sacred Theology,* § 60, p. 257ss. Ver também: Herman Bavinck, *Reformed Dogmatics: Volume 1: Prolegomena*, p. 212. Esta distinção, ao que parece, originou-se com o teólogo Polanus (1561-1610). (Cf. Richard A. Muller, *Post-Reformation Reformed Dogmatics,* Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1987, Vol. 1, p. 126-127).

nossa observação de Deus, mas sim o resultado da revelação soberana e pessoal de Deus. Uma *"Teologia Arquétipa"* – se é que podemos falar deste modo –, pertence somente a Deus, porque somente Ele Se conhece perfeitamente tendo, inclusive, ciência completa do seu conhecimento perfeito. Por isso, a Teologia sempre será o efeito da ação reveladora, inspiradora e iluminadora de Deus através do Espírito; a Teologia nunca é a causa primeira; sempre é o efeito da ação primeira de Deus em revelar-se. *"No princípio Deus..."*, isto deve ser sempre considerado em todo e qualquer enfoque que dermos à realidade. Deus se revela e se interpreta através do Espírito; e é somente através dEle que poderemos ter um genuíno conhecimento de Deus. A teologia sempre é relativa: "relativa à revelação de Deus. Deus precede e o homem acompanha. Este ato seguinte, este serviço, são pensamentos humanos concernentes ao conhecimento de Deus".[321]

A Teologia não termina em conhecimento teórico e abstrato, antes se plenifica no conhecimento prático e existencial de Deus através da Sua Revelação nas Escrituras Sagradas, mediante a iluminação do Espírito. A hermenêutica de Calvino, conforme veremos à frente, está completamente devotada a este princípio: conhecer a Palavra para praticá-la. Conhecer a Deus é obedecer a Seus mandamentos. "A boa teologia desloca-se da cabeça até o coração e, finalmente, até a mão".[322] A Teologia não pode ser um estudo descompromissado feito por um transeunte acadêmico; ela é função da Igreja Cristã, dentro da qual estamos inseridos. "Estudamos dogmática como membros da Igreja, com a consciência que temos uma incumbência dada por ela um serviço a lhe prestar, devido a uma compulsão que pode originar-se somente no seu interior".[323] "Pensamento dogmático não é somente pensar *sobre* a fé, é um pensar *crendo*", conclui Brunner (1889-1966).[324]

O valor da teologia está na mesma proporção de seu auxílio na interpretação da Palavra de Deus. Ainda que Calvino recorresse às interpretações dadas aos textos no decorrer da história da igreja, o foco da autoridade estava nas Escrituras. Calvino sustentava que o mesmo Espírito que inspirou o registro das Escrituras, nos convence da autoridade de Sua Palavra, concedendo-nos discernimento espiritual. O testemunho do Espírito é mais relevante e eficaz do que qualquer argumento ou arrazoado humano. Comentando 1Co 2.11, interpreta: "Paulo, aqui, pretende ensinar duas coisas: 1) que o ensino do evangelho só pode ser entendido pelo testemunho do Espírito Santo; e 2) que a segurança daqueles que possuem tal testemunho do Espírito Santo é tão forte e firme, como se o que crêem pudesse realmente ser tocado com suas mãos e isto em razão do fato de que o Espírito é uma testemunha fiel e confiável."[325] Em outro lugar: "A genuína convicção que os crentes têm da Palavra de Deus, acerca de sua própria salvação e de toda a religião, não emana das percepções da carne, ou de argumentos humanos e filosóficos, e, sim da selagem do Espírito, o que faz suas consciências mais seguras e todas as dúvidas resolvidas".[326]

---

[320] *"Éctipo"* é uma palavra de derivação grega, "e)/ktupoj" (cópia de um modelo, ou reflexo de um arquétipo), passando pelo latim "ectypus" (feito em relevo, saliente). *"Éctipo"* é o oposto a *arquétipo* (do grego, "a)rxe/tupoj" = "original", "modelo"). Na filosofia, G. Berkeley (1685-1753) estabeleceu esta distinção no campo das idéias:

"Pois acaso não admito eu um duplo estado de coisas, a saber: um etípico, ou natural, ao passo que o outro é arquetípico e eterno? Aquele primeiro foi criado no tempo; e este segundo desde todo o sempre existiu no espírito de Deus." (G. Berkeley, *Três Diálogos entre Hilas e Filonous,* São Paulo: Abril Cultural, (Os Pensadores, Vol. XXII), 1973, 3º Diálogo, p. 119).

[321] Karl Barth, *The Faith of the Church: A Commentary on Apostle's Creed According to Calvin'sCatechism,* Great Britain: Fontana Books, 1960, p. 27.

[322] Stanley J. Grenz & Roger E. Olson, *Quem Precisa de Teologia? Um convite ao estudo sobre Deus e sua relação com o ser humano,* São Paulo: Editora Vida, 2002, p. 51.

[323] Emil Brunner, *Dogmática*, São Paulo: Novo Século, 2004, Vol. 1, p. 15.

[324] Emil Brunner, *Dogmática*, Vol. 1, p. 18.

[325] João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 2.11), p. 88.

[326] João Calvino, *Efésios,* São Paulo: Paracletos, 1998, (Ef 1.13), p. 36.

A Palavra de Deus jamais poderá ser recebida salvadoramente sem o ensino do Espírito; é Ele Quem de fato abre as Escrituras diante dos nossos olhos, nos capacitando a enxergar o Evangelho da Glória de Deus. Comentando o texto de 2Pe 1.3, diz: "A causa eficaz de fé não é a perspicácia de nossa mente, mas a vocação de Deus. E ele [Pedro] não se refere somente à vocação externa, que é em si mesma ineficaz; mas à vocação interna, realizada pelo poder secreto do Espírito, quando Deus não somente emite sons em nossas orelhas pela voz do homem, mas, pelo Seu próprio Espírito atrai intimamente nossos corações para Ele mesmo".[327]

Conforme vimos, a autoridade da Palavra não depende do testemunho de nenhum homem ou instituição, antes, baseia-se na autoridade divina do seu autor que nos fala através da Escritura: "a credibilidade da doutrina se não firma antes que se nos persuada além de toda dúvida de que seu autor é Deus. Destarte, a suprema prova da Escritura se estabelece reiteradamente da pessoa de Deus nela falar".[328] Portanto, não é o testemunho interno do Espírito – sem dúvida fundamental para a compreensão das Escrituras –, que a tornam autoritativa; antes a sua autoridade é proveniente da inspiração divina que a produziu e a preservou pelo Espírito. Portanto, o Espírito e a Palavra são inseparáveis.[329] Sem a inspiração do Espírito não haveria o registro da Palavra; sem a iluminação do Espírito jamais seríamos persuadidos de Sua autenticidade e nunca poderíamos compreender salvadoramente a revelação de Deus. Na Palavra temos uma ação retroalimentadora: O Espírito nos conduz à Palavra; a Palavra nos instrui sobre o Espírito.

No entanto, não nos enganemos. Calvino não ignorava os argumentos em prol da autoridade bíblica; ele simplesmente entendia que sem a iluminação do Espírito estes argumentos, por mais razoáveis que fossem (e ele os considerava convincentes), não produziria um conhecimento salvador. Em síntese: Sem o Espírito, não haveria evidência objetiva que se tornasse persuasiva ao homem. Gerstner, interpreta: "O papel do Espírito Santo não é alterar a evidência (de insatisfatória para satisfatória) mas, sim, mudar as atitudes dos homens, da resistência à verdade para a submissão a ela. (...) Calvino não ensina que o Espírito é a evidência em prol da inspiração da Bíblia. Tudo quanto faz é levar as pessoas a crerem na evidência".[330]

Calvino escreveu magistralmente sobre este ponto:

> "O testemunho do Espírito é superior a todos os argumentos. Deus na Sua Palavra é a única testemunha adequada a respeito de Si mesmo, e, de maneira semelhante, Sua Palavra não será verdadeiramente crida nos corações dos homens até que tenha sido selada pelo testemunho do Seu Espírito. O mesmo Espírito que falou através dos profetas deve entrar em nosso coração para convencer-nos que eles entregaram fielmente a mensagem que Deus lhes deu. (...) Sendo iluminados pelo Seu poder, já não devemos ao nosso próprio juízo, nem ao de outros, o fato de crermos que as Escrituras vêm da parte de Deus; mas, por razões além do julgamento humano temos perfeita certeza, como se nelas contemplássemos a glória do próprio Deus, que elas foram transmitidas a nós da própria boca de Deus, pela instrumentalidade dos homens. Não procuramos argumentos ou probabilidades sobre os quais fundamentar nosso julgamento, mas sim sujeitamos nosso julgamento e nosso intelecto a elas como sendo algo acima e além de toda disputa. Nossa

---

[327] John Calvin, *Calvin's Commentaries,* Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1996 (reprinted), Vol. 22, (2Pe 1.3), p. 369.
[328] João Calvino, *As Institutas,* I.7.4.
[329] Cf. João Calvino, *As Institutas,* I.9.3. Veja-se B.B. Warfield, *Calvin and Augustine,* Michigan: Baker Book House (The Work's of Benjamin B. Warfield), 2000 (Reprinted), Vol. V, p. 79ss.
[330] John H. Gerstner, A Doutrina da Igreja sobre a Inspiração Bíblica: In: James M. Boice, ed. *O Alicerce da Autoridade Bíblica,* São Paulo: Vida Nova, 1982, p. 41.

convicção, portanto, é tal que não requer argumentos; nosso conhecimento é tal que é consistente com o melhor dos argumentos; porque nelas a mente descansa com mais segurança e firmeza do que em quaisquer argumentos".[331]

Comentando o Salmo 62:

"Toda palavra que foi pronunciada por Deus deve ser recebida com autoridade implícita, e não a aprovação dada à abominável prática da recusa de receber uma doutrina, a menos que seja apoiada por dois ou três textos da Escritura".[332]

Em outro lugar, Calvino disse:

"Deus não deu a conhecer a Palavra aos homens com vistas a momentânea apresentação, assim que de pronto a abolisse com a vinda de Seu Espírito; pelo contrário, enviou o mesmo Espírito, pelo poder de Quem havia dispensado a Palavra, para que realizasse Sua obra mediante a eficaz confirmação dessa mesma Palavra. Desta forma, Cristo abriu o entendimento aos dois discípulos de Emaús (Lc 24.27,45), não para que, postas de parte as Escrituras, se fizessem sábios de si mesmos, mas para que entendessem essas Escrituras. De modo semelhante, Paulo, enquanto exorta aos tessalonicenses a que não extingam o Espírito, não os arrebata às alturas, a vãs especulações à parte da Palavra, mas imediatamente acrescenta que as profecias não deveriam ser desprezadas (1Ts 5.19,20).[333] Com o que acena, longe de dubiamente, que a luz do Espírito é sufocada assim que em desprezo vêm as profecias".[334]

Em resposta ao Cardeal Sadoleto, Calvino diz: "... Hás sido castigado pela injúria que fizeste ao Espírito Santo, separando-O e dividindo-O da Palavra. (...) Aprende, pois, por tua própria falta, que é tão insuportável vangloriar-se do Espírito sem a Palavra, como desagradável o preferir a Palavra sem o Espírito."[335]

Comentando 1Co 2.11, arremata: "Não há nada no próprio Deus que escape ao seu Espírito".[336]

---

[331] J. Calvino, *As Institutas da Religião Cristã,* São Paulo: PES., 1984 (Resumo feito por J.P. Wiles), I.7. p. 40. (Vejam-se, J. Calvino, *As Institutas,* I.7.4-5). Hesselink diz que "a contribuição mais original e duradoura de Calvino para uma compreensão evangélica da natureza e da autoridade da Escritura foi sua doutrina do testemunho interno do Espírito Santo." (I. John Hesselink, O Movimento Carismático e a Tradição Reformada. In: Donald K. McKim, ed. *Grandes Temas da Tradição Reformada,* p. 339).

[332] João Calvino, *O Livro dos Salmos,* Vol. 2, (Sl 62.11), p. 582.

[333] Comentando 1Co 11.4, Calvino explica o que entende por profecia: "*Explicar* os mistérios de Deus visando à instrução daqueles que ouvem." [João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 11.4), p. 331-332]. Em outro lugar: "Profecia é simplesmente o correto entendimento da Escritura e o dom particular de explicá-la, visto que todas antigas profecias e todos os oráculos divinos já foram concluídos em Cristo e seu evangelho" [João Calvino, *Exposição de Romanos,* (Rm 12.6), p. 431]. Portanto, o profeta é "o mensageiro de Deus aos homens". [João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 12.10), p. 378]. Desse modo, "a profecia não é o dom da predição". [João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 14.3), p. 410. Do mesmo modo, ver: João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 12.28), p. 390]. Podemos perceber então, que a profecia tem uma ligação dupla e indissolúvel. A sua fonte é a Palavra de Deus; na outra ponta, temos o seu objetivo especial: a edificação da Igreja [João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 14.22), p. 425] e, de modo geral, o bem de todos [João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 14.24), p. 426-427]. "Um profeta será o intérprete e ministro da revelação. (...) [A] profecia não consiste na simples *interpretação* da Escritura, mas também inclui o *conhecimento* para fazer aplicação às necessidades do momento, e isto só pode ser obtido por meio da revelação e da influência especial de Deus" [João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 14.6), p. 413].

[334] J. Calvino, *As Institutas,* I.9.3.

[335] Juan Calvino, *Respuesta al Cardeal Sadoleto,* p. 30. (Vd. também, a p. 29).

[336] João Calvino *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 2.11), p. 88.

3. DISCÍPULO DA ESCRITURA NA ESCOLA DO ESPÍRITO:

> "Não é igreja aquela que, ultrapassando os limites da Palavra de Deus, diverte-se em fazer novas leis e inventar novos modos de servir a Deus" – João Calvino, *As Institutas,* (1541), IV.15.

> "Quando dizemos ser esse o sentido da Lei, não estamos a impor uma interpretação nova, de nós mesmos; pelo contrário, estamos a seguir a Cristo, o melhor intérprete da Lei" – João Calvino, *As Institutas,* II.8.7.

Calvino não sentia necessidade de explicar todas as partes das Escrituras, sentia-se sim, no dever pastoral de ensinar tudo o que as Escrituras ensinavam. A aceitação do paradoxo ou antinomia faz parte da própria limitação nossa diante da Revelação de Deus. A Escritura é suficientemente clara, mas não absolutamente clara em todas as coisas. A própria *Confissão de Westminster* nos instrui: "Na Escritura não são todas as coisas igualmente claras em si, nem do mesmo modo evidentes a todos; contudo, as coisas que precisam ser obedecidas, cridas e observadas para a salvação, em uma ou outra passagem da Escritura são tão claramente expostas e aplicadas, que não só os doutos, mas ainda os indoutos, no devido uso dos meios ordinários, podem alcançar uma suficiente compreensão delas". (I.7).

Ele jamais considerou como tarefa da teologia conciliar aparentes paradoxos que considerava mistérios centrais das Escrituras. Dowey Jr. comenta: "Calvino, pois, estava plenamente convencido de que havia alto grau de claridade e compreensibilidade nos temas individuais da Bíblia, mas estava, também, tão submisso ante o mistério divino a ponto de preferir criar uma teologia contendo muitas inconsistências de lógica, ao invés de optar por um todo racionalmente coerente. (...) Claridade de temas individuais, incompreensibilidade de suas inter-relações – essa é a marca registrada da teologia de Calvino".[337]

Calvino entende que a prática de afastar o povo da Palavra, mantendo-o na ignorância, é uma atitude anticristã e altamente prejudicial: "Daqui se faz evidente que espécie de cristianismo existe dentro do papado, onde não só é a crassa ignorância exaltada em nome da simplicidade, mas também o povo é rigidamente proibido de buscar o real discernimento".[338] Ao mesmo tempo lamenta que nem todos, mesmo tendo oportunidade, têm usado deste privilégio: o estudo das Escrituras. "A Palavra de Deus, a única norma do genuíno discernimento, a qual é aqui declarada como indispensável a todos os cristãos. Mesmo entre os que já foram libertados de tão diabólica proibição e que já desfrutam da liberdade de aprender, há, não obstante, indiferença tanto em ouvir quanto em ler. Quando negligenciamos tal disciplina, nos tornamos insensíveis e destituídos de todo e qualquer discernimento".[339]

---

[337] Edward A. Dowey, Jr., *The Knowledge of God in Calvin's Theology,* New York: Columbia University Press, 1952, p. 39-40. George comenta: "Com toda sua reputação de teólogo de lógica rigorosa, Calvino preferiu viver com o mistério e a incoerência de lógica a violar os limites da revelação ou imputar culpa ao Deus que as Escrituras retratam como infinitamente sábio, completamente amoroso e absolutamente justo" (Timothy George, *A Teologia dos Reformadores,* São Paulo: Vida Nova, 1994, p. 209).
[338] João Calvino, *Exposição de Hebreus,* (Hb 5.14), p. 143.
[339] João Calvino, *Exposição de Hebreus,* (Hb 5.14), p. 143.

A Palavra de Deus oferece-nos o escopo de nosso pensar e agir. Através dela poderemos ter uma real visão de Deus, de nós mesmos e do mundo. Portanto, uma cosmovisão Reformada é uma visão que se esforça por interpretar a chamada realidade pela ótica das Escrituras. Sem as Escrituras permanecemos míopes para distinguir as particularidades do real, tendo uma epistemologia desfocalizada. Calvino usa de uma figura que continua atual: "Exatamente como se dá com pessoas idosas, ou enfermas de olhos, e quantos quer que sofram de visão embaçada, se puseres diante deles até mui vistoso volume, ainda que reconheçam ser algo escrito, mal poderão, contudo, ajuntar duas palavras; ajudadas, porém, pela interposição de lentes, começarão a ler de forma mais distinta. Assim a Escritura, coletando-nos na mente conhecimento de Deus de outra sorte confuso, dissipada a escuridão, mostra-nos em diáfana clareza o Deus verdadeiro."[340]

A Palavra de Deus sempre cumpre o objetivo para o qual nos foi concedida: "Se alguém presume que a Palavra de Deus ecoa no vazio, ao ser proclamada, esse tal está fazendo uma grande confusão. Essa Palavra é algo vivo e cheio de poder secreto, a qual não deixa nada no homem que não seja tocado. A suma de tudo isso é que tão logo Deus abra seus santos lábios, todos os nossos sentidos também devem abrir-se para receber a sua Palavra, porque não faz parte da sua vontade permitir que suas palavras sejam semeadas em vão, nem tampouco feneçam ou desapareçam no solo da vida, senão que desafiem eficazmente as consciências humanas, até que as tragam jungidas ao seu domínio. Ele, pois, dotou sua Palavra com tal poder, que a mesma perscrute cada área de nossa alma, para revelar os escrutínios dos pensamentos, para decidir entre as afeições e para manifestar-se como juiz".[341]

Calvino está convencido de que ninguém pode "provar sequer o mais leve gosto da reta e sã doutrina, a não ser aquele que se haja feito discípulo da Escritura".[342] E, que "só quando Deus irradia em nós a luz de seu Espírito é que a Palavra logra produzir algum efeito."[343] Portanto, "O conhecimento de todas as ciências não passa de fumaça quando separada da ciência celestial de Cristo."[344] Daí o seu estilo inconfundível, evitando discussões filosóficas[345] e sutilezas gramaticais[346] – fugindo sabiamente da aridez escolástica[347] –, de certos refinamentos exegéticos ou especulativos, de questões periféricas,[348] bem como, da eloqüência frívola,[349] que quando muito servem apenas para revelar "erudição" ou "simplória invenção" mas, não contribuem para esclarecer o texto e edificar o povo de Deus.[350] "Deus nos deu sua Palavra na qual, quando fincamos bem as raízes, permanecemos inamovíveis; os homens, porém, fazendo uso de suas

---

[340] João Calvino, *As Institutas,* I.6.1.
[341] João Calvino, *Exposição de Hebreus,* (Hb 4.12), p. 110.
[342] J. Calvino, *As Institutas,* I.6.2. Os verdadeiros discípulos da Escritura tornam-se "discípulos da Igreja" [Ver: João Calvino, *Efésios,* (Ef 4.13), p. 126].
[343] J. Calvino, *Exposição de Romanos,* (Rm 10.16), p. 374.
[344] João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 1.20), p. 60.
[345] Vd. John Calvin, *Golden Booklet of the True Christian Life,* p. 12-13. Ainda que não temesse a Filosofia, entendendo inclusive, que toda verdade provém de Deus. [Vd. J. Calvino, *As Institutas,* II.2.15; *Idem., As Pastorais,* (Tt 1.12), p. 318].
[346] Cf. J. Calvino, *As Institutas,* II.2.7. Compare com: João Calvino, *As Pastorais,* (Tt 1.14), p. 320; (2Tm 2.14), p. 233.
[347] Schaff após elogiar a erudição de Calvino, diz que a "sua teologia, entretanto, é mais bíblica que escolástica, e tem todo o frescor da devoção entusiástica para com as verdades da Palavra de Deus." (Philip Schaff, *History of the Christian Church,* Vol. VIII, p. 261) (Vd. também, P. Schaff, *The Creeds of Christendom,* Vol. I, p. 458).
[348] Vd. João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 11.27), p. 361.
[349] Vd. João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 1.17), p. 56.
[350] Justificando o seu estilo, que não seria o mais apetecível àqueles que desejavam grande acervo de material, diz (1557):".... nada é mais importante do que granjear o respeito que produza a edificação da Igreja" (João Calvino, *O Livro dos Salmos,* Vol. 1, p. 48). Vd. também: John Calvin, *Calvin's Commentaries,* Grand Rapids, Michigan: Baker Book House Company, 1996, Vol. XIII, p. XVIII-XIX; João Calvino, *O Livro dos Salmos,* Vol. 2, (Sl 40.8), p. 228; João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 1.17), p. 50ss.

invenções, nos extraviam em todas as direções".[351] Aliás, o critério estabelecido por Calvino para avaliar a doutrina, é a sua edificação para a Igreja.[352] Isso não significa que ele achasse más a retórica e a erudição: ".... a eloqüência não se acha de forma alguma conflitante com a simplicidade do Evangelho quando, livre do desprezo dos homens, não só lhe dá o lugar de honra e se põe em sujeição a ele, mas também o serve como uma empregada à sua patroa."[353] No entanto: "Para que possa haver eloqüência, devemos estar sempre em alerta a fim de impedir que a sabedoria de Deus venha sofrer degradação por um brilhantismo forçado e corriqueiro."[354] A eloqüência "é um dom muito excelente, mas que, quando se vê divorciado do amor, de nada serve para alguém obter o favor divino."[355] Em outro lugar, respondendo a uma possível pergunta referente à possibilidade de Paulo estar condenando a sabedoria de palavras como algo que se acha em oposição a Cristo (1Co 1.17), orienta: ".... Paulo não seria tão irracional que condenasse como algo fora de propósito aquelas artes, as quais, sem a menor dúvida, são esplêndidos dons de Deus, dons estes que poderíamos chamar de *instrumentos* para auxiliarem os homens no desempenho de suas atividades nobres. Portanto, não há nada de irreligioso nessas artes, pois são detentoras de ciência saudável, e estão subordinados a princípios verdadeiros; e visto que são úteis e adequáveis às atividades gerais da sociedade humana, é indubitável que sua origem está no Espírito. Além do mais, a utilidade que é derivada e experienciada delas não deve ser atribuída a ninguém, senão a Deus. Portanto, o que Paulo diz aqui não deve ser considerado como um desdouro das artes, como se estas estivessem agindo contra a religião."[356] A questão está em não usar desses meios como sendo a força do Evangelho, esquecendo-se de sua simplicidade que é-nos comunicada pelo Espírito: "Não devemos condenar nem rejeitar a classe de eloqüência que não almeja cativar cristãos com um requinte exterior de palavras, nem intoxicar com deleites fúteis, nem fazer cócegas em seus ouvidos com sua

---

[351] João Calvino, *Efésios,* São Paulo: Paracletos, 1998, (Ef 4.14), p. 128-129.

[352]"Tudo o que não edifica deve ser rejeitado, ainda que não tenha nenhum outro defeito; e tudo o que só serve para suscitar controvérsia deve ser duplamente condenado. Tais são todas as questões sutis nas quais os homens ambiciosos praticam suas habilidades. É mister que lembremos de que todas as doutrinas devem ser comprovadas mediante esta regra: aquelas que contribuem para a edificação devem ser aprovadas, mas aquelas que ocasionam motivos para controvérsias infrutíferas devem ser rejeitadas como indignas da Igreja de Deus. Se este houvera sido aplicado há muitos séculos, então, ainda que a religião viesse a se corromper por muitos erros, ao menos a arte diabólica das controvérsias ferinas, a qual recebeu a aprovação da teologia escolástica, não haveria prevalecido em grau tão elevado. Pois tal teologia outra coisa não é senão contendas e vãs especulações sem qualquer conteúdo real de valor. Por mais versado um homem seja nela, mais miserável o devemos considerar. Estou cônscio dos argumentos plausíveis com que ela é defendida, mas jamais descobrirão que Paulo haja falado em vão ao condenar aqui tudo quanto é da mesma natureza. (...) Sutilezas desse gênero edificam os homens na soberba e na vaidade, mas não em Deus" [João Calvino, *As Pastorais,* (1Tm 1.4), p. 30]. "O orgulho ou autoglorificação é a causa e ponto de partida de todas as controvérsias, quando cada um, reivindicando para si além de sua capacidade, está ávido em ter outros sob seu poder" [J. Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* São Paulo: São Paulo: Paracletos, 1996, (1Co 4.6), p. 133]. Conclui o seu comentário de 1 Timóteo, com essas palavras: "Caso não queiramos ser terrificados pela idéia de apostasia da fé, então que nos apeguemos à Palavra de Deus em sua integridade e detestemos a sofística e com ela todas as sutilezas que são odiosas corrupções da piedade" [João Calvino, *As Pastorais,* (1Tm 6.21), p. 187]. Ver também: João Calvino, *As Institutas,* I.14.4; *As Pastorais,* (2Tm 3.16), p. 263..

[353]João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 1.17), p. 55. "Demais, ninguém terá por genuína a verdade que se apóia na excelência da oratória. Naturalmente que a oratória pode servir de auxílio para a verdade, mas esta não pode depender daquela." [João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 2.5), p. 79]. "Não existe nada de grandioso em alguém ser adepto de uma elocução fluente quando o tal nada emite senão sons vazios! Portanto, aprendamos que a atratividade lingüística meramente superficial, e a habilidade na transmissão do ensino, são como um corpo bem formado e saudável na aparência, enquanto que o poder de que Paulo fala aqui é como a alma." [João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 4.20), p. 148-149]. "Embora o Salmo contenha muitas coisas que são geralmente conhecidas, todavia ele ilustra com todo esplendor e ornamento de retórica, para que possa afetar ainda mais poderosamente os corações dos homens e adquirir para si uma autoridade ainda maior." [João Calvino, *O Livro dos Salmos,* Vol. 3, (Sl 78.3), p. 197].

[354] João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 2.13), p. 91.

[355] João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 13.1), p. 394.

[356]João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 1.17), p. 53-54.

suave melodia, nem mergulhar a *Cruz de Cristo* em sua vã ostentação."[357] "O Espírito de Deus também possui uma eloqüência particularmente sua."[358] Continua: ".... a eloqüência que está em conformidade com o Espírito de Deus não é bombástica nem ostentosa,[359] como também não produz um forte volume de ruídos que eqüivalem a nada. Antes, ela é genuína e eficaz, e possui muito mais sinceridade do que refinamento".[360] Em outro lugar: "A erudição unida à piedade e aos demais dotes do bom pastor, são como uma preparação para o ministério. Pois, aqueles que o Senhor escolhe para o ministério, equipa-os antes com essas armas que são requeridas para desempenhá-lo, de sorte que lhe não venham vazios e despreparados".[361] E, como vimos: "O homem que mais progride na piedade é também o melhor discípulo de Cristo, e o único homem que deve ser tido na conta de genuíno teólogo é aquele que pode edificar a consciência humana no temor de Deus".[362]

Deve ser enfatizado que Calvino usou como ninguém de todas as ferramentas então acessíveis para uma boa exegese,[363] dispondo o seu material de forma clara, lógica e simples, sendo chamado, não sem razão, de o "príncipe dos expositores".[364] Em sua interpretação bíblica Calvino combinou de forma harmoniosa a análise filológica com a teológica associando tudo isso a um pensamento construtivo que fez com que a sua teologia tivesse seus próprios fundamentos na Palavra de Deus.[365] Ele foi de fato o exegeta por excelência da Reforma,[366] sustentando que a

---

[357]João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 1.17), p. 55. "Deus quer que sua Igreja seja edificada com base na genuína pregação de sua Palavra, não com base em ficções humanas. (...) Nesta categoria estão questões especulativas que geralmente fornecem mais para ostentação – ou algum louco desejo – do que para a salvação de homens" [João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 3.12), p. 112]. "A pregação de Cristo é nua e simples; portanto, não deve ela ser ofuscada por um revestimento dissimulante de verbosidade." [João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 1.17), p. 54]. "[A] fé saudável equivale à fé que não sofreu nenhuma corrupção proveniente de fábulas." [João Calvino, *As Pastorais,* (Tt 1.14), p. 320]. "Se porventura desejarmos conservar a fé em sua integridade, temos de aprender com toda prudência a refrear nossos sentidos para não nos entregarmos a invencionices estranhas. Pois assim que a pessoa passa a dar atenção às fábulas, ela perde também a integridade de sua fé." [João Calvino, *As Pastorais,* (Tt 1.14), p. 320]. "O espírito do homem, dado a inventar fábulas e fantasias que mais parecem sonhos, é propenso a cair em absurdos....". [João Calvino, *As Institutas,* (1541), III.11].

O Diretório de Culto de Westminster (1645), falando sobre o Ministério pastoral, diz que na pregação, o ministro deve desempenhar a sua tarefa "claramente, para que o mais simples possa entender, expondo a verdade, não em palavras sedutoras de sabedoria humana, mas na demonstração do Espírito e do poder, para que a cruz de Cristo não seja tornada ineficaz; abstendo-se também de um uso sem proveito de línguas desconhecidas, frases estranhas, e cadência de sons e palavras; citando bem poucas vezes sentenças de escritores teológicos ou outros humanistas, antigos ou modernos, por mais elegantes que sejam." (*O Diretório de Culto de Westminster,* São Paulo: Editora os Puritanos, 2000, p. 40).

[358] João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 1.17), p. 56.

[359]"Pois ninguém é mais radical do que os mestres desses discursos bombásticos, quando fazem pronunciamentos precipitados sobre coisas das quais nada sabem." [João Calvino, *As Pastorais,* (1Tm 1.7), p. 34].

[360]João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 1.17), p. 56.

[361]João Calvino, *As Institutas,* IV.3.11. "Não se requer de um pastor apenas cultura, mas também inabalável fidelidade pela sã doutrina, ao ponto de jamais apartar-se dela" [J. Calvino, *As Pastorais,* (Tt 1.9), p. 313].

[362]João Calvino, *As Pastorais,* (Tt 1.1), p. 300.

[363]Vejam-se: João Calvino, *As Institutas,* I.5.2; II.2.12-17; Hans-Joachim Kraus, *Calvin's Exegetical Principles*: In: *Interpretation* 31 (1977), Virginia, p. 12; Donald K. McKim, Calvin's View of Scripture: In: Donald K. McKim, ed. *Readings in Calvin's Theology,* Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1984, p. 64-65; Alister E. McGrath, *A Life of John Calvin: A Study in the Shaping of Western Culture,* p. 151; Anthony N.S. Lane, *John Calvin: Student of the Church Fathers,* especialmente, p. 15-66.

[364]Cf. expressão de Singer. (C. Gregg Singer, *John Calvin: His Roots and Fruits,* Greenville: Abingdon Press, 1989, p. 6). Os editores das obras de Calvino em Brunswick, comparando Calvino com outros Reformadores, concluem que ele pode, com justiça, ser chamado de o "príncipe e guia [standard-bearer] dos teólogos" [Cf. John Murray, *Calvin as Theologian and Expositor,* Carlisle, Pennsylvania: The Banner of Truth Trust, (*Collected Writings of John Murray,* Vol. I), 1976, p. 306].

[365] Ver: Thomas F. Torrance, *The Hermeneutics of John Calvin,* Edinburgh: Lindsay & Co. Ltd., 1988, p. 61.

Escritura é a melhor intérprete de si mesma.[367] Portanto, qualquer doutrina ou mesmo profecia, que não se harmonize com Escritura, "a norma da fé", será considerada falsa.[368] Desse modo, em nossa interpretação, devemos nos limitar ao revelado: "... Que esta seja a nossa regra sacra: não procurar saber nada mais senão o que a Escritura nos ensina. Onde o Senhor fecha seus próprios lábios, que nós igualmente impeçamos nossas mentes de avançar sequer um passo a mais".[369]

Calvino entende, que a especulação indevida é um mal. Devemos observar também, que mal semelhante é negligenciar o estudo daquilo que Deus nos revelou em Sua Palavra. Ele nos advertiu quanto a isso, dizendo: "As cousas que o Senhor deixou recônditas em secreto não perscrutemos, as que pôs a descoberto não negligenciemos, para que não sejamos condenados ou de excessiva curiosidade, de uma parte, ou de ingratidão, de outra".[370] O limite de nosso conhecimento está delimitado pela Palavra:

> "Se alguma vez nos ocorreu ou nos ocorrer este pensamento: que a Palavra de Deus é o único caminho que nos leva a inquirir tudo quanto nos é lícito conhecer sobre Ele; e mais, que ela é a única luz que nos ilumina para contemplarmos tudo quanto nos é lícito ver – ela nos poderá manter afastados de toda atitude temerária. Porque saberemos que, saindo dos limites próprios, caminharemos fora do caminho e vagaremos na escuridão total. E assim só poderemos errar, tropeçar e nos ferir a cada passo. Tenhamos, pois, em mente que será uma loucura querer conhecer todas as coisas relacionadas com a predestinação, exceto o que nos é dado na Palavra de Deus. Estejamos igualmente apercebidos de que, se alguém quiser caminhar por entre as rochas inacessíveis, irá mergulhar nas trevas".[371]

Em outro lugar, ele observa que a sabedoria consiste em reconhecer os nossos limites. "Nem nos envergonhemos em até este ponto submeter o entendimento à sabedoria imensa de Deus, que em Seus muitos arcanos sucumba. Pois, dessas cousas que nem é dado, nem é lícito saber, douta é a ignorância,[372] a avidez de conhecimento, uma espécie de loucura".[373] Isto porque, "É

---

[366]"A palma pertence a Lutero como tradutor; a Calvino como intérprete da Palavra." [Jorge P. Fisher, *Historia de la Reforma,* Barcelona: CLIE., (1984), p. 204]. "Lutero foi o príncipe dos tradutores; Calvino, o príncipe dos comentaristas." (P. Schaff, *The Creeds of Christendom,* Vol. I, p. 459). "O maior exegeta e teólogo da Reforma foi indubitavelmente Calvino" [F.W. Farrar, *History of Interpretation,* London: Macmillan and Co., 1886, p. 342 (Edição fac-simile feita pela Kessinger Publishing)]. "Ele foi um dos maiores intérpretes da Escritura que já viveu" [F.W. Farrar, *History of Interpretation,* p. 343]. Murray, acrescenta: "Calvino foi um exegeta e teólogo bíblico de primeira linha" [John Murray, em Introdução à tradução americana da *Instituição*, [*Reformation History Library,* [CD-ROM], (Albany, OR: Ages Software, 1997), p. 4]. "O maior exegeta do seu tempo...." (Henri Strohl, *O Pensamento da Reforma,* São Paulo: ASTE, 1963, p. 222). "Ele encontra-se facilmente entre os mais brilhantes (comentaristas) de sua era" (Alister E. McGrath, *A Vida de João Calvino,* p. 167). "João Calvino (1509-1564), o maior exegeta da Reforma,..." (David S. Dockery, *Hermenêutica Contemporânea à luz da Igreja Primitiva,* São Paulo: Editora Vida, 2005, p. 154).

[367] Vd. João Calvino, *Exposição de Romanos,* (Rm 12.6), p. 430-432; *As Institutas,* IV.17.32.

[368]João Calvino, *Exposição de Romanos,* (Rm 12.6), p. 432. "A palavra de Deus, á única norma do genuíno discernimento, a qual é aqui declarada como indispensável a todos os cristãos" [João Calvino, *Exposição de Hebreus,* (Hb 5.14), p. 143].

[369] J. Calvino, *Exposição de Romanos,* (Rm 9.14), p. 330. Veja-se também: João Calvino, *As Institutas,* I.14.4.

[370]J. Calvino, *As Institutas,* III.21.4.

[371] João Calvino, *As Institutas,* (1541), III.8.

[372] Vd. também: *As Institutas,* III.21.2.

[373]J. Calvino, *As Institutas,* III.23.8. Na edição de 1541, escrevera: "E que não achemos ruim submeter neste ponto o nosso entendimento à sabedoria de Deus, aos cuidados da qual Ele deixa muitos segredos. Porque é douta ignorância ignorar as coisas que não é lícito nem possível saber; o desejo de sabê-las revela uma espécie de raiva canina." [João Calvino, *As Institutas,* (1541), III.8).

estulto e temerário de cousas desconhecidas mais profundamente indagar do que Deus nos permita saber".[374]

Portanto, a eloqüência de Deus deve propiciar a nossa adoração; o seu silêncio, o nosso reverente temor. Em outro lugar, comenta: "Tudo o mais que pesa sobre nós e que devemos buscar é nada sabermos senão o que o Senhor quis revelar à Sua igreja. Eis o limite de nosso conhecimento."[375] Afinal, tentar ensinar fora das Escrituras é tolice e, o papel do mestre cristão não é outro, senão o de ensinar as Escrituras: "Mestre é aquele que forma e instrui a Igreja na Palavra da verdade."[376] Em outro lugar: "A tarefa dos mestres consiste em preservar e propagar as sãs doutrinas para que a pureza da religião permaneça na Igreja."[377] "O alvo primordial de um bom mestre deve ser a edificação, e a essa questão ele deve pôr toda a sua atenção.[378]

Por outro lado, tudo o que o Senhor ensinou e fez registrar em Sua Palavra é útil e necessário para a Sua Igreja. Comentando o texto de 2Tm 3.16, Calvino diz:

> "'A Escritura é proveitosa.'[379] Segue-se daqui que é errôneo usá-la de forma inaproveitável. Ao dar-nos as Escrituras, o Senhor não pretendia satisfazer nossa curiosidade, nem alimentar nossa ânsia por ostentação, nem tampouco deparar-nos uma chance para invenções místicas e palavreado tolo; sua intenção, ao contrário, era fazer-nos o bem. E assim, o uso correto da Escritura deve guiar-nos sempre ao que é proveitoso."[380]

"O propósito divino não é satisfazer nossa curiosidade, e, sim, ministrar-nos instrução proveitosa. Longe com todas as especulações que não produzem nenhuma edificação."[381] O "proveitoso", tem a ver com o objetivo de Deus para o Seu povo: que tenha uma vida piedosa e santa; seja maduro (perfeito).[382] Por isso, conclui que, "é quase impossível exagerar o volume de prejuízo causado pela pregação hipócrita, cujo único alvo é a ostentação e o espetáculo vazio".[383]

---

[374] J. Calvino, *As Institutas,* III.25.6. [Vd. também: *As Institutas,* I.5.9; I.14.3; III.21.4; III.23.8; III.25.11; IV.17.36 J. Calvino, *Exposição de Hebreus,* (Hb 7.3,8), p. 177-178, 183].

[375] João Calvino, *Exposição de 2 Coríntios,* (2Co 12.4), p. 242, 243. Conforme já citamos, George comenta: "Com toda sua reputação de teólogo de lógica rigorosa, Calvino preferiu viver com o mistério e a incoerência de lógica a violar os limites da revelação ou imputar culpa ao Deus que as Escrituras retratam como infinitamente sábio, completamente amoroso e absolutamente justo." (Timothy George, *A Teologia dos Reformadores,* p. 209). [Ver também: Alister E. McGrath, *A Life of John Calvin: A Study in the Shaping of Western Culture,* p. 147 e Edward A. Dowey, Jr., *The Knowledge of God in Calvin's Theology,* New York: Calumbia University Press, 1952, p. 36ss.]. Atitude similar encontramos em Agostinho: "Ignoremos de boa mente aquilo que Deus não quis que soubéssemos." (Agostinho, *Comentário aos Salmos,* São Paulo: Paulus, (Patrística, 9/1), 1998, (Sl 6), Vol. I, p. 60). [Vd. João Calvino, *O Livro dos Salmos,* Vol. 2, (Sl 51.5), p. 431-432].

[376] João Calvino, *Exposição de Romanos,* (Rm 12.7), p. 432.

[377] João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 12.28), p. 390.

[378] J. Calvino, *As Pastorais,* (2Tm 2.14), p. 232. Ver também: *As Pastorais,* (2Tm 2.15), p. 235.

[379] "Aquele que não tenta ensinar com o intuito de beneficiar, não pode ensinar corretamente; por mais que faça boa apresentação, a doutrinação não será sã, a menos que cuide para que seja proveitosa a seus ouvintes." [João Calvino, *As Pastorais,* (1Tm 6.3), p. 165].

[380] J. Calvino, *As Pastorais,* (2Tm 3.16), p. 263. Ver também: João Calvino, *As Pastorais,* (2Tm 2.15), p. 233-234.

[381] J. Calvino, *As Pastorais,* (2Tm 2.14), p. 233.

[382] J. Calvino, *As Pastorais,* (2Tm 3.16-17), p. 264.

[383] João Calvino, *As Pastorais,* (1Tm 6.3), p. 164.

Tratando da doutrina da *Predestinação*, delimita o campo da sua teologia: "A Escritura é a escola do Espírito Santo, na qual, como nada é omitido não só necessário, mas também proveitoso de conhecer-se, assim também nada é ensinado senão o que convenha saber."[384]

Nas *Institutas*, orienta e adverte àqueles que querem discutir com Deus, limitando-O ao seu raciocínio:

> "Ponderem, por uns instantes, aqueles a quem isto se afigura áspero, quão tolerável lhes seja a impertinência, quando, porque lhes excede a compreensão, rejeitam matéria atestada de claros testemunhos da Escritura e inquinam de vício o serem a público trazidas cousas que, a não ser que houvesse reconhecido serem proveitosas de conhecer-se, Deus jamais haveria ordenado fossem ensinadas através de Seus Profetas e Apóstolos. Ora, nosso saber não deve ser outra cousa senão abraçar com branda docilidade e, certamente, sem restrição, tudo quanto foi ensinado nas Sagradas Escrituras."[385]

"A função peculiar do Espírito Santo consiste em gravar a Lei de Deus em nossos corações."[386] É o Espírito Quem nos ensina através das Escrituras;[387] esta é "a escola do Espírito Santo",[388] que é a "escola de Cristo",[389] "escola do Senhor",[390] "escola do Filho de Deus".[391] A Igreja é a "escola de Deus".[392] O Espírito é o "Mestre";[393] "o melhor mestre";[394] "ótimo Mestre";[395] é o "Mestre interior".[396] Calvino fala também da "escola do céu".[397] "O Espírito de Deus, de quem

---

[384] J. Calvino, *As Institutas,* III.21.3. Vd. também, *As Institutas,* IV.17.36. "A tal ponto se tem proveito em Sua escola que não há necessidade de acrescentar nada que venha de outros, e se deve ignorar tudo o que não é ensinado nela" [João Calvino, *As Institutas,* (1541), IV.12].

[385] João Calvino, *As Institutas,* I.18.4.

[386] João Calvino, *O Livro dos Salmos,* Vol. 2, (Sl 40.8), p. 228. "O ensino interno e eficaz do Espírito é um tesouro que lhes pertence de forma peculiar. (...) A voz de Deus, aliás, ressoa através do mundo inteiro; mas ela só penetra o coração dos santos, em favor de quem a salvação está ordenada." [João Calvino, *O Livro dos Salmos,* Vol. 2, (Sl 40.8), p. 229].

[387] Vd. J. Calvino, *As Institutas,* I.9.3.

[388] J. Calvino, *As Institutas,* III.21.3; *As Institutas,* (1541), IV.12. (Sobre o testemunho do Espírito, Vd. *As Institutas,* I.7.4-5; I.9.3). Calvino pode com razão ser chamado de o Teólogo da Palavra e do Espírito Santo. Schaff diz que a "teologia de Calvino está baseada sobre um perfeito conhecimento das Escrituras." (Philip Schaff, *History of the Christian Church,* Vol. VIII, p. 261). Murray, não isoladamente declara: "Calvino tem sido corretamente chamado de o teólogo do Espírito Santo." (John Murray, *Calvin as Theologian and Expositor,* p. 311). O primeiro a assim designá-lo foi o teólogo presbiteriano B.B. Warfield (1851-1921). (B.B. Warfield, *Calvin and Augustine,* Michigan: Baker Book House (The Work's of Benjamin B. Warfield), 2000 (Reprinted), Vol. V, p. 21-24,107 (Cf. Hendriksus Berkhof, *La Doctrina del Espiritu Santo,* Buenos Aires: Junta de Publicaciones de las Iglesias Reformadas/Editorial La Aurora, (1969), p. 23; D.M. Lloyd-Jones, *Deus o Espírito Santo,* São Paulo: PES., 1998, p. 13; I. John Hesselink, O Movimento Carismático e a Tradição Reformada. In: Donald K. McKim, ed. *Grandes Temas da Tradição Reformada,* p. 339; Sinclair B. Ferguson, *O Espírito Santo,* São Paulo: Os Puritanos, 2000, p. 10).

[389] João Calvino, *Efésios,* (Ef 4.17), p. 133; João Calvino, *O Profeta Daniel: 1-6,* São Paulo: Parakletos, 2000, Vol. 1, p. 27.

[390] João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 1.17), p. 55; (1Co 3.3), p. 100.

[391] John Calvin, To the Marchioness of Rothelin, "Letters," *John Calvin Collection,* [CD-ROM], (Albany, OR: Ages Software, 1998), 5 de fevereiro de 1558, nº 489.

[392] João Calvino, *As Pastorais,* (1Tm 5.7), p. 136; João Calvino, *O Profeta Daniel: 1-6,* São Paulo: Parakletos, 2000, Vol. 1, (Dn 3.2-7), p. 190.

[393] João Calvino, *Exposição de Romanos,* (Rm 1.16), p. 58.

[394] João Calvino, *As Institutas,* IV.17.36. Calvino diz que quem rejeita o "magistério do Espírito", é desvairado. (João Calvino, *As Institutas,* I.9.1).

[395] João Calvino, *As Institutas,* (1541), IV.12.

[396] João Calvino, *As Institutas,* III.1.4; III.2.34; IV.14.9.

[397] John Calvin, *Calvin's Commentaries,* Grand Rapids, Michigan: Baker Book House Company, 1996 (Reprinted), Vol. III, (Ex 31.18), p. 328.

emana o ensino do evangelho, é o único genuíno intérprete para no-lo tornar acessível".[398] A Palavra é, "mediante o Espírito, eficazmente impressa nos corações".[399] ".... É Ele que nos ilumina com a Sua luz para nos fazer entender as grandezas da bondade de Deus, que em Jesus Cristo possuímos. Tão importante é o Seu ministério que com justiça podemos dizer que Ele é a chave com a qual são abertos para nós os tesouros do reino celestial, e que a Sua iluminação são os olhos do nosso entendimento, que nos habilitam a contemplar os mencionados tesouros. Por essa causa Ele é agora chamado Penhor e Selo, visto que sela em nosso coração a certeza das promessas. Como também agora Ele é chamado mestre da verdade, autor da luz, fonte de sabedoria, conhecimento e discernimento".[400] Portanto, "Se porventura desejamos lograr algum progresso na escola do Senhor, devemos antes renunciar nosso próprio entendimento e nossa própria vontade".[401]

4. A ESCRITURA À LUZ DA ESCRITURA:

> "Deus trata conosco de uma forma tão clara e isenta de ambigüidade que Sua Palavra é com razão denominada de luz. Seu brilho, contudo, é ofuscado por nossas trevas. Isso sucede em parte por causa de nosso embotamento e em parte por causa de nossa leviandade. Apesar de sermos mais do que obtusos em nosso entendimento da doutrina de Deus, há ainda que adicionar a esse vício a depravação de nossas afeições. Aplicamos nossa mente mais à vaidade do que à verdade de Deus. Somos continuamente impedidos, ou por nossa rebelião, ou pelos cuidados deste mundo, ou pela luxúria de nossa carne" – João Calvino, *Exposição de Hebreus,* São Paulo: Paracletos, 1997, (Hb 5.11), p. 139.

Como vimos, Calvino sustentava que a Escritura é a melhor intérprete de si mesma.[402] A Escritura como "norma da fé" é o crivo através do qual toda doutrina ou mesmo profecia deve ser analisada.[403] Da própria Escritura procedem os princípios de interpretação e os termos empregados: "Das Escrituras deve buscar-se a regra precisa tanto do pensar quanto do falar, pela qual se pautem não apenas os pensamentos todos da mente, como também as palavras da boca."[404]

"Para que ela [a Escritura] nos seja proveitosa para a salvação, temos que aprender a fazer dela um uso correto".[405] Em sua interpretação e exposição, Calvino, procurava entender as passagens bíblicas à luz de toda a Escritura; a sua exegese, conforme expressão de Murray, é

---

[398] João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 2.14), p. 93. Lutero também escrevera: "O Espírito Santo é o escritor mais simples nos céus e na terra; portanto, suas palavras não podem ter mais do que um sentido simples, ao qual chamamos de sentido das escrituras ou sentido literal". [*Apud* F.W. Farrar, *History of Interpretation,* London: Macmillan and Co., 1886, p. 329].

[399] João Calvino, *As Institutas,* I.9.3.

[400] João Calvino, *As Institutas,* (1541), II.4.

[401] João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 3.3), p. 100.

[402] Vd. João Calvino, *Exposição de Romanos,* (Rm 12.6), p. 430-432; *As Institutas,* IV.17.32.

[403] João Calvino, *Exposição de Romanos,* (Rm 12.6), p. 432.

[404] João Calvino, *As Institutas,* I.13.3.

[405] João Calvino, *As Pastorais,* (2Tm 3.15), p. 261. À frente: "o uso correto da Escritura deve guiar-nos sempre ao que é proveitoso". [J. Calvino, *As Pastorais,* (2Tm 3.16) p. 263].

"teologicamente orientada".[406] Calvino não buscava algo novo – aliás, a busca do novo pelo novo sempre me soou estranha teologicamente falando –, antes desejava compreender a Palavra de Deus e aplicá-la à sua vida e à Igreja. Deus Se revelou na Sua Palavra, para que possamos ser conduzidos a Cristo, aprendendo dEle a respeito de Si mesmo, de nós e do significado de todas as coisas... Portanto, Ele deseja nos ensinar. A Teologia deve estar sempre a este serviço: aprender e ensinar. Enquanto não aprendermos a aprender, não poderemos ser teólogos! O teólogo tem paixão por ensinar, mas a sua paixão primeira e prioritária deve ser a de ouvir a voz de Deus nas Escrituras. "Nenhum homem será sempre um bom mestre se não revelar-se pessoalmente educável e sempre disposto a aprender; e ninguém satisfará àquele que se acha por demais imbuído da plenitude e lucidez de seu conhecimento, que crê que nada lucraria ouvindo a outrem".[407]

O Verbo de Deus nas Escrituras é sempre criador; Deus fala através da Sua Palavra, portanto, o trabalho do teólogo é procurar ouvir a voz de Deus e proclamá-la com fidelidade. Ou, como sumariou James Anderson em 1845: "Seu primeiro e grande objetivo é descobrir a intenção do Espírito Santo".[408]

A Palavra de Deus será sempre o elemento aferidor de toda a nossa alegada liberdade: "O Senhor nos permite liberdade em relação aos ritos externos, para não concluirmos que o seu culto se acha limitado por essas coisas. Ao mesmo tempo, entretanto, Ele não nos concedeu liberdade ilimitada e descontrolada, mas construiu, por assim dizer, cerca em torno dela; ou, de algum modo, restringiu a liberdade que nos deu, de tal maneira, que somente à luz de sua Palavra é que podemos orientar nossas mentes sobre o que é correto".[409]

Recordemos a observação do experiente e erudito teólogo Herman Bavinck: (1854-1921): "... Teólogo, um verdadeiro teólogo, é aquele que fala de Deus, da parte de Deus, a respeito de Deus, e sempre faz isto para a glorificação do Seu nome. Entre o instruído e o simples há uma diferença de grau. Ambos têm um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos. Porém a graça foi concedida a cada um de nós segundo a proporção do dom de Cristo. (Ef 4.5-7)".[410]

---

[406] John Murray, em Introdução à edição americana da *Instituição*, (Books For The Ages, AGES Software Albany, OR USA Version 2.0 © 1996, 1997), p. 5. ".... o pensamento teológico de Calvino guiou sua exegese, enquanto sua exegese contribuiu continuamente para a sua teologia." (Moisés Silva, Em Favor da Hermenêutica de Calvino: In: Walter C. Kaiser Jr. & Moisés Silva, *Introdução à Hermenêutica,* São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2002, p. 243).

[407] João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 14.31), p. 433.

[408] James Anderson, Introdução à Tradução Inglesa do Comentário de Salmos de Calvino, (*O Livro dos Salmos,* São Paulo: Paracletos, 1999, Vol. 1, p. 15-16). Comementando o Sl 41.1, interpreta: "... o desígnio do Espírito Santo, nesta passagem, não é só exortar os fiéis a se disporem a demonstrar bondade para com seus irmãos....". [João Calvino, *O Livro dos Salmos,* Vol. 2, (Sl 41.1), p. 242].

[409] João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 14.40), p. 444.

[410] Herman Bavinck, *Our Reasonable Faith,* 4ª ed. Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1984, p. 31.

5. TEOLOGIA: UM COMENTÁRIO DAS ESCRITURAS:

> "....o homem que mais progride na piedade é também o melhor discípulo de Cristo, e o único homem que deve ser tido na conta de genuíno teólogo é aquele que pode edificar a consciência humana no temor de Deus" – João Calvino, *As Pastorais,* São Paulo: Paracletos, 1998, (Tt 1.1), p. 300.

Poderíamos indagar: Por que Calvino começou os seus comentários por Romanos? Calvino entende que nesta Epístola, temos uma "porta amplamente aberta para a sólida compreensão de todo o restante da Escritura."[411] Em outro lugar, acrescenta: "Se porventura conseguirmos atingir uma genuína compreensão desta Epístola, teremos aberto uma amplíssima porta de acesso aos mais profundos tesouros da Escritura."[412] Isto, porque ele considera o assunto principal de toda a Epístola a "justificação pela fé".[413]

Não deixa de ser interessante o fato de que Calvino na medida em que escrevia os seus comentários da Bíblia, ampliava a sua *Instituição da Religião Cristã* – "obra-prima da teologia Protestante"[414] –, como resultado do seu aprofundamento bíblico, histórico e teológico,[415] tendo em vista também os novos questionamentos de seu tempo. Por sua vez nos seus comentários não raramente ele remete o leitor às Institutas.[416] Neste sentido a sua teologia foi uma obra apologética, como, na realidade deve ser toda a teologia.

Aliás a sua teologia nada mais era do que um esforço por comentar as Escrituras;[417] por isso sua obra pode ser corretamente chamada de uma "teologia bíblica",[418] certamente escrita por um

---

[411] João Calvino, *Exposição de Romanos,* Dedicatória, p. 21.
[412] João Calvino, *Exposição de Romanos,* p. 26.
[413] João Calvino, *Exposição de Romanos,* p. 27.
[414] Expressão de Albrecht Ritschl (1822-1889). *Apud* B.B. Warfield, *Calvin and Calvinism,* Grand Rapids, Michigan: Baker Book House (The Work's of Benjamin B. Warfield), 2000 (Reprinted), Vol. V, p. 8-9. O historiador Félice, a denomina de "primeiro monumento teológico e literário da Reforma francesa." (G. de Félice, *História dos Protestantes da França,* São Paulo: Typographia International, 1888, p. 53). "Após três séculos e meio, ela conserva sua inquestionável preeminência como o maior e mais influente de todos os tratados dogmáticos." [B.B. Warfield, *Calvin and Calvinism,* Vol. V, p. 8]. Um testemunho que consideramos de grande valor, ao qual poderíamos anexar dezenas, é o de Cunningham (1805-1861): "A primeira edição da sua grande obra, 'A Instituição da Religião Cristã', foi publicada quando ele tinha 27 anos de idade; e ela é a mais extraordinária prova da maturidade e vigor de sua mente, do cuidado com que ele estudou a Palavra de Deus, e da profundidade e vastidão de suas meditações sobre as coisas divinas, e não obstante a obra ter sido posteriormente grandemente ampliada, e ainda que algumas alterações tenham sido feitas em sua disposição dos tópicos discutidos, contudo nenhuma alteração de qualquer importância foi feita nas doutrinas que ali estabeleceu." (William Cunningham, *The Reformers and the Theology of the Reformation,* Carlisle, Pennsylvania: The Banner of Truth Trust, © 1862 (1979) (Reprinted), p. 294). (Vd. por exemplo: William Cunningham, *The Reformers and the Theology of the Reformation,* p. 295; André Biéler, *O Pensamento Econômico e Social de Calvino,* São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990, p. 192; Georgia Harkness, *John Calvin: The Man and His Ethics,* New York: Abingdon Press, 1958, p. 258).
[415] Vejam-se: John H. Leith, *A Tradição Reformada: Uma maneira de ser a comunidade cristã,* São Paulo: Pendão Real, 1997, p. 152-153; Moisés Silva, Em Favor da Hermenêutica de Calvino: In: Walter C. Kaiser Jr. & Moisés Silva, *Introdução à Hermenêutica Bíblica,* p. 252.
[416] Vejam-se, por exemplo: At 6.3; Rm 3.21,28; 1Co 1.1; 3.9,14; 5.5; 9.5-6; 2Co 4.17; 5.10; Ef 3.18-10; 1Tm 2.6; 3.8; 1Pe 1.20.
[417] Este comentário bíblico não significa o uso apenas de termos bíblicos para expressar o seu ensinamento mas, sim, o domínio do pensamento bíblico. (Vd. J. Calvino, *As Institutas,* I.13.3).
[418] Alister E. McGrath, *Christian Theology: An Introduction,* Cambridge, Massachusetts: Blackwell Publishers, 1994, p. 71. "Calvino é um teólogo bíblico. A primeira e mais importante fonte de suas idéias religiosas era a Bíblia. A obra de

teólogo sistemático[419] que tão bem sabia se valer dos recursos da exegese e da hermenêutica e, considerando a graça comum, recorria às demais ciências,[420] dispondo tudo isso de forma erudita e devocional.[421] Por isso a história dos Comentários Bíblicos de Calvino e a das sucessivas edições das *Institutas* se confundem e se completam.[422] A sua exegese tinha um escopo teológico e a sua teologia estava amparada em uma sólida exegese bíblica. Deve-se observar ainda o seu propósito em cada um de seus escritos: "Fica claro que, ao comentar os textos, Calvino freqüentemente sente que não é adequado fornecer uma explicação detalhada sobre todas as implicações doutrinárias presentes em uma dada passagem. (...) Os comentários podem esclarecer aspectos particulares dos textos bíblicos; as *Institutas* fornecem uma estrutura através da qual a essência da proclamação bíblica pode ser percebida e compreendida. Calvino claramente considerava seus comentários

---

Calvino como um comentarista bíblico serve para reforçar a impressão geral que se tem por meio de uma leitura atenta das *Institutas*: que ele se considera como um expositor obediente da Bíblia." [Alister E. McGrath, *A Life of John Calvin: A Study in the Shaping of Western Culture,* p. 150-151]. Vd. Philip Schaff, *The Creeds of Christendom,* Vol. I, p. 458. W.S. Reid, acentua: "Calvino era primariamente um teólogo bíblico." [W.S. Reid, Calvinismo: In: Walter A. Elwell, ed. *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã,* Vol. I, p. 225]. Barth diz que os sermões de Calvino "são excelentes explicações da Escritura". (Karl Barth, *La Proclamacion del Evangelio,* Salamanca: Ediciones Sigueme, 1969, p. 83). Tony Lane diz que Calvino "é o único escritor a pertencer indubitavelmente tanto à primeira linha de teólogos como à primeira linha de comentaristas." [Tony Lane, *Pensamento Cristão*, São Paulo: Abba Press, 1999, Vol. 2, p. 19].

[419]McGrath – mesmo reconhecendo a impossibilidade de se encontrar um "ponto central" na teologia de Calvino ou mesmo, pretender definir a sua obra como um sistema teológico nos moldes medievais, acentuou: "Ele [Calvino] foi inquestionavelmente um pensador sistemático, que plenamente reconheceu a necessidade de garantir consistência interna entre os vários componentes de seu pensamento." [Alister E. McGrath, *A Life of John Calvin: A Study in the Shaping of Western Culture,* p. 150). Timothy George chama a obra de Calvino de "enorme tomo e tesouro da dogmática protestante." (Timothy George, *Teologia dos Reformadores,* p. 178). "Esta obra magistral, que perdura como uma das mais lúcidas e mais vigorosas sumas teológicas da história cristã, espalha-se por toda a Europa." (André Biéler, *O Pensamento Econômico e Social de Calvino,* p. 192). Schaff diz que "Calvino foi, antes de tudo, um teólogo". Ele acrescenta que Melanchthon denominou com grande ênfase a Calvino de "o Teólogo". [Philip Schaff, *History of the Christian Church,* Vol. VIII, p. 260; Philip Schaff, *The Creeds of Christendom,* 6ª ed. Revised and Enlarged, Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, (1931), Vol. I, p. 446. Do mesmo modo ver: Thea B. Van Halsema, *João Calvino era Assim,* São Paulo: Editora Vida Evangélica, 1968, p. 112, 117]. O Evangelista João foi cognominado pelos "Pais da Igreja" de "o teólogo", porque ele tratou mais detalhadamente das "relacionamento interno das pessoas da Trindade." [A.H. Strong, *Systematic Theology,* p. 1]. Posteriormente, este mesmo título seria dado a Gregório de Nazianzo (c. 330-389), especialmente devido à sua defesa da divindade de Cristo (distinção homologada em Calcedônia, 451). [Cf. Cf. A.H. Strong, *Systematic Theology,* p. 1; Philip Schaff, *History of the Christian Church,* Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, 1996, Vol. VIII, p. 261; W.C. Weinrich, Gregório de Nazianzo: In: Walter A. Elwell, ed., *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã,* São Paulo: Vida Nova, 1990, Vol. II, p. 226; C. Folch Gomes, *Antologia dos Santos Padres,* 2ª ed. rev. e aum. São Paulo: Paulinas, 1980, p. 245; Gregório Nazianzeno: In: R.N. Champlin & J.M. Bentes, *Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia,* São Paulo: Candeia, 1991, Vol. II, p. 979.

[420] "É bem verdade que os que receberam instrução sobre as artes liberais, ou que provaram algo delas, têm nesse conhecimento uma ajuda especial para aprofundar-se nos segredos da sabedoria divina. Contudo, mesmo aquele que desconhece essas artes não é impedido de ver grande parte das obras de Deus, sendo levado a admirar o Artífice que as criou." [João Calvino, *As Institutas* (1541), I.11. Igualmente: *As Institutas,* I.5.2.]. Conforme já citamos quando tratamos da graça comum: ".... Se o Senhor nos quis deste modo ajudados pela obra e ministério dos ímpios na física, na dialética, na matemática e nas demais áreas do saber, façamos uso destas, para que não soframos o justo castigo de nossa displicência, se negligenciarmos as dádivas de Deus nelas graciosamente oferecidas." (J. Calvino, *As Institutas,* II.2.16). (Vd. J. Calvino, *As Institutas,* I.5.2; II.2.12-17).

[421] "A Institutio não é somente uma obra-prima de teologia Cristã; ela é um clássico devocional." [John Murray, *Calvin as Theologian and Expositor,* Carlisle, Pennsylvania: The Banner of Truth Trust, (*Collected Writings of John Murray,* Vol. I), 1976, p. 311]. Vd. também: John Murray, em Introdução à tradução americana da *Instituição*, [*Reformation History Library,* [CD-ROM], (Albany, OR: Ages Software, 1998), p. 6].

[422] Aliás, Calvino desejava que a *Instituição* fosse lida em conjunto com os comentários: Vd. Prefácio à edição latina a partir da segunda edição (1539) e o Prefácio à edição francesa (1560). (Jean Calvin, *L'Institution Chrétienne,* Genève: Labor et Fides, 1955, Vol. I, p. XIX). Também, algumas vezes ele nos remete para seus sermões [Ver por exemplo: João Calvino, *Efésios,* (Ef 3.18), p. 105; (Ef 4.5), p. 110; *As Pastorais,* (1Tm 2.6), p. 67; (1Tm 3.8), p. 92; (1Tm 4.14), p. 124].

bíblicos como subordinados às *Institutas*, em alguns aspectos; estes não pretendiam ser um substituto independente e não podem ser tratados como se assim o fossem".[423]

Portanto, não obstante as diversas revisões e adições das *Institutas***,** o seu propósito permanecia o mesmo: "....preparar e instruir os candidatos à Sagrada Teologia, que não só lhe tenham fácil acesso, mas ainda possam nesta escalada avançar sem tropeços."[424] Na tradução francesa de 1541 – tradução que, juntamente com outros dos seus muitos e belos escritos, contribuiu para modelar essa língua[425] –, feita pelo próprio Calvino, no prefácio, diz que a sua obra poderia servir como "uma chave e uma abertura para dar acesso a todos os filhos de Deus para entenderem bem, e diretamente, a Escritura Sagrada".[426] No parágrafo anterior justificara: "Redigi-a primeiramente em latim, para que pudesse servir a todos os estudiosos, de qualquer país que fossem, então, ao depois, almejando comunicar o que daí poderia advir de proveito à nossa gente francesa, traduzi-a também para nossa língua."

As *Institutas* foi logo traduzida para diversos idiomas, sendo, amplamente lida: "Nenhum livro seria mais lido durante o século XVI", especula um historiador católico.[427] A justificativa para essa enorme popularidade, é-nos fornecida parcialmente pelo mesmo autor: "É que ele trazia para a reforma o essencial do que ela esperava para ganhar fisionomia própria perante a Igreja católica. Além disso, era a obra dum grande escritor."[428]

Warfield (1851-1921) , escreve, fazendo uma comparação da *Instituição* com outros trabalhos:

> "O que Tucídides é para os Gregos, ou Gibbon entre os historiadores ingleses do século XVIII, o que Platão é entre os filósofos, ou a Ilíada entre os épicos, ou Shakespeare entre os dramas, é o que as 'Instituições' de Calvino é entre os tratados teológicos".[429]

Na mesma linha, escrevera William Cunningham (1805-1861), professor (1843) e reitor (1848) do New College de Edimburgo, dizendo que na ciência teológica, a *Instituição* ocupa um

---

[423] Alister E. McGrath, *A Vida de João Calvino,* p. 173.

[424] J. Calvino, Prefácio à edição da *Instituição,* (1559). Ele conclui o Prefácio: "Felicidades, leitor amigo, e se destes labores meus algum fruto colhes, ajuda-me com tuas preces diante de Deus, nosso Pai." No prefácio de Salmos, Calvino explica os motivos que o levaram a escrever as *Institutas* (J. Calvino, *O Livro dos Salmos,* Vol. 1, p. 39-40).

[425] Vd. Philip Schaff, *History of the Christian Church,* Vol. VIII, p. 266; T. George, *Teologia dos Reformadores,* p. 181-182; T.H.L. Parker, *The Oracles of God: An Introduction to the Preaching of John Calvin,* Cambridge, England: James Clarke & Co, 1947, (2002) Reprinted, p. 30; Thea B. Van Halsema, *João Calvino era Assim,* p. 100. Alister E. McGrath, *A Vida de João Calvino,* p. 157-160. Willemart afirma que "Calvino foi, de um certo modo, fundador da prosa francesa com a Institution e seus tratados" (Philippe Willemart, *A Idade Média e a Renascença na literatura francesa,* São Paulo: Annablume, 2000, p. 43). Schaff diz que Calvino "escreveu em duas línguas com igual clareza, força e elegância." (Philip Schaff, *History of the Christian Church,* VIII, p. 267). Vd. também, entre outros, o testemunho do erudito Joseph Scaliger (1540-1609) e dos católicos Etienne Pasquier (1528-1615) em *Ibidem.,* p. 272-274 e Daniel-Rops, *A Igreja da Renascença e da Reforma: I. A reforma protestante,* p. 384-386.

[426] É curioso que no Prólogo da *Suma Teológica* (c. 1266-1273) de Tomás de Aquino (1225-1274), ele diz: ".... É nossa intenção, na obra presente, ensinar as verdades da religião cristã de modo convincente à instrução dos principiantes". Após falar das dificuldades encontradas pelos leitores neófitos na leitura de obras de outros autores – basicamente, prolixidade e assuntos desinteressantes –, continua: "Esforçando-nos por evitar esses e outros defeitos, tentaremos, confiantes no divino auxílio, expor, breve e lucidamente, o que respeita à doutrina sagrada, na medida em que a matéria o comporta." (Tomás de Aquino, *Suma Teológica,* 2ª ed. Porto Alegre/Caxias do Sul, RS.: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes/Livraria Sulina Editora/Universidade de Caxias do Sul, 1980, Vol. I, "Prólogo", p. 1).

[427] Daniel-Rops, *A Igreja da Renascença e da Reforma: I. A reforma protestante,* p. 383.

[428] Daniel-Rops, *A Igreja da Renascença e da Reforma: I. A reforma protestante,* p. 383.

[429] B.B. Warfield, *Calvin and Calvinism,* Vol. V, (Reprinted, 2000), p. 374.

lugar semelhante ao *Novum Organum* de Bacon e os *Princípios Matemáticos* de Newton nas ciências físicas.[430]

Na sua primeira estada em Genebra, Calvino elaborou em francês, durante o inverno de 1536-1537, um Catecismo, não sendo constituído em forma de perguntas e respostas, escrito de modo que julgou acessível a toda Igreja. O seu objetivo era puramente didático. Esta obra foi intitulada: *Instrução e Confissão de Fé, Segundo o Uso da Igreja de Genebra*, sendo traduzida para o latim em 1538. Posteriormente, Calvino a reviu – tornando a sua teologia mais acessível aos seus destinatários: as crianças[431] –, e a ampliou consideravelmente, mudando inclusive a sua forma, passando então, a ser constituída de perguntas e respostas, contendo 373 questões.[432] Esta nova edição foi publicada entre o fim de 1541 e o início de 1542, tornando-se juntamente com as *Institutas* um sucesso editorial.[433] Em 1545,[434] Calvino traduziu o *Catecismo* para o latim visando dar um alcance maior aos seus ensinamentos, contribuindo deste modo para a maior unidade entre as Igrejas Reformadas. A partir de 1561, este Catecismo ganhou maior importância, visto que desde então todo ministro da Igreja deveria jurar fidelidade aos ensinamentos nele expressos e comprometer-se a ensiná-los.[435] O ensino é fundamental para a preservação da Igreja. Entendia que sem o ensino sistemático através de Catecismo – o qual deveria ser ministrado às crianças numa linguagem adequada a idade delas – a igreja não permaneceria. O ensino do Catecismo contribuiria para preservar a unidade da Igreja e prevenir contra a invenção de doutrinas fictícias engendradas por pessoas presunçosas.[436]

---

[430]Ver: William Cunningham, *The Reformers and the Theology of the Reformation,* p. 295.

[431] Cf. Tomas M. Lindsay, *La Reforma y su Desarrollo Social,* p. 100.

[432] Este Catecismo consistiu num resumo da primeira edição da *Instituição* (1536). Foi a primeira exposição sistemática do pensamento teológico de Calvino em língua francesa. O Catecismo pode ser assim esboçado:

I - Fé (1-130)
Introdução (1-18)
Segue a exposição do Credo Apostólico, da seguinte forma:
a) Deus Pai (19-29)
b) Deus Filho (30-87)
c) Deus Espírito Santo (88-91)
d) A Igreja (92-130)
II - Os Dez Mandamentos (131-232)
III - A Oração (233-295)
IV - A Palavra e os Sacramentos (296-373)
a) A Palavra e o Ministro (296-308)
b) Os Sacramentos (309-373)
- Definição e Significado (309-323)
- Batismo (324-339)
- Ceia do Senhor (340-373)

[433]Conforme já fizemos menção, Febvre, diz que, "de 1550-1564 [ano da morte de Calvino], serão publicadas 256 edições, das quais 160 em Genebra. A Institution chrétienne é, então, sozinha, objeto de 25 reedições, nove latinas e dezesseis francesas das quais a maioria provém dos prelos genebrinos; e, mais ainda talvez, o Catéchisme par demandes et réponses que Calvino publica em 1541....". (Lucien Febvre & Henry-Jean Martin, *O Aparecimento do Livro,* p. 442-443). Wendel nos diz que a primeira edição da Instituição esgotou-se em menos de um ano (François Wendel, *Calvin*, p. 113; Justo L. Gonzalez, *A Era dos Reformadores,* São Paulo: Vida Nova, 1986 (Reimpressão), p. 111). (Vd. Também, T. George, *Teologia dos Reformadores,* p. 177-178).

[434] A dedicatória de Calvino é de 02/12/1545. (Vd. In: John Calvin, *Tracts and Treatises on the Doctrine and Worship of The Church,* Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1958, Vol. II, p. 36).

[435]Cf. *Catecismo de la Iglesia de Ginebra*, In: *Catecismos de la Iglesia Reformada,* Buenos Aires: La Aurora, 1962, p. 7-8.

[436] Ver: Calvin to Somerset, *Letter* 21. In: *Letters of John Calvin,* Selected from the Bonnet Edition, Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1980, p. 96-97.

6. A BREVIDADE E A CLAREZA NECESSÁRIAS:

> "... de natureza amo a brevidade e, talvez, seu eu quisesse falar mais extensamente, não conseguisse êxito, pois que se assaz aprazível fosse uma forma de ensinar mais prolixa, contudo, dificilmente agradar-me-ia tentá-la" – João Calvino, *As Institutas,* III.6.1.

1) O Seu primeiro Comentário:

Em 1539, Calvino, o jovem de 30 anos podia tornar a fazer o que julgava determinado à sua vida: o estudo, a reflexão e a pregação. Depois de uma relativamente rápida e turbulenta passagem por Genebra (1536-1538), agora, finalmente[437] está em Estrasburgo[438] – a

[437]Calvino deveria ter chegado a Estrasburgo em 1536, contudo, por encontrar-se impedida a estrada que daria acesso direto àquela cidade, teve que pernoitar em Genebra, "não mais que uma noite". Era o mês de agosto. No entanto, o tímido e discreto Calvino que desejava passar anônimo, foi descoberto... O seu amigo Louis du Tillet, antigo hospedeiro de Calvino, contou a Farel de sua estada em Genebra. Então teve o seu encontro dramático com o ousado e "destemido" (Conforme expressão de Erasmo) pastor Guilherme Farel (1489-1565) que o persuadiu a permanecer em Genebra e, juntos, levar adiante a Reforma que oficialmente fora adotada "democrática e unanimemente pelo Conselho Geral" no domingo de 21 de maio de 1536. (Cf. André Biéler, *A Força Oculta dos Protestantes,* p. 71; Thea B. Van Halsema, *João Calvino era Assim,* p. 70; Ford L. Battles, *Interpreting John Calvin,* Grand Rapids, MI.: Baker Books, 1996, 296). Antes disso, depois de ouvir os representantes da causa protestante (Farel, Viret e Froment) e os da causa romana, os Conselhos de Genebra, em edital (27/08/1535) decidiram que o catolicismo não seria mais a religião de Genebra. (Cf. Thea B. Van Halsema, *João Calvino era Assim,* p. 69). Como bem observa Baird, "A Reforma em Genebra havia se espalhado entre o povo antes que seus magistrados pudessem ser persuadidos a aderir ao movimento." (Charles W. Baird, *A Liturgia Reformada: Ensaio histórico,* p. 18). Ou seja, a Reforma surgiu não de uma simples decisão autoritária, mas no seio na própria população, desejosa de uma transformação espiritual que se manifestasse numa Igreja que atendesse às suas necessidades mais íntimas.

Calvino, mais tarde, em 1557, relembrando o fato, diria que Farel o convenceu, "não propriamente movido por conselho e exortação, e, sim, movido por uma fulminante imprecação, a qual me fez sentir como se Deus pessoalmente, lá do céu, houvera estendido sua poderosa mão sobre mim e me aprisionado." Continua: "E, ao descobrir [Farel] que meu coração estava completamente devotado aos meus próprios estudos pessoais, para os quais desejava conservar-me livre de qualquer outras ocupações, e percebendo ele que não lucraria nada com seus rogos, então lançou sobre mim uma imprecação, dizendo que Deus haveria de amaldiçoar meu isolamento e a tranqüilidade dos estudos que eu tanto buscava, caso me esquivasse e recusasse dar minha assistência, quando a necessidade era em extremo premente." Farel conseguiu: "Sob o impacto de tal imprecação, eu me senti tão abalado de terror, que desisti da viagem que havia começado." (João Calvino, *O Livro dos Salmos,* Vol. 1, p. 40-41). (Veja-se também, entre outros: T. George, *Teologia dos Reformadores,* p. 179-180). Quanto a Farel, o seu estilo era agressivo e ousado (Vd. Thea B. Van Halsema, *João Calvino era Assim,* p. 59-60). Halsema coloca em tom poético: "O viajor chegou para uma noite de sono. Pretendia continuar a viagem, desapercebido. Mas Deus tinha outros planos." (Thea B. Van Halsema, *João Calvino era Assim,* p. 71. Vd. André Biéler, *A Força Oculta dos Protestantes,* p. 71). O exílio de Calvino, Farel e de Corault foi votado pelo Conselho de Genebra em 23 de abril de 1538. (Cf. *Calvin,* Textes Choisis par Charles Gagnebin, p. 297). Eles saíram de Genebra no dia 25. (Cf. Thea B. Van Halsema, *João Calvino era Assim,* p. 93). Farel e Viret tornar-se-iam os maiores amigos de Calvino por toda sua vida. Quando sua esposa, Idelette de Bure, morreu (29/3/1549), Calvino, mesmo continuando o seu extenuante trabalho, evidentemente sentiu-se só. Oito meses depois, ele dedicou o seu comentário da *Epístola de Tito* a seus amigos que estavam distantes, cuidando das Igrejas de Deus: Farel em Neuchâtel e Viret em Lausanne. A certa altura, escreve (29/11/1549): "Creio que jamais houve na vida rotineira um círculo de amigos tão sinceramente devotados uns aos outros quanto temos sido nós em nosso ministério. Com ambos vós desempenhei aqui o ofício de pastor. E longe de existir qualquer aparência de rivalidade, sempre senti haver entre nós uma só mente." (João Calvino, *As Pastorais,* p. 292).

[438]Não sabia Calvino que em Estrasburgo, encontraria um outro "Farel", chamado Martin Bucer (1491-1551) que, "empregando um gênero similar de censura e protesto ao que Farel recorrera antes, arrastou-me de volta a uma nova situação. Alarmado com o exemplo de Jonas, o qual ele pusera diante de mim, ainda prossegui na obra do ensino. E embora continuasse como sempre fui, evitando por todos os meios a celebridade, todavia fui levado, sem o saber, como pela força, a comparecer às assembléias imperiais, onde, voluntária ou involuntariamente, fui forçado a aparecer ante os

"Antioquia da Reforma" –, disposto a recomeçar a sua vida pastoral e de estudo, tendo então, como marco desta nova fase, a redação do seu comentário do Livro que considerava o principal das Escrituras: A Epístola de Paulo aos Romanos (1539).[439] Este foi o seu primeiro comentário de um

---

olhos de muitos." (João Calvino, *O Livro dos Salmos,* Vol. 1, p. 41-42). Em 22 de outubro de 1540 – entre outras cartas enviadas –, o Conselho dos Duzentos resolve convidar Calvino a voltar a Genebra (Vd. parte da carta In: Thea B. Van Halsema, *João Calvino era Assim,* p. 115-116. Vd. também, p. 120). Escreve uma carta-resposta (19/05/1540) ao seu amigo Viret (1511-1571): "Eu li aquela passagem de sua carta, e certamente sem nenhum sorriso, onde você mostra preocupações com a minha saúde e recomenda-me voltar a Genebra. Por que você não me disse à cruz? Pois, teria sido preferível para mim perecer de uma só vez nas agonias do calvário, do que tornar a ser supliciado novamente naquele lugar de tortura". [John Calvin, "Letter to Peter Viret," *John Calvin Collection,* [CD-ROM], (Albany, OR: Ages Software, 1998), nº 47]. Calvino hesita. Em 1º de maio de 1541, o Conselho Geral, por considerar Calvino e Farel "pessoas de bem e de Deus", revoga o edito de banimento de 1538. Farel, que convencera Calvino em 1536 a permanecer em Genebra, agora, a pedido do Conselho daquela cidade – visto que Calvino não atendera ao seu convite – , persuade Calvino (fevereiro de 1541) a retornar a Genebra em 1541. (Cf. W. Stanford. Reid, A Propagação do Calvinismo no Século XVI: In: W. Stanford Reid, ed. *Calvino e sua Influência no Mundo Ocidental,* p. 47; Thea B. Van Halsema, *João Calvino era Assim,* p. 119ss.). Em agosto de 1541, Calvino já se decidira; mesmo desejando permanecer em Estrasburgo, voltaria a Genebra. "Mas quando eu me lembro que não pertenço a mim próprio, eu ofereço meu coração, apresentado como um sacrifício ao Senhor." (John Calvin, "Letter to Farel," *John Calvin Collection,* [CD-ROM], (Albany, OR: Ages Software, 1998), nº 73). Posteriormente, pregando em Genebra (26/02/1554) [Cf. Elsie Anne Mckee, ed., *John Calvin: Writings on Pastoral Piety,* New York, NJ.: Paulist Press, 2001, p. 224], diria: "Em primeiro lugar temos de aprender a sujeitar nosso coração a ser obediente a Deus." [Juan Calvino, El Carácter de Job, *Sermones Sobre Job,* (Sermon nº 1), p. 32].

Os fatos ocorrem com certa rapidez: Na manhã de terça-feira de 13/9/1541 os magistrados de Genebra, precedidos por um arauto, foram receber Calvino, percorrendo o mesmo caminho que ele e Farel fizeram três anos antes, passando pela porta Cornavin em direção Versoix. (Cf. Daniel-Rops, *A Igreja da Renascença e da Reforma: I. A reforma protestante,* p. 395; Thea B. Van Halsema, *João Calvino era Assim,* p. 125; Alister E. McGrath, *A Vida de João Calvino,* São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004, p. 125). Neste mesmo dia, Calvino entra em Genebra; no dia 16, escreve a Farel dando-lhe notícia da sua entrevista com os Magistrados e dos passos para a elaboração da forma para disciplina eclesiástica. (John Calvin, "Letter to Farel," *John Calvin Collection,* [CD-ROM], (Albany, OR: Ages Software, 1998), nº 76, p. 276-277). A partir de então, Calvino dá prosseguimento à implantação de uma intensa reforma naquela cidade. Mais tarde (1557), ele contaria que regressou a Genebra com lágrimas, tristeza, ansiedade e abatimento, contrariando a sua "aspiração e inclinação"; contudo, ele tinha dentro de si um sentimento maior do que simplesmente fazer o que desejava; confessa: "o bem-estar desta Igreja, é verdade, era algo tão íntimo de meu coração, que por sua causa não hesitaria a oferecer minha própria vida; minha timidez, não obstante, sugeriu-me muitas razões para escusar-me uma vez mais de, voluntariamente, tomar sobre meus ombros um fardo tão pesado. Entretanto, finalmente uma solene e conscienciosa consideração para com meu dever prevaleceu e me fez consentir em voltar ao rebanho do qual fora separado." (João Calvino, *O Livro dos Salmos,* Vol. 1, p. 42). Mais tarde escreveria: "Não é de se estranhar se os fiéis, mesmo em oração, nutram em seus corações divergências e emoções conflitantes. O Espírito Santo, porém, que os habita, amenizando a violência de sua dor, pacifica todas as suas queixas e os conduz paciente e cordialmente à obediência." [João Calvino, *O Livro dos Salmos,* Vol. 2, (Sl 44.2), p. 282]. Comentando o Salmo 13, "é pela fé que tomamos posse de Sua providência invisível." [João Calvino, *O Livro dos Salmos,* Vol. 1, (Sl 13.1), p. 262]. Comentando o Salmo 18, diz: "Não há nada mais miserável do que uma pessoa, em adversidade, que entra em desespero por agir segundo o mero impulso de sua própria mente e não em obediência à vocação divina." (João Calvino, *O Livro dos Salmos,* Vol. 1, p. 354). A sua tarefa não foi fácil nem tranqüila: No comentário de *Tito* (1549) – dedicado aos seus amigos Farel e Viret –, escreveu, como que descrevendo a sua própria vivência em Genebra: "A edificação de uma igreja não é uma tarefa tão fácil que se torne possível fazer com que tudo seja imediata e perfeitamente completado." [João Calvino, *As Pastorais,* (Tt 1.5), p. 306]. "Hoje sabemos pela própria experiência que o que se requer não é o labor de um ou dois anos para levantar as igrejas caídas a uma condição mais ou menos funcional. Aqueles que têm alcançado diligente progresso por muitos anos devem ainda preocupar-se em corrigir muitas coisas." [João Calvino, *As Pastorais,* (Tt 1.5), p. 306]. Calvino permaneceria em Genebra até o fim de sua vida (17/5/1564). De fato este fora o desejo dos 25 conselheiros que, quando o convidaram a voltar, registraram: "Resolve-se conservar Calvino aqui para sempre." (Thea B. Van Halsema, *João Calvino era Assim,* p. 127). Wallace interpreta acertadamente que "os escritos teológicos de Calvino sobre a questão da providência podem freqüentemente ser lidos como um testemunho pessoal da fé que o sustentou na obra da sua vida." (Donald S. Wallace, *Calvino, Genebra e a Reforma,* São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003, p. 213).

[439] Publicado em março de 1540. Outras edições revisadas foram publicadas em 1551 e 1556. É provável que esse trabalho seja o resumo de suas aulas ministradas em Genebra no período de 1536-1538.

Livro da Bíblia, sobre o qual o seu sistema teológico está principalmente fundamentado;[440] seu objetivo: "o bem público da Igreja", escreve na Carta Dedicatória. Expor e comentar a Palavra de Deus sempre foi para Calvino algo de extrema seriedade e prazer.[441]

2) O "Exegeta da Reforma":

> "Que proveito há se porventura alguém se interessa apenas por especulações curiosas? Que proveito há se porventura ele só adere à letra da lei e não busca a Cristo? Que proveito há se ele perverte o significado natural com as interpretações estranhas a ela? O apóstolo tem boas razões para lembrar-nos da fé que está em Cristo, a qual é o centro e a suma da Escritura" – João Calvino, *As Pastorais,* (2Tm 3.15), p. 261-262.

A partir de Romanos ele comentará quase todos os Livros da Bíblia e no púlpito fará também exposição da maior parte dos Livros das Escrituras,[442] tornando-se um dos maiores e mais importantes exegetas de todos os tempos, sendo, não sem razão alcunhado de "O Exegeta da Reforma".[443] "Seus comentários têm resistido ao teste do tempo, e sempre pode ser consultado com proveito", comenta Schaff.[444] Ludwig von Diestel (1825-1879), considerado o melhor historiador de exegese do Antigo Testamento,[445] ainda que de formação liberal, admite que Calvino foi o "criador da genuína exegese".[446] De fato, ainda hoje Calvino continua sendo lido com entusiasmo e proveito por todos aqueles que desejam obter uma interpretação clara, simples e fiel das Escrituras. Em seus comentários encontramos: profundidade exegética, firmeza doutrinária, objetividade e uma piedade que brota com naturalidade de sua pena, como resultado de seu apego irrestrito ao texto sagrado. Sem dúvida, um dos aspectos da teologia de Calvino que fazem com que ela permaneça viva – e com muito boa saúde –, é a sua simplicidade bíblica, aliada a uma singeleza cristã erudita. "Calvino é exegeta competente e erudito – comenta Boanerges Ribeiro (1919-2003) –; e é crente em Jesus Cristo: sabe que qualquer texto da Palavra de Deus se entende no contexto de toda a Palavra de Deus".[447]

---

[440] Cf. P. Schaff, *The Creeds of Christendom,* Vol. I, p. 458.

[441] "Expor as Escrituras em livros, da cátedra, e do púlpito, foi sua ocupação favorita." (P. Schaff, *The Creeds of Christendom,* Vol. I, p. 457-458).

[442] Calvino pregava sobre o Antigo Testamento durante os dias da semana; sobre o Novo nos domingos, na maioria das vezes pela manhã e algumas vezes à tarde. Os salmos ele expunha normalmente aos domingos à tarde e de vez em quando às quartas-feiras. Nas quartas-feiras os sermões eram geralmente menores. As exposições de Calvino sobre os livros da Bíblia seguiam uma ordem cronológica; portanto, não necessariamente a ordem dos livros das Escrituras. (Cf. Elsie Anne Mckee, ed., *John Calvin: Writings on Pastoral Piety,* New York, NJ.,; Paulist Press, 2001, p. 220,221). Orr baseando-se em documentação de segunda mão, que ele mesmo não cita, diz que Calvino não comentou o Apocalipse porque ele "francamente declarou não entender". (James Orr, Calvin's Attitude Towards and Exegesis of the Scriptures. In: R.E. Magill, ed. *Calvin Memorial Addresses*, Richimond VA.: Presbyterian Committee of Publication, 1909, p. 94). Para uma boa discussão a respeito, ver T.H.L. Parker, *Calvin´s New Testament Commentaries,* 2ª ed. Louisville, Kentucky: Wetminster/John Knox Press, 1993, p. 116ss.

[443] John Murray, *Calvin as Theologian and Expositor,* Carlisle, Pennsylvania: The Banner of Truth Trust, (*Collected Writings of John Murray,* Vol. I), 1976, p. 308.

[444] P. Schaff, *The Creeds of Christendom,* Vol. I, p. 459. . "Calvino foi um gênio exegético de primeira grandeza. Seus comentários nunca foram ultrapassados em originalidade, profundidade, perspicuidade, firmeza e valor permanente" (Philip Schaff, *History of the Christian Church,* Vol. VIII, p. 524).

[445] L. Diestel, *Geschichte des Alten Testaments in der Christlichen Kirche* (1869).

[446] Cf. Philip Schaff, *History of the Christian Church,* Vol. VIII, p. 525. Do mesmo modo: B.B. Warfield, *Calvin and Augustine,* Michigan: Baker Book House (The Work's of Benjamin B. Warfield), 2000 (Reprinted), Vol. V, p. 9.

[447] Boanerges Ribeiro em Prefácio à Tradução Brasileira do Comentário de Salmos de Calvino. (João Calvino, *O Livro dos Salmos,* São Paulo: Paracletos, 1999, Vol. 1, p. 11).

3) O Sentido do Texto e a Simplicidade:

Na sua carta dedicatória – dirigida a seu amigo de Basiléia, Simon Grynaeus (1493-1540), a quem chama de "homem dotado de excelentes virtudes"[448] –, com quem discutira alguns anos antes sobre a melhor maneira de interpretar as Escrituras, concluía, conforme também pensava Grynaeus, que "a lúcida brevidade constituía a peculiar virtude de um bom intérprete. Visto que quase a única tarefa do intérprete é penetrar fundo a mente do escritor a quem deseja interpretar, o mesmo erra seu alvo, ou, no mínimo, ultrapassa seus limites, se leva seus leitores para além do significado original do autor".[449] Anos mais tarde (1546), escreveria: "... não aprecio as interpretações que são mais engenhosas do que sadias".[450] A clareza[451] e a brevidade recomendadas por Calvino, mais do que virtudes, se constituíam para ele em princípios decisivos de exegese.[452] Mesmo tendo consciência de que o "mundo" prefere aqueles que torcem o sentido literal do texto, fazendo alegorias[453] ao

---

[448] Antigo professor de Grego em Heidelberg (1524-1529) e, posteriormente, de Grego (1529) e Teologia (1536) em Basiléia. Uma curiosidade: O historiador Hoornaert observa que a ausência de livros no Brasil, trouxe graves prejuízos ao cristianismo brasileiro: "O Brasil colonial constituiu praticamente uma civilização sem livro." (Eduardo Hoornaert, *Formação do Catolicismo Brasileiro: 1550-1800,* Petrópolis, RJ.: Vozes, 1974, p. 20). Em outro lugar, insiste: "Difícil exagerar a influência negativa da inquisição sobre a formação de uma teologia livre e viva no Brasil. (...) É fácil imaginar o prejuízo decorrente desta falta de livros, ou melhor, de circulação de livros: não pode haver reflexão propriamente cristã sem espírito crítico, que se propaga pelos escritos. Um cristianismo sem livros se expõe ao perigo de tornar-se um cristianismo divorciado da teologia, um puro moralismo, um puro formalismo, um instrumento nas mãos dos poderosos." [Eduardo Hoornaert, et. al. *História da Igreja no Brasil: Ensaio de interpretação a partir do povo,* São Paulo/Petrópolis, RJ., Paulinas/Vozes, 1983, (História Geral da Igreja na América Latina, II/1), p. 325-326]. A política da ignorância colonial, não se restringia à imprensa; adquirir livros importados no Brasil, também era praticamente impossível. O historiador paranaense Rocha Pombo (1857-1933), diz: "Obter um livro, em qualquer ponto da Colonia, era um grande problema: era preciso subtrai-lo à vigilância das autoridades, ou então alcançar uma licença especial para recebê-lo da Europa." [José Francisco da Rocha Pombo, *História do Brazil,* Rio de Janeiro: Benjamin Aguila – Editor, (s.d.), Vol. VII, p. 126].

Curiosamente, no Brasil entravam de alguma forma, obras "proibidas" de caráter político e filosófico, no entanto, não obras religiosas protestantes. Ao que parece, a "profilaxia" católica tinha sido tão bem feita, que nem sequer havia interesse pela literatura religiosa protestante, ainda que as obras de caráter não religioso, mesmo de autores protestantes fossem encontradas, por exemplo, na rica e variada biblioteca do Cônego de Mariana, Luís Vieira da Silva (1735-?), que dispunha de cerca de 800 volumes e 270 obras, isto em 1789. A biblioteca do Cônego – "o mais instruído e eloqüente de todos os conjurados mineiros" –, dispunha do *Novus orbis regionum ac insularam veteribus incognitarum* (1532), obra de compilação das narrativas de diversos viajantes, feita pelo filólogo protestante alemão Simon Grynaeus. (Vd. Eduardo Frieiro, *O Diabo na Livraria do Cônego; Como era Gonzaga?; e Outros temas mineiros,* 2ª ed. rev. e aum., São Paulo: Itatiaia/EDUSP., 1981. p. 13,20,24,30, 35,55).

[449] João Calvino, *Exposição de Romanos,* Dedicatória, p. 19.

[450] João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 15.29), p. 472. No entanto, ele admite que "o mundo preferiu, e sempre preferirá, as especulações que aparentam engenhosidade, à sólida doutrina." [João Calvino, *Gálatas,* São Paulo: Paracletos, 1998, (Gl 4.22), p. 139]. "O fútil ensino dos sofistas, erguendo-se em airosas especulações e sutilezas, não só obscurecem a simplicidade da doutrina genuína com suas implicações, mas também a oprimem e a fazem desprezível, já que o mundo quase sempre se deixa levar pela aparência externa". [João Calvino, *As Pastorais,* (1Tm 6.20), p. 186]. Vd. também: João Calvino, *Exposição de Romanos,* (Rm 10.18), p. 376; João Calvino, *Gálatas,* (Gl 4.22-25), p. 138-144.

[451] "Tenho almejado clareza mais do que elegância". [João Calvino, *Gálatas,* (Gl 4.24), p. 141].

[452] Cf. Hans-Joachim Kraus, Calvin's Exegetical Principles: In: *Interpretation* 31 (1977), Virginia, p. 13. Vd. João Calvino, *As Institutas,* III.6.1.

[453] Calvino considera a interpretação alegórica como o "mais danoso erro". [Vd. J. Calvino, *Exposição de 2 Coríntios,* (2Co 3.6), p. 65-69]. Através dela tornamo-nos oleiros arbitrários, manipulando o texto, dando-lhe a forma que imaginarmos. Ele escreve: "As alegorias não devem ultrapassar os limites da norma da Escritura que se lhes antepõe, tão longe está de que bastem de si mesmas para servirem de base a quaisquer doutrinas." (João Calvino, *As Institutas,* II.5.19). [Ver também, *As Institutas,* (1541), II.5]. Berkhof comenta que Calvino, "achava que o método alegórico era uma artimanha satânica para obscurecer o sentido da Escritura" (Louis Berkhof, *Princípios de Interpretação Bíblica,* 3ª ed. Rio de Janeiro: JUERP., 1985, p. 30). Lembremo-nos de que o método alegórico de interpretação teve proeminência entre os judeus de Alexandria, que buscavam uma síntese entre a filosofia grega e sua fé em Deus. Por exemplo: Como

invés de expor o genuíno sentido da passagem,[454] Calvino optou por uma interpretação que considerava ser a única bíblica, visto que para ele, "o genuíno significado da Escritura é único, natural e simples....";[455] daí a importância de se entender o sentido das palavras[456] e o contexto histórico[457] ou "circunstância" da passagem.[458] Ele sustentava que competia ao intérprete entender o que o autor quis dizer e o seu propósito. Ele exemplifica isso quando comenta o Salmo 8. Após falar sobre três possibilidades de interpretação de determinada palavra hebraica, conclui: "O elemento primordial a ser apreendido é no que tange ao conteúdo do salmo e ao que ele visa".[459] Calvino se insere, portanto, dentro do método histórico-gramatical-teológico.[460] Deste modo, o que o norteia em seus comentários é a "brevidade na interpretação". Pois bem, foi sob esta bandeira que Calvino comentou Romanos, guiado também por uma singular acuidade hermenêutica e exegética que lhe permitiram interpretar e traduzir textos complexos com clareza, simplicidade e fidelidade textual,[461] não deixando de, de quando em vez, confessar a sua ignorância,[462] reconhecer

---

conciliar o Antigo Testamento com o pensamento de Platão? A base teórica desta escola é encontrada em Fílon de Alexandria, tendo como um de seus maiores representantes, Clemente de Alexandria (c. 150-c. 215) e seu discípulo, Orígenes (c. 185-254). "Alegorizar é procurar um sentido oculto ou obscuro que se acha por trás do significado mais evidente do texto, mas lhe está distante e na verdade dissociado. Em outras palavras, o sentido literal é uma espécie de código que precisa ser decifrado para revelar o sentido mais importante e oculto. Segundo este método, o literal é superficial, e o alegórico é que apresenta o verdadeiro significado." (Roy B. Zuck, *A Interpretação Bíblica,* São Paulo: Vida Nova, 1994, p. 34). À frente, continua: "A alegorização passa a ser arbitrária. É um processo que carece de objetividade e que não refreia a imaginação. Ela encobre o verdadeiro sentido dos textos bíblicos. Sua mensagem não se impõe, pois alguém pode dizer que certa passagem ensina determinada verdade em termos alegóricos, ao passo que outra pessoa é capaz de enxergar um significado completamente diferente. É uma forma de despojar as Escrituras de qualquer autoridade." (*Ibid.,* p. 53). Terry comenta: "O método alegórico de interpretação se baseia em uma profunda reverência pelas Escrituras e um desejo de exibir suas múltiplas profundidades e sabedoria. Porém se nota imediatamente que seu costume é desatender o significado comum das palavras e dar-lhes todo tipo de idéias fantásticas. Não extrai o significado legítimo da linguagem do autor senão que introduz nele tudo o que o capricho ou fantasia do intérprete se lhe ocorre." [M.S. Terry, *Hermeneutica Biblica,* 2ª ed. Mexico/Buenos Aires: Casa Unidade Publicaciones/Editorial "La Aurora", (1924), p. 21].

[454] Vd. João Calvino, *Gálatas,* (Gl 4.22), p. 139-140.

[455] João Calvino, *Gálatas,* (Gl 4.22), p. 140. "Que proveito há se porventura alguém se interessa apenas por especulações curiosas? Que proveito há se porventura ele só adere à letra da lei e não busca a Cristo? Que proveito há se ele perverte o significado natural com as interpretações estranhas a ela? O apóstolo tem boas razões para lembrar-nos da fé que está em Cristo, a qual é o centro e a suma da Escritura." [João Calvino, *As Pastorais,* (2Tm 3.15), p. 261-262]. (Ver também: João Calvino, *As Institutas,* IV.17.22). Sanday e Headlam afirmam que Calvino "era sem dúvida o maior dos comentaristas da Reforma. Ele é claro, lúcido, honesto e direto." [William Sanday & Arthur C. Headlam, *A Criticial and Exegetical Commentary on the Epistle to the Romans,* 5ª ed. Edinburgh: T. & T. Clark, 1975 (reimpression), p. ciii]. Quanto ao sentido único do texto, vejam-se a opinião semelhante de outros Reformadores in: Walter C. Kaiser Jr., Uma Breve História da Interpretação: In: Walter C. Kaiser Jr. & Moisés Silva, *Introdução à Hermenêutica Bíblica,* São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p. 216-217.

[456] Cf. João Calvino, *O Livro dos Salmos,* Vol. 1. (Sl 18.5,8), p. 363-364, 368-369. Ele inclusive evitava o emprego de palavras não utilizadas nas Escrituras, ainda que soubesse ser impossível cumprir isso à risca. Nas *Instituições,* falando sobre a palavra "mérito", faz um apelo: "Quanto a mim, fujo com todas as veras da alma de todas as contendas que se travam por causa de palavras; mas eu gostaria que sempre fosse mantida pelos cristãos esta sobriedade: que, não havendo necessidade ou algum propósito, não façam uso de palavras alheias à Escritura que possam gerar muito escândalo e pouco fruto." [João Calvino, *As Institutas,* (1541), II.6].

[457] Cf. Juan Calvino, *Institución,* IV.16.23.

[458] Cf. João Calvino, *As Institutas,* III.17.14.

[459] João Calvino, *O Livro dos Salmos,* Vol.1, (Sl 8), p. 156-157.

[460] Ver: F.F. Bruce, Interpretação da Bíblia: In: Walter A. Elwell, ed. *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã,* Vol. II, p. 341. "João Calvino (1509-1564), o maior exegeta da Reforma, mais do que qualquer outro estabeleceu a tendência ao uso do método exegético histórico-gramatical como fundamento para o desenvolvimento da mensagem espiritual baseada no texto" (David S. Dockery, *Hermenêutica Contemporânea à luz da Igreja Primitiva,* São Paulo: Editora Vida, 2005, p. 154).

[461] Vd. por exemplo, J. Calvino, *As Institutas,* I.9.3; II.2.8; II.8.8.

[462] Por exemplo, John Calvin, *Commentary upon the Acts of the Apostles,* Grand Rapids, Michigan: Baker Book House Company, (Calvin's Commentaries), 1981, Vol. XVIII, (At 1.11), p. 54; João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 11.31), p. 345; *Idem., Exposição de Hebreus,* (Hb 7.8), p. 183; *Idem., O Livro dos Salmos,* Vol. 1, (Sl 6, introdução; 6.4;

como não destituída de fundamento uma posição diferente da sua,[463] deixar à critério do leitor a escolha da melhor interpretação apresentada,[464] deixar a questão indecisa,[465] seguir a interpretação tradicional,[466] de outros intérpretes,[467] uma pessoal,[468] ou, de admitir ter mudado de opinião.[469]

Moisés Silva comentando sobre o propósito de Calvino em ser breve e simples em seus comentários, faz uma aplicação:

> "... O exemplo de Calvino precisa fazer-nos lembrar quais devem ser os nossos principais objetivos. É muito fácil nos impressionarmos com os problemas exegéticos ou com as necessidades devocionais que percebemos; em ambos os casos, acabamos permitindo que a mensagem central e simples do texto tome uma posição secundária. Se, porém, tivermos em mente que não há motivo mais importante do que a edificação da igreja – sendo a base para isso o próprio ensinamento de Deus e não a nossa imaginação – nossos esforços permanecerão concentrados no significado histórico intencionado pelo autor bíblico".[470]

---

8. introdução), p. 123, 128, 156; João Calvino, *As Pastorais,* (1Tm 2.1), p. 55. Essa ignorância adquire em muitos casos, a conotação de "douta". (Vd. J. Calvino, *As Institutas,* III.21.2; III.23.8).

[463] J. Calvino, *Exposição de Romanos,* (Rm 5.15), p. 192; (Rm 16.21), p. 523-524; João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 12.28), p. 390-391; *O Livro dos Salmos*, Vol. 1, (Sl 4), p. 89.

[464]Cf. João Calvino, *O Livro dos Salmos,* Vol. 2, (Sl 45), p. 305; (Sl 48.4-6), p. 357; (Sl 48.13), p. 367; (Sl 50.17-20), p. 415; João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 1.26-27), p. 67; (1Co 4.6), p. 133; (1Co 14.6), p. 412-413; João Calvino, *Efésios,* (Ef 3.4), p. 85; (Ef 4.18), p. 135-136.

[465] João Calvino, *O Livro dos Salmos,* Vol. 3, (Sl 78.66), p. 242.

[466]Cf. João Calvino, *O Livro dos Salmos,* Vol. 1, (Sl 14.1), p. 272; (Sl 15.4), p. 295; (Sl 56.1), p. 494.

[467] Cf. João Calvino, *Exposição de Romanos,* (Rm 12.6), p. 431; João Calvino, *O Livro dos Salmos,* Vol. 1, (Sl 25.1), p. 538; (Sl 30.4), p. 628-629; Vol. 2, (Sl 42.5), p. 264; (Sl 51.5), p. 430; (Sl 68.1), p. 641; (Sl 68.9-10), p. 648; Vol. 3, (Sl 73.10), p. 101; *As Pastorais,* (2Tm 2.14), p. 233.

[468] João Calvino, *O Livro dos Salmos,* Vol. 1, (Sl 17.7), p. 336; (Sl 30.12), p. 638-639; Vol. 2 (Sl 31.3), p.13; (Sl 36), p.120; (Sl 38), p. 175; (Sl 41.1), p. 242; *As Pastorais,* (2Tm 2.15), p. 234.

[469] Vd. por exemplo: João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 15.29), p. 472; João Calvino, *Gálatas,* (Gl 4.25), p. 144.

[470]Moisés Silva, Em Favor da Hermenêutica de Calvino: In: Walter C. Kaiser Jr. & Moisés Silva, *Introdução à Hermenêutica Bíblica,* São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p. 246. De forma mais ampla, escreveu Harrison: "A importância da Reforma para a crítica bíblica, não esteve tanto na preocupação com os processos históricos ou literários envolvidos na formulação do cânon bíblico, senão em sua insistência contínua na primazia do singelo sentido gramatical do texto por direito próprio, independente de toda interpretação feita pela autoridade eclesiástica". (R.K. Harrison, *Introduccion al Antiguo Testamento,* Jenison, Michigan: TELL, 1990, Vol. I, p. 7-8).

7. A ORAÇÃO E A INTERPRETAÇÃO BÍBLICA:

> "Não carecemos de nutrir nenhuma preocupação de que Deus rejeite as nossas orações em favor da Igreja, visto que o nosso Rei celestial nos precedeu para fazer intercessão por ela, de modo que, ao orarmos por ela, estamos apenas nos diligenciando por seguir seu exemplo." – João Calvino, *O Livro dos Salmos,* Vol. 1, (Sl 21.1), p. 456.

Uma oração geralmente feita por Calvino ao iniciar suas preleções era: "Que o Senhor nos permita engajarmo-nos nos mistérios celestiais de sua sabedoria, para que progridamos em verdadeira santidade, para o louvor de sua glória e para nosso própria edificação. Amém".[471]

Conforme temos demonstrado, na concepção de Calvino, o mesmo Deus que nos deu as Escrituras é Quem nos ilumina para poder compreendê-la salvadoramente.[472] Deste modo, as nossas orações devem ser também com este propósito: "Nossa oração a Deus deve ser no sentido de desimpedir nossa vista e nos capacitar para a meditação sobre suas obras".[473]

Em outro lugar, tratando da doutrina da eleição, escrevemos: Esta doutrina deve ser estudada não com espírito armado e defensivo, mas em oração, com o desejo sincero de aprender de Deus a Sua Palavra, certos de que através deste aprendizado, poderemos usufruir de modo consciente as bênçãos que Ele reservou para o Seu povo. O que se segue, é que este assunto é para ser tratado pelo povo de Deus; não tem nenhum sentido debates "acadêmicos" [474] sem um coração novo: a revelação de Deus não visa a satisfazer a nossa curiosidade ou perguntas acidentais da nossa vida; Deus sempre trata do que é vital para esta existência e para a por vir. Quando vemos a abordagem de Calvino a este assunto, percebemos que a sua preocupação é fortemente pastoral e não especulativa.[475] Ele nos instrui: "Quão perigoso para a Igreja é esse conhecimento que conduz às controvérsias, ou seja, o conhecimento que ignora a piedade e se preocupa só com a ostentação

---

[471] Conforme nota no seu comentário de Daniel (João Calvino, *O Profeta Daniel: 1-6,* São Paulo: Parakletos, 2000, Vol. 1, p. 34).

[472] João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 2.14), p. 93; João Calvino, *As Institutas,* (1541), II.4.

[473] João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 3, (Sl 92.6), p. 465.

[474] Conforme já citamos: "Tudo o que não edifica deve ser rejeitado, ainda que não tenha nenhum outro defeito; e tudo o que só serve para suscitar controvérsia deve ser duplamente condenado. Tais são todas as questões sutis nas quais os homens ambiciosos praticam suas habilidades. É mister que lembremos de que todas as doutrinas devem ser comprovadas mediante esta regra: aquelas que contribuem para a edificação devem ser aprovadas, mas aquelas que ocasionam motivos para controvérsias infrutíferas devem ser rejeitadas como indignas da Igreja de Deus. Se este houvera sido aplicado há muitos séculos, então, ainda que a religião viesse a se corromper por muitos erros, ao menos a arte diabólica das controvérsias ferinas, a qual recebeu a aprovação da teologia escolástica, não haveria prevalecido em grau tão elevado. Pois tal teologia outra coisa não é senão contendas e vãs especulações sem qualquer conteúdo real de valor. Por mais versado um homem seja nela, mais miserável o devemos considerar. Estou cônscio dos argumentos plausíveis com que ela é defendida, mas jamais descobrirão que Paulo haja falado em vão ao condenar aqui tudo quanto é da mesma natureza. (...) Sutilezas desse gênero edificam os homens na soberba e na vaidade, mas não em Deus." [João Calvino, *As Pastorais,* (1Tm 1.4), p. 30].

[475] Philip Schaff (1819-1893) referindo-se a Calvino, diz que "seu principal interesse foi mais religioso do que metafísico. Ele achou nesta doutrina [predestinação] o apoio mais forte para a sua fé. Ele combinou com isto a certeza da salvação, que é o privilégio e conforto de todo crente. Neste ponto ele diferiu de Agostinho, que ensinou o conceito católico da incerteza subjetiva de salvação. Calvino fez da certeza, Agostinho a incerteza, um estímulo ao zelo e santidade" (Philip Schaff & David S. Schaff, *History of the Christian Church,* Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, 1996, Vol. VIII, p. 549). Ver também: Philip Schaff & David S. Schaff, *History of the Christian Church,* Vol. VIII, p. 561.

pessoal. Toda a assim chamada *teologia* especulativa dos papistas pertence a essa categoria".[476] Não deixa de ser instrutivo e revelador o fato de Calvino, na edição final das *Institutas* (1559), ter tratado deste assunto depois de um longo capítulo sobre a oração que, sozinho, é maior do que os quatro dedicados à doutrina da Eleição.[477] Também, deve ser destacado que este assunto foi sendo ampliado conforme ele reescrevia as *Institutas e elaborava seus comentários bíblicos*. Na primeira edição (1536), a doutrina da *"Eleição e Predestinação"* foi tratada dentro da quarta parte do Credo Apostólico.[478] Na edição final (1559), a doutrina foi amplamente desenvolvida, sendo agora estudada dentro do contexto da soteriologia.[479]

De forma figurada, Calvino diz que "o coração de Deus é um 'Santo dos Santos', inacessível a todos os homens", sendo o Espírito Quem nos conduz a Ele.[480] Ele entendia que "com a oração encontramos e desenterramos os tesouros que se mostram e descobrem à nossa fé pelo Evangelho"[481] e, que "a oração é um dever compulsório de todos os dias e de todos os momentos de nossa vida",[482]e: "Os crentes genuínos, quando confiam em Deus, não se tornam por essa conta negligentes à oração".[483] Portanto, este tesouro não pode ser negligenciado como se "enterrado e oculto no solo!".[484] "A oração tem primazia na adoração e no serviço a Deus".[485] Daí o seu conselho: "A não ser que estabeleçamos horas definidas para a oração, facilmente negligenciaremos a prática".[486] No entanto, devemos ter sempre presente o fato, que é Espírito "Quem deve prescrever a forma de nossas orações."[487] "Agora, quanto é necessário, e de quantas maneiras o exercício da oração é útil para nós, não se pode explicar satisfatoriamente com palavras".[488] Aqui está o segredo da Palavra de Deus, segundo a percepção de Calvino: Estudo humilde[489] e oração, atitudes que se revelam em nossa obediência a Cristo.[490] Schaff resume: "Absoluta obediência de

---

[476] João Calvino, *As Pastorais*, (2Tm 2.14), p. 232. "A ambição é sempre contenciosa e nos conduz às polêmicas, de modo que aqueles que desejam aparecer estão sempre prontos a desembainhar a espada a pretexto de qualquer tema". [João Calvino, *As Pastorais,* (1Tm 6.20), p. 186].

[477]Vd. J. Calvino*, As Institutas,* III.20. Do mesmo modo, no *Catecismo de Genebra,* das 373 perguntas [*Catecismo de Genebra*. In: *Catecismos de la Iglesia Reformada,* Buenos Aires: La Aurora, 1962], Calvino dedica 63 à oração. Assim também, na *Instrução na Fé* (Goiânia: Logos Editora, 2003), uma das seis partes é dedicada à oração. Veja-se: Moisés Silva, Em Favor da Hermenêutica de Calvino: In: Walter C. Kaiser Jr. & Moisés Silva, *Introdução à Hermenêutica Bíblica,* São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p. 256-257.

[478] Ver: Juan Calvino, *Institución de la Religión Cristiana,* Buenos Aires/México: La Aurora/Casa Unida de Publicaciones, (1958), Vol. 1, p. 192-196.

[479] João Calvino, *As Institutas,* III.21-24.

[480] João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 2.11), p. 88.

[481] J. Calvino, *As Institutas,* III.20.2.

[482]João Calvino, *O Livro dos Salmos,* Vol. 2, (Sl 50.14-15), p. 410.

[483] João Calvino, *O Livro dos Salmos,* Vol. 1, (Sl 30.6), p. 633.

[484] João Calvino, *As Institutas,* III.20.1.

[485]João Calvino, *O Profeta Daniel: 1-6,* São Paulo: Edições Parakletos, 2000, Vol. 1, (Dn 6.10), p. 371.

[486] João Calvino, *O Profeta Daniel: 1-6,* (Dn 6.10), p. 375.

[487]J. Calvino, *Exposição de Romanos,* (Rm 8.26), p. 291.

[488] João Calvino, *As Institutas,* (1541), III.9.

[489]Calvino, cita Agostinho: "Se me interrogues acerca dos preceitos da religião cristã, primeiro, segundo e terceiro, aprazer-me-ia responder sempre: a humildade." (J. Calvino, *As Institutas,* II.2.11).

[490] "Sempre que a carne, ou seja, a corrupção natural, governa uma pessoa, ela toma posse de sua mente para que a sabedoria divina não logre entrada. Em razão disto, se porventura desejamos lograr algum progresso na escola do Senhor, devemos antes renunciar nosso próprio entendimento e nossa própria vontade" [João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 3.3), p. 100]. "Os filósofos pagãos põem a razão como o único guia de vida, de sabedoria e conduta, porém a filosofia cristã demanda que rendamos nossa razão ao Espírito Santo, o que significa que já não mais vivemos para nós mesmos, senão que Cristo vive e reina em nós. Ver Rm 12.1; Ef 4.23; Gl 2.20." (John Calvin, *Golden Booklet of the True Christian Life,* p. 22).

seu intelecto à Palavra de Deus, e obediência de sua vontade à vontade de Deus: esta foi a alma de sua religião". [491]

Ele observou que na oração, "a língua nem sempre é necessária, mas a oração verdadeira não pode carecer de inteligência e de afeto de ânimo",[492] a saber: "O primeiro, que sintamos nossa pobreza e miséria, e que este sentimento gere dor e angústia em nossos ânimos. O segundo, que estejamos inflamados com um veemente e verdadeiro desejo de alcançar misericórdia de Deus, e que este desejo acenda em nós o ardor de orar".[493]

O seu grande consolo e estímulo, é saber que o Deus soberano, de forma misteriosa a nós, utiliza-se de nossas orações na concretização de Seus propósitos: "Deus responde aos verdadeiros crentes quando mostra através de suas operações que Ele leva em conta suas súplicas".[494]

8. UMA PALAVRA AOS MINISTROS E AOS FIÉIS:

> "Além de tudo mais, se não tivermos a nossa vocação como uma regra permanente, não poderá haver clara consonância e correspondência entre as diversas partes da nossa vida. Assim, será muito bem ordenada e dirigida a vida de quem a conduzir tendo em vista esse propósito. Desse modo de entender e de agir nos resultará esta singular consolação: Não há obra, por mais humilde e humilhante que seja, que não brilhe diante de Deus e que não Lhe seja preciosa, contanto que a realizemos no serviço e cumprimento da nossa vocação" – João Calvino, *As Institutas,* (1541), IV.17.

1) Humildade:

Calvino orienta os crentes quanto à submissão devida à Palavra de Deus: "Quando virmos para escutar um sermão não tragamos aqui essa soberba de aborrecer-nos com Deus se somos admoestados por nossos pecados. Não tragamos nenhuma amargura, para que não fiquemos aborrecidos quando nos põem o dedo na ferida".[495] A pregação é para todos: "Se somos reis e príncipes, nos corresponde inclinar nossas cabeças para receber o jugo de Deus; porque toda soberba tem que ser desfeita....".[496] Continua: "Aqueles que estão em posição elevadas saibam que ainda que fossem mais que reis deveriam humilhar-se ante à pregação da verdade de Deus. E por que? Porque têm que ser conscientes disto. Que senhor ou patrão enviou aquele que prega? É precisamente aquele que tem domínio soberano sobre toda a humanidade e a quem todos deveriam estar sujeitos."[497]

Portanto, ricos e pobres, todos devem vir "para escutar a Palavra de Deus com toda humildade e modéstia, sabendo que neste sentido nossa obediência tem que ser provada, e que

---

[491] Philip Schaff, *History of the Christian Church,* Vol. VIII, p. 310. Vd. também, P. Schaff, *The Creeds of Christendom,* Vol. I, p. 448.
[492] J. Calvino, *Catecismo de Genebra,* Perg. 240.
[493] J. Calvino, *Catecismo de Genebra,* Perg. 243.
[494] João Calvino, *O Livro dos Salmos,* Vol. 1, (Sl 28.1), p. 600.
[495] Juan Calvino, Autoridad y Reverencia que Debemos a la Palabra de Dios: In: *Sermones Sobre Job,* p. 204.
[496] Juan Calvino, Autoridad y Reverencia que Debemos a la Palabra de Dios: In: *Sermones Sobre Job,* p. 204.
[497] Juan Calvino, Autoridad y Reverencia que Debemos a la Palabra de Dios: In: *Sermones Sobre Job,* p. 204.

ninguém deve ser eximido, senão que as faltas sejam expostas com toda liberdade, tal como corresponde."[498]

2) Exame Criterioso:

No entanto, essa atitude não significa mero formalismo ou a negação do exercício de uma santa análise crítica. Devemos submeter o nosso entendimento à Escritura, buscando a iluminação do Espírito, não simplesmente a ensinos que supostamente procedem das Escrituras. "Os fiéis não têm que ser deliberadamente tão estúpidos de receber tudo o que se lhes diz, senão, que, pelo contrário, examinem se a doutrina provém de Deus ou não. E por isso é que se nos manda provar os espíritos. E isto tem que ser notado cuidadosamente. (...) Deus quer que pensemos e que tenhamos a prudência para não ser enganados nem seduzidos por doutrinas falsas que as pessoas nos trazem. Como ocorrerá isso? Certamente não devemos ter a pretensão de julgar a verdade de Deus conforme nosso juízo ou imaginação, antes, o nosso raciocínio e entendimento têm que estar sujeitos a Ele, como o mostram as Escrituras. Não obstante, temos que orar a Deus que se digne em conceder-nos prudência para assim discernir se o que se nos propõe é ou não bom e reto. Além do mais, que com toda humildade não pretendamos outra coisa que ser governados por Ele, e estar sob Sua mão, com a certeza de que desta maneira seremos capazes de saber se há retidão ou não nas declarações que se nos propõem".[499] Sobre a possível crítica aos homens de estarem julgando a doutrina de Deus, responde: "Minha resposta a esta questão é que a doutrina de Deus não está sujeita ao juízo humano, senão que a tarefa do homem é simplesmente julgar, por meio do Espírito de Deus, se é sua Palavra que está sendo declarada, ou se, usando esta como pretexto, os homens estão erroneamente exibindo o que eles mesmos engendraram".[500] "Somos iluminados pelo Espírito para recebermos a verdade, mas que somos igualmente equipados com o espírito de discernimento a fim de não vivermos suspensos pela dúvida entre a verdade e a falsidade, mas para sermos capazes de decidir o que devemos evitar e o que devemos seguir".[501] Contudo, deve ser ressaltado: "Um homem só julga corretamente e com segurança pelo prisma de seu novo nascimento e segundo a medida da graça a ele concedida – e nada mais!".[502] Nenhum homem é senhor total da interpretação da Palavra de Deus. Portanto, Calvino dá uma palavra aos mestres: "Ninguém está isento da crítica de outrem, mas para que todos ouçam, com a condição de que seu ensino seja, ao mesmo tempo, exposto à crítica".[503] Em outro lugar, continua estimulando o senso santamente crítico: "Então, temos que inquirir sempre sobre a intenção do homem que fala. Porque se vemos que o fim perseguido é que Deus seja glorificado[504] e que tenha domínio sobre todos os homens, já não deve haver disputas a respeito; temos que dar-nos por totalmente satisfeitos. (...) Deste modo então, tenhamos sempre esta pedra de toque quando viermos para provar alguma doutrina. Então saberemos se é reta ou distorcida, verdadeira ou falsa, pura ou corrupta e mesclada, conforme à verdadeira retidão que Deus nos há mostrado".[505]

---

[498] Juan Calvino, Autoridad y Reverencia que Debemos a la Palabra de Dios: In: *Sermones Sobre Job,* p. 205.
[499] Juan Calvino, Autoridad y Reverencia que Debemos a la Palabra de Dios: In: *Sermones Sobre Job,* p. 206-207.
[500] João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 14.29), p. 432.
[501] João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 2.15), p. 94-95.
[502] João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 2.15), p. 95.
[503] João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 14.32), p. 434. Isto se torna mais claro na seqüência do seu comentário.
[504] "Concordo que a glória de Deus deve estar, para nós, acima de nossa salvação...." [J. Calvino, *As Pastorais,* (Tt 1.2), p. 301]. "Não busquemos nossos próprios interesses, mas antes aquilo que compraz ao Senhor e contribui para promover sua glória." (João Calvino, *A Verdadeira Vida Cristã,* p. 30). "A glória de Deus deve resplandecer sempre e nitidamente em todos os dons com os quais porventura Deus se agrade em abençoar-nos e em adornar-nos. De sorte que podemos considerar-nos ricos e felizes nele, e em nenhuma outra fonte." [J. Calvino, *O Livro dos Salmos,* São Paulo, Paracletos, 1999, Vol. 2, (Sl 48.3), p. 356].
[505] Juan Calvino, Autoridad y Reverencia que Debemos a la Palabra de Dios: In: *Sermones Sobre Job,* p. 207.

Esse exame criterioso do que é ensinado, deve ser feito com humildade e, em oração. Essa deve ser uma característica daquele que deseja obedecer a Deus: "Temos que examinar a doutrina, e não com orgulho, não pensando que somos suficientemente sábios por nós mesmos, senão orando a Deus, suplicando que Ele Se digne em governar-nos mediante seu Santo Espírito, para que possamos seguir a doutrina que Ele nos tem mostrado. (...) Aquele que está preparado para obedecer a Deus, nem por isso deixará de abrir seus olhos para considerar como distinguir entre o falso e o verdadeiro".[506] Em outro lugar: "É um inestimável benefício que haja alguns que sejam experimentados em julgar, a fim de que não se permita seja a sã doutrina corrompida pelas formas enganosas de Satanás, ou seja arruinada, de uma forma ou de outra, por futilidades ridículas".[507]

Calvino entende que "quando Deus quer que sejamos edificados nEle, imediatamente levanta homens que falam de todo coração e claramente, e com efeito, lhe dá tal unção à palavra que sai de suas bocas que os homens podem reconhecer o poder de seu Espírito Santo".[508]

3) A Manutenção dos Ministros:

Uma armadilha diabólica consiste em fazer com que os ministros sejam privados de seu sustento para se dedicarem a outras atividades que o desviem do estudo e ensino da Palavra. A Igreja deve, portanto, cuidar do sustento condigno de seu pastor: "Não se pode negar que, se a Palavra for respeitada, seus ministros serão sempre tratados bondosa e honradamente. É um artifício de Satanás defraudar os ministros piedosos[509] de seu sustento, de modo que a Igreja fique privada dos ministros desse gênero.[510] Um solícito desejo de preservar o ministério levou Paulo a recomendar o sustento dos bons e fiéis pastores".[511] Ele extrai implicação semelhante de sua análise

---

[506]Juan Calvino, Autoridad y Reverencia que Debemos a la Palabra de Dios: In: *Sermones Sobre Job,* p. 212.

[507]João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 14.29), p. 432. "Gostaria que isso fosse levado em conta por aqueles que estão sempre com a língua bem afiada, procurando polemizar em cada questão e sofismar em torno de uma única palavra ou sílaba. Mas eles são impulsionados pela ambição, a qual, como sei de experiência pessoal com alguns deles, às vezes é uma doença quase fatal. O que o apóstolo diz acerca da subversão daqueles que ouvem é plenamente comprovado pela observação diária. É natural que em meio às contendas percamos nossa apreensão da verdade, e Satanás faz mal uso das controvérsias como pretexto para subverter e destruir nossa fé." [João Calvino, *As Pastorais,* (2Tm 2.14), p. 233]. "Os que teimam contra a verdade procuram em cada sílaba matéria para as suas evasivas!" [João Calvino, *As Institutas,* (1541), III.11].

[508]Juan Calvino, Autoridad y Reverencia que Debemos a la Palabra de Dios: In: *Sermones Sobre Job,* p. 208.

[509]Conforme já nos referimos, Calvino define piedade como ".... reverência associada com o amor de Deus que o conhecimento de Seus benefícios nos faculta. Pois, até que os homens sintam que tudo devem a Deus, que são de Seu paternal cuidado assistidos, que lhes é Ele o autor de todas as cousas boas, assim que nada fora dEle lhe seja de buscar-se, jamais se Lhe sujeitarão em voluntária obediência. Mas, a não ser que nEle ponham sua plena felicidade, nunca, verdadeiramente, e de coração, inteiros se Lhe renderão" (João Calvino, *As Institutas,* I.2.1).

[510] Calvino insiste neste ponto: "Pois a ingratidão do mundo é de tal vulto, que pouquíssimos se preocupam de fato com o sustento dos ministros da Palavra; e Satanás se aproveita desse lapso para desprover a Igreja do magistério sacro, apavorando a muitos com o medo da pobreza e da fome, de modo a indispô-los a levar tal carga" [João Calvino, *As Pastorais,* (1Tm 5.17), p. 149]. "Quão mais intolerável é a ingratidão daqueles que se recusam em prover a seus pastores de sua subsistência, cuja retribuição, de conformidade com o seu real merecimento, é totalmente impossível" [João Calvino, *As Pastorais,* (1Tm 5.18), p. 150].

[511] João Calvino, *Gálatas,* São Paulo: Paracletos, 1998, (Gl 6.6), p. 181. "[Paulo] mostra que o Senhor ordenou que as igrejas supram seus ministros com os meios subsistenciais. (...) Os ministros da Igreja Cristã são aqueles que pregam o Evangelho. (...) Seu argumento é que os pastores, cujo trabalho é a pregação do Evangelho, devem ser sustentados, visto que outrora o Senhor prescreveu certas necessidades para os sacerdotes, diante do fato de que empregavam seus serviços para a Igreja. (...) [O apóstolo manda que a igreja sustente] os [ministros] que se devotam à pregação do Evangelho" [João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 9.13), p. 274-275]. "Os ministros devem viver contentes com uma mesa frugal, e devem evitar o perigo do regalo e do fausto. Portanto, até

do 8º Mandamento, *"Não furtarás"*. Escreve: "Que os ministros da igreja ensinem fielmente a Palavra de Deus, não pervertendo a doutrina da salvação, mas mantendo a sua pureza. E que não somente instruam o povo com boa doutrina, mas também a exemplifiquem com a sua vida. Em resumo, que eles presidam como bons pastores sobre as suas ovelhas [1Tm 3; 2Tm 2 e 4; Tt 1; 1Pe 5]. Por sua vez, que o povo os receba como mensageiros e apóstolos de Deus, e lhes prestem a honra que o nosso Senhor lhes atribui; e supram-nos do necessário para o seu sustento [Mt 10; Rm 10 e 15; 1Co 9; Gl 6; 1Ts 5; 1Tm 5]".[512]

ANOTAÇÕES FINAIS:

Concluindo estas rápidas anotações sobre aspectos da Hermenêutica de Calvino, podemos destacar alguns dos pontos que orientavam a sua interpretação, ensino e aplicação das Escrituras.

1) PROPÓSITO DO AUTOR:

Considerando o aspecto divino-humano das Escrituras, compete ao intérprete entender o que o autor quis dizer e o seu propósito. Deste modo ele se limitava a expor o texto dentro de sua compreensão do propósito do autor evitando discussões teológicas que considerava não eram relevantes na exposição da passagem. Citemos dois exemplos: comentando Rm 8.28, escreve: "Agostinho ousa dizer que até mesmo os pecados dos santos, até onde eles sirvam aos propósitos da providência divina, se lhes afiguram como que colaboradores em sua salvação. Esta afirmação ainda que verdadeira, não se relaciona com a presente passagem, a qual está a tratar da cruz".[513] Notemos que Calvino concorda com a interpretação teológica de Agostinho, contudo, não está disposto a se desviar do propósito de Paulo no texto. Esse tipo de abordagem ele deixa para quando for comentar um texto que julgue tratar do assunto ou, simplesmente o faz na sua Teologia Sistemática, *As Institutas*. Outro exemplo ilustrativo temos em Jo 4.24, quando diz: "Esta passagem é freqüentemente citada pelos Pais contra os Arianos, para provar a Divindade do Espírito Santo, mas é impróprio puxar isto para tal propósito; porque Cristo simplesmente declara aqui que o seu Pai é de uma natureza espiritual, e, portanto, não é movido por assuntos frívolos, como os homens....".[514] No seus comentários não há lugar para excentricidade; o texto é simplesmente controlado pela compreensão do contexto.[515]

No Comentário de Romanos, em sua carta dedicatória, declara: "... que quase a única tarefa do intérprete é penetrar fundo a mente do escritor a quem deseja interpretar, o mesmo erra seu alvo, ou, no mínimo, ultrapassa seus limites, se leva seus leitores para além do significado original do autor".[516] Comentando o Salmo 8, após falar sobre três possibilidades de interpretação de determinada palavra hebraica, conclui: "O elemento primordial a ser apreendido é no que tange ao conteúdo do salmo e ao que ele visa".[517] Analisando o Sl 41.1, interpreta: "... o desígnio do Espírito

---

onde suas necessidades o requeiram, que os crentes considerem toda a sua propriedade como à disposição dos piedosos e santos mestres." [João Calvino, *Gálatas,* (Gl 6.6), p. 181].

[512] João Calvino, *As Institutas da Religião Cristã: edição especial com notas para estudo e pesquisa*, São Paulo: Cultura Cristã, 2006, Vol. 1, (III.68), p. 207.

[513] João Calvino, *Exposição de Romanos,* 2ª ed. (Rm 8.28), p. 303.

[514] John Calvin, *Calvin's Commentaries,* Grand Rapids, Michigan: Baker Book House Company, 1996 (Reprinted), Vol. XVII, (Jo 4.24), p. 264.

[515] Devo essas observações a T.H.L. Parker. (Ver: T.H.L. Parker, *Calvin´s New Testament Commentaries,* 2ª ed. Louisville, Kentucky: Wetminster/John Knox Press, 1993 p. 192-193).

[516] João Calvino, *Exposição de Romanos,* Dedicatória, p. 19.

[517] João Calvino, *O Livro dos Salmos,* Vol.1, (Sl 8), p. 156-157.

Santo, nesta passagem, não é só exortar os fiéis a se disporem a demonstrar bondade para com seus irmãos....".[518]

Calvino, por exemplo, observando a diferença de linguagem na Segunda Epístola de Pedro, conclui que o autor não poderia ser o mesmo da Primeira Epístola.[519]

---

[518]João Calvino, *O Livro dos Salmos,* Vol. 2, (Sl 41.1), p. 242.

[519]A Segunda Epístola de Pedro enfrentou as seguintes dificuldades para ser aceita como canônica.

1) O estilo e o vocabulário são diferentes da primeira epístola reconhecida como de Pedro **(1)** e, também, ela emprega uma série de palavras que não ocorre em nenhum outro lugar do Novo Testamento.**(2)**

2) A diferença doutrinária entre a primeira e a segunda epístola de Pedro.**(3)**

3) A suposta dependência literária que tem da Epístola de Judas (Ex: 2Pe 1.1-19/Jd 5-16; 2Pe 3.3./Jd 18). **(4)**

4) O seu aparente desconhecimento por parte das igrejas até o início do 3º século.

Quanto a este argumento, devemos mencionar que no Egito ela era amplamente conhecida, conforme atesta o P^{72} do III/IV século. Neste caso, o que pode ter ocorrido, foi uma pequena circulação geográfica e, também, a possibilidade de durante determinado tempo, existir apenas uma única cópia, conforme sugeriu A. Vansittart em 1871.**(5)**

Orígenes (c. 185-254), que citou 2 Pedro cerca de 6 vezes, foi o primeiro a mencioná-la pelo nome, reconhecendo contudo, que a sua autoria era "disputada": "E Pedro (...) deixou uma só carta por todos reconhecida. Talvez também uma segunda, pois esta é disputada." **(6)**

Jerônimo (347-420) aceitou-a com reservas, tentando explicar a diferença de estilo pelo suposto uso que Pedro fez de dois amanuenses: um para cada epístola.**(7)**

Eusébio (c. 260-c. 340) incluiu-a entre os livros disputados (Eusébio, *HE*., III.25.3). Alhures, comenta:

"De Pedro está admitida uma só carta, a chamada I de Pedro. Os mesmos presbíteros antigos a utilizaram como algo indiscutível em seus próprios escritos. Porém, da chamada II carta, a tradição nos diz que não é testamentária, ainda que, por parecer proveitosa a muitos, tem sido diligentemente lida junto com as outras Escrituras." (Eusébio, *HE*., III.3.1).**(8)**.

No quarto século, Dídimo escreveu um comentário sobre as "Epístolas Católicas". A respeito de 2 Pedro, concluiu da seguinte forma: "Não deve se esquecer que esta carta é falsa; pode ser lida em público, porém não é parte do cânon da Escritura".**(9)**

No entanto, Hilário de Poitiers (c. 316-367) fez uso de 2 Pe atribuindo-a ao apóstolo.**(10)** Atanásio (295-373) a inclui na sua lista canônica.**(11)** Gregório de Nazianzo (c. 330-389),**(12)** Cirilo de Jerusalém (c. 315-386),**(13)** Lúcifer de Cagliari († 370/371), leal amigo de Atanásio;**(14)**; Ambrósio (c. 337-373);**(15)** Jerônimo (347-420)**(16)** e Agostinho (354-430), também a consideraram autêntica,**(17)** sendo isto confirmado nos Concílios de Hipona (393) e de Cartago (397).

Na Síria, onde o Cânon reconhecido era bem limitado, foi onde 2 Pe encontrou maior resistência, não sendo incluída inclusive na tradução siríaca do NT, Peshitta (411);**(18)** contudo, na tradução conhecida como Filoxeniana (508), 2 Pedro foi incluída juntamente com os demais livros omitidos na Peshitta. A partir daí, a autenticidade de 2 Pedro só voltaria a ser questionada na Reforma, inclusive por Calvino (1509-1564).**(19)**

***

(1) Argumento usado primeiramente por Jerônimo (Vd. John Calvin, *Commentaries on The Second Epistle of Peter*, Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1981 (Reprinted), (Calvin's Commentaries, Vol. XXII), p. 363; R.H. Strachan, The Second Epistle General of Peter: In: W. Robertson Nicoll, ed. *The Expositor's Greek Testament*, Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1983 (Reprinted), Vol. V, p. 83, 106 (Doravante citado como *EGT*). "O grego de I Pedro é polido, culto, dignificado; é dos melhores do Novo Testamento. O grego de 2 Pedro é grandioso; é um pouco semelhante à arte barroca, quase rude no seu caráter pretensioso e em sua expansibilidade." (Michael Green, *II Pedro e Judas: Introdução e Comentário*, São Paulo: Vida Nova/Mundo Cristão, 1983, p. 15. Vejam-se uma discussão sobre isso em: Michael Green, *II Pedro e Judas: Introdução e Comentário*, p. 15ss.; R.H. Strachan, The Second Epistle General of Peter: In: *EGT.,* Vol. V, p. 106ss; B.D. Hale, *Introdução ao Estudo do Novo Testamento,* Rio de Janeiro: JUERP., 1983, p. 389-390; E.F. Harrison, *Introducción al Nuevo Testamento*, Grand Rapids, Michigan: Subcomision Literatura Cristiana de la Iglesia Cristiana Reformada, 1980, p. 414ss; D. Guthrie, *New Testament Introduction*, 3ª ed. (Revised), Downers Grove, Illinois: Inter-Varsity Press, (in one volume), 1970, p. 839-844.

(2) Veja-se a lista destas palavras: In: R.H. Strachan, The Second Epistle General of Peter: In: *EGT.,* Vol. V, p. 110.

(3) Este argumento apesar de estar alinhado como "impedimento" à sua canonicidade, referimo-nos mais à sua aceitação moderna, visto que este questionamento jamais foi levantado na antiguidade, mas sim nos tempos modernos. (Cf. Michael Green, *II Pedro e Judas: Introdução e Comentário*, p. 18).(Vd. também: B.D. Hale,

2) SENTIDO NATURAL, SIMPLES E REAL DO TEXTO: "BREVIDADE E CLAREZA":

A *"brevitas et facilitas"* ou "lúcida brevidade" constitui-se em uma marca característica de seus comentários (método que pode ter sido iniciado por Bullinger).[520] Seu propósito é entender o texto e expô-lo de forma simples e clara, sem prolixidade e divagações.[521] A brevidade ajuda no propósito de ser claro. Calvino entendia que "o genuíno significado da Escritura é único, natural e simples...";[522] daí a importância de se entender o sentido das palavras[523] e o contexto histórico[524] ou "circunstância" da passagem.[525]

3) REJEIÇÃO DA INTERPRETAÇÃO ALEGÓRICA:

Calvino considera a interpretação alegórica como o "mais danoso erro".[526] Através dela manipulamos o texto, dando-lhe de modo arbitrário a forma que imaginarmos. Por isso, "As alegorias não devem ultrapassar os limites da norma da Escritura que se lhes antepõe, tão longe está de que bastem de si mesmas para servirem de base a quaisquer doutrinas"[527] "Portanto, é

Introdução ao Estudo do Novo Testamento, p. 390-392).

(4) A questão da similitude lingüística entre 2 Pedro e Judas é evidente e, as propostas feitas (Judas dependeu de Pedro; Pedro dependeu de Judas, ambos dependeram de um documento comum), não me parecem oferecer base conclusiva (embora simpatize com a hipótese de Judas ter utilizado 2 Pd, Cf. Jd 3), todavia, nenhuma delas oferece qualquer problema concreto para a aceitação da autoria petrina da epístola.

(5) Cf. B.D. Hale, *Introdução ao Estudo do Novo Testamento,* p. 388; Michael Green, *II Pedro e Judas: Introdução e Comentário*, p. 13. Por outro lado, fazendo uma comparação com os escritos clássicos de Heródoto (c. 484-c. 420 aC) e Tucídides (c. 465-395 aC), B.B. Warfield (1851-1921) diz que Heródoto só foi citado uma vez no século em que escreveu a sua obra e apenas duas vezes no seguinte; Tucídides só viria a ser citado dois séculos depois de ter escrito o seu trabalho (B.B. Warfield, *Syllabus on the Special Introduction to the Catholic Epistles,* p. 116-117. *Apud* E.F. Harrison, *Introducción al Nuevo Testamento*, p. 412).

(6) Eusébio de Cesarea, *Historia Eclesiastica,* Madrid: La Editorial Catolica, (Biblioteca de Autores Cristianos, Vols. 349-350), 1973, VI.25.8.

(7) Jerônimo, *Letter Hedibia*, CXX.11: In: Philip Schaff & Henry Wace, eds. *Nicene and Post-Nicene Fathers of Christian Church,* Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, (reprinted). (Second Series), 1978, Vol. VI, p. 224.

(8) Ela mesma não considerava autêntica a 2 Epístola (Vd. Eusébio, *HE*., III.3.4).

(9) *Apud* E.F. Harrison, *Introducción al Nuevo Testamento*, p. 411.

(10) Hilário de Poitiers, *On the Trinity*, I.18. In: *NPNF2*, IX, p. 45.

(11) Atanásio, *Letters*, 39.5. In: NPNF2, IV, p. 552.

(12) J.B. Mayor, *The General Epistle of Jude.* In: *EGT*., Vol. V, p. 232.

(13) Cirilo de Jerusalém, *Catechetical Lectures*, IV.35-36. In: NPNF2., VII, p. 27-28.

(14) W.G. Kümmel, *Introdução ao Novo Testamento*, São Paulo: Paulinas, 1982, p. 660.

(15) W.G. Kümmel, *Introdução ao Novo Testamento*, p. 570.

(16) Jerônimo, *Ep. ad Paulinium*, 53.9. Cf. W.G. Kümmel, *Introdução ao Novo Testamento*, p. 660; Henry Alford, *Alford's Greek Testament,* Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1980, (Reprinted), Vol. IV, p. 208.

(17) Agostinho, *A Doutrina Cristã,* São Paulo: Paulinas, 1991, II.8.13. p. 104.

(18) A *Peshitta* continha todo o NT, a exceção de 2 Pe, 2 e 3 João, Judas e Apocalipse.

(19) Calvino acreditava que a epístola poderia ter sido escrita por um discípulo de Pedro. [John Calvin, *Commentaries on The Second Epistle of Peter*, (*Calvin's Commentaries,* Vol. XXII) Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1981 (Reprinted), p. 363-364].

[520] Ver: Richard C. Gamble, *Current Trends in Calvin Research, 1982-1990*: In: Wilhelm H. Neuser, ed. *Calvinus Sacrae Scripturae Professor: Calvin as Confessor of Holy Scripture*, Grand Rapids, MI.: Eerdmans, 1994, p. 94.

[521] Ver: João Calvino, *Romanos,* p. 19-20.

[522] João Calvino, *Gálatas,* (Gl 4.22), p. 140. Vejam-se, conforme já citado: João Calvino, *As Pastorais,* (2Tm 3.15), p. 261-262; João Calvino, *As Institutas,* IV.17.22.

[523] Cf. João Calvino, *O Livro dos Salmos,* Vol. 1. (Sl 18.5,8), p. 363-364, 368-369.

[524] ".... pois o verdadeiro sentido da Escritura depende muitas vezes do contexto" (Juan Calvino, *Institución,* IV.16.23).

[525] Cf. João Calvino, *As Institutas,* III.17.14.

[526] Vd. J. Calvino, *Exposição de 2 Coríntios,* (2Co 3.6), p. 65-69.

[527] João Calvino, *As Institutas,* II.5.19.

pretensão, e quase uma blasfêmia, alterar o significado da Escritura, manipulando-a sem o devido critério, como se ela fosse um gênero de jogo com o qual pudéssemos nos divertir. No entanto, é precisamente isso o que muitos estudiosos têm feito o tempo todo".[528]

4) SENTIDO LITERAL, MAS NÃO LITERALISMO:

Calvino buscava a compreensão literal do texto; contudo, isso não significa prender-se exageradamente às palavras perdendo o seu significado. Sem cair na alegoria, procurava identificar o sentido por trás das palavras, a verdadeira mensagem.[529] Kraus[530] nos chama a atenção para alguns exemplos. Calvino analisando a forma correta de interpretar os Mandamentos divinos, depois de falar de alguns que torcem o sentido das Escrituras, acrescenta: "Impõe-se indagar, digo-o até onde a interpretação deva ir além dos limites dos termos, de sorte que se ponha à mostra que não é um apêndice aposto de glosas humanas à Lei divina, mas o puro e genuíno sentido do Legislador fielmente exposto".[531] Portanto, "é óbvio que a sóbria interpretação da Lei vai além das palavras. (...) Logo, julgo que esta haverá de ser a melhor norma: se à razão do mandamento se atente, isto é, que se pondere em relação a cada mandamento por que nos haja ele sido dado".[532] "Destarte, deve-se examinar em cada mandamento de que assunto se trata; em seguida, deve buscar-se o propósito, até que descubramos quê, propriamente, o Legislador certifique aí agradar-lhe ou desagradar-lhe".[533]

Este princípio aplica-se, em especial, aos textos que usam de linguagem metafórica. Ele entende que os símbolos são "imagens de cousas ausentes".[534] Por exemplo: Calvino entendia que os sacramentos são sinais visíveis que representam uma realidade espiritual, sendo-nos concedidos para ajudar a nossa fé – como pedagogos[535] –, em sua limitação,[536] propiciando um recurso material para exemplificar uma realidade mais ampla e profunda, selando uma promessa que sempre lhes precede;[537] sendo como que colunas de nossa fé apoiadas sobre a Palavra que é o fundamento;[538] portanto, eles nada acrescentam à Palavra,[539] mas nos conduzem sempre de volta à

---

[528] J. Calvino, *Exposição de Romanos,* p. 23-24.
[529] Ver: João Calvino, *O Livro dos Salmos,* Vol. 1, (Sl 18.5), p. 364; (Sl 18.7), p. 366-368
[530] Hans-Joachim Kraus, Calvin's Exegetical Principles: In: *Interpretation* 31 (1977), Virginia, p. 16.
[531] João Calvino, *As Institutas,* II.8.8.
[532] João Calvino, *As Institutas,* II.8.8.
[533] João Calvino, *As Institutas,* II.8.8.
[534] João Calvino, *As Institutas,* IV.17.21.
[535] "Ao especificar particularmente a *bondade do santuário*, o salmista faz uma menção implícita dos auxílios externos que Deus tem designado para levar-nos ao desfruto das bênçãos celestiais. Nos tempos mais antigos, Deus estendia diretamente do céu sua mão para suprir as necessidades de Seus adoradores, mas achou conveniente satisfazer suas almas por meio da doutrina da lei, dos sacrifícios e de outros ritos e auxílios externos à piedade. Semelhantes são os meios que Ele ainda emprega na Igreja; e ainda que não devamos descansar neles, tampouco devemos negligenciá-los." [João Calvino, *O Livro dos Salmos,* Vol. 2, (Sl 65.4), p. 613].
[536] Vd. J. Calvino, *As Institutas,* IV.14.1,3,6,8,9,12. "A Ceia, pois, é um *memorial* providenciado com o fim de assistir-nos em nossas fraquezas; porque, se de outra forma estivéssemos suficientemente imbuídos da morte de Cristo, este auxílio seria de todo supérfluo. Isto se aplica a todos os sacramentos, porquanto eles nos ajudam em nossas fraquezas." [João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* São Paulo: Paracletos, 1996, (1Co 11.24), p. 357]. "Nossa fé é tão pequena e fraca que, se não sustentada por todos os lados e por todos os meios disponiveis, imediatamente treme por todos os lados, agitada e vacilante." (João Calvino, *Instrução na Fé,* Cap. 26, p. 73).
[537] J. Calvino, As Institutas, IV.14.3.
[538] J. Calvino, *As Institutas,* IV.14.6. "Podemos usar ainda outras figuras para designar os sacramentos e, por elas, tornar a sua significação mais completa e mais clara. Por exemplo, podemos chamá-los colunas da nossa fé. Porquanto, assim como um edifício se fixa e se sustém sobre o seu fundamento, e, contudo, quando se acrescentam a ele colunas que lhe dêem suporte, ele se torna mais seguro e mais firme, assim também a fé descansa e se sustém sobre a Palavra de Deus como sobre seu fundamento; mas, quando lhe são acrescentados os sacramentos, estes lhe servem como colunas, sobre as quais se apóia com mais firmeza e mais se fortalece." [João Calvino, *As Institutas,* (1541), III.10].
[539] J. Calvino, *As Institutas,* IV.14.5.

Palavra, atestando a sua fidedignidade.[540] Deste modo, os sacramentos compreendidos corretamente como sinais, podem, no entanto, nos sugerir dois caminhos, os quais devemos evitar por serem equivocados: nos deter nos sinais, exaltando desproporcionalmente o seu valor, ou desvalorizá-los excessivamente.[541] Entende que na Ceia "nos são oferecidos todos os dulçores do Evangelho".[542] Deste modo, "os crentes, quando têm diante de seus olhos os sacramentos, não se detém no que vê, senão que por uma piedosa consideração se eleva a contemplar os sublimes mistérios encerrados nos sacramentos, segundo a conveniência da figura sensível com a realidade espiritual."[543] "Pelo que, fixo permaneça que não são outras as funções dos sacramentos que da Palavra de Deus, as quais são oferecer-nos e apresentar-nos Cristo, e nEle os tesouros da graça celeste".[544]

Este método harmoniza-se com o princípio da acomodação, já tratado neste texto, visto que Calvino entendia que Deus, na Sua Palavra, "se acomodava à nossa capacidade",[545] balbuciando a Sua Palavra a nós como as amas fazem com as crianças. Ou seja: Deus adapta-se à linguagem humana visando ser compreendido.[546] Portanto, devemos buscar compreender o sentido da mensagem bíblica que, por graça, foi-nos concedida.

5) A BIBLIA COMO INTÉRPRETE DE SI MESMA:

A Escritura é a melhor intérprete de si mesma.[547] Como "norma da fé" a Escritura é o crivo através do qual toda doutrina ou mesmo profecia deve ser analisada.[548] Da própria Escritura procedem os princípios de interpretação e os termos empregados: "Das Escrituras deve buscar-se a regra precisa tanto do pensar quanto do falar, pela qual se pautem não apenas os pensamentos todos da mente, como também as palavras da boca".[549] Na junção e comparação dos textos bíblicos podemos entender melhor as passagens que nos parecem mais difíceis.[550]

6) GRAÇA COMUM – TODA VERDADE É DE DEUS:

Considerando que ".... toda verdade procede de Deus, se algum ímpio disser algo verdadeiro, não devemos rejeitá-lo, porquanto o mesmo procede de Deus. Além disso, visto que todas as coisas procedem de Deus, que mal haveria em empregar, para sua glória, tudo quanto pode ser corretamente usado dessa forma?",[551] valeu-se dos recursos disponíveis para melhor

---

[540] J. Calvino, *As Institutas,* IV.14.6.

[541] "Há tão grande inclinação no coração dos homens para cair na superstição que, num instante, abandonando a verdade, eles se distraem totalmente com o sinal, a não ser que sejam repelidos alto e bom som. Pelo que se vê quanto cuidado devemos ter com dois erros. Um é que, extraindo coisas demais dos sinais, separemo-los dos mistérios aos quais de alguma forma estão unidos, e, em conseqüência, se rebaixa a sua eficácia. O outro é que, engrandecendo-os exageradamente, obscureçamos o seu poder interior" [João Calvino, *As Institutas,* (1541), IV.12]. Ver: J. Calvino, *As Institutas,* IV.17.5; IV.16.2.

[542] João Calvino, *As Institutas,* (1541), IV.12.

[543] Juan Calvino, *Institución,* IV.14.5. Para maiores detalles, veja-se: Hermisten M.P. Costa, *A Ceia do Senhor – A Compreensão de Calvino –,* São Paulo, 2004, 49p.

[544] J. Calvino, *As Institutas,* IV.14.17.

[545] J. Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 2.7), p. 82.

[546] Ver: Alister E. McGrath, *A Vida de João Calvino,* p. 154ss.

[547] Vd. João Calvino, *Exposição de Romanos,* (Rm 12.6), p. 430-432; *As Institutas,* IV.17.32.

[548] João Calvino, *Exposição de Romanos,* (Rm 12.6), p. 432.

[549] João Calvino, *As Institutas,* I.13.3.

[550] Cf. João Calvino, *As Institutas,* I.16.23.

[551] João Calvino, *As Pastorais,* (Tt 1.12), p. 318.

interpretar,[552] escrever, ensinar e pregar a Palavra. Acrescenta: ".... Se o Senhor nos quis deste modo ajudados pela obra e ministério dos ímpios na física, na dialética, na matemática e nas demais áreas do saber, façamos uso destas, para que não soframos o justo castigo de nossa displicência, se negligenciarmos as dádivas de Deus nelas graciosamente oferecidas".[553] Se toda verdade procede de Deus, ".... onde quer que ela haja de aparecer, nem a rejeitaremos, nem a desprezaremos, a menos que queiramos ser insultuosos para com o Espírito de Deus".[554]

Para Calvino, a pergunta condenatória de Tertuliano (c.160-c.220 AD) à Filosofia não fazia sentido,[555] o cristianismo é uma cosmovisão que parte das Escrituras para o exame de todas as facetas da realidade. "Para Calvino, nenhum tipo de ensino que levasse os homens a deixarem de se preocupar com qualquer coisa que afetasse de maneira profunda a vida humana, até mesmo em suas preocupações puramente humanas, poderia de forma alguma ser cristão".[556]

Entendia que as ciências e humanidades deveriam ser usadas para a glória de Deus. Portanto devemos nos valer dos meios disponíveis, por exemplo, para proclamar o Evangelho: "... a eloqüência não se acha de forma alguma conflitante com a simplicidade do Evangelho quando, livre do desprezo dos homens, não só lhe dá o lugar de honra e se põe em sujeição a ele, mas também o serve como uma empregada à sua patroa".[557] Por isso, "a erudição unida à piedade e aos demais dotes do bom pastor, são como uma preparação para o ministério. Pois, aqueles que o Senhor escolhe para o ministério, equipa-os antes com essas armas que são requeridas para desempenhá-lo, de sorte que lhe não venham vazios e despreparados".[558]

7) USO DE OUTROS COMENTARISTAS:

Conforme vimos, Calvino possuía um amplo e em geral preciso conhecimento dos clássicos de teologia e da exegese bíblica, os quais cita com abundância. Outro aspecto, é o domínio de algumas das principais obras dos teólogos protestantes de sua época, tais como: Melanchton, Bucer e Bullinger. Contudo, o mais fascinante, é o fato de que ele, mesmo se valendo dos clássicos – o que aliás, nunca escondeu –, conseguiu seguir um caminho por vezes diferente, buscando na própria Escritura o sentido específico do texto. Daí, não escassamente reconhecer como não destituída de

[552]Vejam-se: João Calvino, *As Institutas,* I.5.2; II.2.12-17.
[553]J. Calvino, *As Institutas,* II.2.16
[554]João Calvino, *As Institutas,* II.2.15.
[555]"Esta é a sabedoria profana que temerariamente pretende sondar a natureza e os decretos de Deus. E as próprias heresias vão pedir seus petrechos à filosofia....

"Que tem a ver Atenas com Jerusalém? Ou a Academia com a Igreja? A nossa doutrina vem do pórtico de Salomão, que nos ensina a buscar o Senhor na simplicidade do coração. Que inventem, pois, se o quiserem, um cristianismo de tipo estóico, platônico e dialético! Quanto a nós, não temos necessidade de indagações depois da vinda de Cristo Jesus, nem de pesquisas depois do Evangelho. Nós possuímos a fé e nada mais desejamos crer. Pois começamos por crer que para além da fé nada existe que devamos crer." (Tertuliano, *Da Prescrição dos Hereges,* VII: In: Alexander Roberts & James Donaldson, eds. *Ante-Nicene Fathers,* 2ª ed. Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, 1995, Vol. III, p. 246).
[556]Ronald S. Wallace, *Calvino, Genebra e a Reforma,* p. 90-91.
[557]João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 1.17), p. 55.
[558]João Calvino, *As Institutas,* IV.3.11.

fundamento uma posição diferente da sua,[559] seguir a interpretação tradicional[560] ou de outros intérpretes.[561]

8) A NECESSIDADE DA ILUMINAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO:

Ainda que usemos de todos os recursos disponíveis acumulados pelas mais diversas áreas do saber, a Palavra de Deus permanecerá como algo misterioso para os que não crêem ou que desejam entendê-la por sua própria sabedoria pois, os "tesouros da sabedoria celestial", acham-se fora "do alcance da cultura humana".[562] Todos somos incapazes de entender os "mistérios de Deus" até que Ele mesmo por Sua graça nos ilumine.[563] "A Palavra de Deus é uma espécie de sabedoria oculta, a cuja profundidade a frágil mente humana não pode alcançar. Assim, a luz brilha nas trevas, até que o Espírito abra os olhos ao cego".[564] "De nenhum efeito é a Palavra sem a iluminação do Espírito Santo".[565] "Enquanto o Senhor não os abrir, os olhos de nosso coração são cegos".[566]

9) EDIFICAÇÃO DA IGREJA: APLICAÇÃO PRÁTICA

"O propósito divino não é satisfazer nossa curiosidade, e, sim, ministrar-nos instrução proveitosa. Longe com todas as especulações que não produzem nenhuma edificação".[567] O "proveitoso", tem a ver com o objetivo de Deus para o Seu povo: que tenha uma vida piedosa e santa; seja maduro (perfeito).[568] Desse modo, em nossa interpretação, devemos nos limitar ao revelado: "... Que esta seja a nossa regra sacra: não procurar saber nada mais senão o que a Escritura nos ensina. Onde o Senhor fecha seus próprios lábios, que nós igualmente impeçamos nossas mentes de avançar sequer um passo a mais."[569] A Palavra foi-nos concedida para que pratiquemos os mandamentos de Deus; as especulações para nada servem. Como vimos: ".... a instrução moral é muito mais importante do que as especulações ingênuas, as quais são de nenhum uso óbvio ou prático, à luz do texto: 'Toda Escritura é inspirada por Deus é útil.... a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra' [2Tm 3.16-17]".[570]

Calvino tinha como meta edificar a Igreja apresentando o sentido real do texto com clareza e simplicidade, tendo em vista a edificação da Igreja de Cristo. "É mister que lembremos de que todas as doutrinas devem ser comprovadas mediante esta regra: aquelas que contribuem para a edificação devem ser aprovadas, mas aquelas que ocasionam motivos para controvérsias infrutíferas devem ser rejeitadas como indignas da Igreja de Deus".[571] Conclui o seu comentário de 1 Timóteo

---

[559] J. Calvino, *Exposição de Romanos,* (Rm 5.15), p. 192; (Rm 16.21), p. 523-524; João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 12.28), p. 390-391; *O Livro dos Salmos*, Vol. 1, (Sl 4), p. 89.
[560] Cf. João Calvino, *O Livro dos Salmos,* Vol. 1, (Sl 14.1), p. 272; (Sl 15.4), p. 295; (Sl 56.1), p. 494.
[561] Cf. João Calvino, *Exposição de Romanos,* (Rm 12.6), p. 431; João Calvino, *O Livro dos Salmos,* Vol. 1, (Sl 25.1), p. 538; (Sl 30.4), p. 628-629; Vol. 2, (Sl 42.5), p. 264; (Sl 51.5), p. 430; (Sl 68.1), p. 641; (Sl 68.9-10), p. 648; *As Pastorais,* (2Tm 2.14), p. 233.
[562] J. Calvino, *Exposição de Romanos,* (Rm 16.21), p. 522.
[563] Cf. João Calvino, *As Institutas,* II.2.21.
[564] João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 2.11), p. 89.
[565] João Calvino, *As Institutas,* III.2.33.
[566] João Calvino, *Efésios,* (Ef 1.16), p. 41]. "O conhecimento dos santos nunca é suficientemente puro, senão que alguns problemas turvam seus olhos, e a obscuridade os impede a que vejam com clareza." [João Calvino, *Efésios,* (Ef 1.16), p. 40].
[567] J. Calvino, *As Pastorais,* (2Tm 2.14), p. 233.
[568] J. Calvino, *As Pastorais,* (2Tm 3.16-17), p. 264.
[569] J. Calvino, *Exposição de Romanos,* (Rm 9.14), p. 330.
[570] João Calvino, *As Pastorais,* (1Tm 5.7), p. 136.
[571] João Calvino, *As Pastorais,* (1Tm 1.4), p. 30.

com essas palavras: “Caso não queiramos ser terrificados pela idéia de apostasia da fé, então que nos apeguemos à Palavra de Deus em sua integridade e detestemos a sofística e com ela todas as sutilezas que são odiosas corrupções da piedade”.[572]

[572] João Calvino, *As Pastorais,* (1Tm 6.21), p. 187. Ver também: João Calvino, *As Institutas,* I.14.4; *As Pastorais,* (2Tm 3.16), p. 263